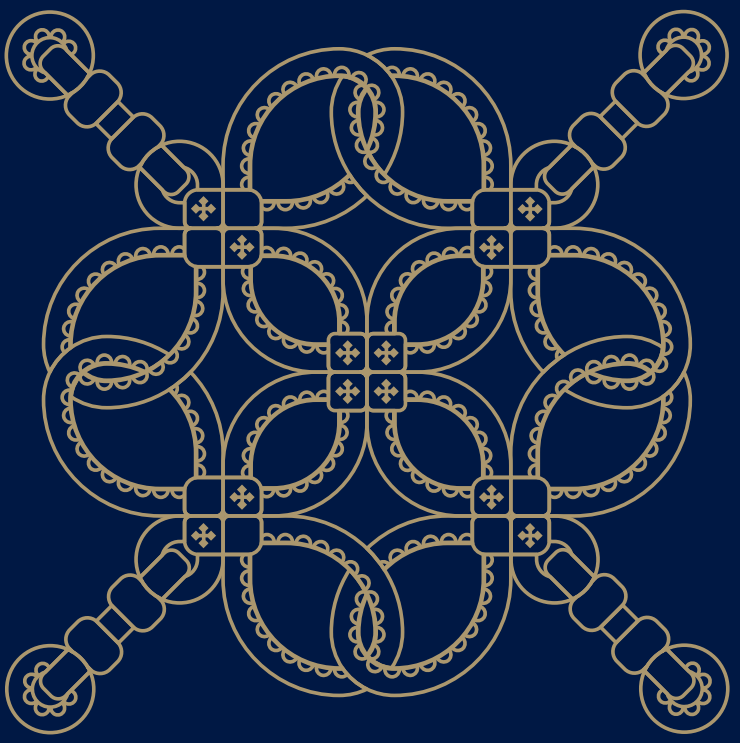
COLEÇÃO DE PARTITURAS DO PATRIMÓNIO LÍRICO PORTUGUÊS
Série D – Vol. I

AUGUSTO MACHADO

MARIA DA FONTE
OPERETA EM 3 ATOS

(CANTO E PIANO)



Edição crítica
João Paulo Santos

IMPRENSA NACIONAL

COLEÇÃO PARTITURAS DO PATRIMÓNIO LÍRICO PORTUGUÊS

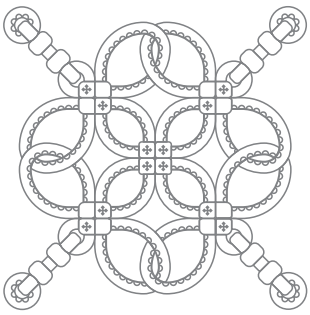
Série D – Vol. I

AUGUSTO MACHADO

MARIA DA FONTE

OPERETA EM 3 ATOS

(CANTO E PIANO)



Edição crítica

João Paulo Santos

opart
ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

IMPRENSA NACIONAL

L/OP
LABORATÓRIO DE ÓPERA PORTUGUESA

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Volumes publicados na

COLEÇÃO DE PARTITURAS DO PATRIMÓNIO LÍRICO PORTUGUÊS

***

Série A

CANÇÕES

Vol. Ia – José Vianna da Motta – Canções sobre textos em alemão (voz aguda)

Vol. Ib – José Vianna da Motta – Canções sobre textos em alemão (voz grave)

Vol. IIa – José Vianna da Motta – Canções sobre textos em português, italiano e latim (voz aguda)

Vol. IIb – José Vianna da Motta – Canções sobre textos em português, italiano e latim (voz grave)

Série B

CANTATAS

Vol. I – João Domingos Bomtempo – *A Paz da Europa* op. 17

Série C

ÁRIAS E CONJUNTOS DE ÓPERA E OPERETA

Vol. I – Compositores Portugueses I (Séc. XVIII)

Série D

OBRAS CÉNICAS EM REDUÇÃO PARA CANTO E PIANO

Vol. I – Augusto Machado – *Maria da Fonte*

***

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A publicação de partituras pela Imprensa Nacional é essencial para preservar e divulgar o património musical português. Muitas obras históricas existem apenas em manuscritos raros ou pouco acessíveis; ao serem editadas com rigor, ficam protegidas e disponíveis para músicos, investigadores e instituições culturais. Neste âmbito, destaca-se a Coleção de Partituras do Património Lírico Português, que tem permitido resgatar e tornar acessíveis títulos fundamentais da nossa produção musical. Inicialmente desenvolvida em parceria com o OPART – Organismo de Produção Artística, E. P. E., conta neste volume com a contribuição da APARM – Academia Portuguesa de Artes Musicais no âmbito do seu Laboratório de Ópera Portuguesa (LOP).

A disponibilização destas edições também em formato digital gratuito e de acesso livre amplia significativamente o seu impacto: facilita o trabalho de intérpretes e académicos, garante um acesso equitativo independentemente da localização geográfica ou de recursos financeiros, e potencia a circulação internacional da música portuguesa.

Este trabalho editorial reforça a presença da criação nacional em palcos, escolas e centros de estudo, assegurando interpretações fiéis às fontes originais. Integrado na missão da Imprensa Nacional de salvaguardar e difundir a arte e a cultura portuguesas em todas as suas expressões, este esforço projeta a riqueza do património musical do País para novas gerações e para o mundo.

Duarte Azinheira
Diretor da Unidade de Edição e Cultura
Imprensa Nacional

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

No âmbito da parceria editorial que une o OPART – Organismo de Produção Artística, E. P. E., e a Imprensa Nacional, foi decidido integrar na Coleção de Partituras do Património Lírico Português, que temos vindo a enriquecer ao longo dos anos, a publicação que agora se apresenta evocando Maria da Fonte e que recupera mais um título do património lírico, integrado num projeto ambicioso pensado e levado a cabo pela APARM – Academia Portuguesa de Artes Musicais, no âmbito do seu Laboratório de Ópera Portuguesa (LOP).

Associámo-nos aquando da apresentação da opereta *Maria da Fonte*, no Centro Cultural de Belém e na sua digressão a Fafe, através do Teatro Nacional de São Carlos e não podíamos deixar de apoiar esta tão importante componente do projeto, que contribui para o enriquecimento do património musical português e permitirá a salvaguarda das partes originais e a divulgação junto de intérpretes e estudiosos. A recuperação e edição de património lírico português faz parte da missão do OPART, através do Teatro Nacional de São Carlos, e que em boa hora se iniciou sob a coordenação científica do maestro João Paulo Santos, a quem muito agradecemos a coleção de títulos já publicados e que muito honra o serviço público que prestamos.

A todos os que tornaram possível esta recuperação e revelação patrimonial não podemos deixar de agradecer pelo enriquecimento que esta obra musical do compositor Augusto Machado traz à Coleção de Partituras do Património Lírico Português do Teatro Nacional de São Carlos.

Conceição Amaral
Presidente do Conselho de Administração
OPART – E. P. E.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Em 2022 nasceu, em Lisboa, um projeto verdadeiramente pioneiro no plano nacional. Fruto de um sonho antigo, a APARM – Academia Portuguesa de Artes Musicais criou o Laboratório de Ópera Portuguesa (LOP), com o objetivo primeiro de recuperar património dramático musical feito por portugueses ou residentes em Portugal no decurso da história. Em causa esteve, e está, a necessidade que sentimos de colocar verdadeiramente à disposição de todos pedaços da nossa história que, por diversas razões, se foram perdendo na galeria do tempo, mergulhados no pó e presos aos grilhões das teias de aranha de tantos acervos e arquivos. Nesta senda, destaca-se a preocupação em promover a aproximação do trabalho musicológico à sociedade.

No entanto, para que a recuperação destas parcelas da nossa identidade cultural possa cumprir plenamente os seus objetivos, temos a convicção da essencialidade de criar âncoras de coesão territorial, inclusão e edição, que, de resto, também pesaram na escolha da opereta Maria da Fonte, de Augusto Machado. Para além da sua qualidade musical, atraiu-nos o facto de não se saber do paradeiro do libreto original. Conhecendo-se apenas o texto incluso nas partes musicais, abriram-se as portas à encomenda de um novo libreto que, respeitando o conteúdo decorrente dos números musicais do manuscrito depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, nos aproximasse do humor de hoje. Sob a pena inspirada de Ricardo Neves-Neves a obra nasceu.

A evocação da Maria da Fonte, única revolta no feminino da nossa história, revolta das gentes do norte, permitiu-nos estabelecer a coesão territorial. Durante um ano, o LOP trilhou um caminho conjunto com os municípios da Póvoa de Lanhoso (onde se iniciou a revolta) e de Fafe, tendo sido possível trabalhar com os seus jovens, não apenas a revolta de 1846, como temáticas prementes como o princípio da igualdade e as questões de género. Foram também estas as temáticas trabalhadas em Lisboa com jovens da Casa Pia e do Agrupamento de Escolas do Monte da Caparica, no âmbito da âncora pedagógica e de inclusão, inclusão que não ignorou os mais velhos, numa parceria estabelecida com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. E como a inclusão pressupõe acessibilidade, a estreia moderna da opereta constituiu a primeira vez que, no Centro Cultural de Belém, um espetáculo operático contou com audiodescrição e tradução em língua gestual portuguesa.

Após inaugurarmos, no Coliseu do Porto, o FIATO – Festival Internacional de Artes e Ópera do Porto e de sermos a primeira produção operática de média dimensão a apresentar-se em Fafe, chega agora o momento da edição.

Tratando-se de património lírico português, foi entendido que faria sentido inseri-lo na Coleção de Partituras do Património Lírico Português do Teatro Nacional de São Carlos. Trata-se de uma empreitada apenas possível graças ao envolvimento empenhado do OPART – Organismo de Produção Artística, E. P. E. (também

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

coprodutor da opereta) e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, a quem estamos profundamente agradecidos. Graças ao labor rigoroso e experiente de João Paulo Santos, fica disponível, a partir de agora, em formato de papel e online, a redução para canto e piano desta encantadora opereta de Augusto Machado.

Cumpre-me agradecer, para além das entidades já mencionadas, ao parceiro estratégico Égide, assim como aos coprodutores e parceiros Teatro do Eléctrico, CESEM – Centro de Estudos em Música da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, Museu Nacional do Teatro e da Dança, Museu Nacional do Traje e Antena 2.

Jenny Silvestre
Presidente da APARM e Diretora
do Laboratório de Ópera Portuguesa

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Este é o primeiro volume da série D (obras cénicas em redução de canto e piano), prevista no plano de edição da Coleção de Partituras do Património Lírico Português. Gostaria de salientar que se trata de um importantíssimo passo na história da edição musical em Portugal. Espero que em breve esteja acessível a todos os músicos interessados no assunto o material necessário para dar a conhecer e consequentemente executar as composições destinadas a cena de autores portugueses ou residentes em Portugal. Nunca é de mais salientar que só existindo este trabalho de edição se poderá dar a apresentar em concertos e espetáculos todo este repertório, até agora tão pouco difundido e reduzido a uns poucos títulos. Só assim poderemos verdadeiramente ter uma ideia historicamente válida do que foi o espetáculo ópera no nosso país ao longo dos últimos 300 anos. Como de costume nesta coleção, as partituras de orquestra e respetivas partes estão disponíveis através do Teatro Nacional de São Carlos.

Aproveito para agradecer, para além de todos que tornaram possível a estreia moderna desta opereta, o auxílio quotidiano do Arquivo Musical do Teatro Nacional de São Carlos (Dr.ª Paula Coelho da Silva e Tiago Flores), a todo o Departamento de Música da Biblioteca Nacional, onde a obra Augusto Machado se encontra em depósito, e, por último, a Constança Machado, bisneta do compositor, sempre imensamente disponível e participativa na consulta e divulgação da obra de seu avô.

João Paulo Santos

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ÍNDICE

MARIA DA FONTE 15

Personagens 16

Orgânico orquestral 17

Partitura 19

N.º 1 PRELÚDIO 20

ATO I

N.º 2 CORO (Coro) 26
Vamos lá prá roma

N.º 3 DUETO JOANA E LUDOVINO (Joana; Ludovino) 33
É que, por variadíssimos motivos

N.º 4 CANTIGA JOANA (Joana) 42
Ai minha mãe que me morro

N.º 5 COPLAS DO BREVIÁRIO (Cortições; Perpétua; Aniceto) 45
Qui tollis peccata mundi

N.º 6 CENA E COPLAS MARIA (Maria) 50
Quando eu saí de casa o sol

N.º 7 CANTIGA MARIA (Maria) 59
Tinha três filhas o abade

N.º 8 FINAL I (Joana; Maria; Perpétua; Onofre; Vilar; Aniceto) 63
Ai se eu pudesse levantar o povo

ATO II

N.º 9 ENTREATO I 81

N.º 10 COPLAS ONOFRE (Onofre) 83
A Domingas tem encantos

N.º 11 CORO (Coro) 88
Que Deus vos dê muitos bons dias

N.º 12 TERCETO CÓMICO (Cortições; Vilar; Aniceto) 94
Por nós temos toda a gente!

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 13 VALSA (Joana) 107
Ai por causa de um beijo

N.º 14 CANÇÃO LUDOVINO (Ludovino) 112
Que de incertezas passa na vida

N.º 15 CANÇÃO MARIA E LUDOVINO (Maria; Ludovino) 118
A vida é o gozo, o prazer

N.º 16 QUINTETO (Perpétua; Ludovino; Cortições; Vilar; Aniceto) 123
Eu não lhe digo que não.

N.º 17 FINAL II (Maria; Coro) 145
Nós já vamos ver se são capazes

ATO III

N.º 18 ENTREATO II 158

N.º 19 ROMARIA (Coro) 159
Viva, viva a romaria

N.º 19a SOLO DE ÓRGÃO 181

N.º 20 COPLAS CORTIÇÕES (Cortições) 181
E agora quem me fará cónego?

N.º 21 COPLAS MARIA (Maria; Coro) 187
Ao ver o povo em miséria

N.º 22 TERCETO (Joana; Maria; Ludovino) 192
Tens tu visto ao pé as uvas

N.º 23 DUETO E COPLAS MARIA E VILAR (Maria; Vilar) 202
Pode contar que já me abraça

N.º 24 FINAL III (Maria; Ludovino; Coro) 213
Bom Jesus

Augusto Machado e o panorama da opereta na Lisboa da «Geração de 70» **231**
Luisa Cymbron

FOTOGRAFIAS DA APRESENTAÇÃO DE 2023 **235**

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LIBRETO 243

Libreto original 244

Libreto da apresentação de 2023 257

NOTAS DE EDIÇÃO i
João Paulo Santos

Elenco de estreia ii

Elenco de 2023 ii

Fontes iii

Problemas de transcrição iii

O texto cantado iv

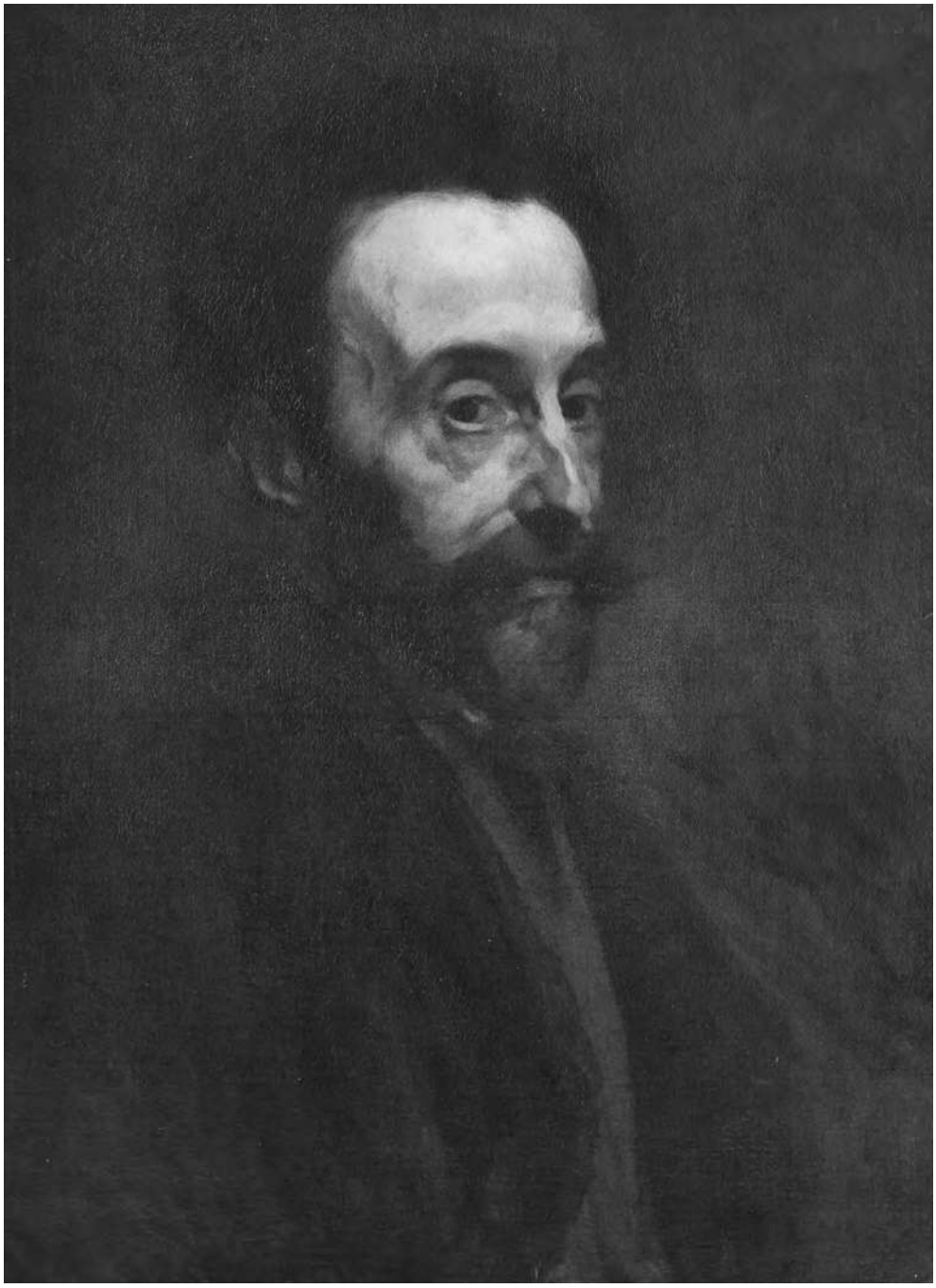
A sequência dos números musicais iv

A versão de 2023 viii

Deixas de cena xiii

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), *Retrato de Augusto Machado*, 1905
Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

AUGUSTO MACHADO

MARIA DA FONTE
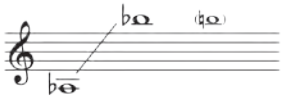
Opereta em 3 Atos
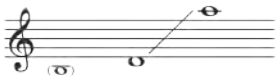
Libreto de
Gervásio Lobato, Eça Leal
e Jaime Batalha Reis
Estreada no Teatro da Trindade
6 de maio de 1879
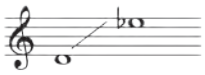
IMPRENSA NACIONAL
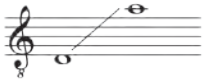
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
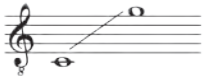
PERSONAGENS
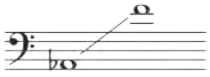
MARIA DA FONTE 
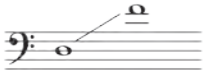
JOANA 
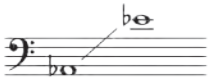
PERPÉTUA 
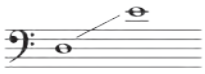
LUDOVINO 

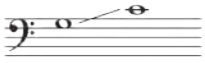
ONOFRE 

ABADE CORTIÇÕES 

VILAR 

ANICETO 

UM ALEIJADO (solo) 

OUTRO ALEIJADO (solo) 

Coro (Povo; Vendilhões; Seminaristas; Raparigas; Aleijados)

Nota. – Os papéis graves encontram-se no original notados indiferentemente em clave de sol e de fá, tal como era costume na época sobretudo para este tipo de espetáculos.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ORGÂNICO ORQUESTRAL

2 flautas (2.ª também flautim)
Oboé
2 clarinetes
Fagote

2 trompas
2 trompetes
Trombone

Timbales
Percussão (triângulo; caixa; pratos; bombo, sinos)

Cordas

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PARTITURA

EDIÇÃO E REDUÇÃO PARA CANTO E PIANO

João Paulo Santos
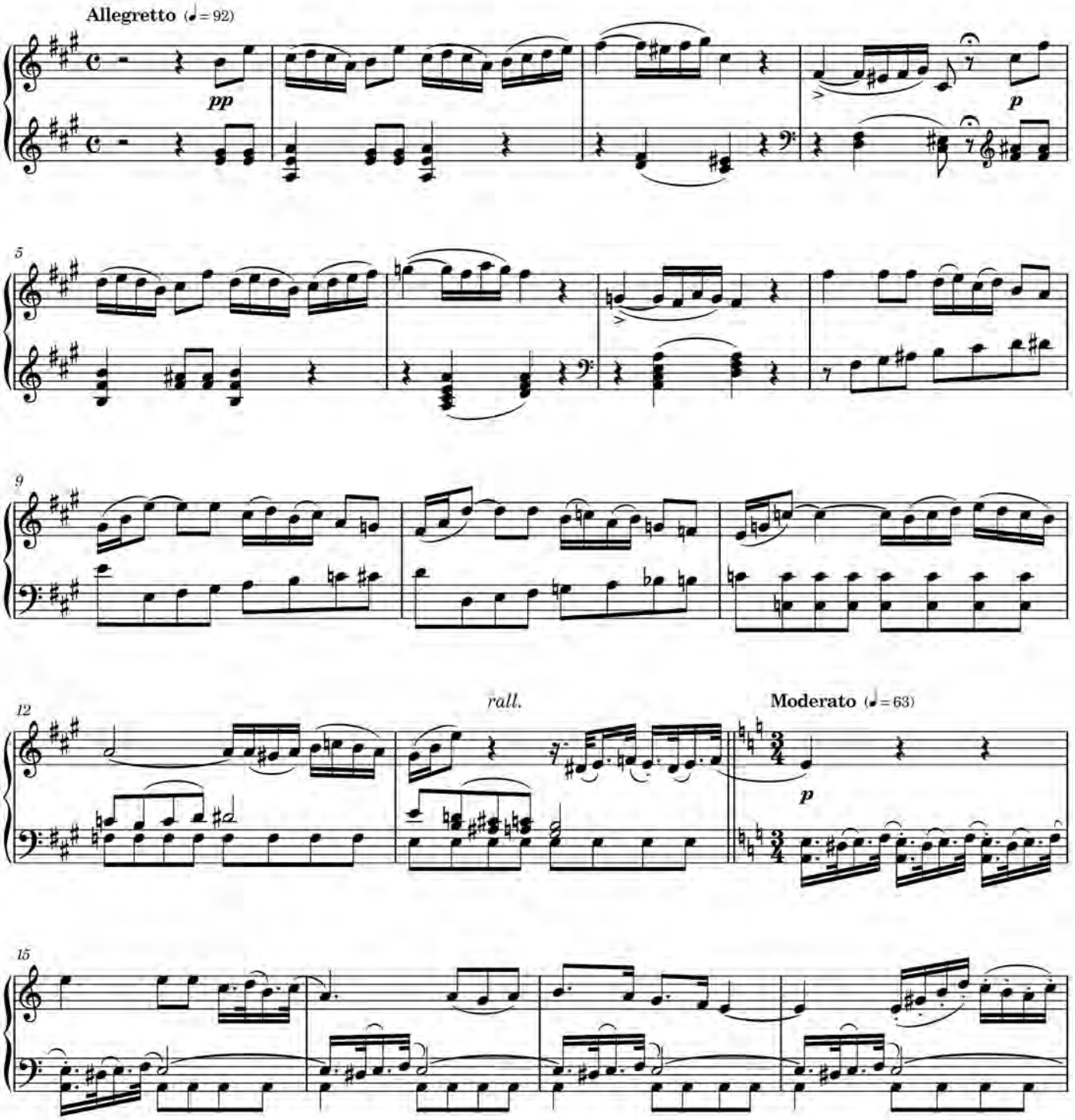
IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
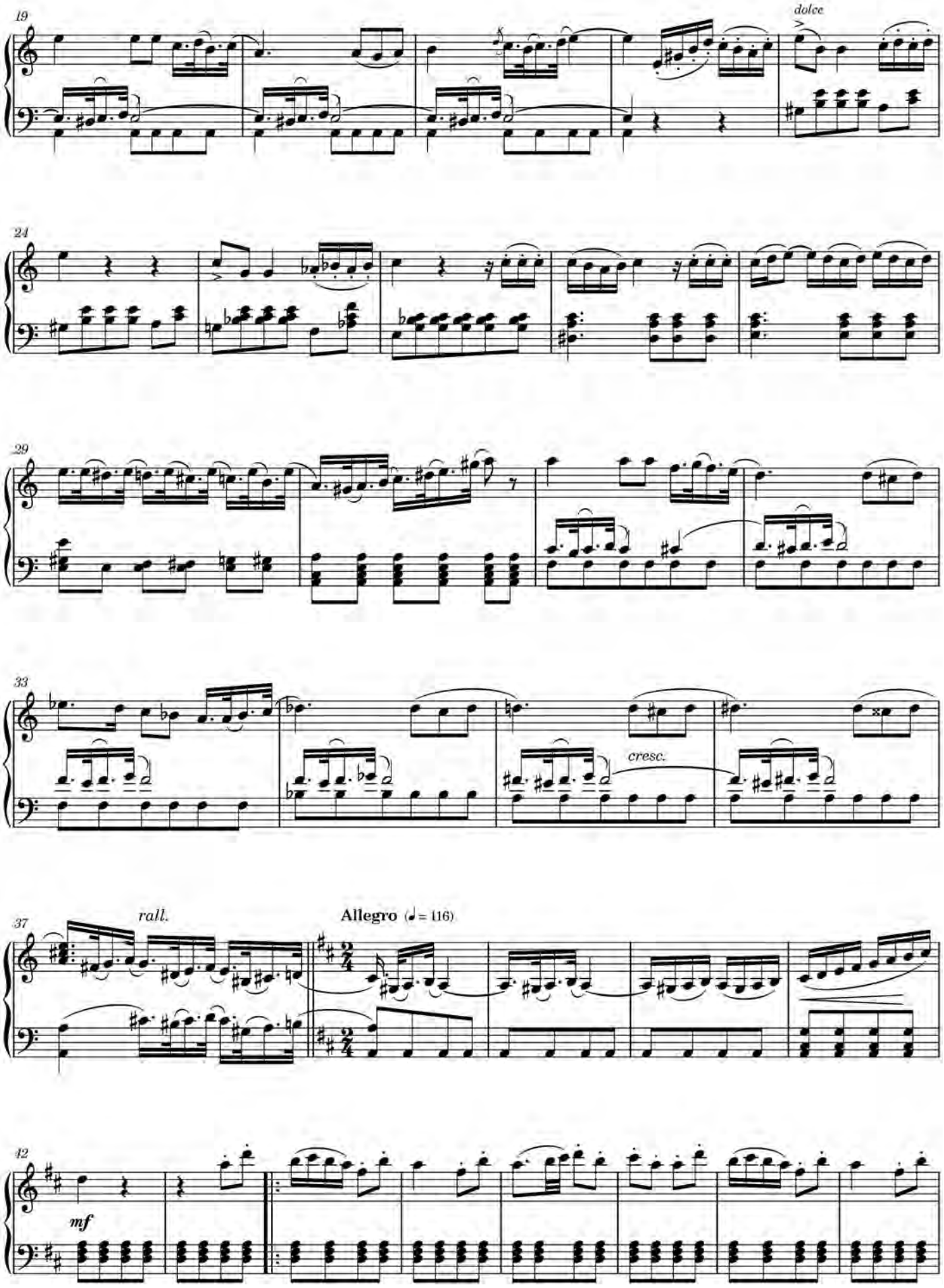
MARIA DA FONTE

de Augusto Machado
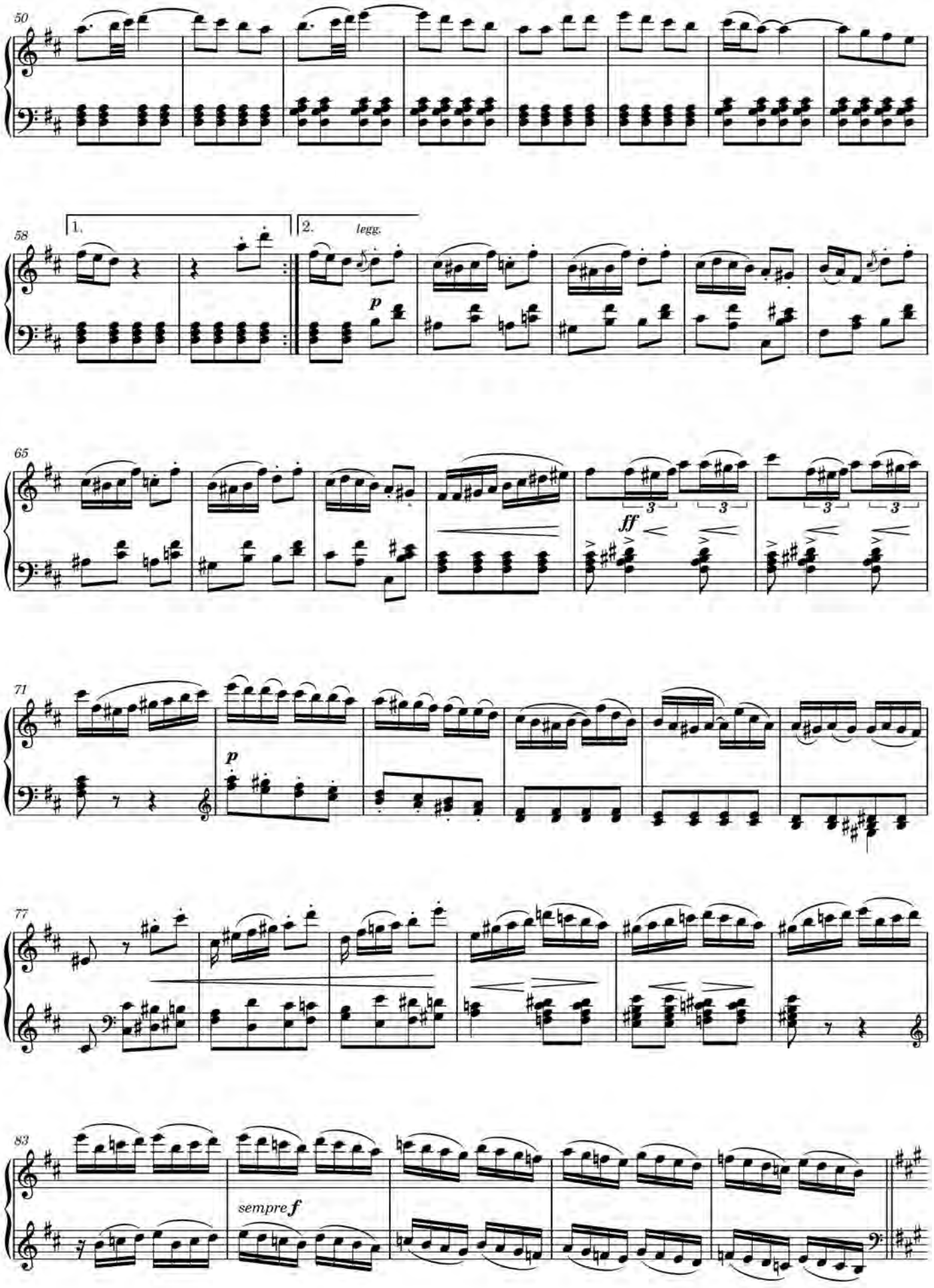
N.º 1 PRELÚDIO
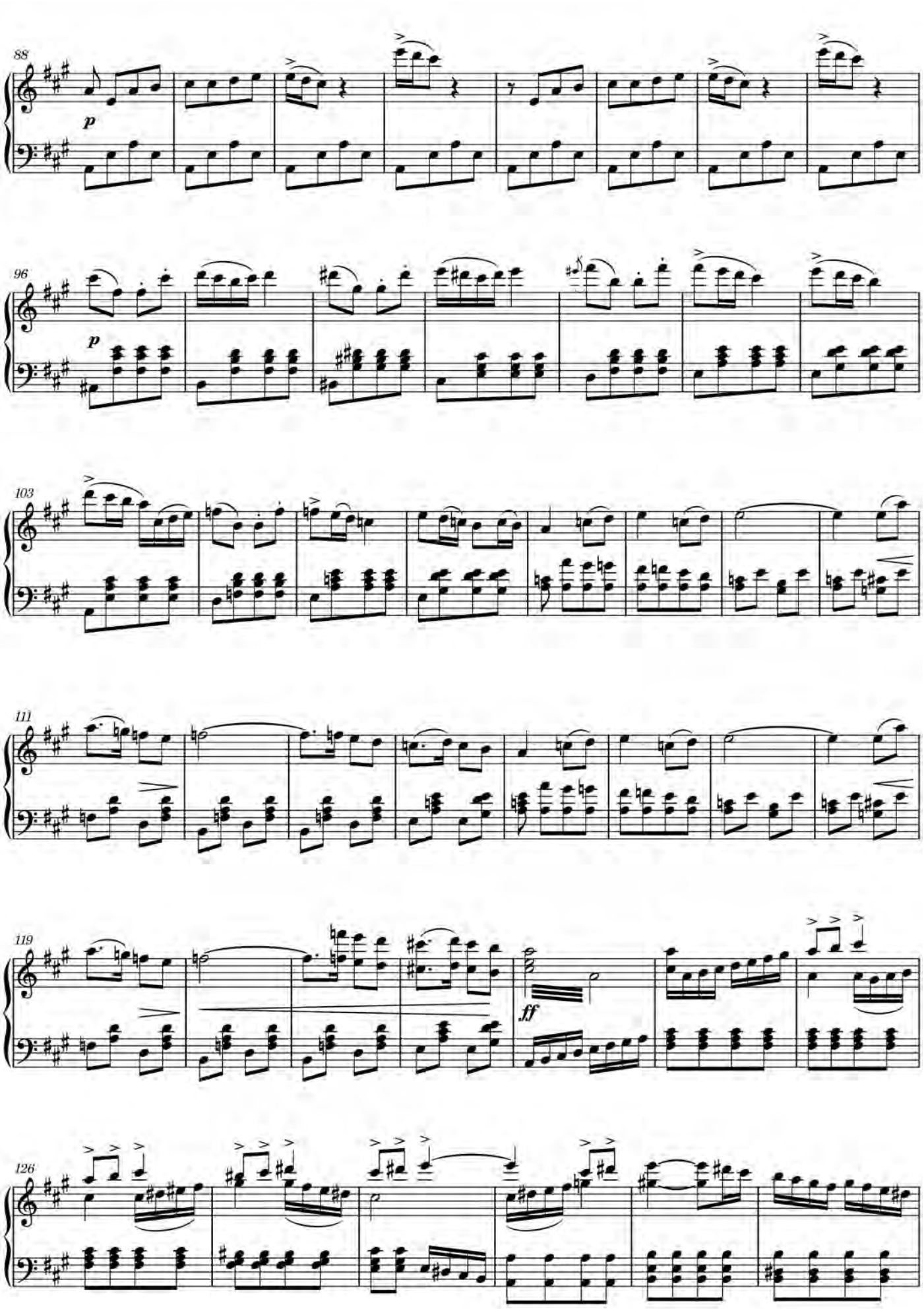


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
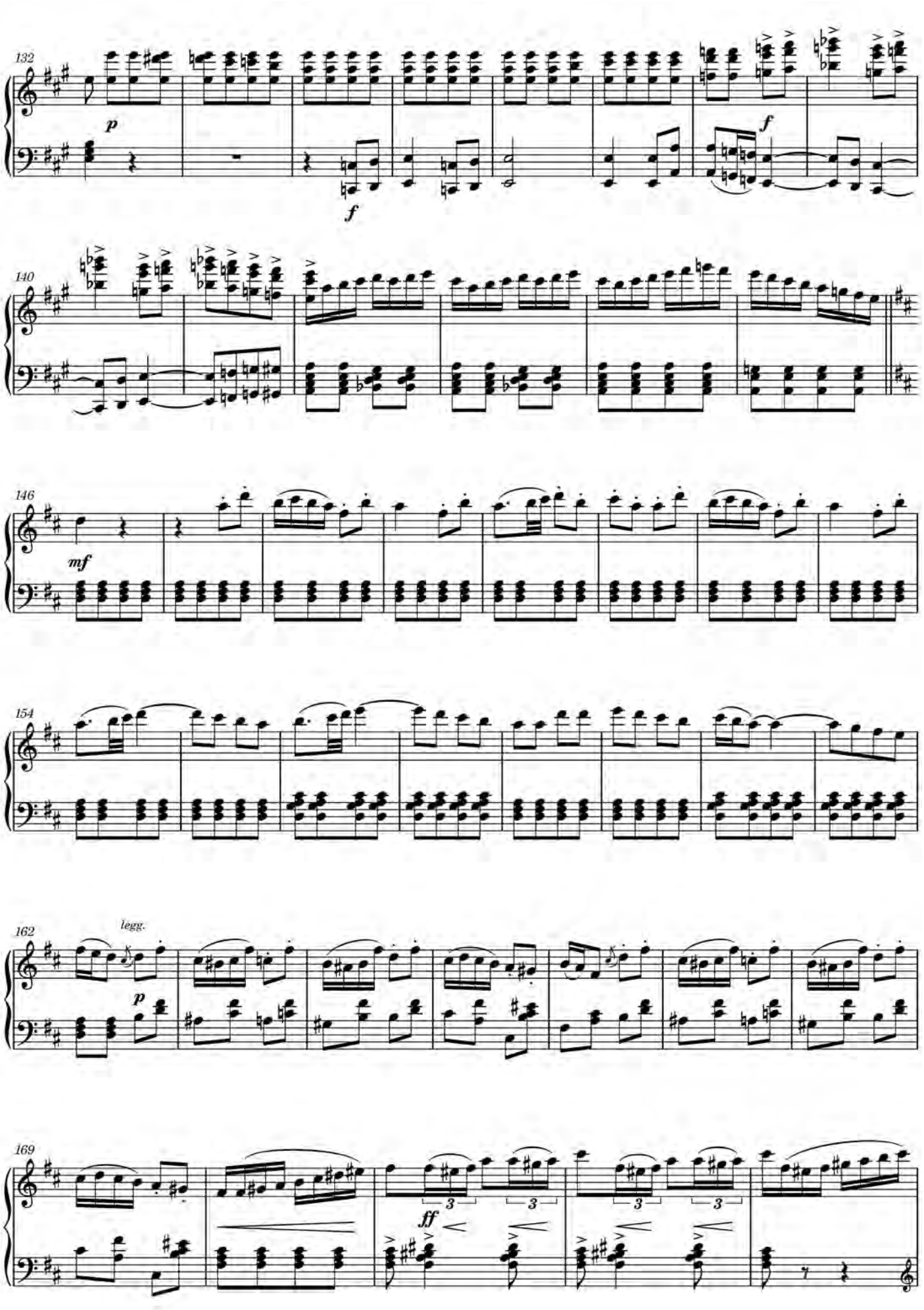


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
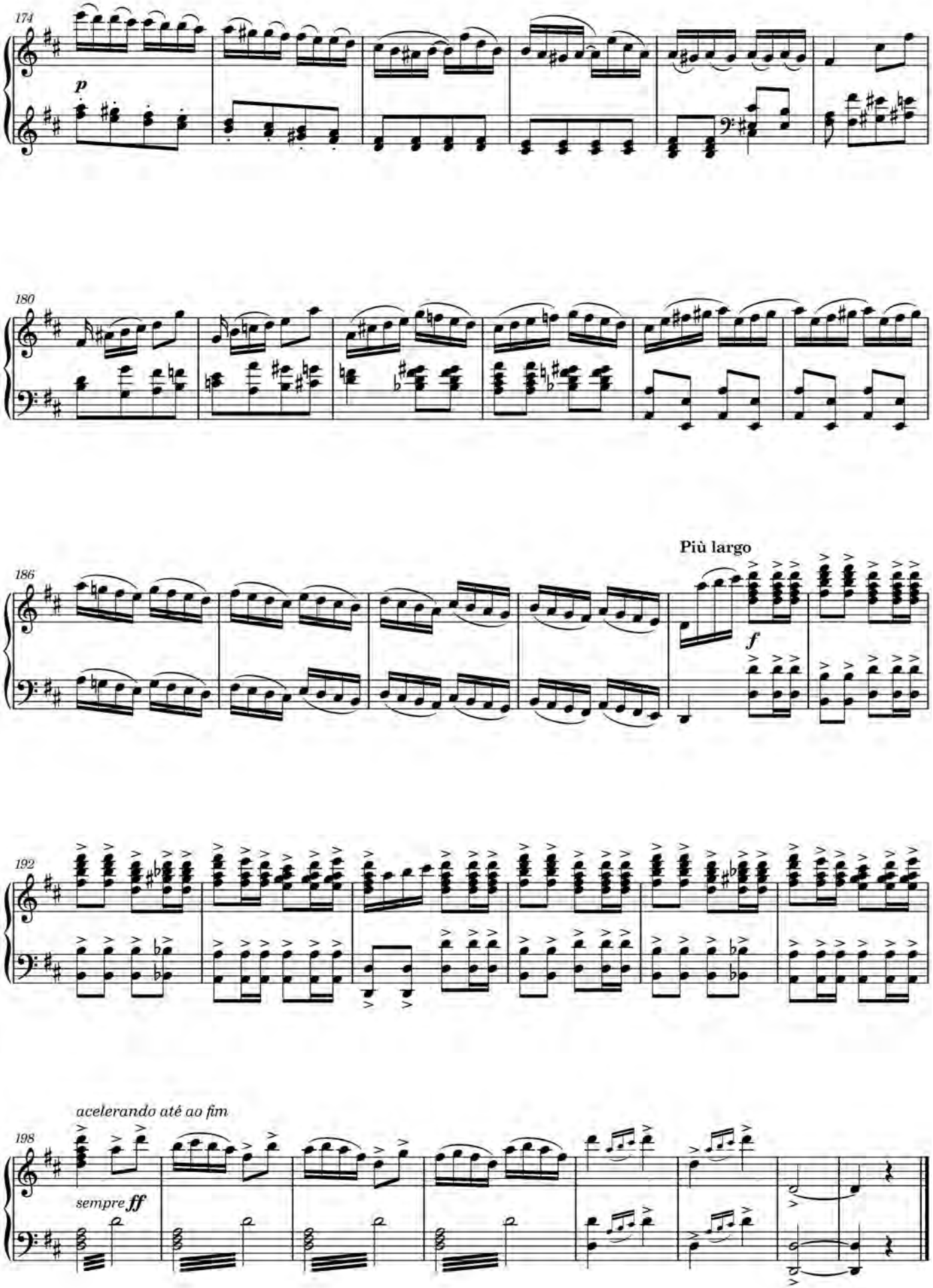


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
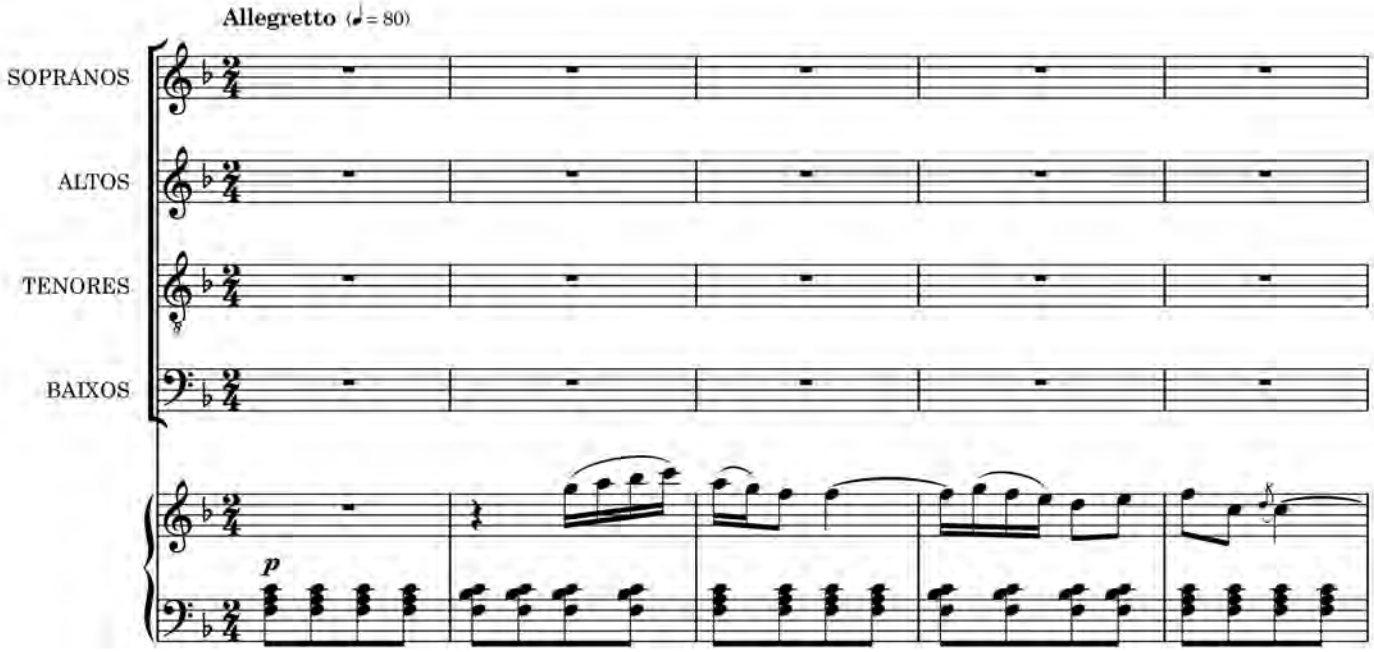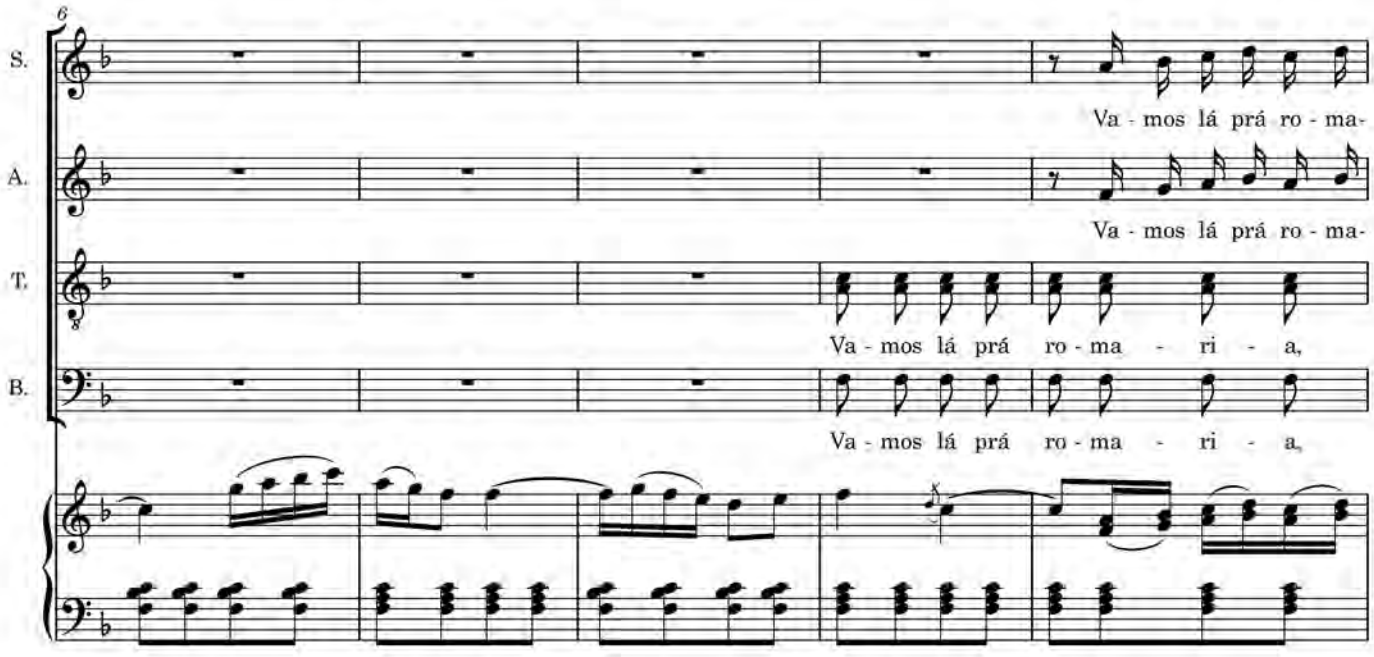


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
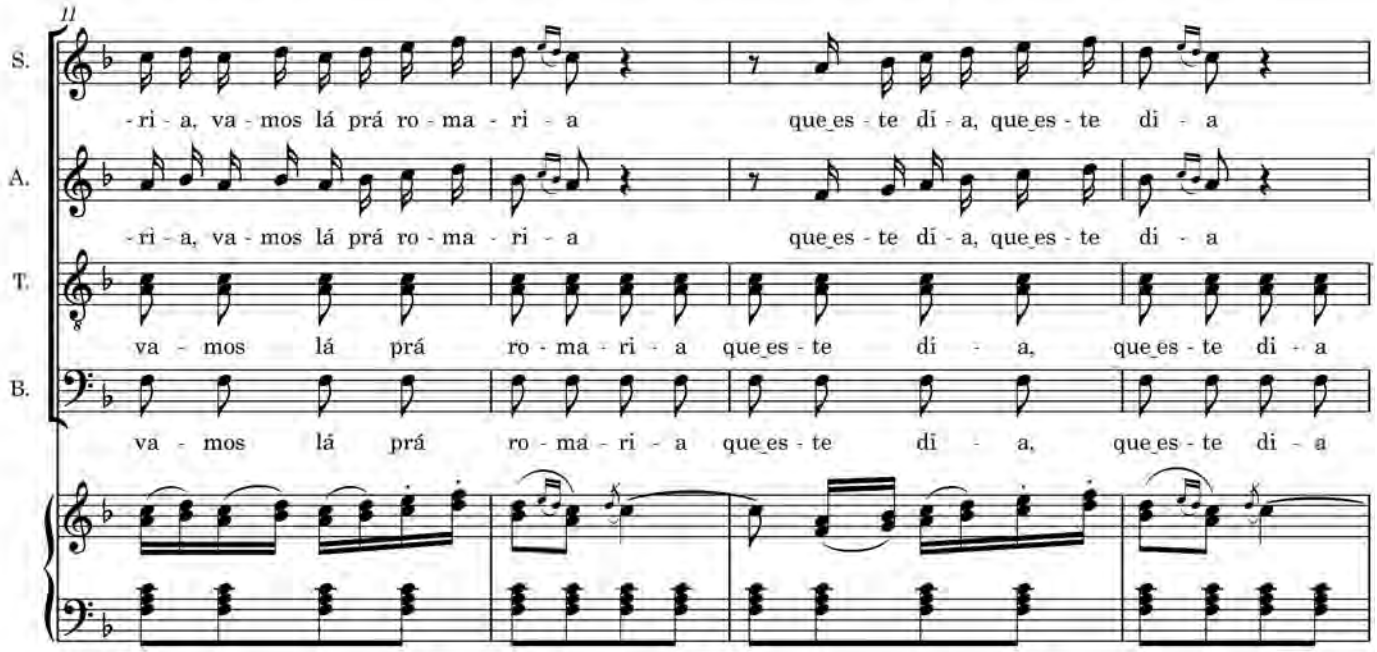


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
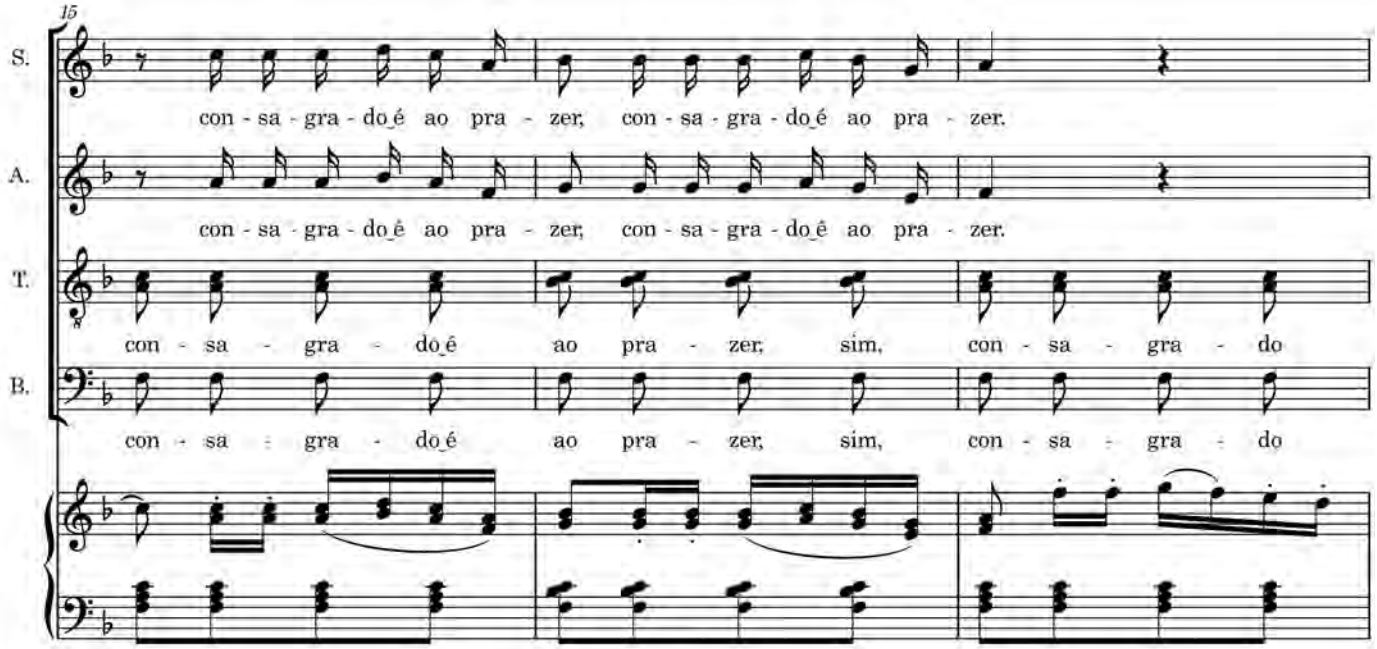
ATO I
N.º 2 CORO
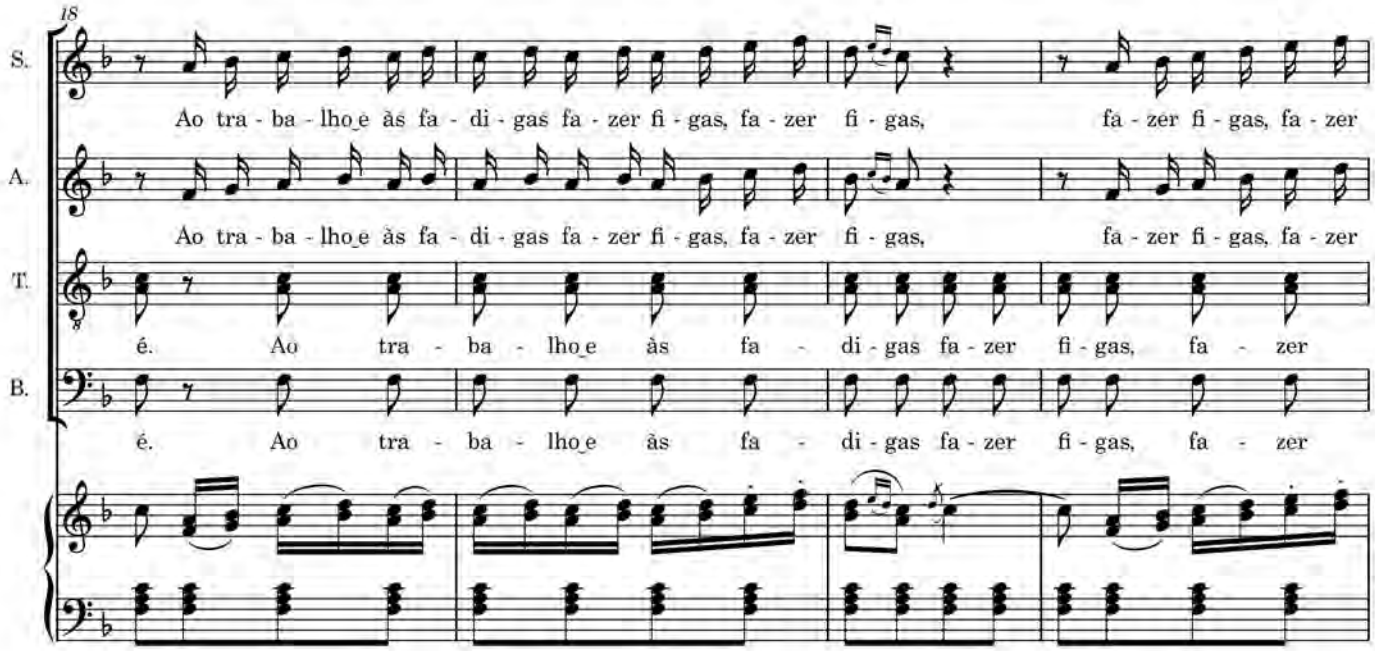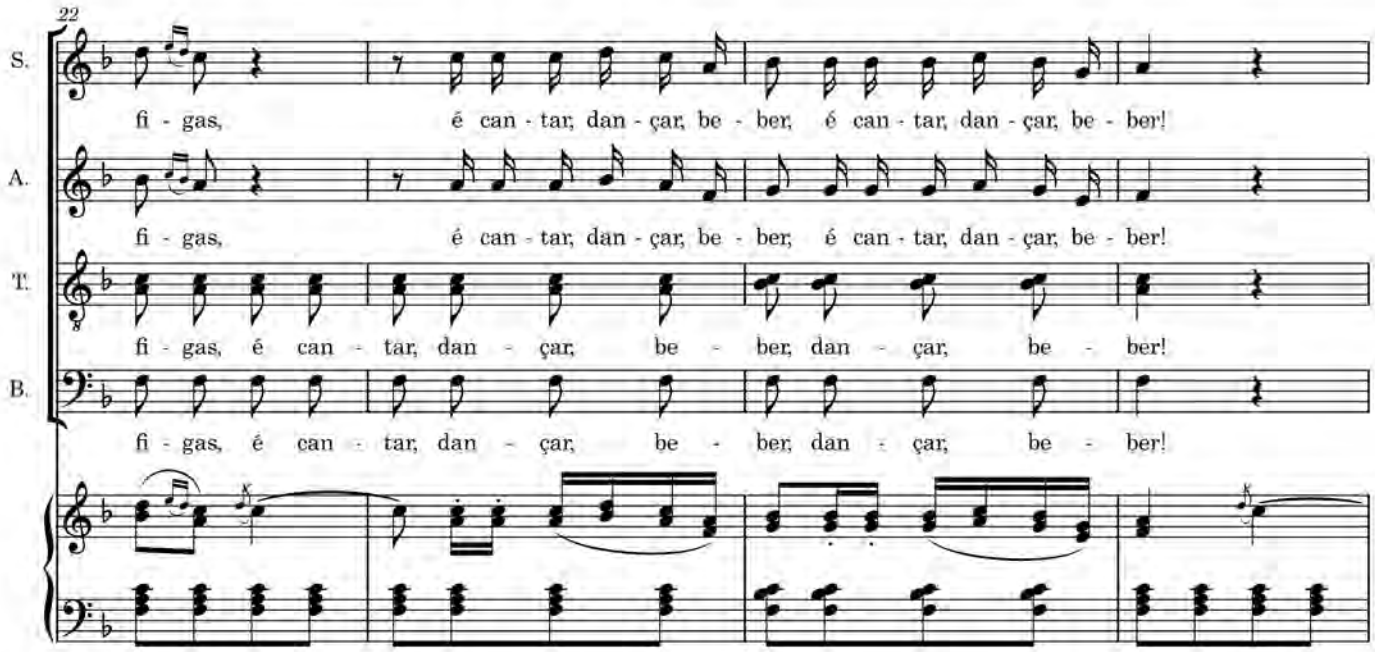




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
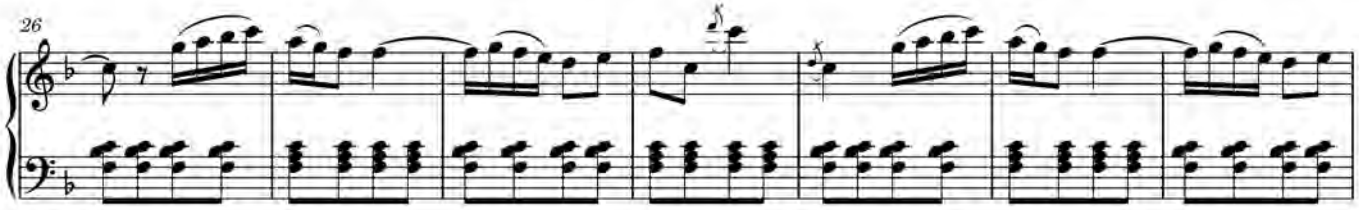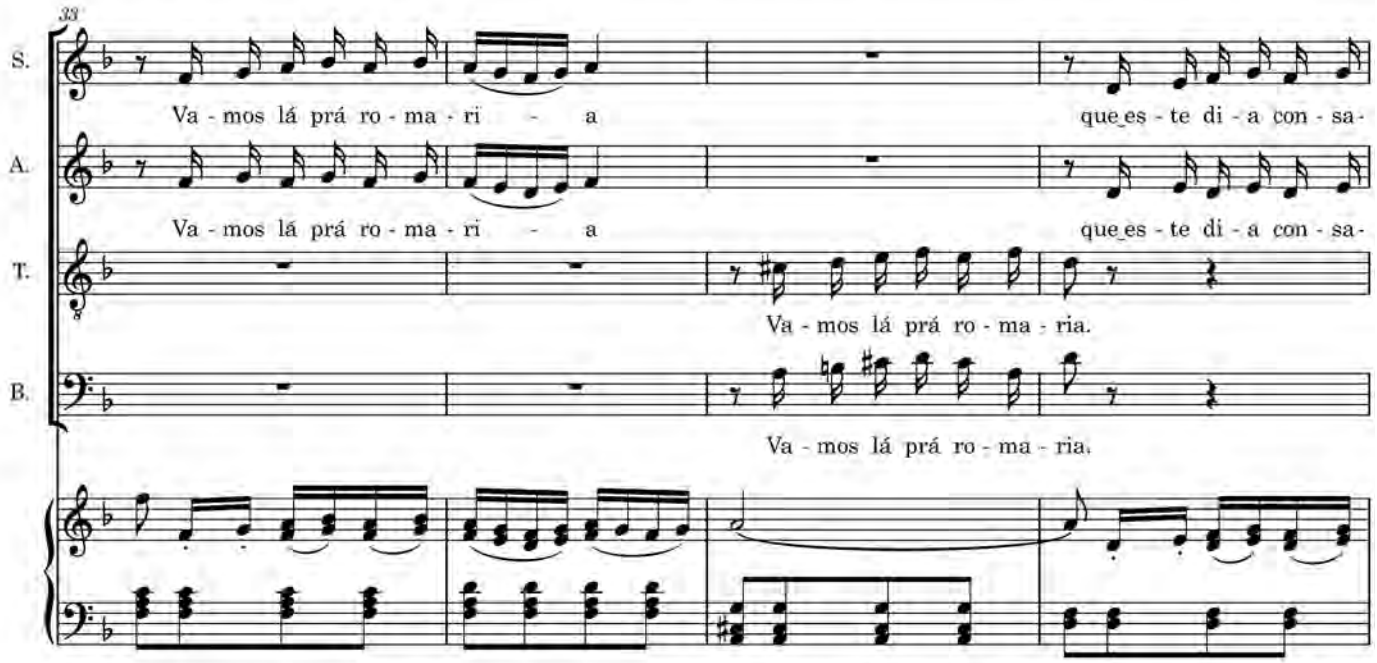




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

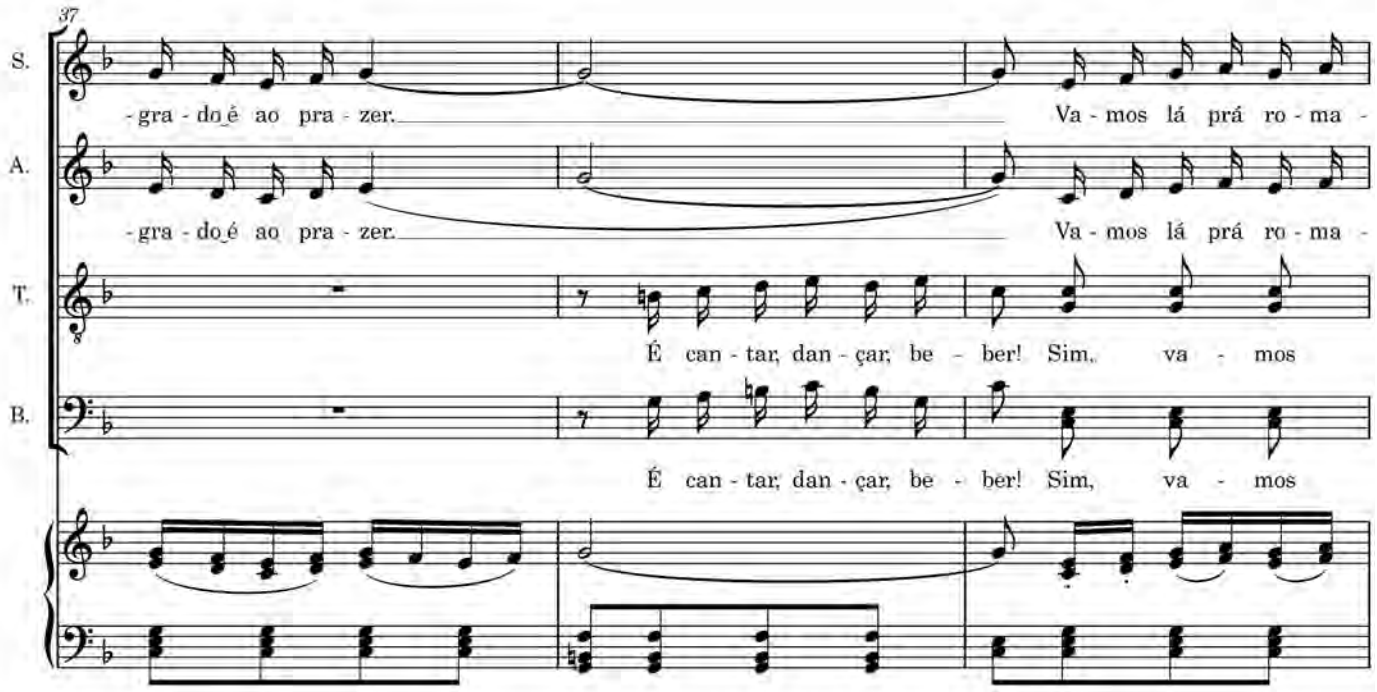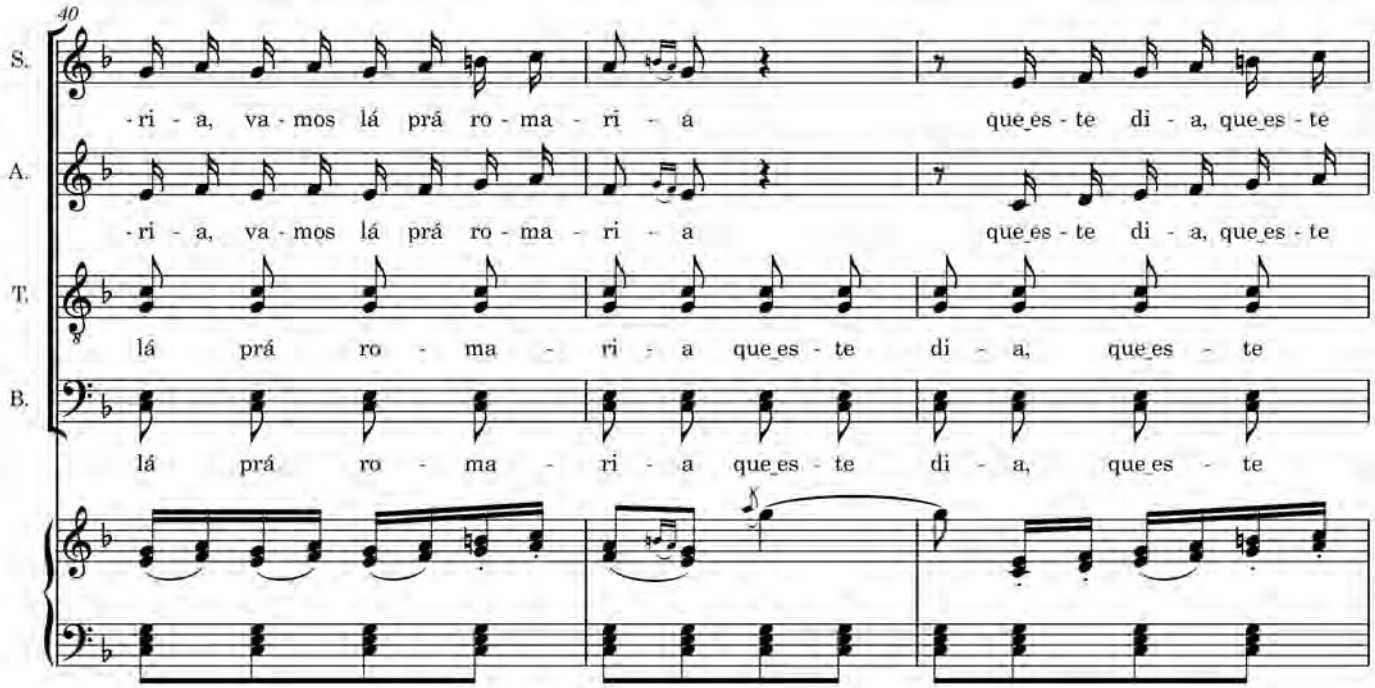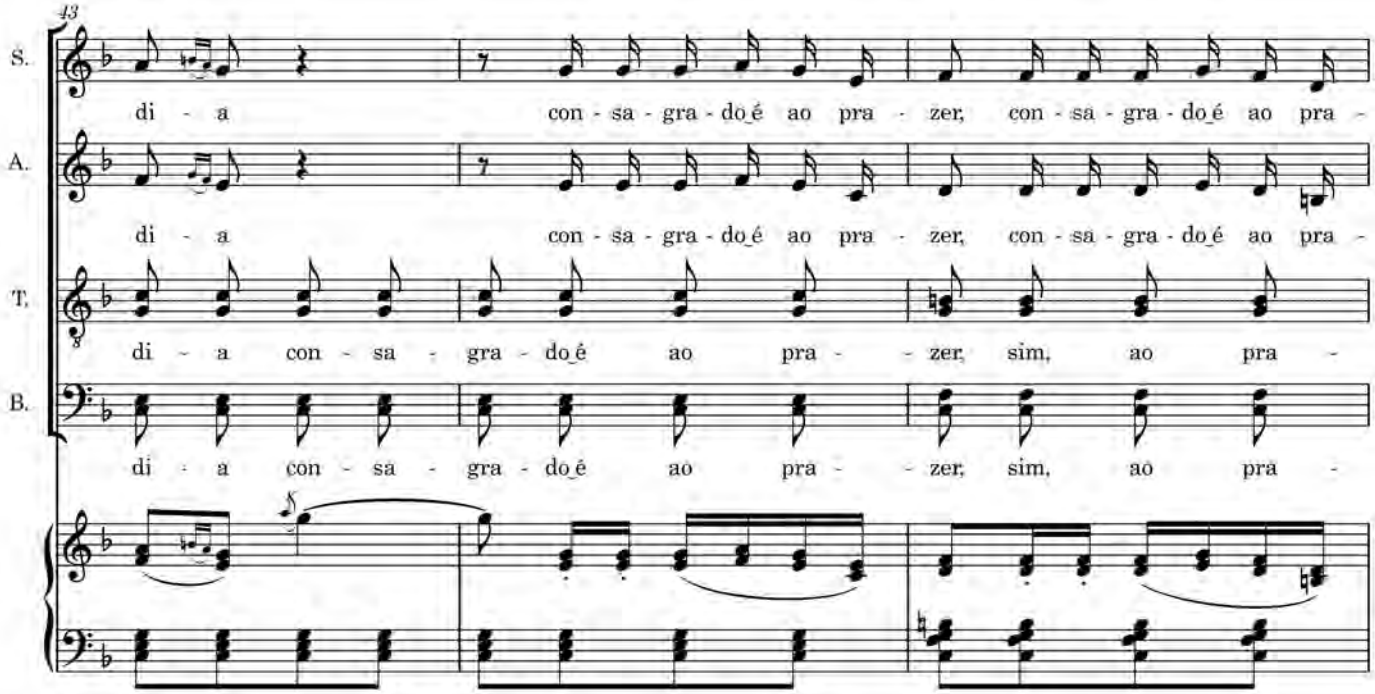






IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
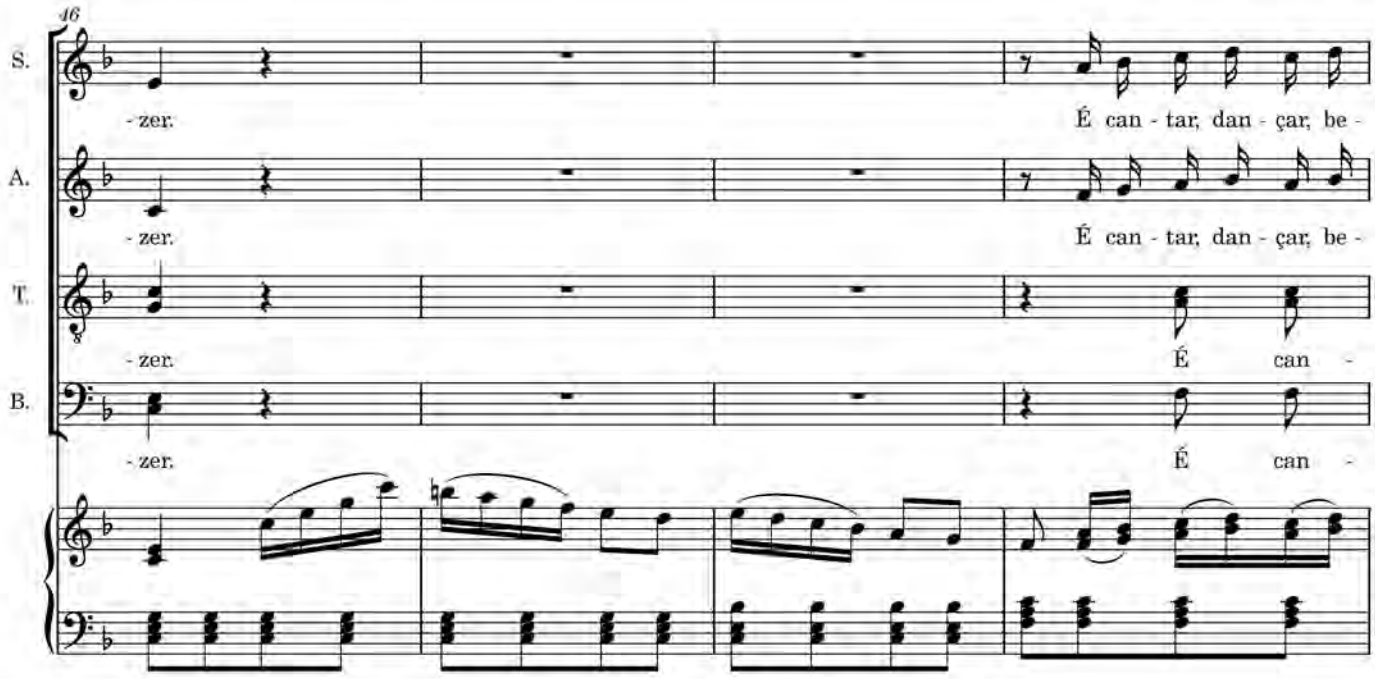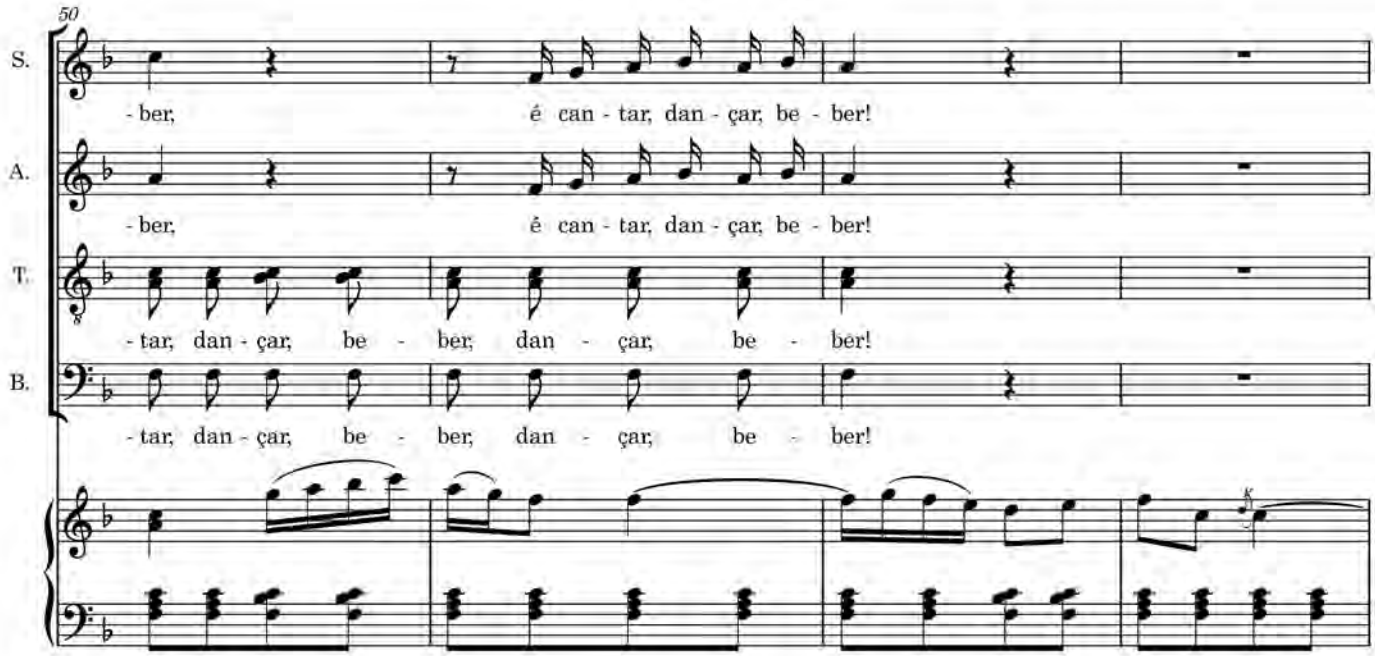




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
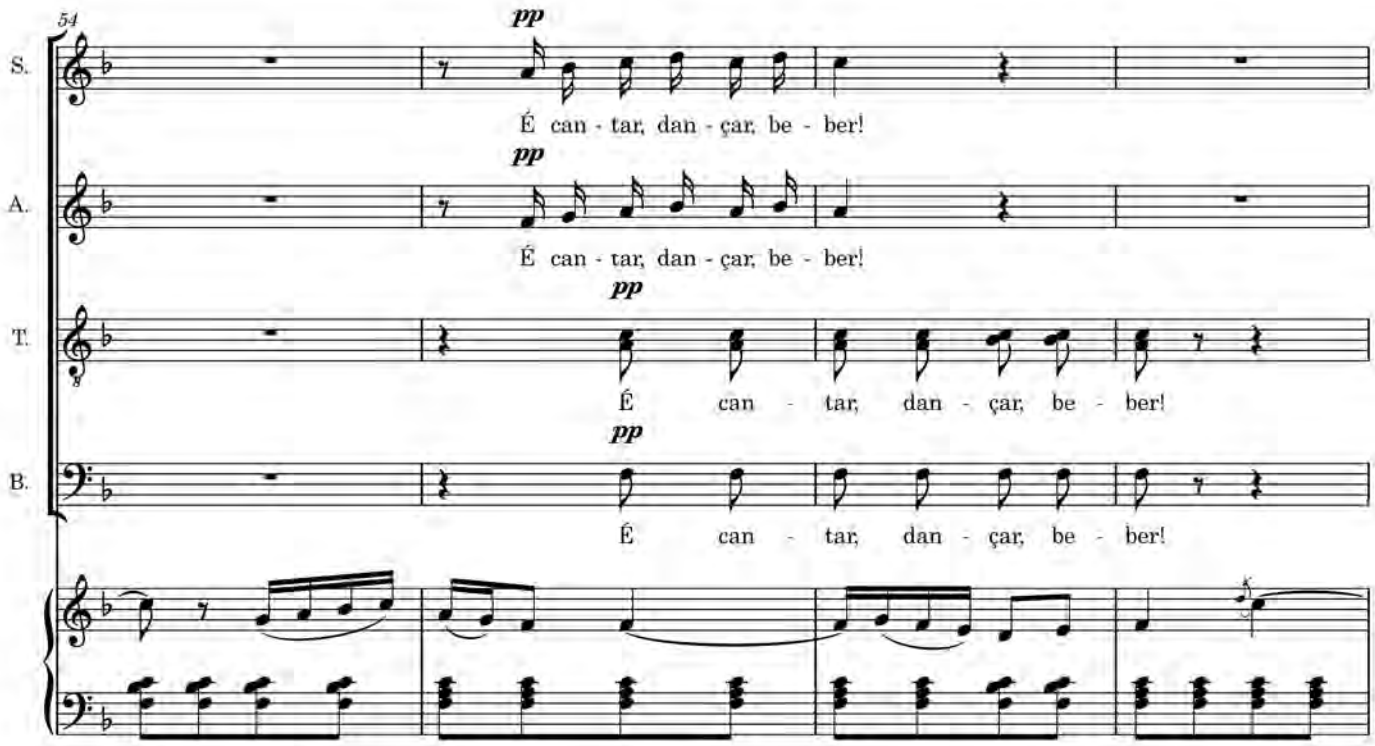




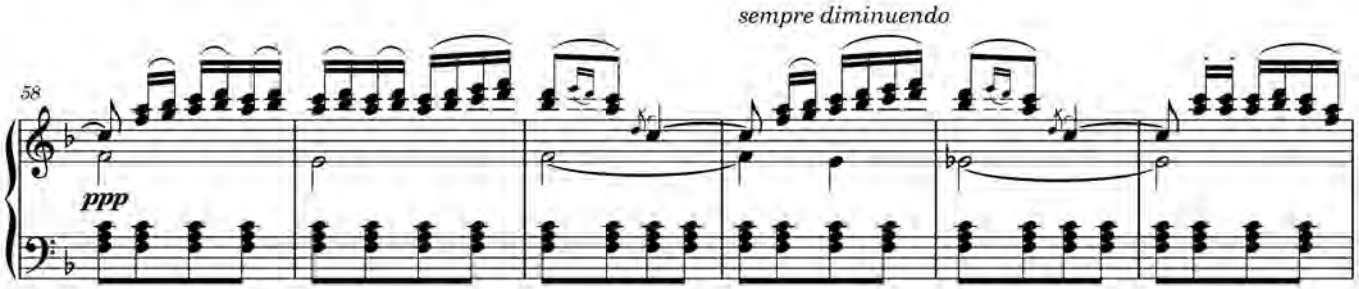
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
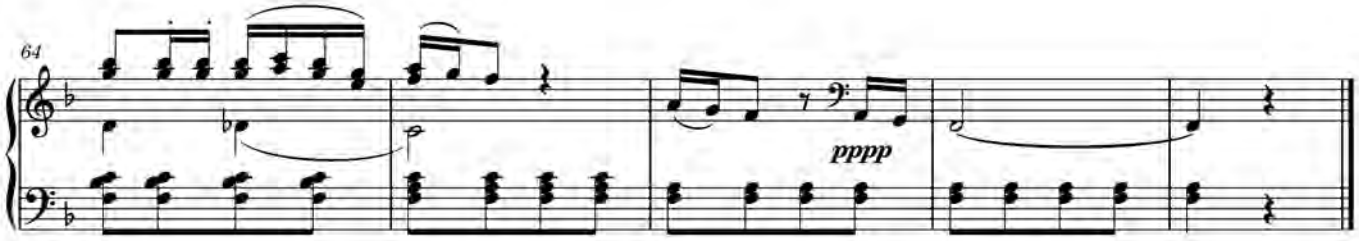




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
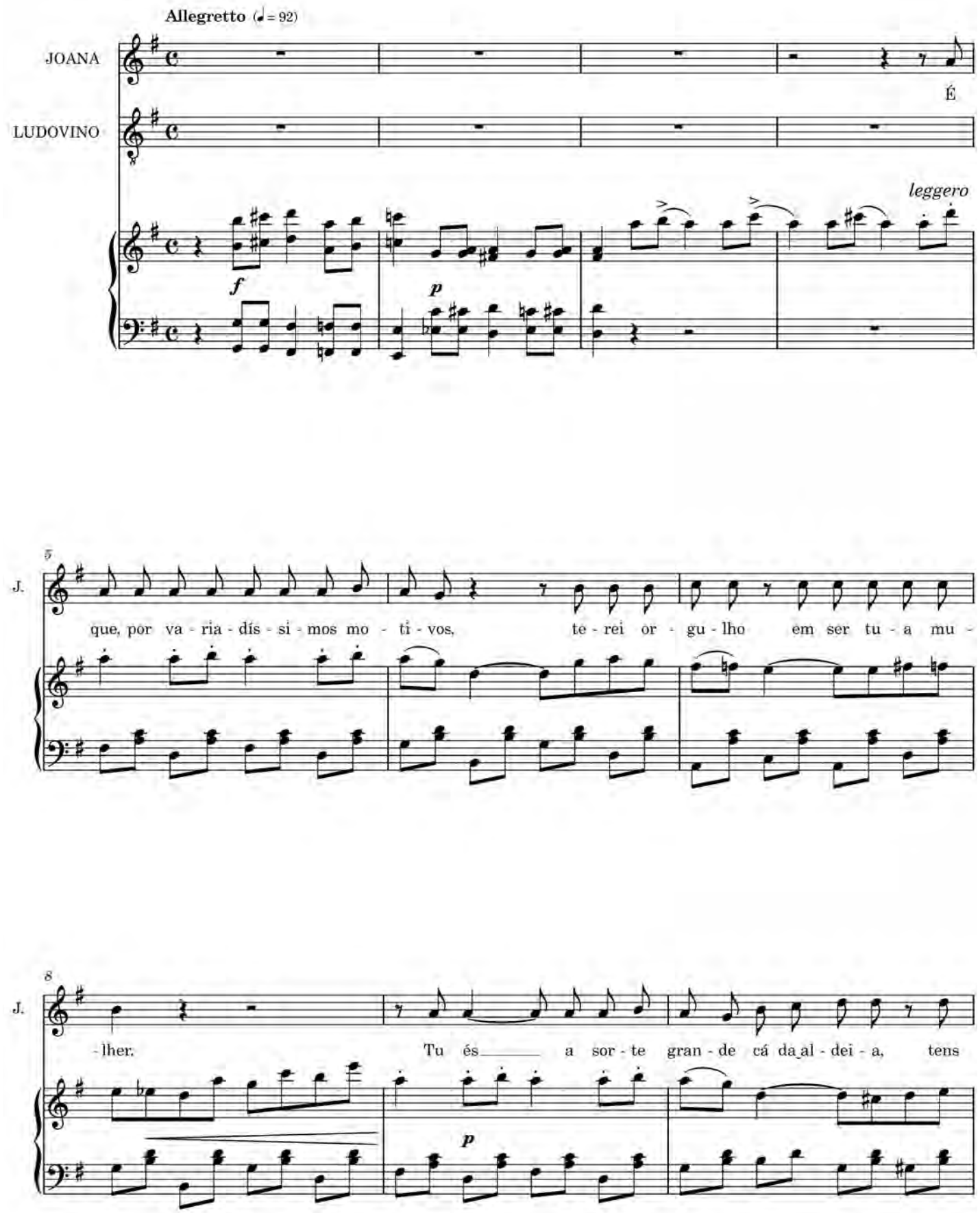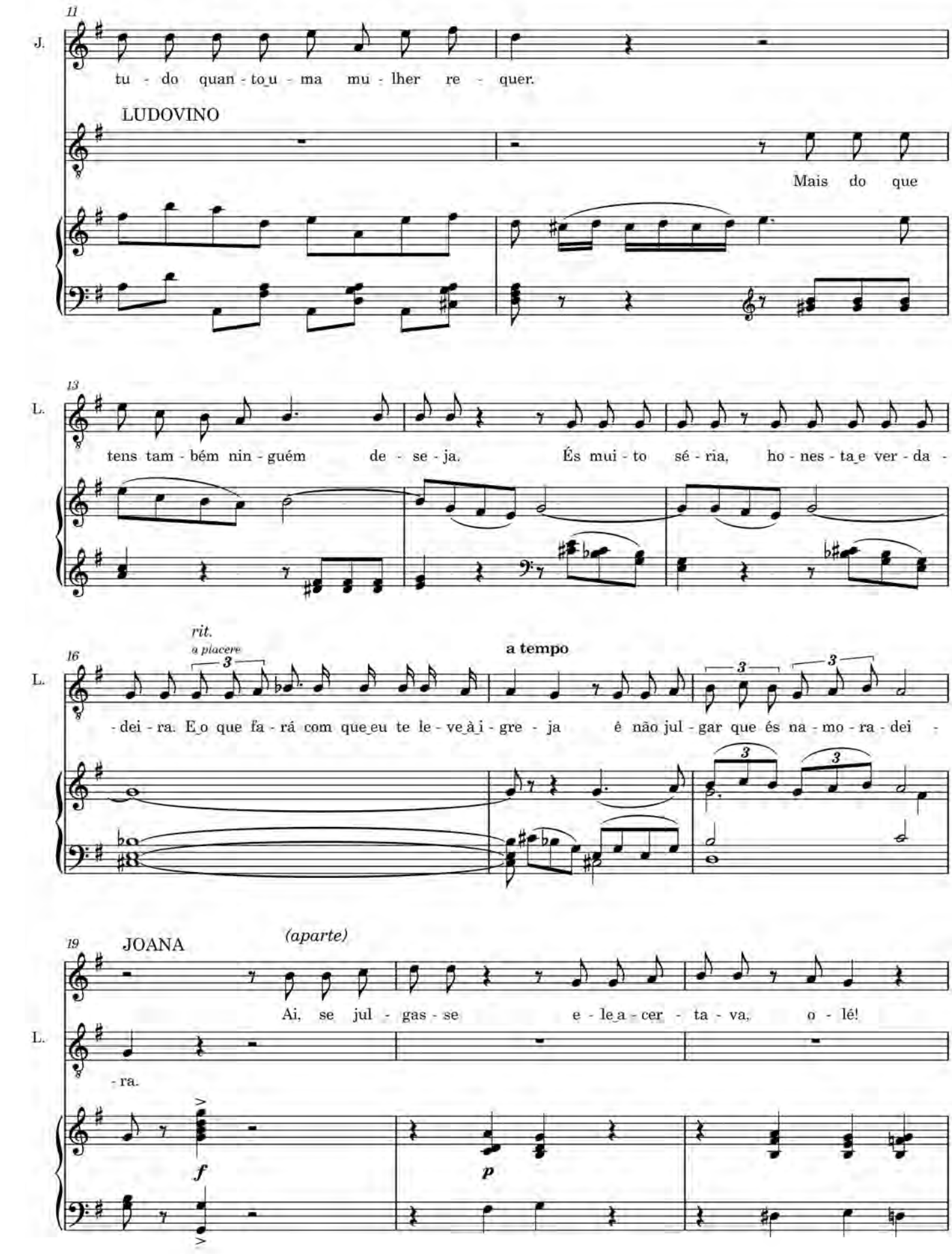






IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
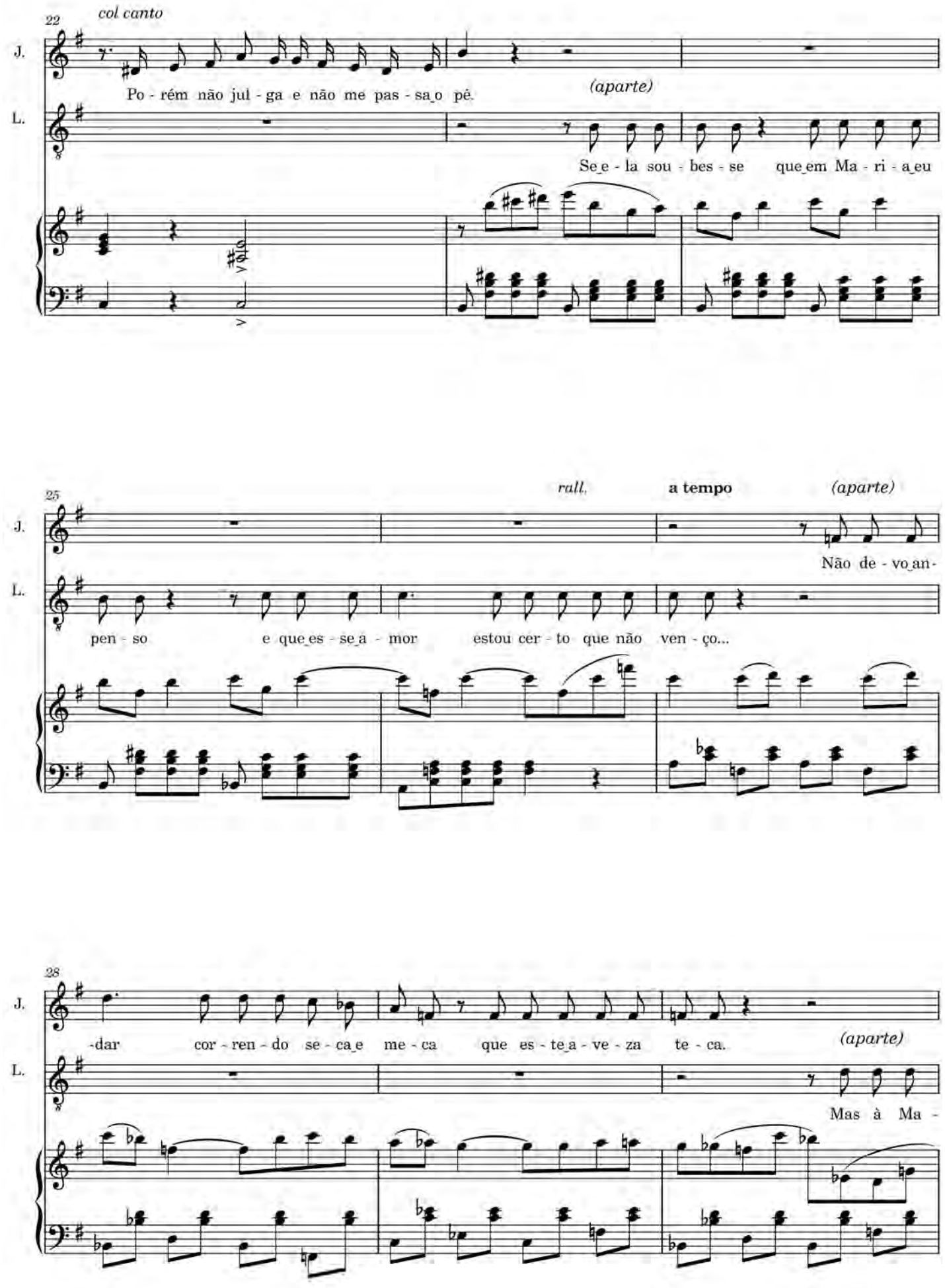
N.º 3 DUETO JOANA E LUDOVINO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
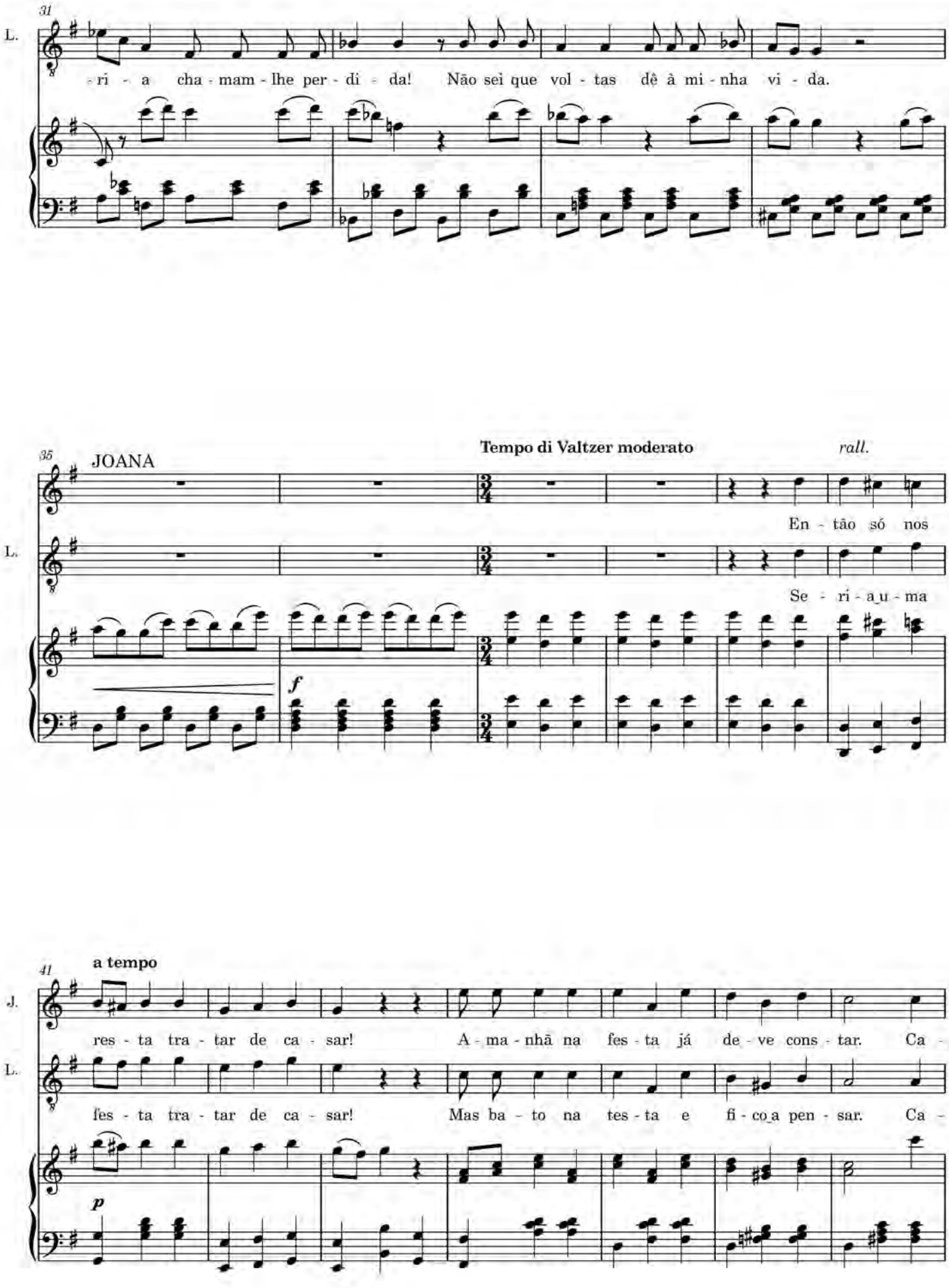


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
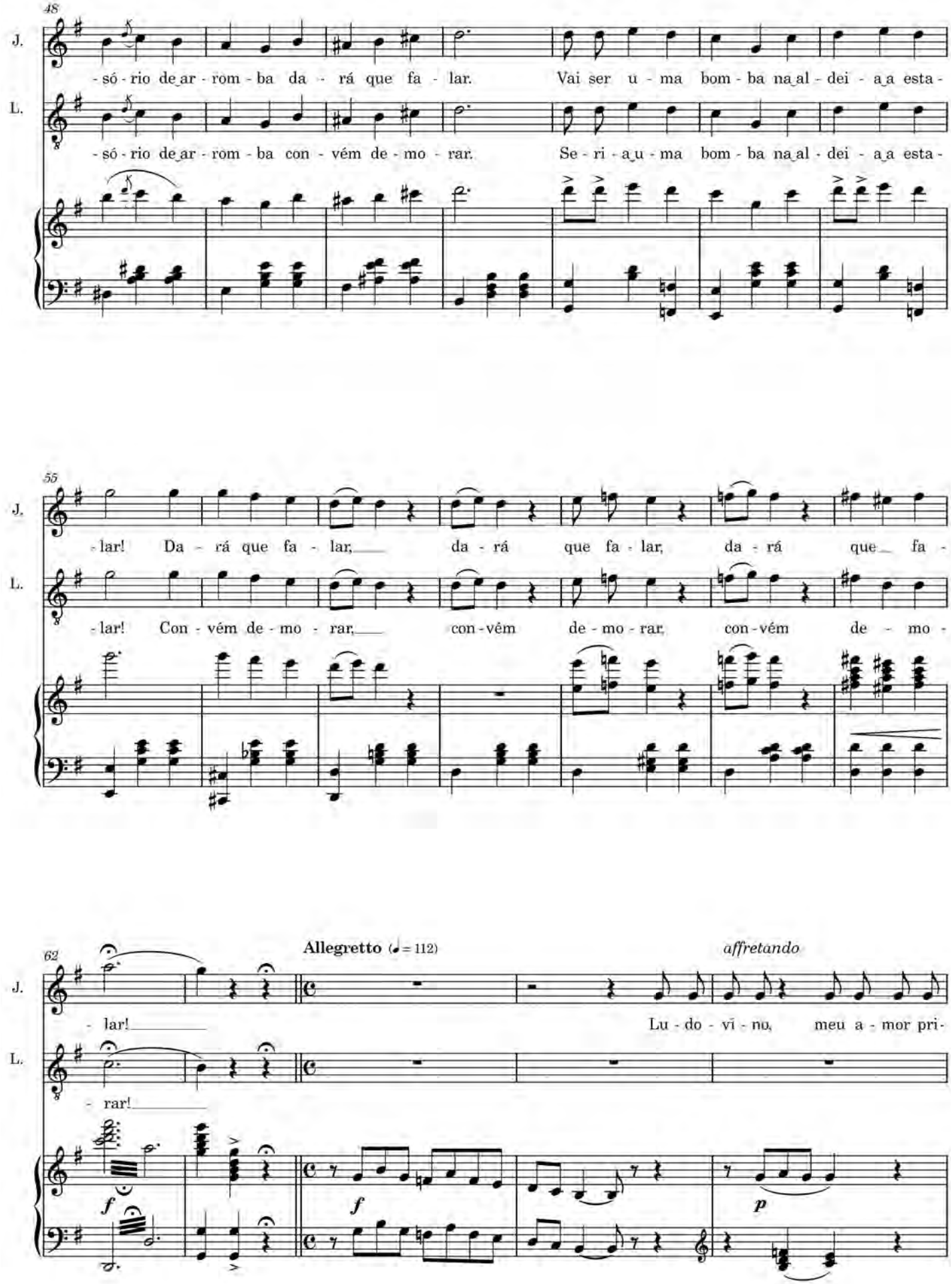


IMPRENSA NACIONAL
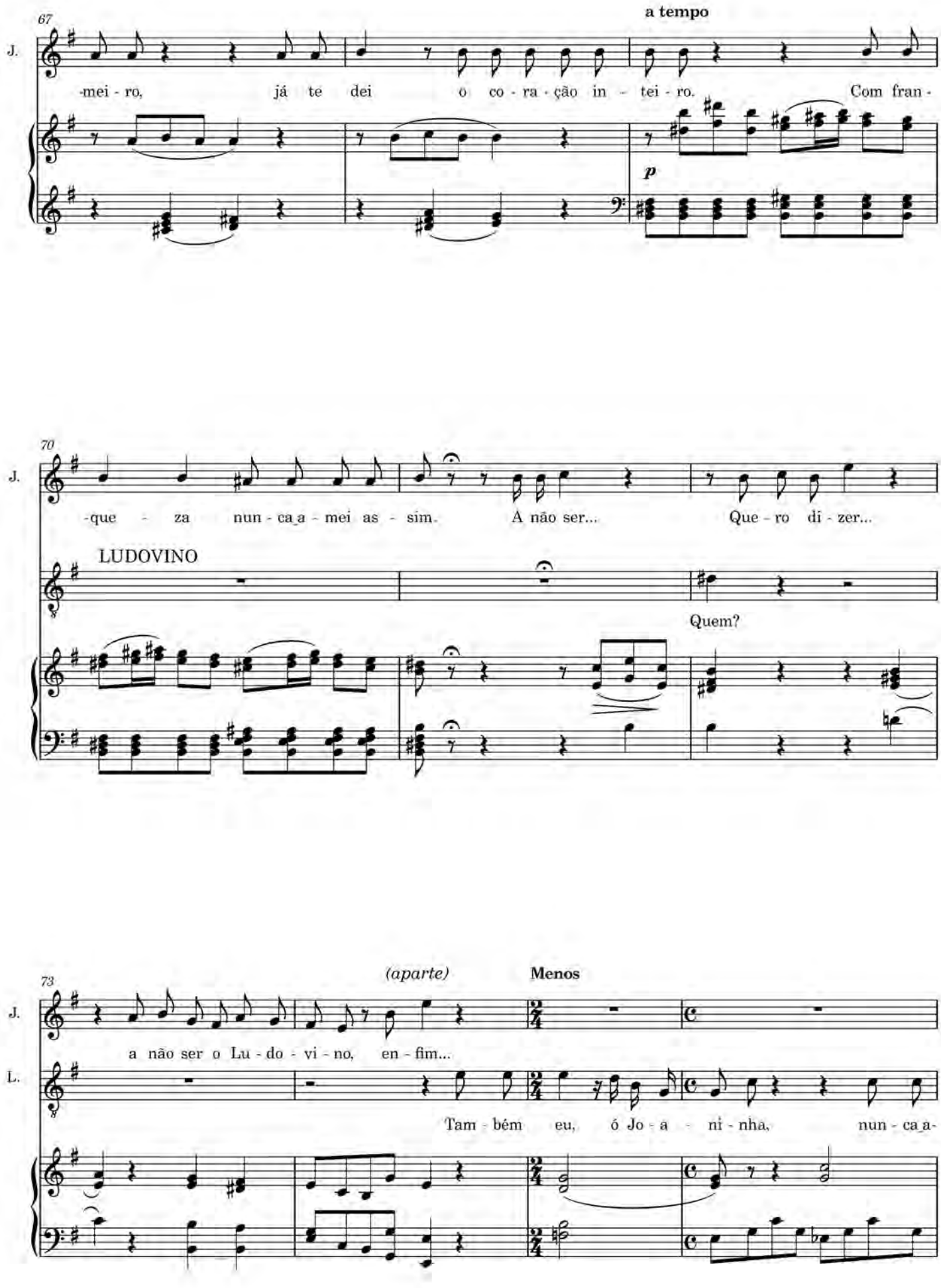
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
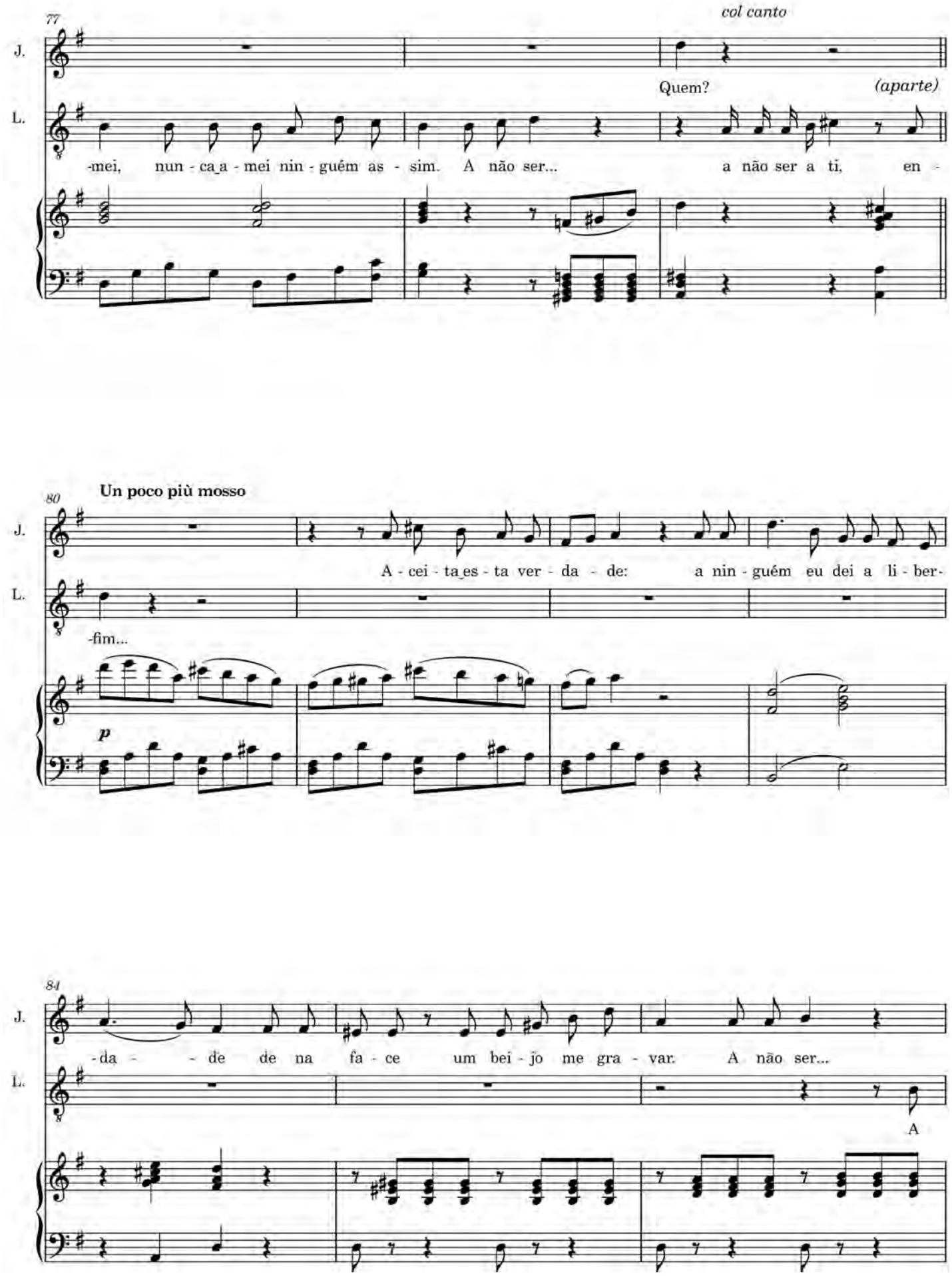


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
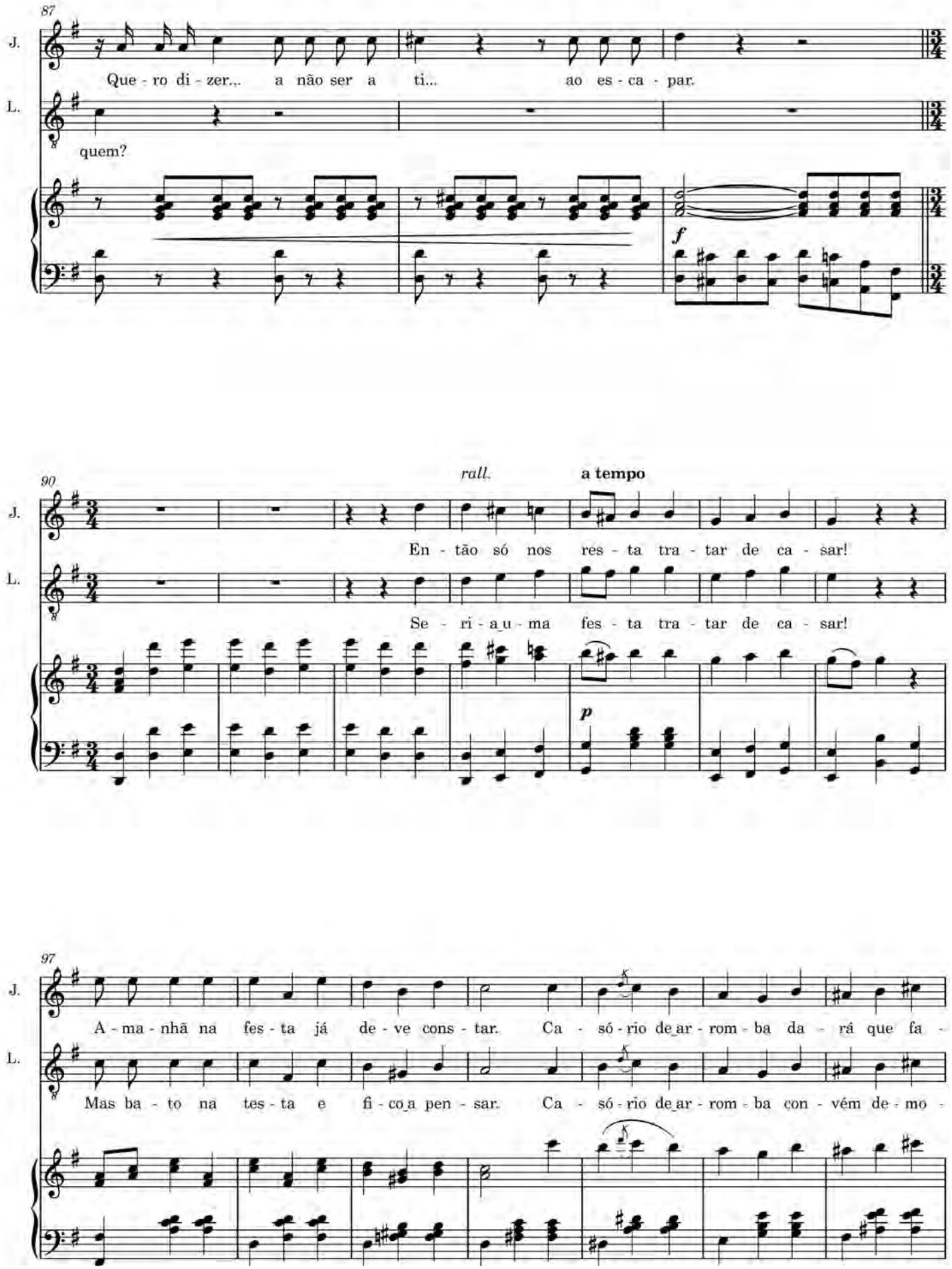


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
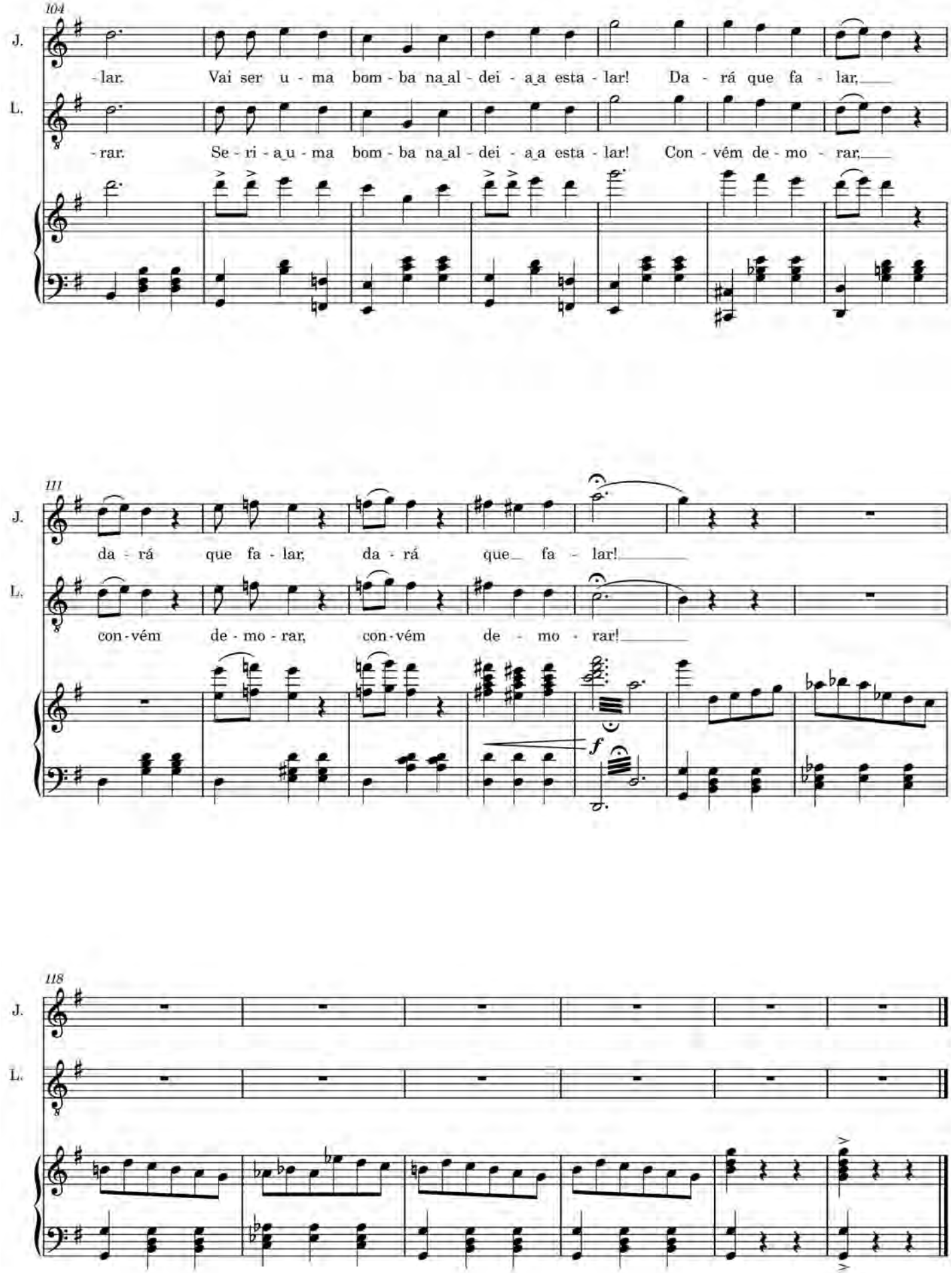


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
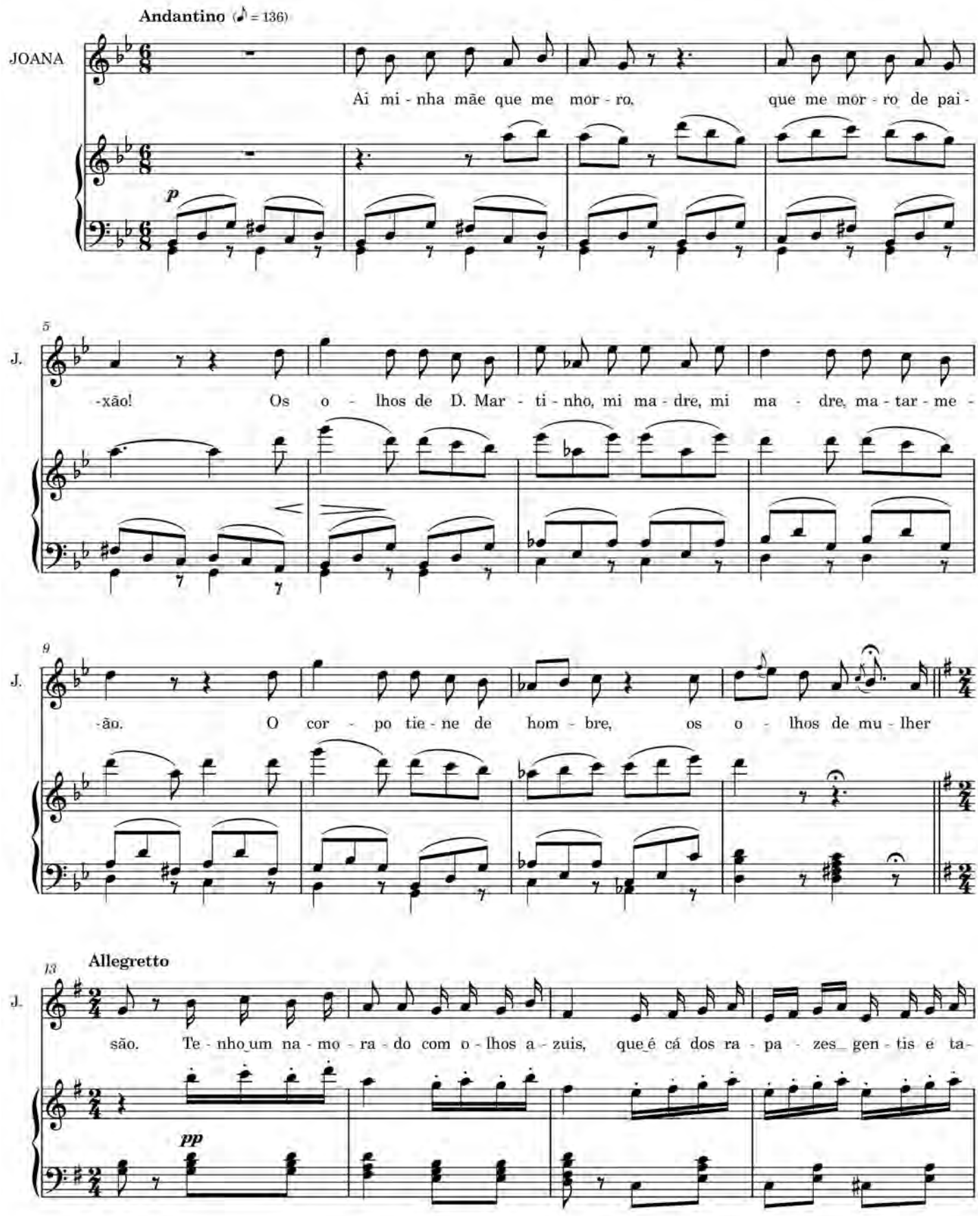


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
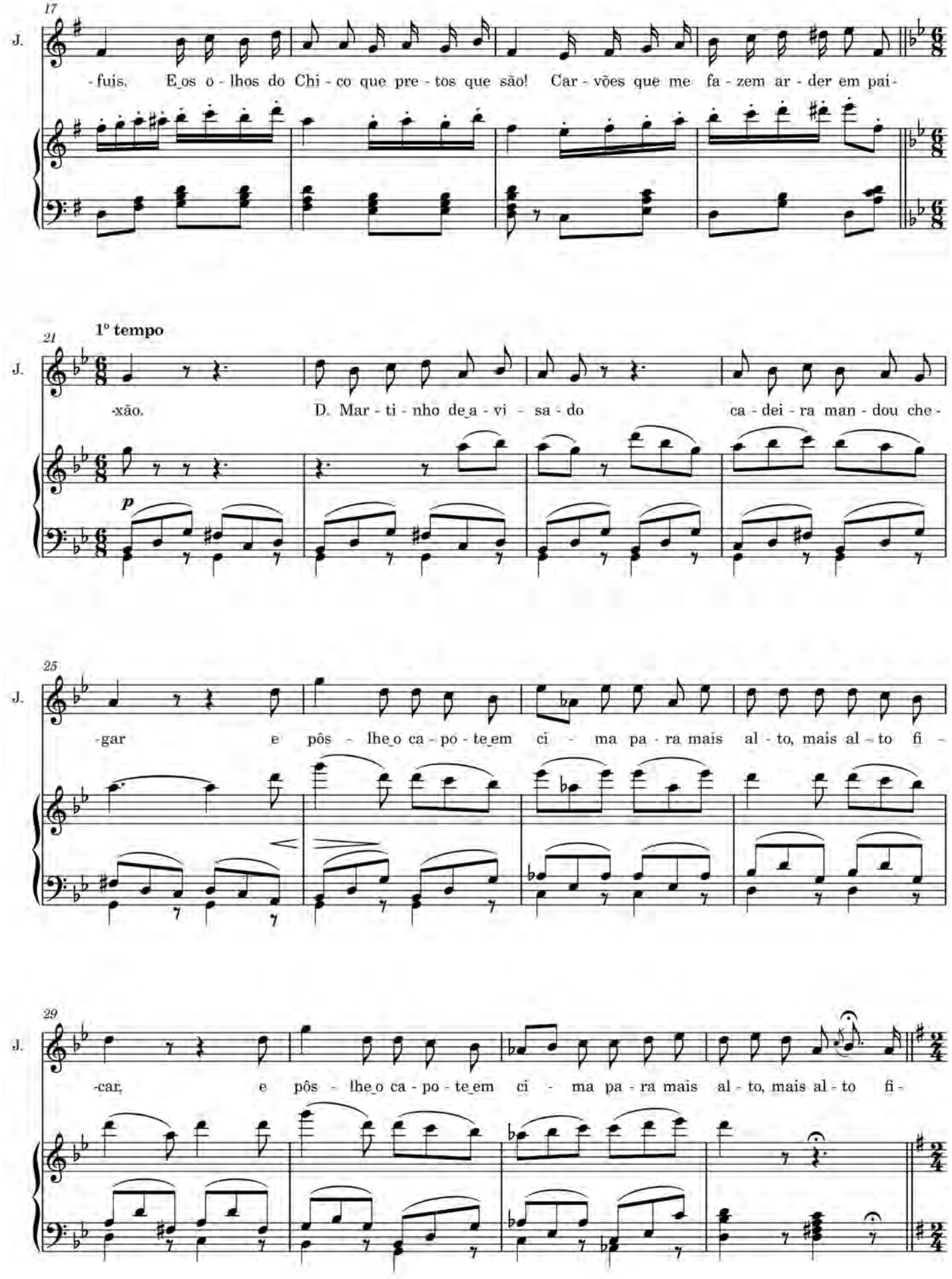


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
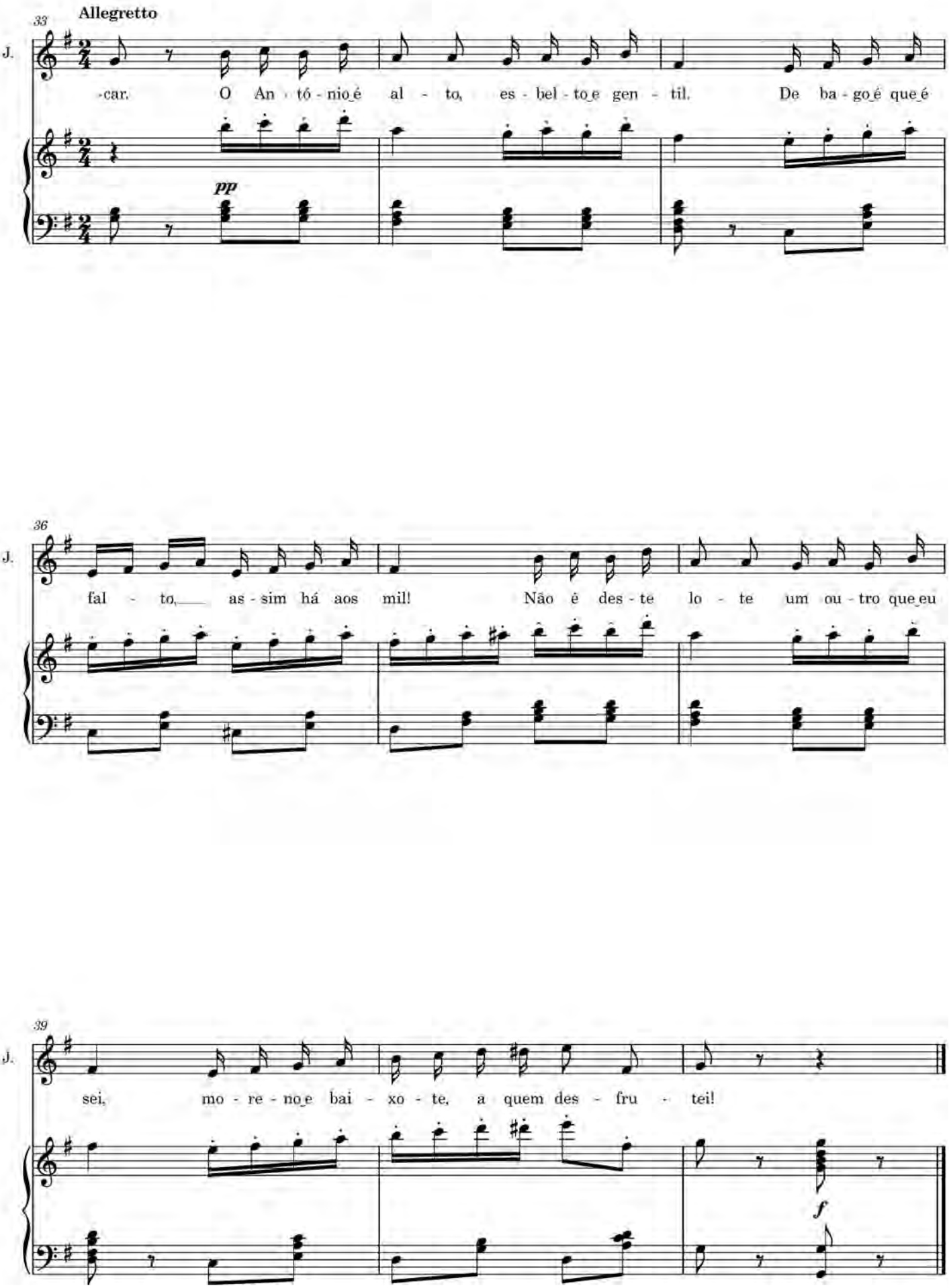
N.º 4 CANTIGA JOANA



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
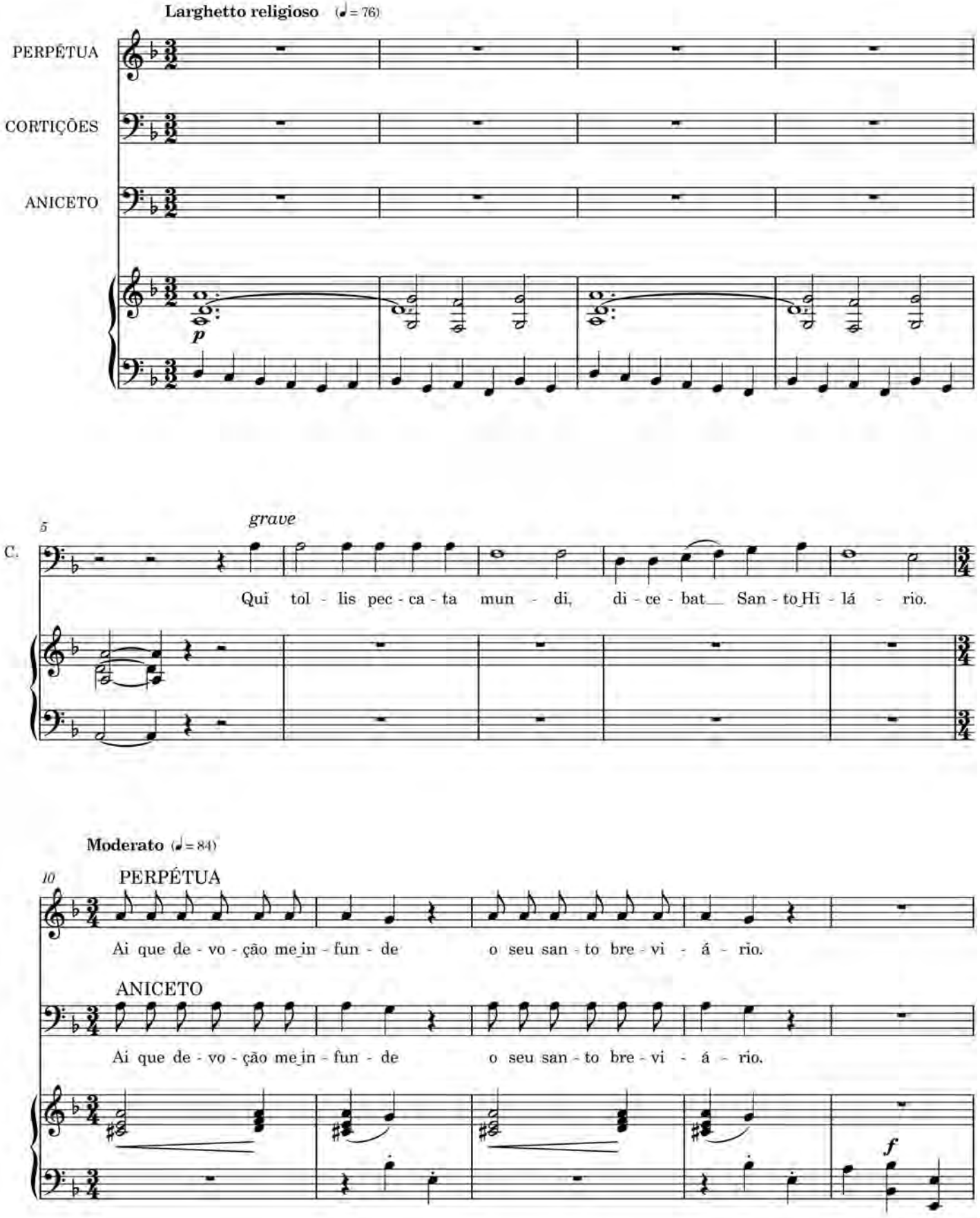


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
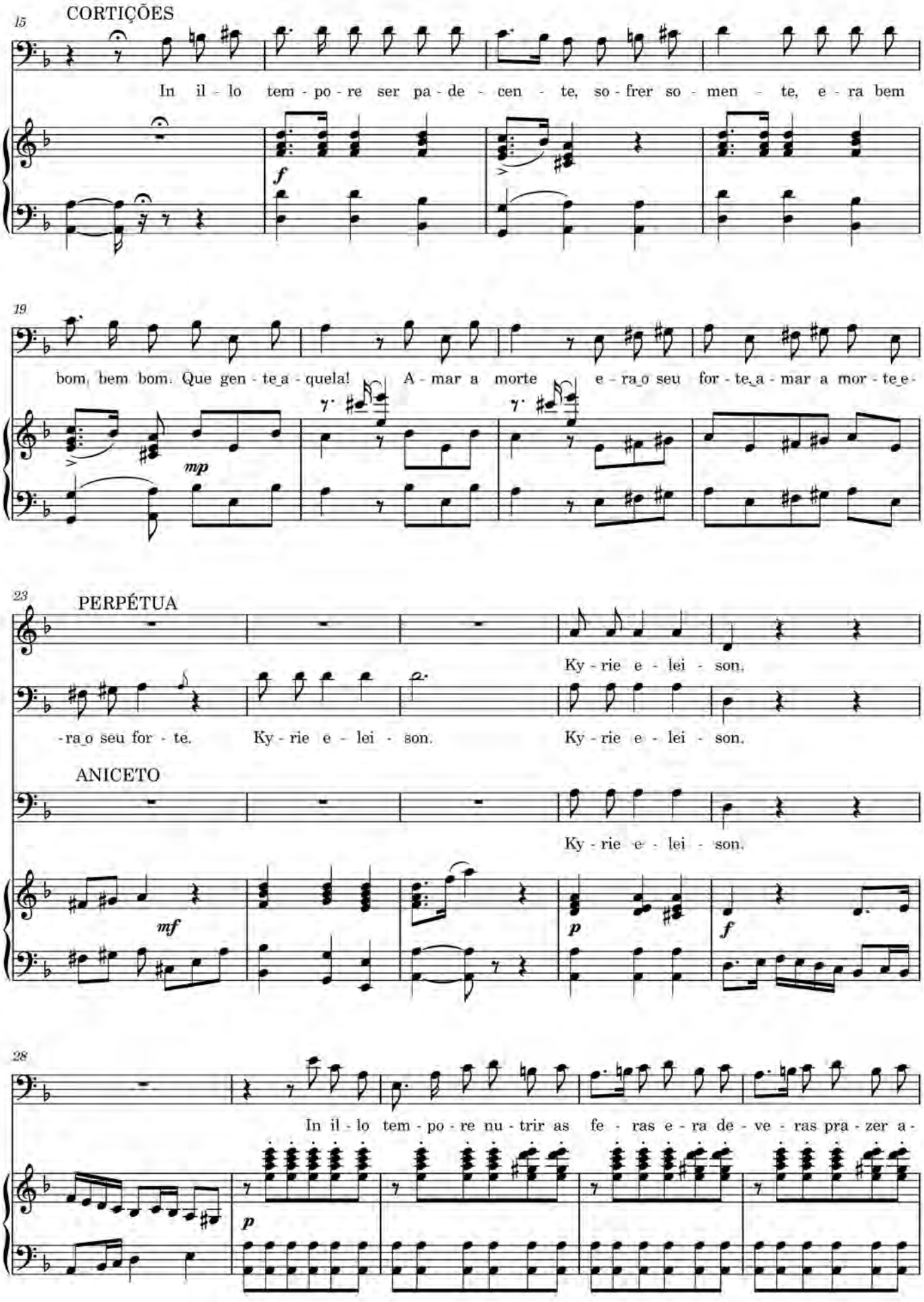


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 5 COPLAS DO BREVIÁRIO
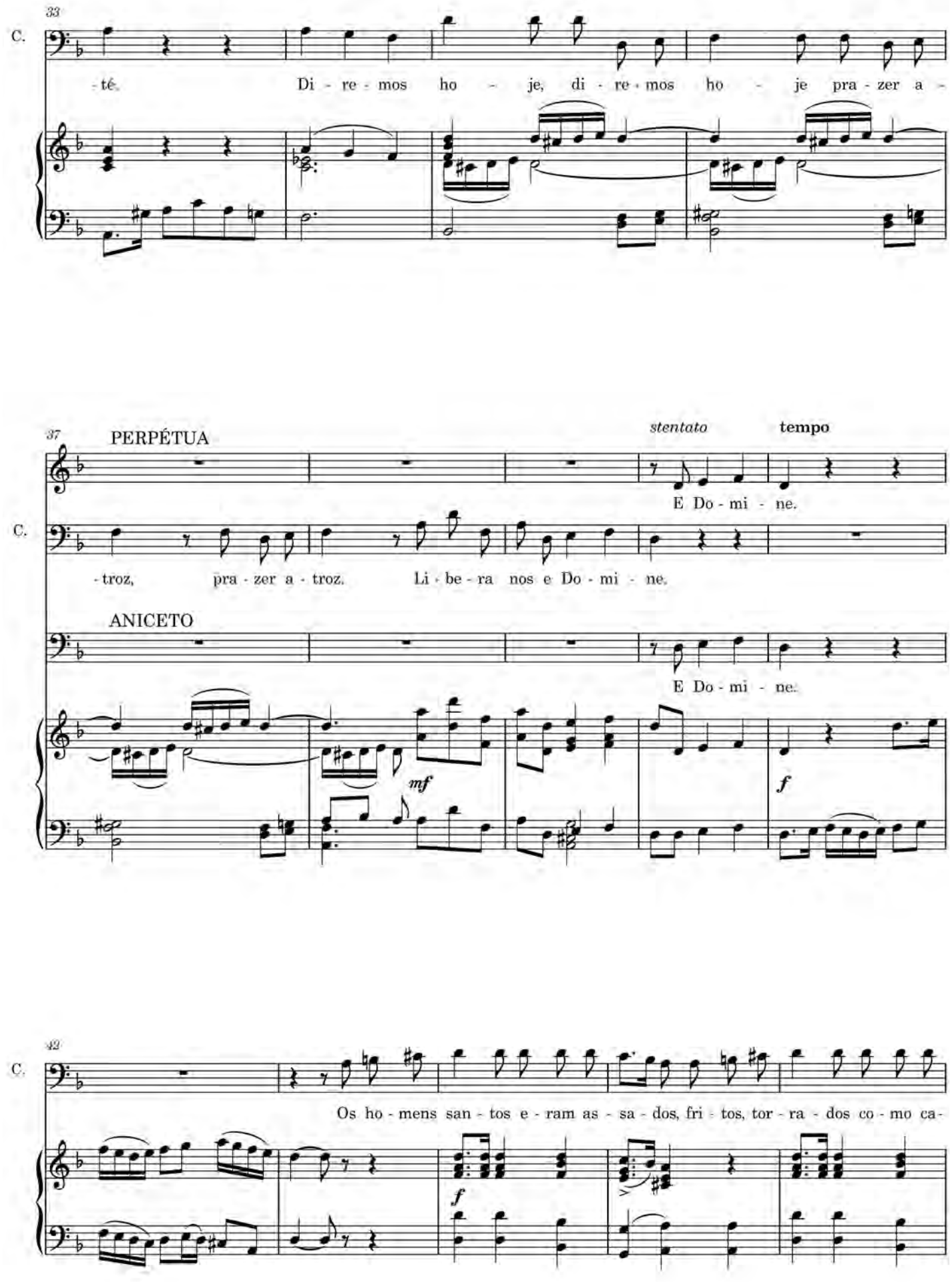


IMPRENSA NACIONAL
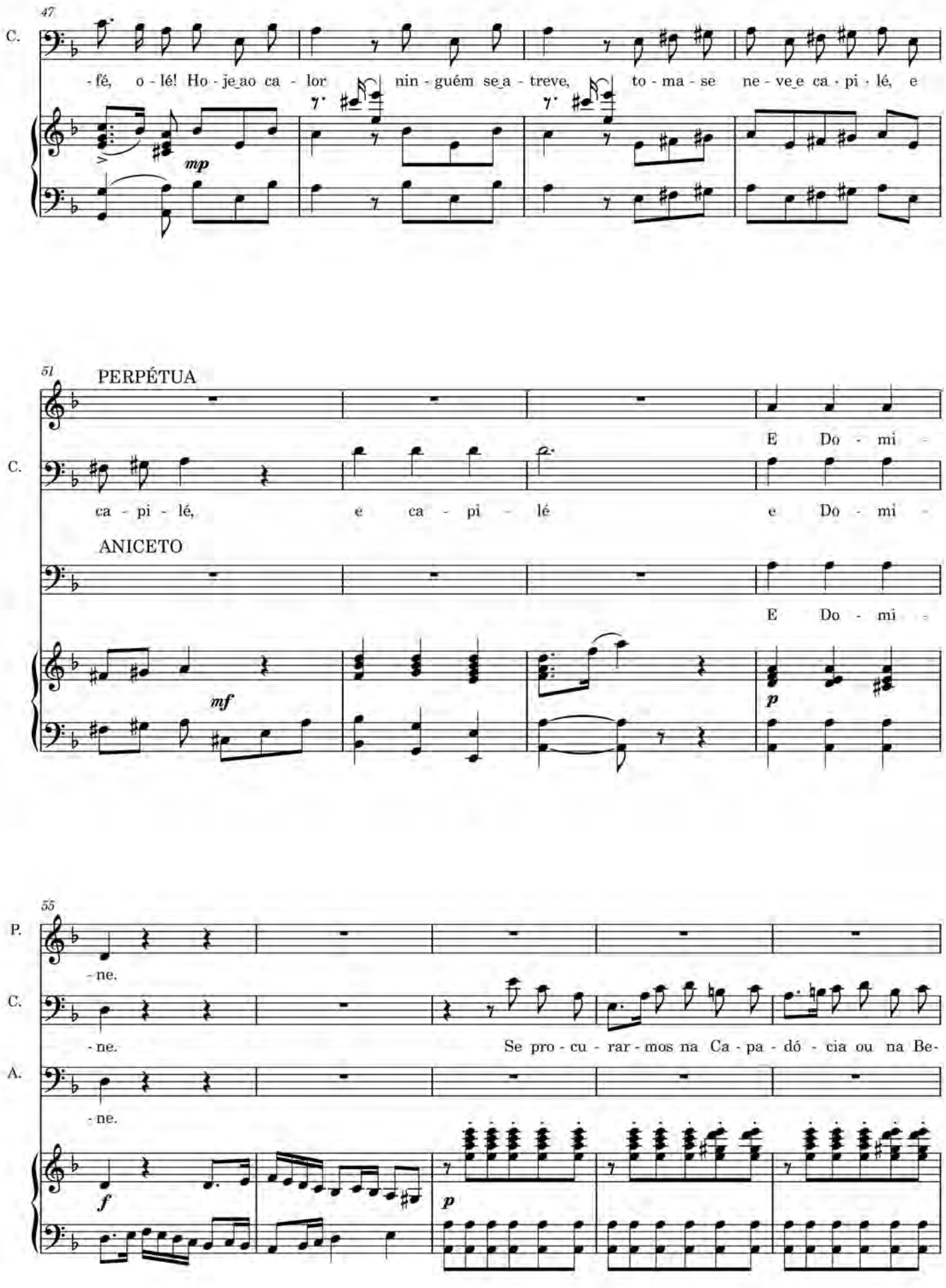
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
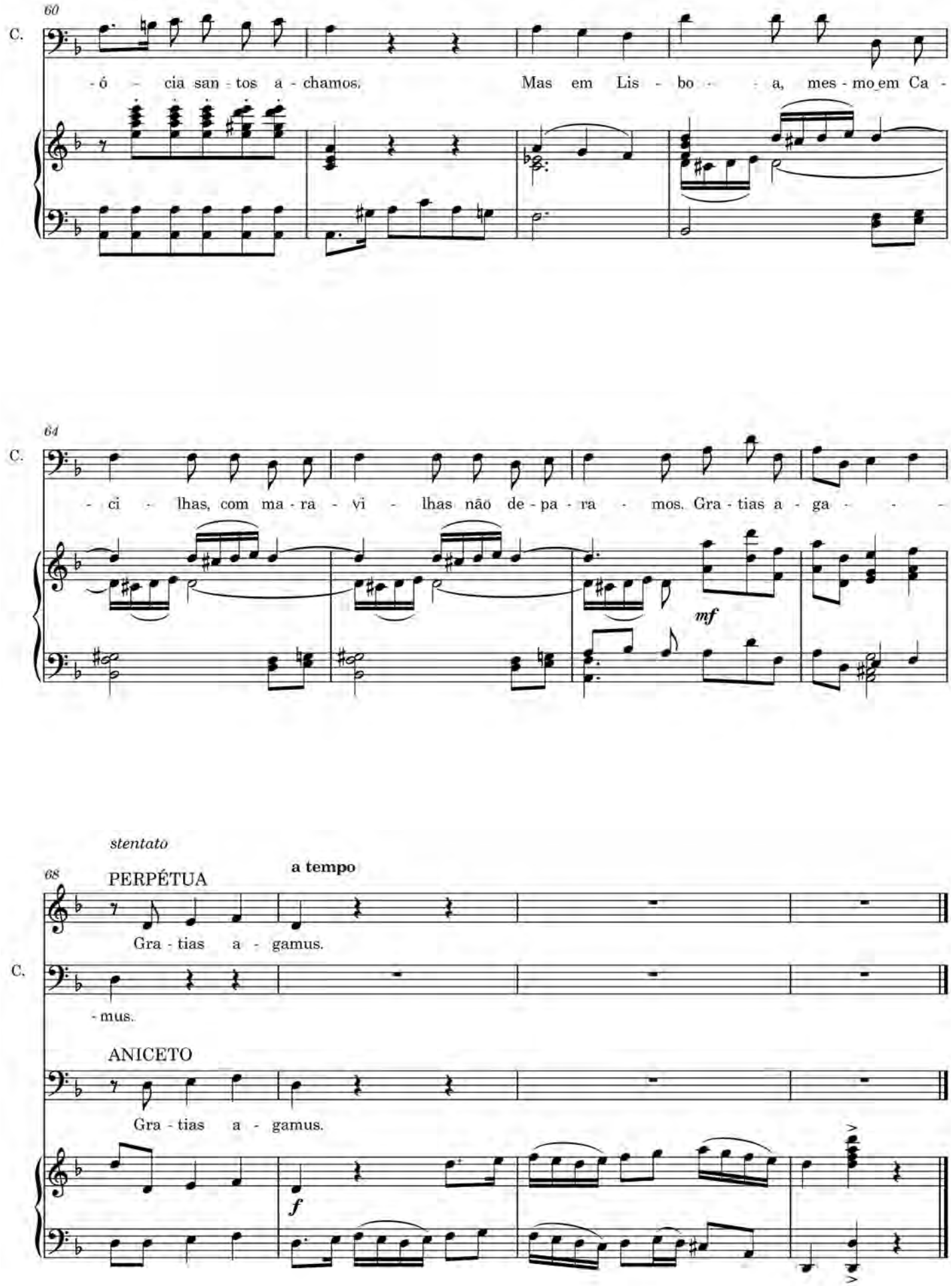


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
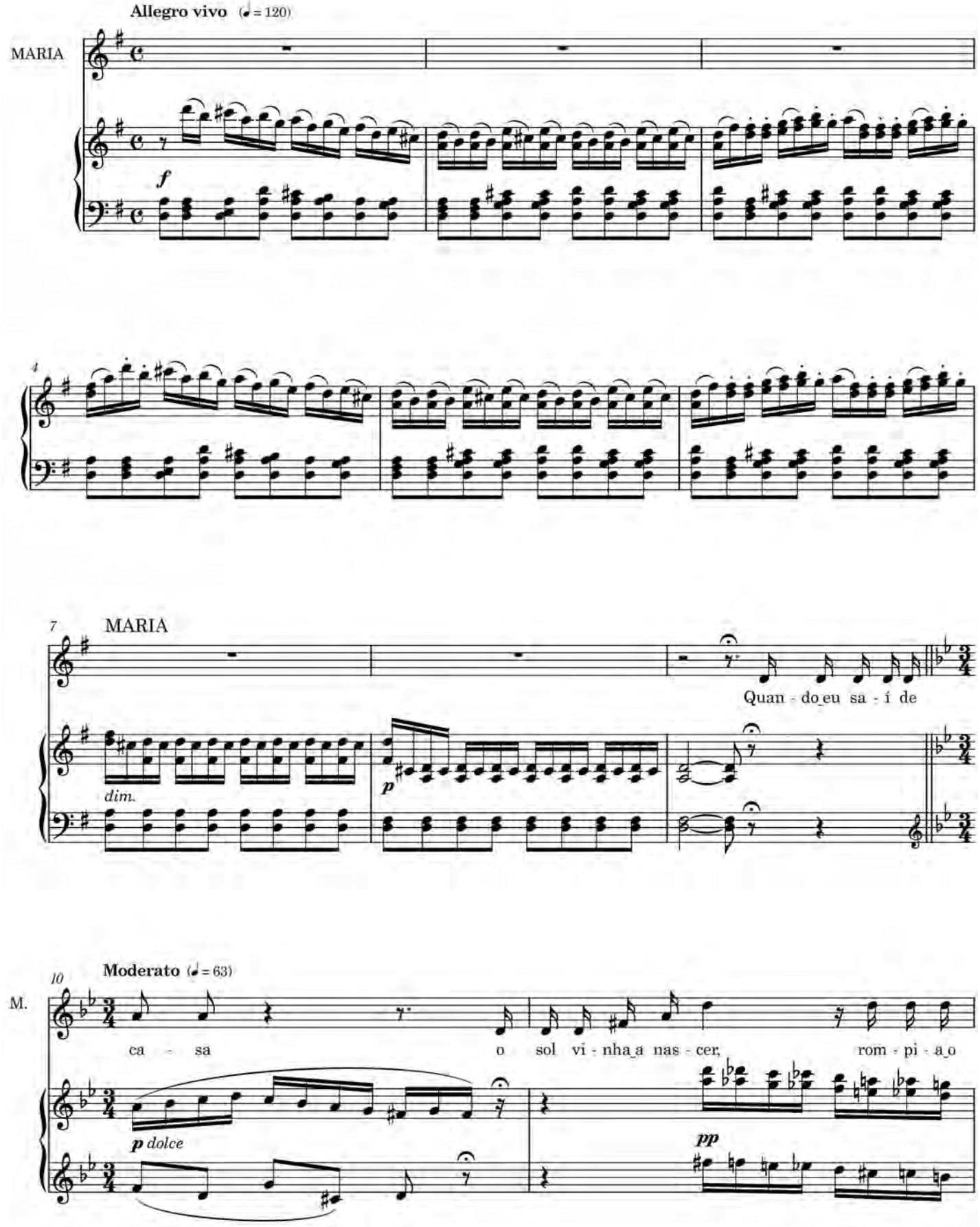


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
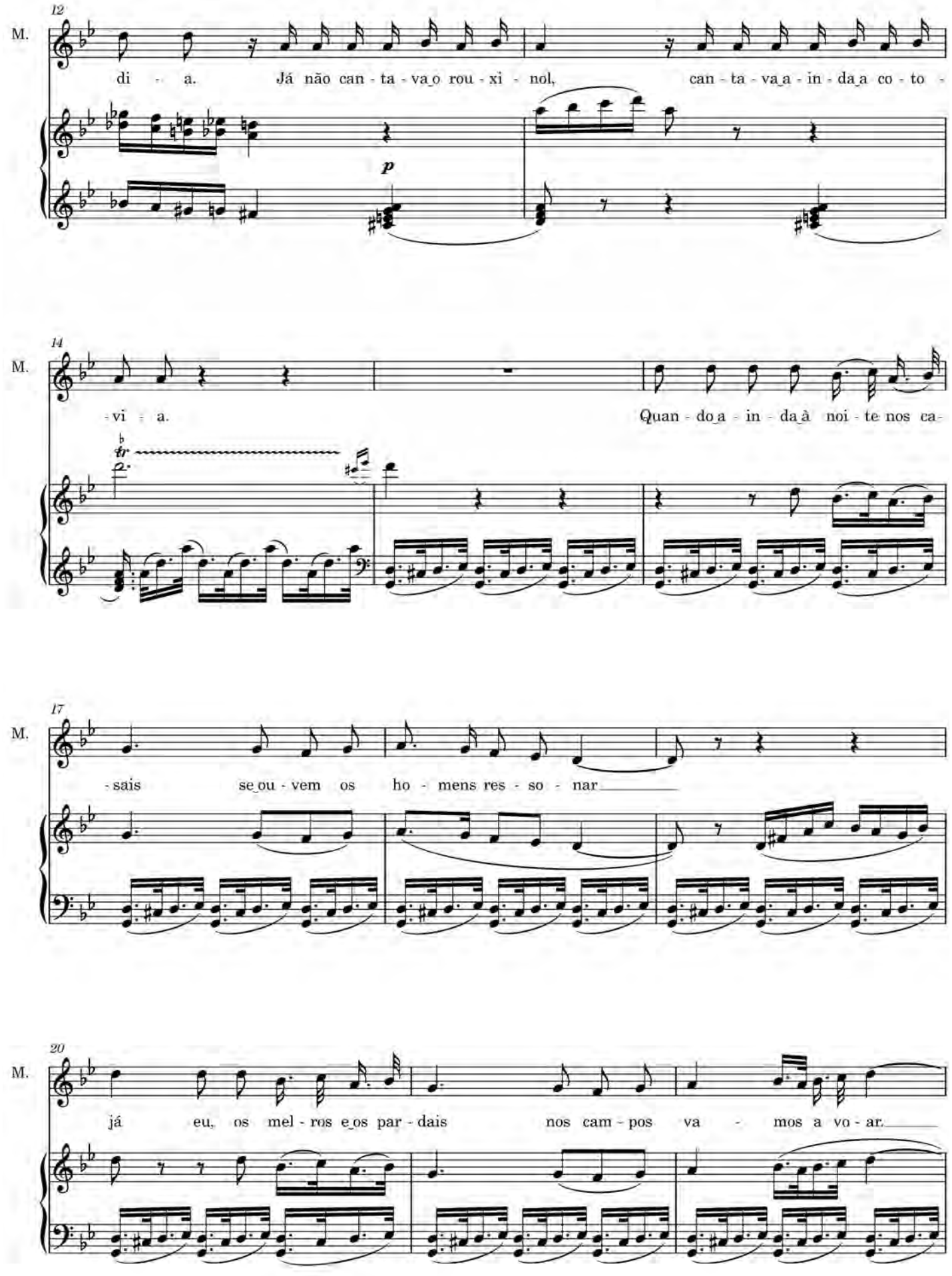


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
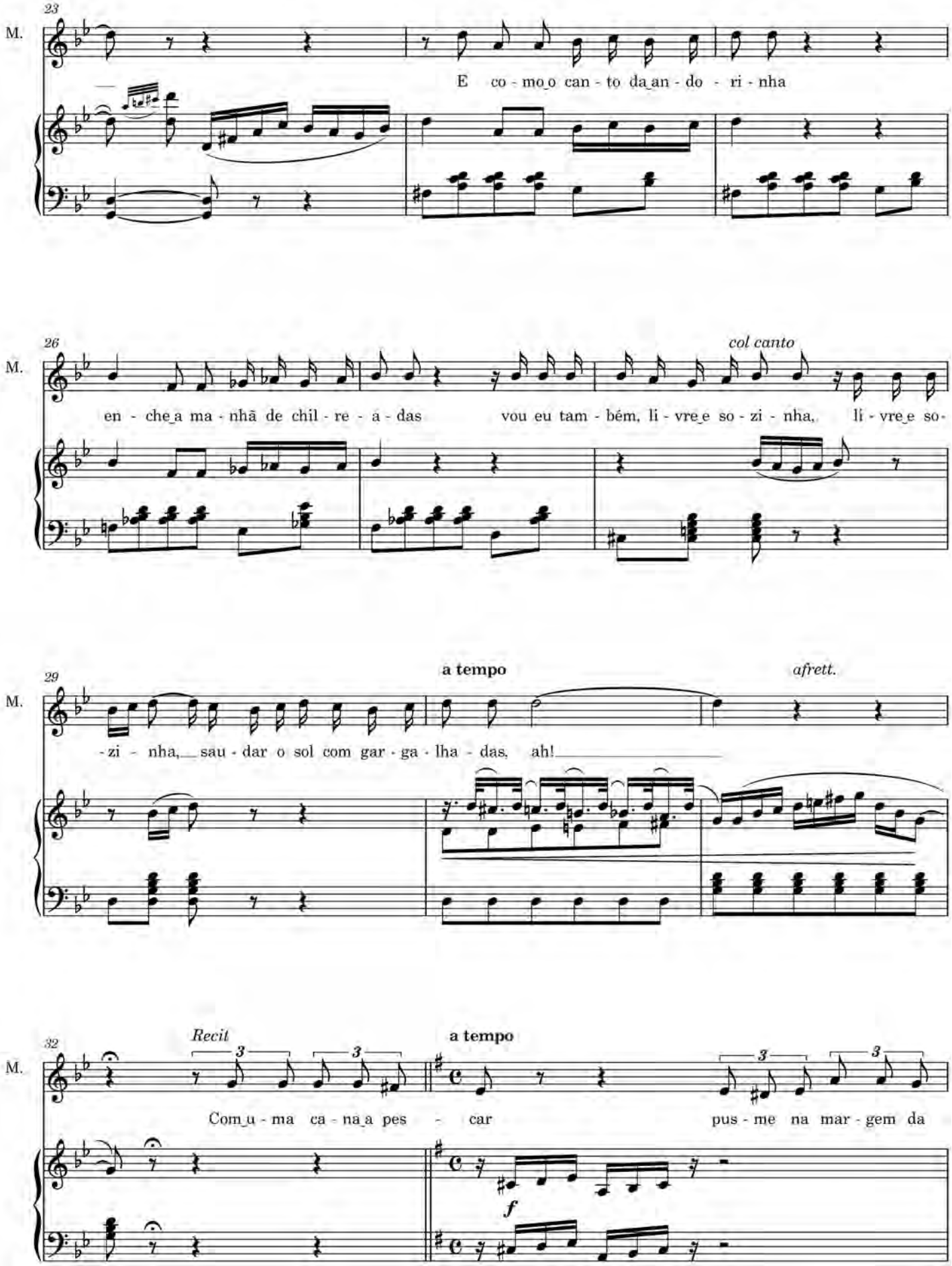
N.º 6 CENA E COPLAS MARIA
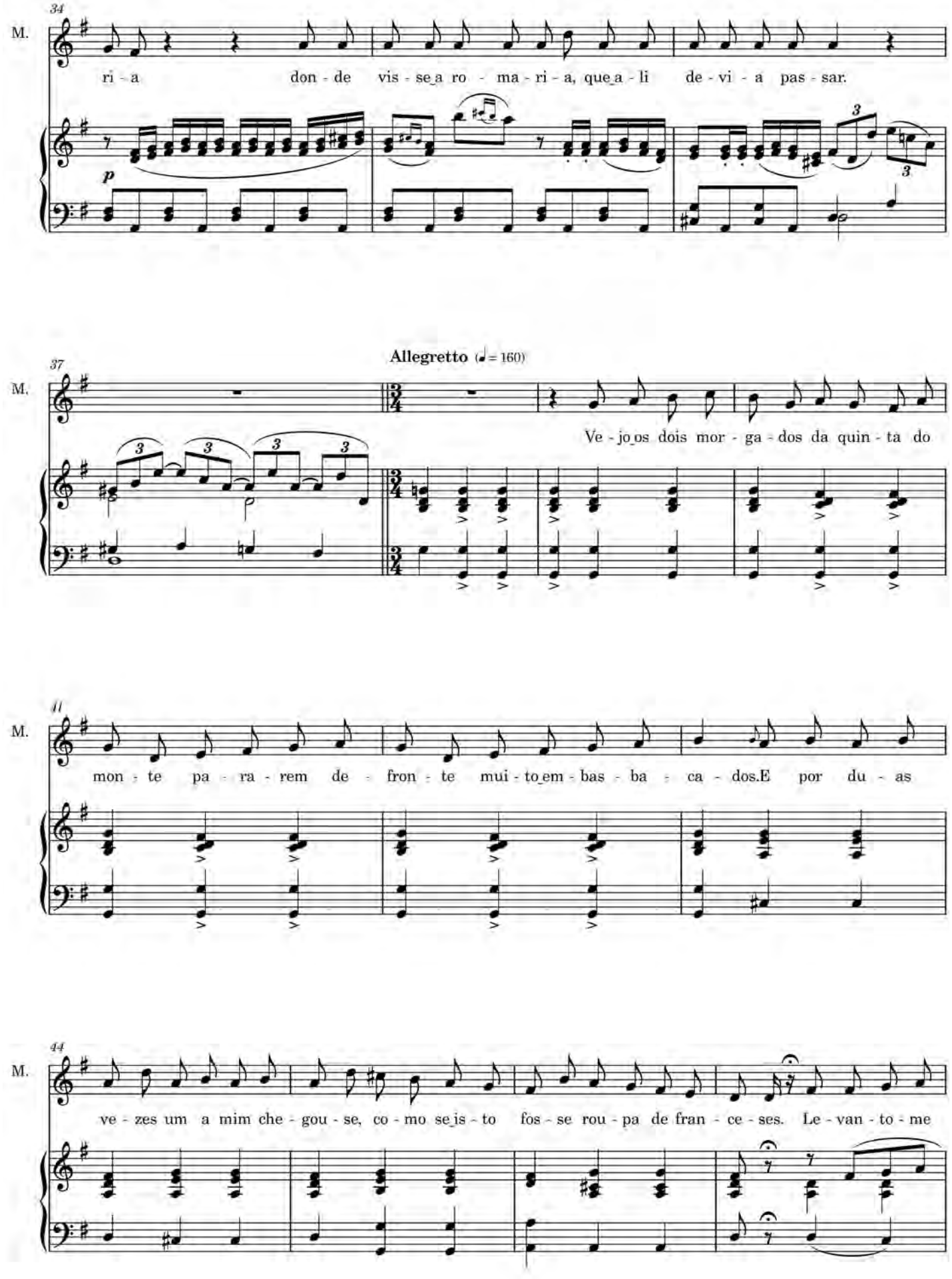


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
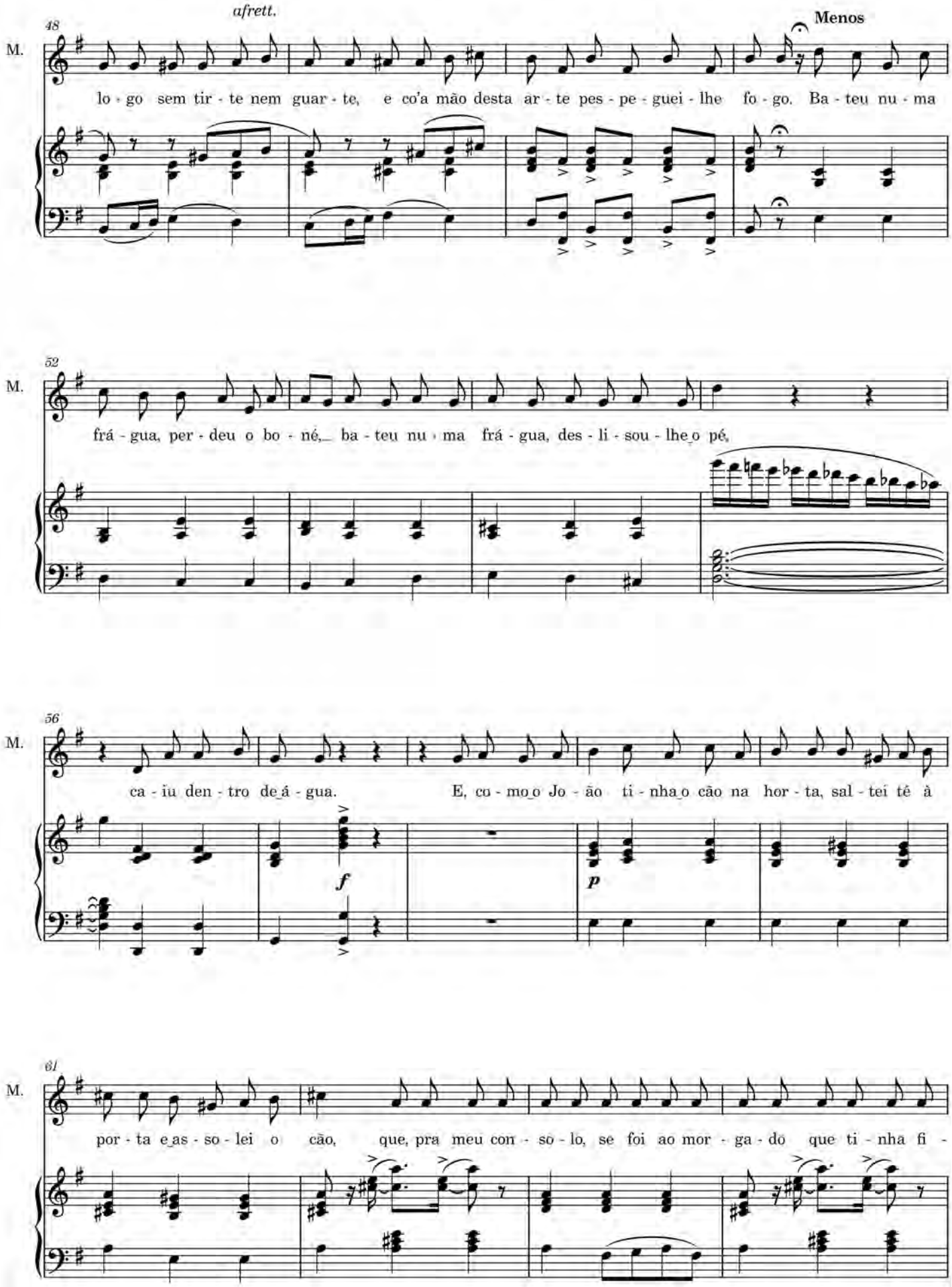


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
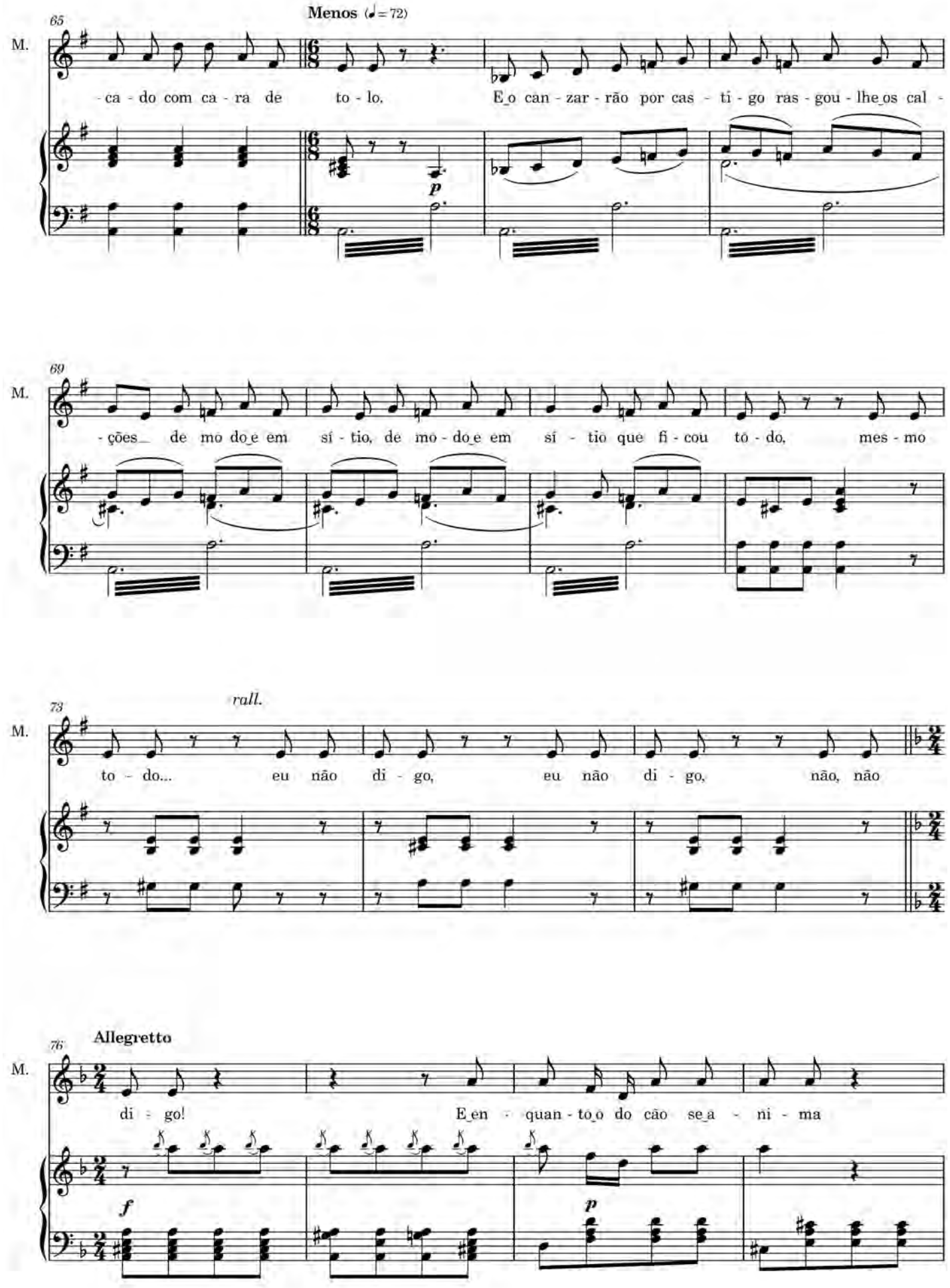


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
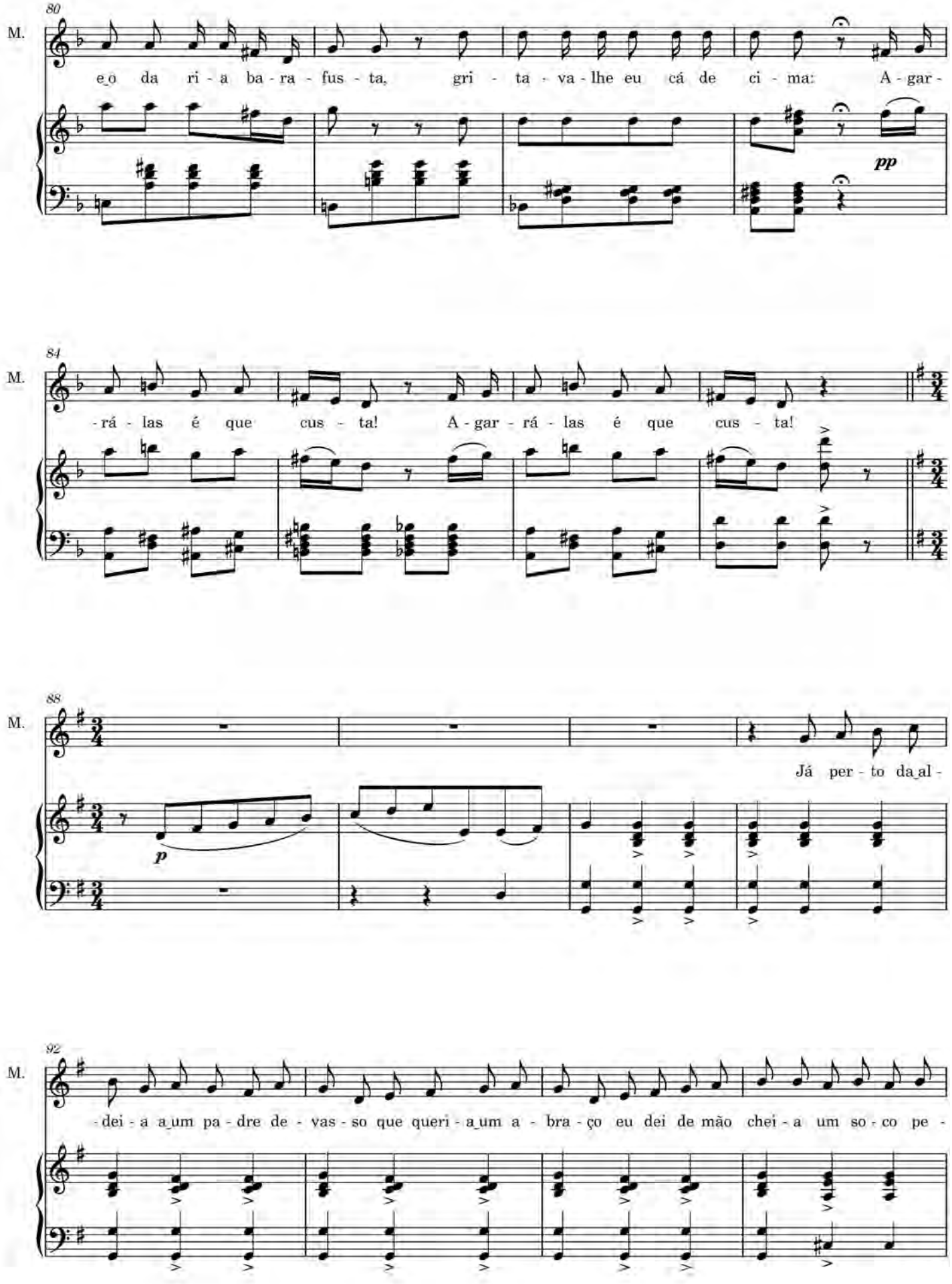


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
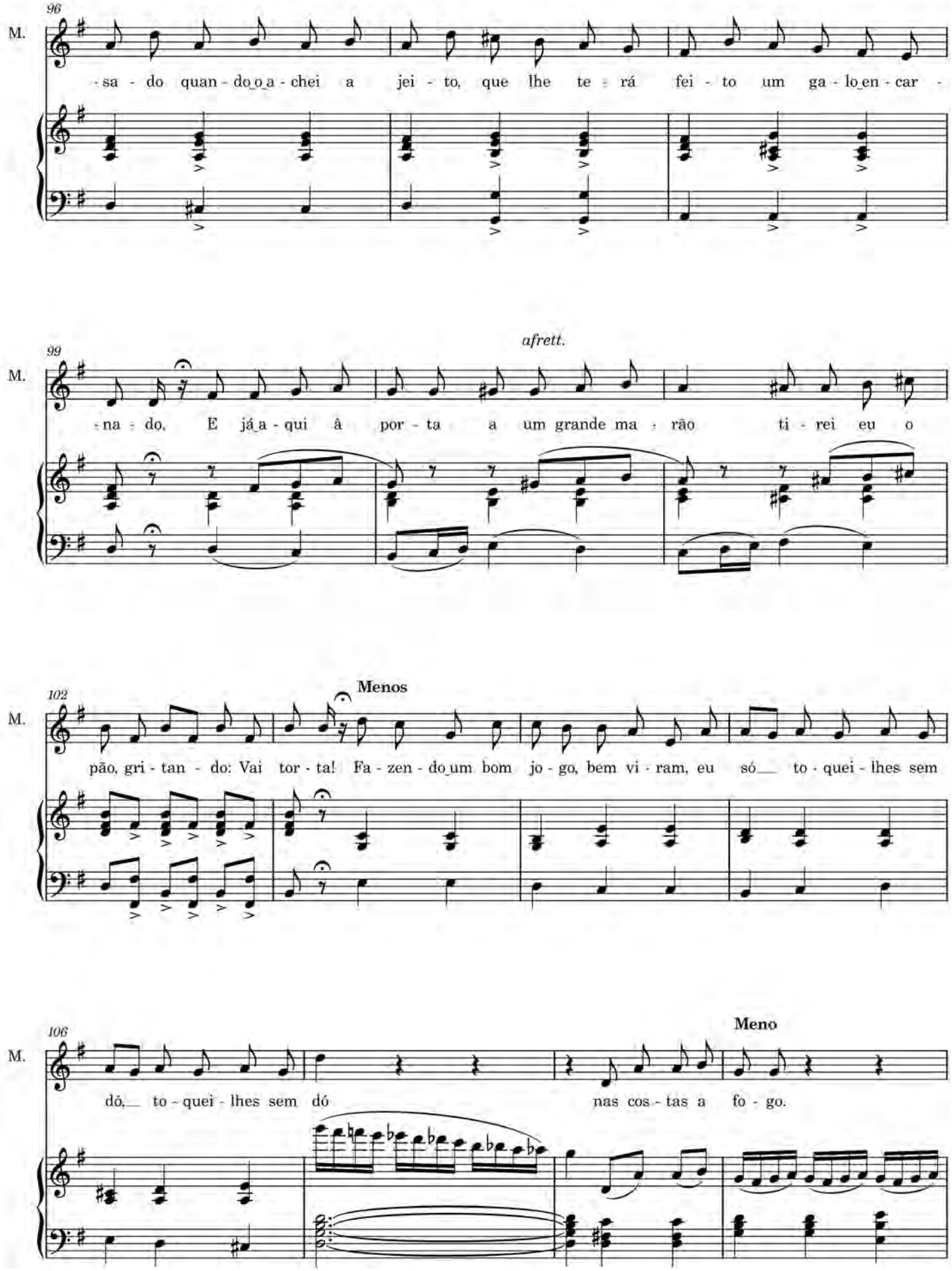


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
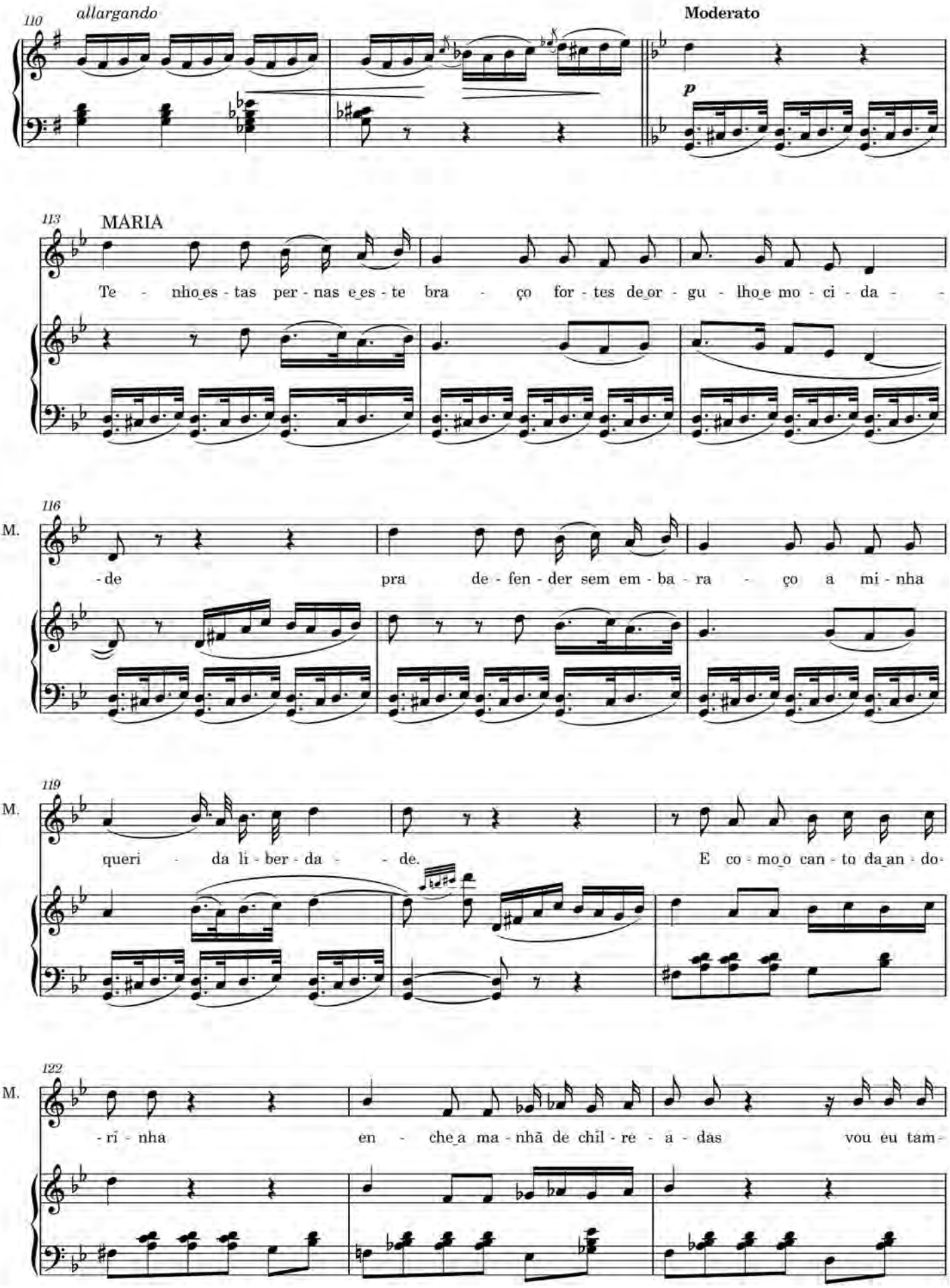


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
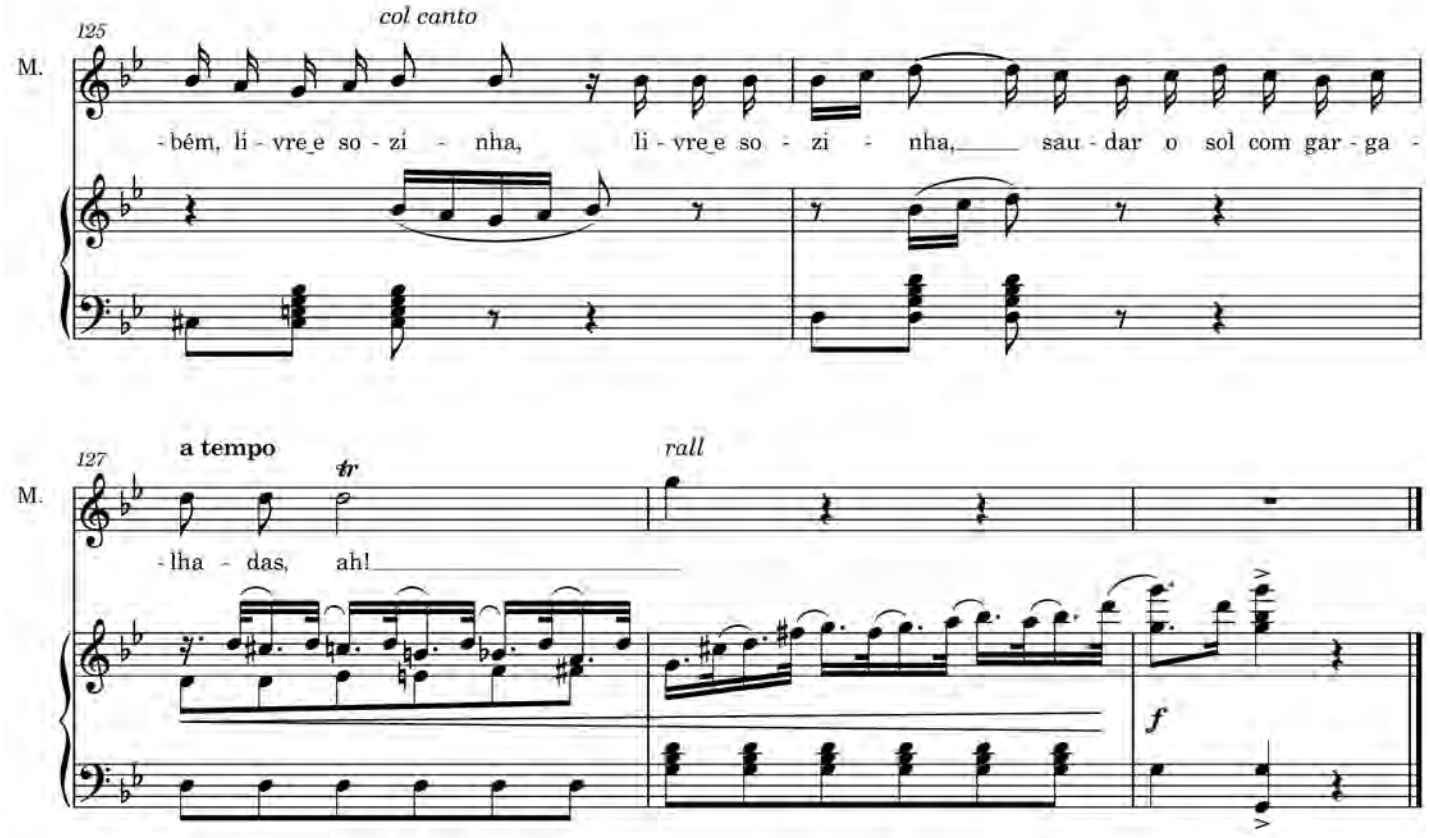


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
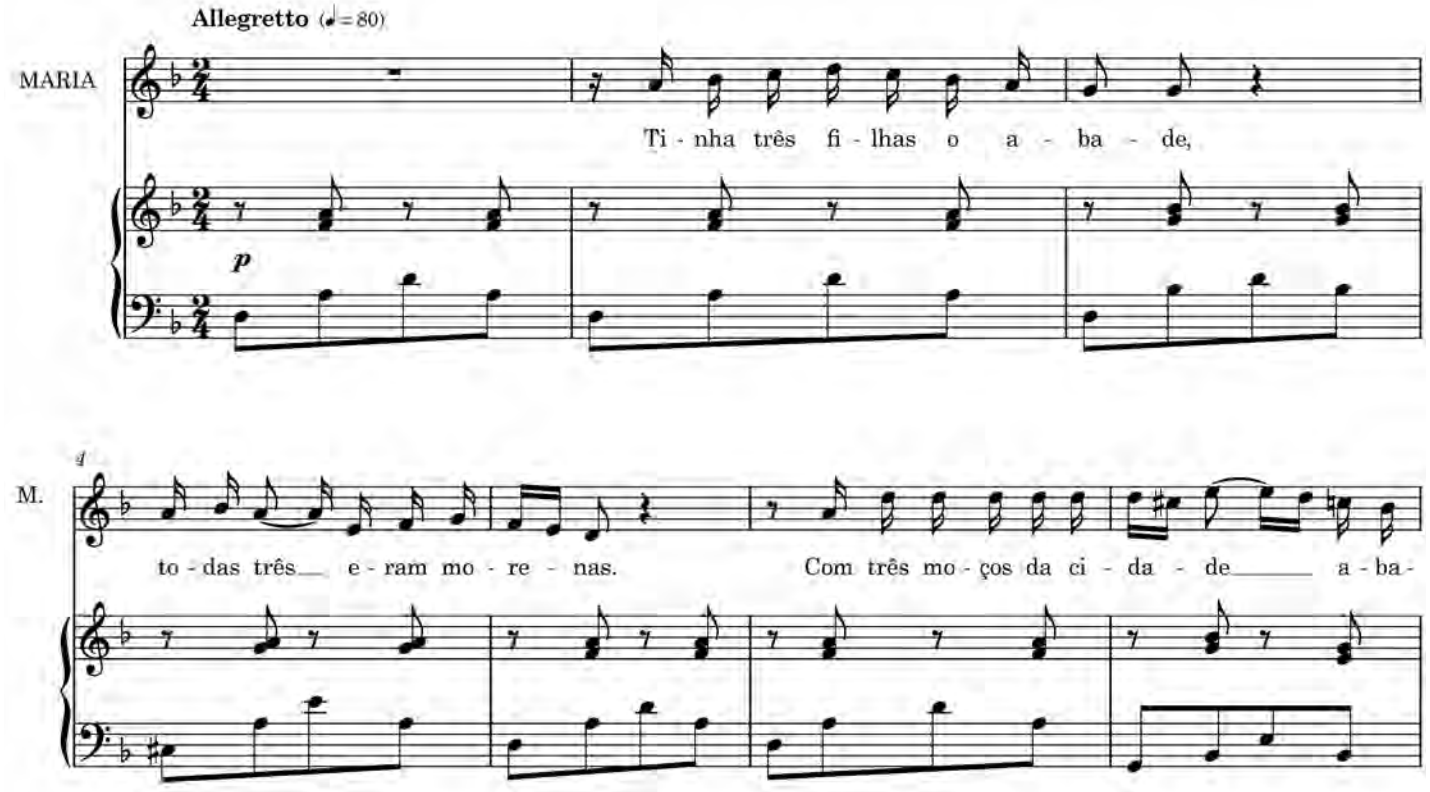


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
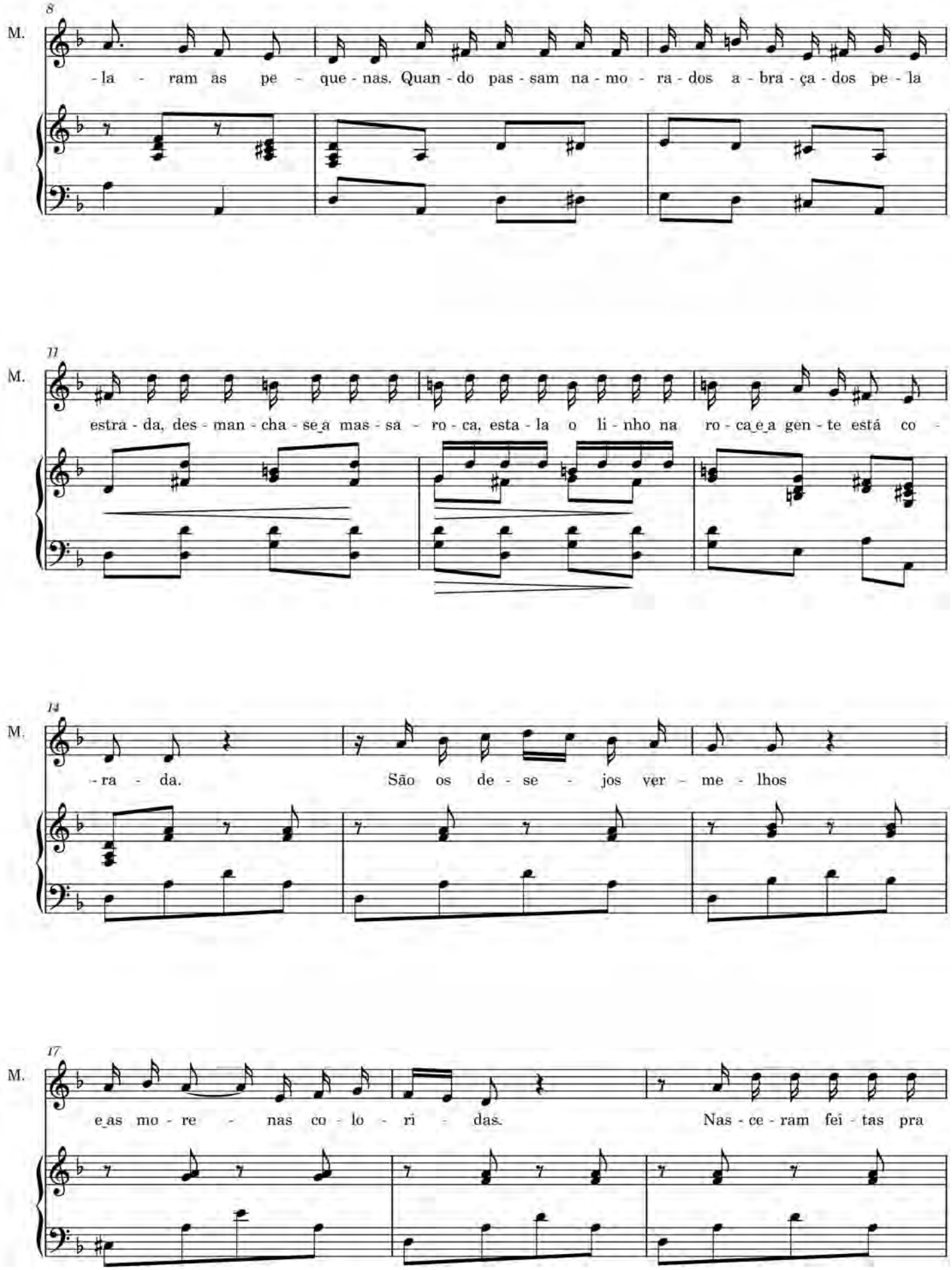


N.º 7 CANTIGA MARIA
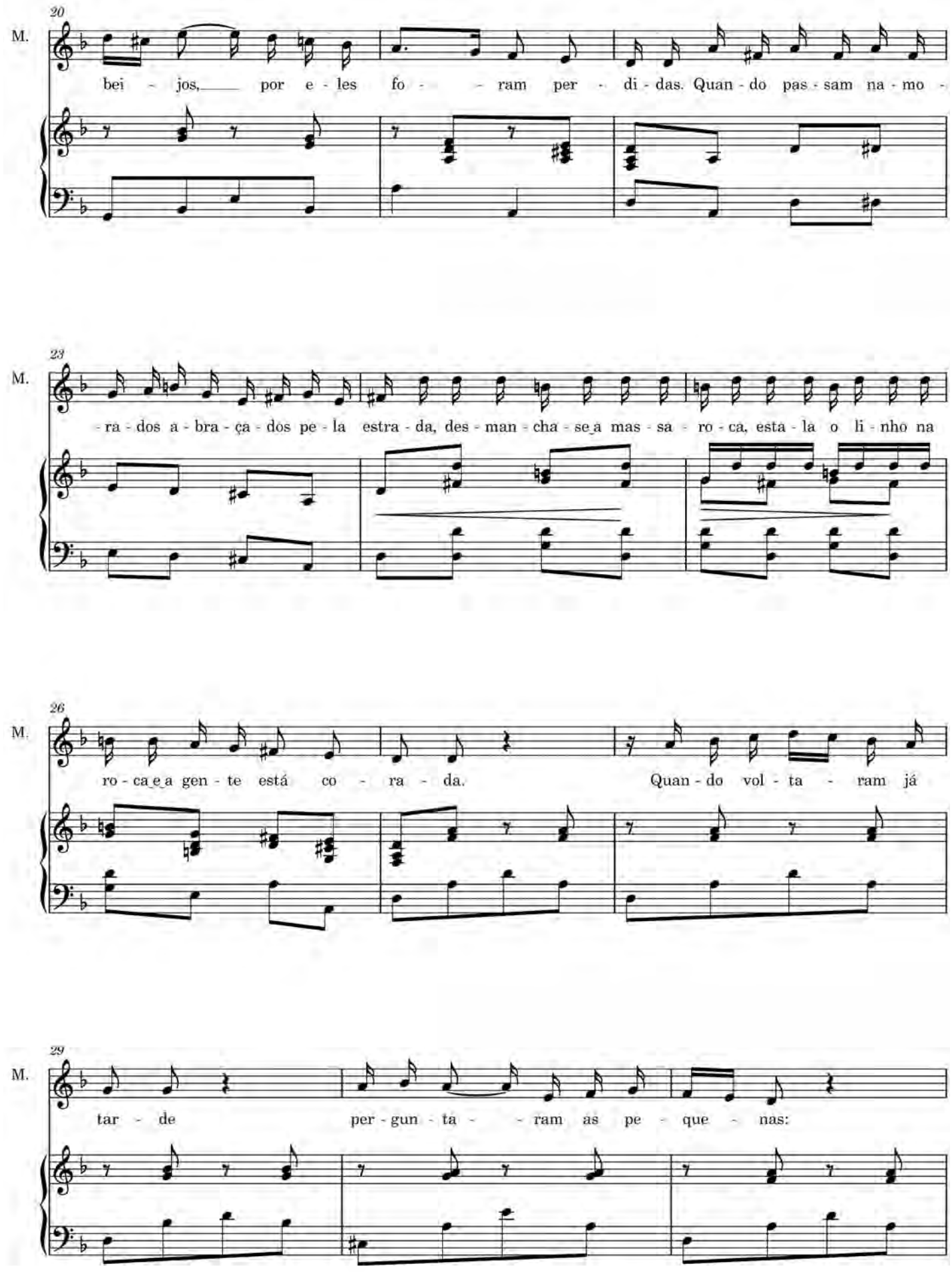


IMPRENSA NACIONAL
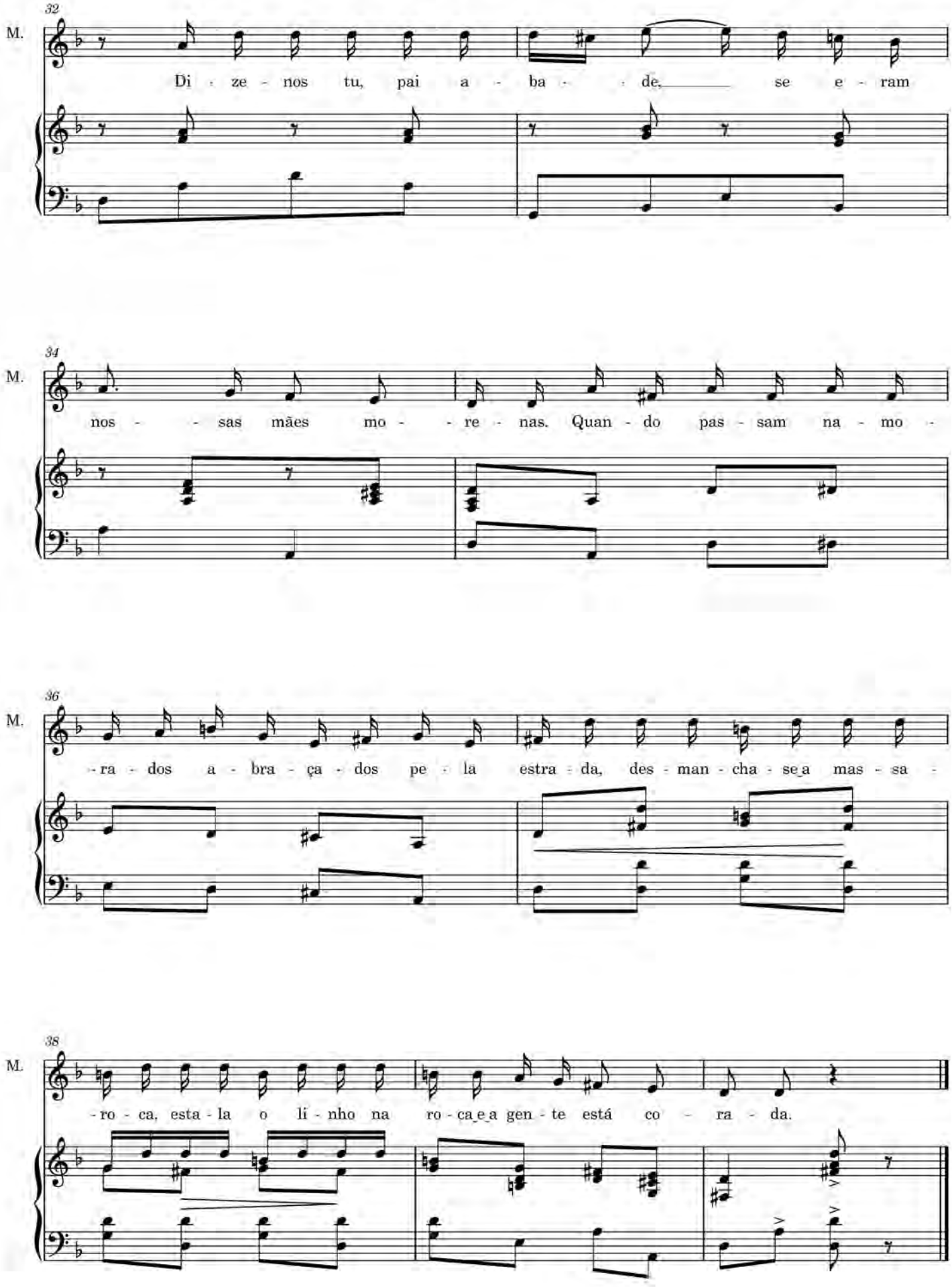
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

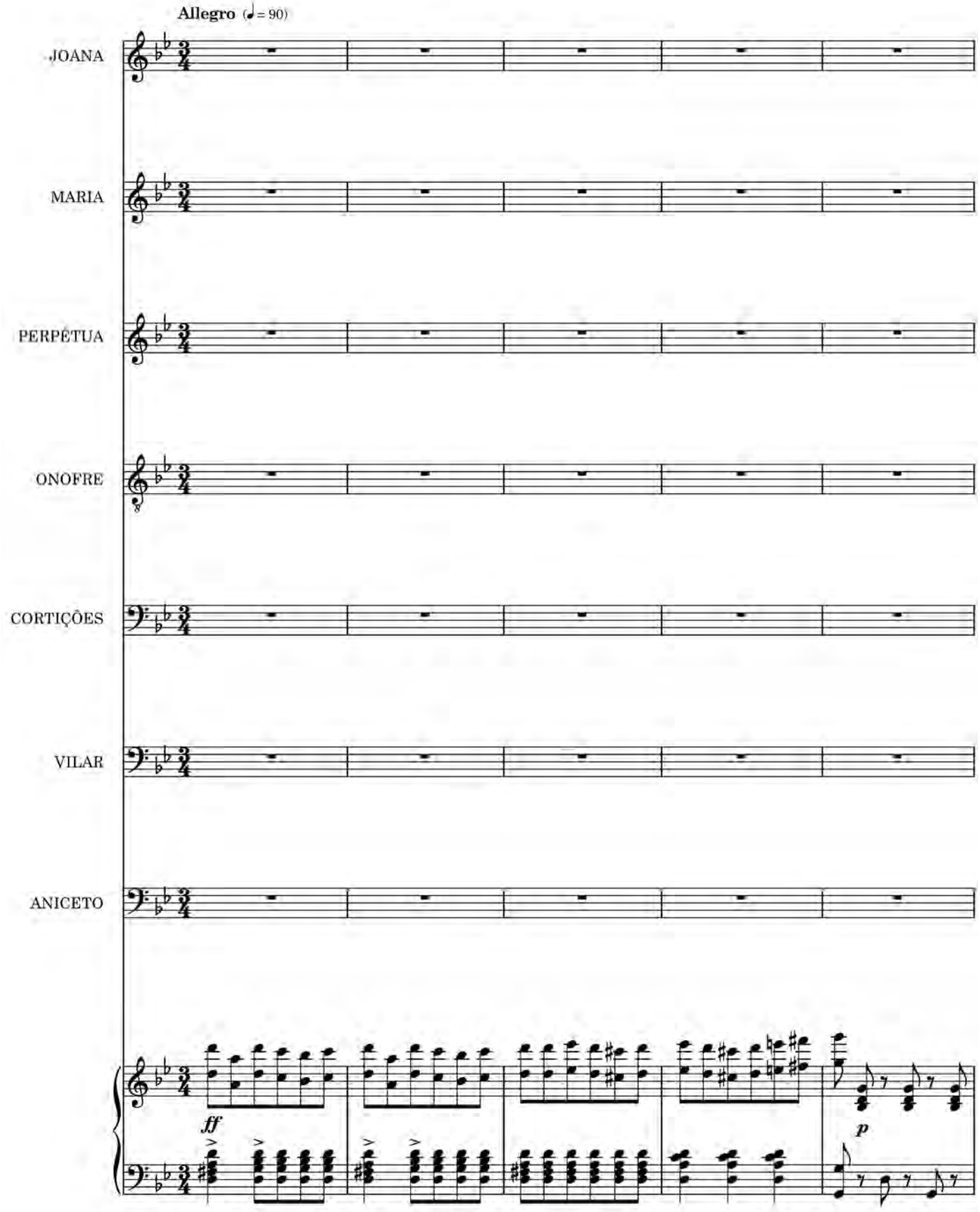


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
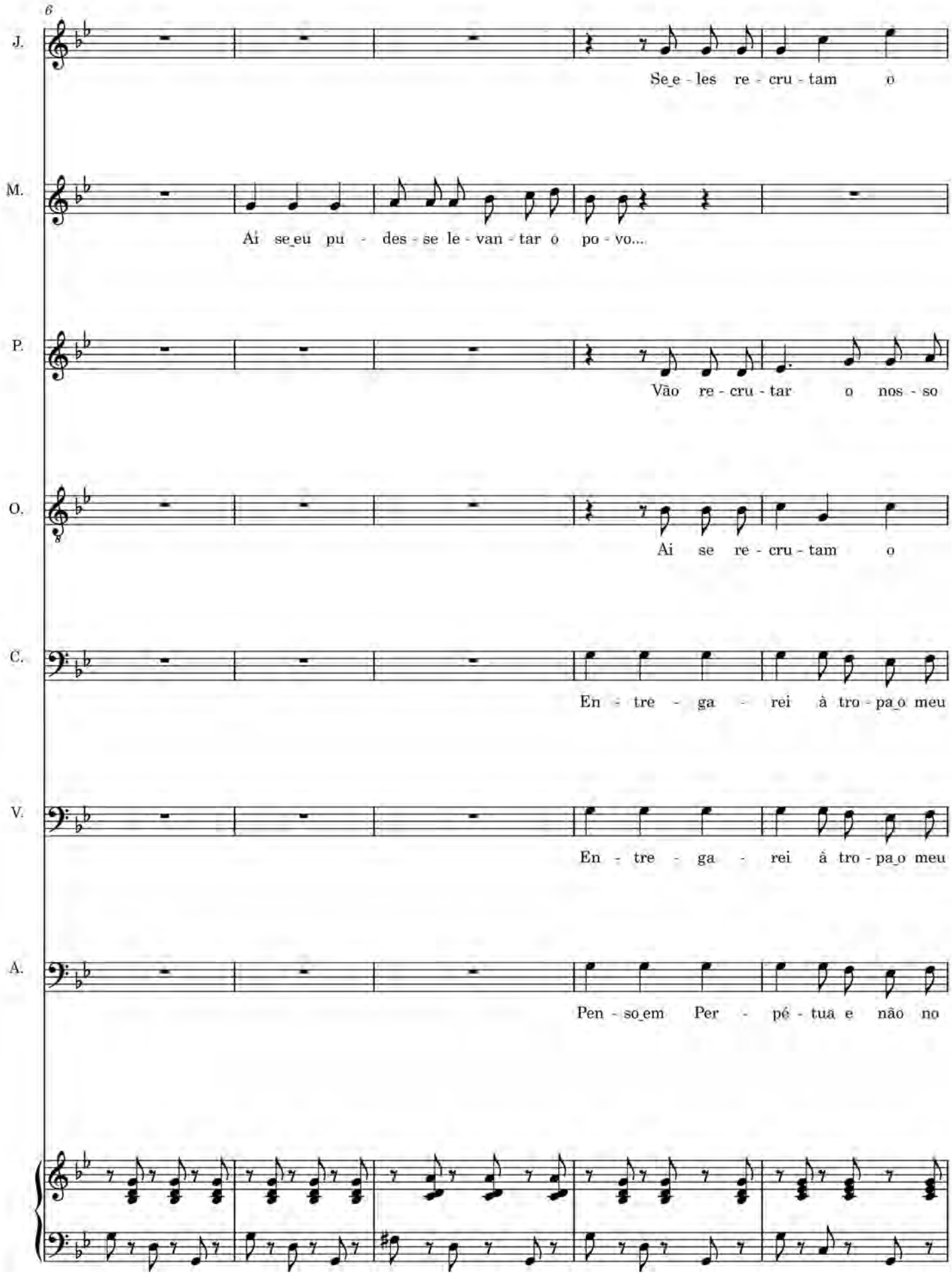


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
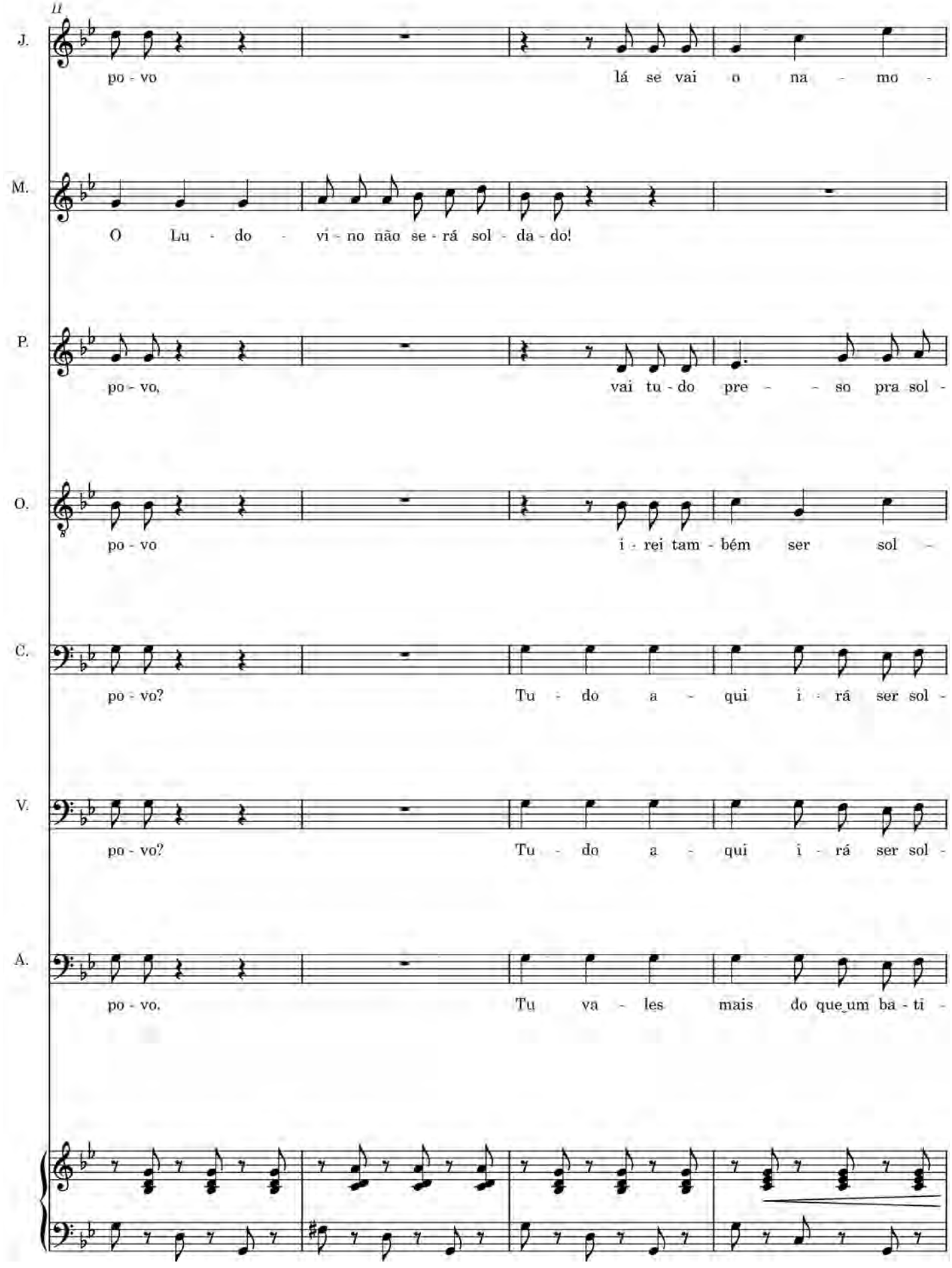
N.º 8 FINAL I
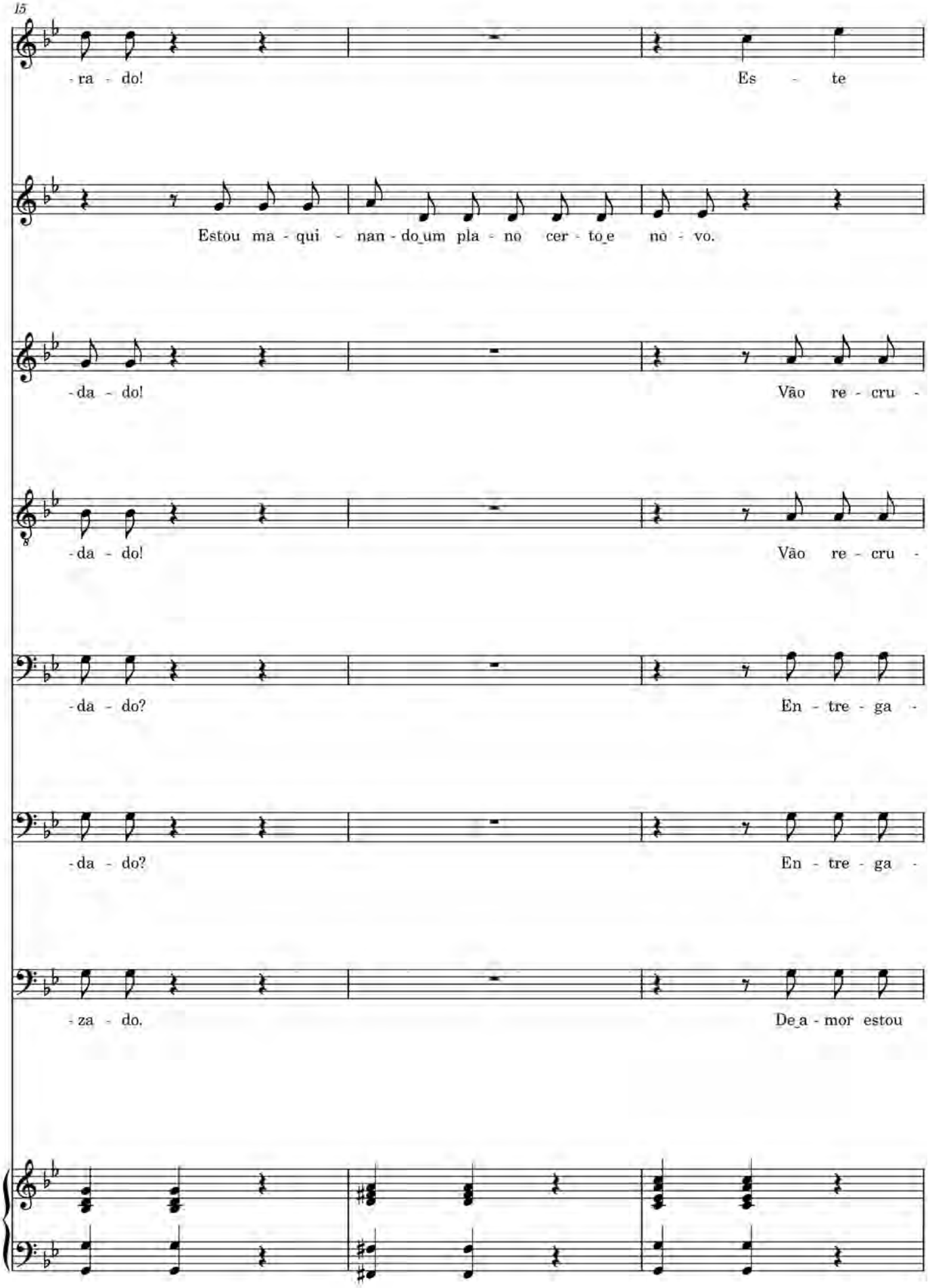


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
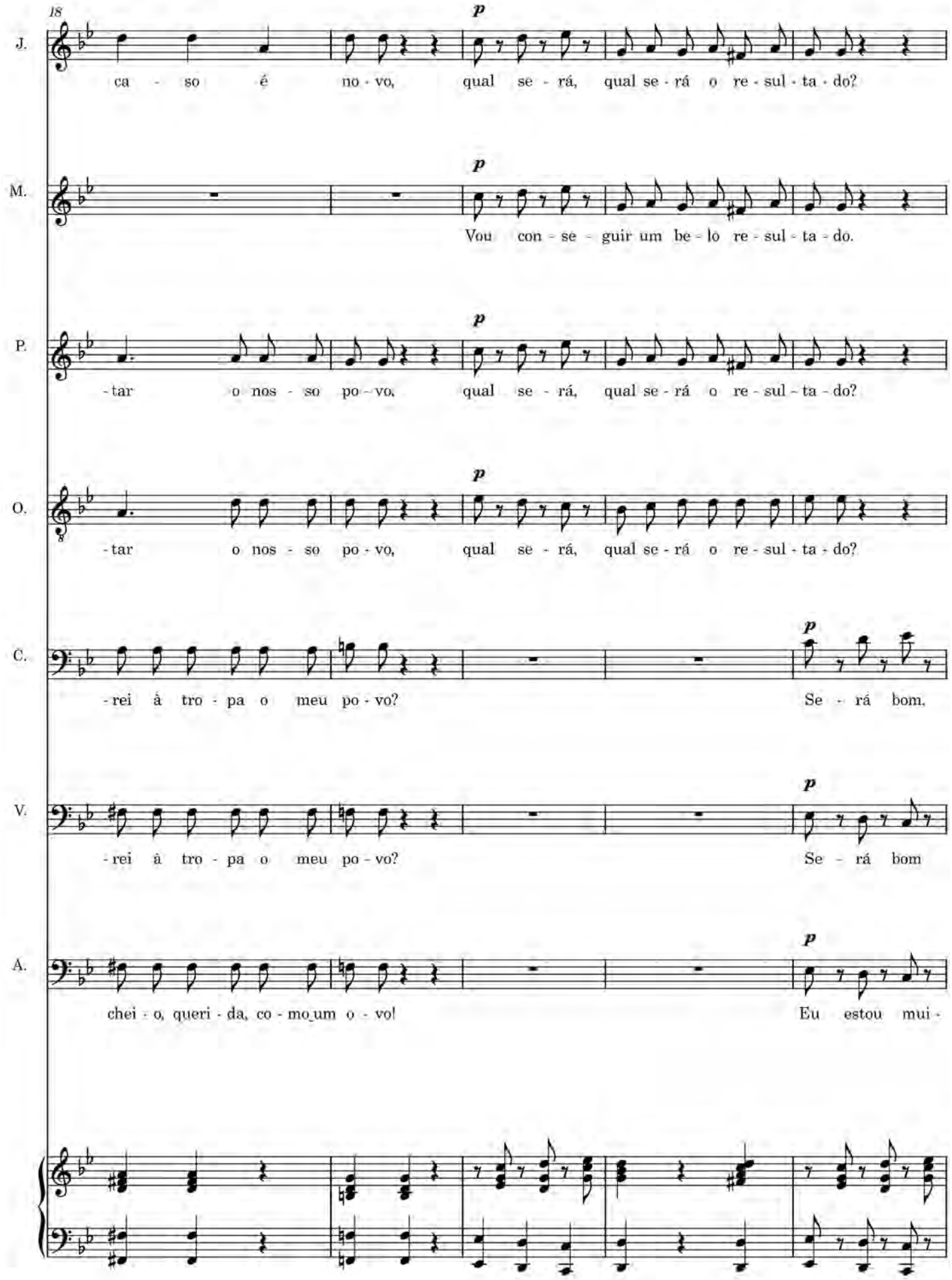


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
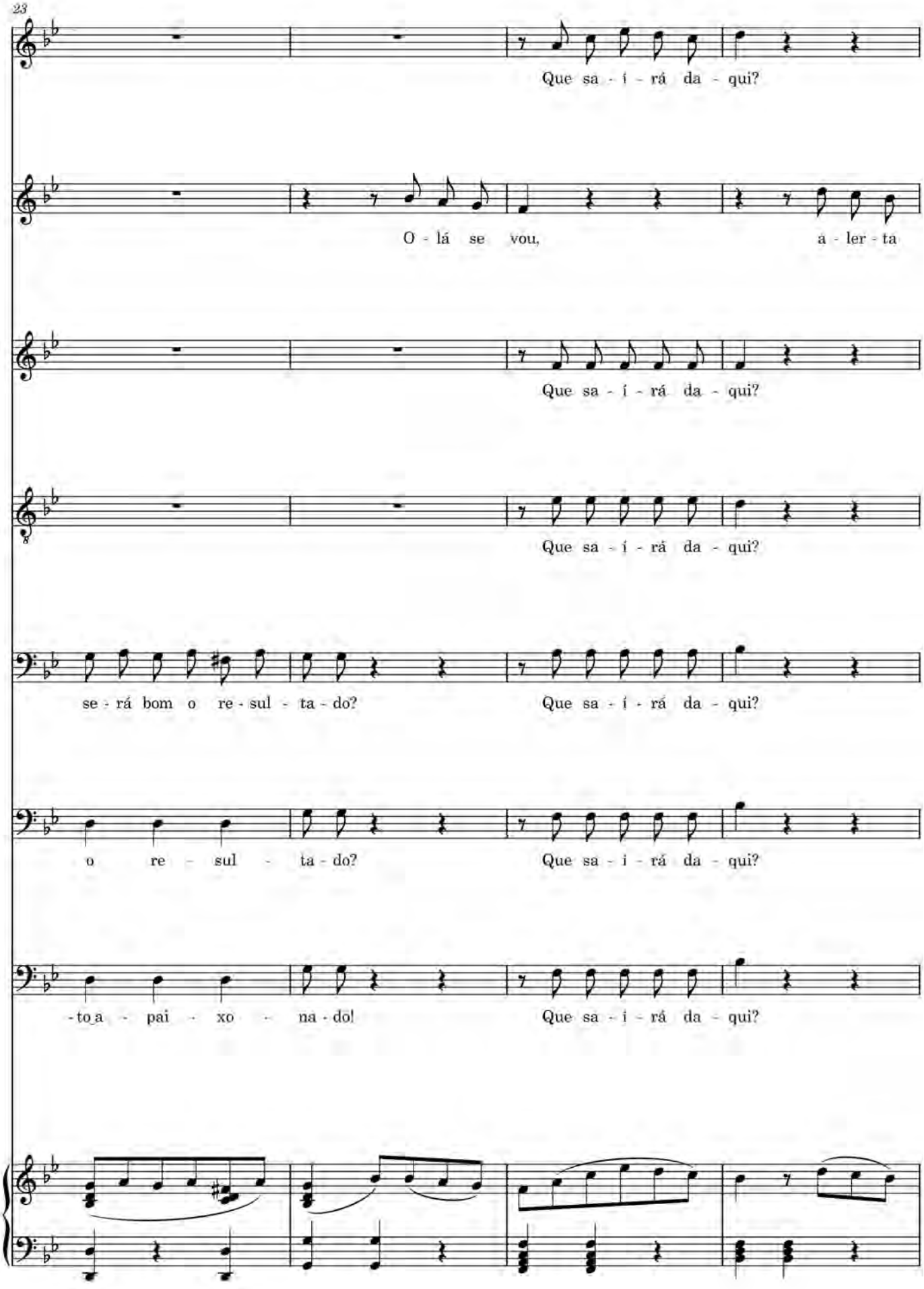


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
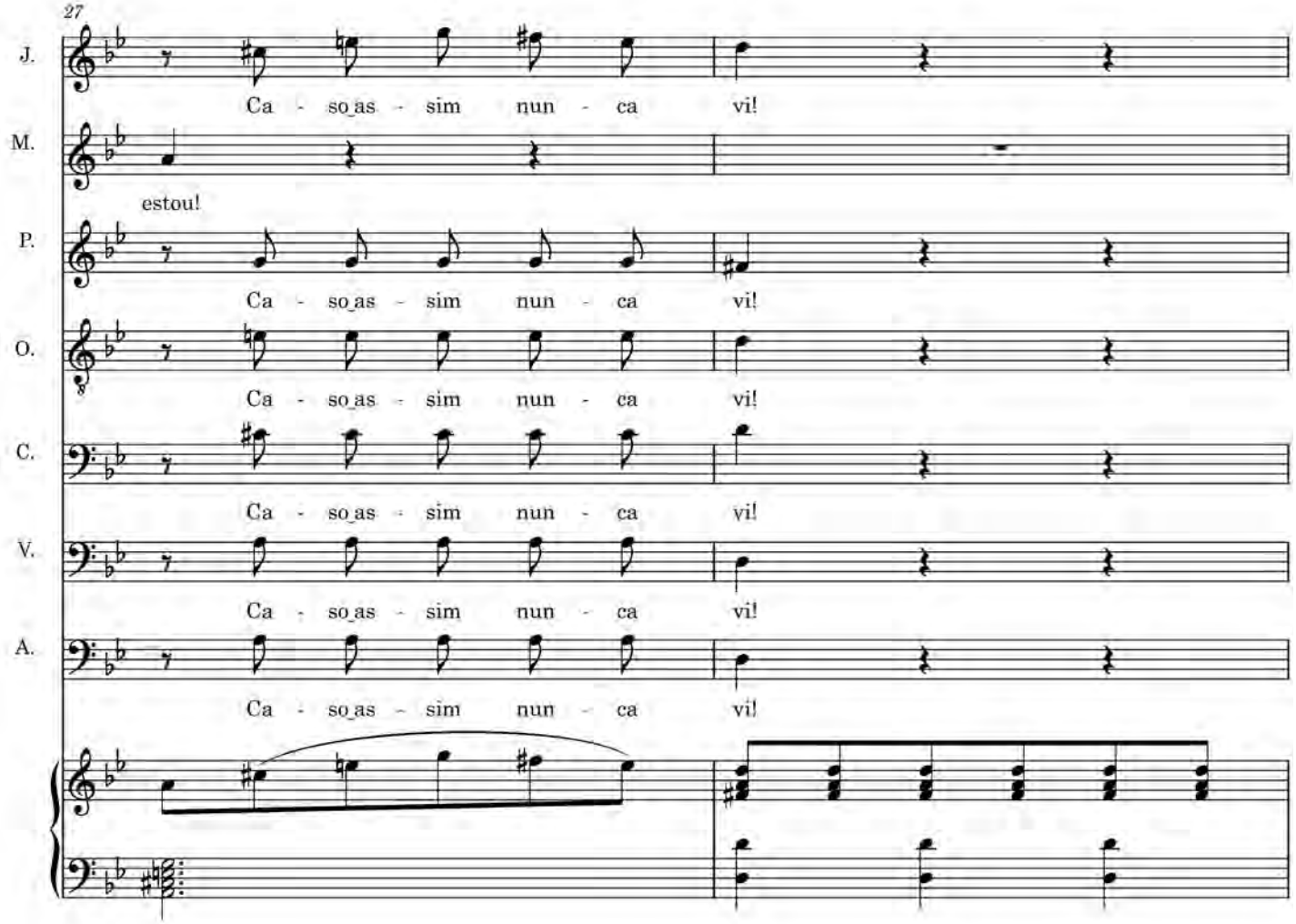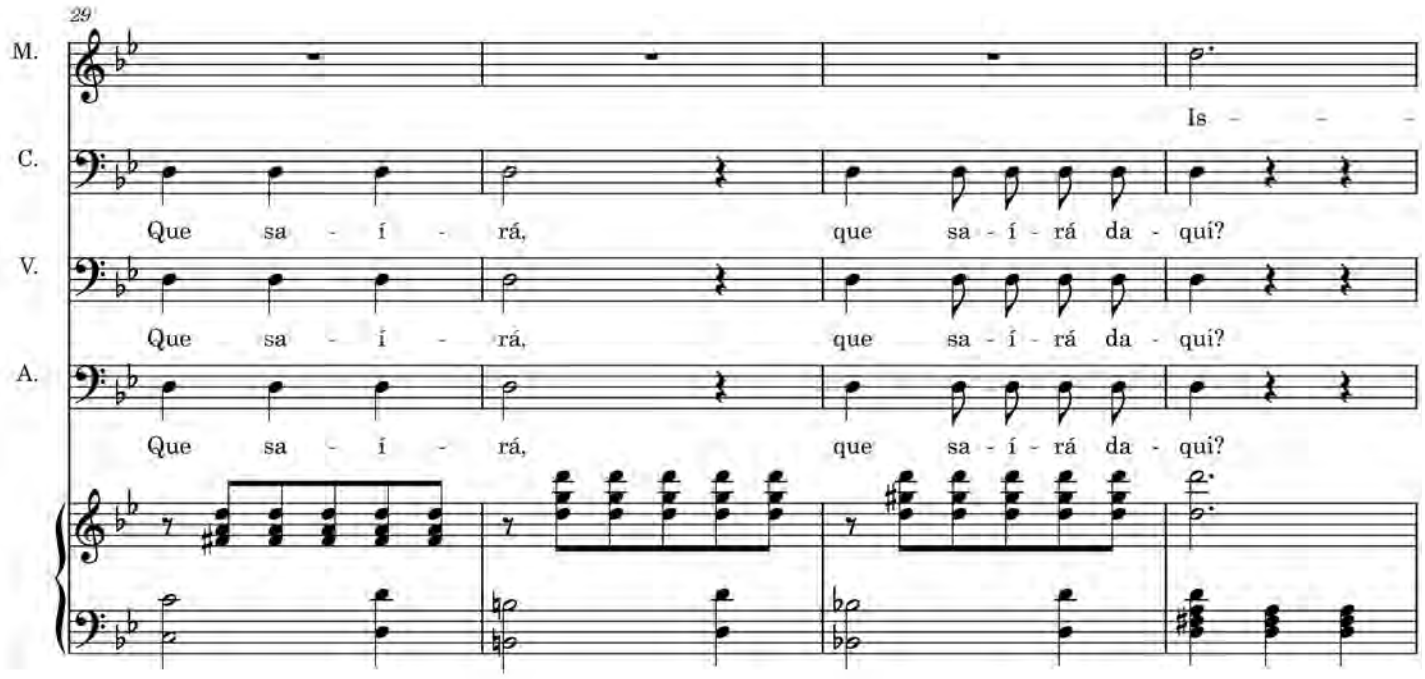


IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
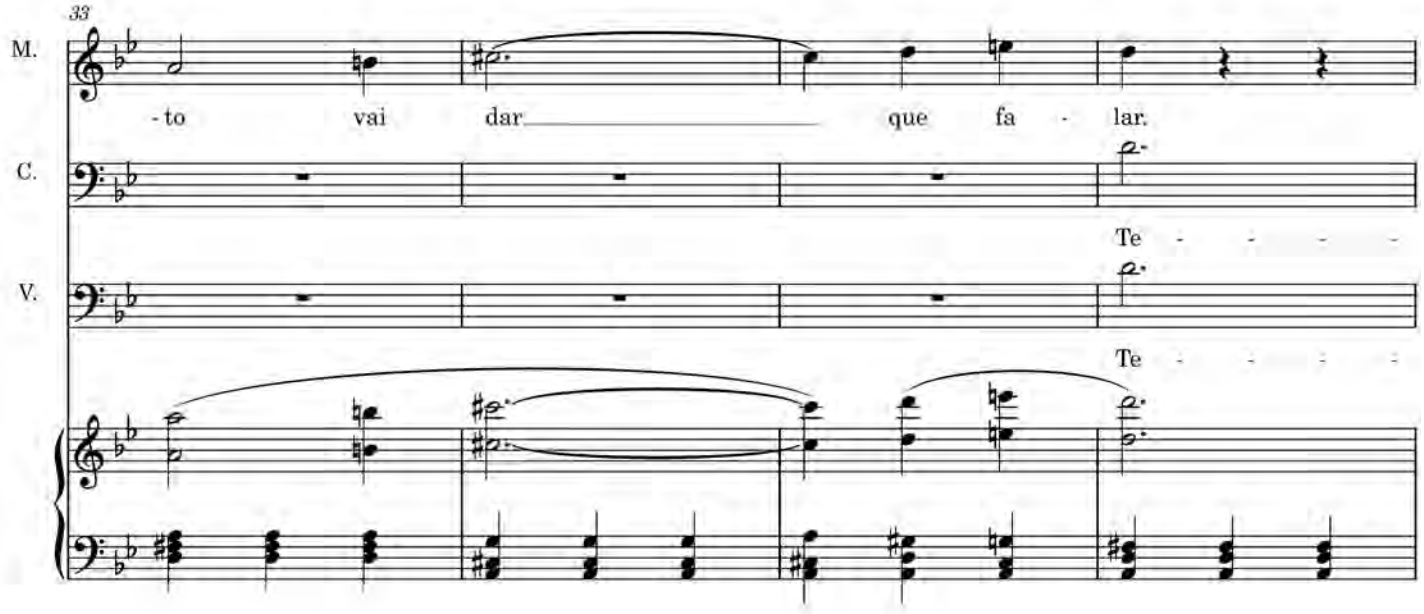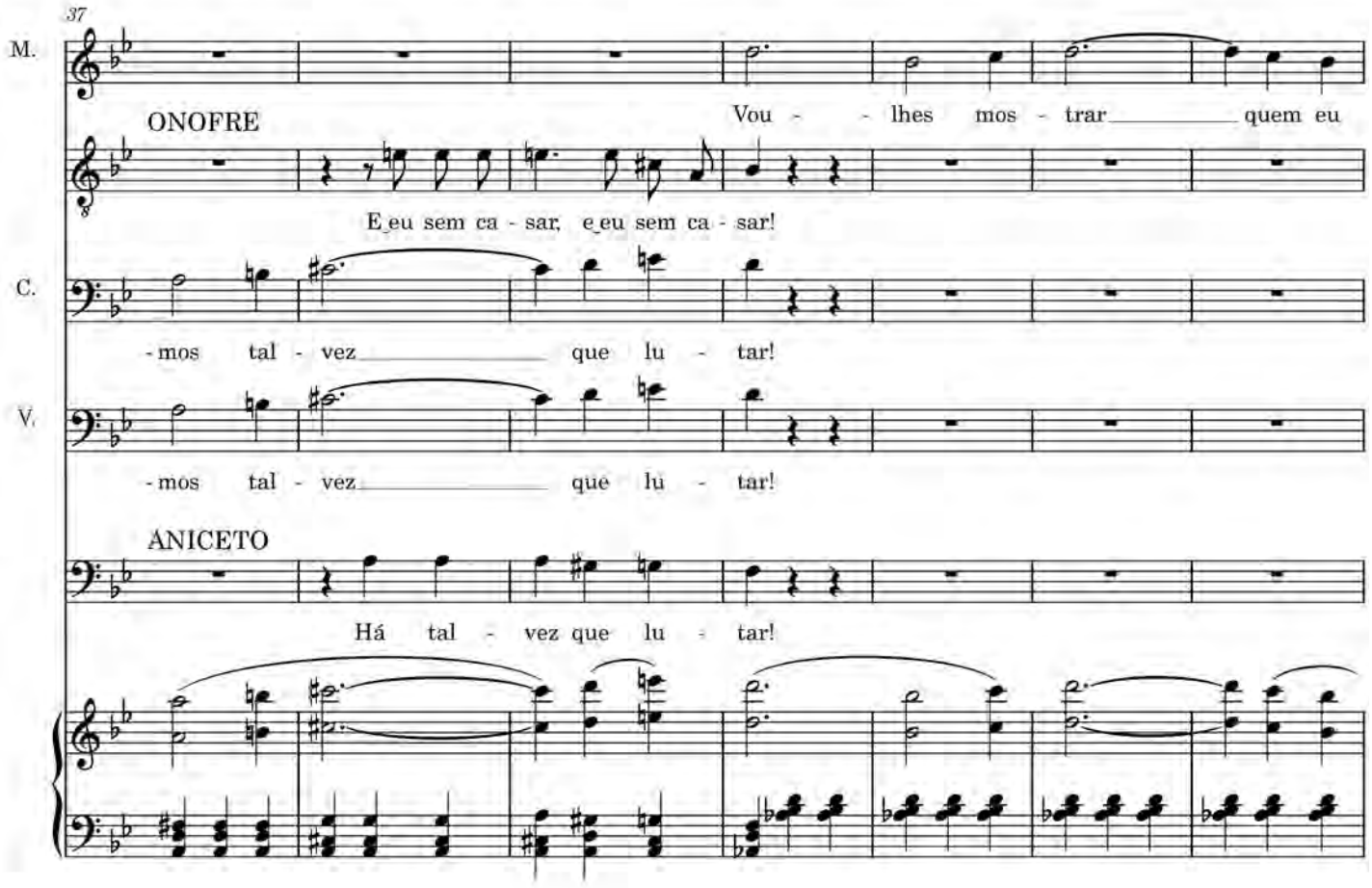


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
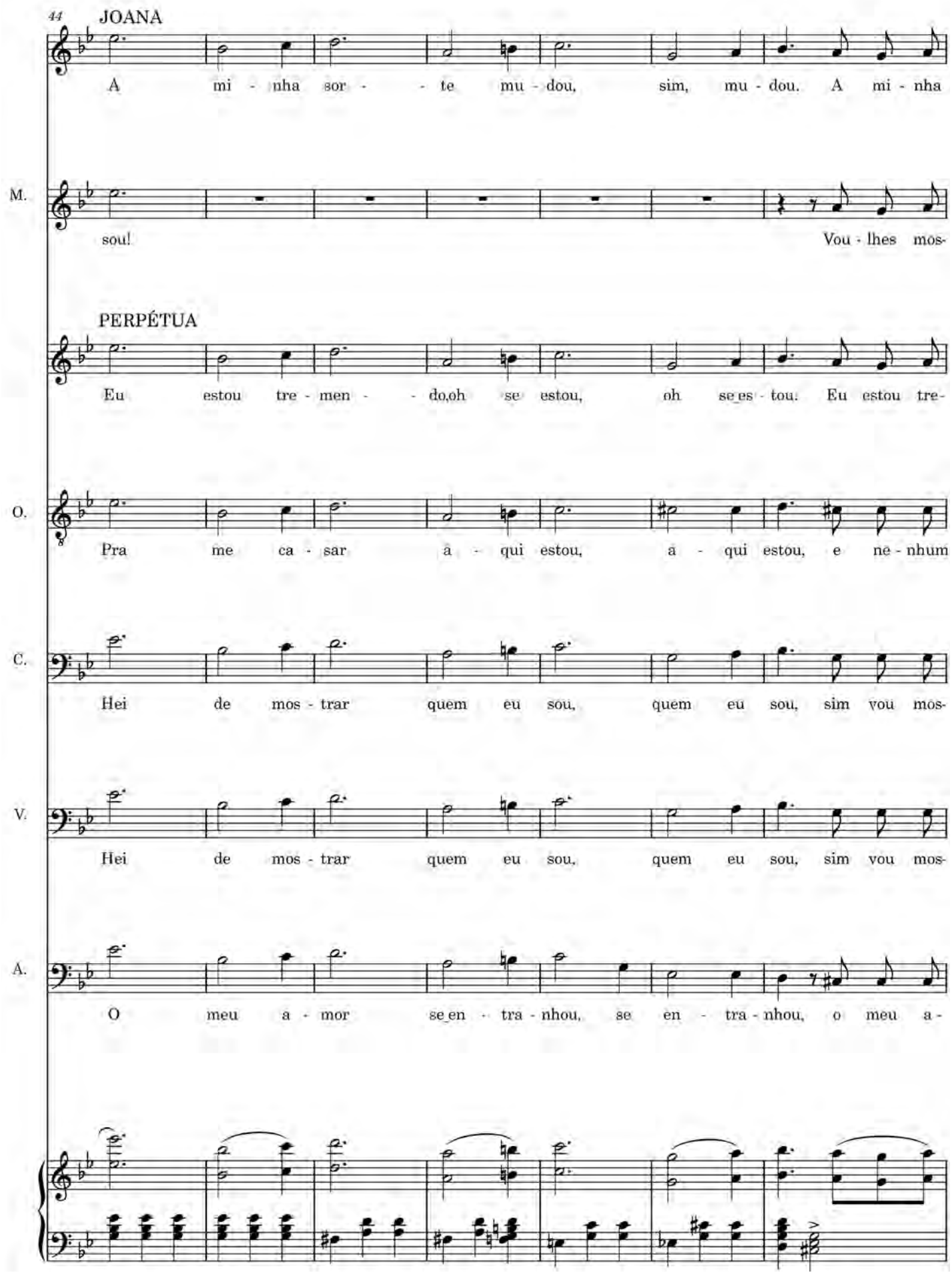




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
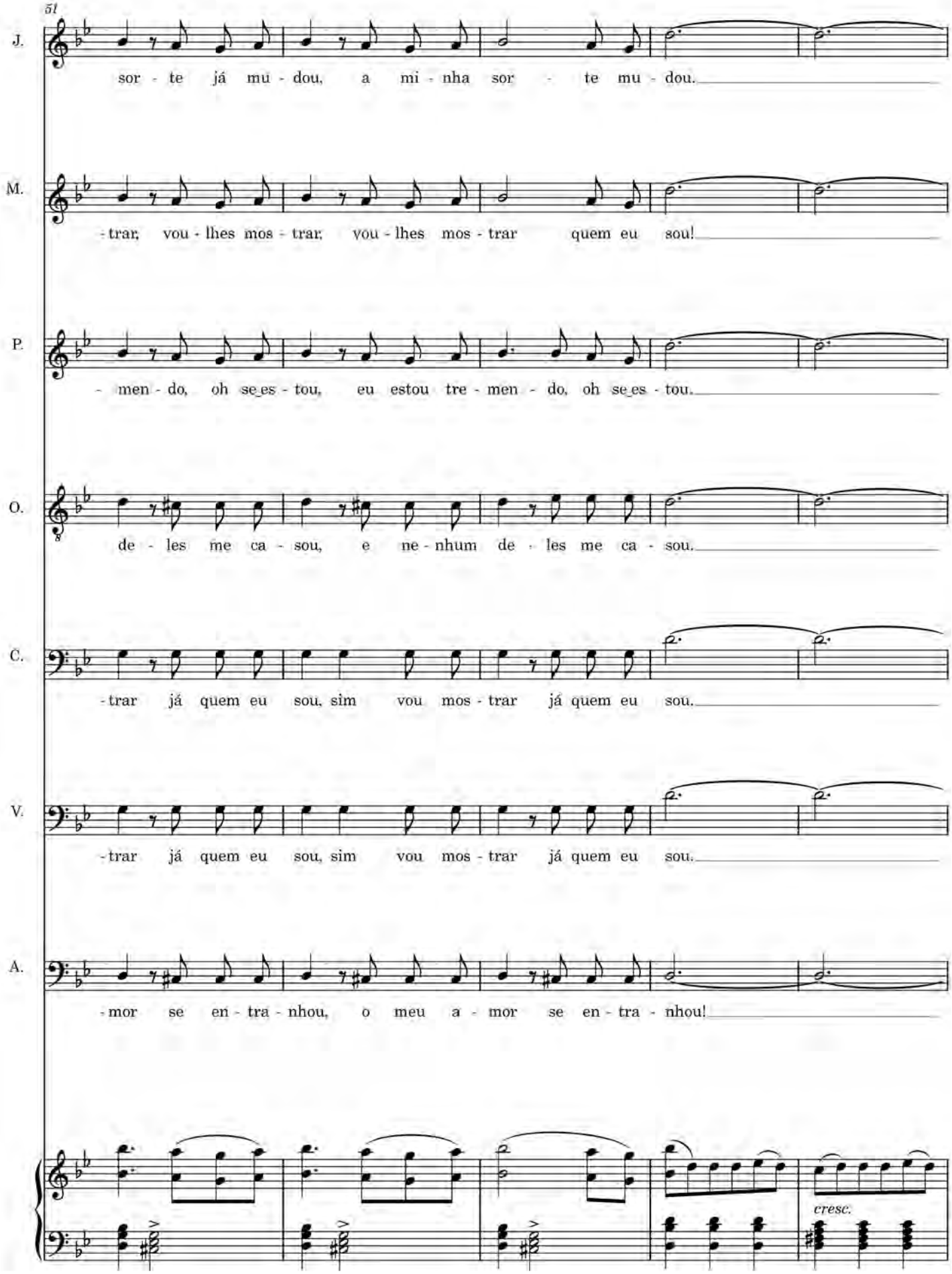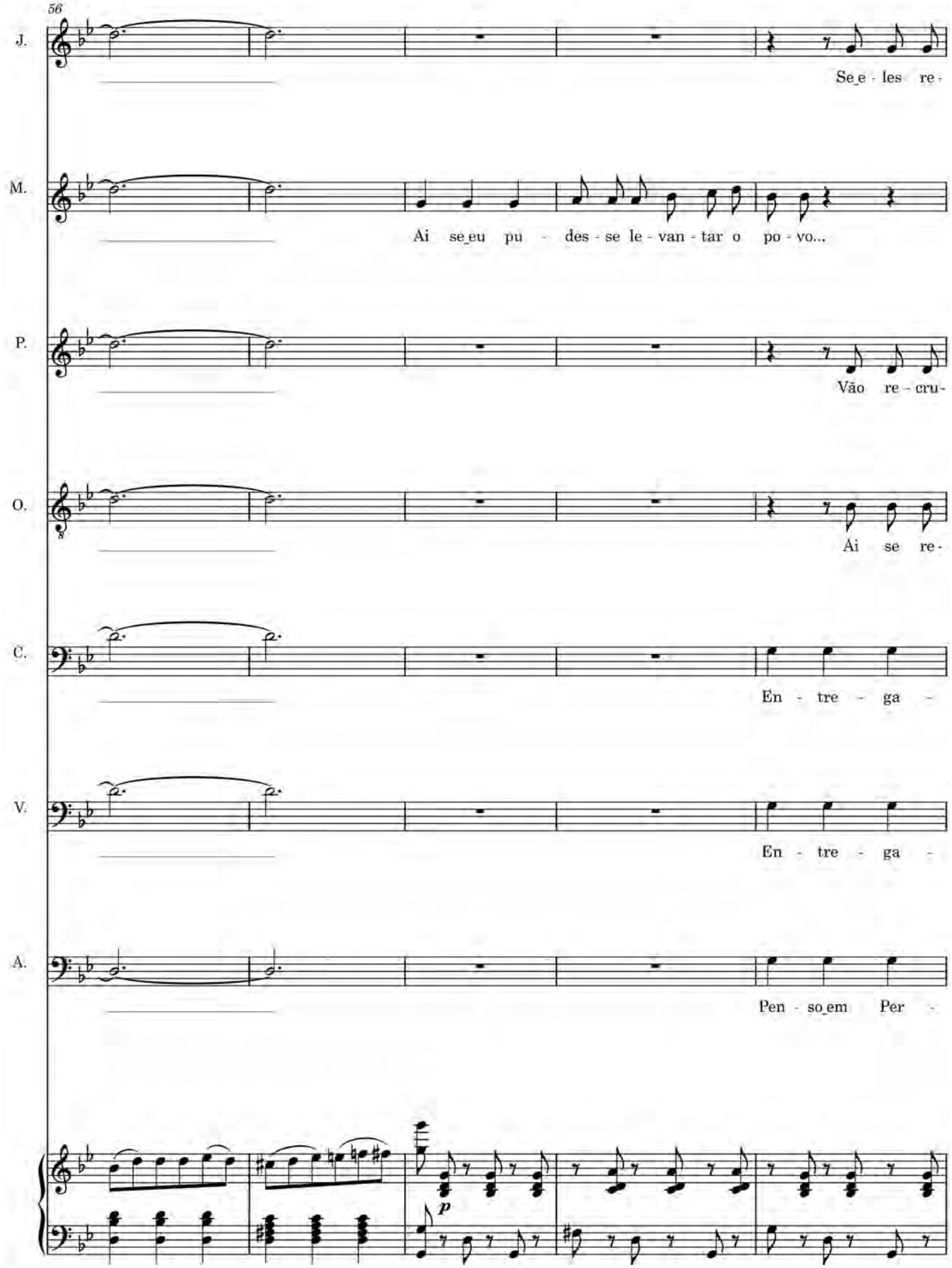




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
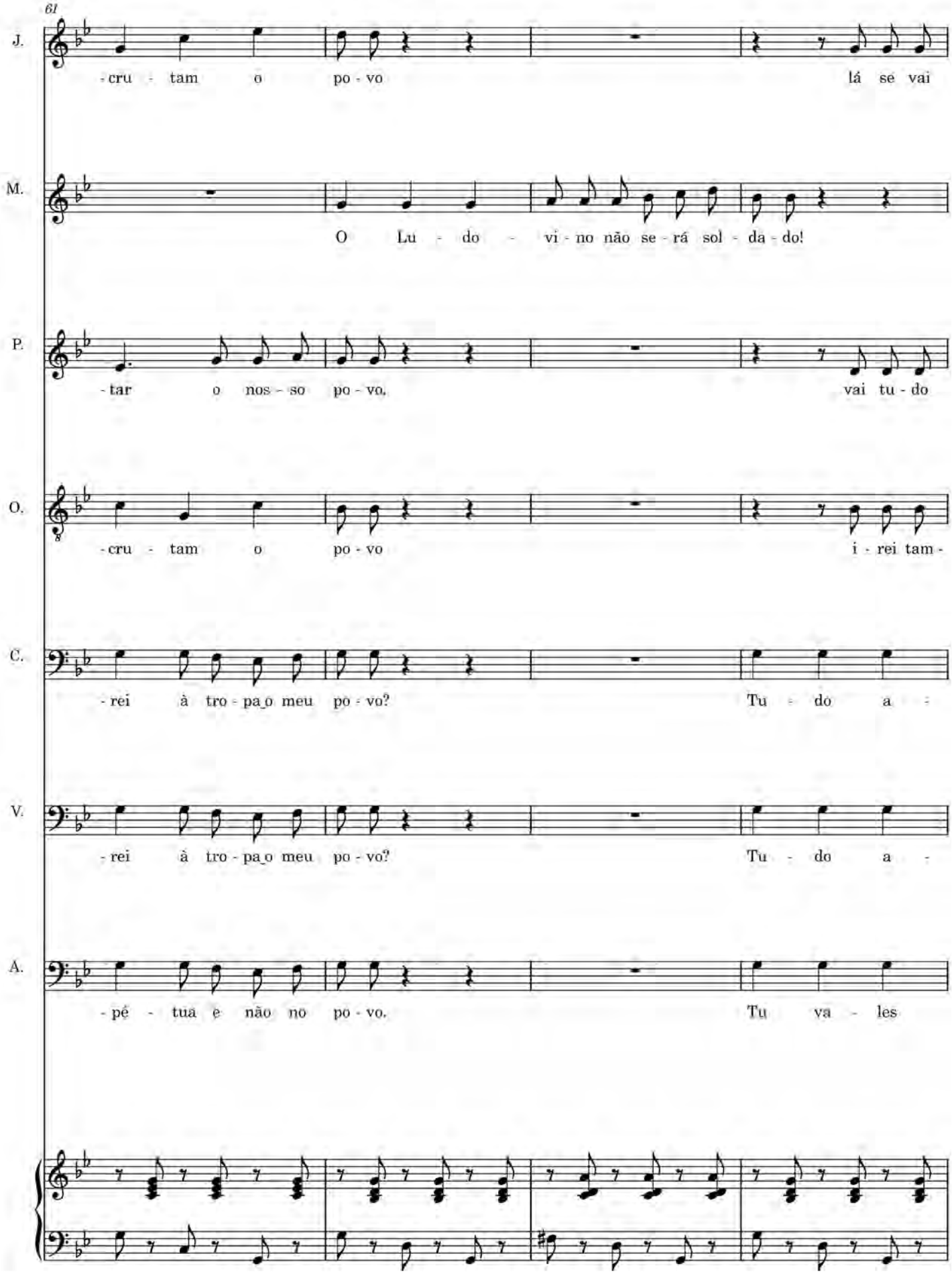


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
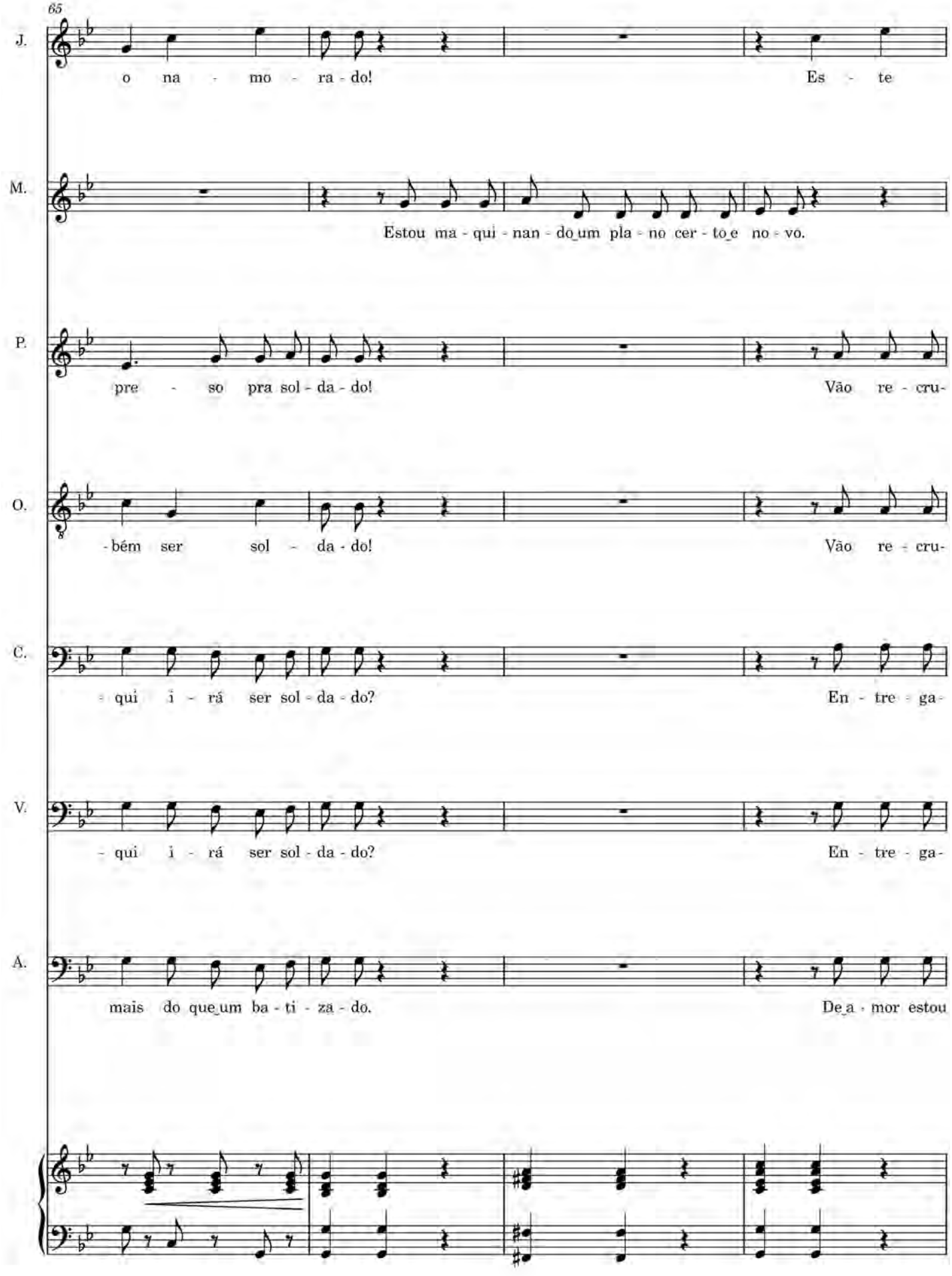


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
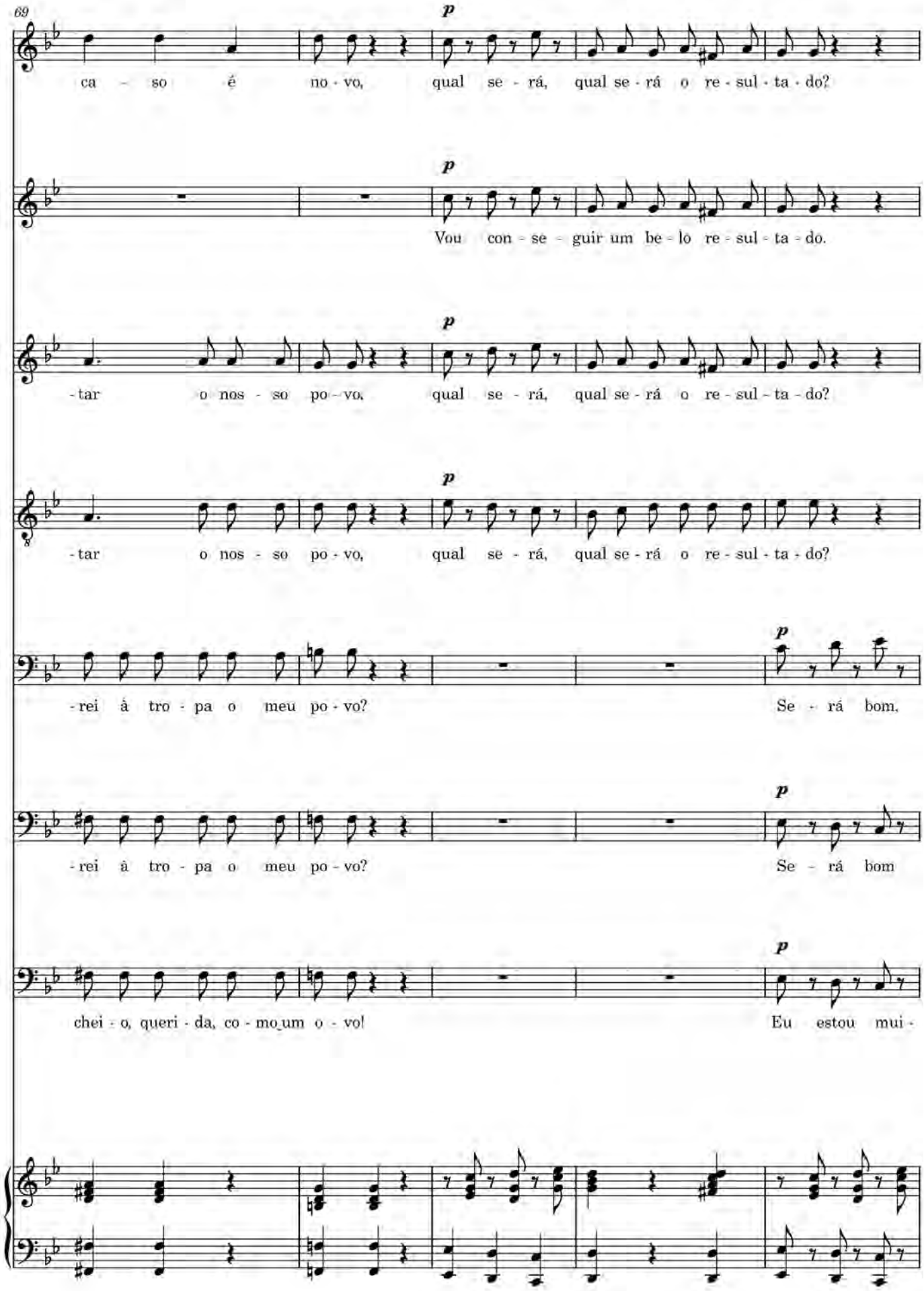


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
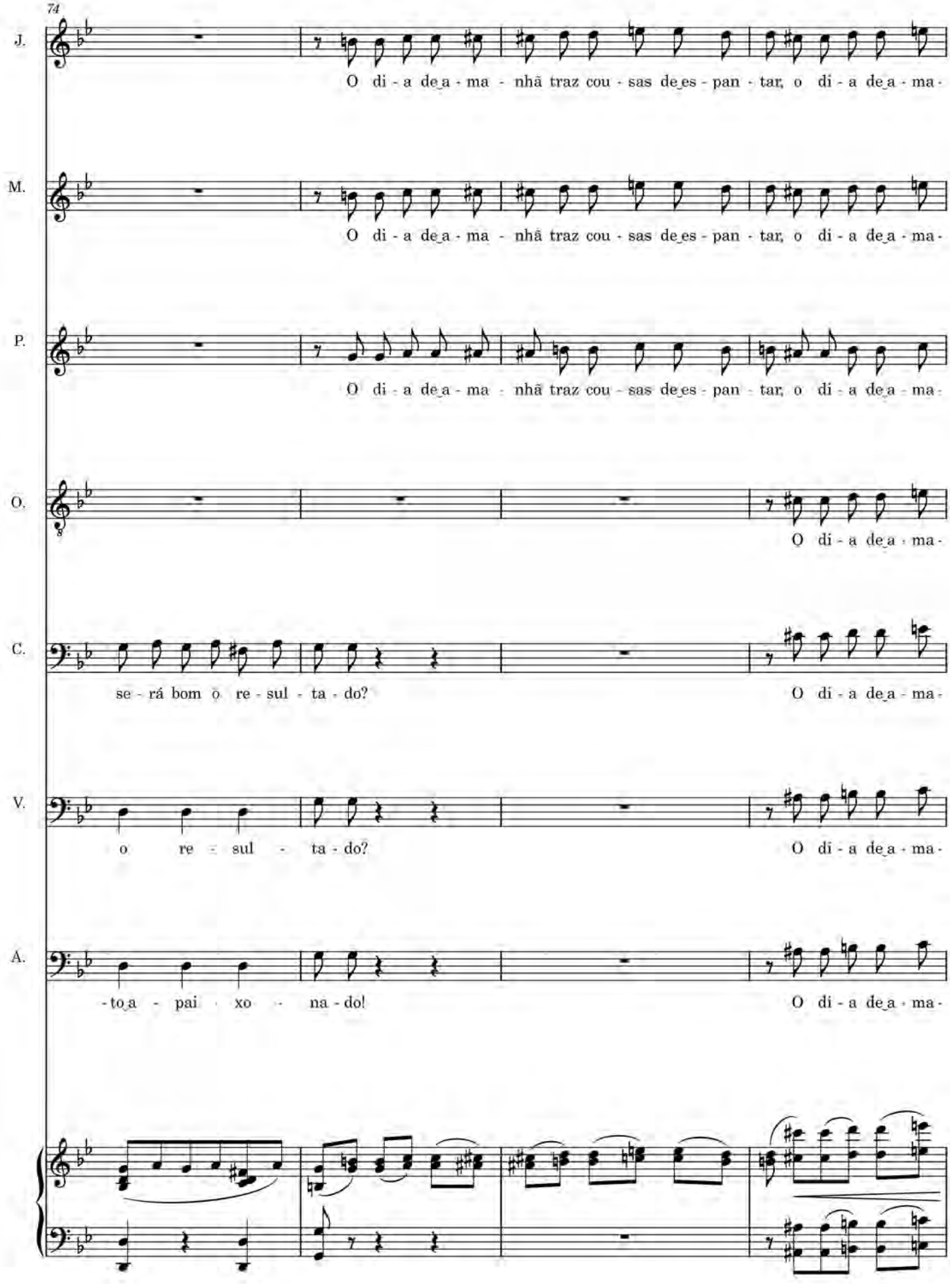


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
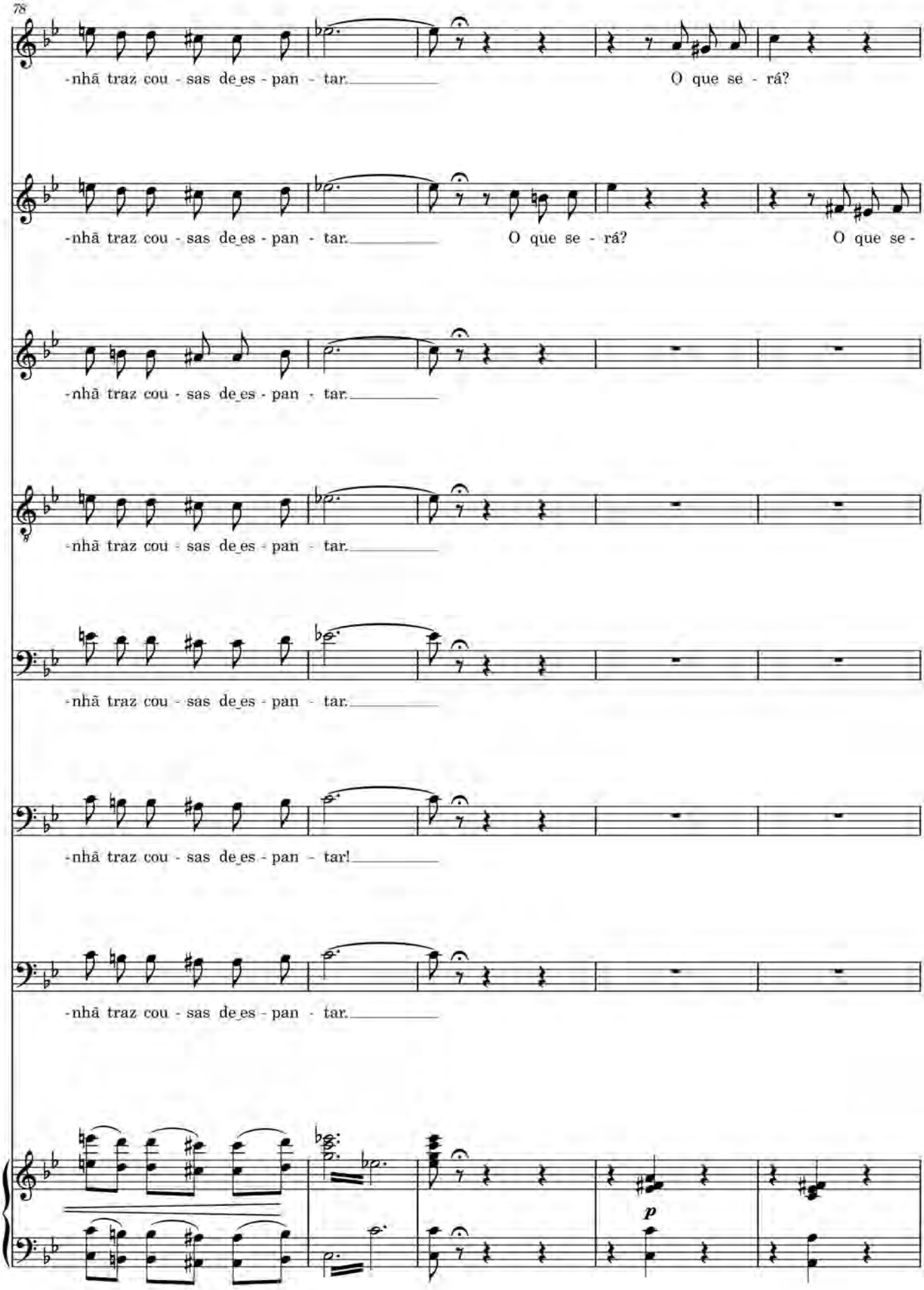


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
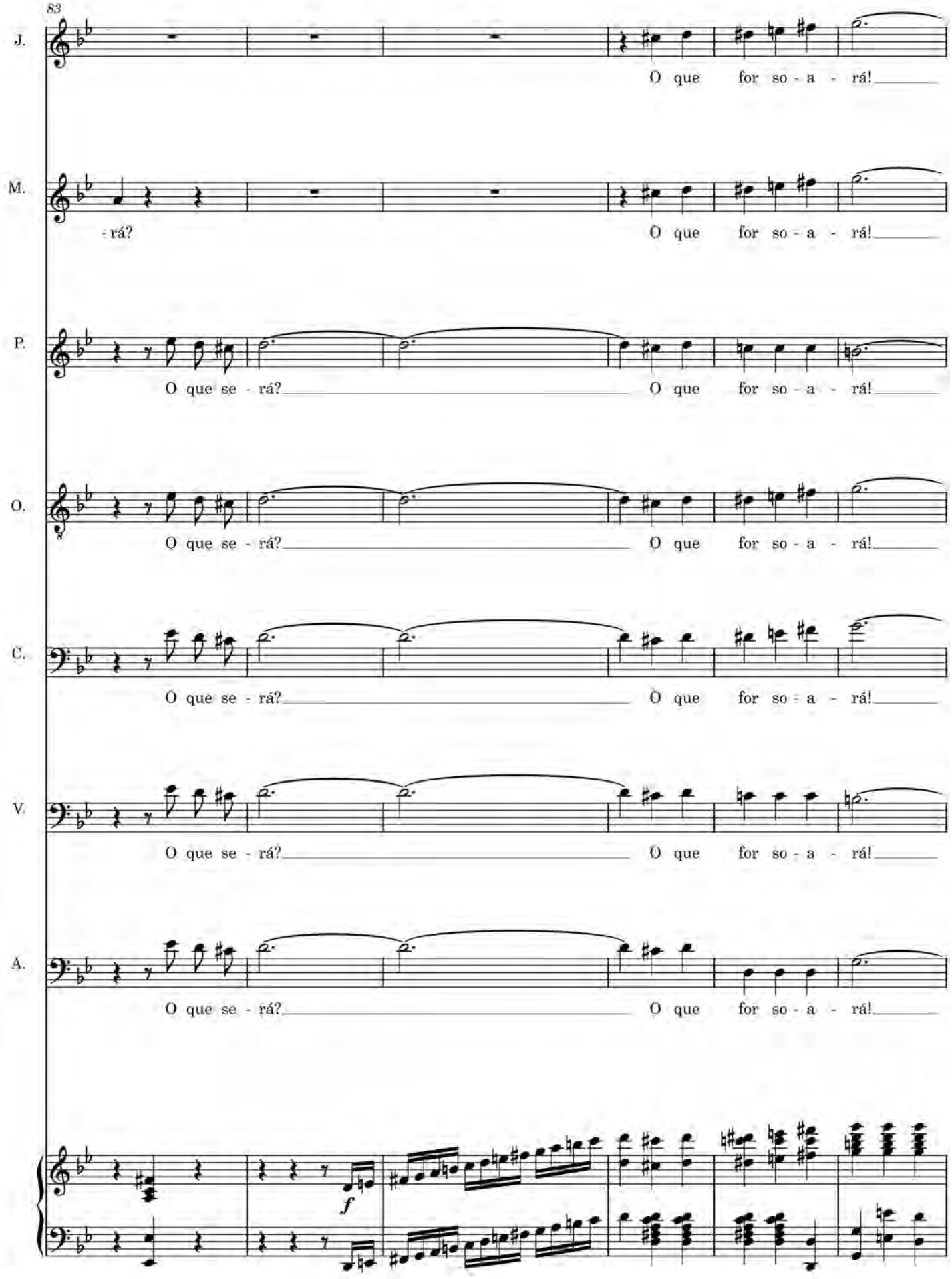


IMPRENSA NACIONAL
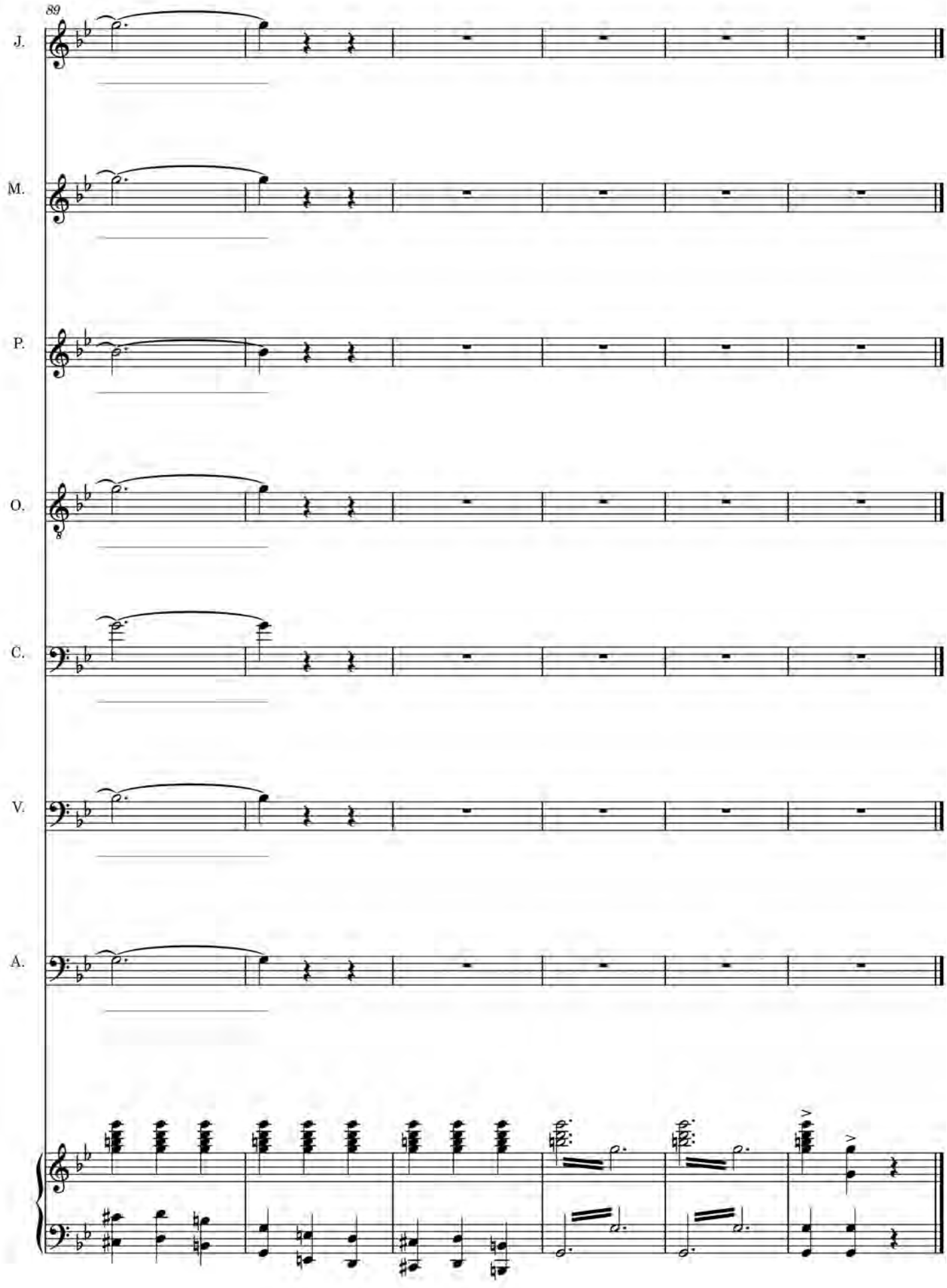
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
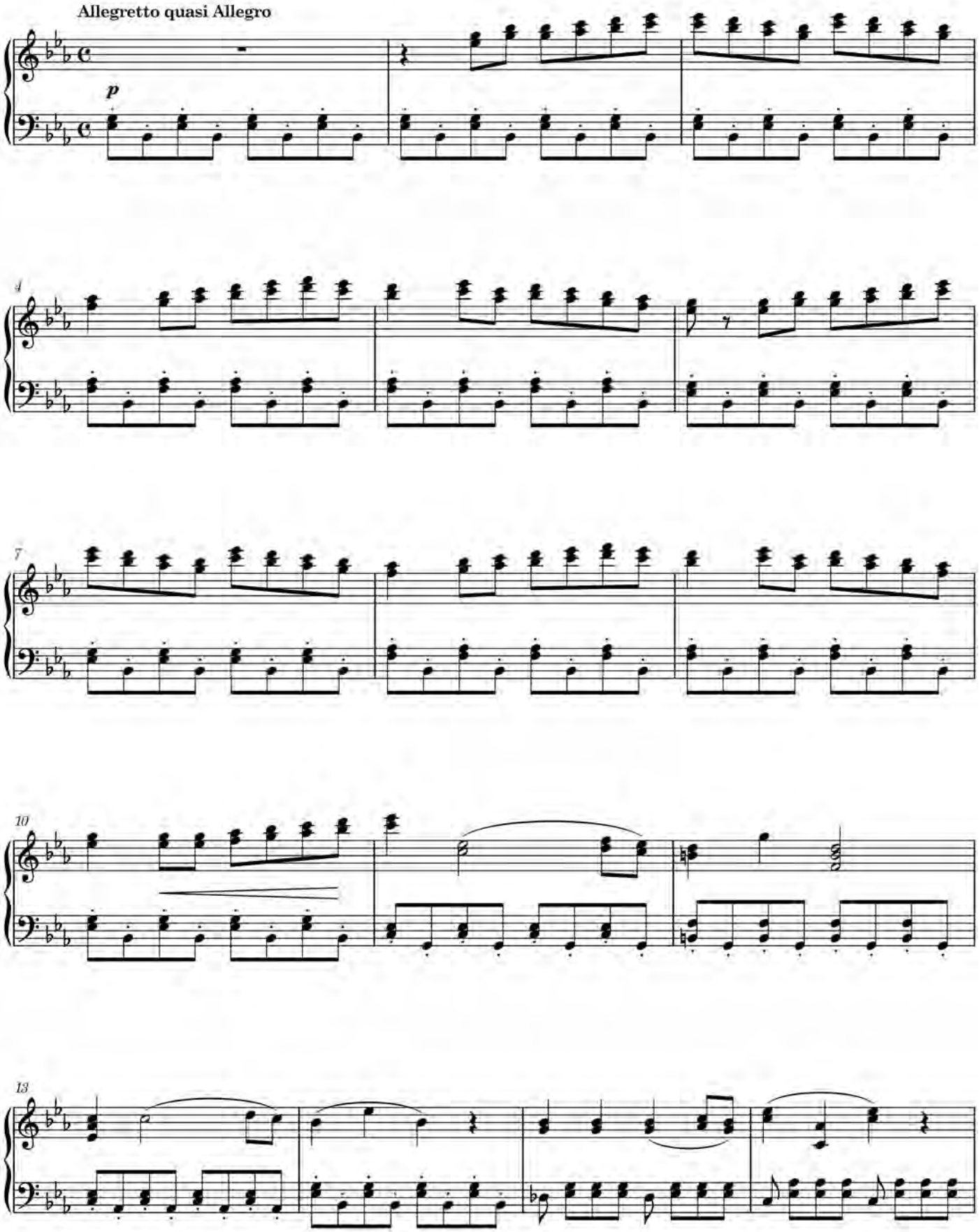


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
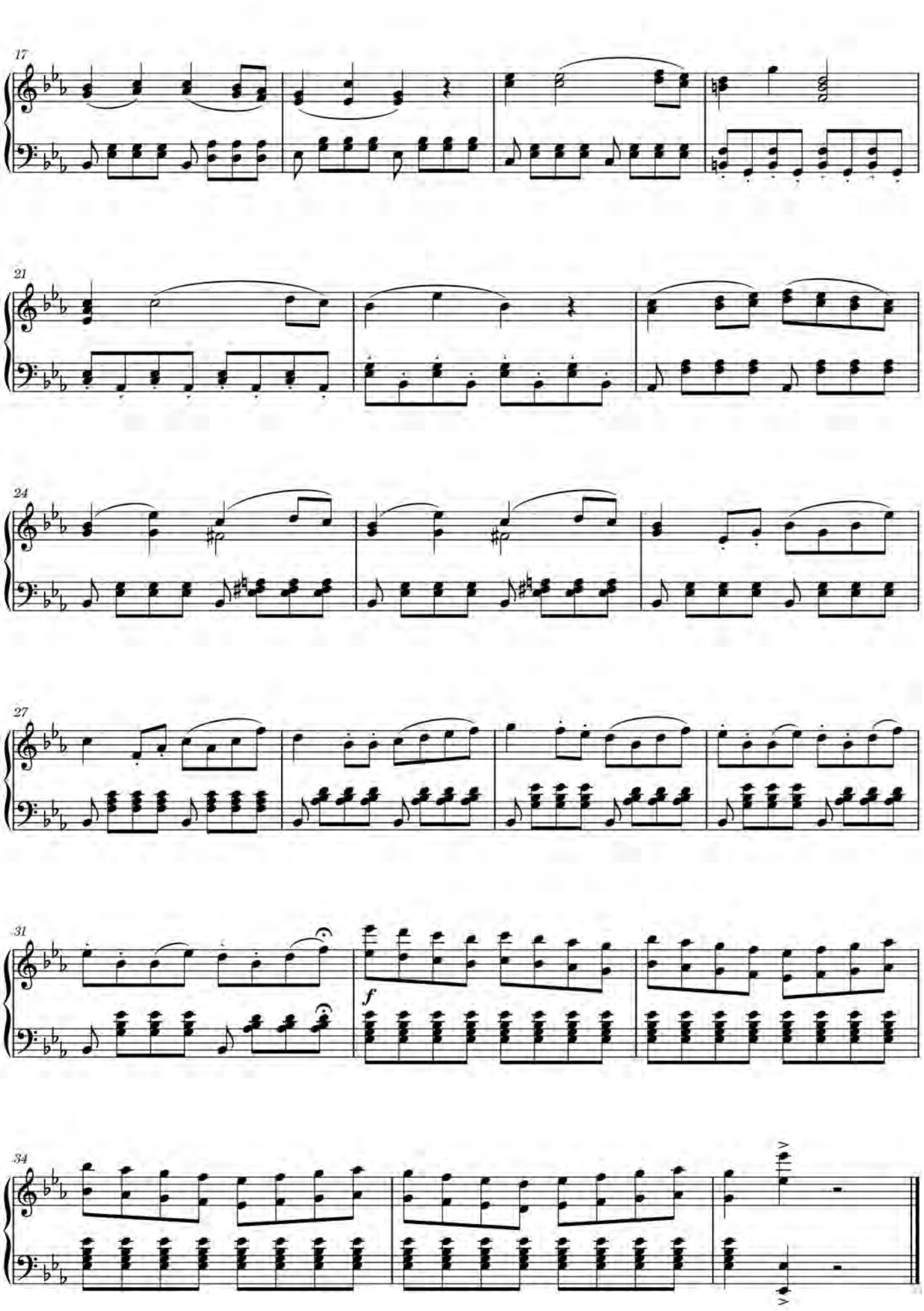


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ATO II

N.º 9 ENTREATO I
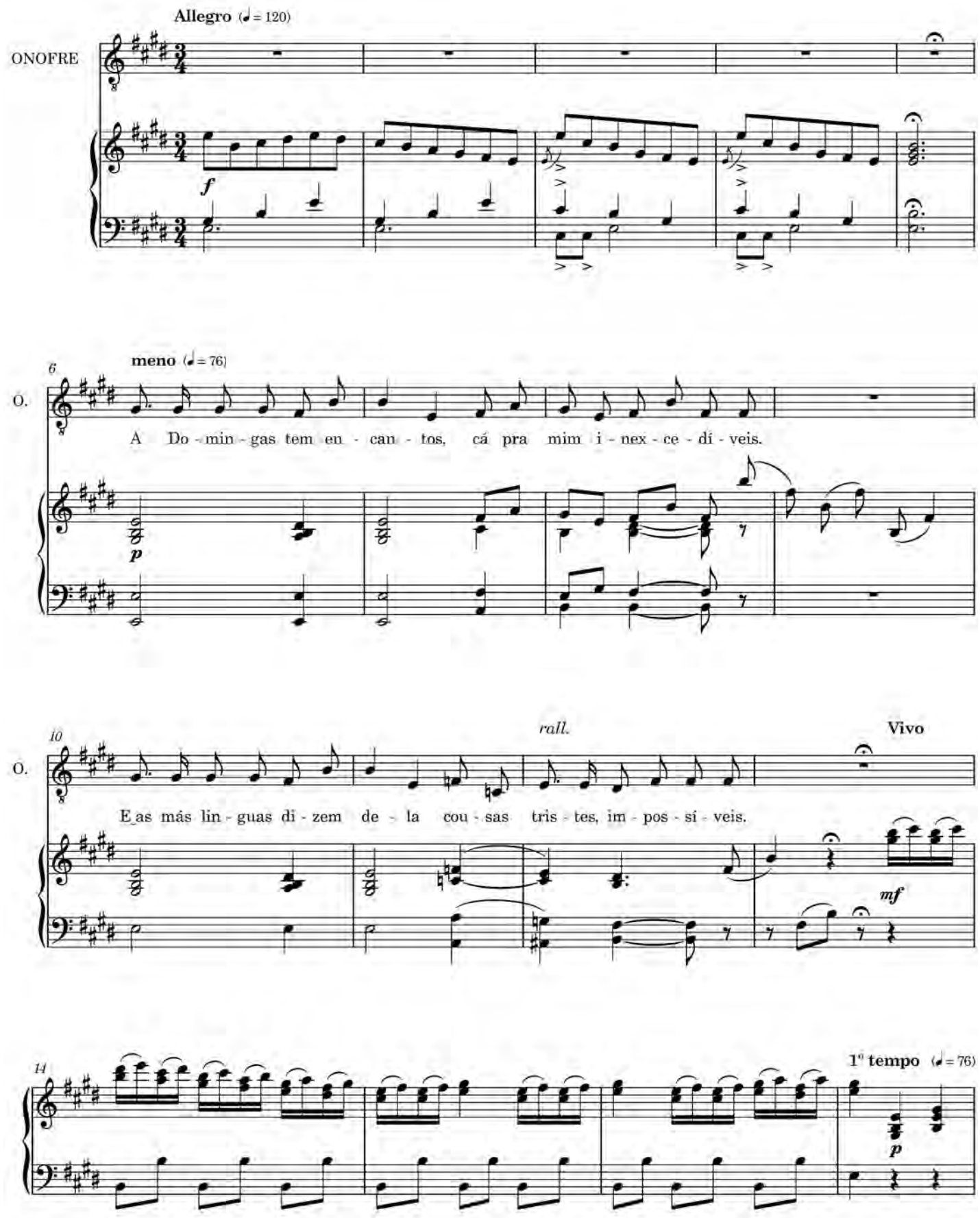


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
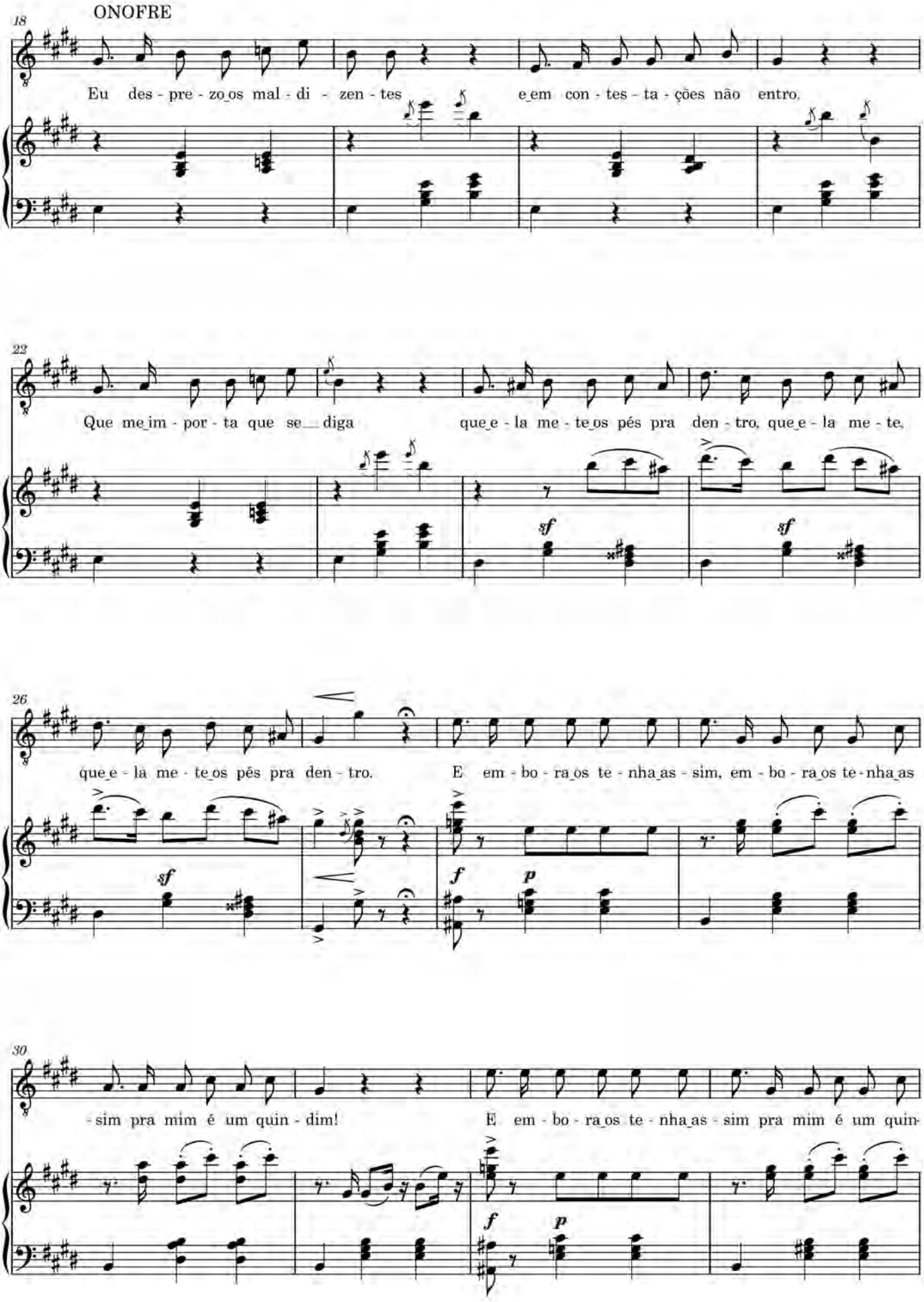


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
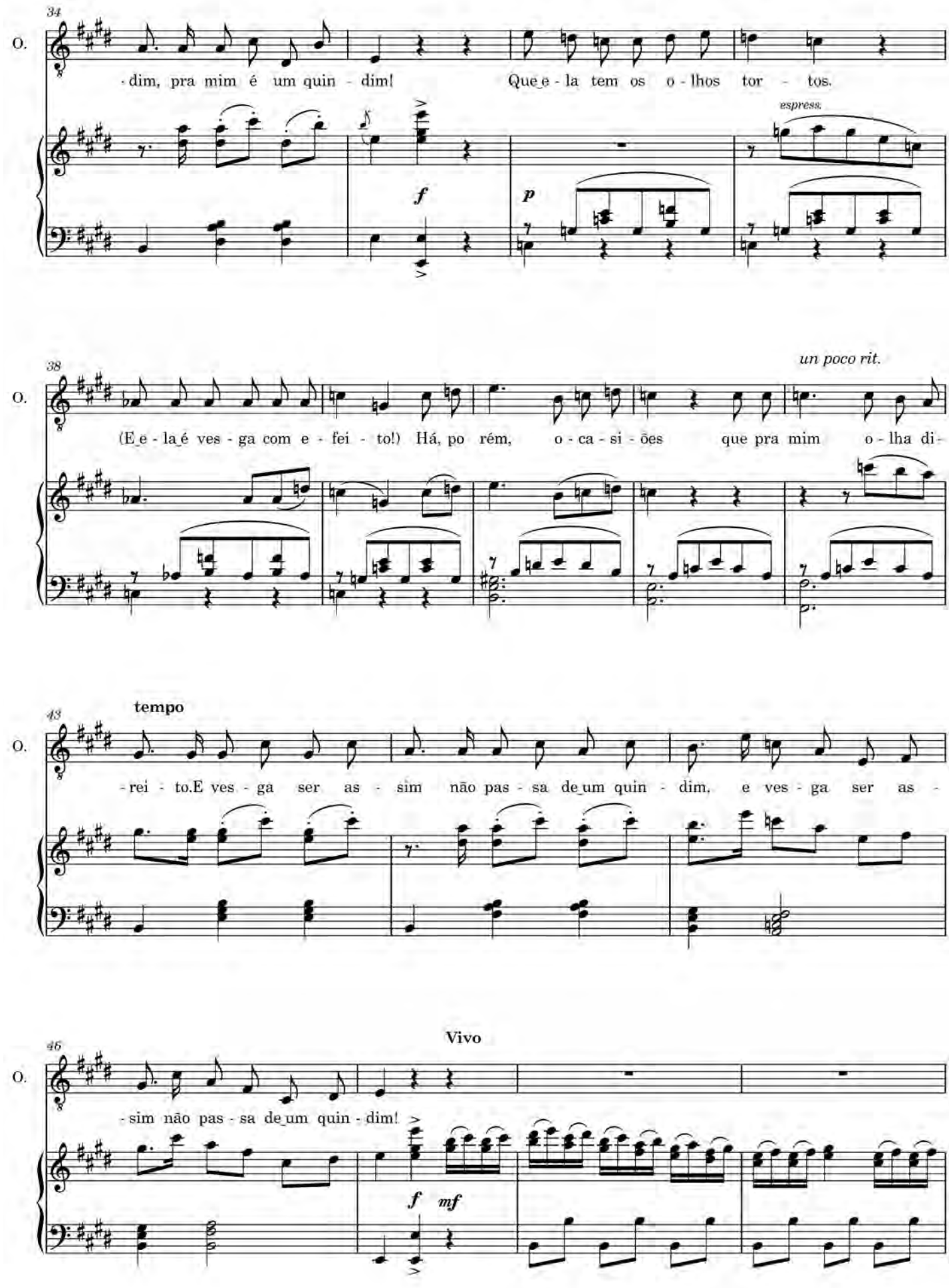
N.º 10 COPLAS ONOFRE
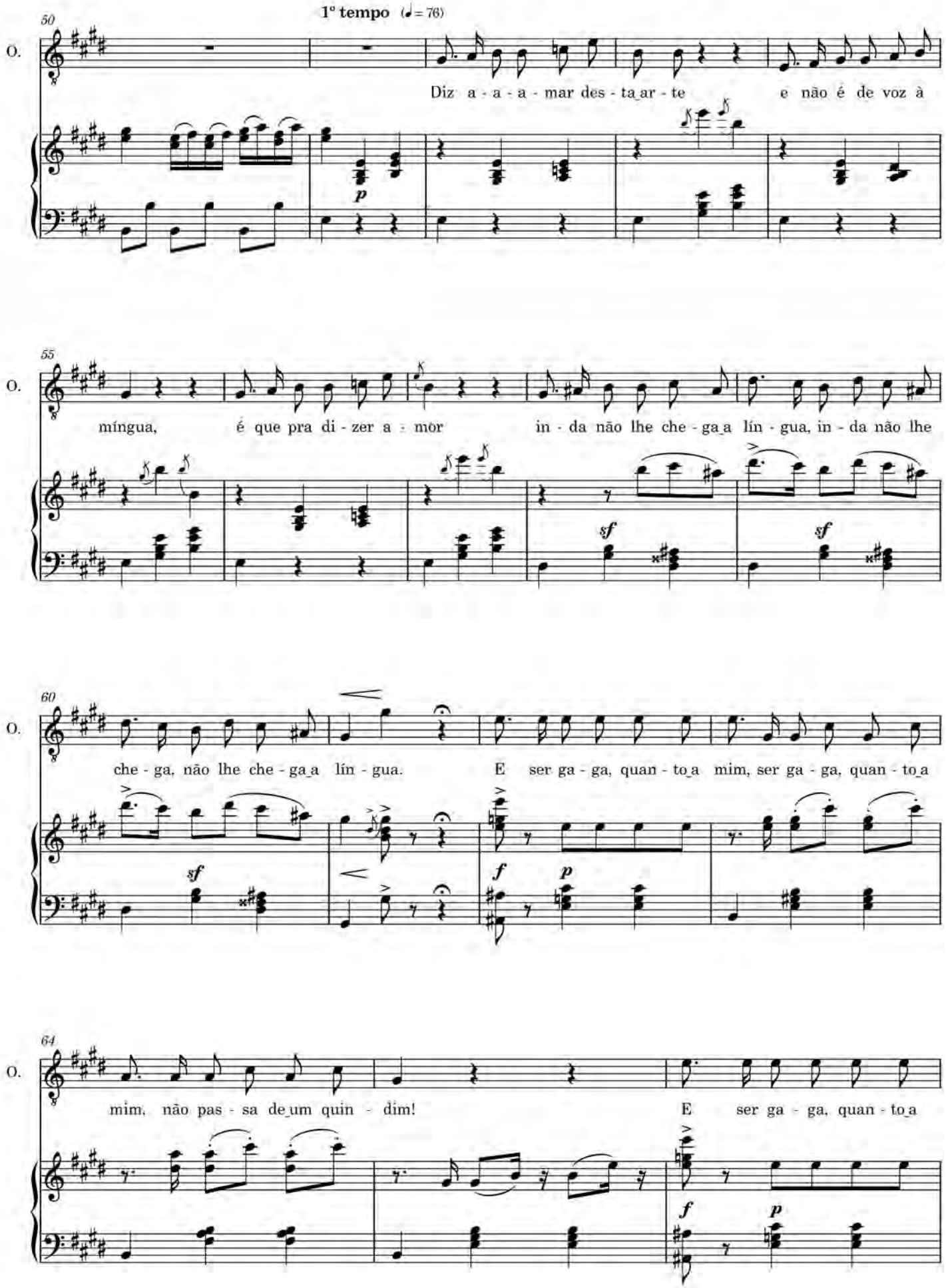


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
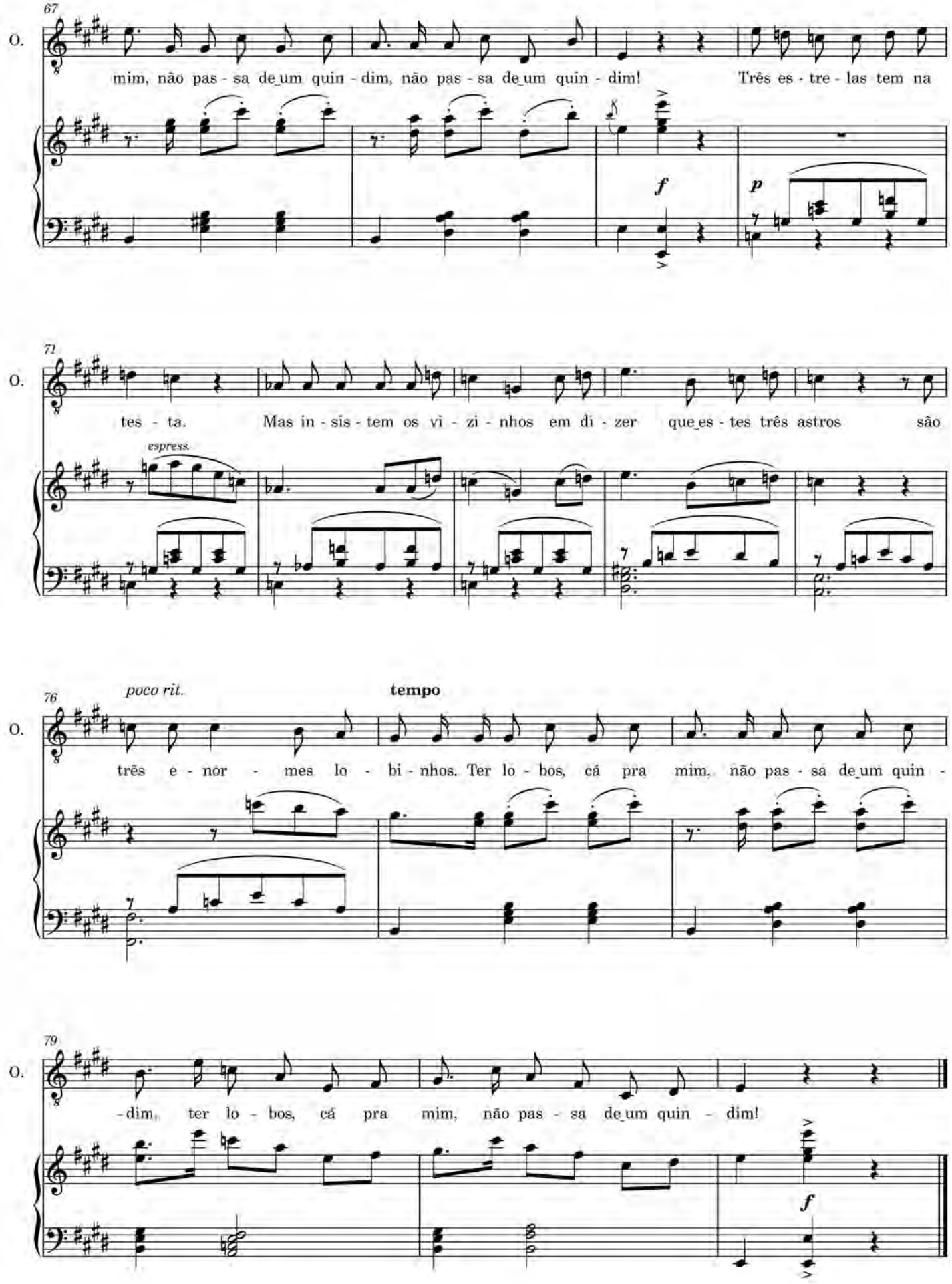


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
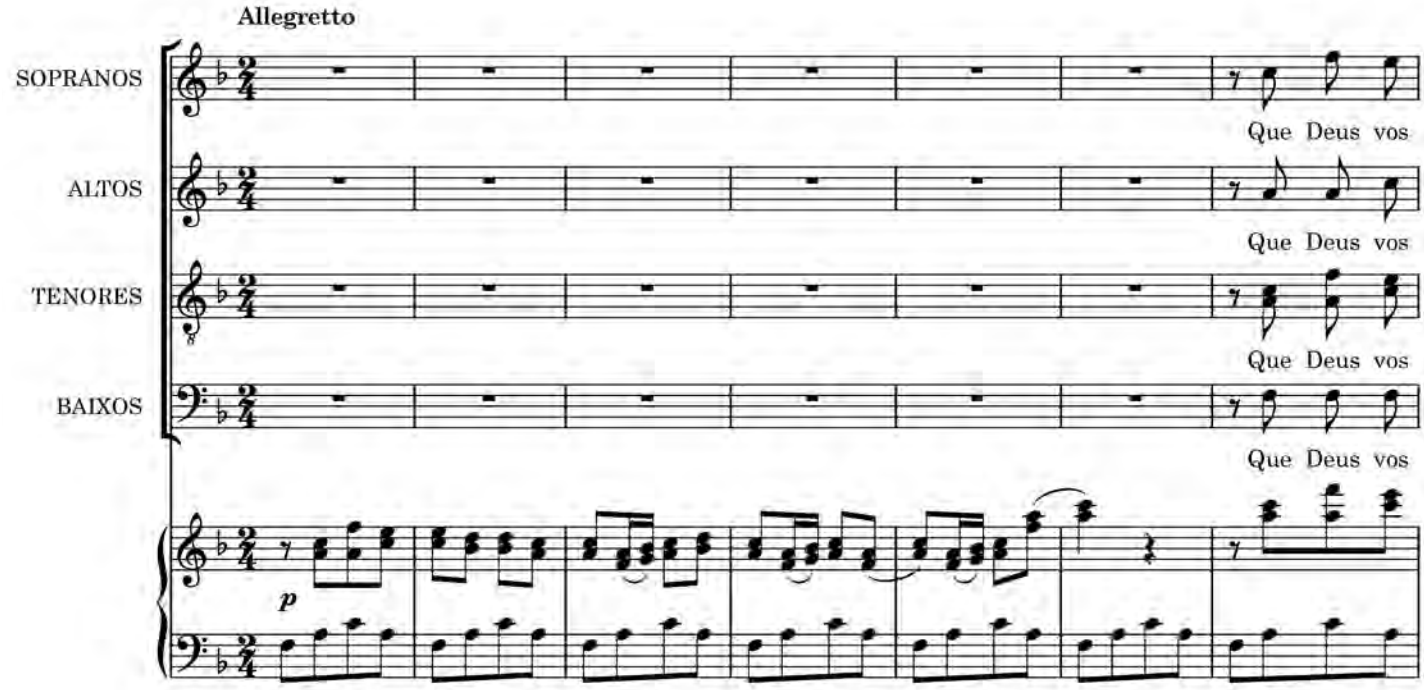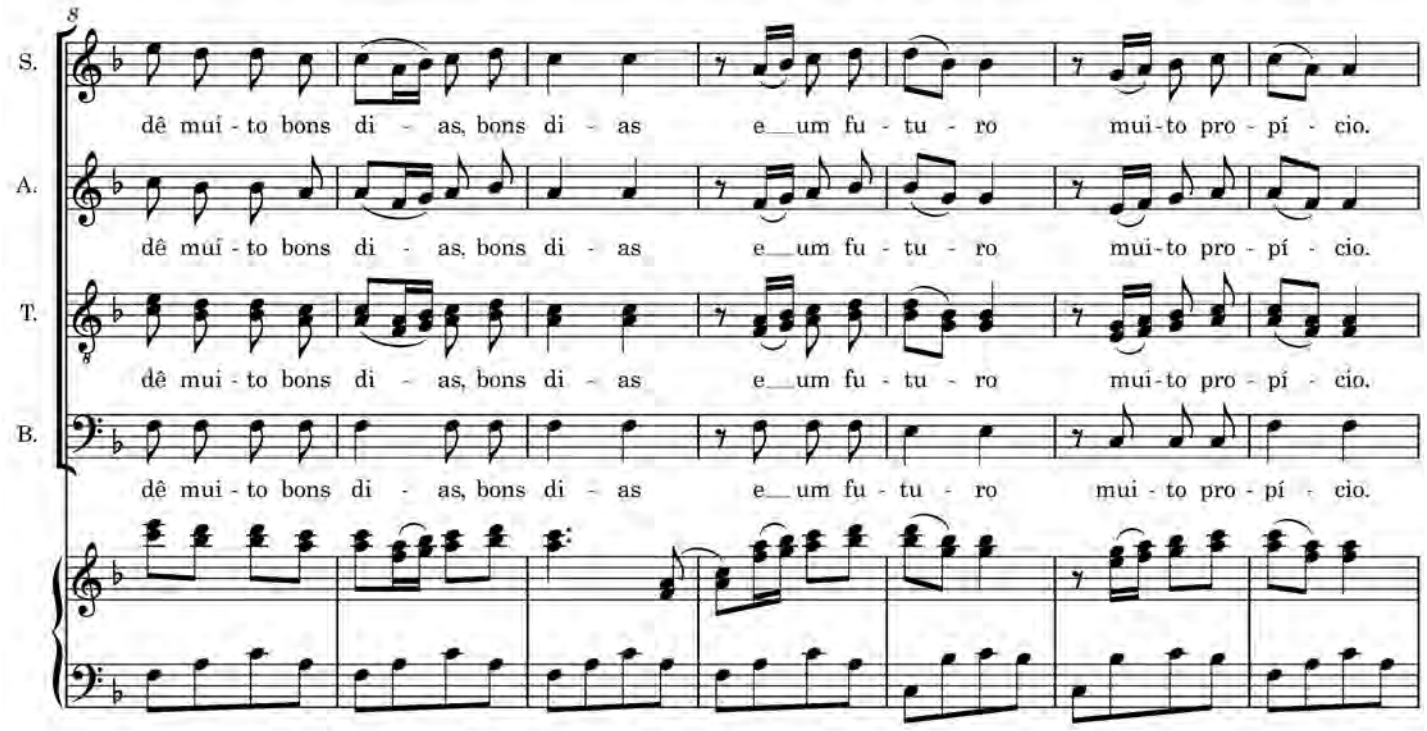


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
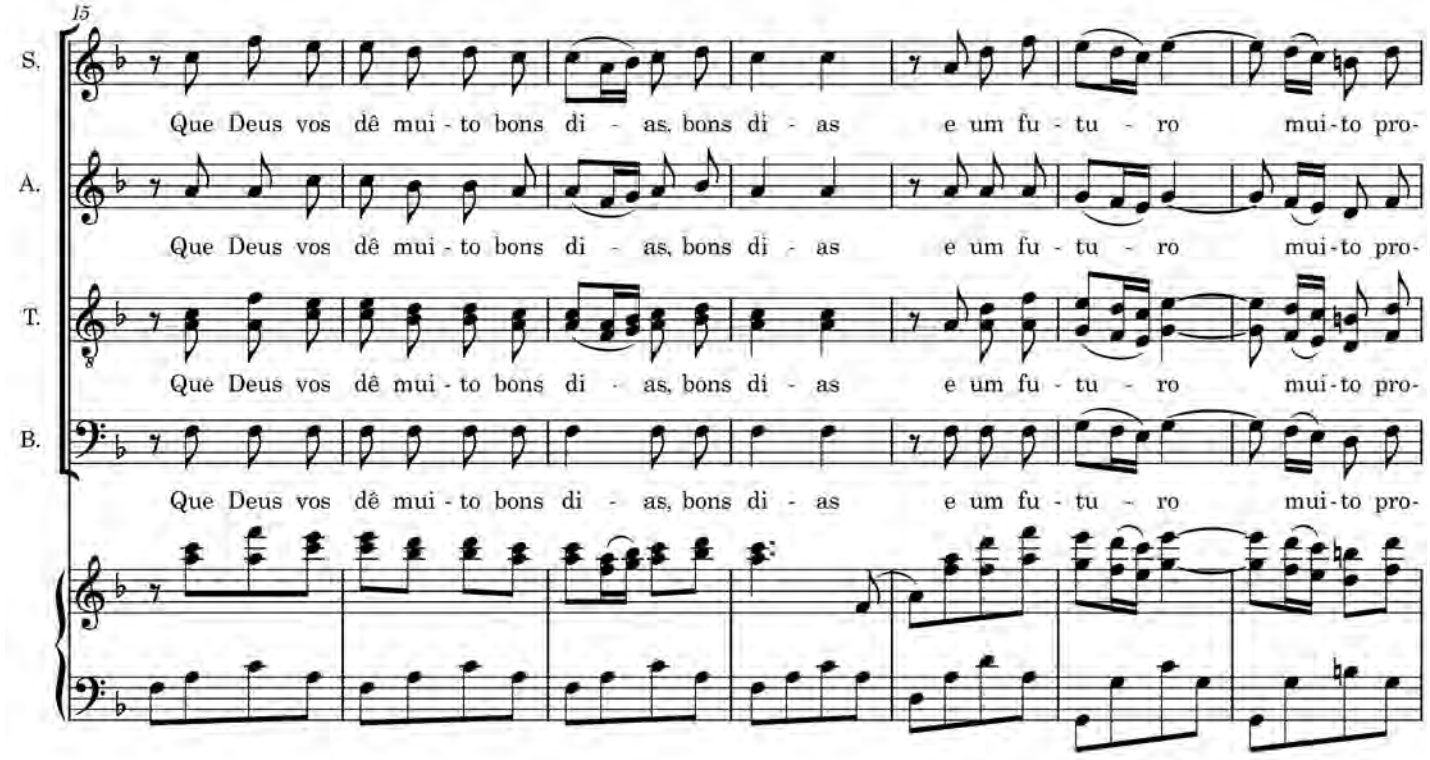


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
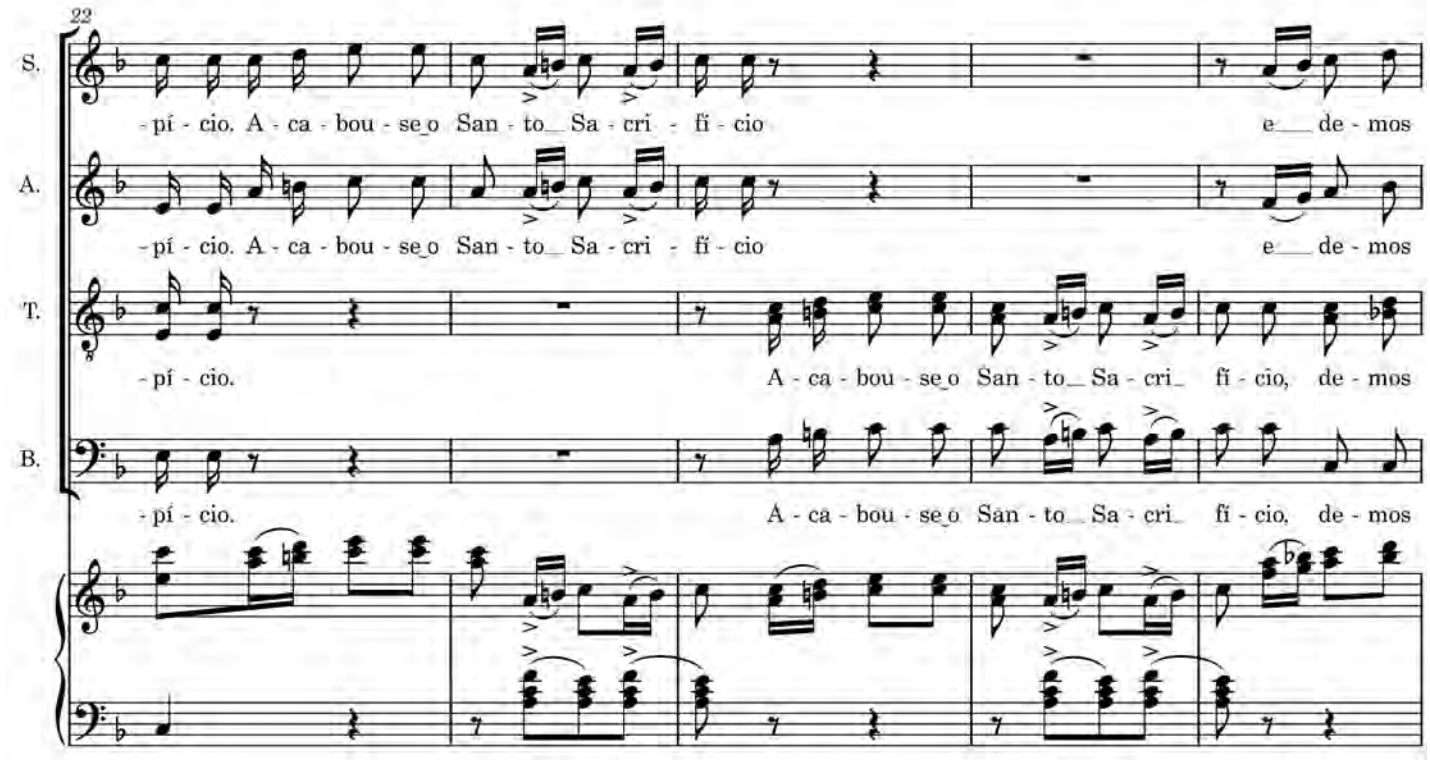
N.º 11 CORO
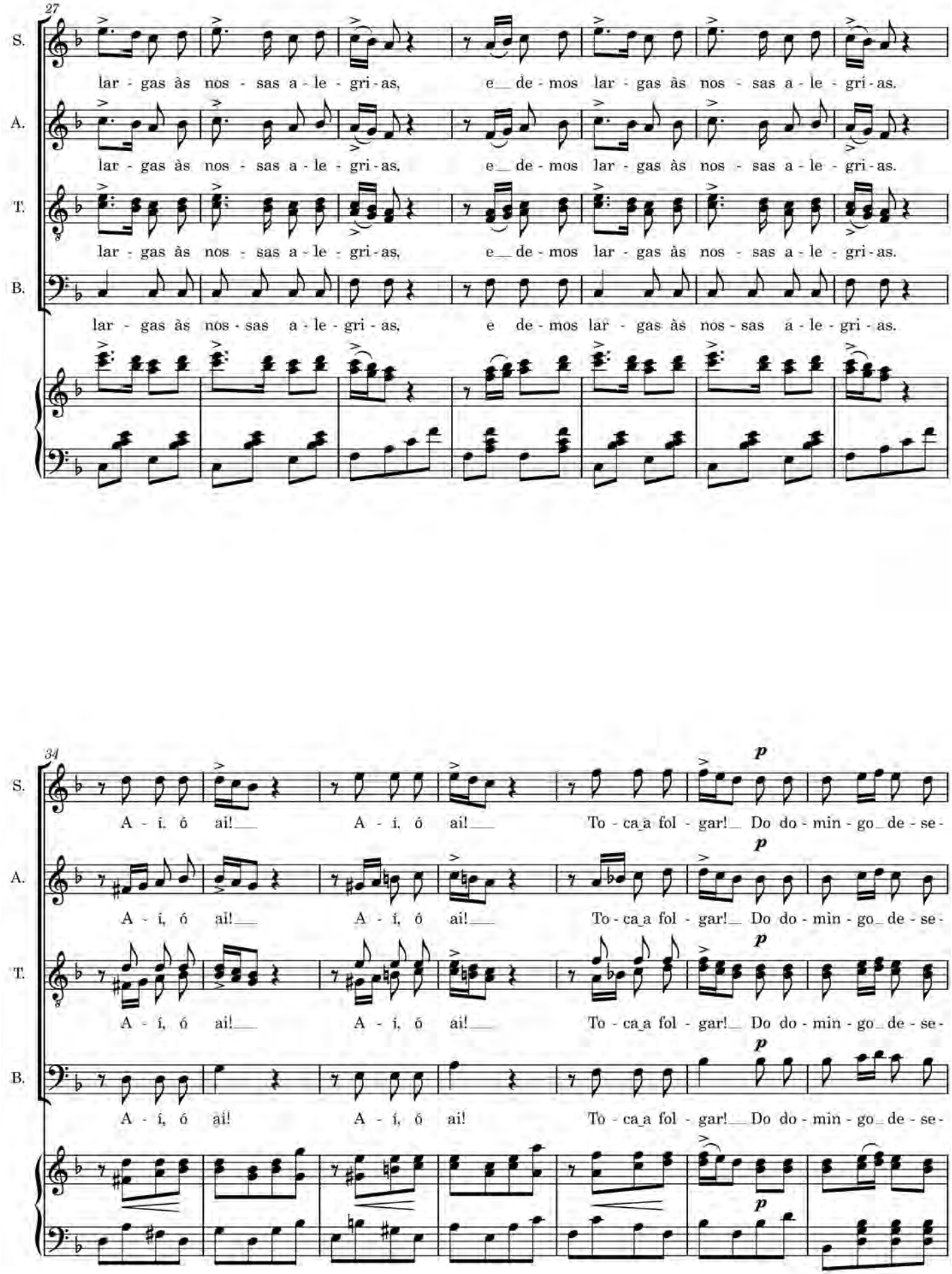




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
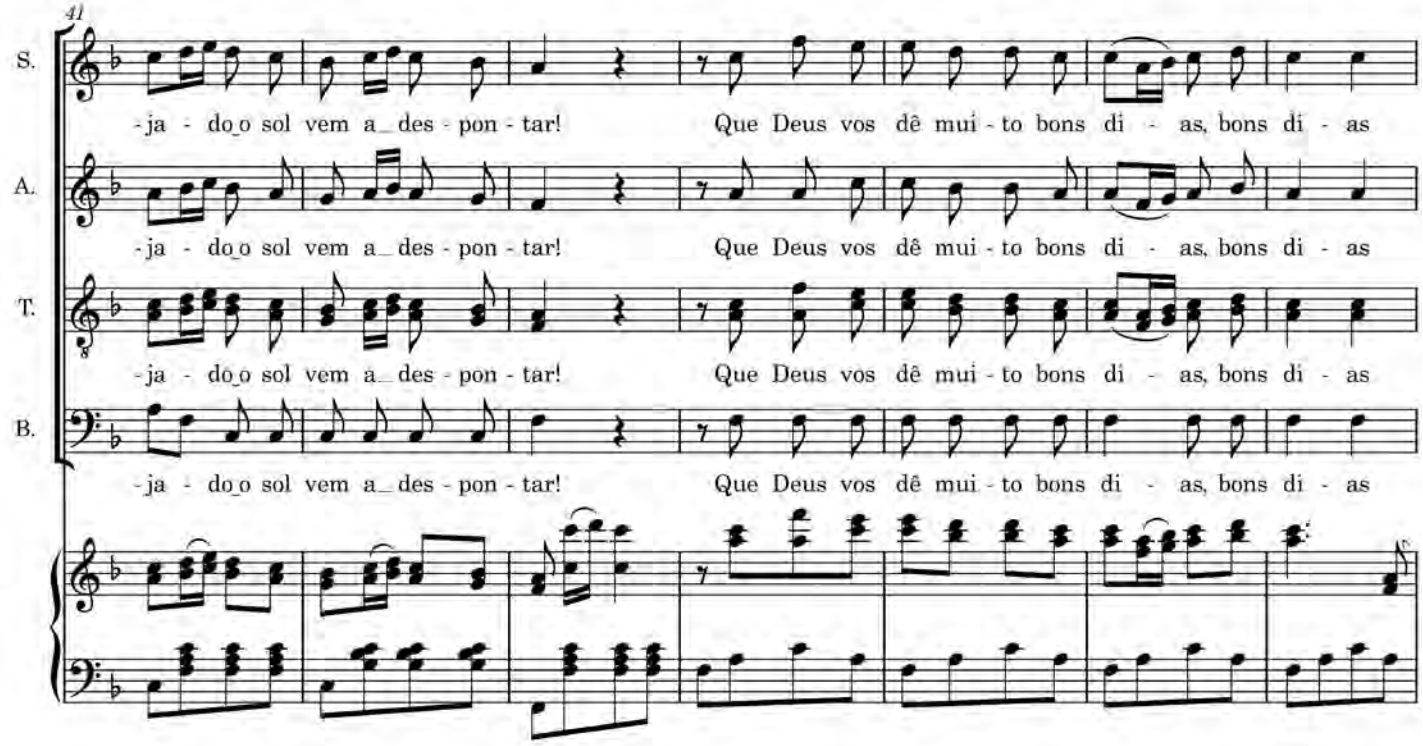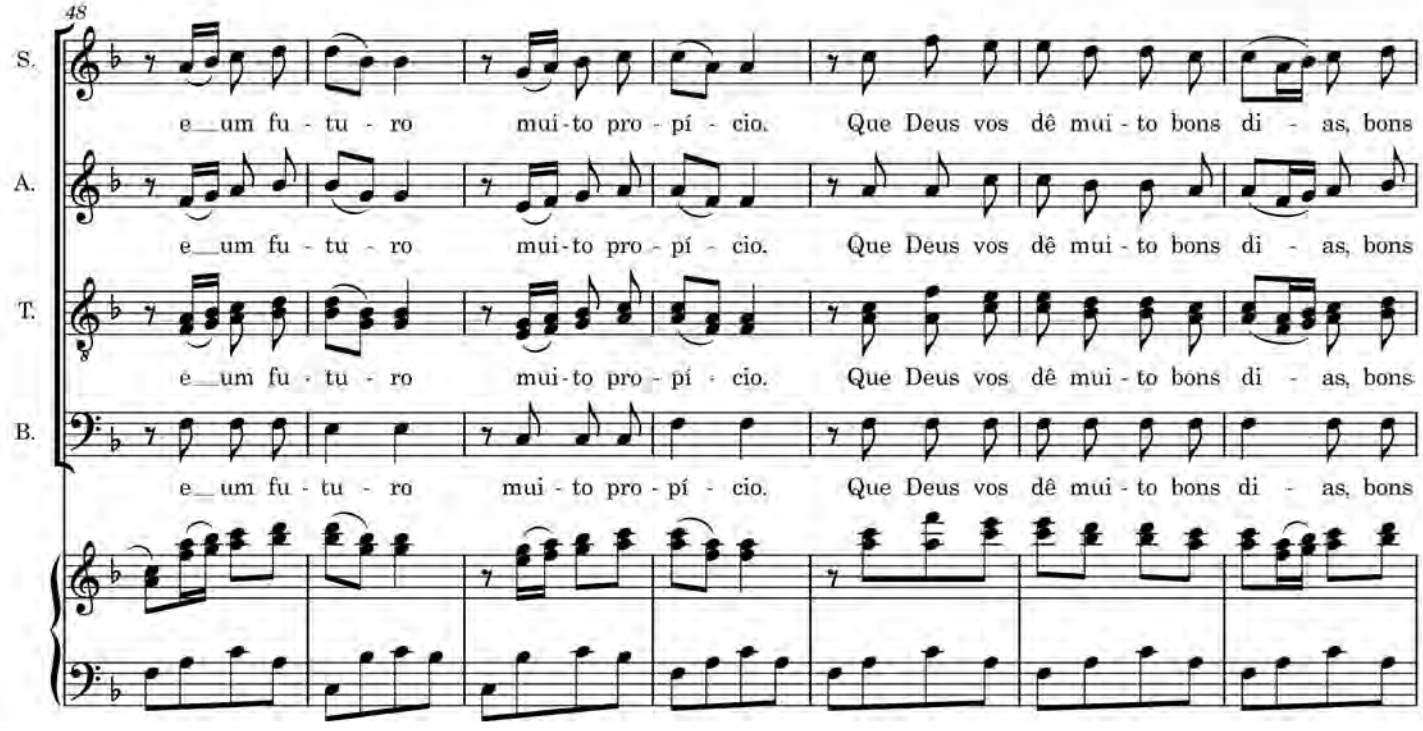




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
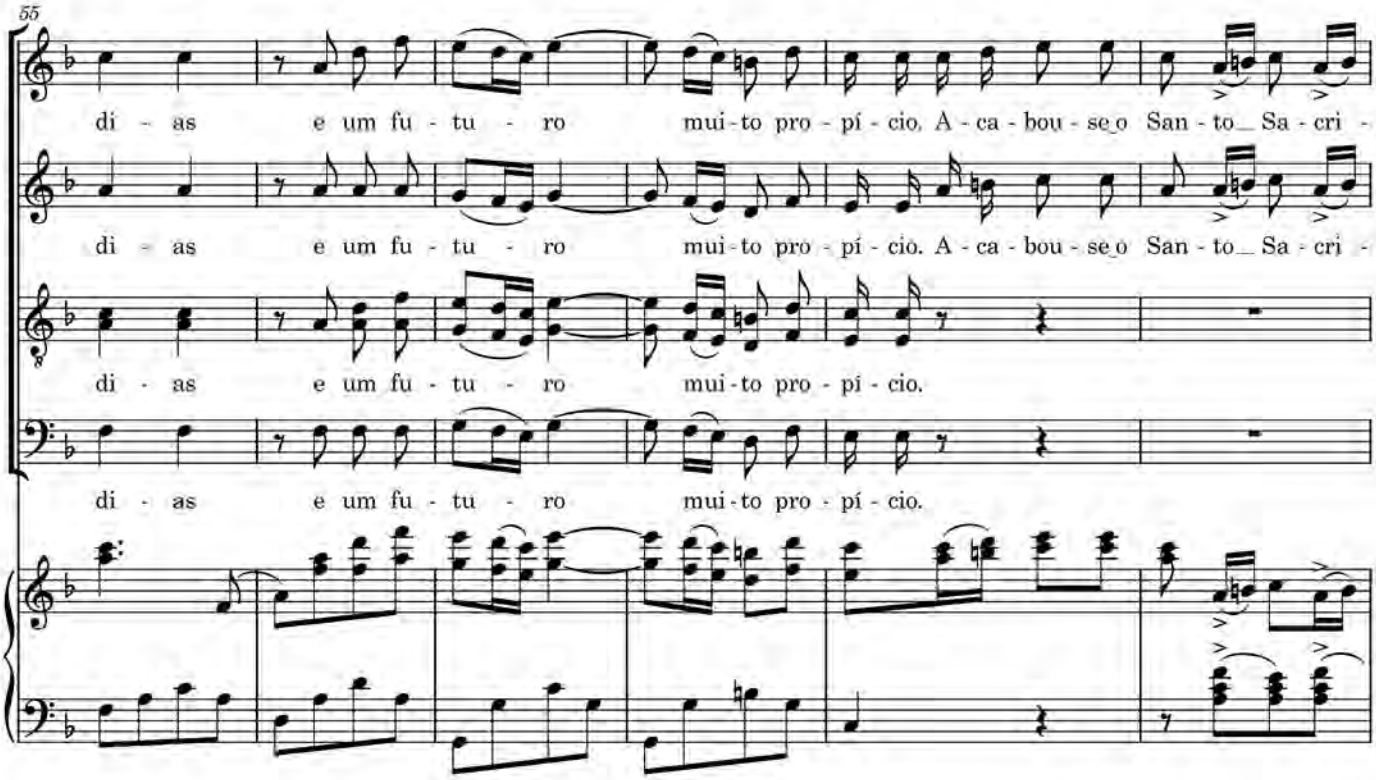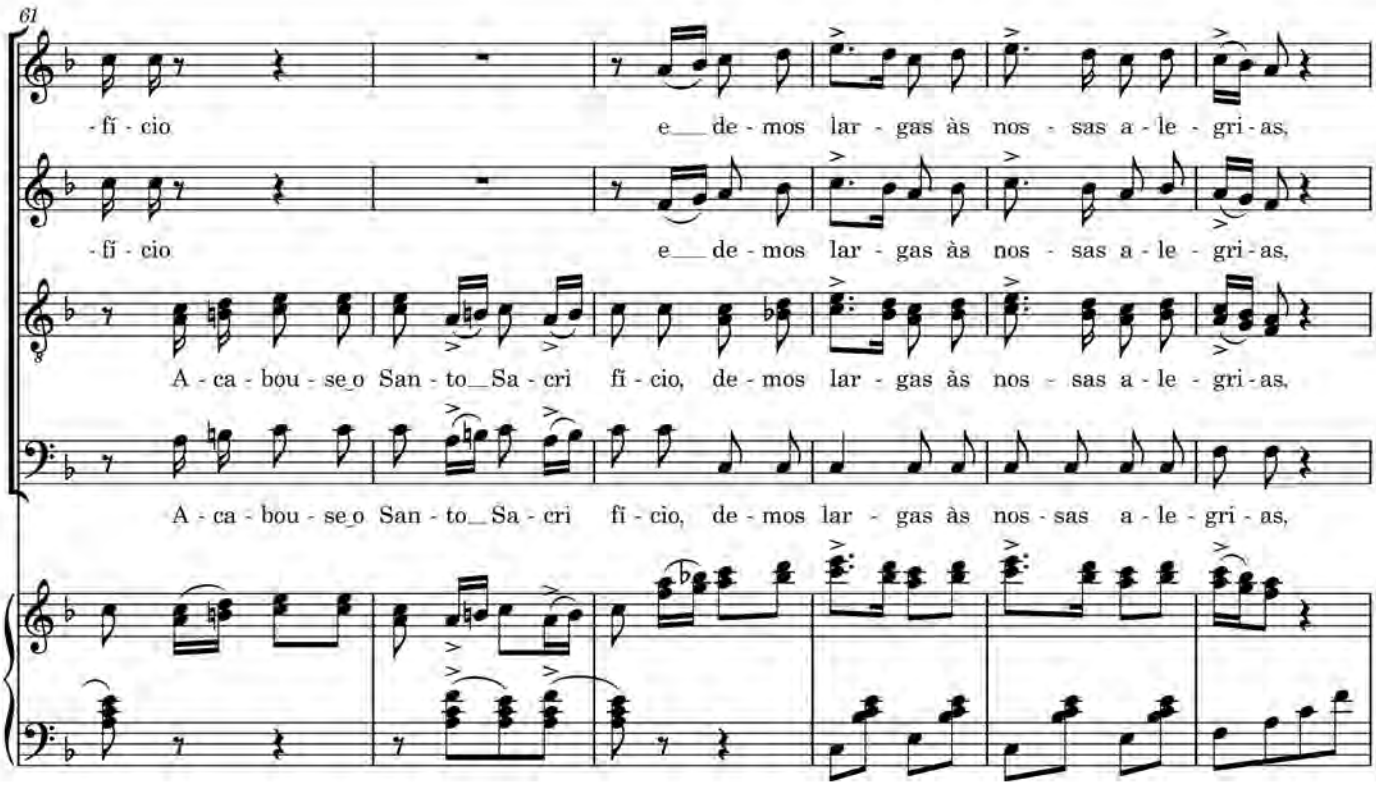


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
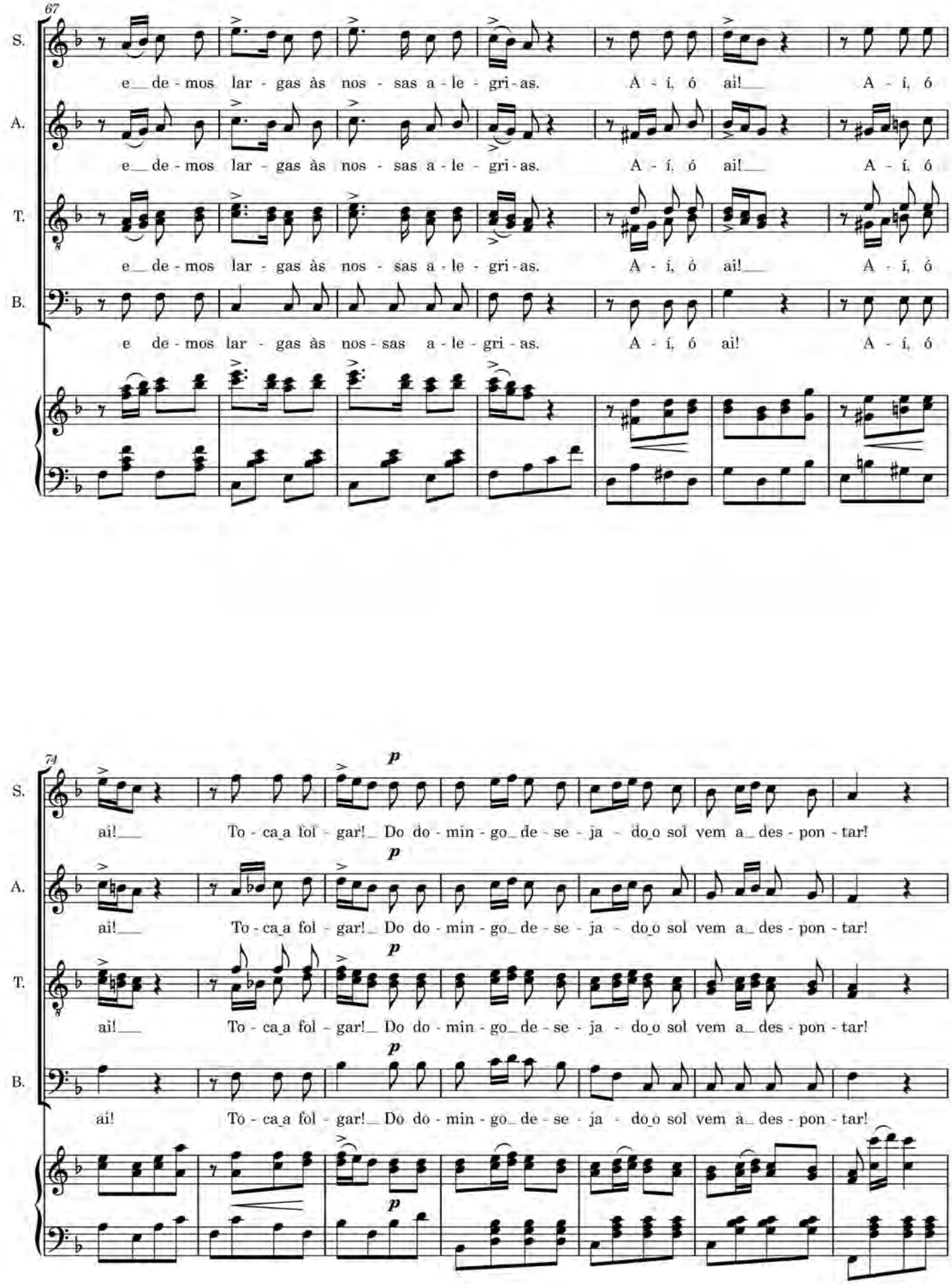




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
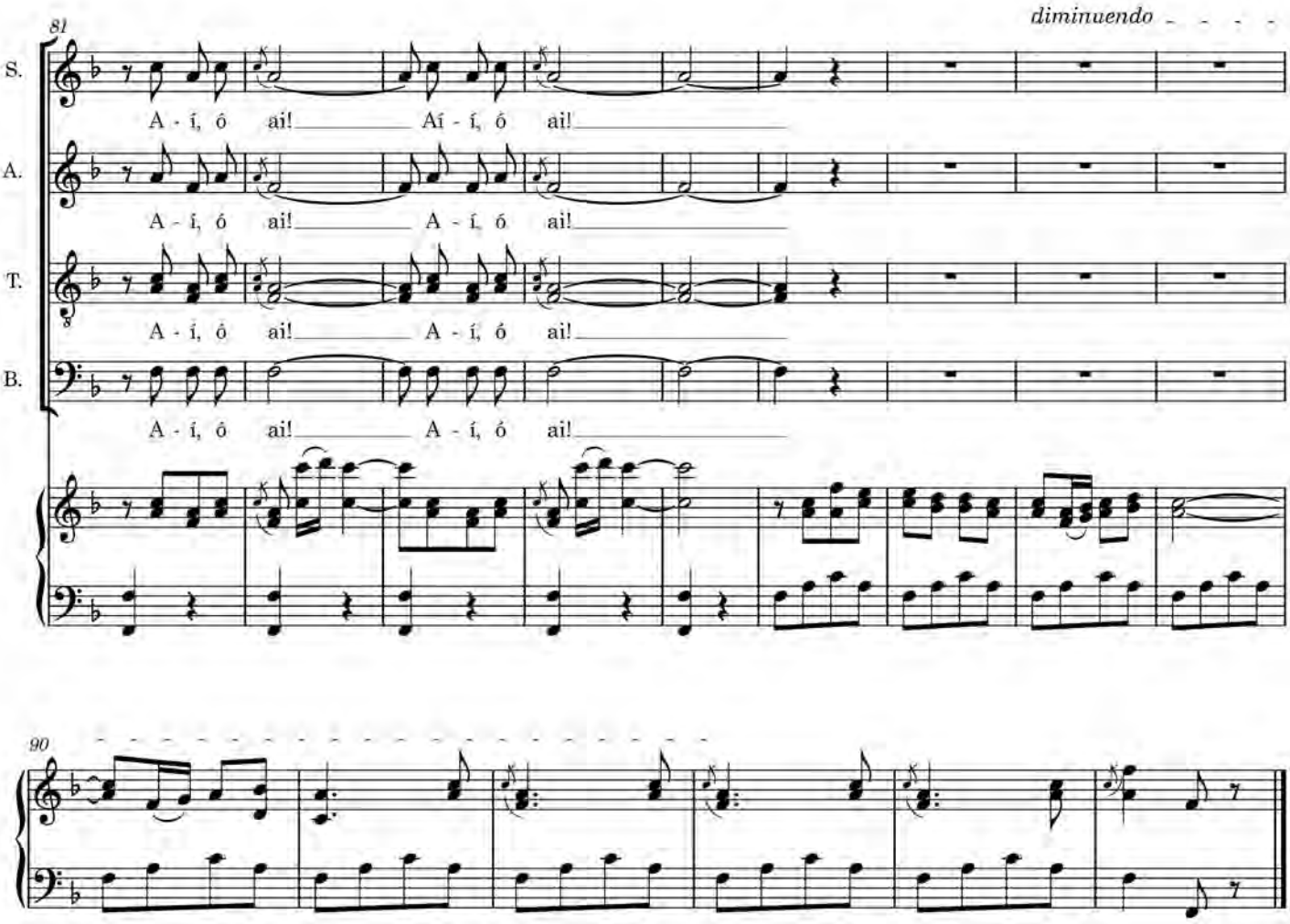




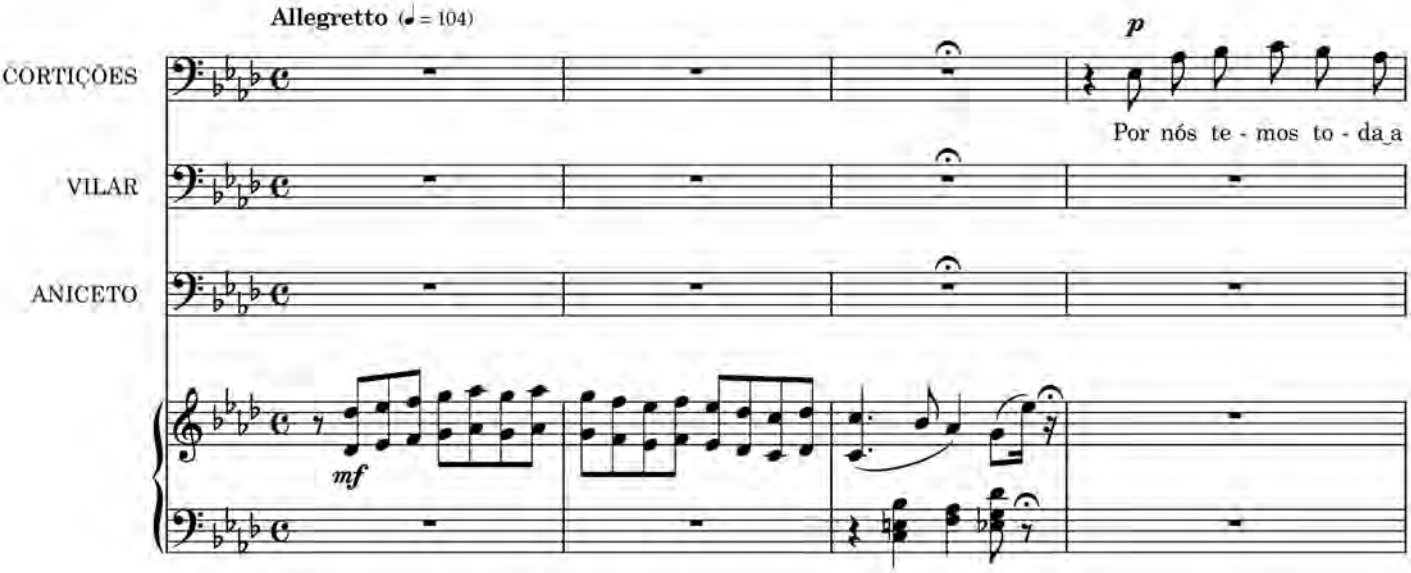
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
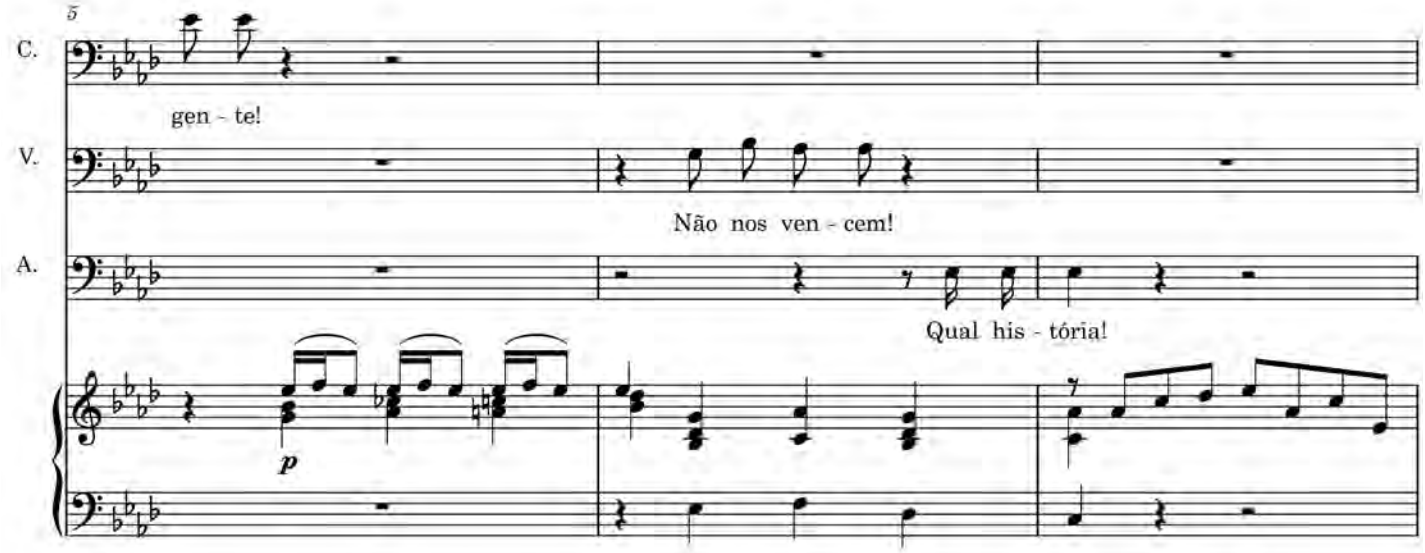


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
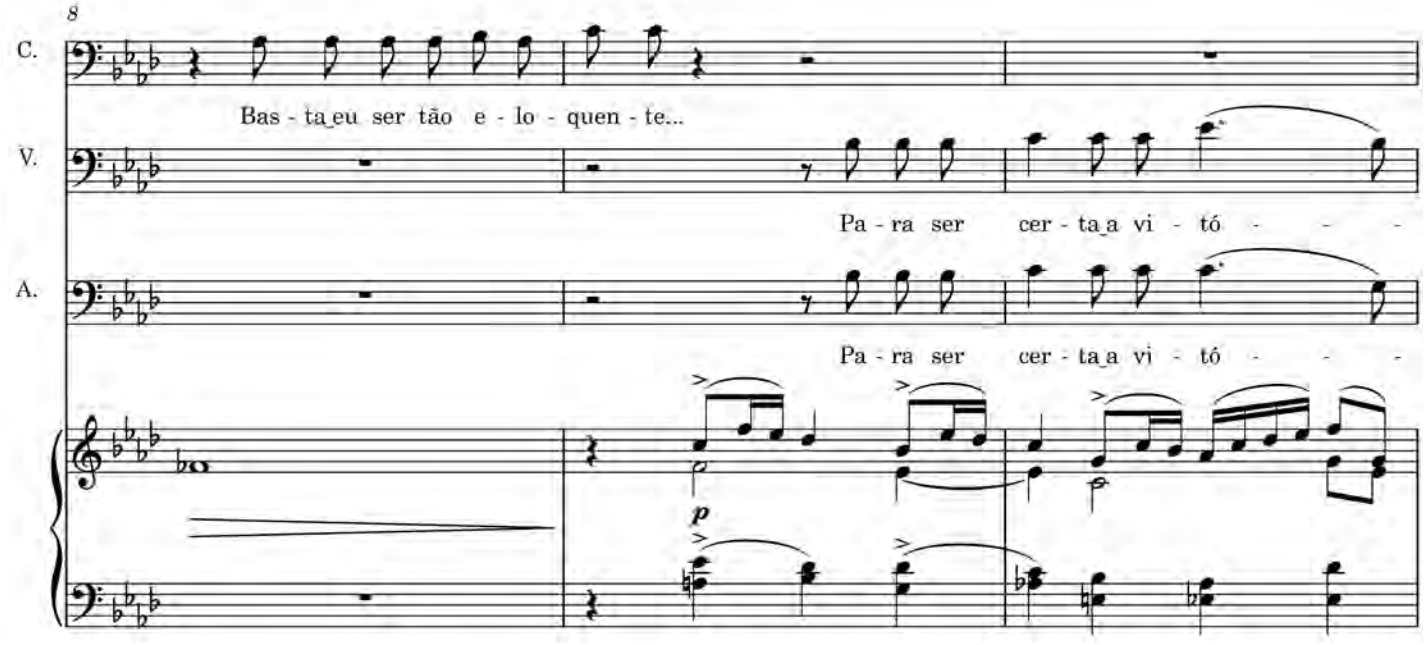


N.º 12 TERCETO CÓMICO
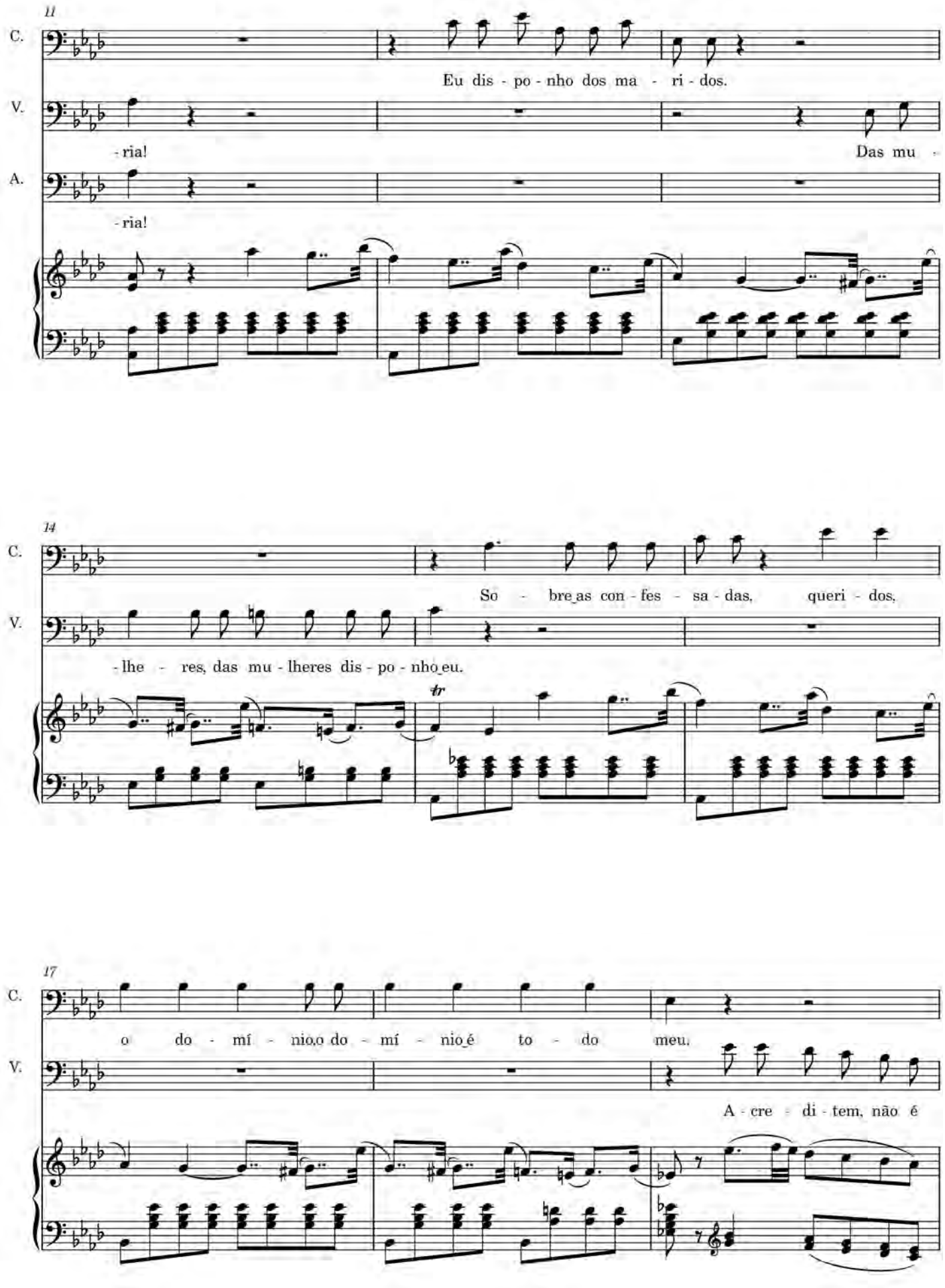


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

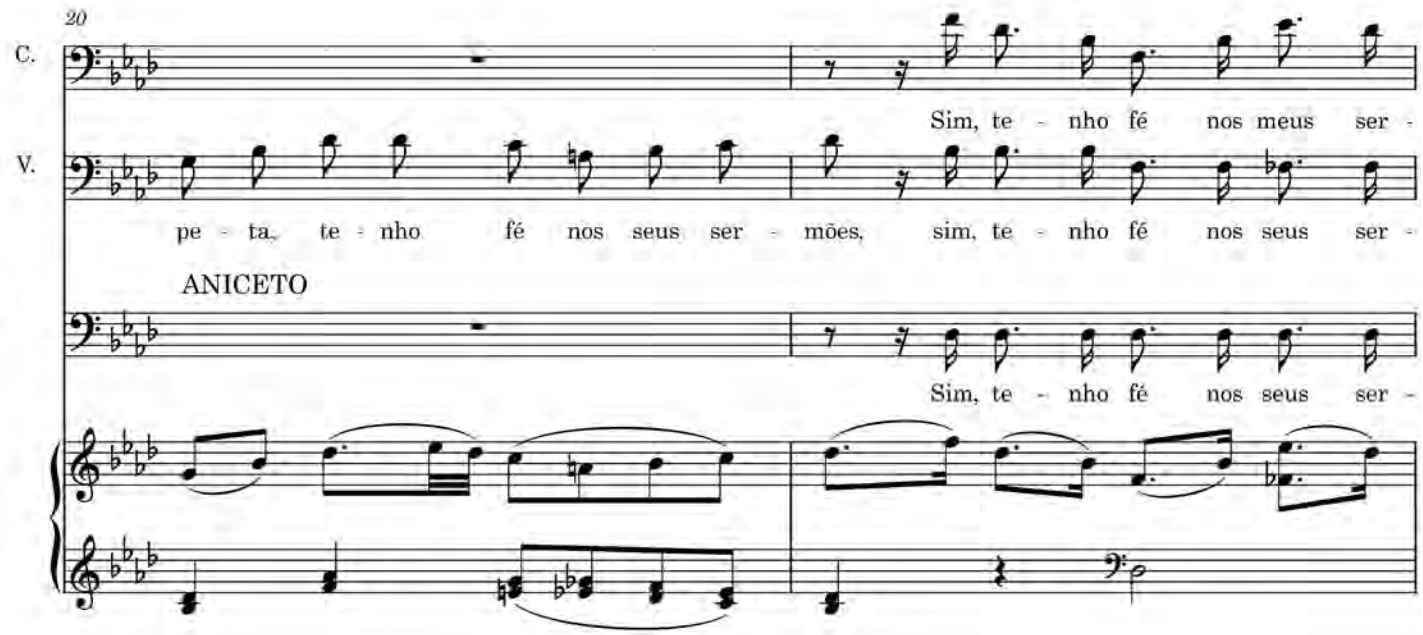


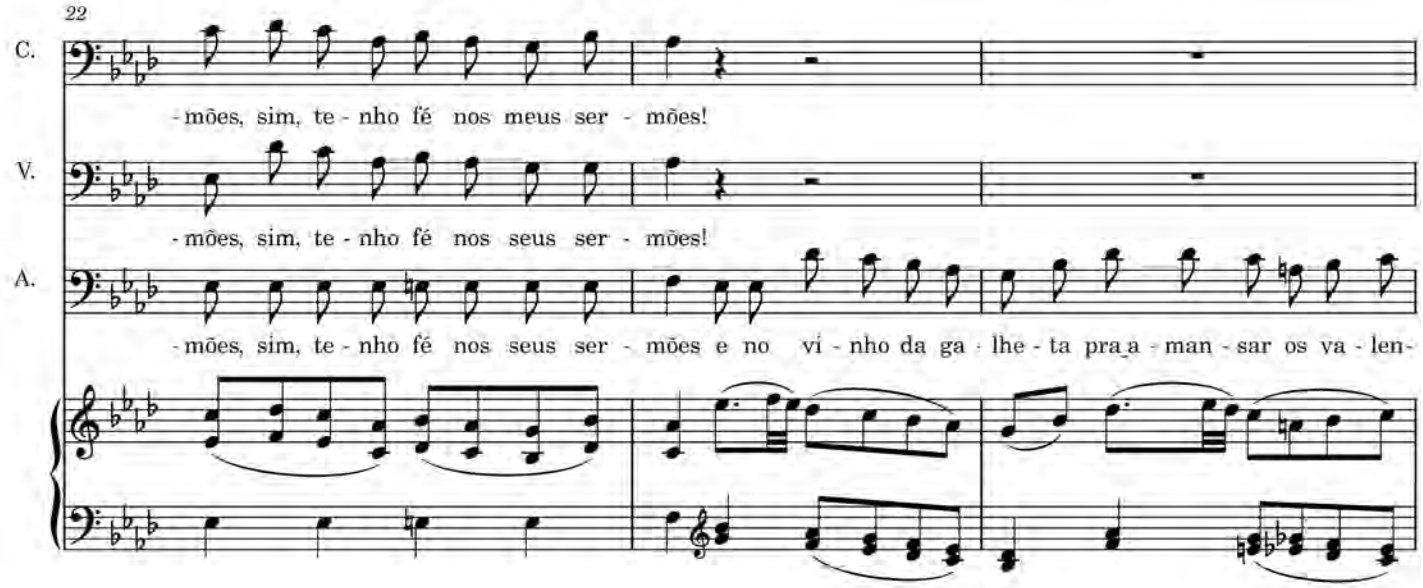


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



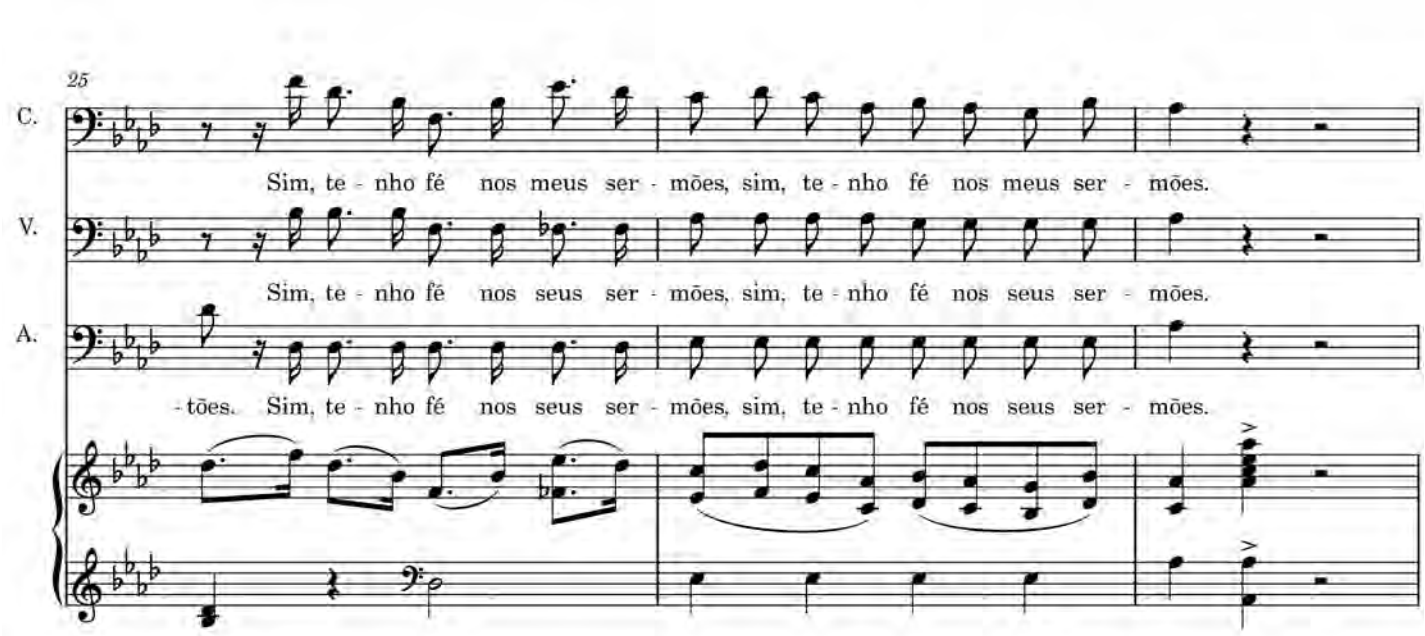
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
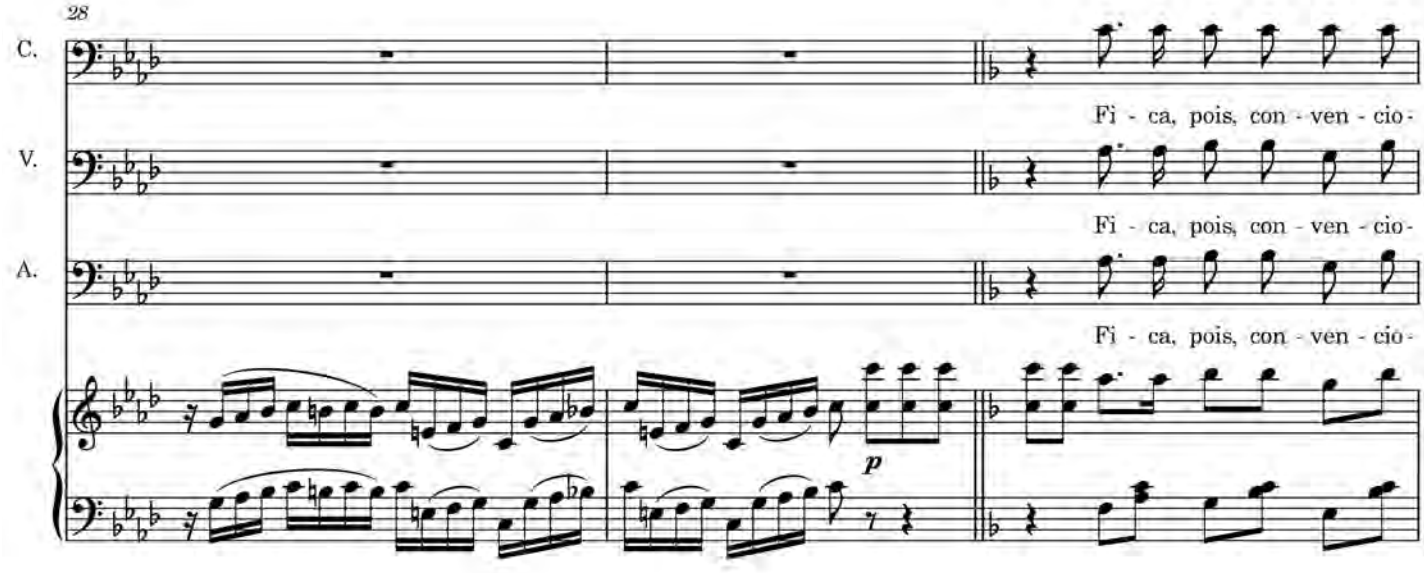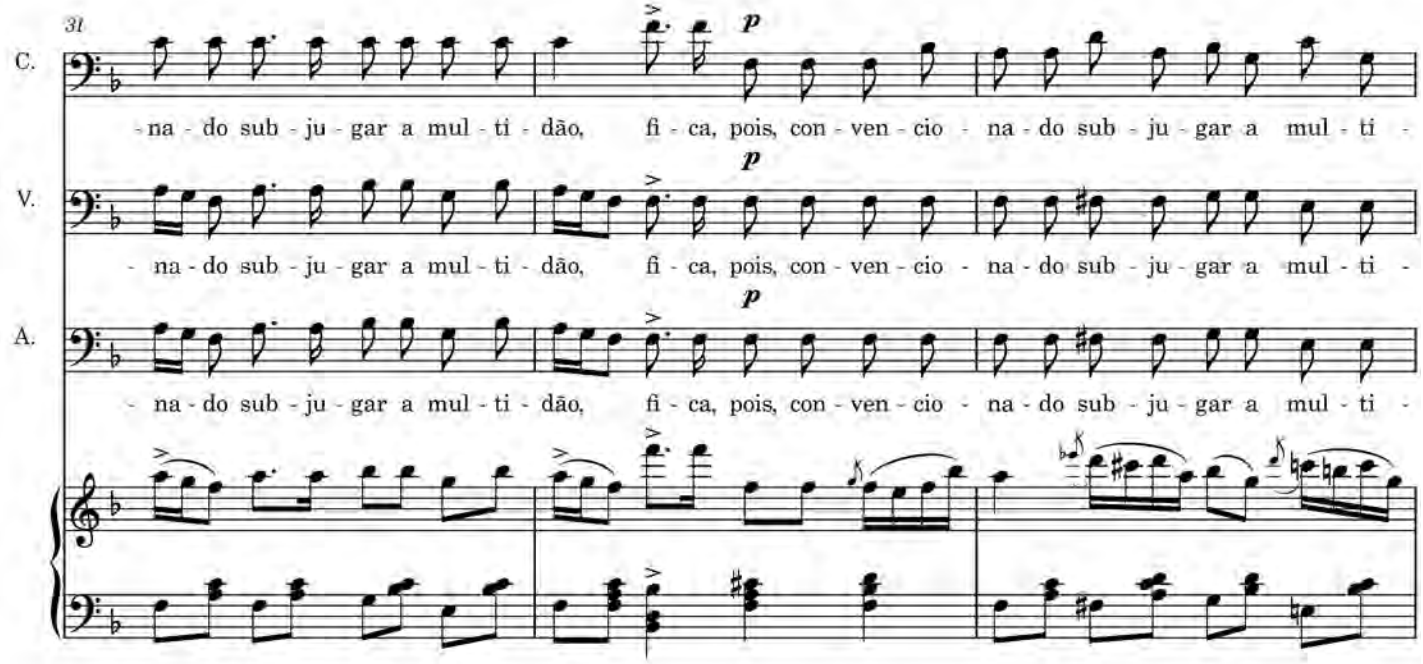




IMPRENSA NACIONAL
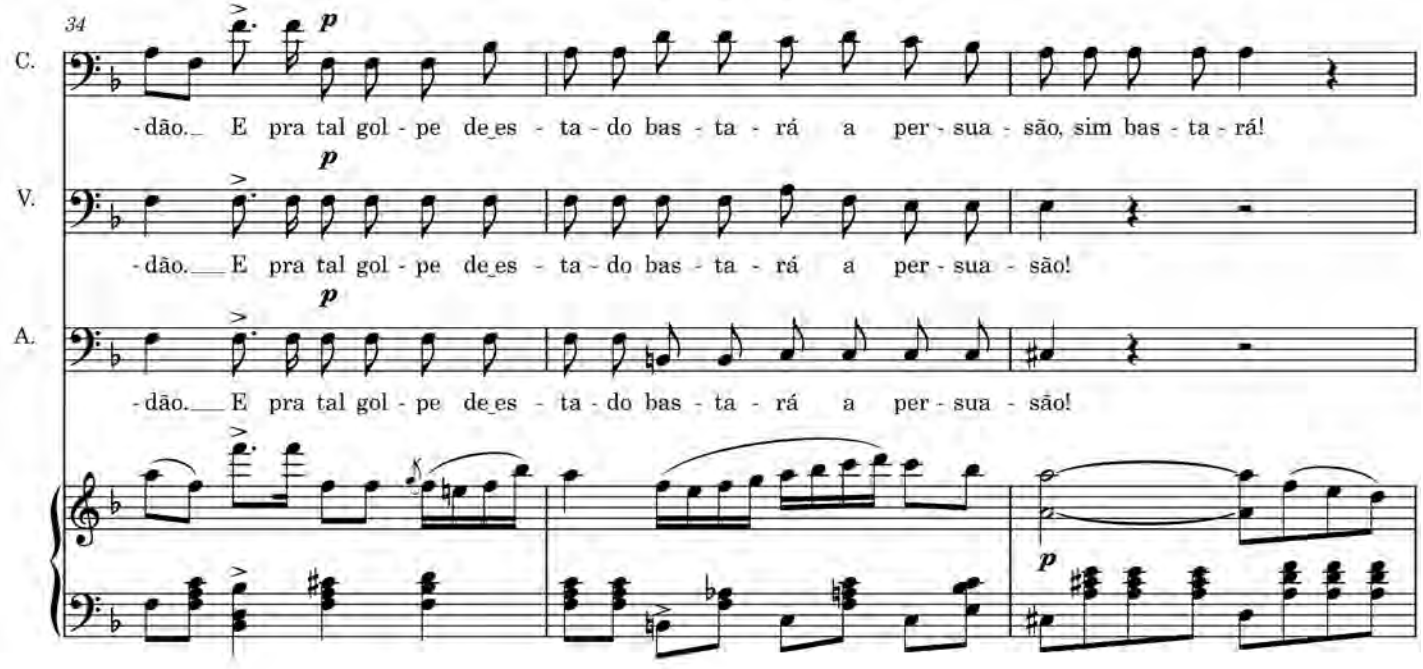
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
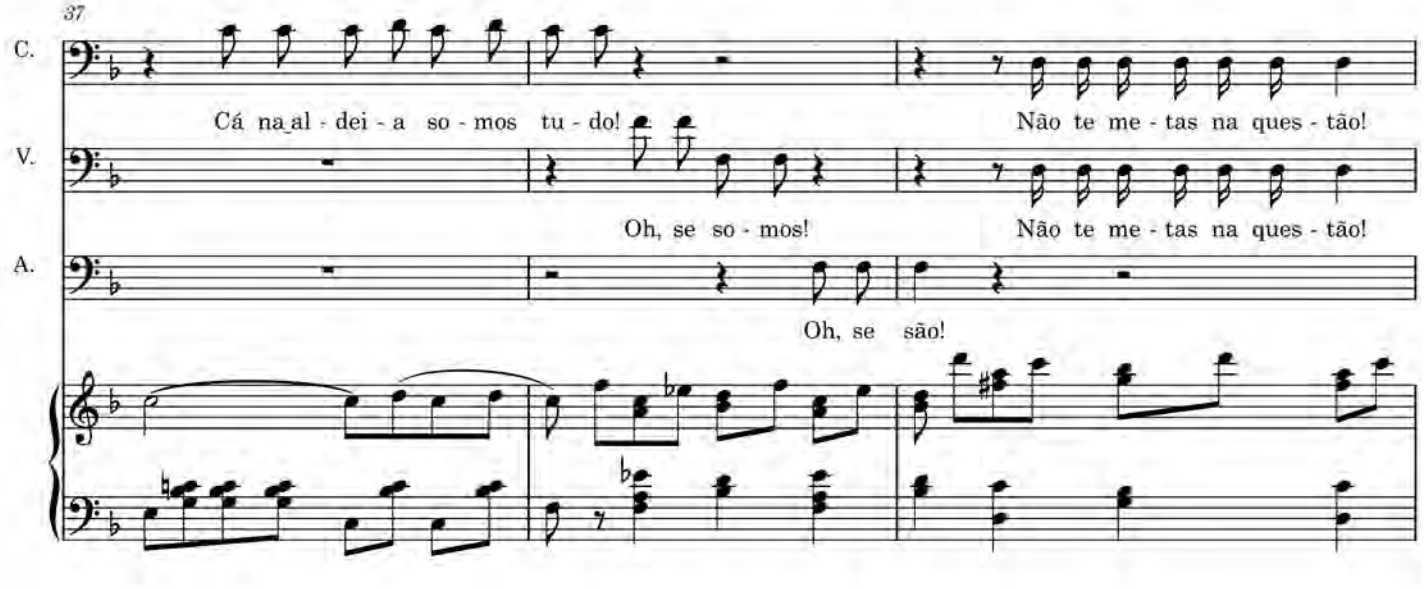




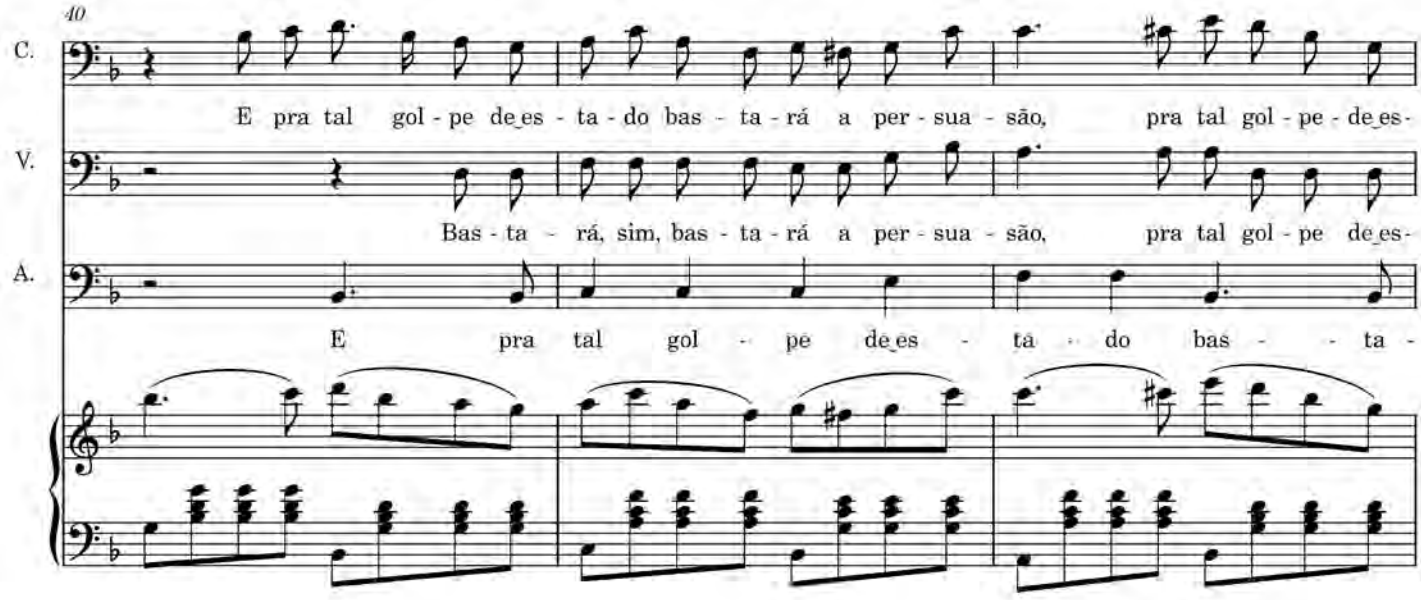
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
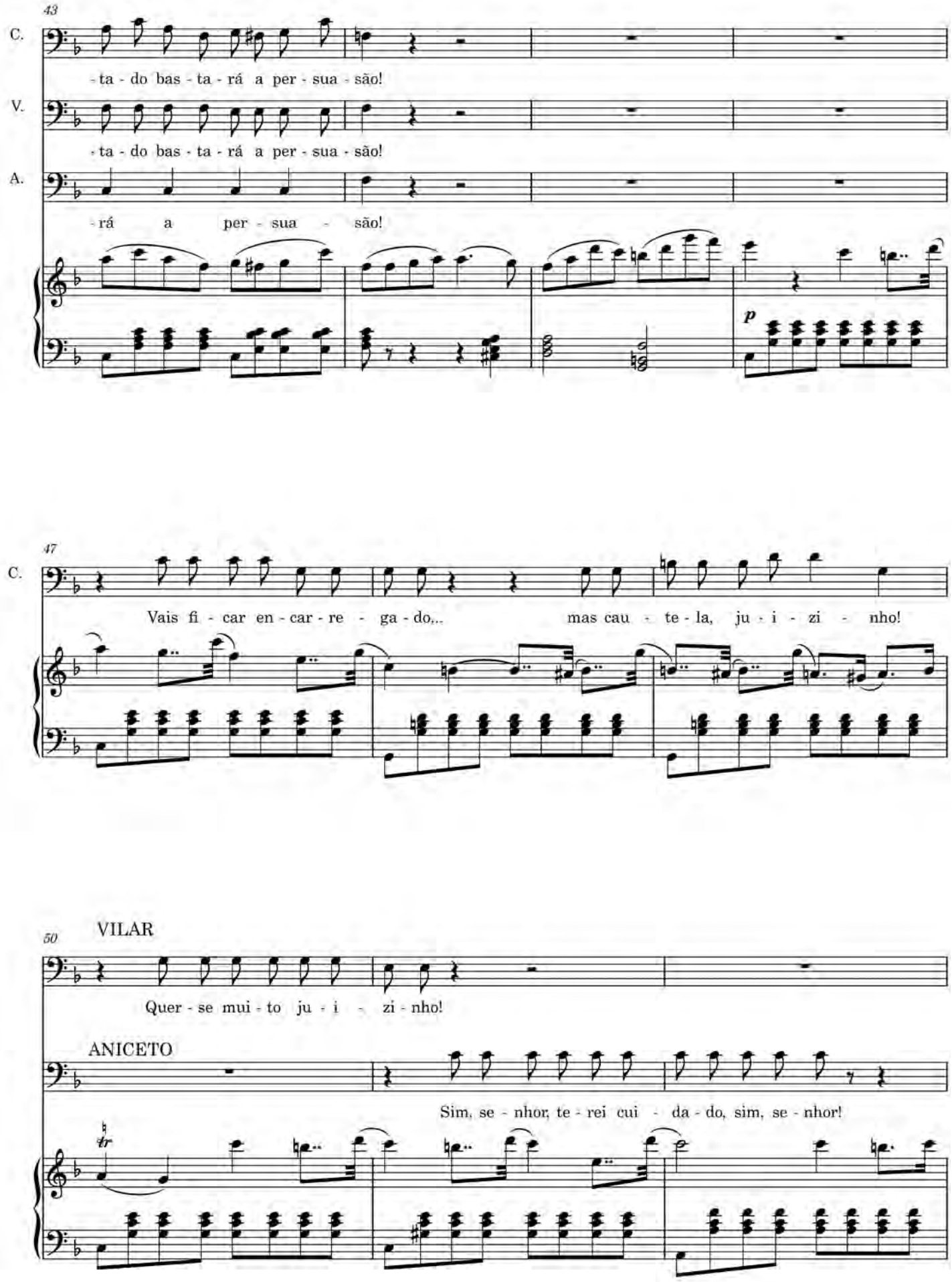




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
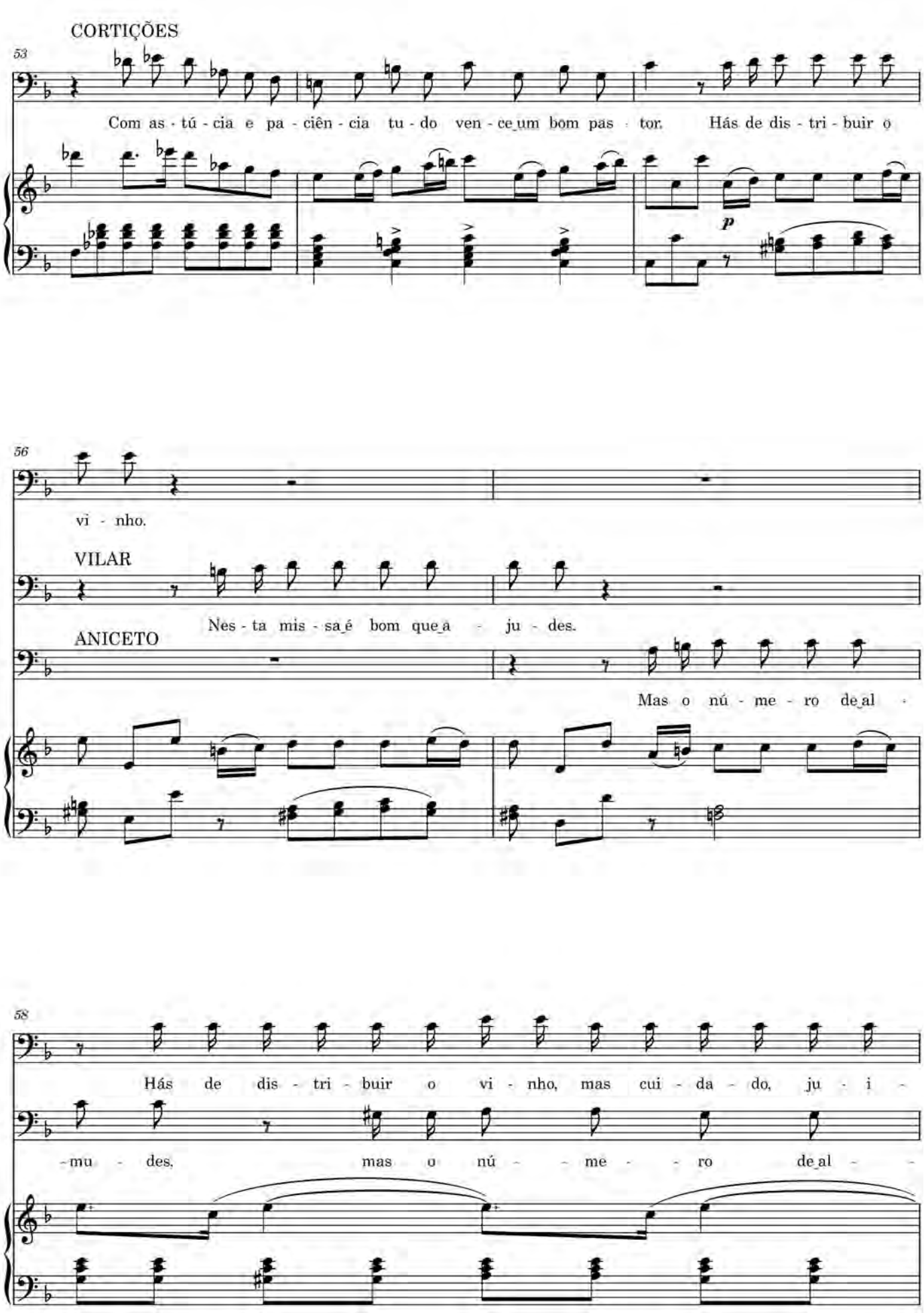




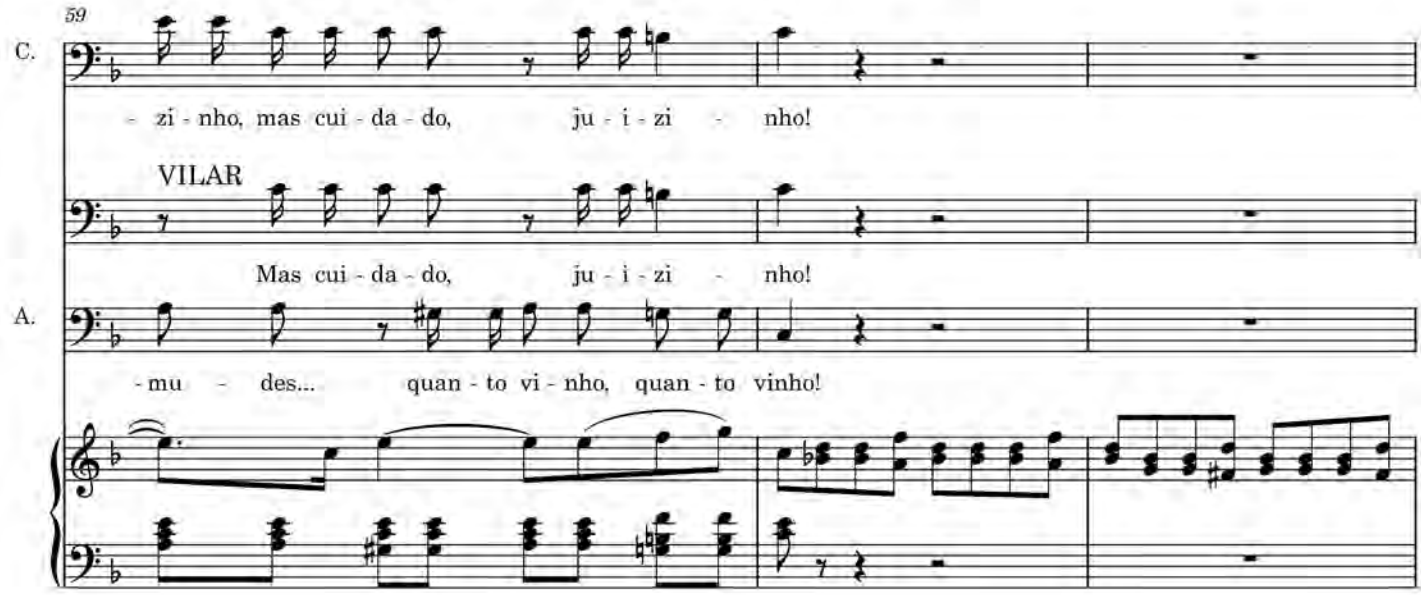
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

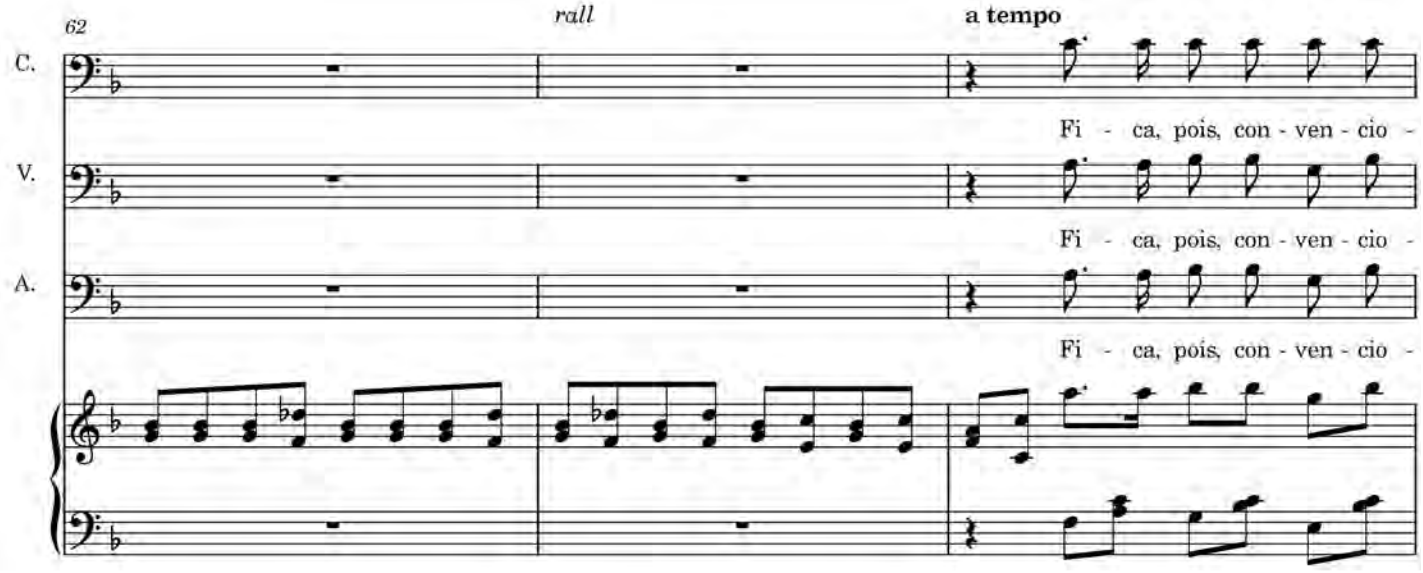


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
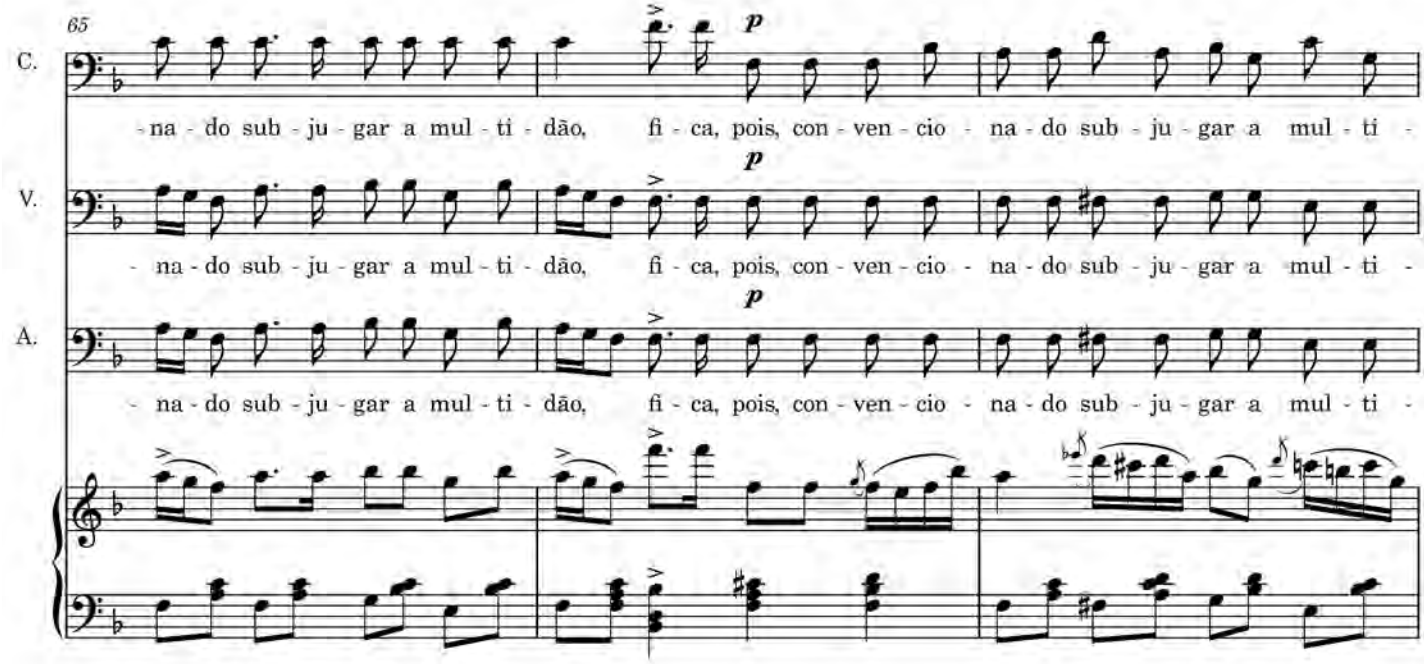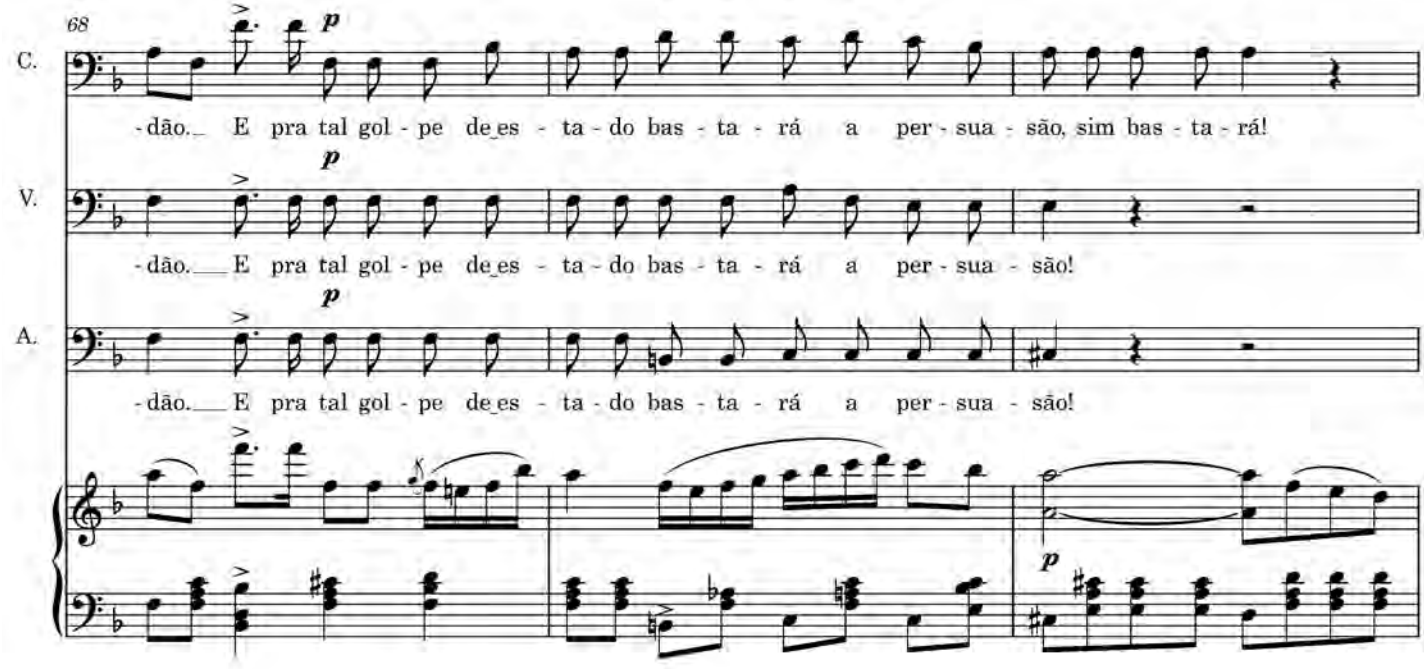


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
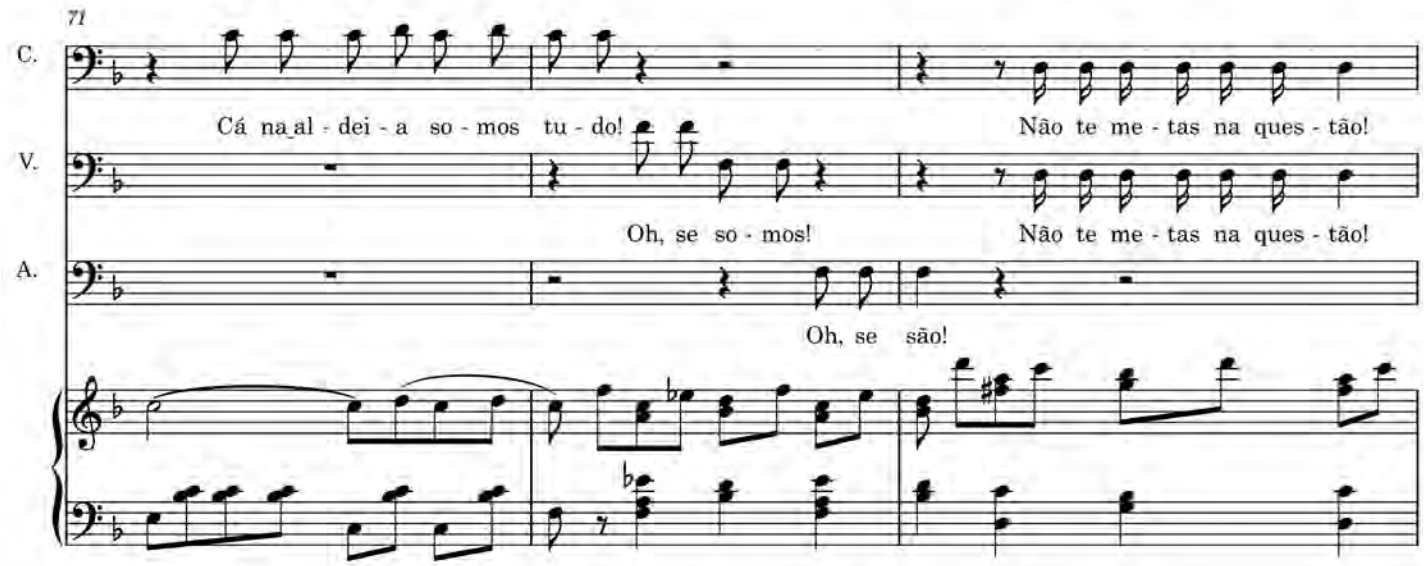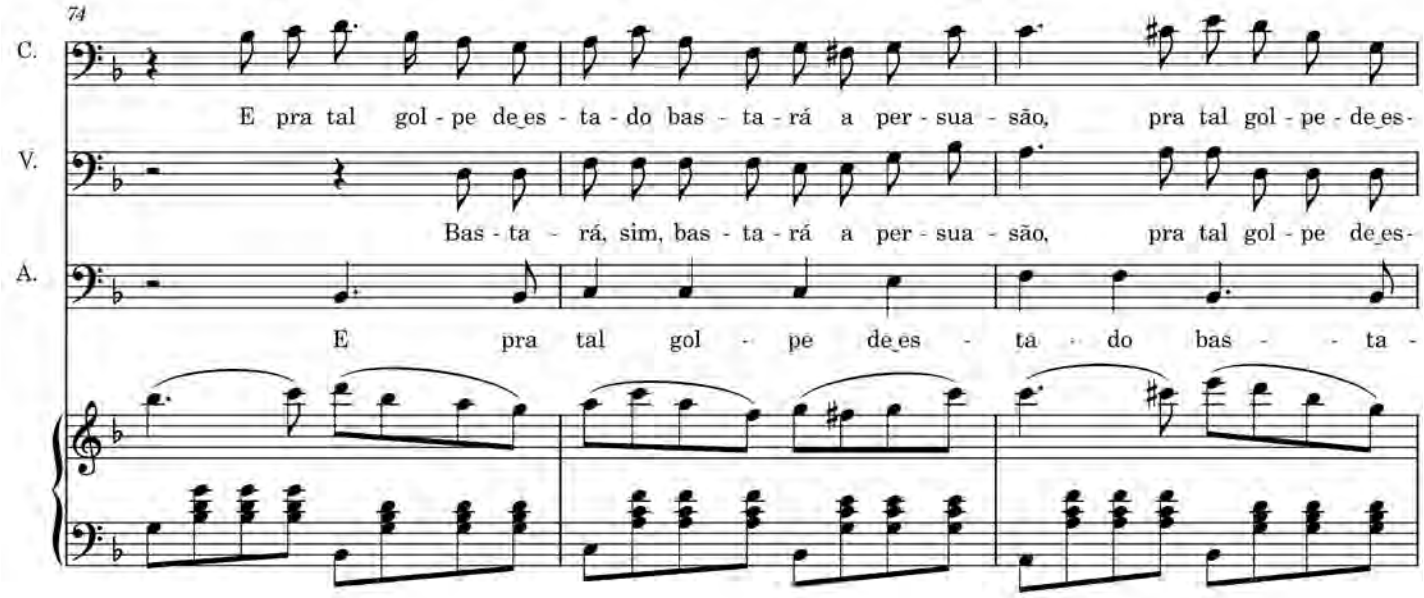




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
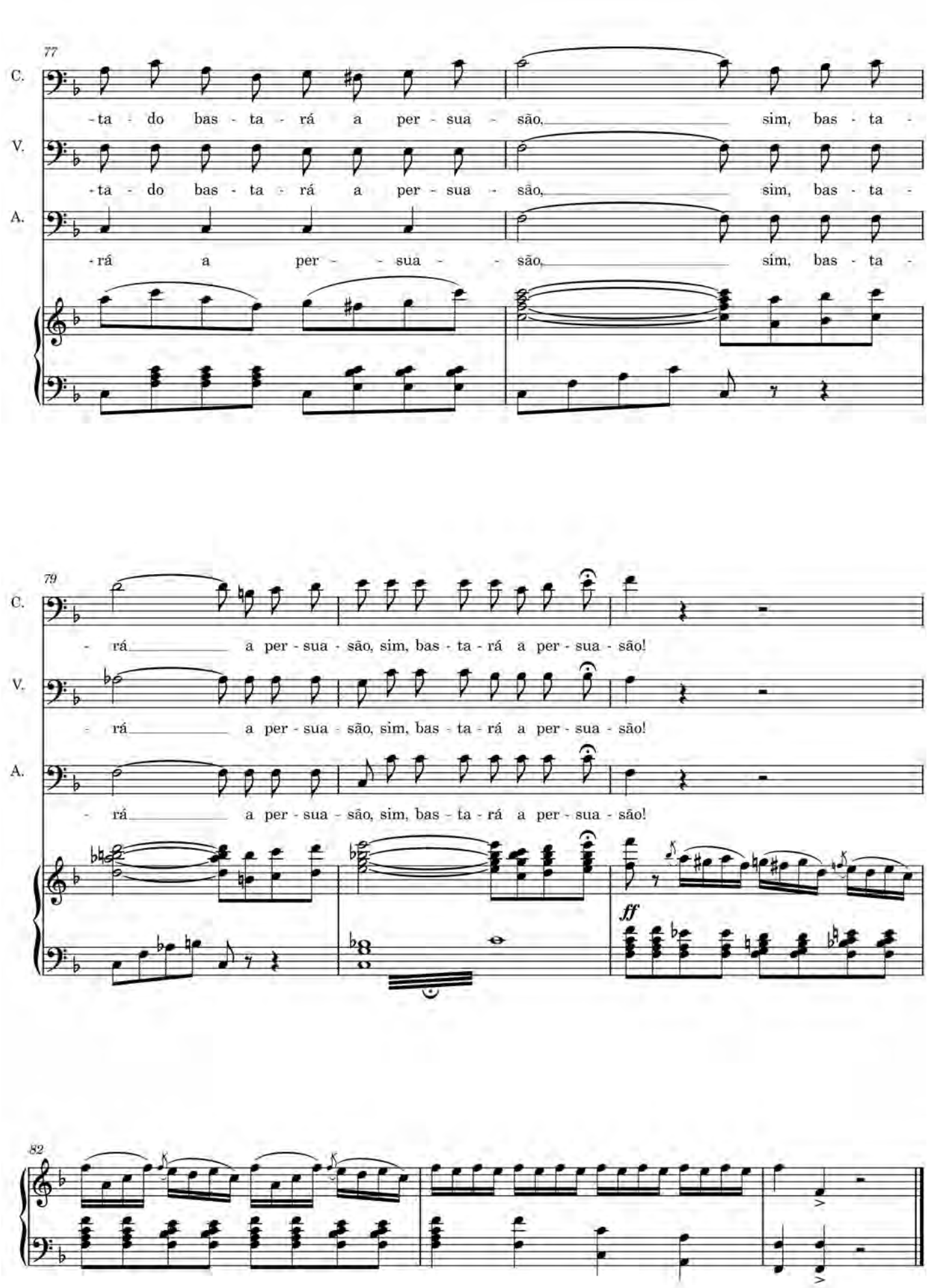




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
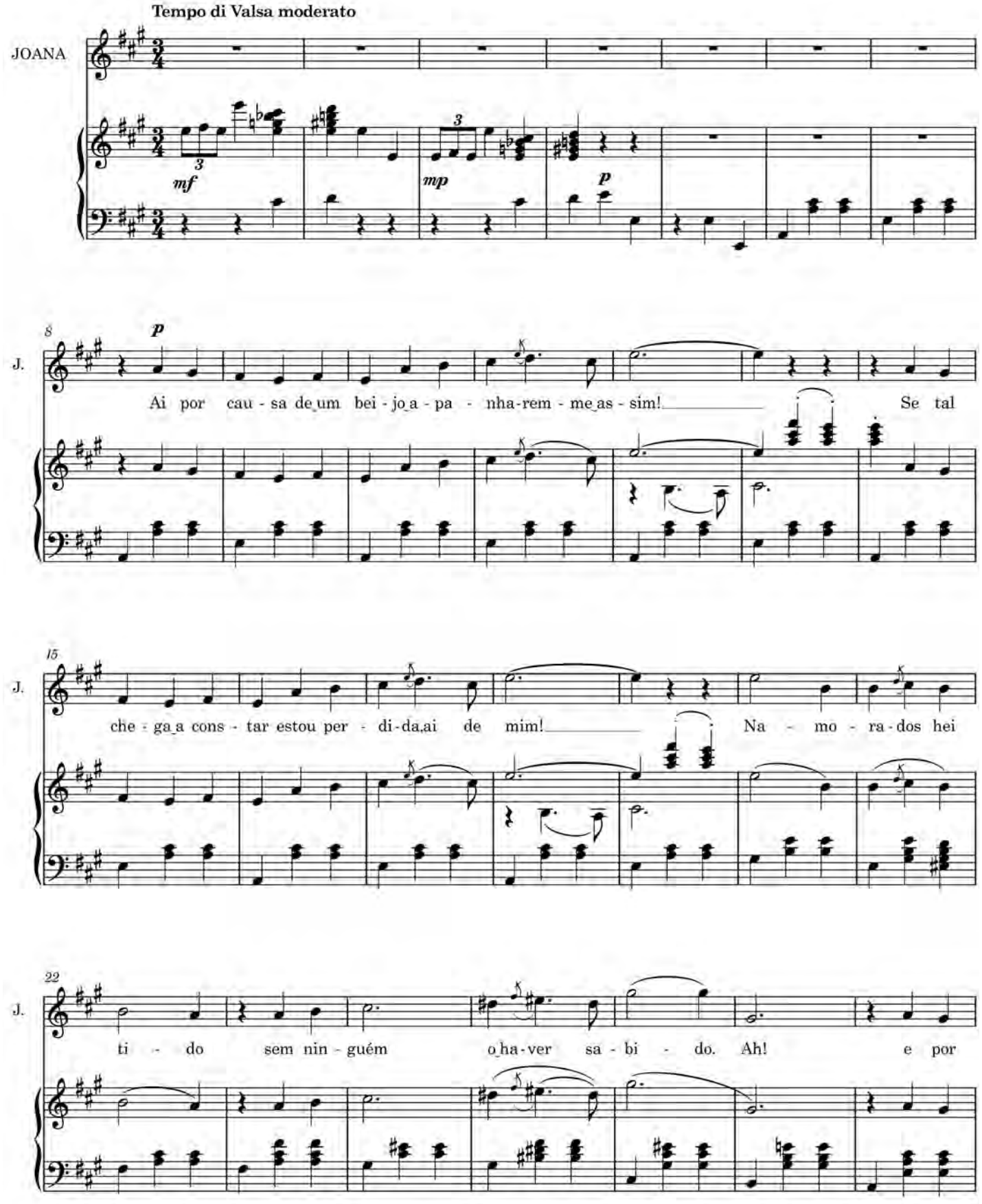




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
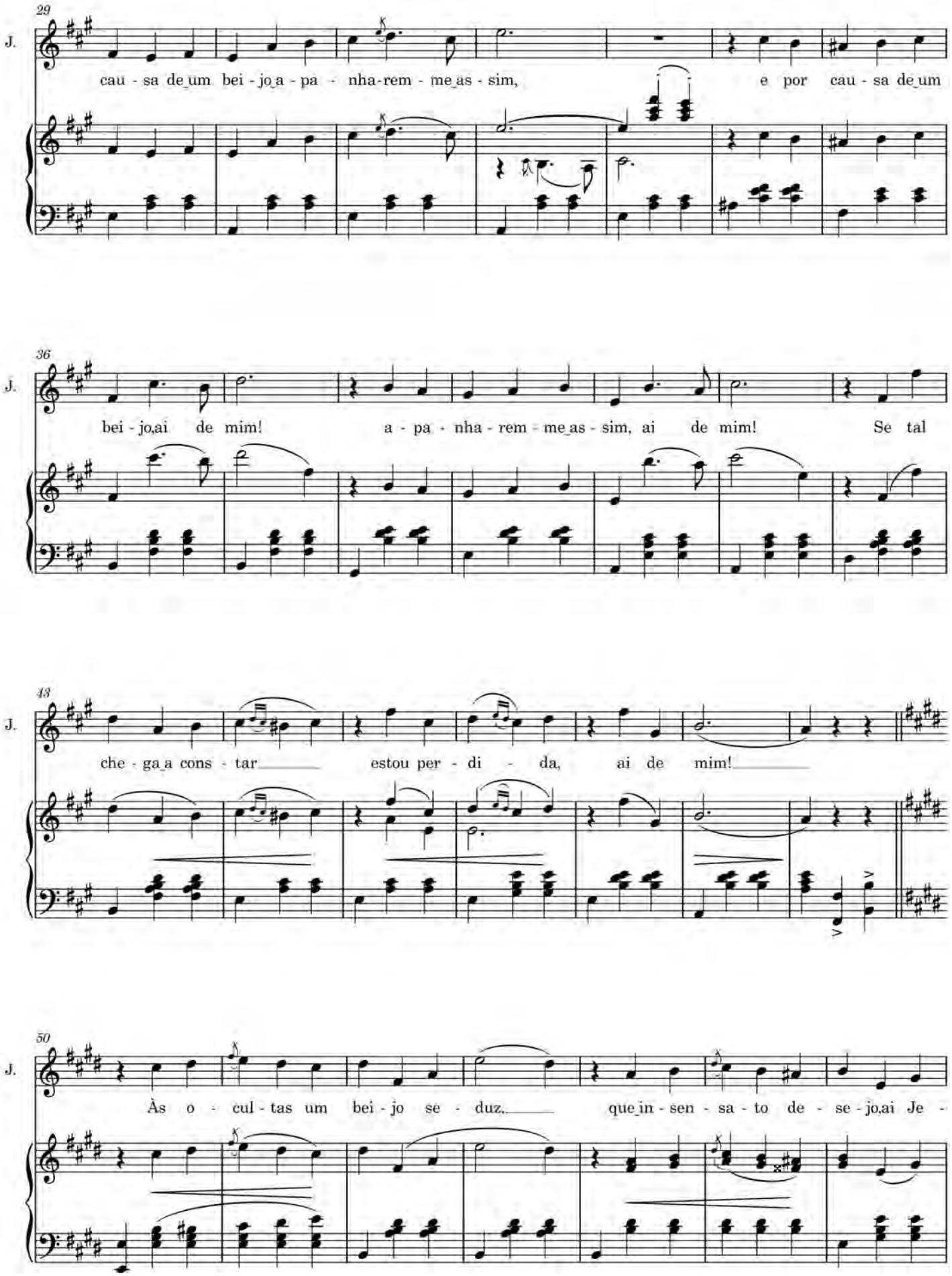


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
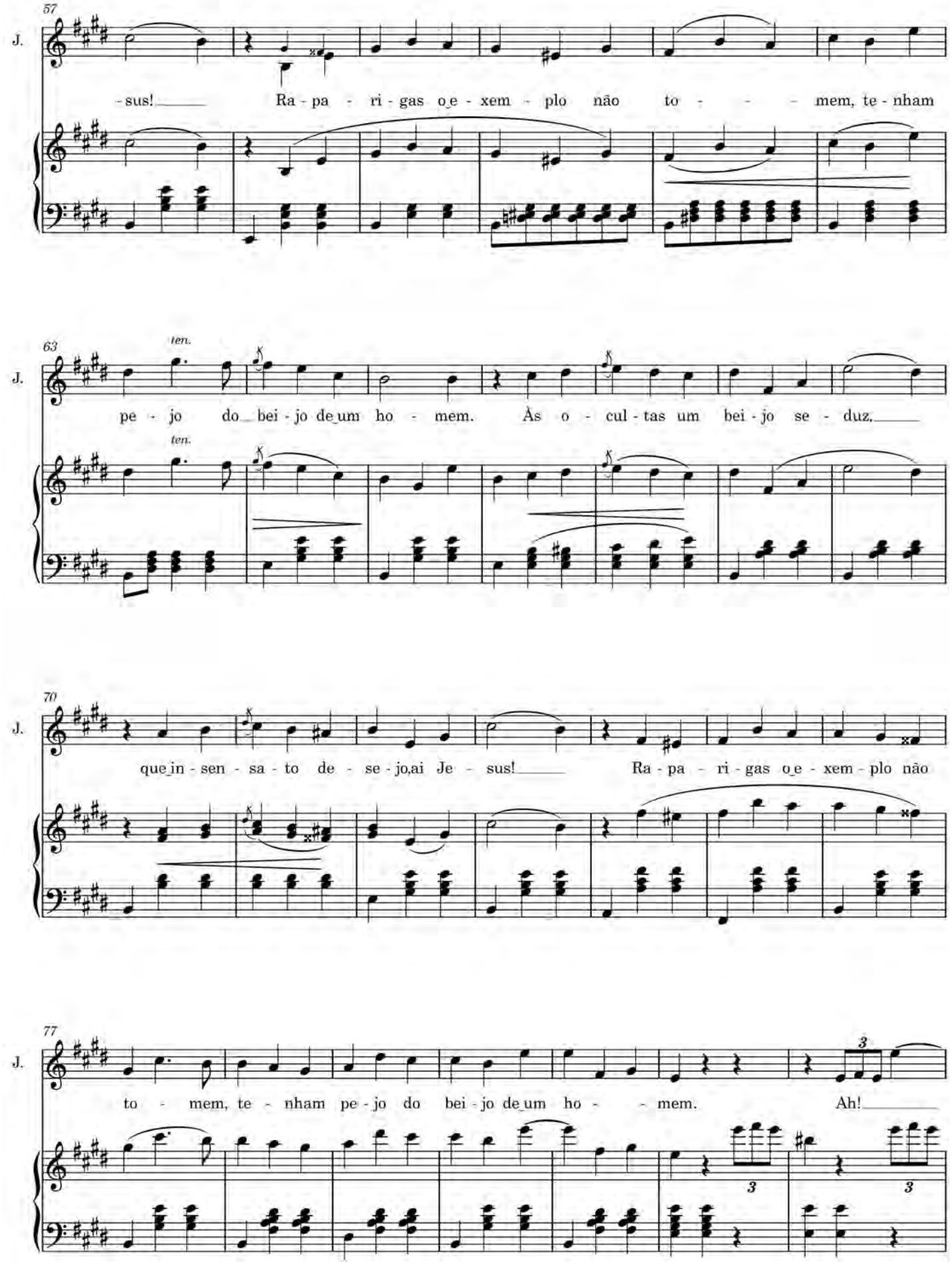
N.º 13 VALSA
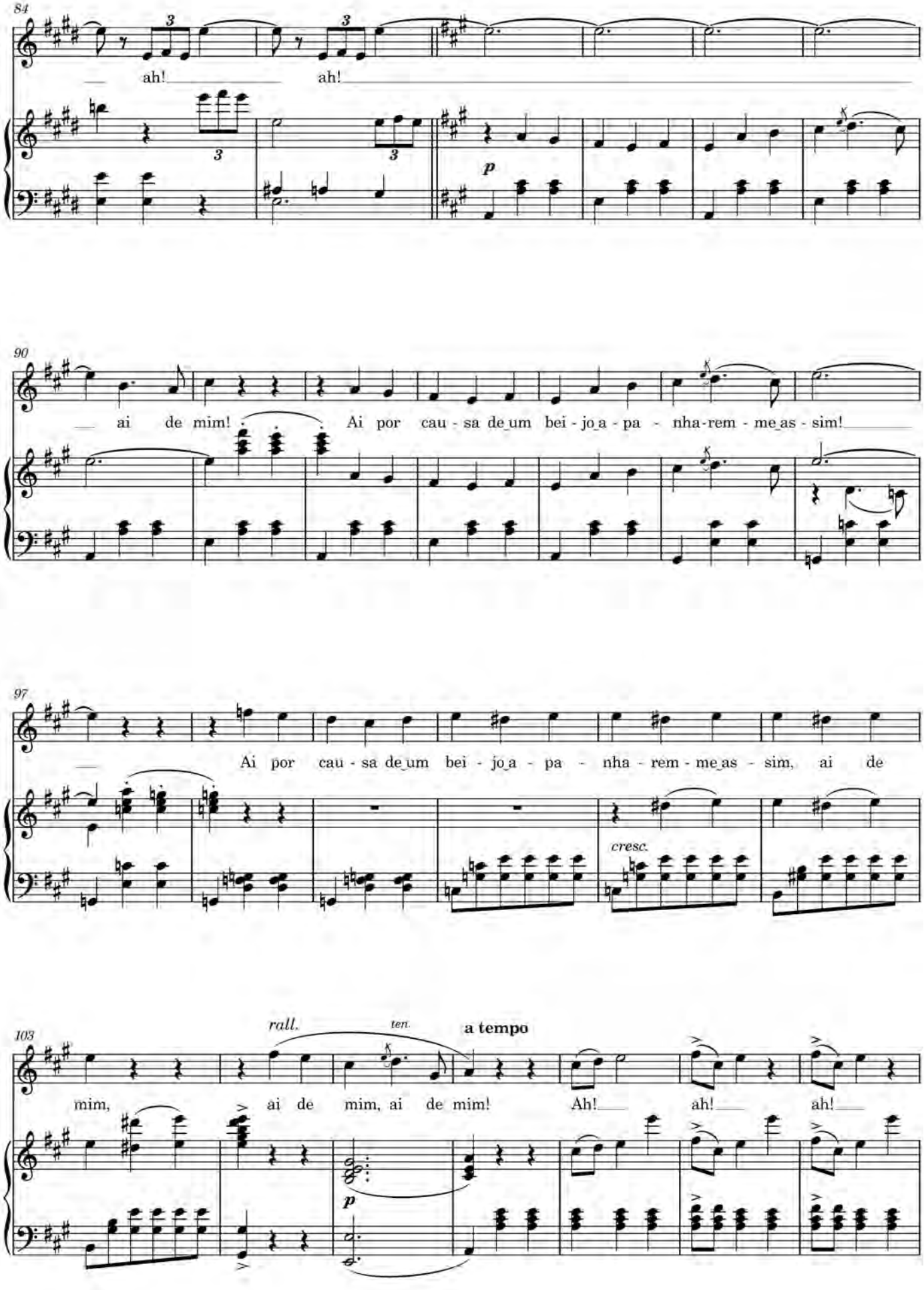


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
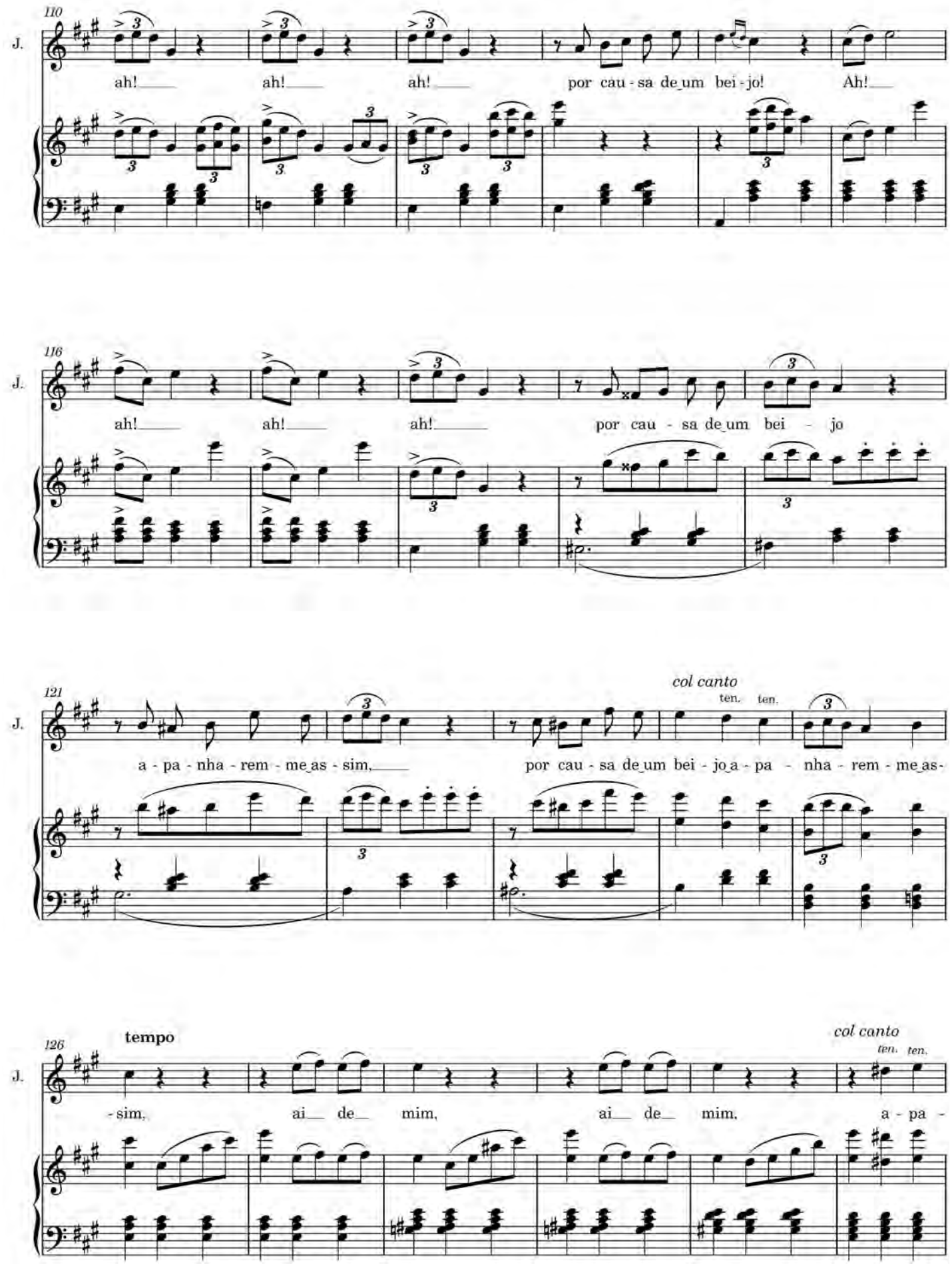


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
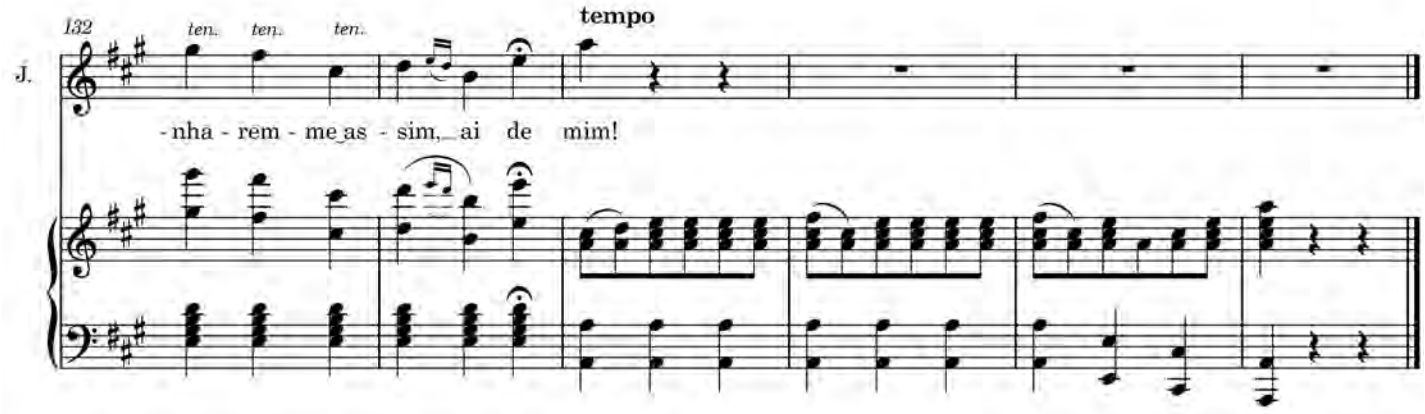


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
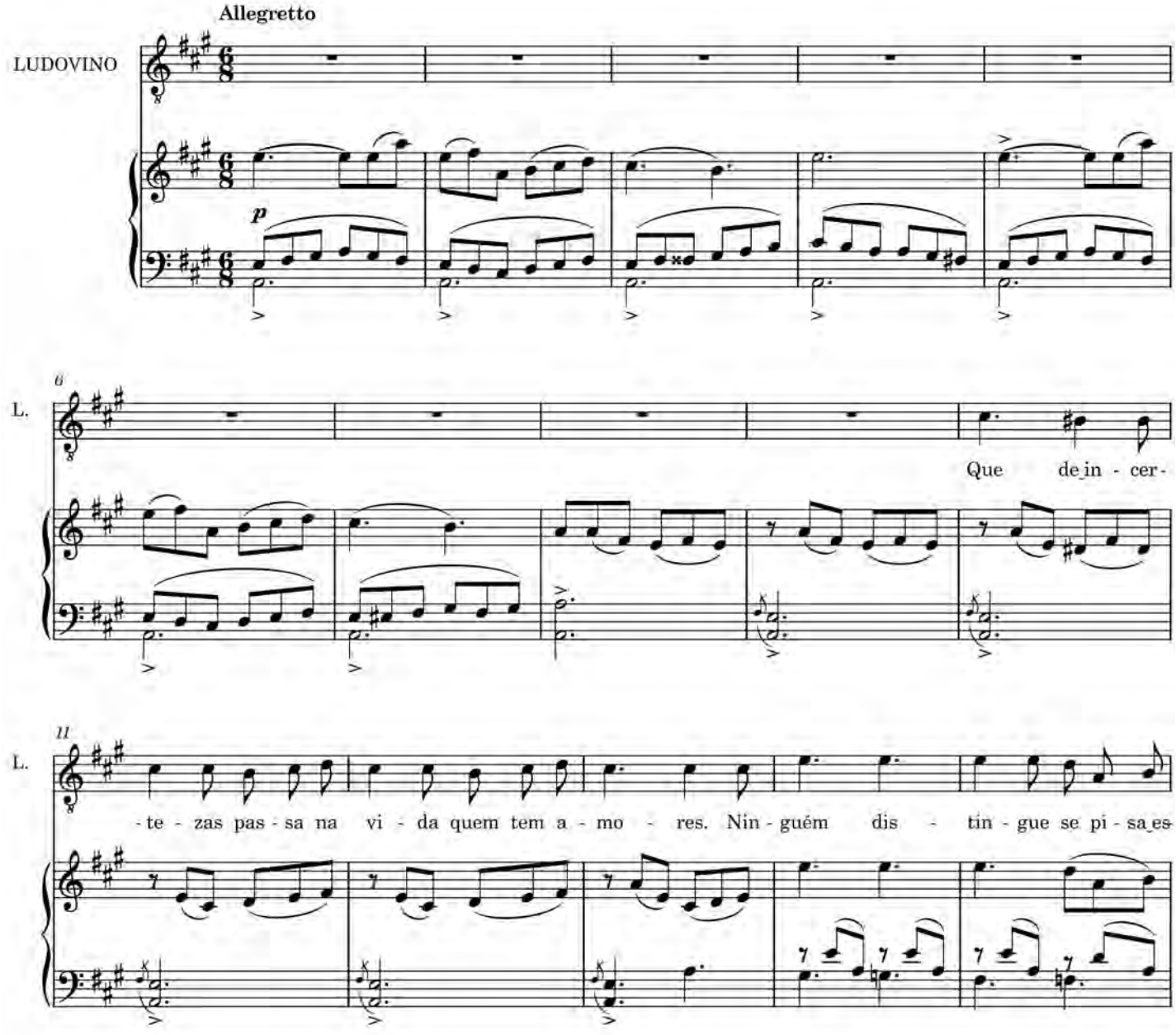


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
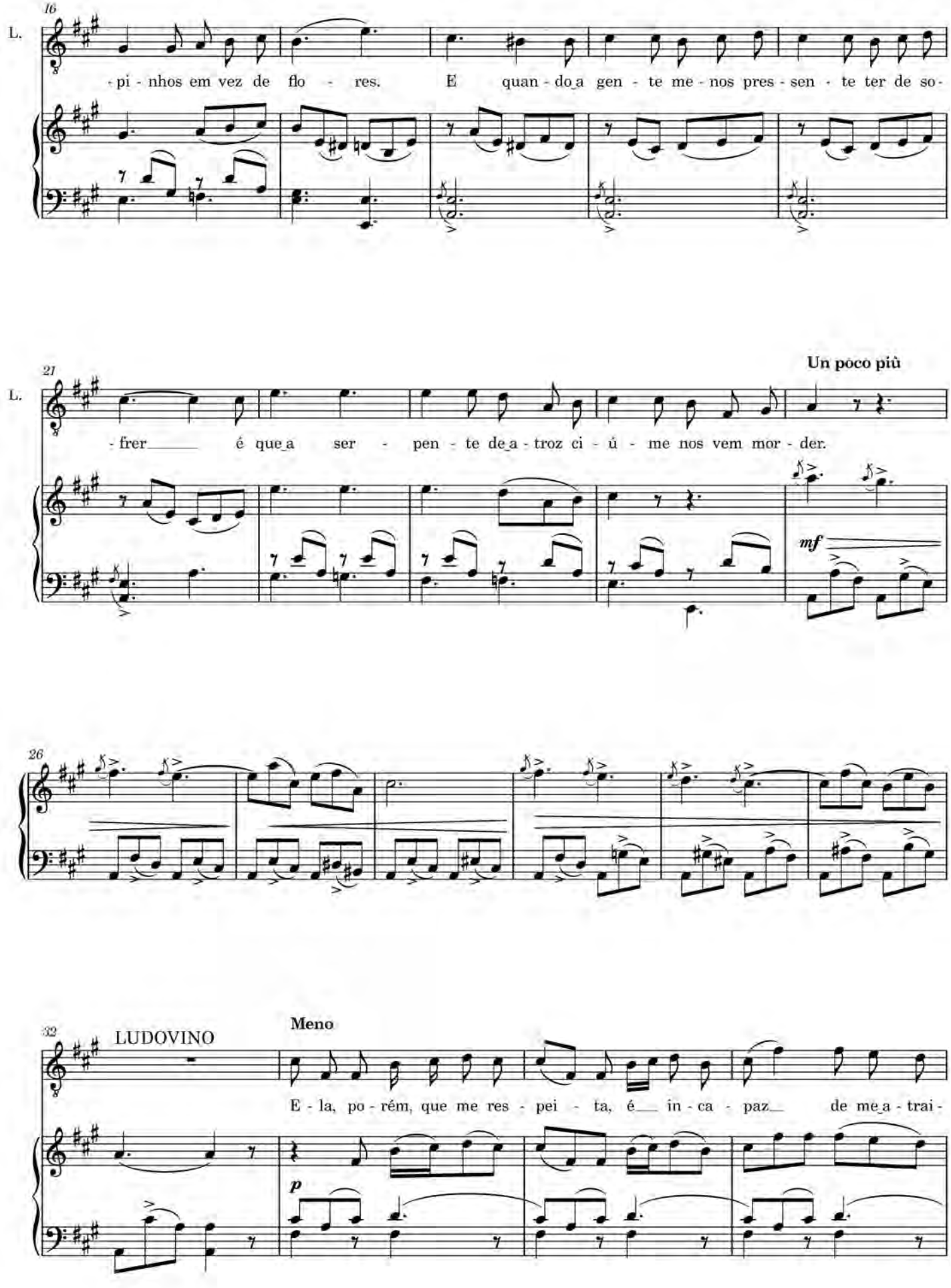


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
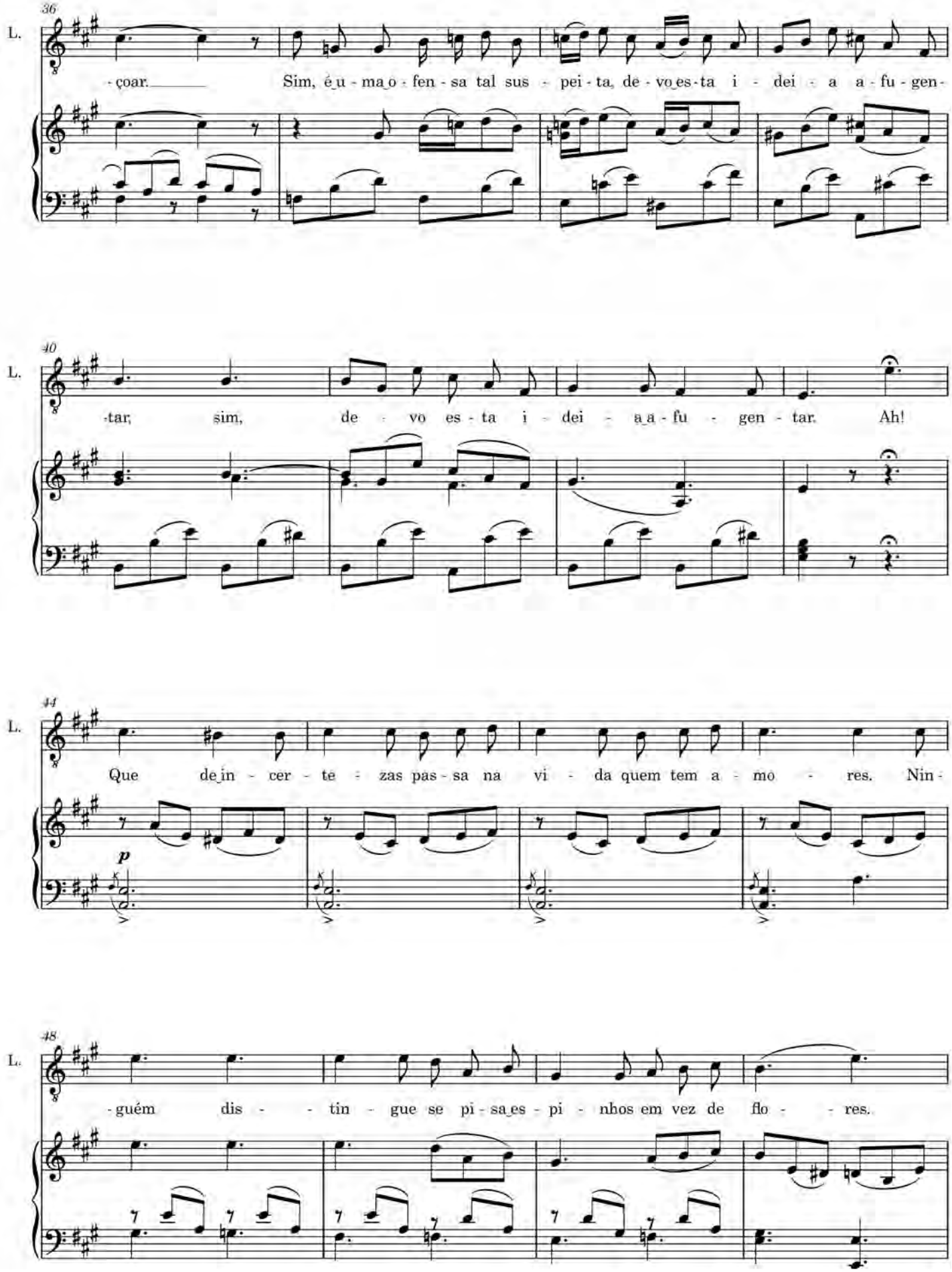


N.º 14 CANÇÃO LUDOVINO
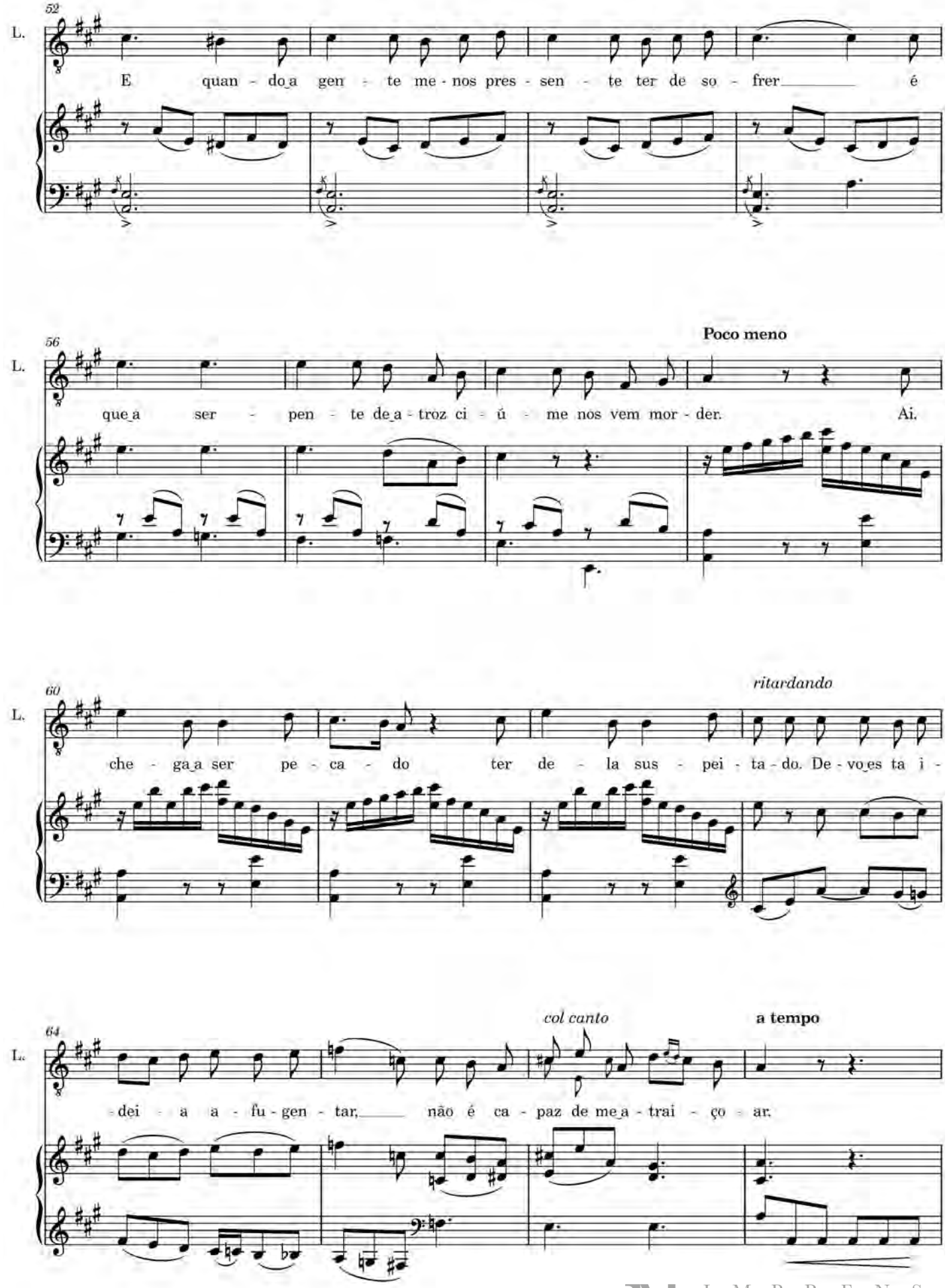


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
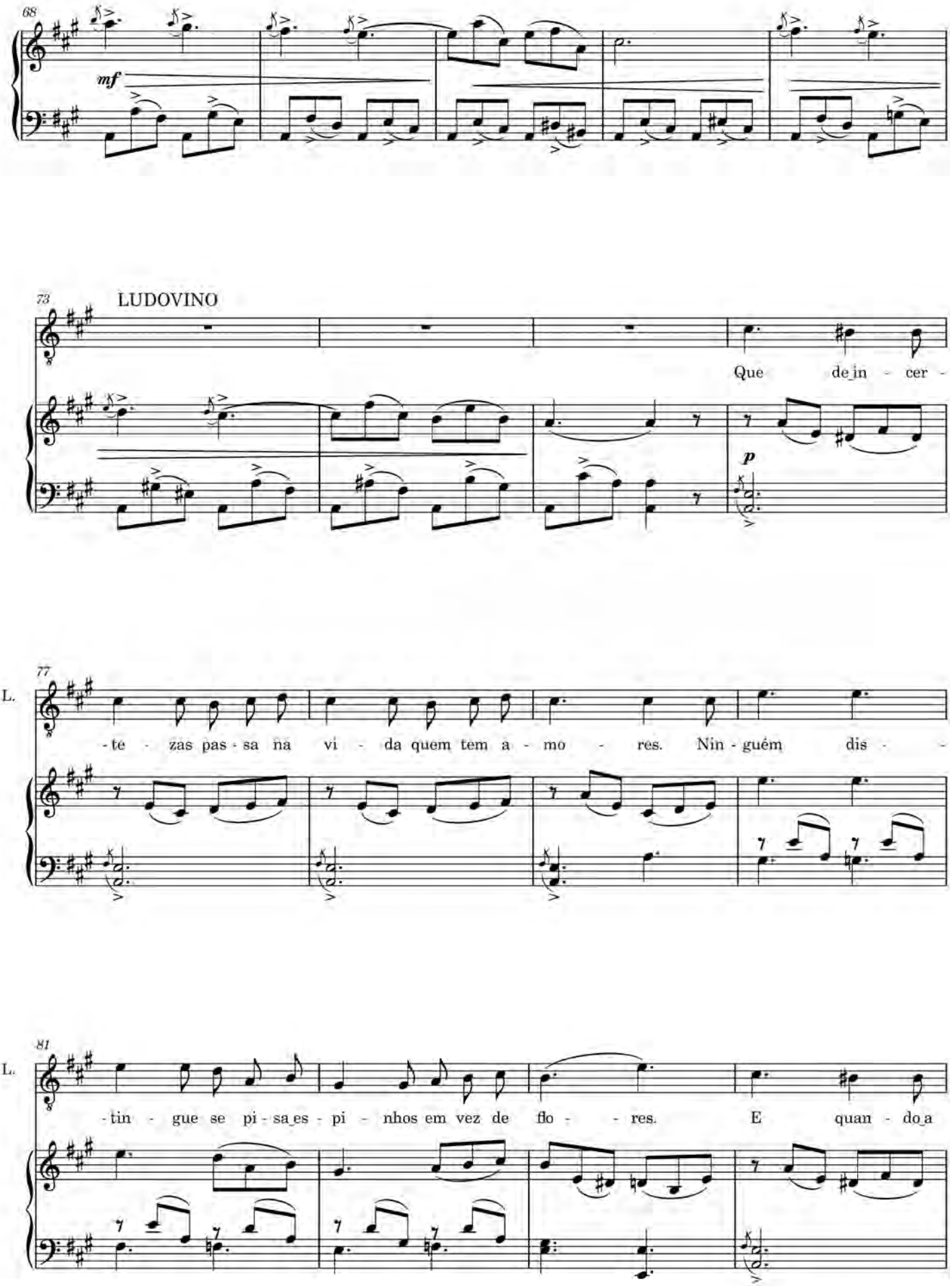


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
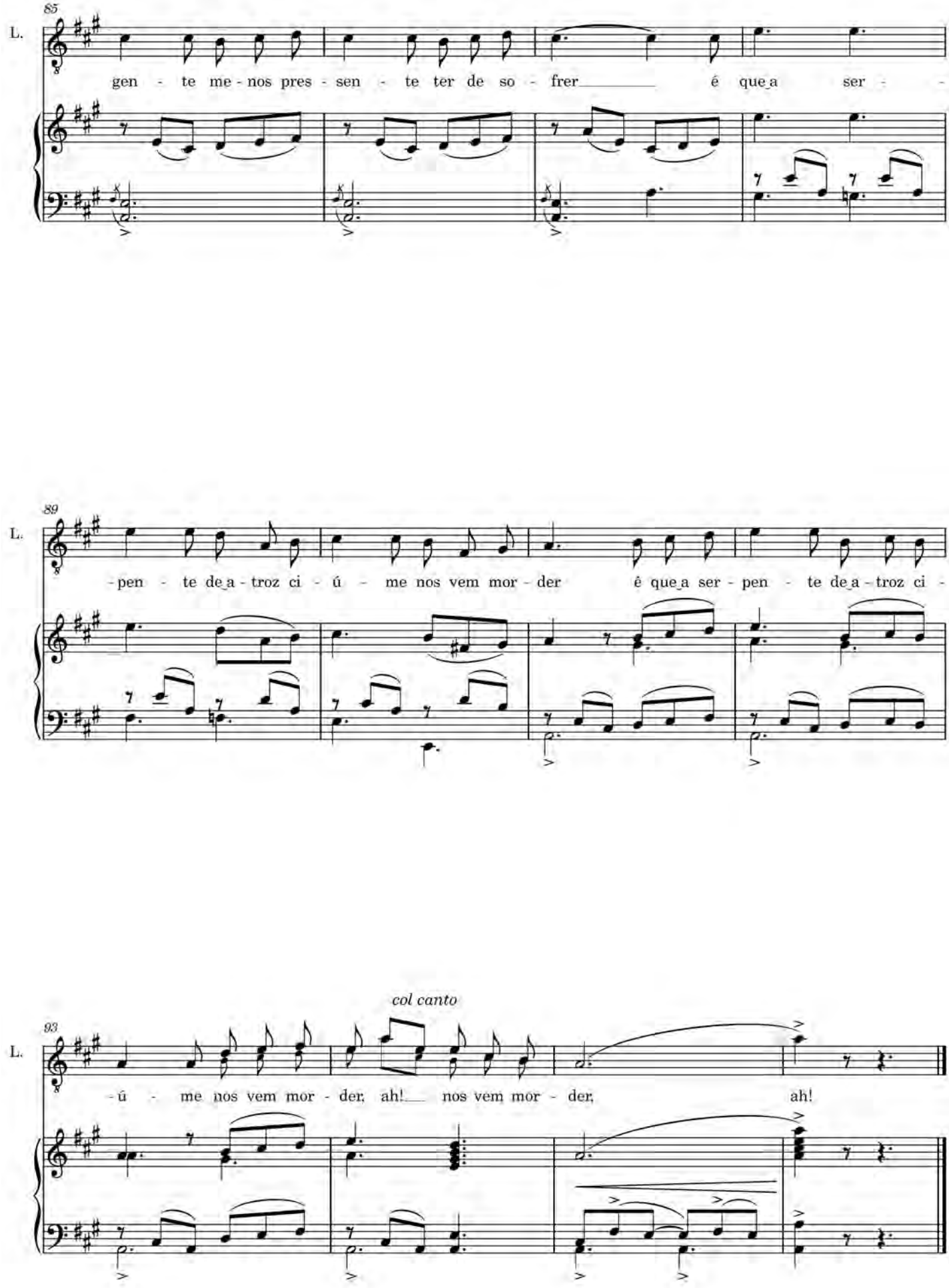


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
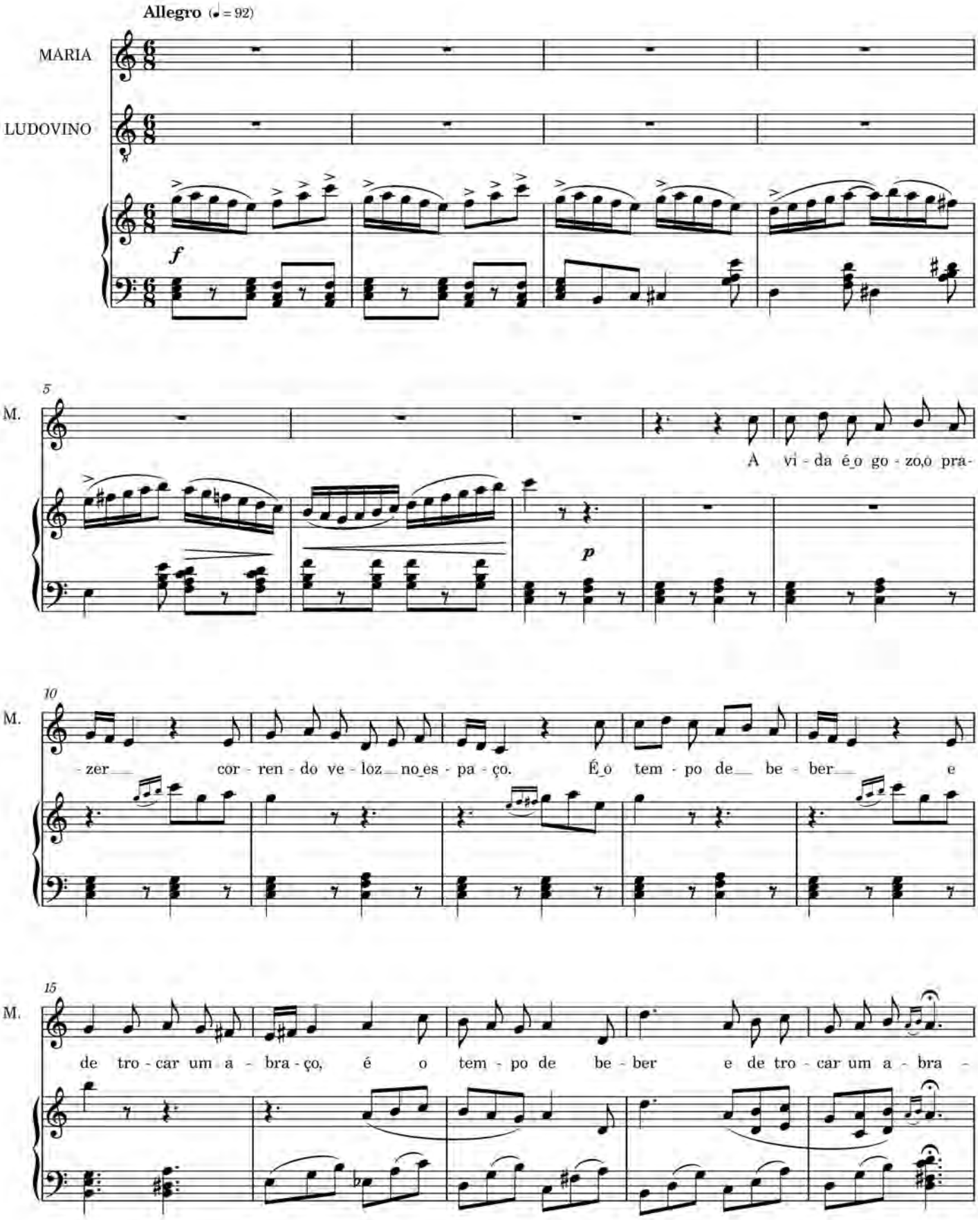


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
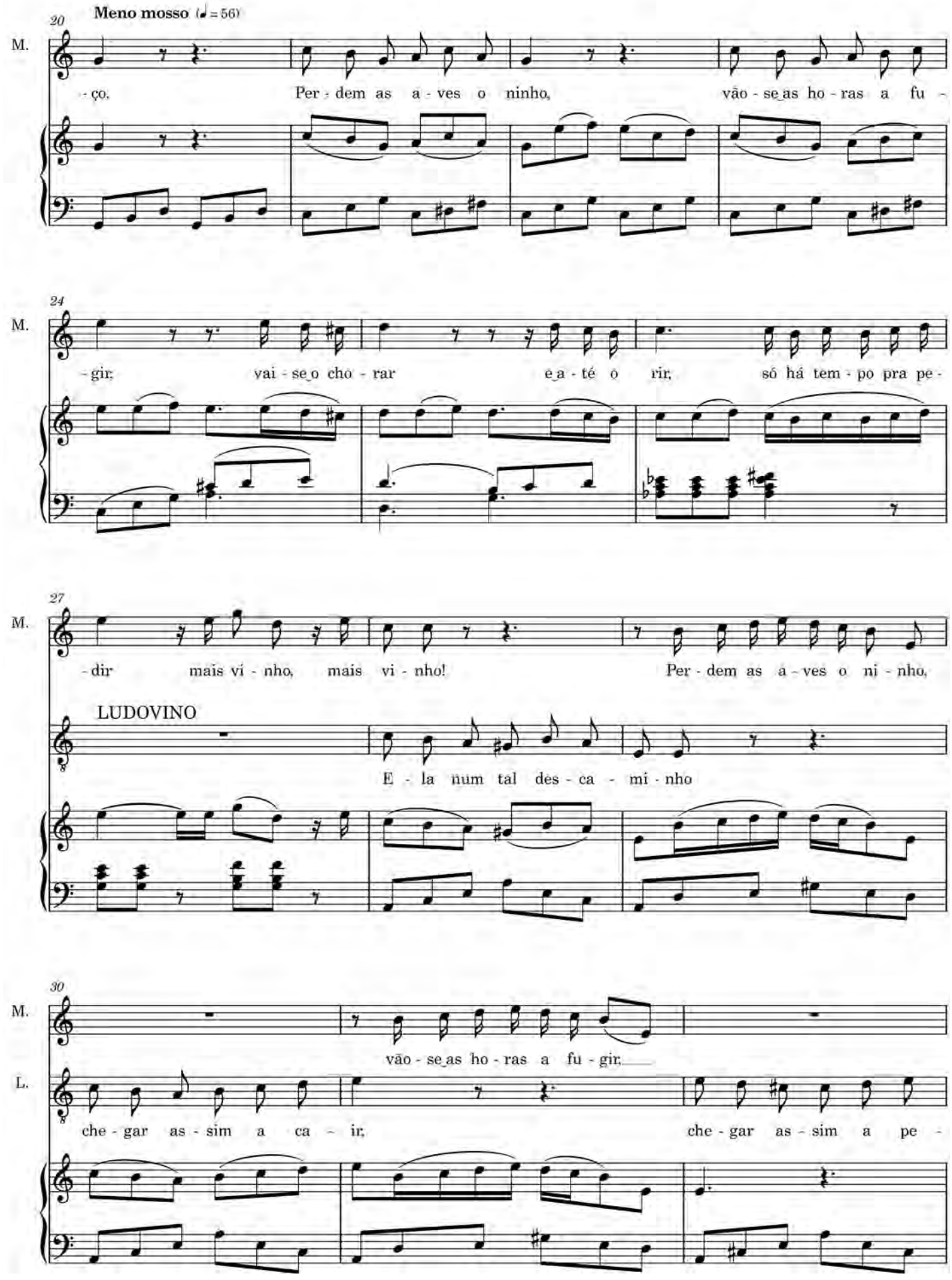


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
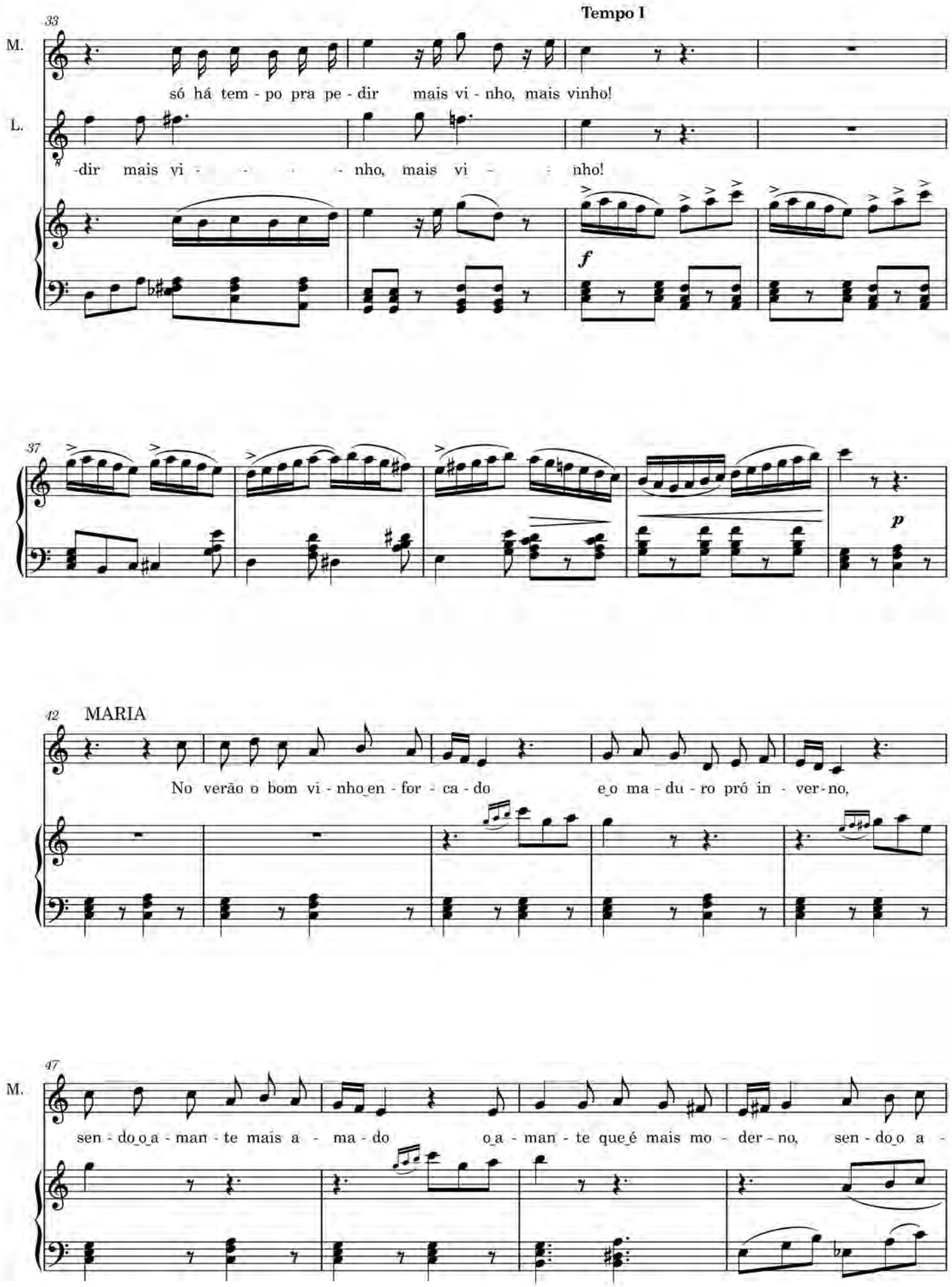
N.º 15 CANÇÃO MARIA E LUDOVINO
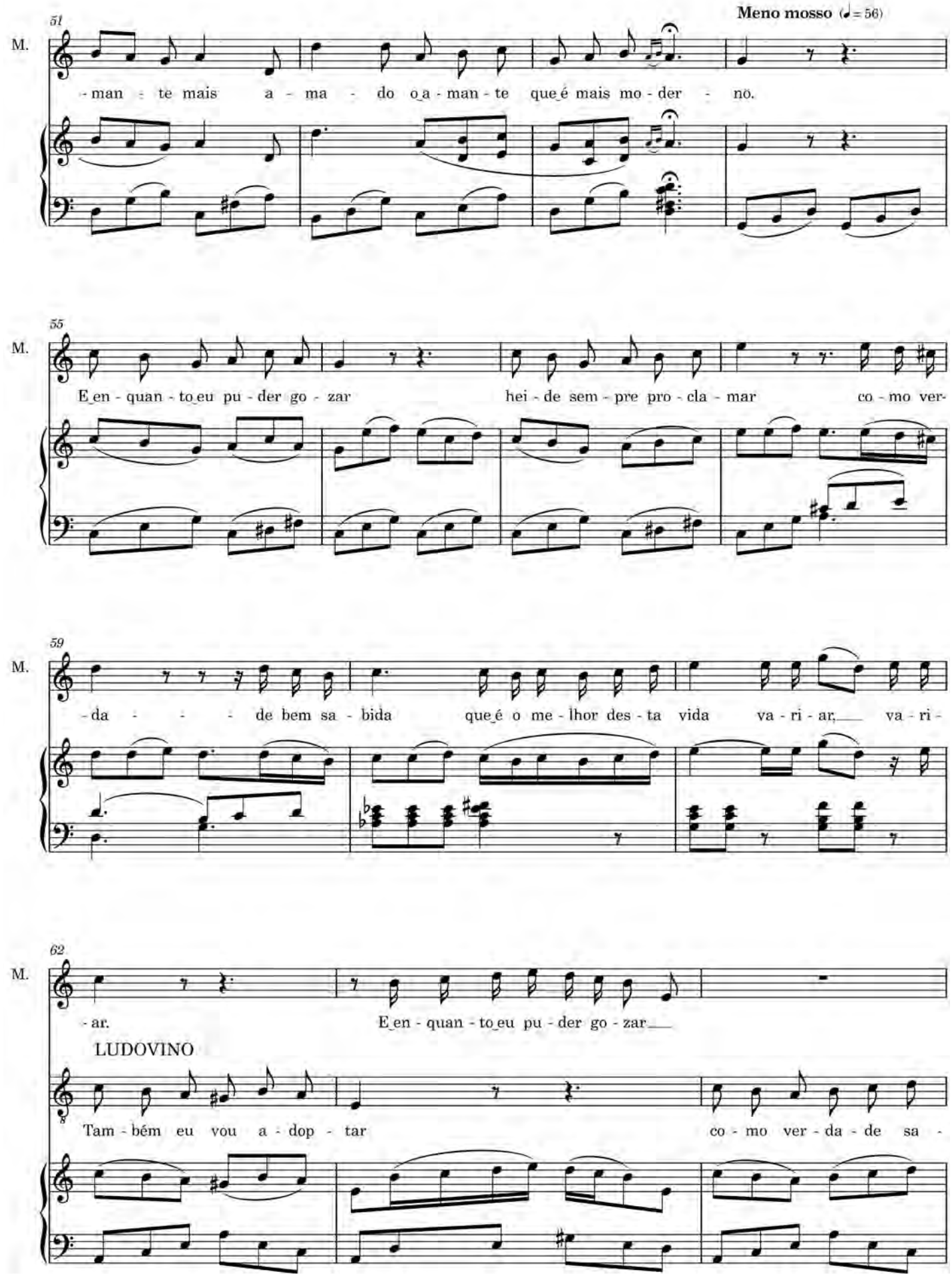


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
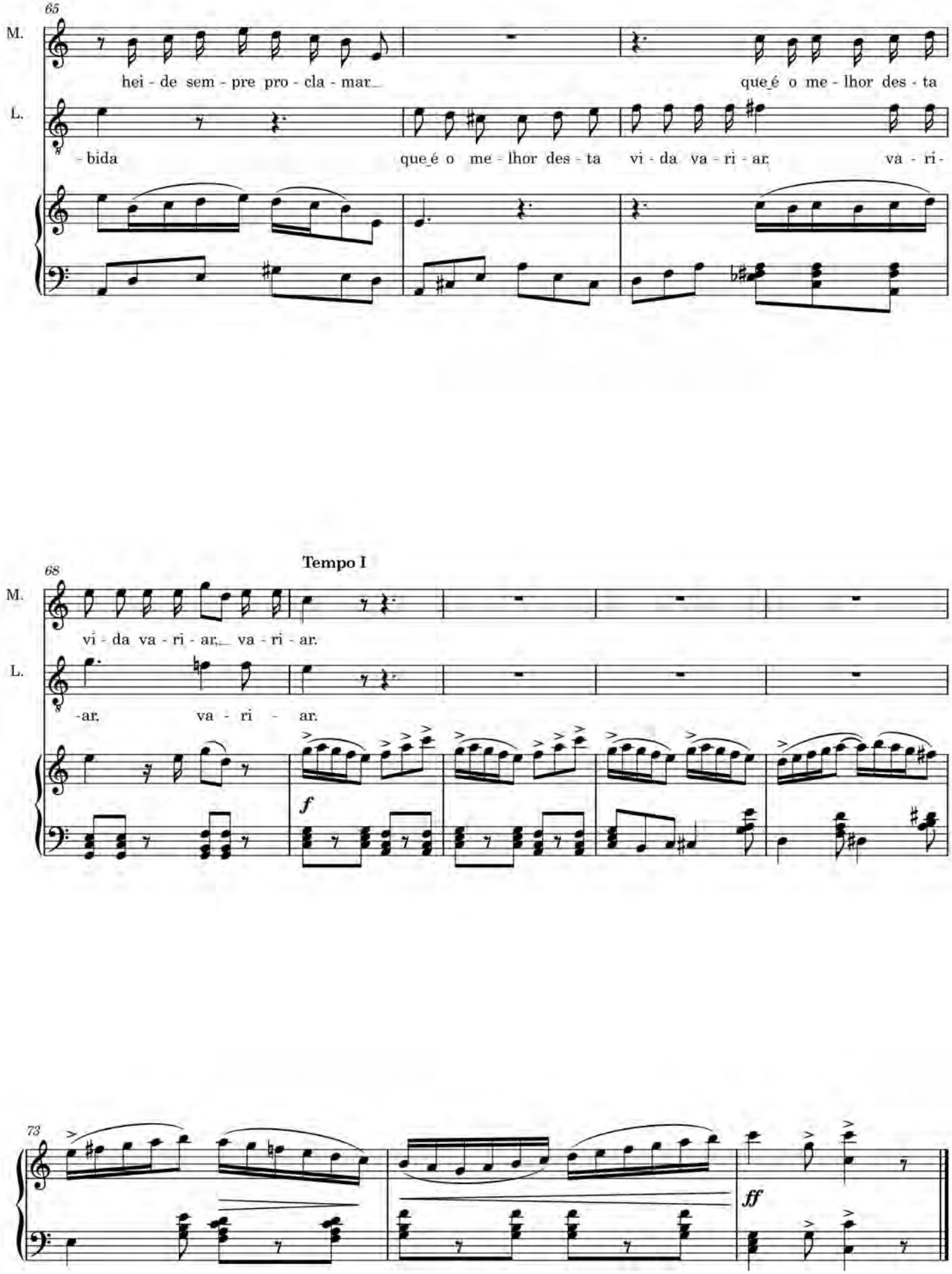


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
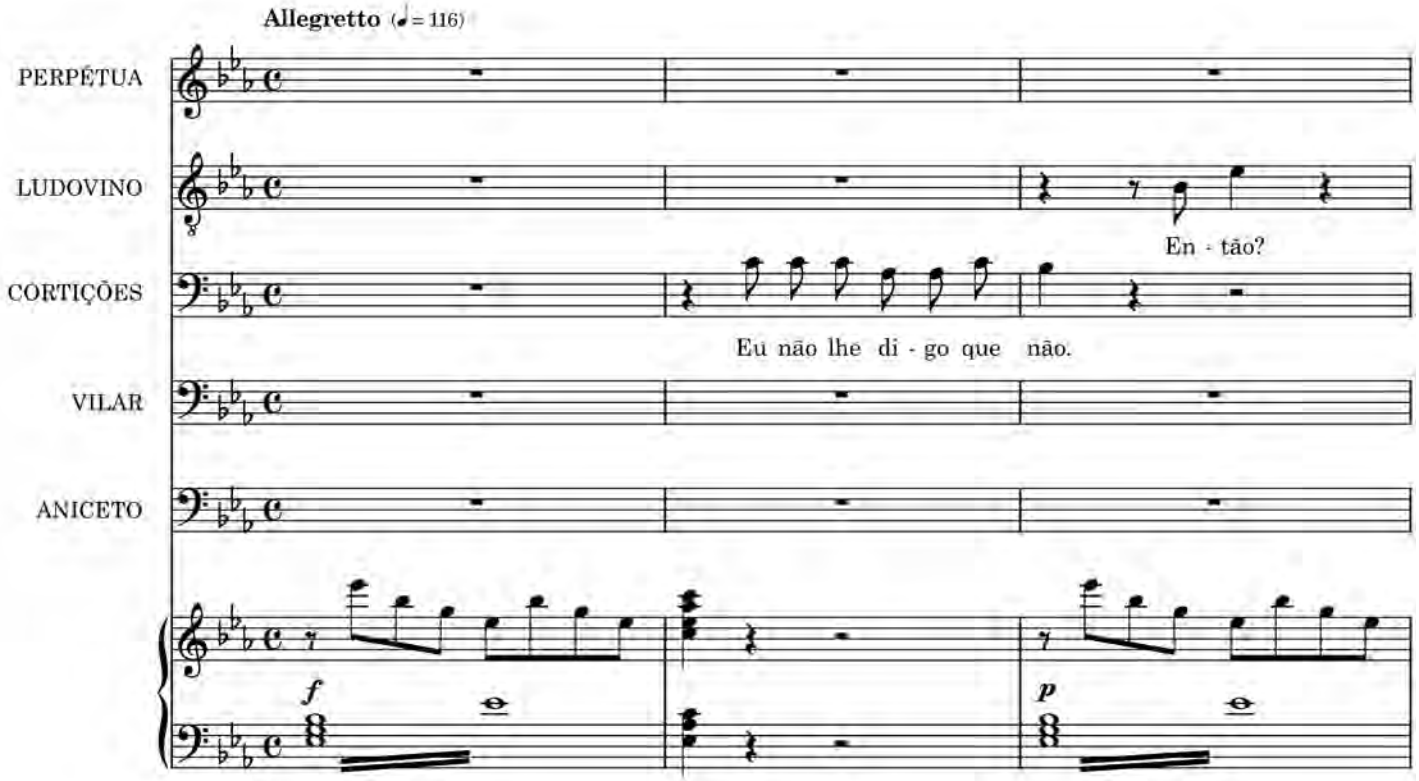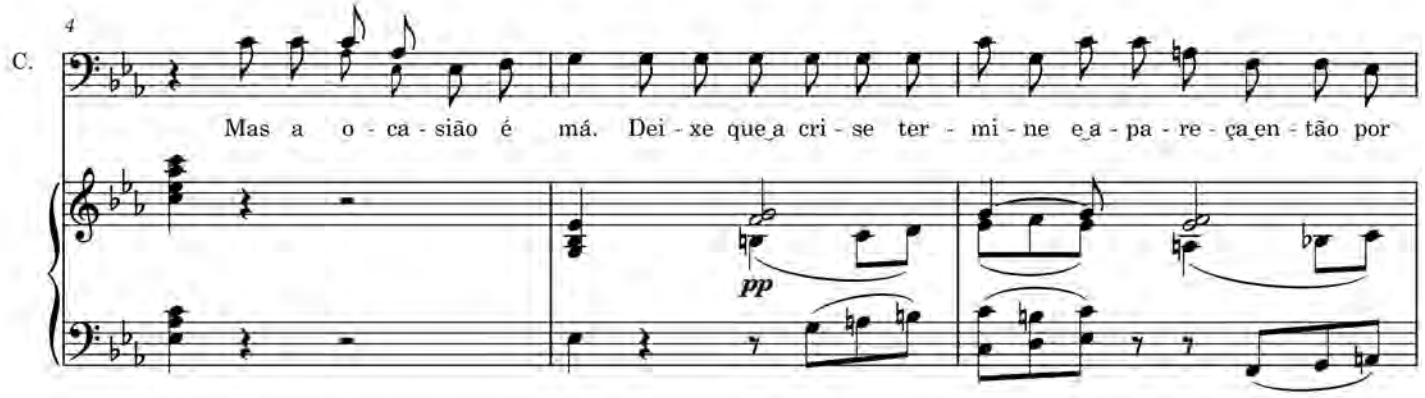


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
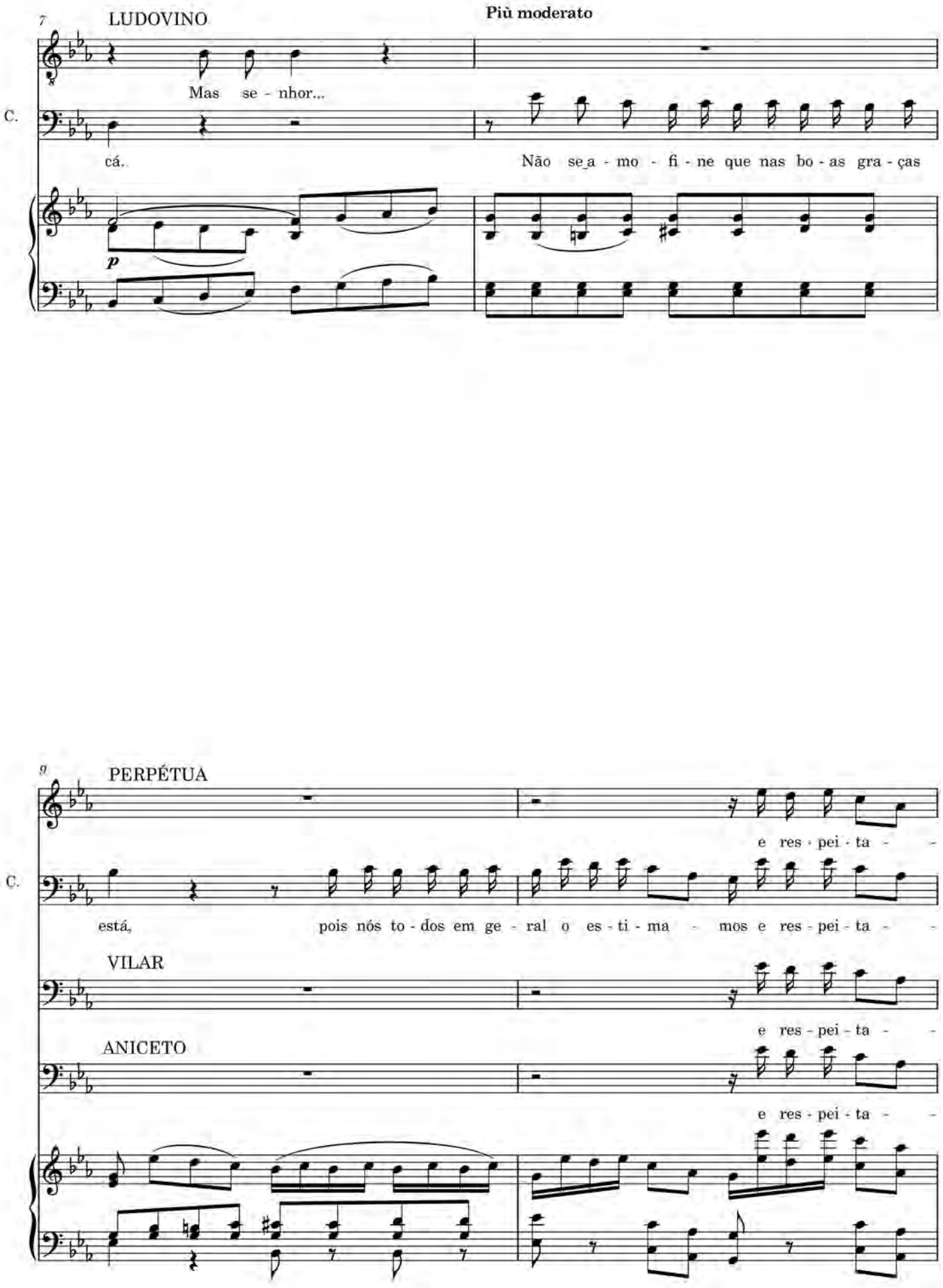


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 16 QUINTETO
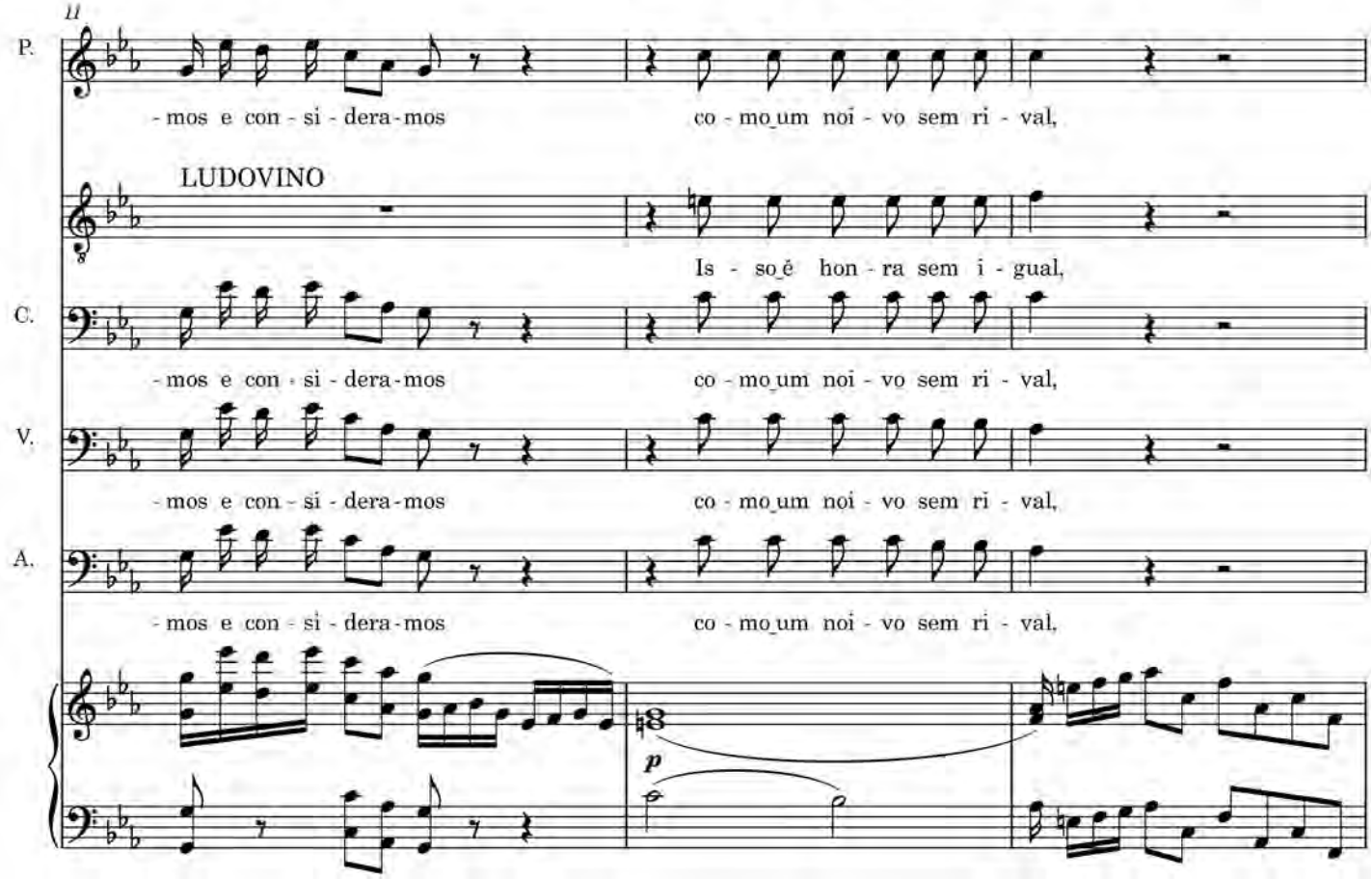


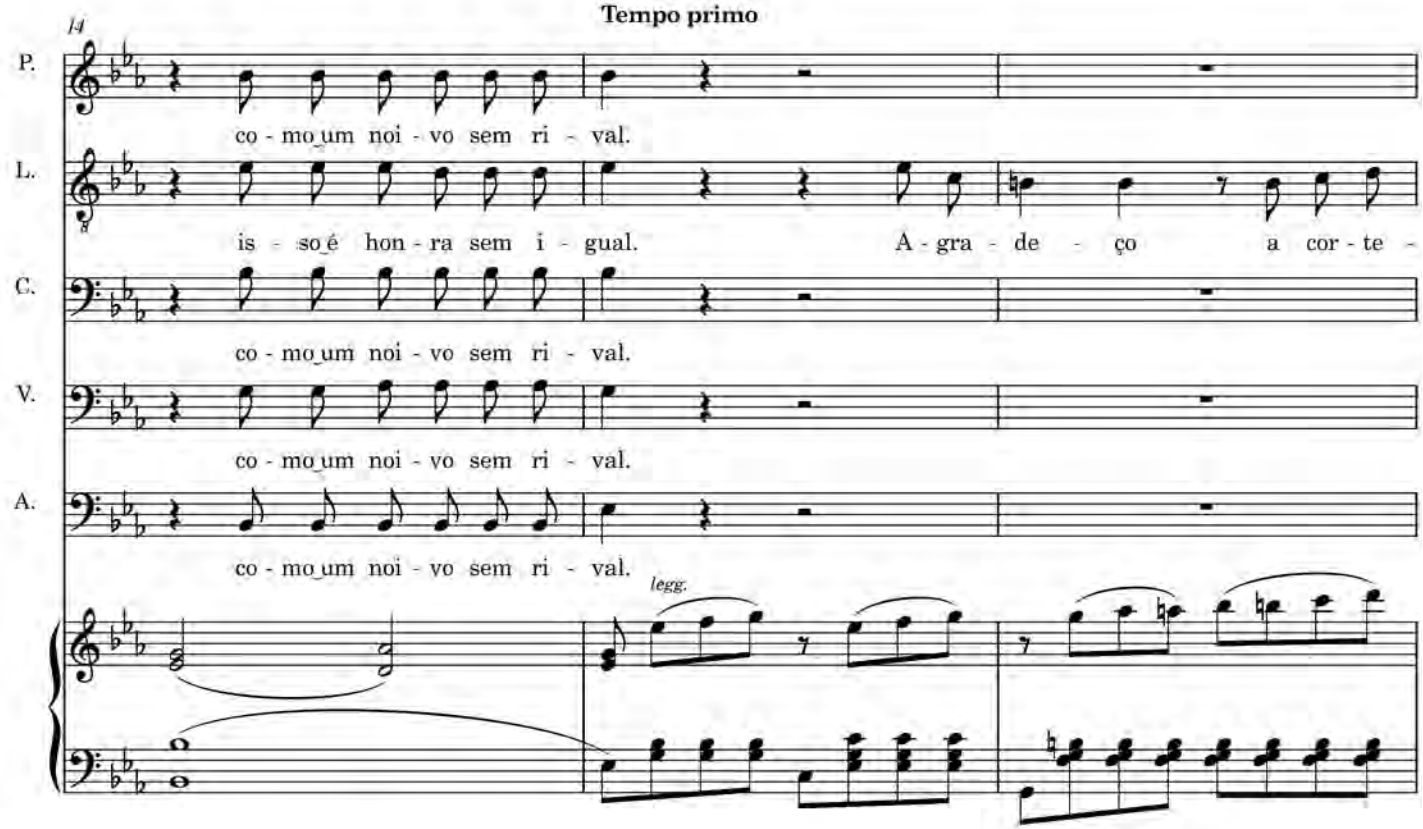


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
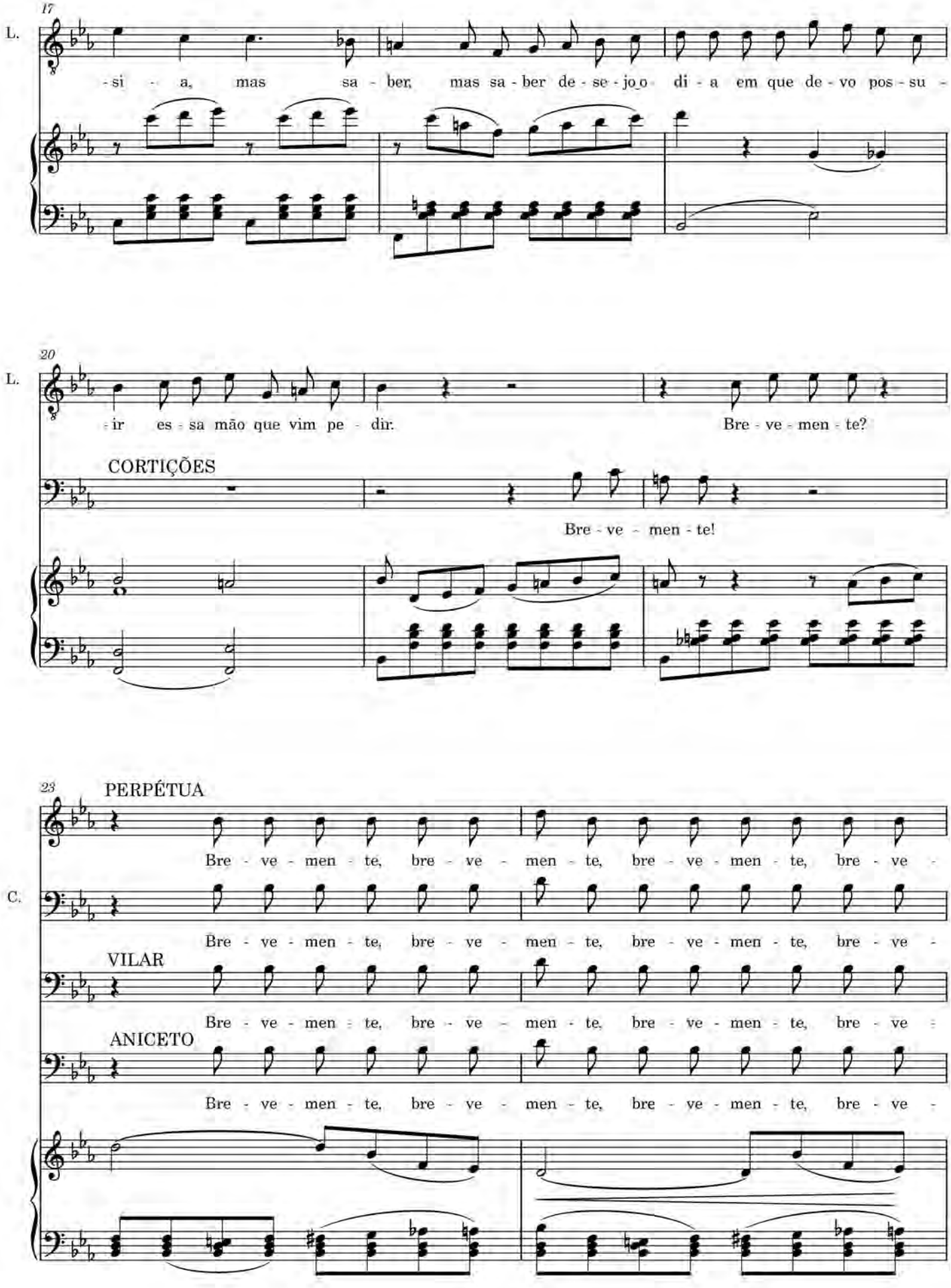


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
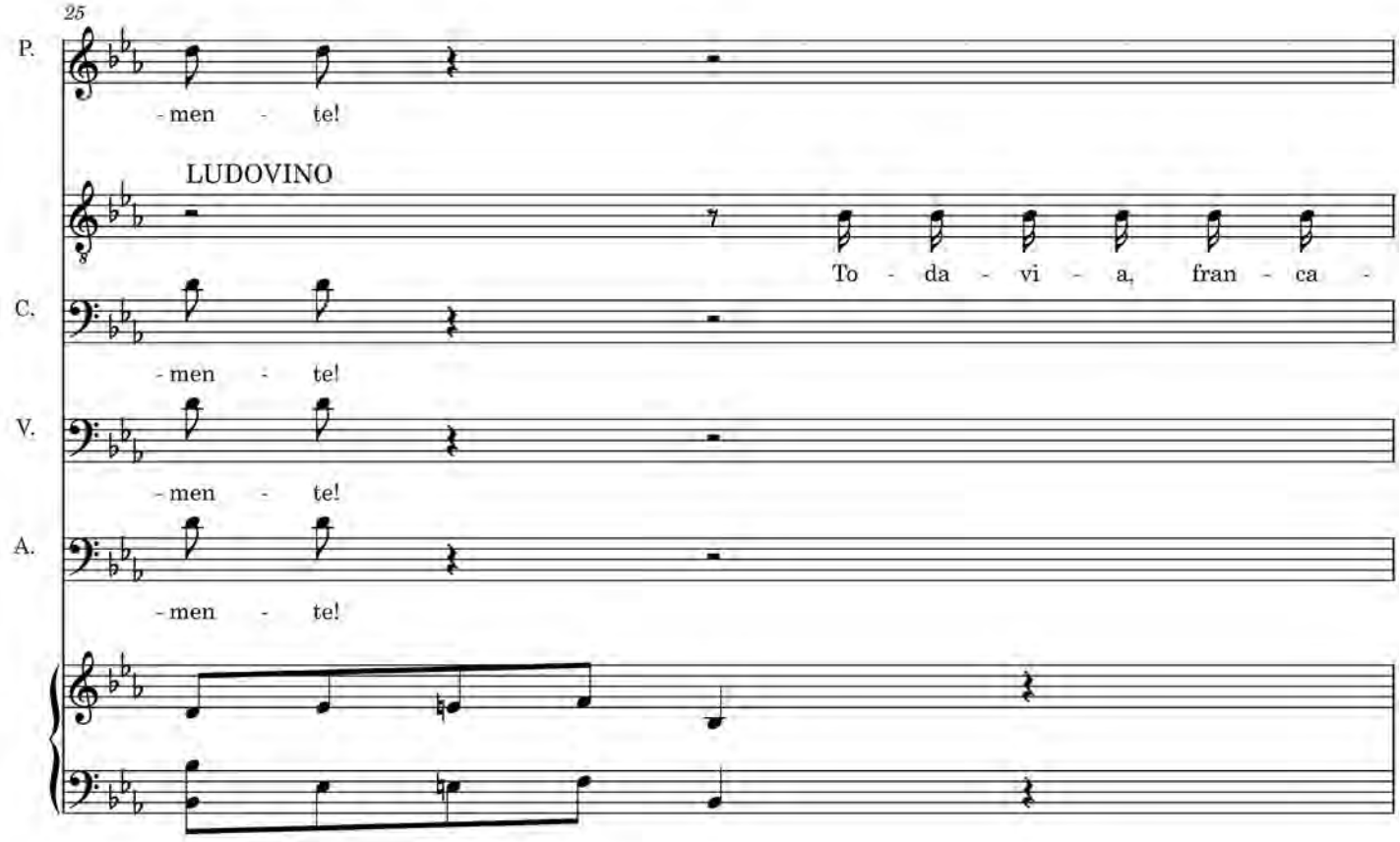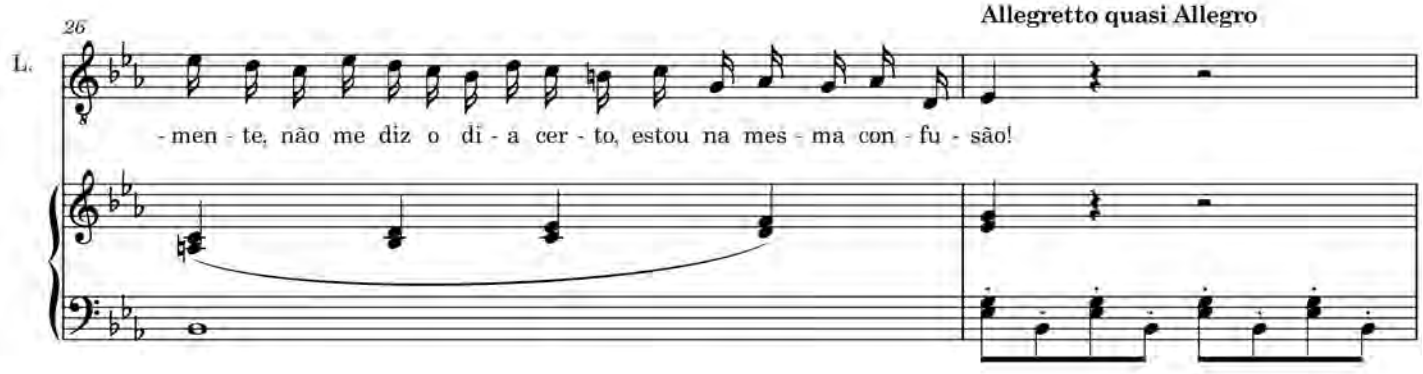




IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
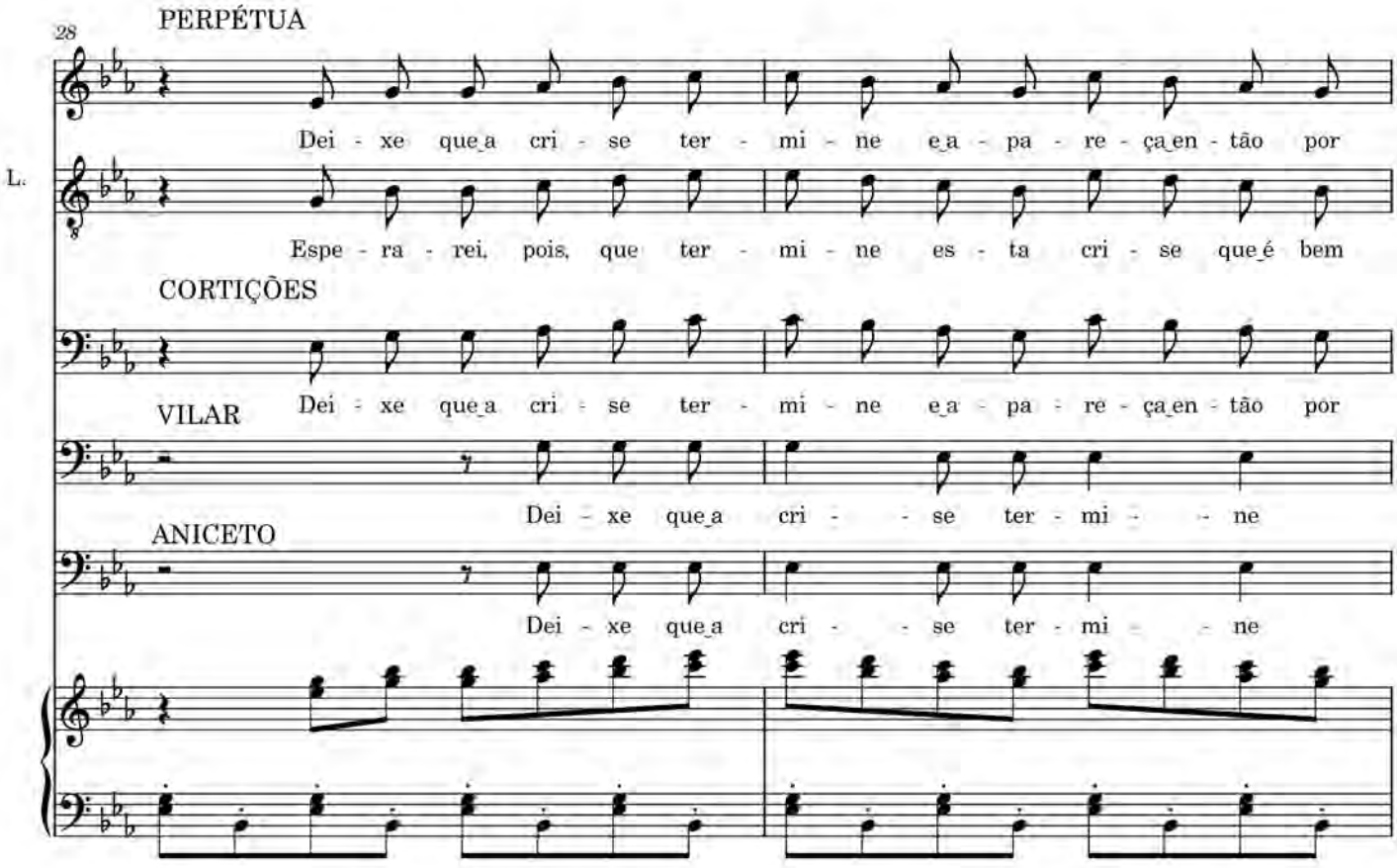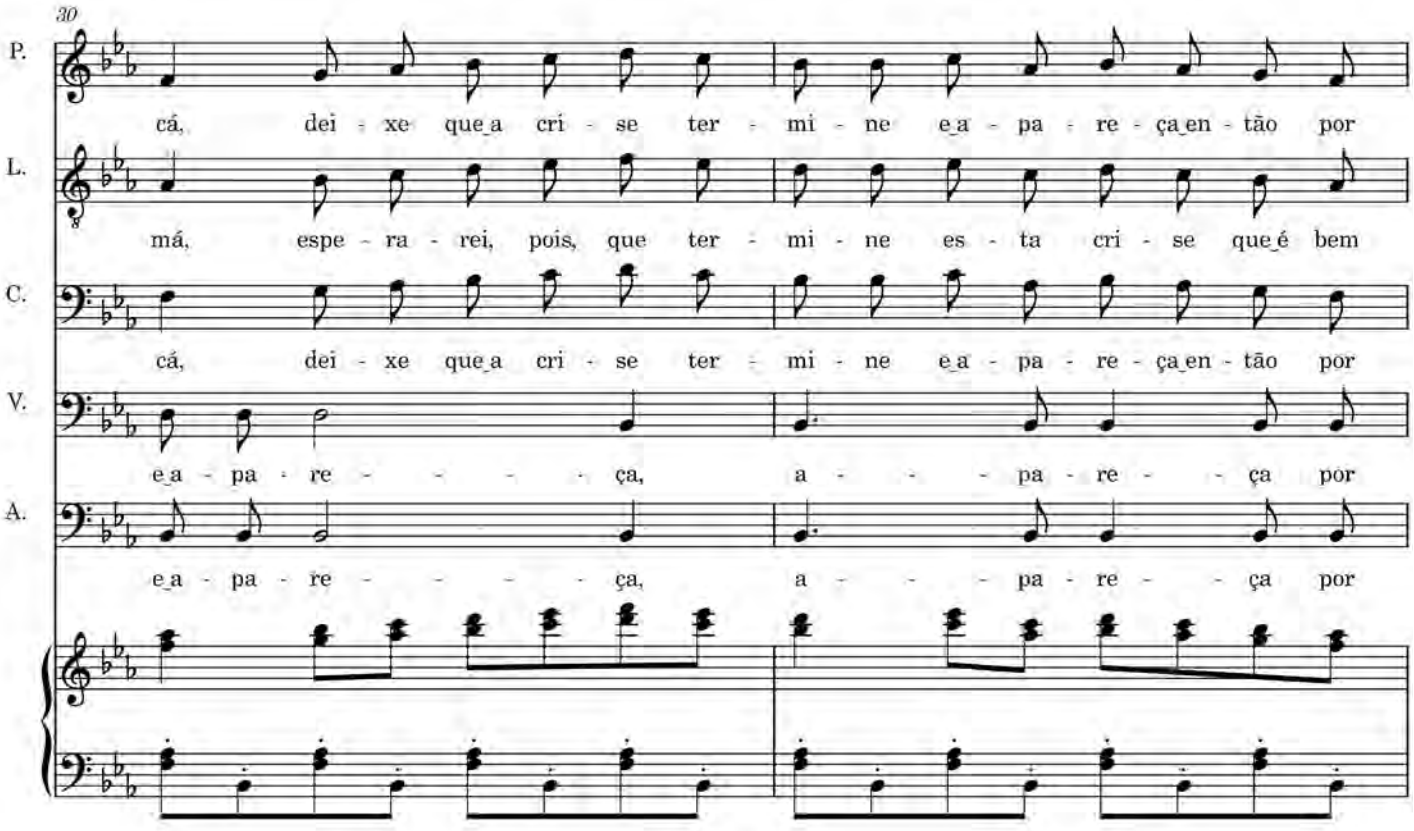


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
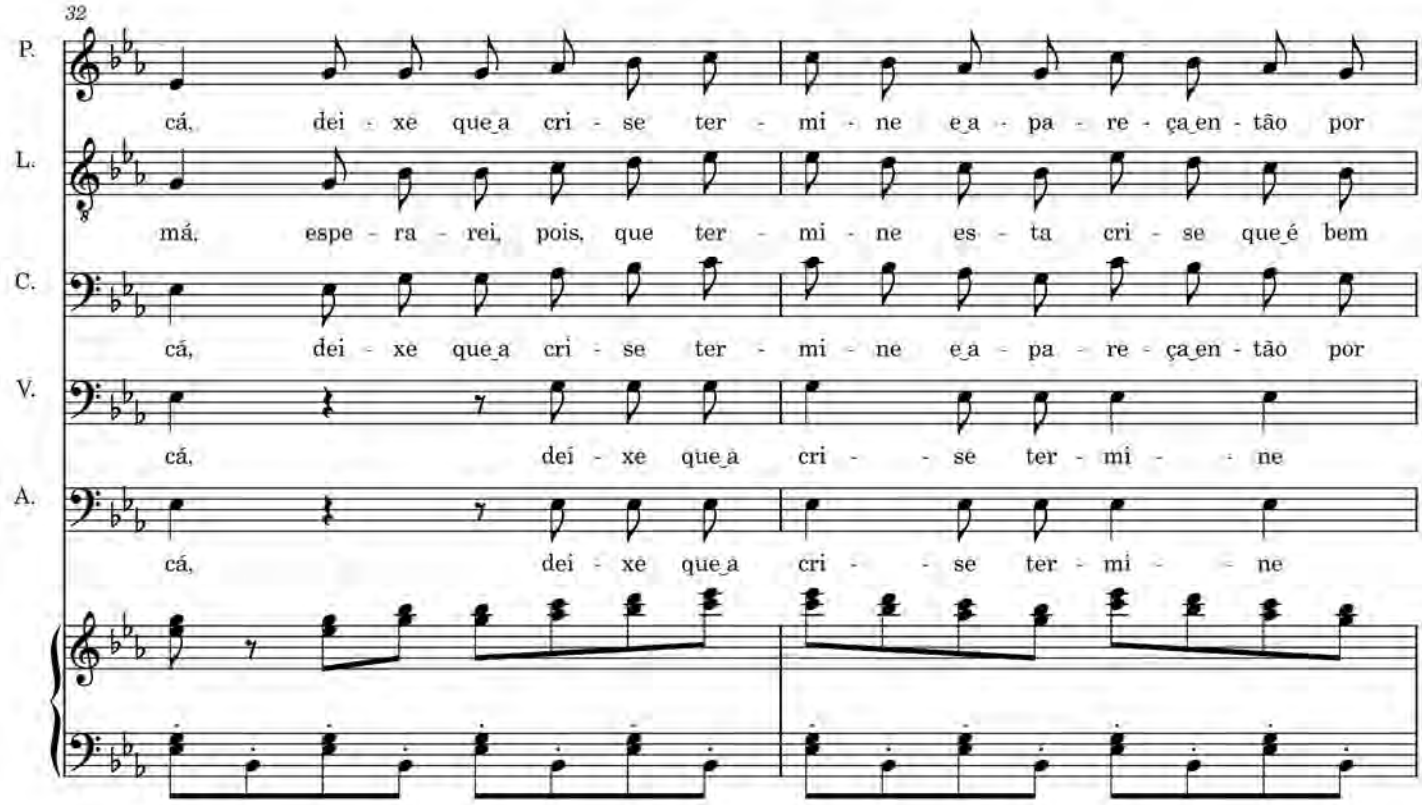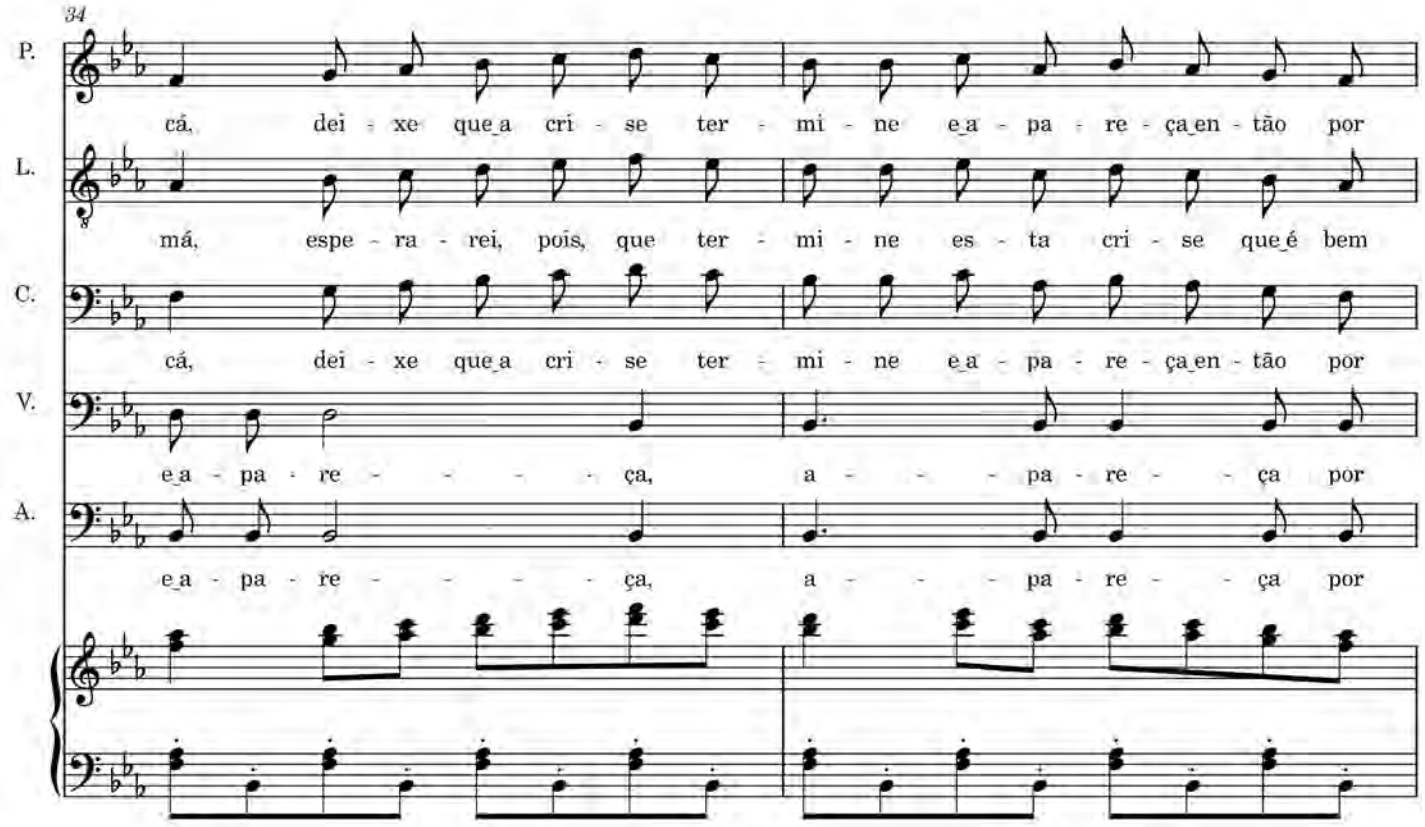




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
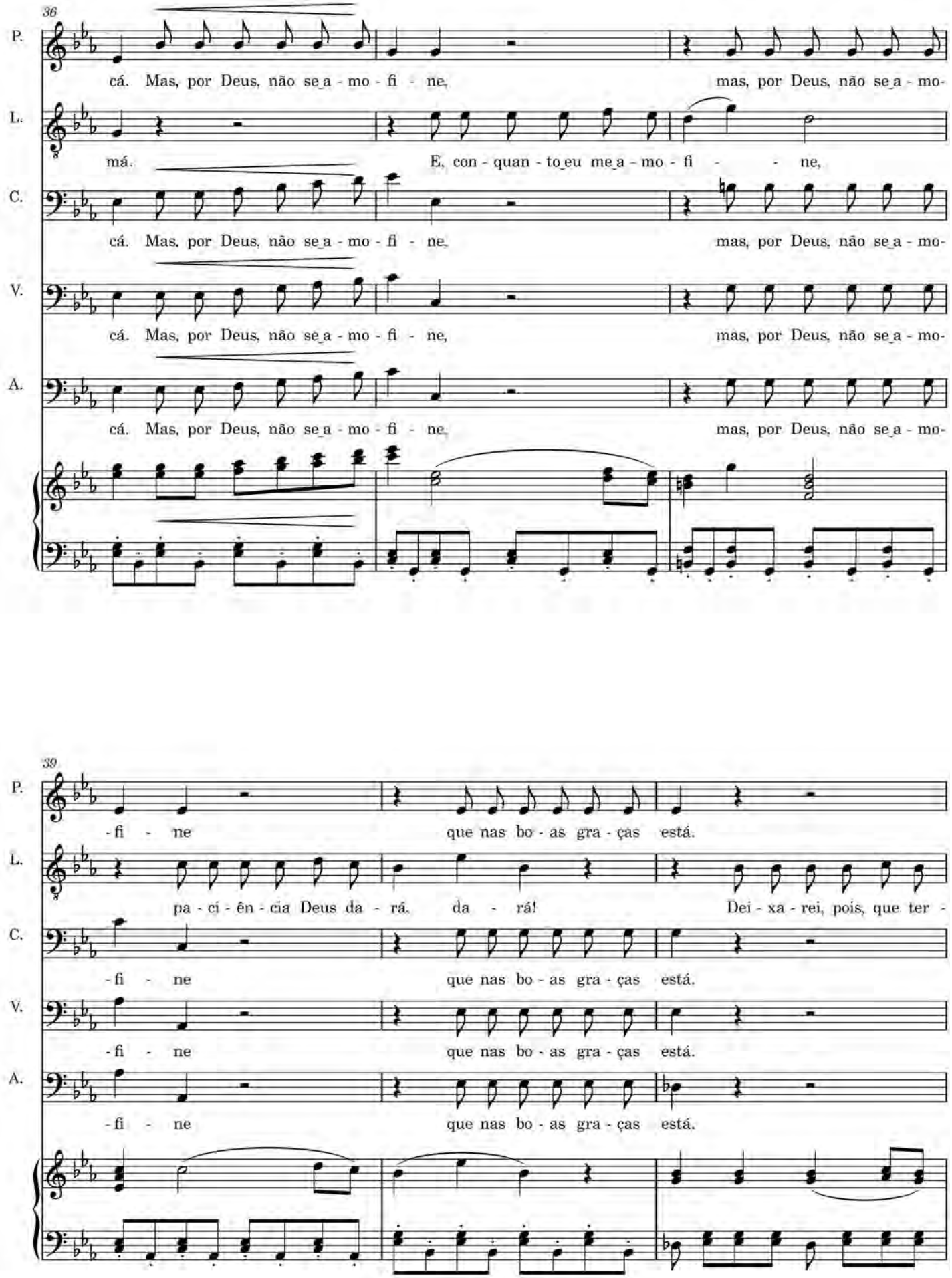




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
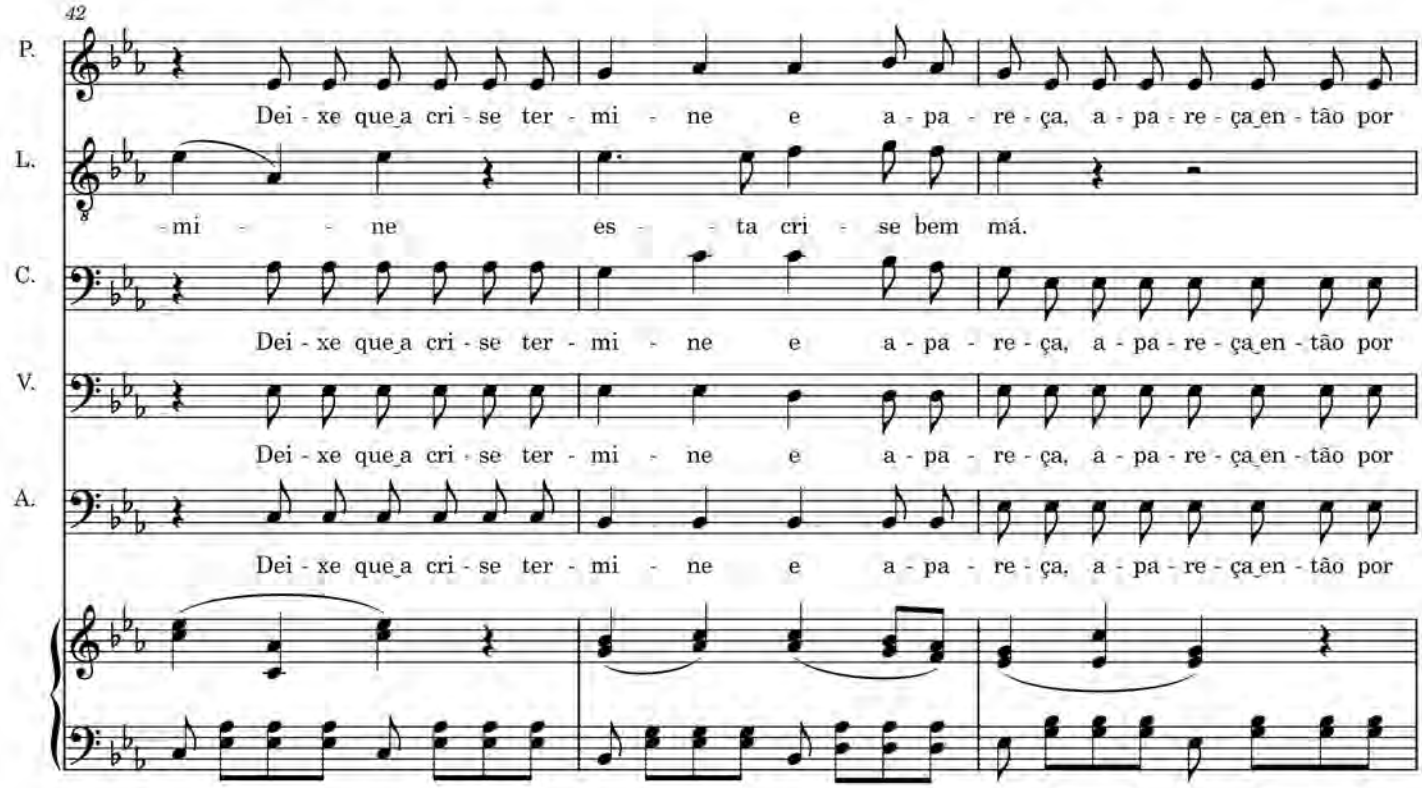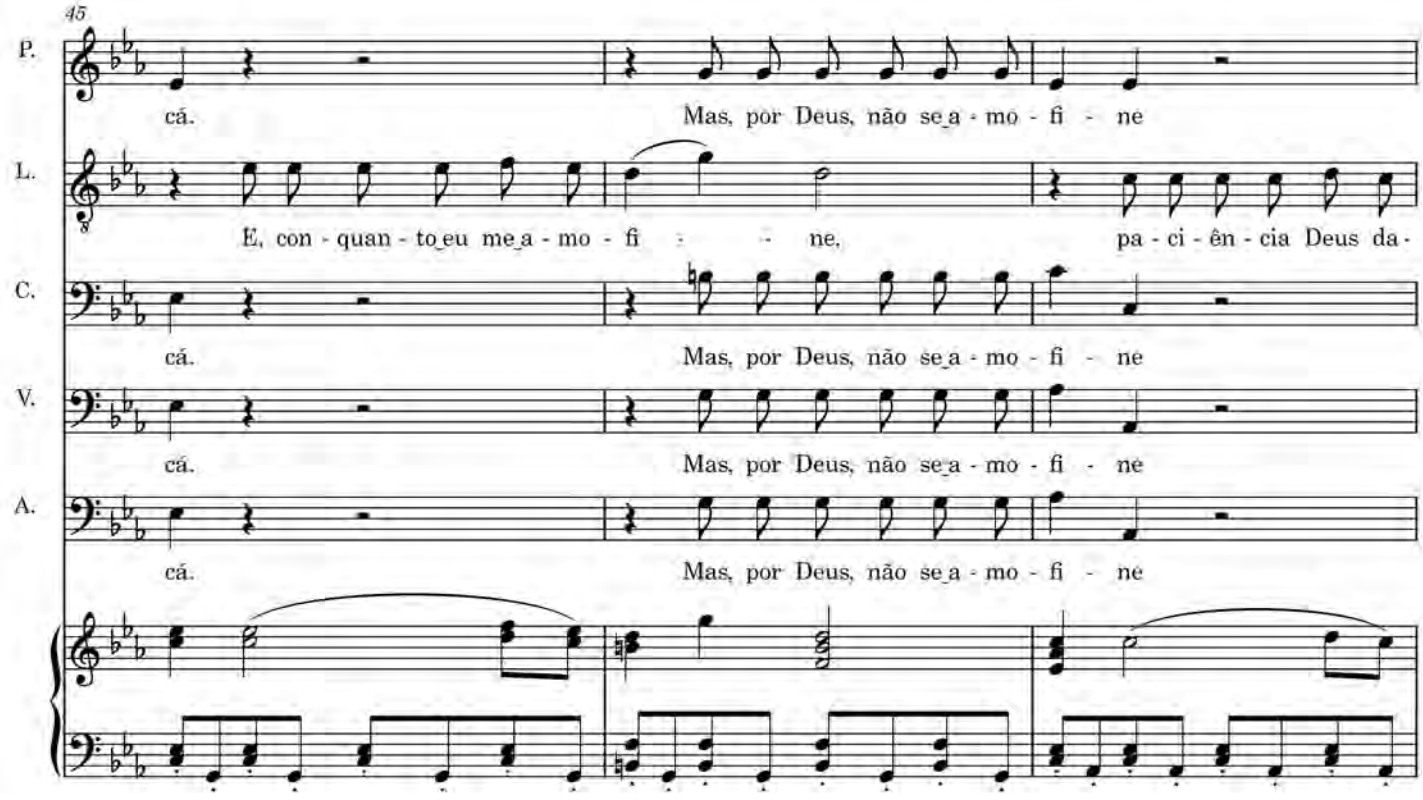




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
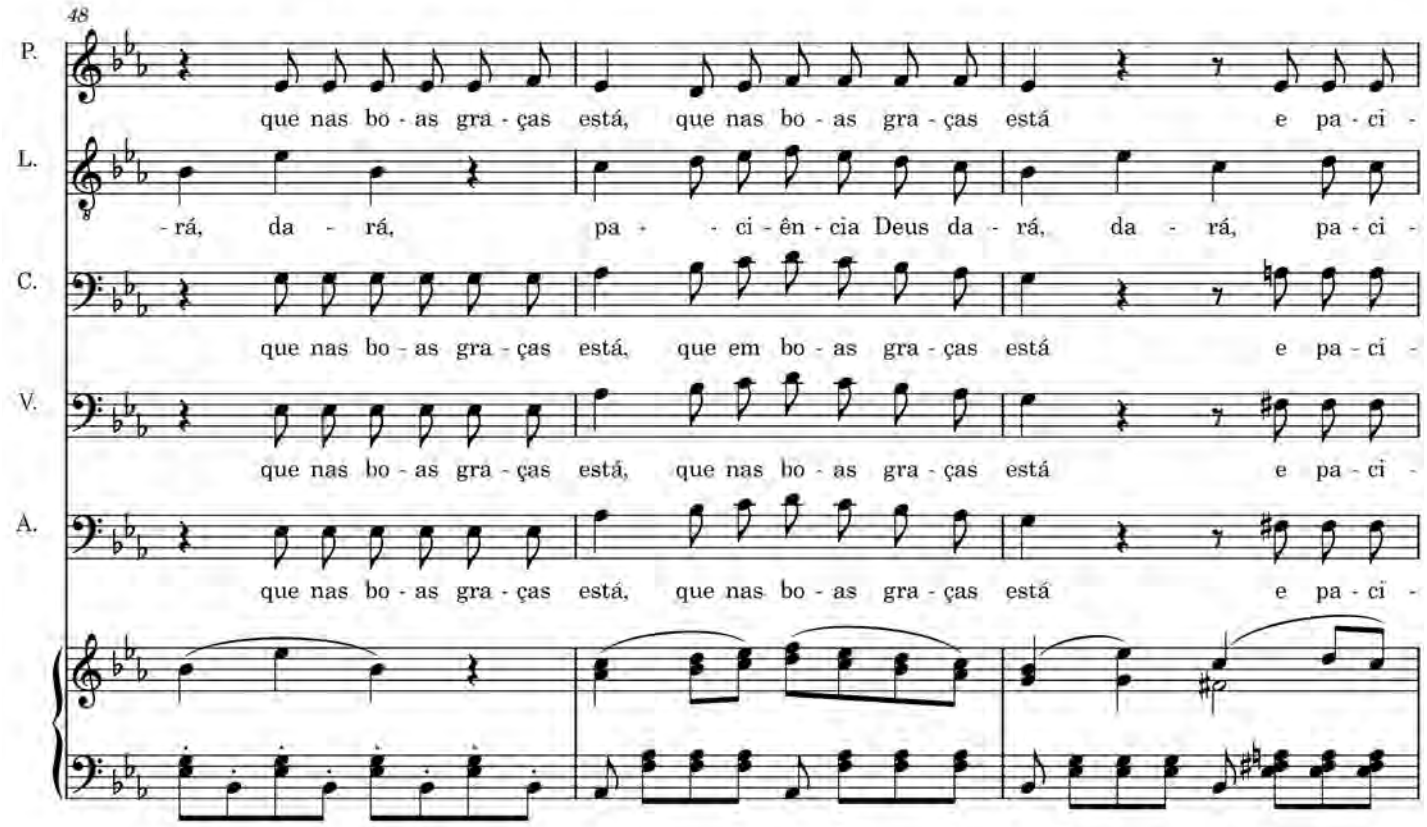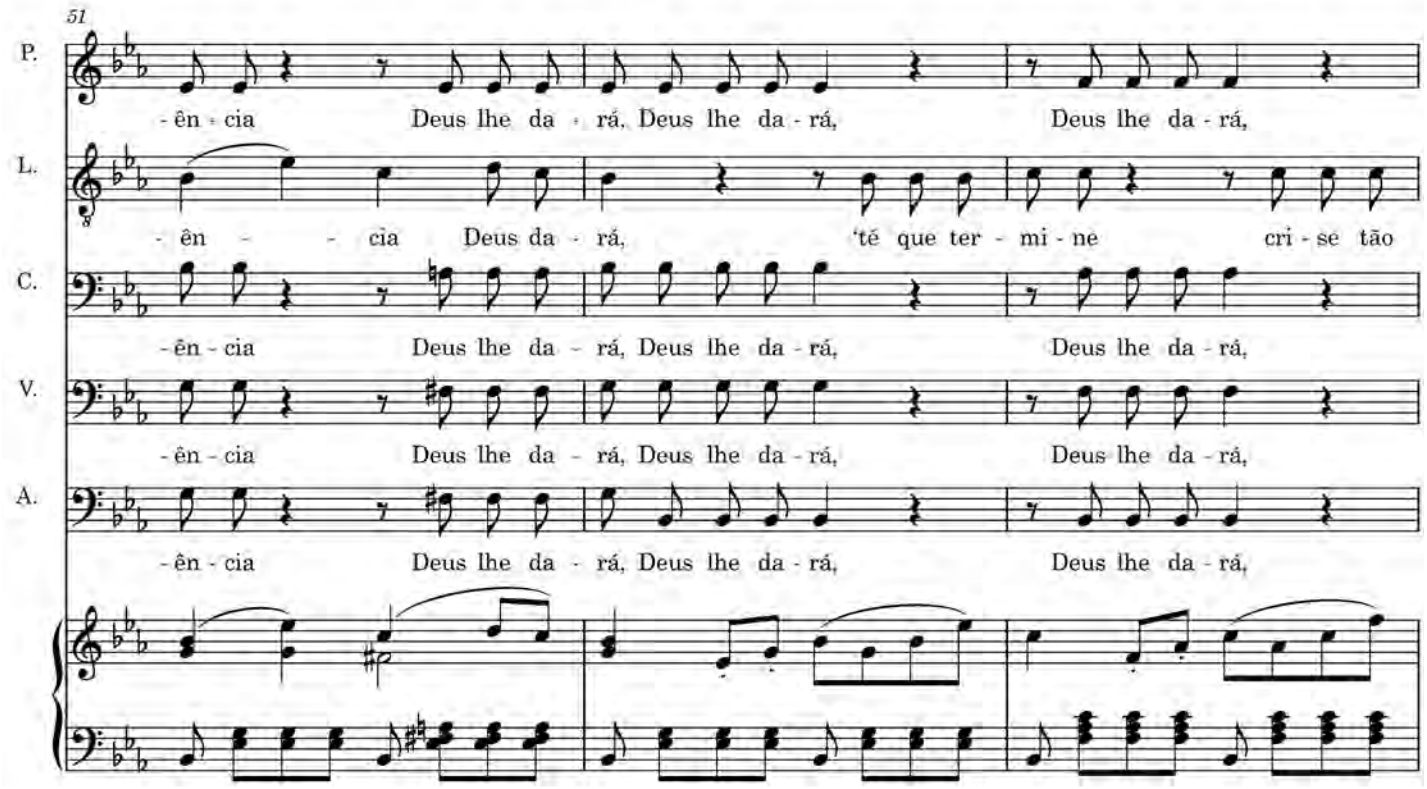


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
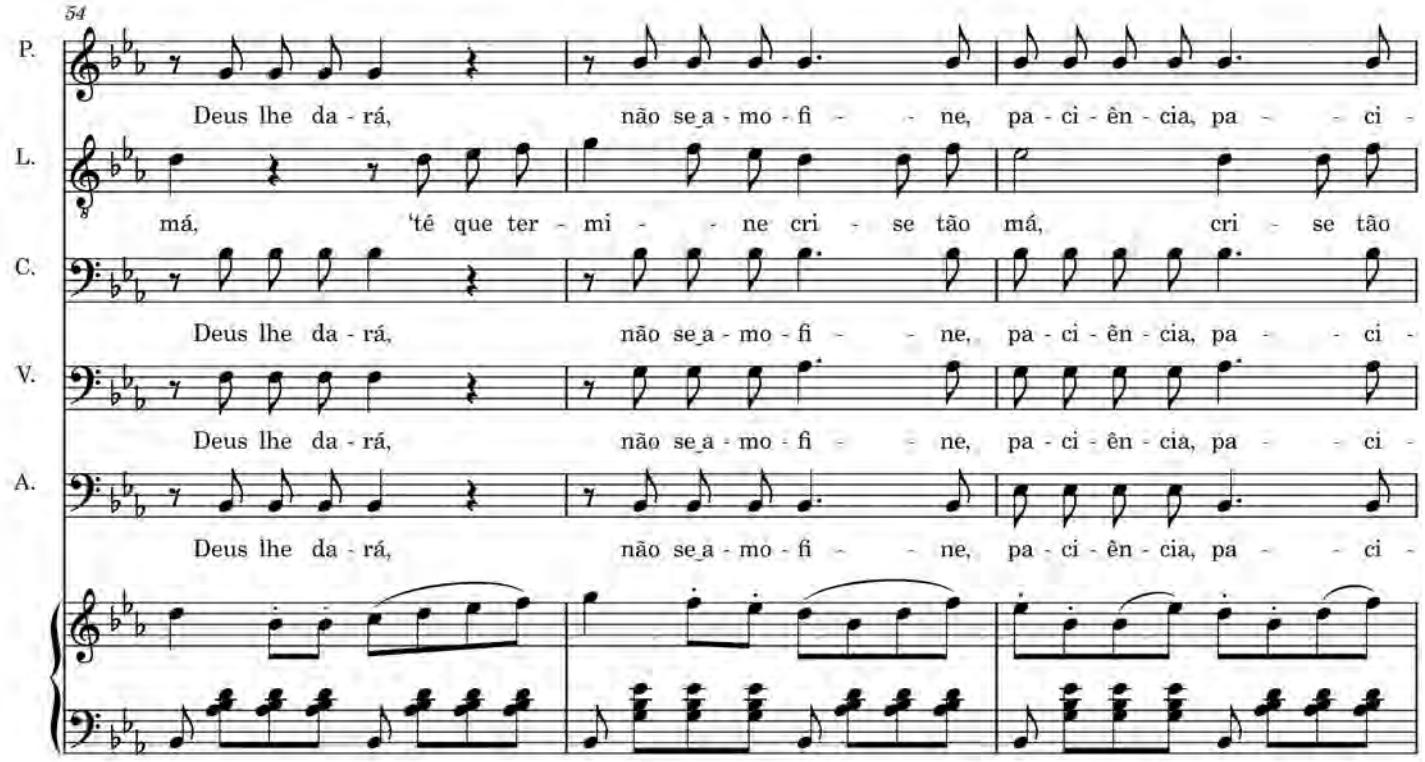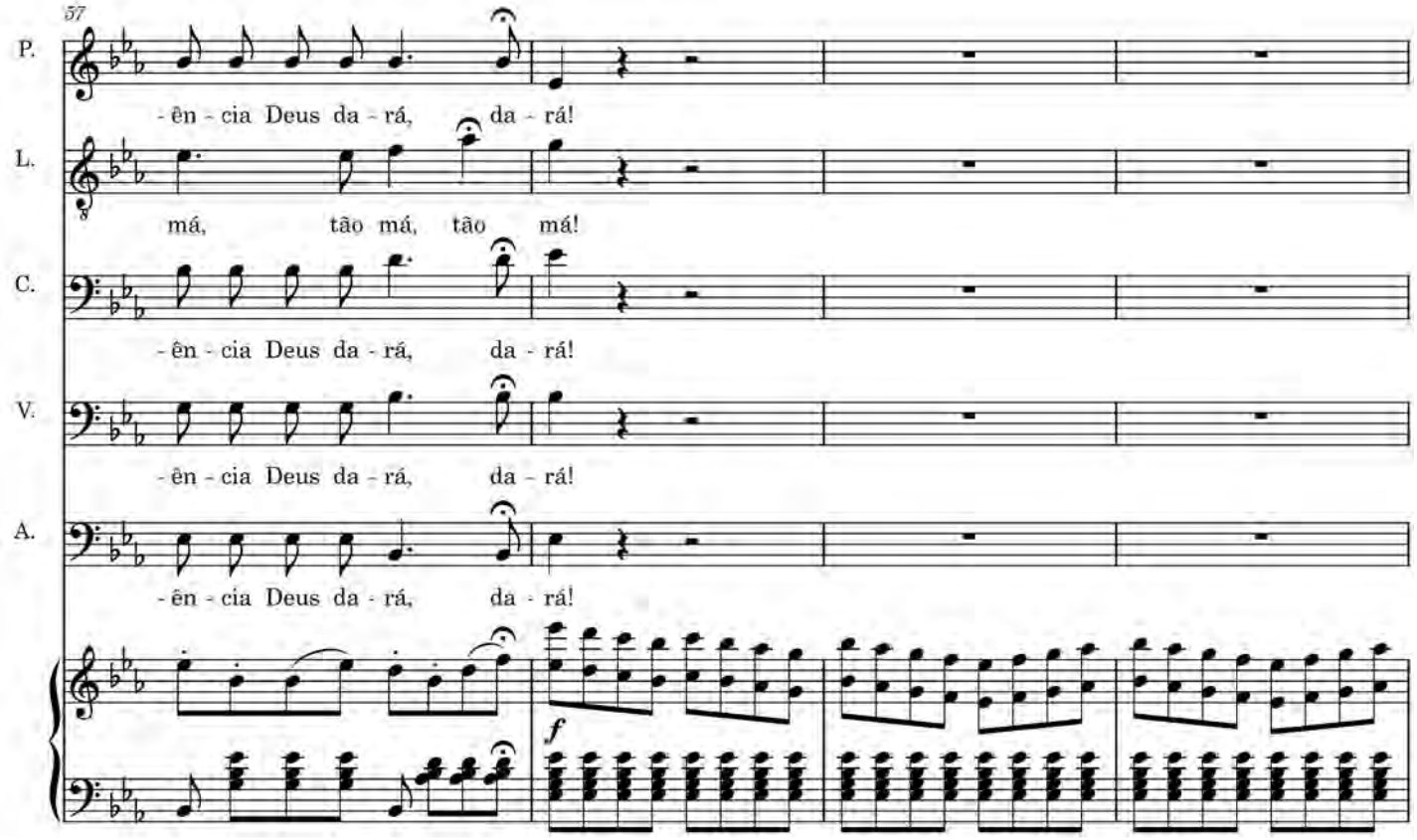




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
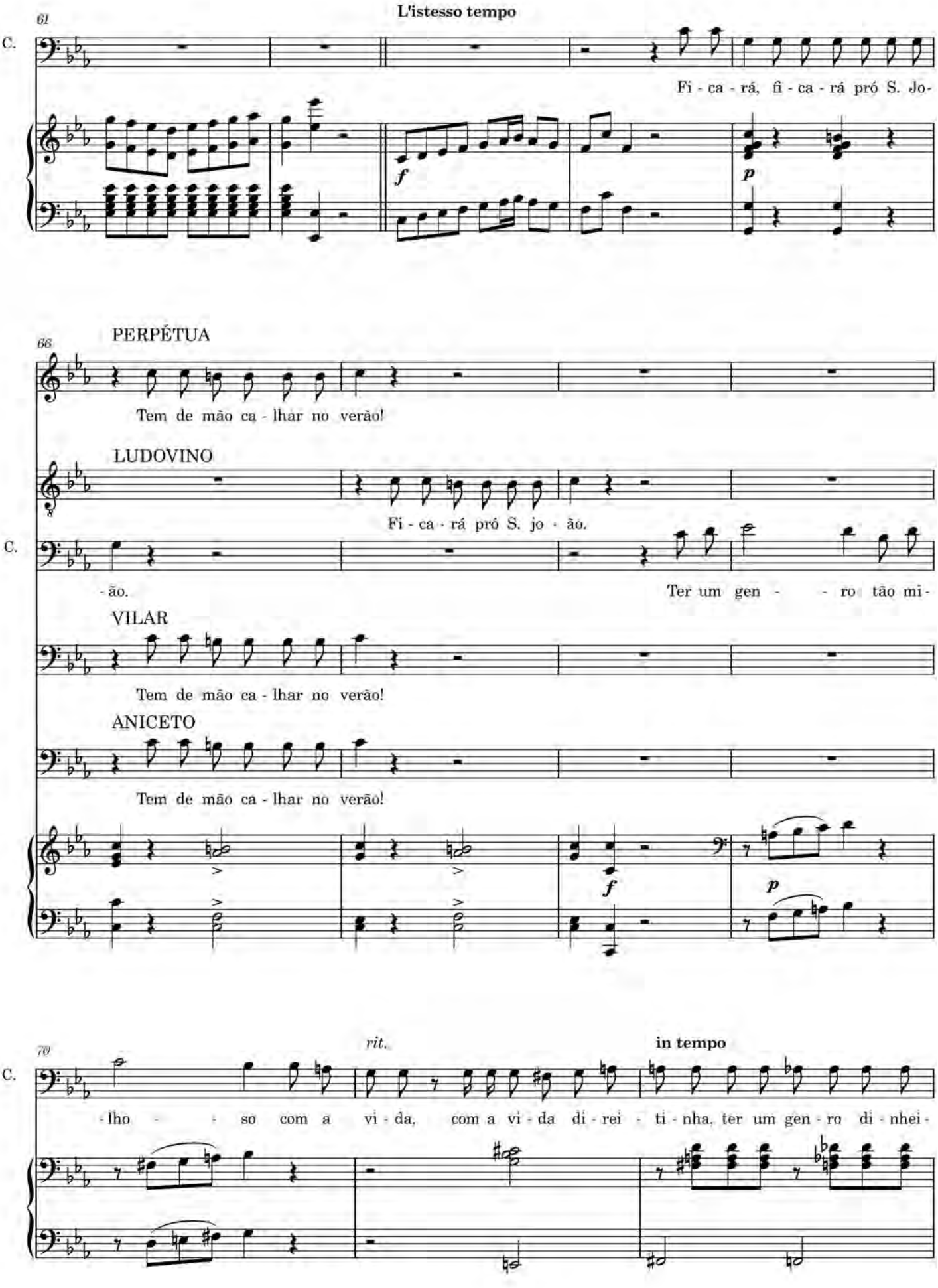




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
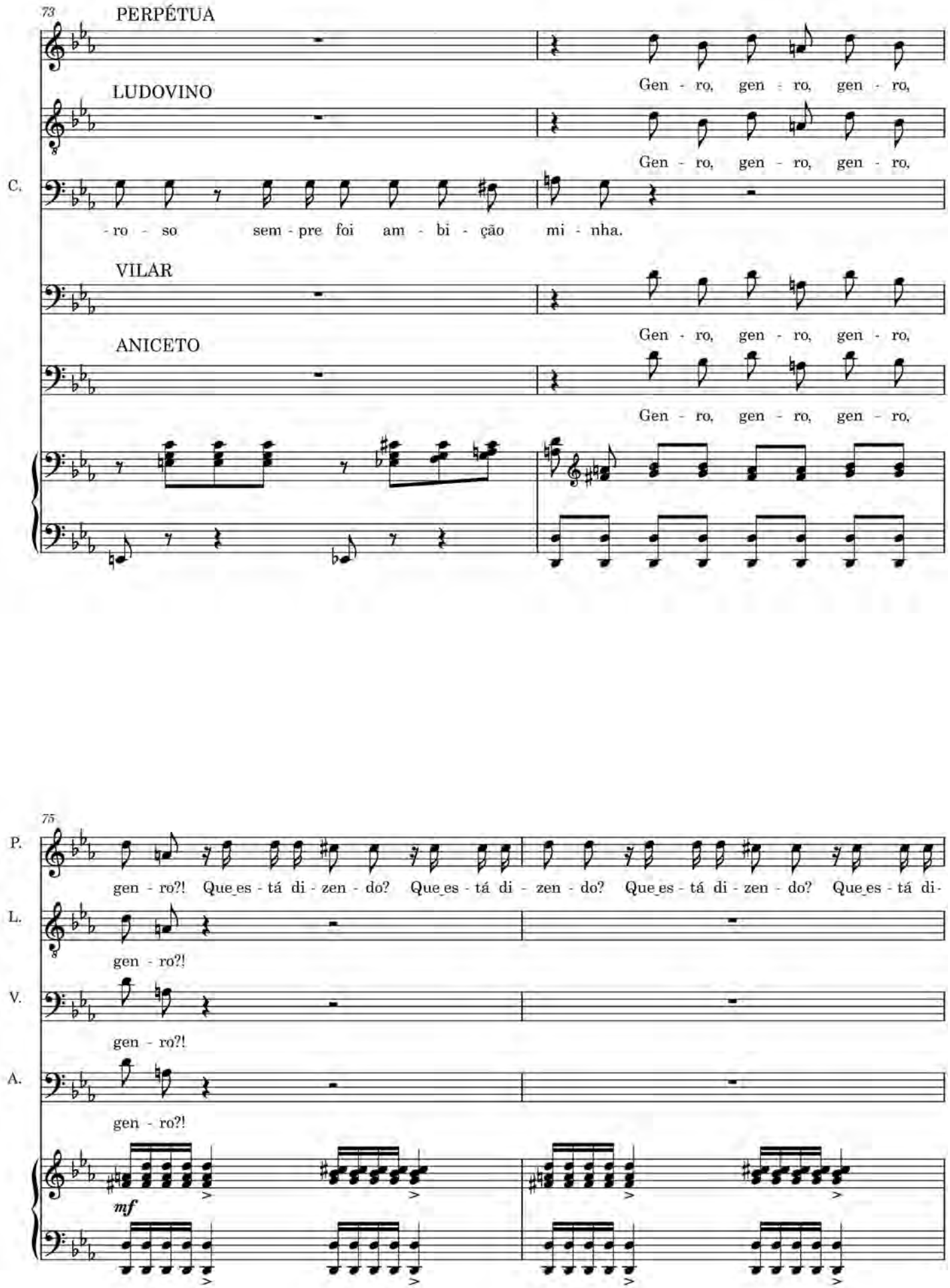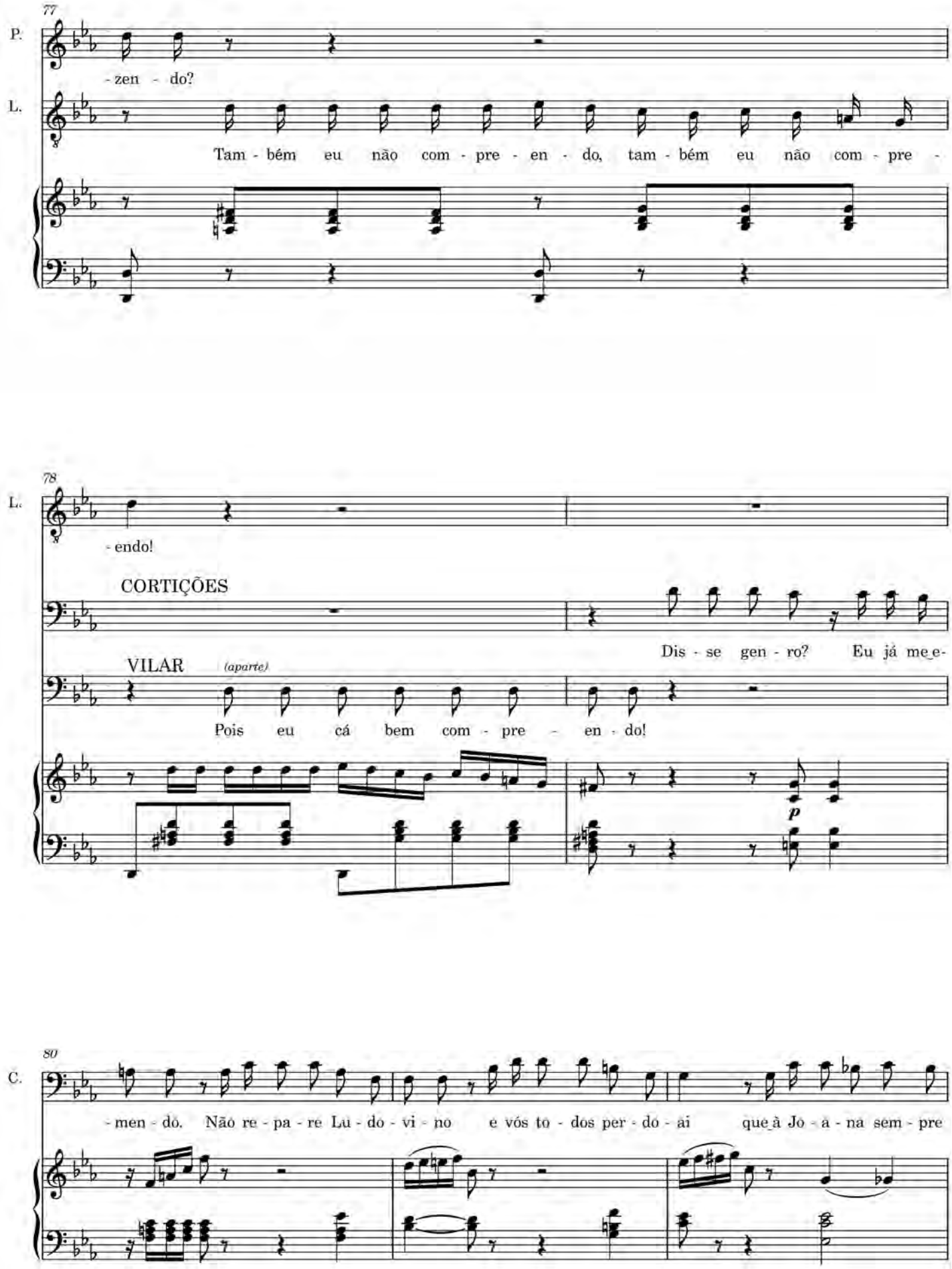




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



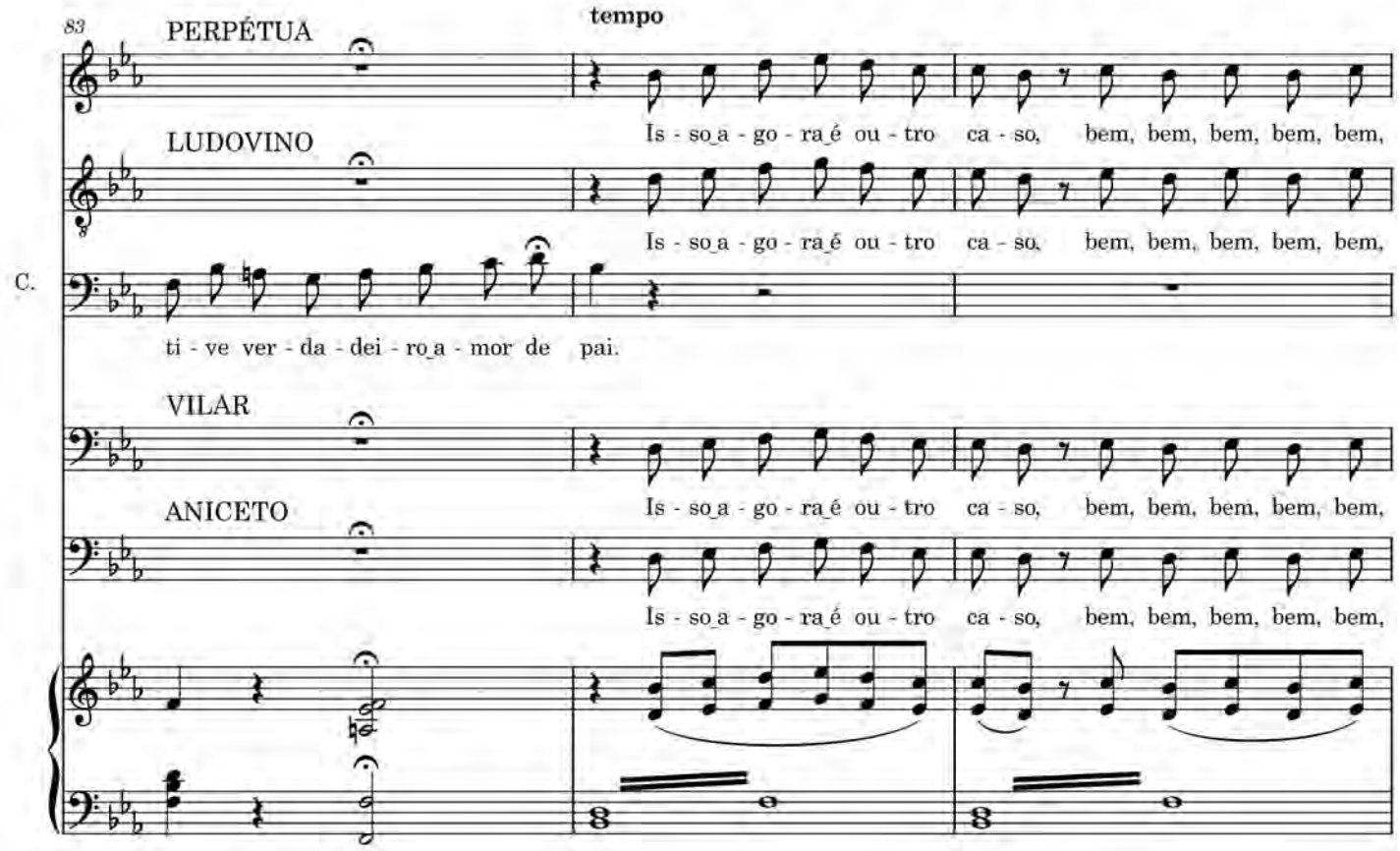
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
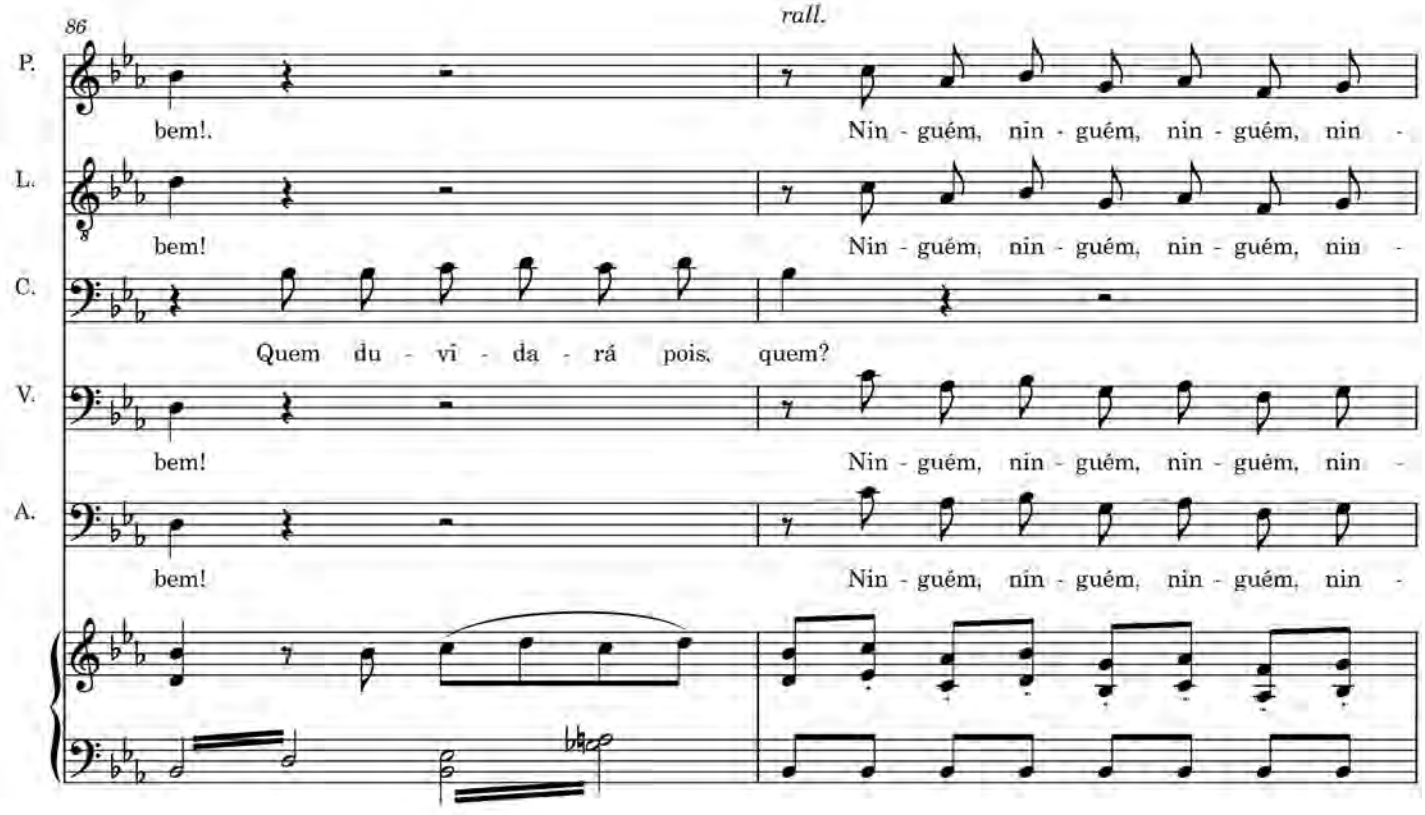


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
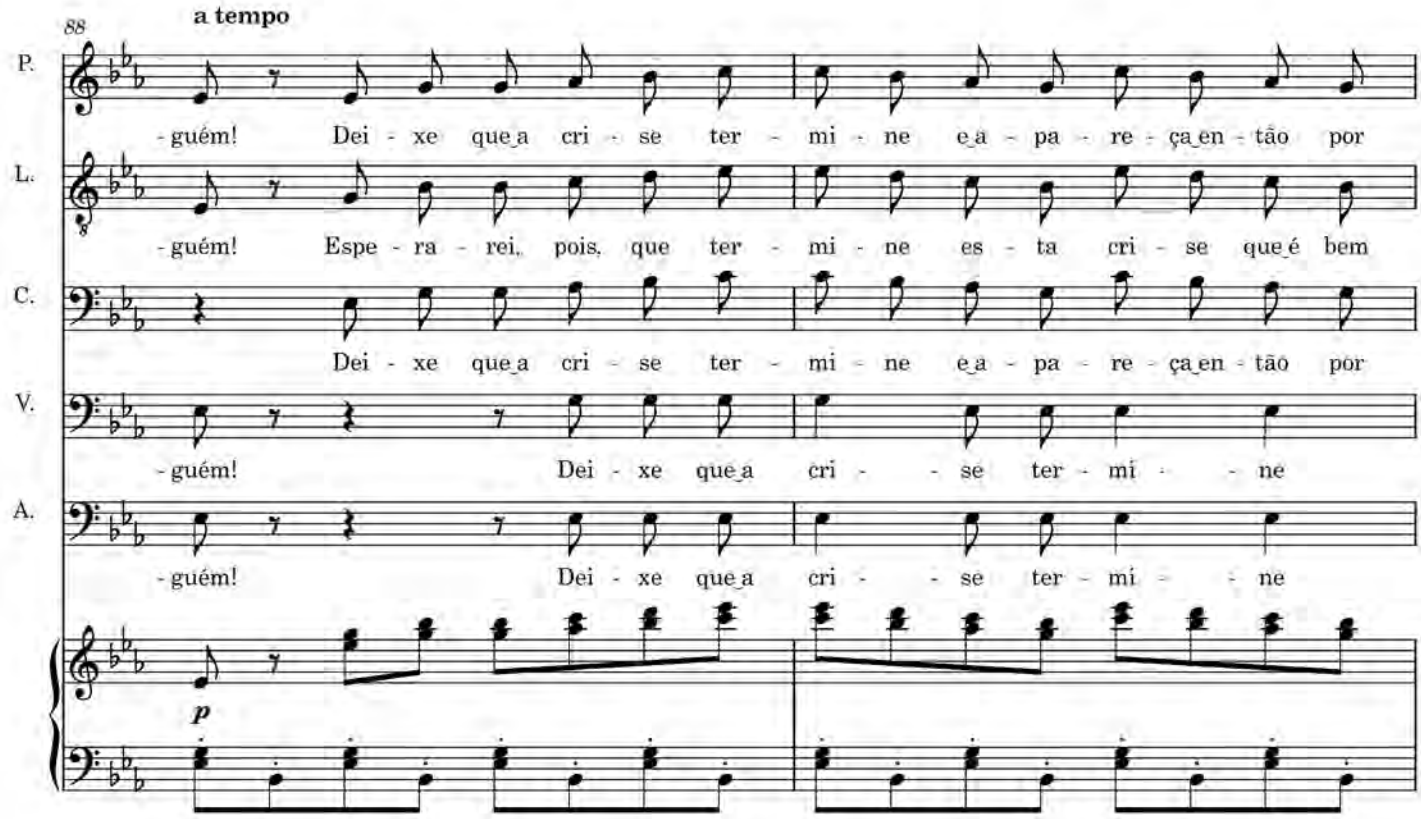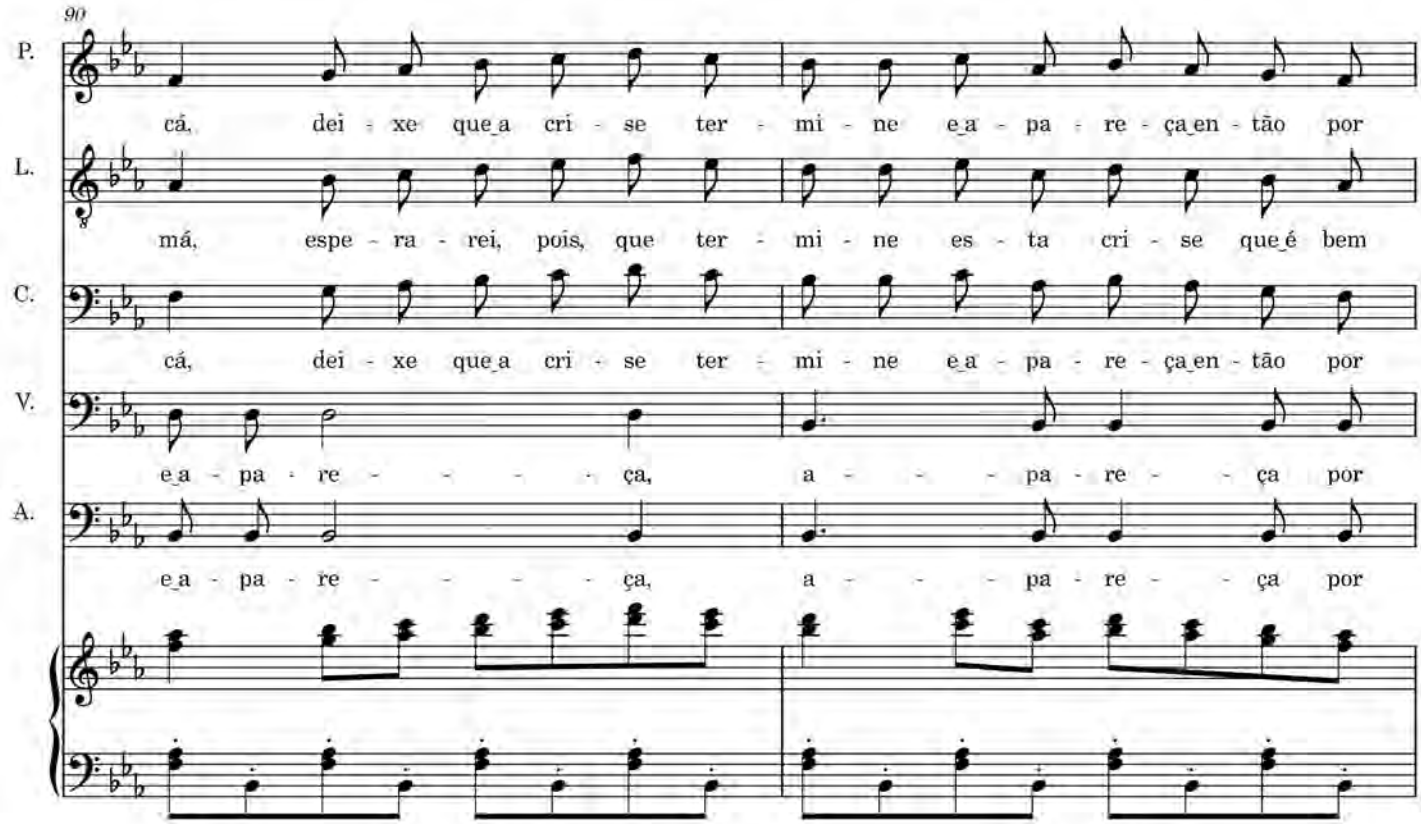


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
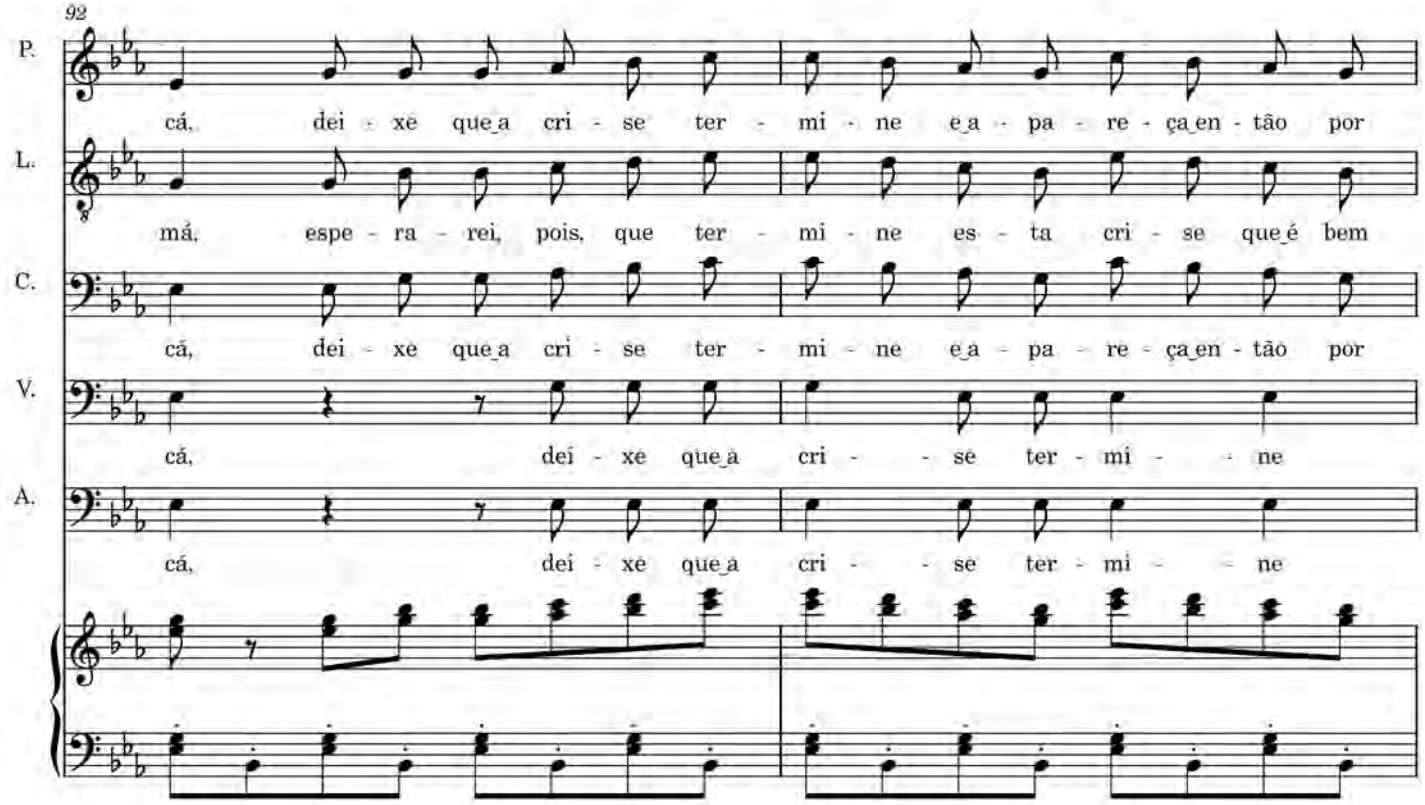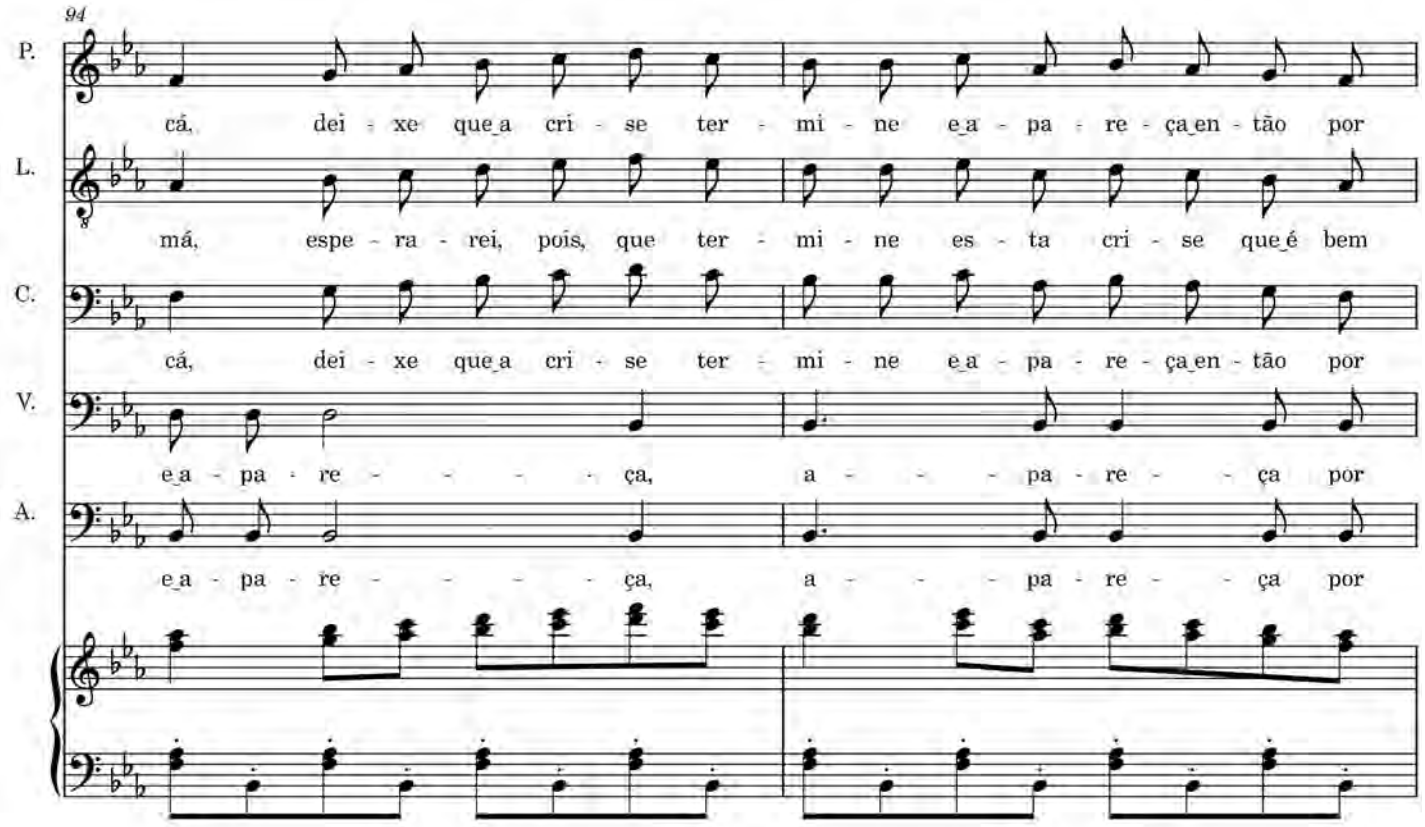




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
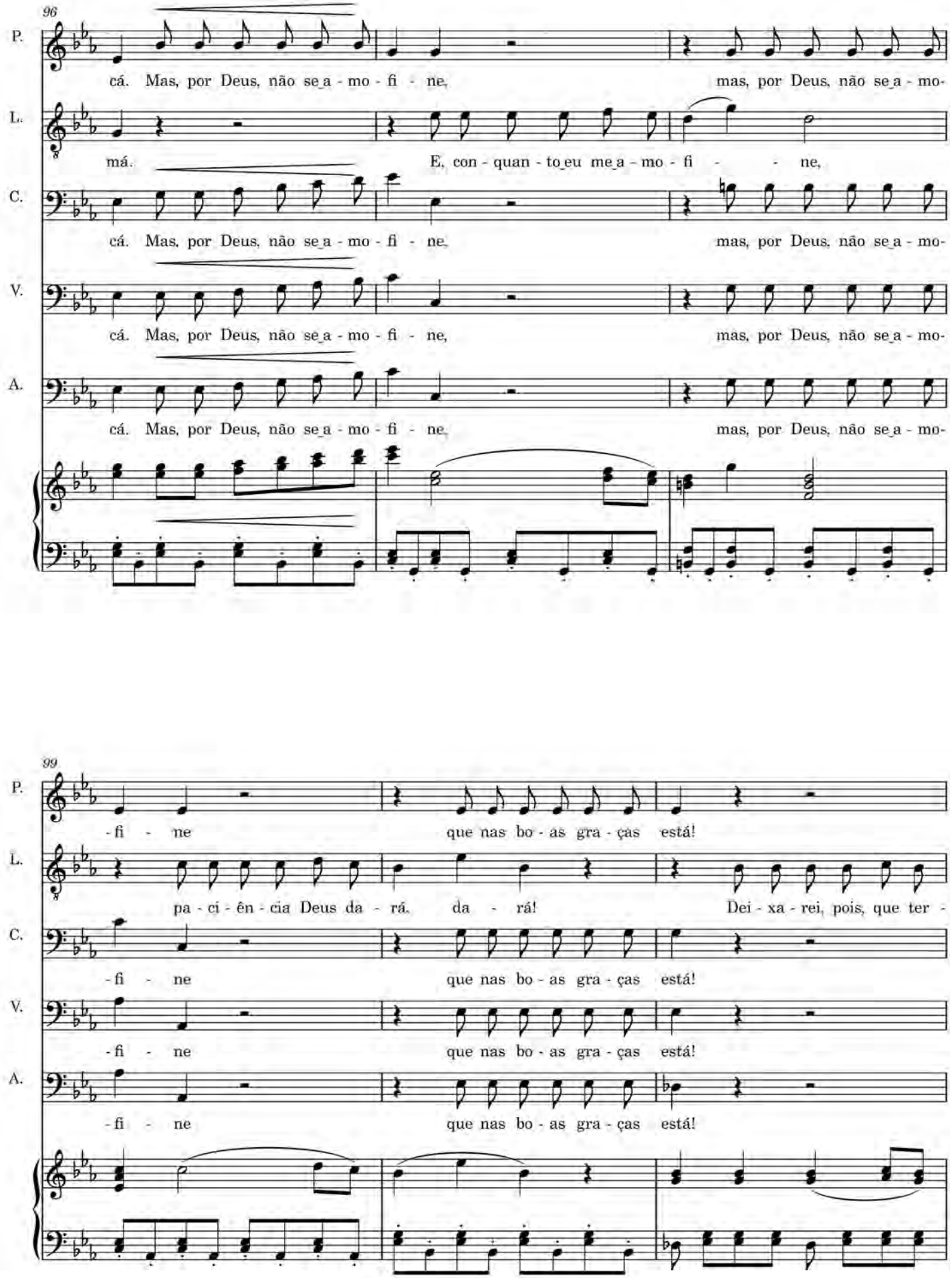




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
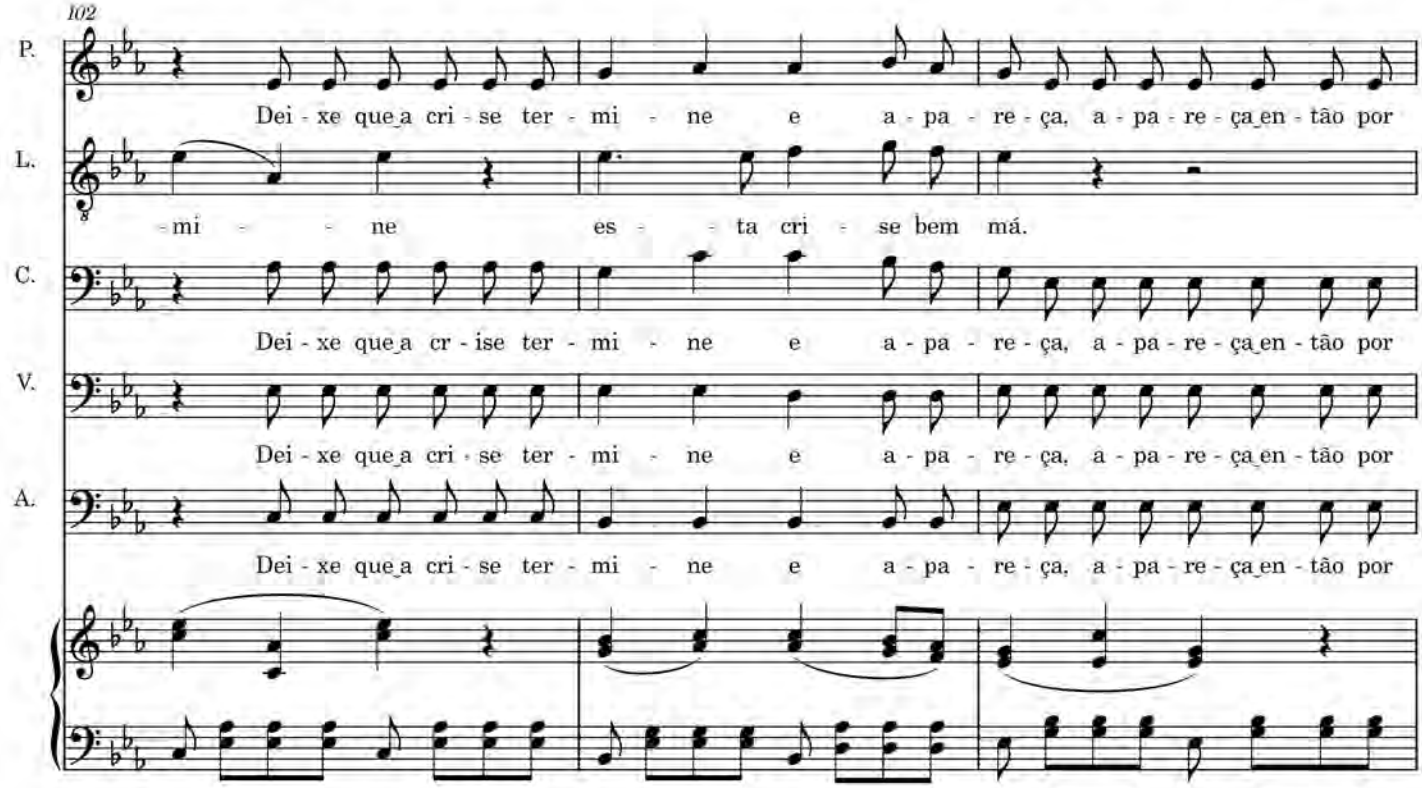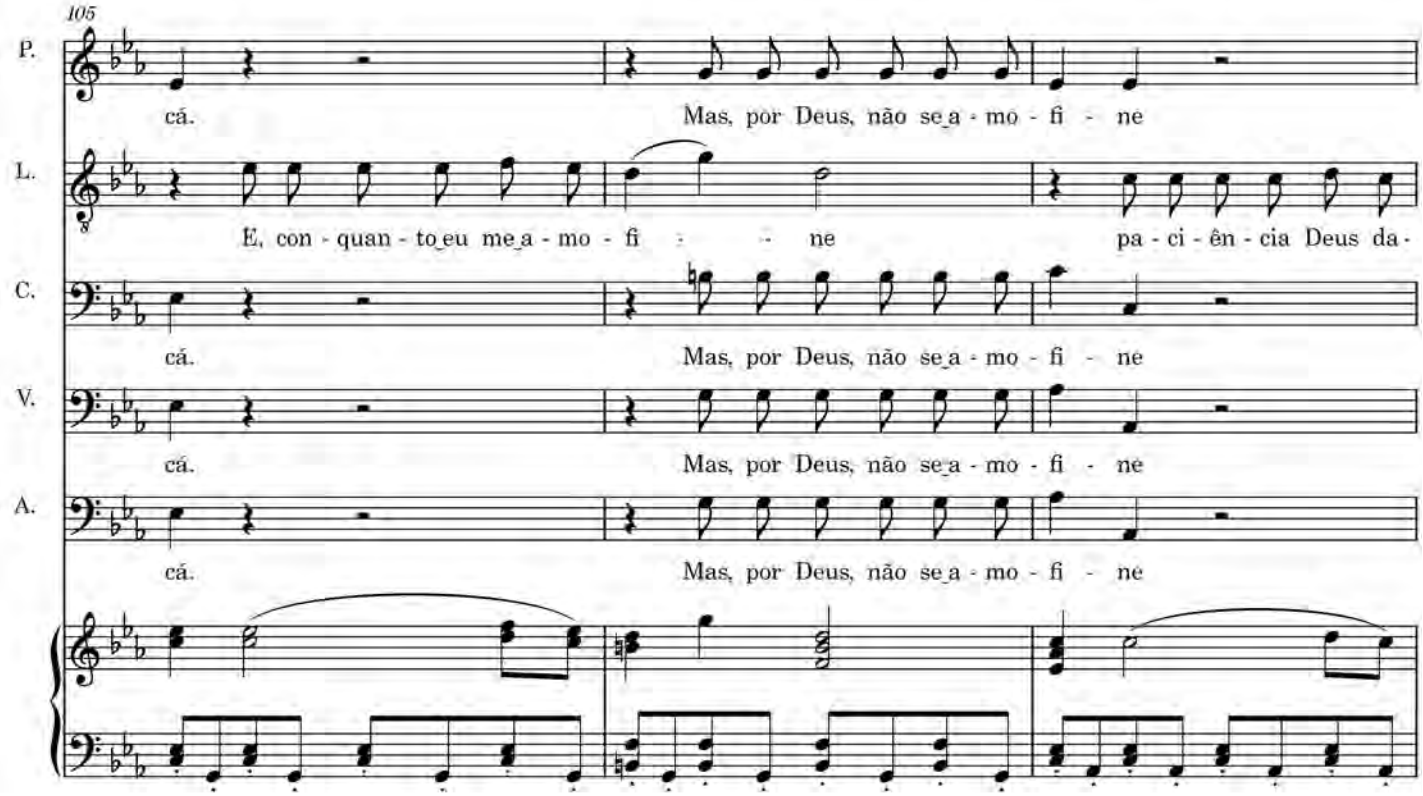




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
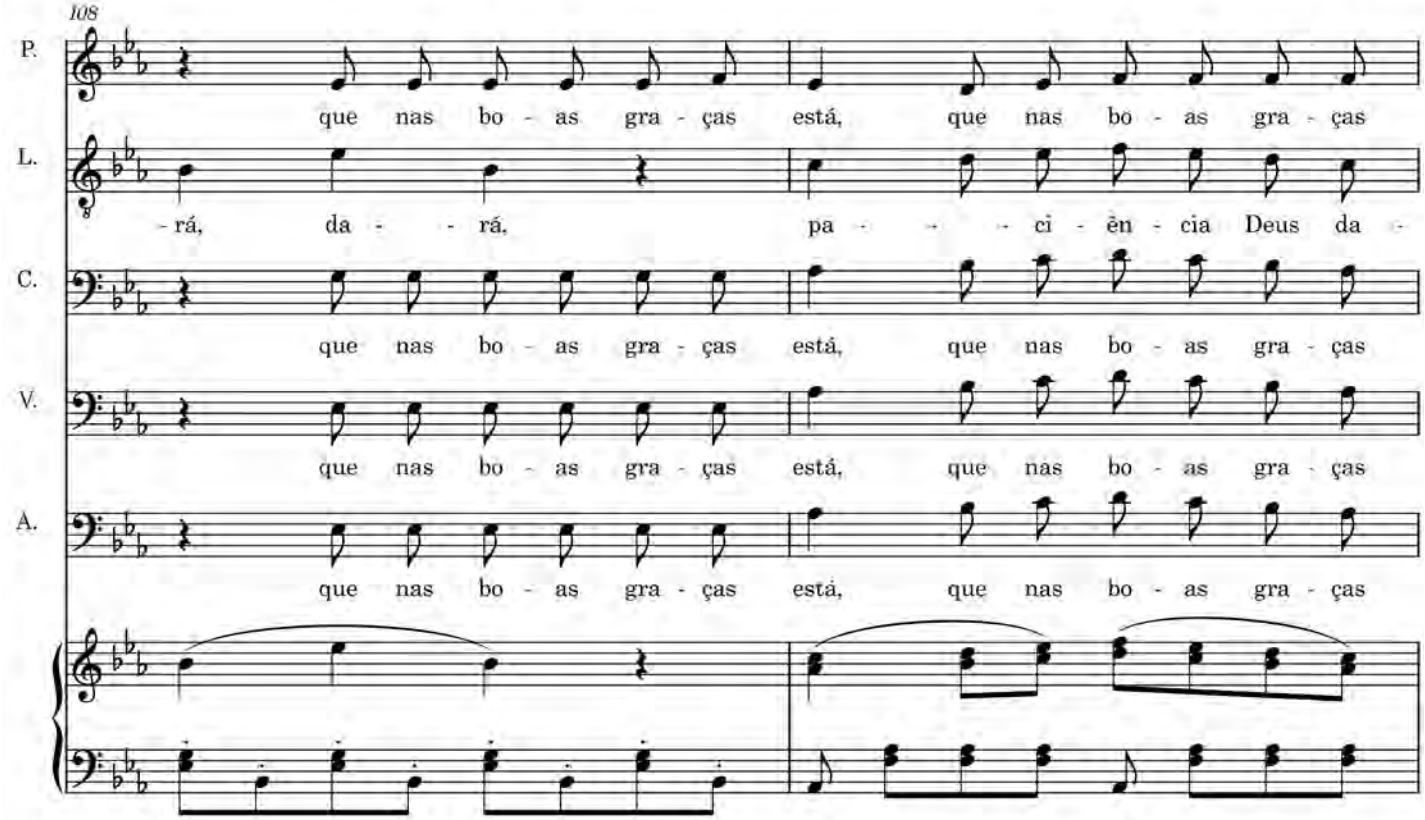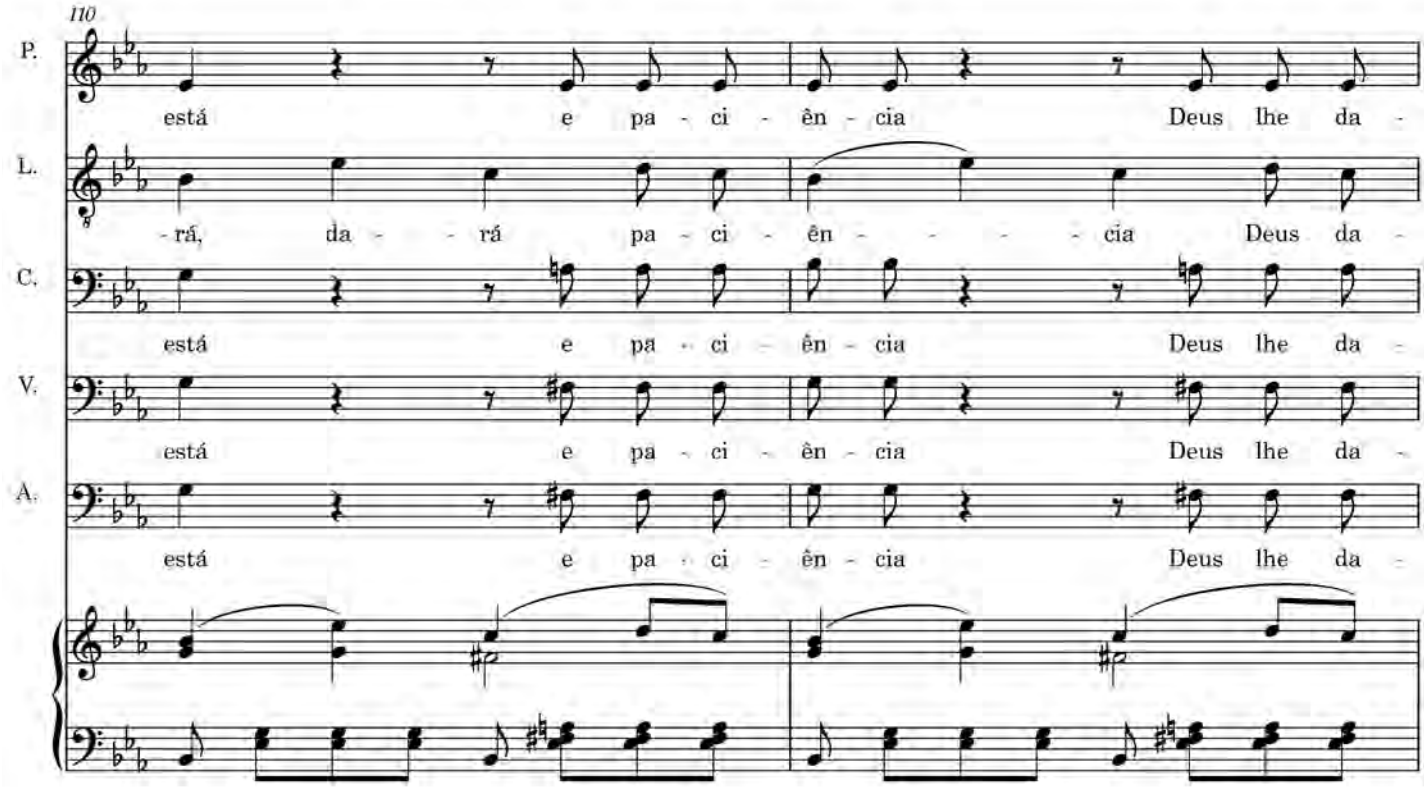


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
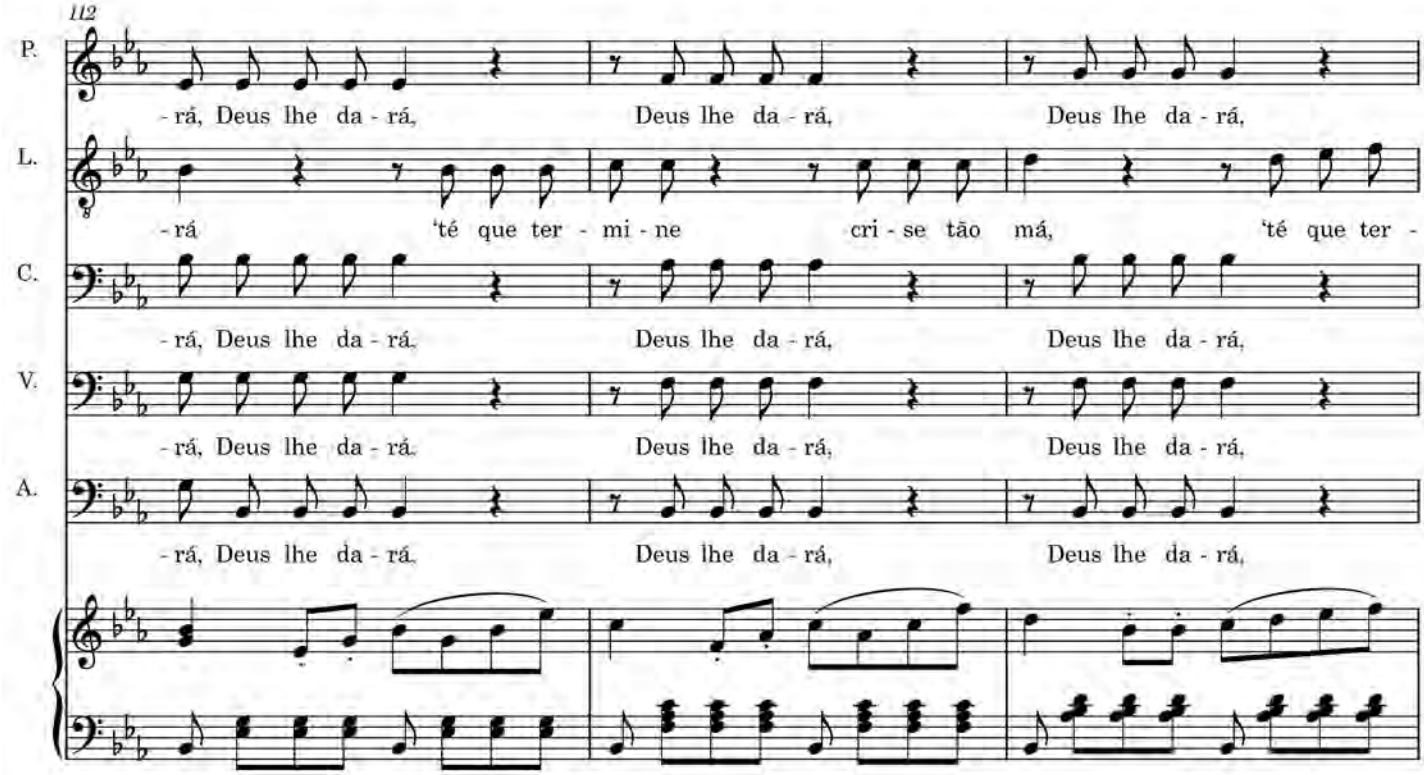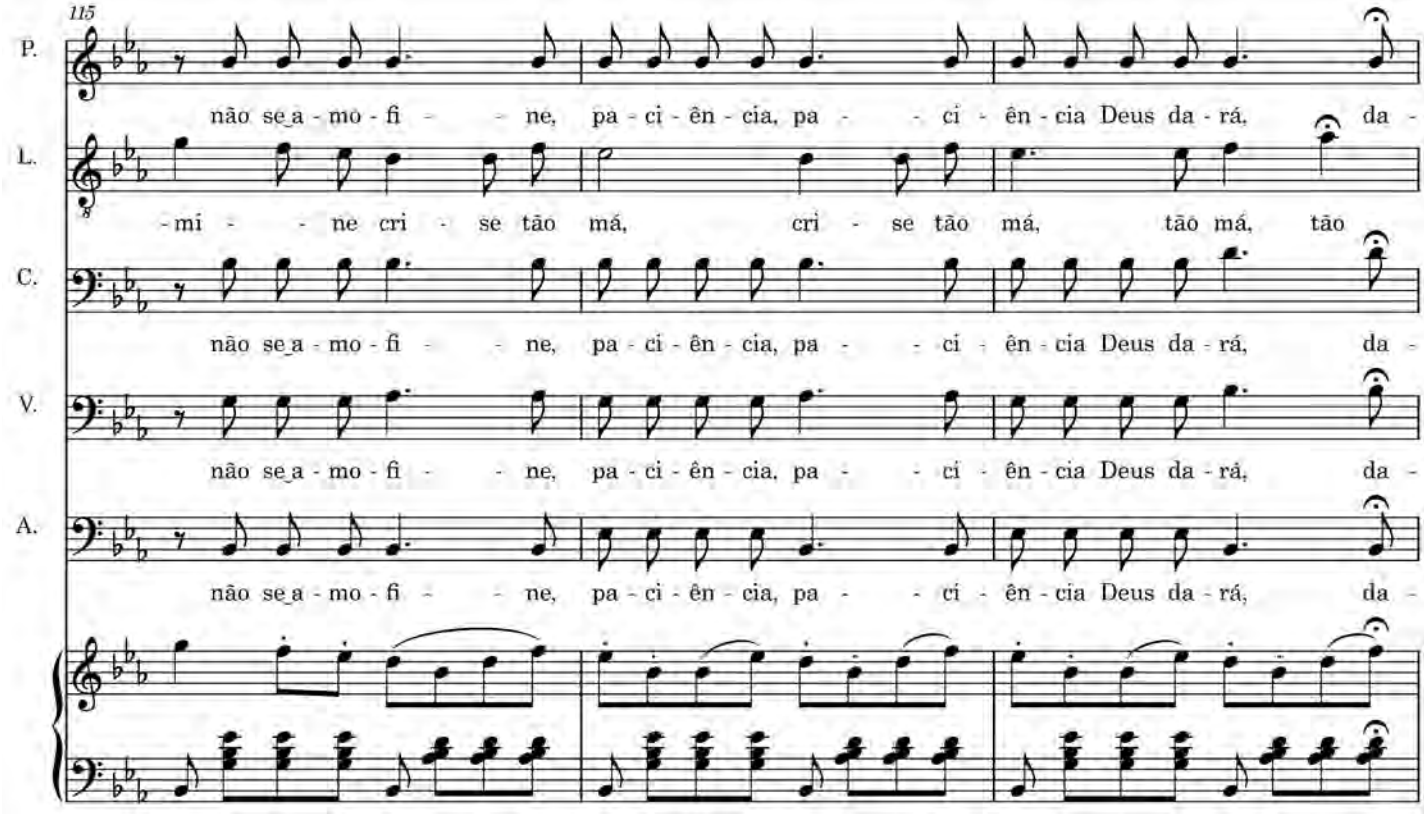




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
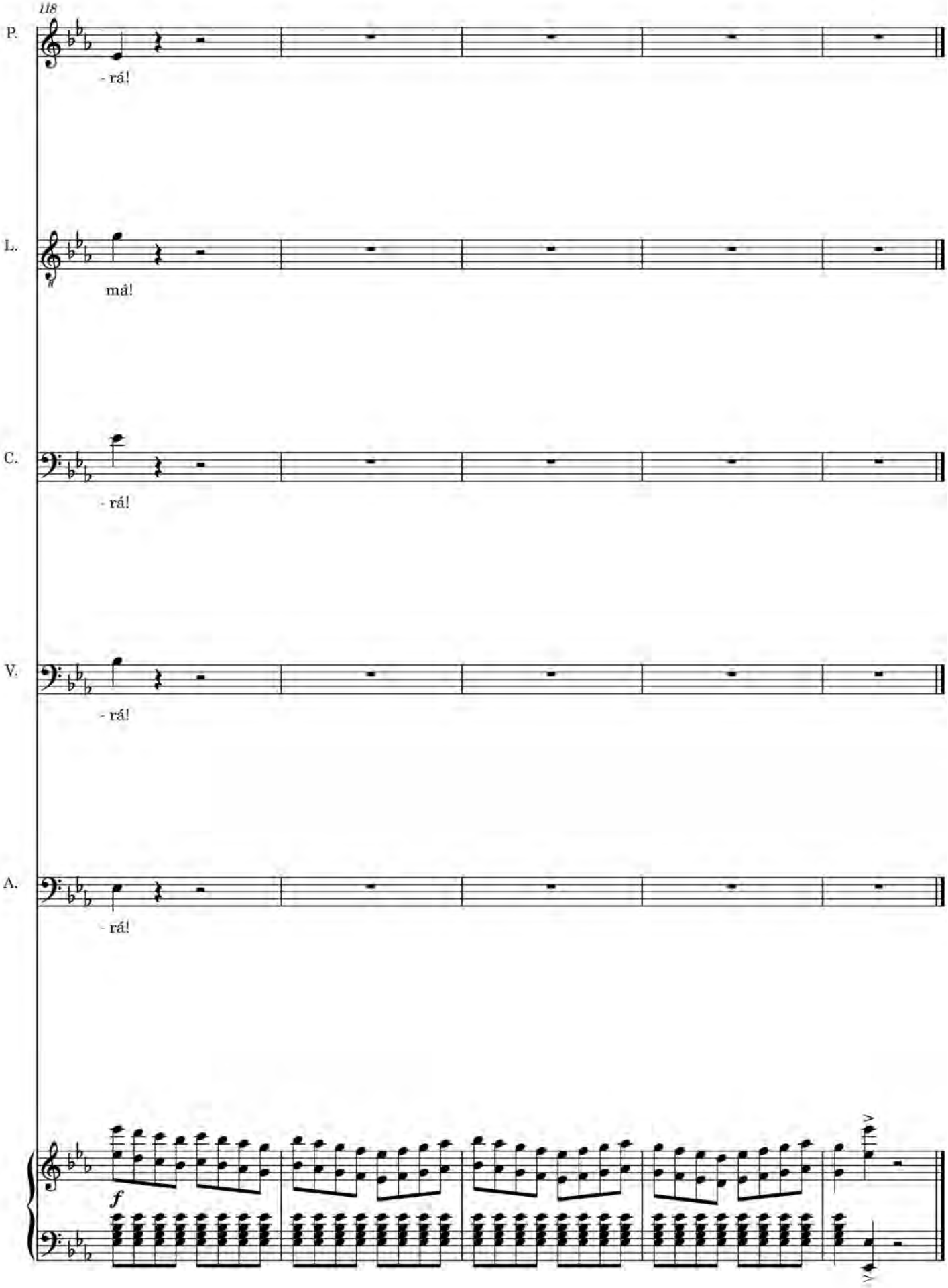




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
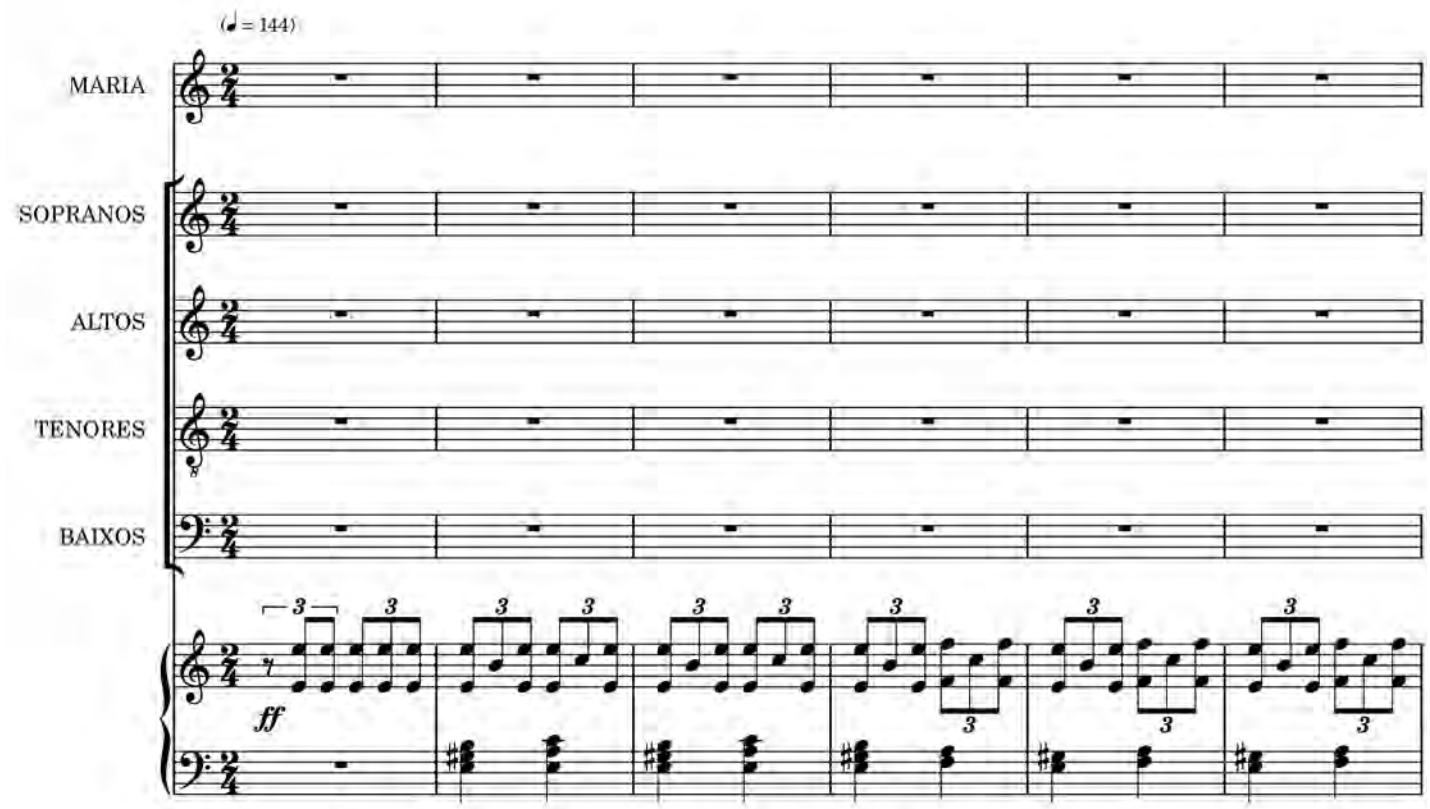




IMPRENSA NACIONAL
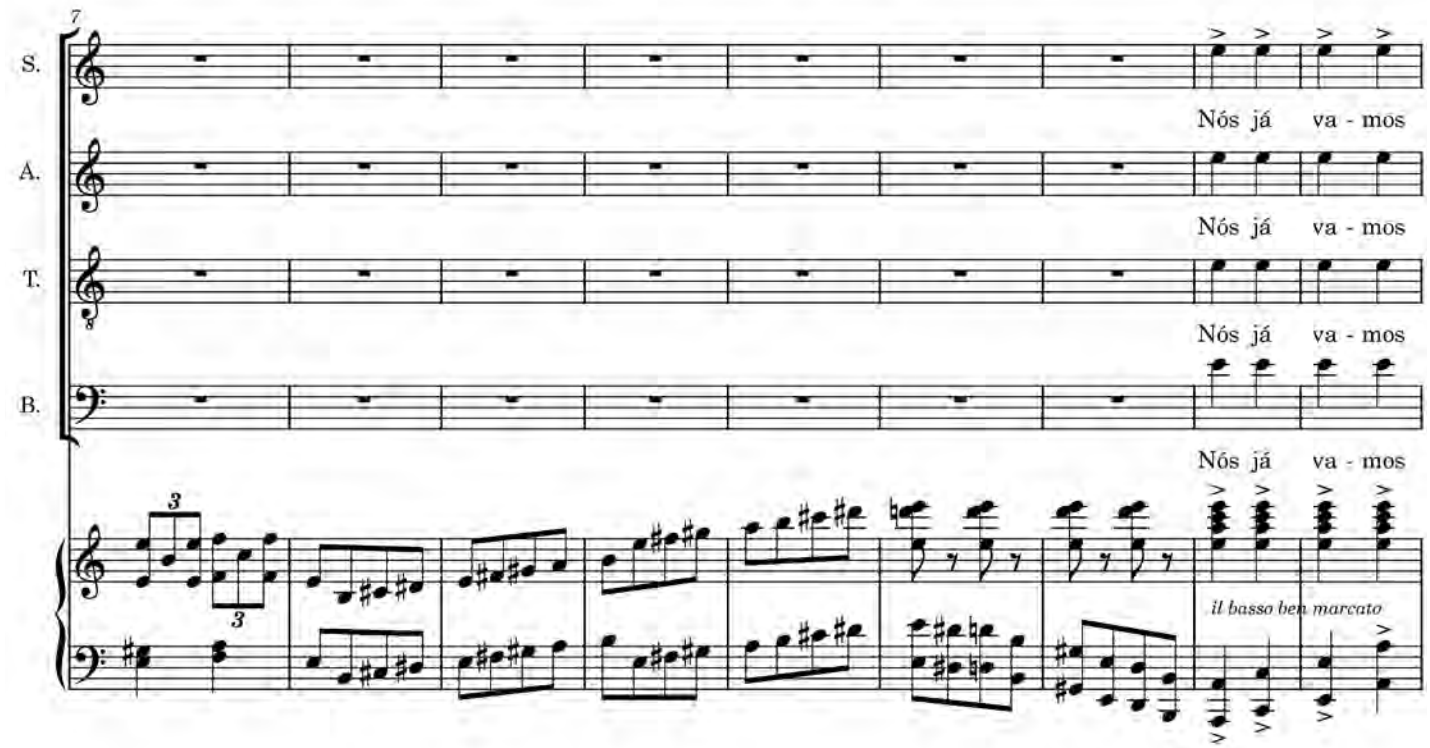
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
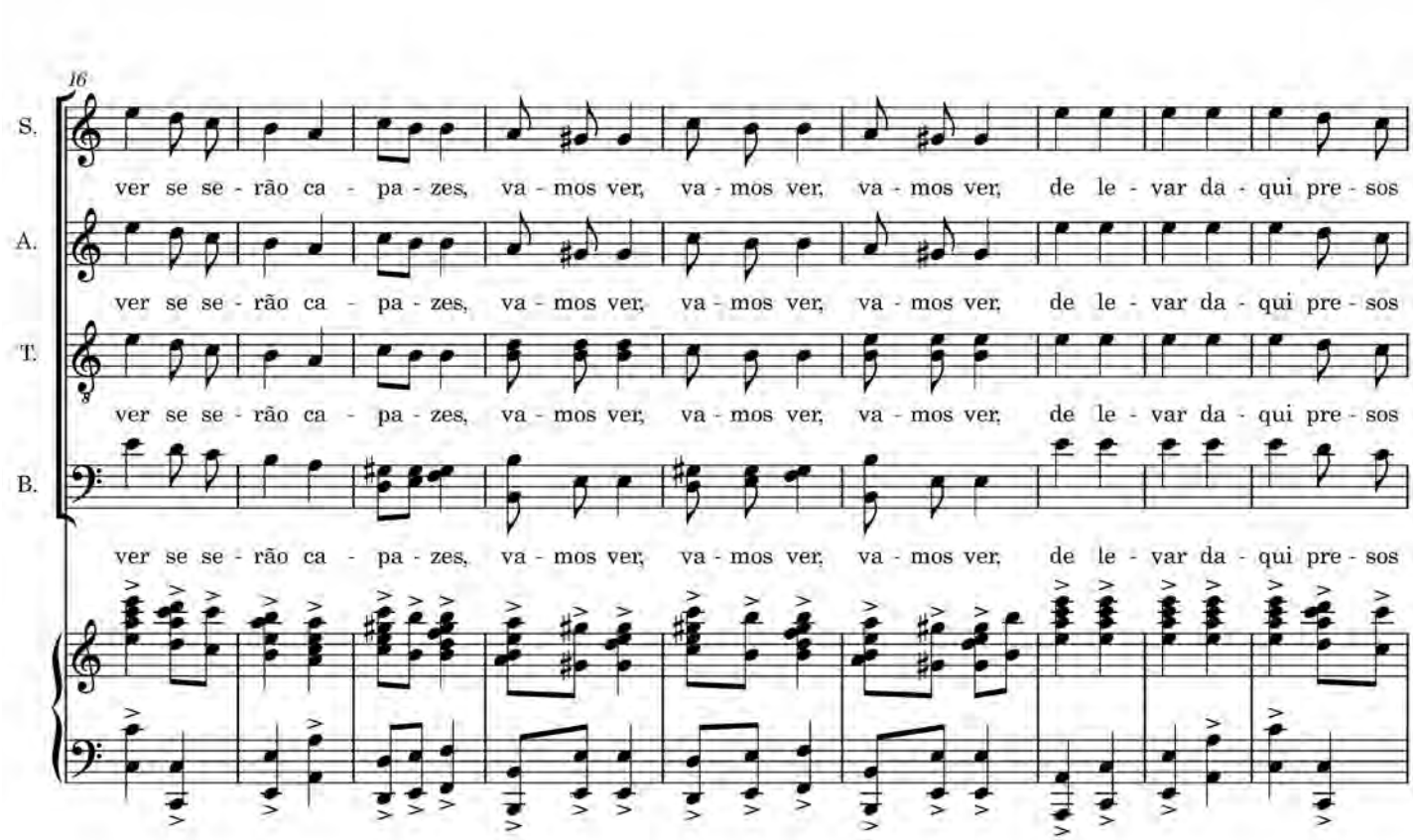


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
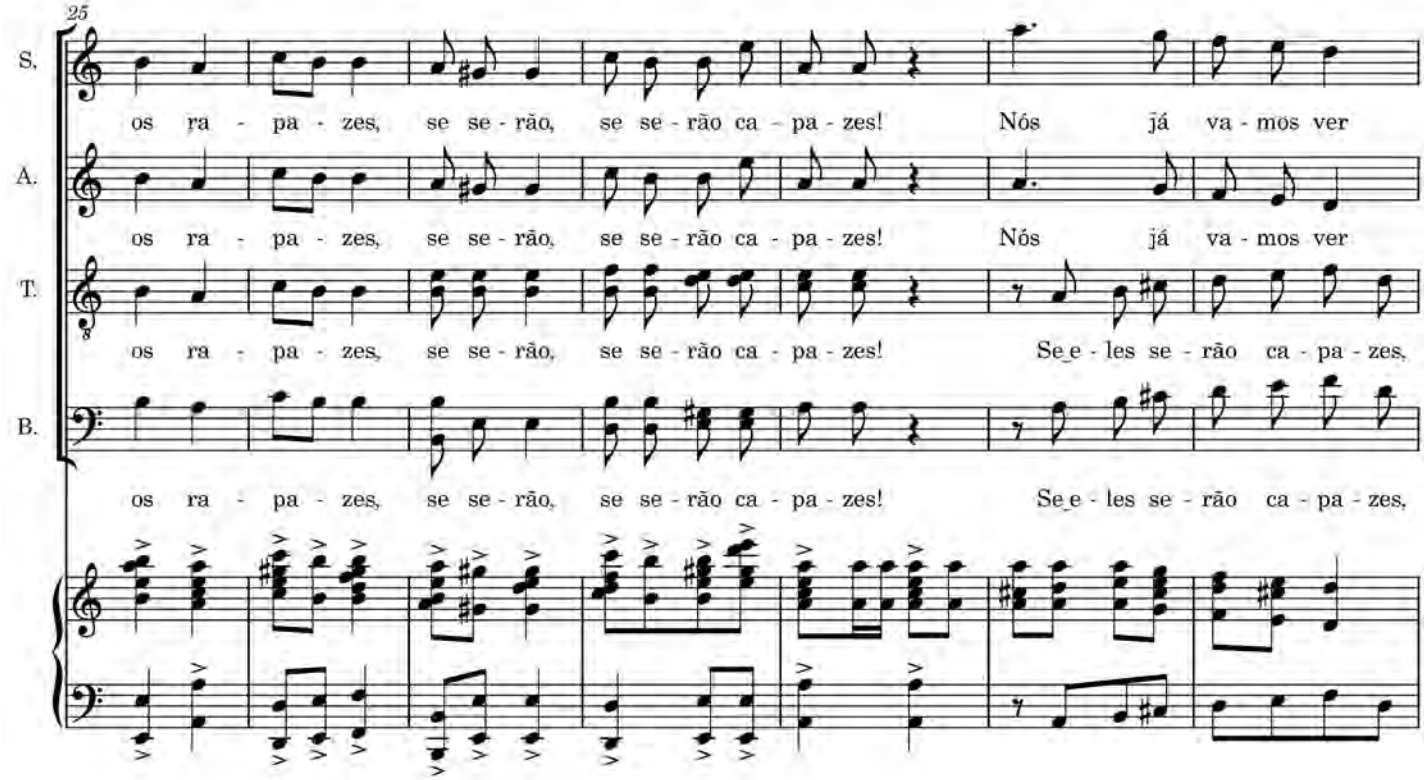
N.º 17 FINAL II
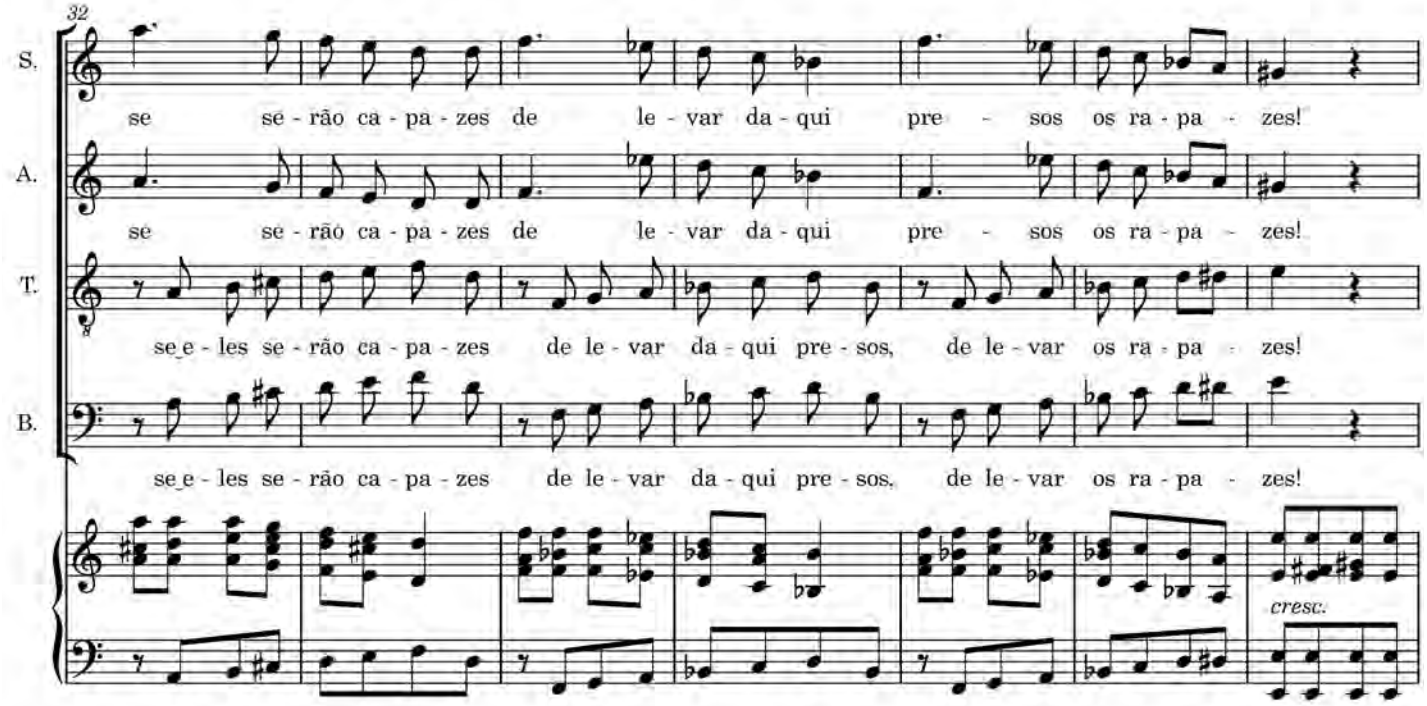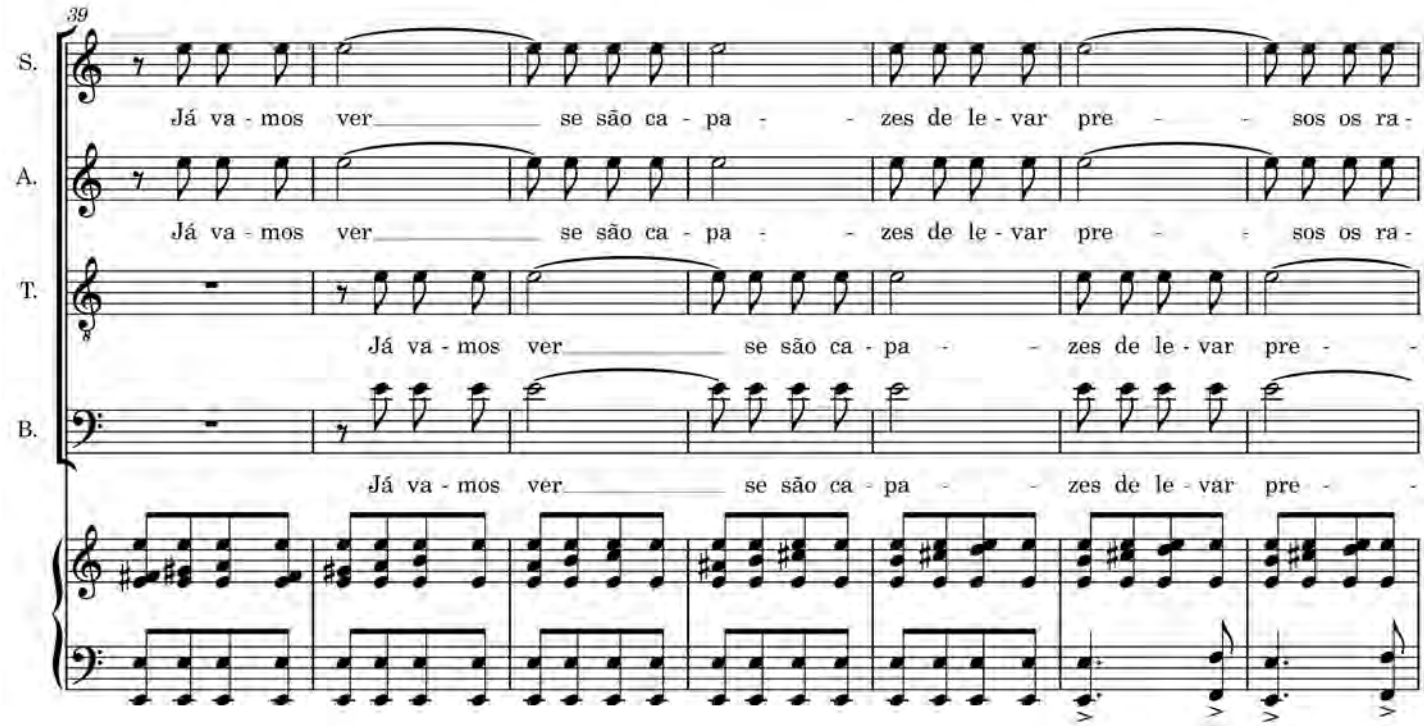




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
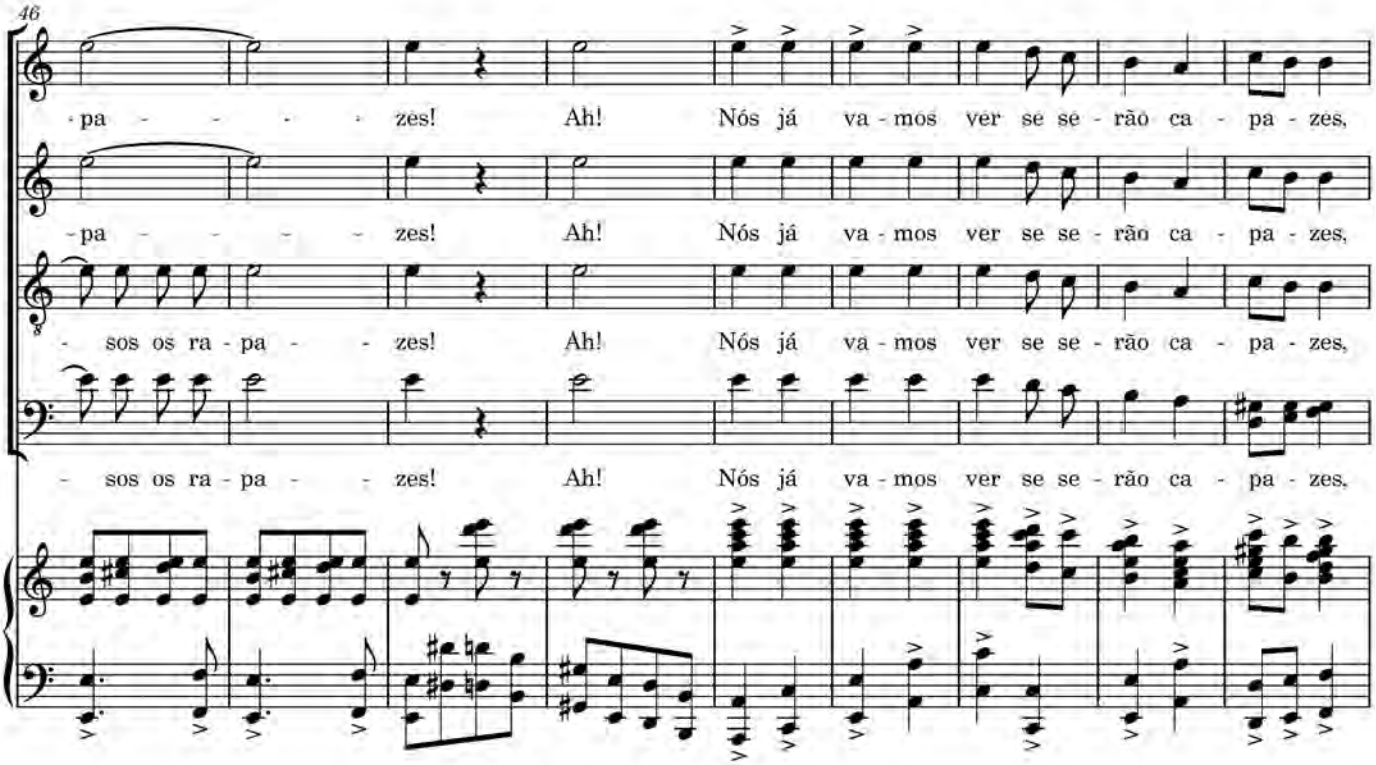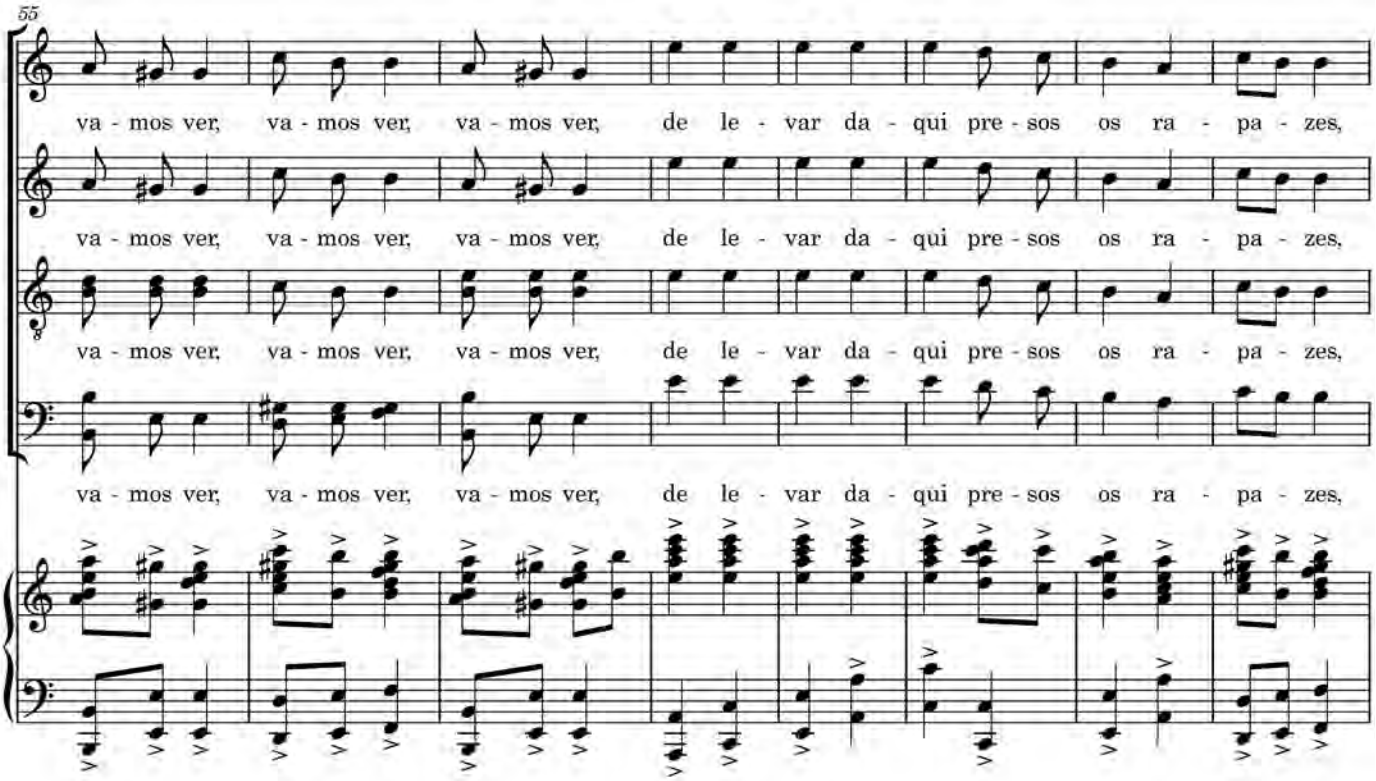




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
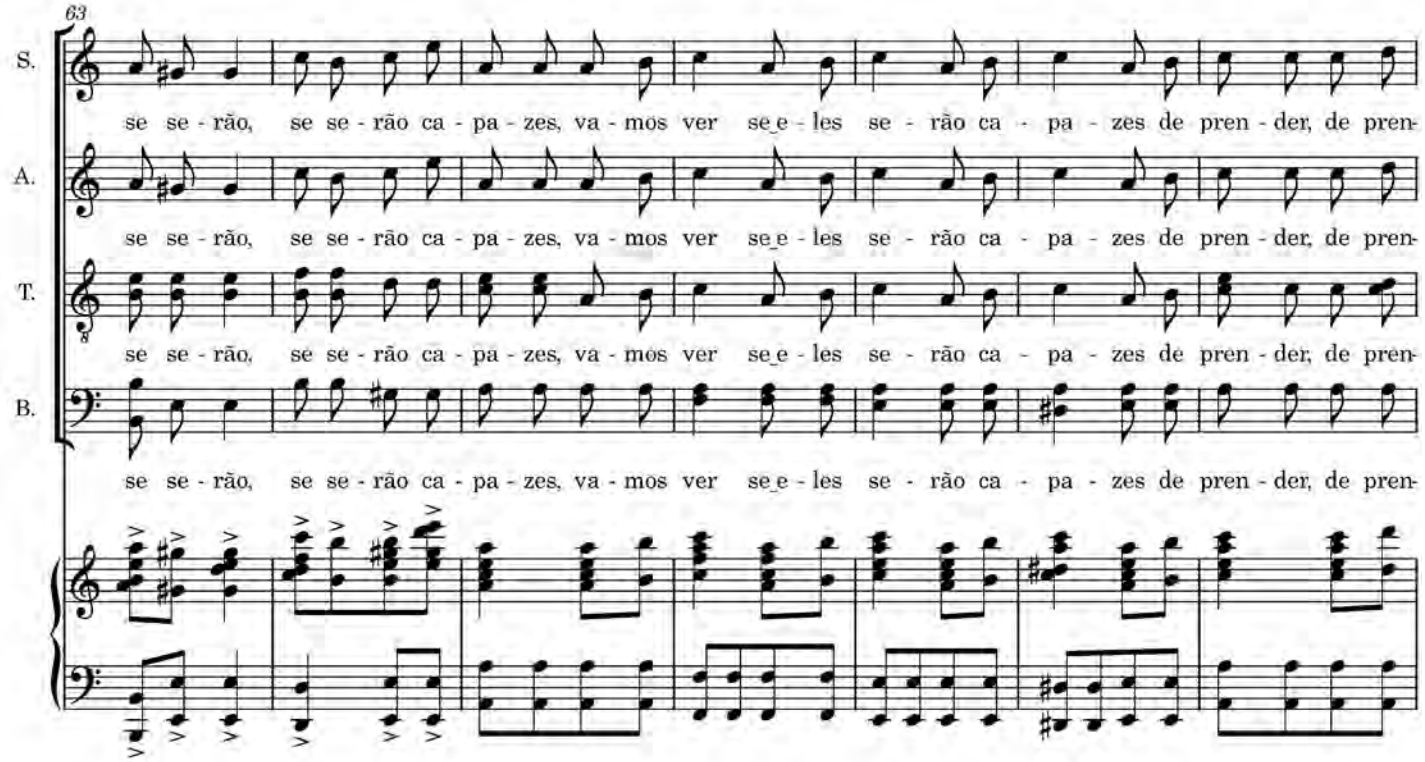




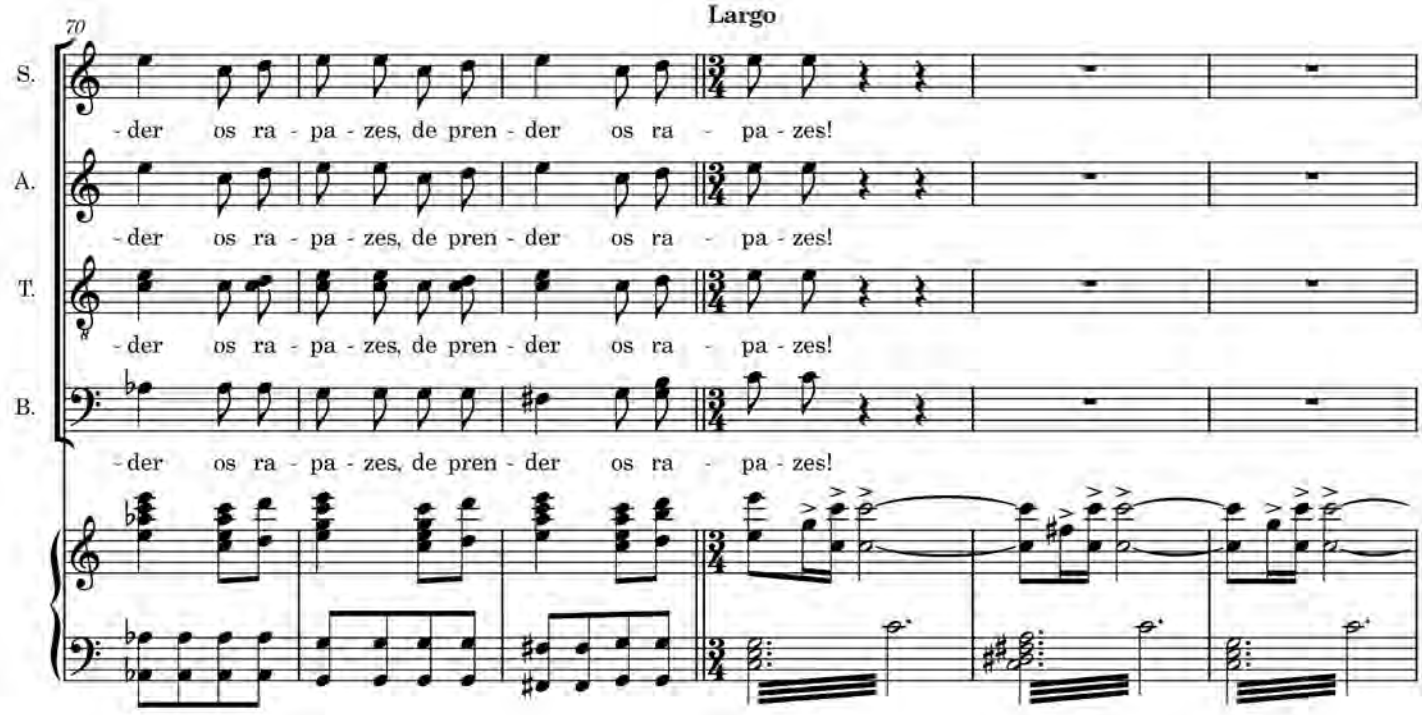
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
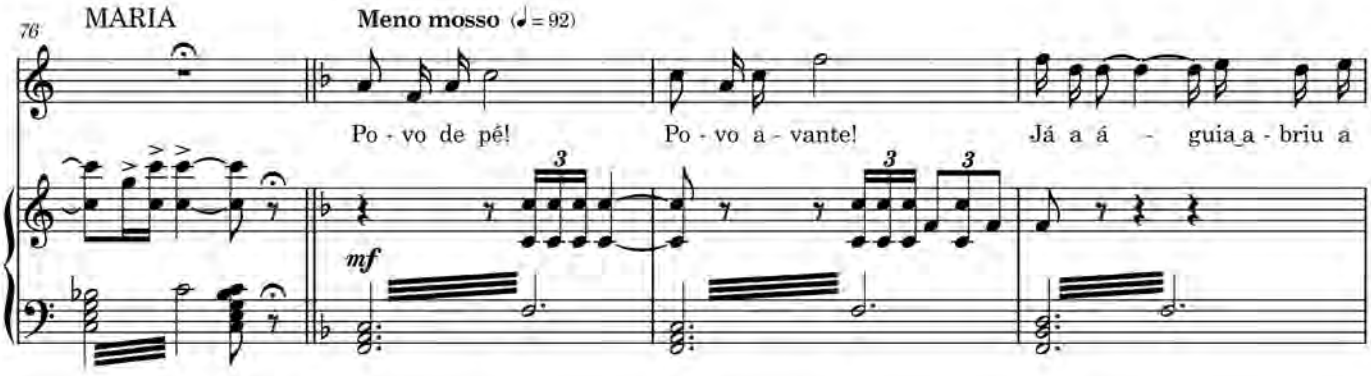




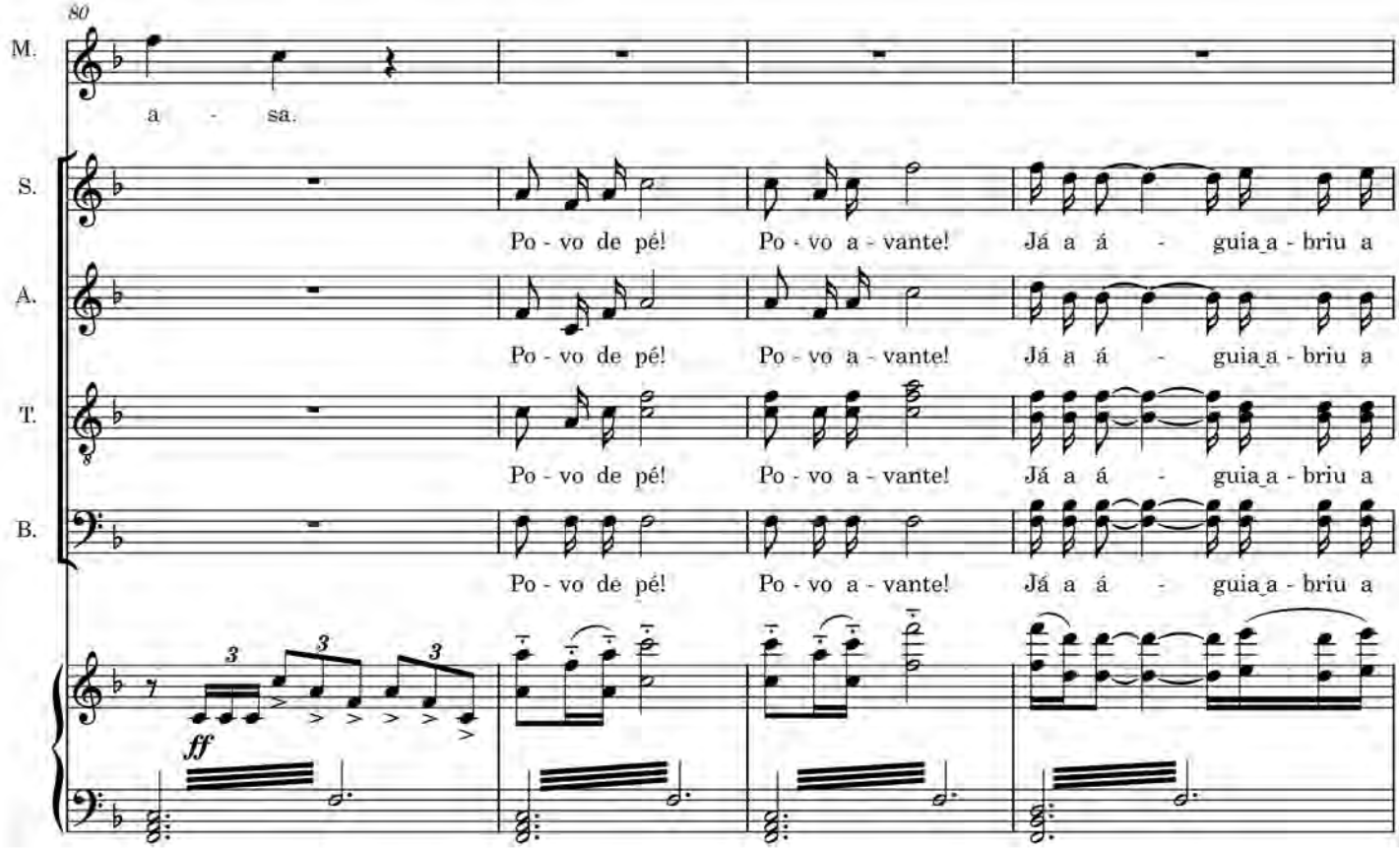
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
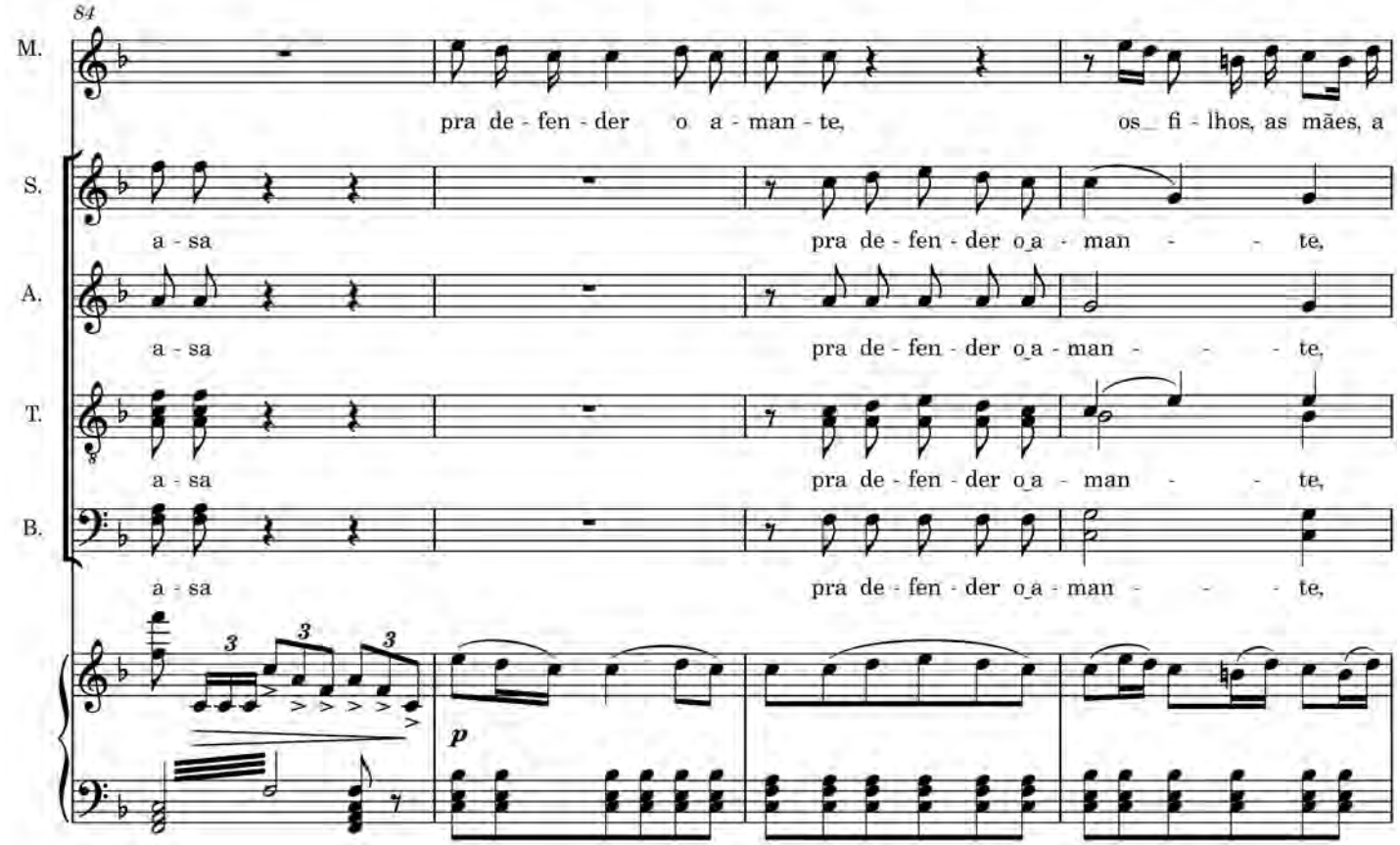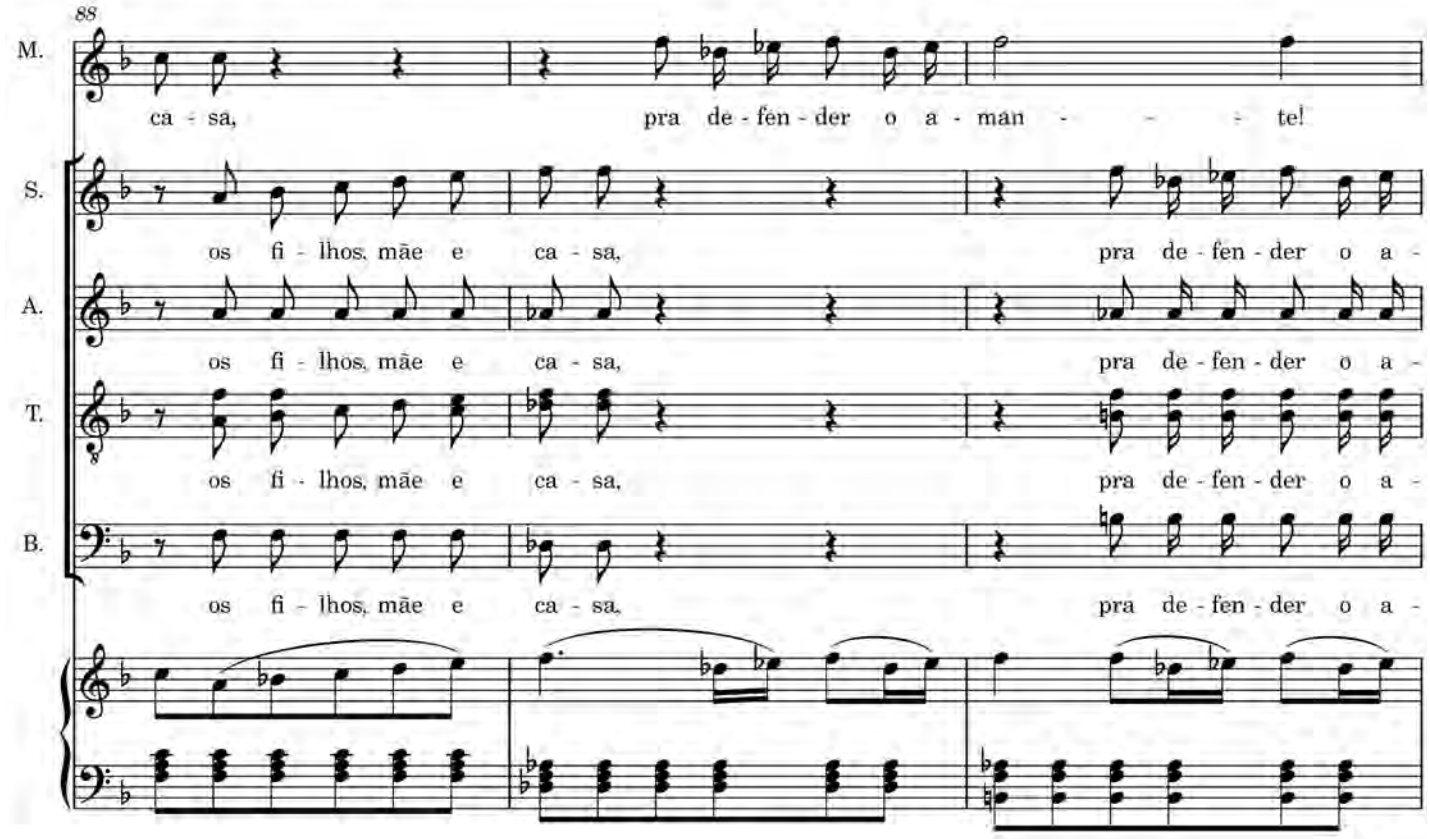




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
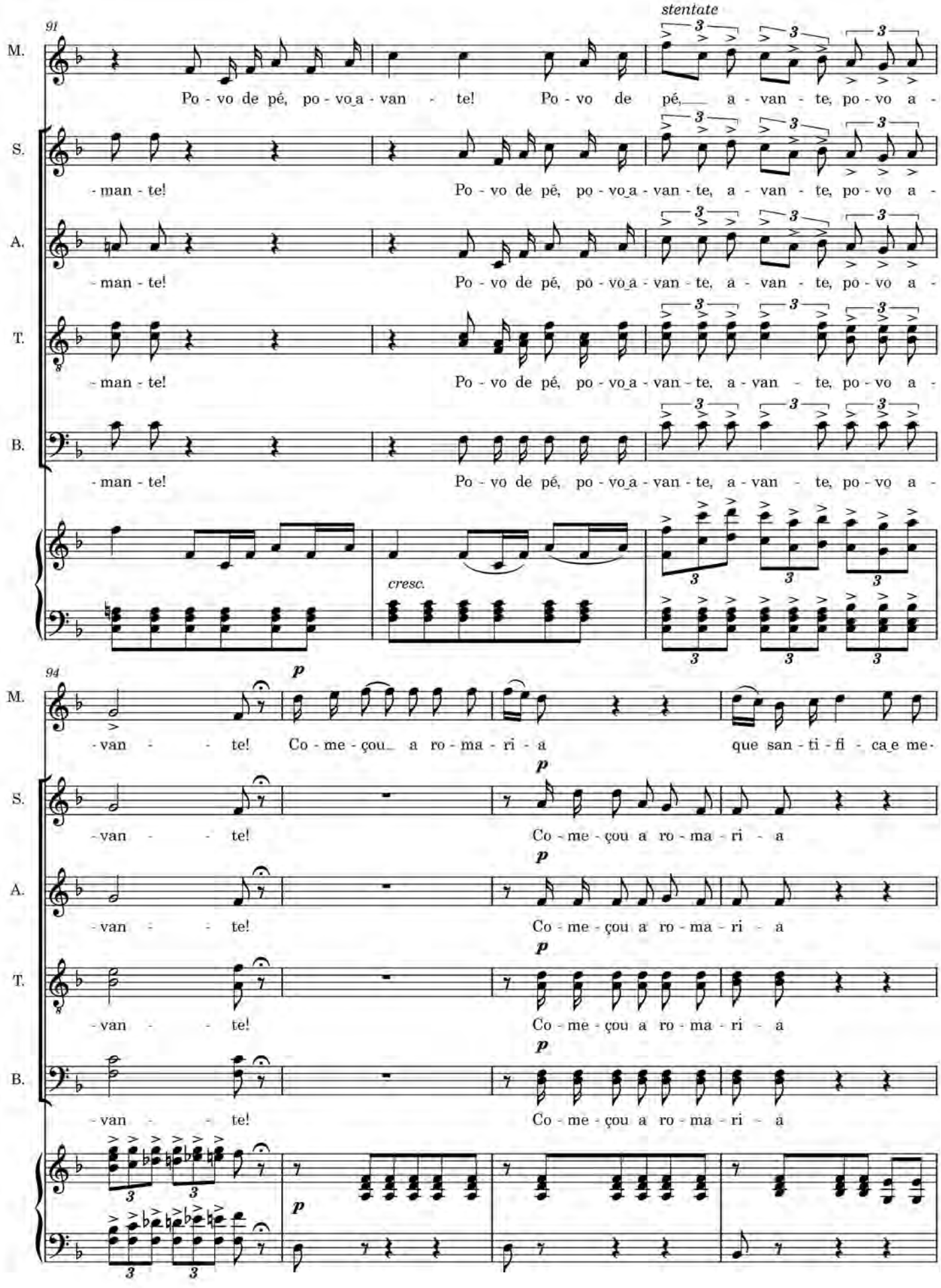




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
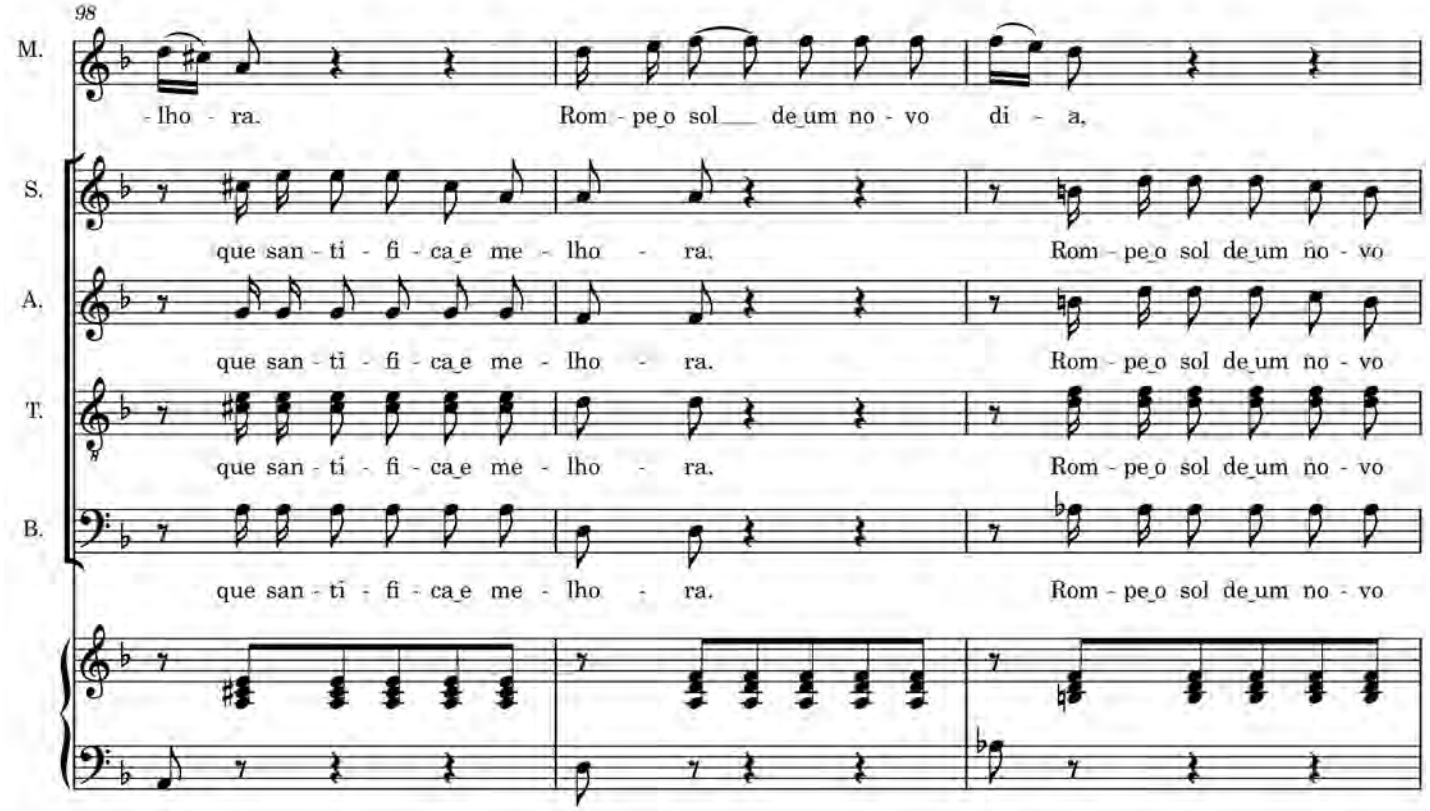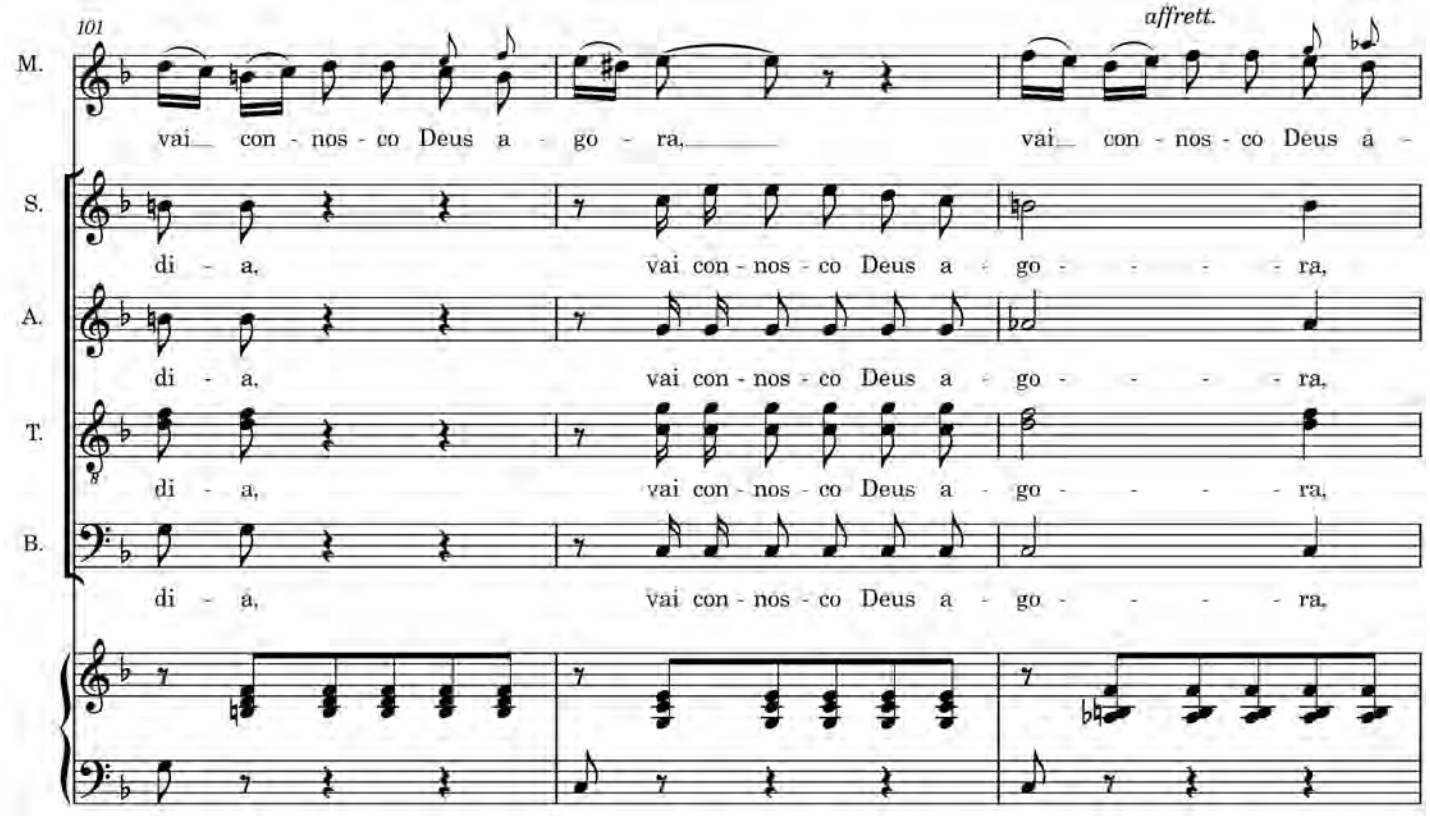




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
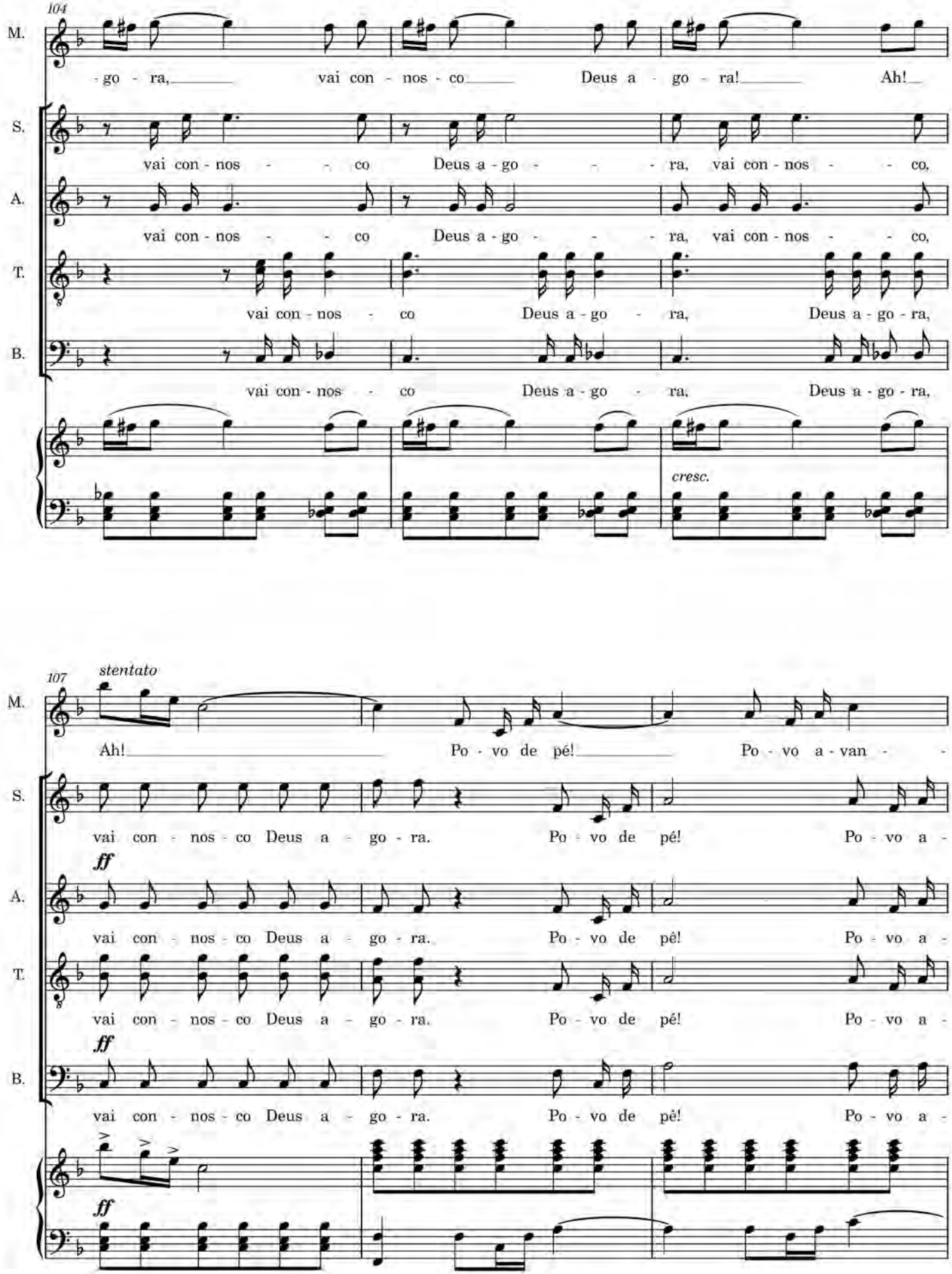


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
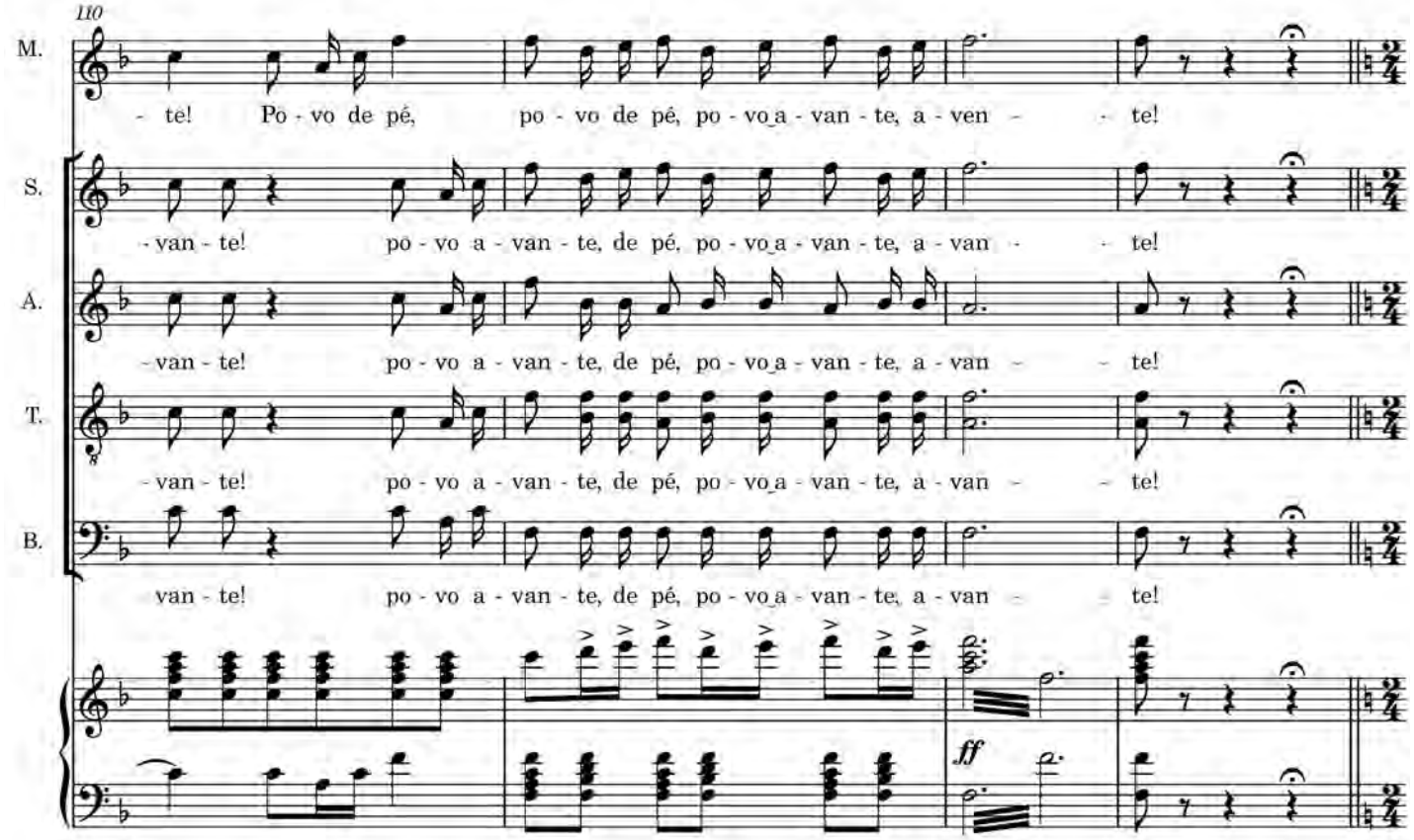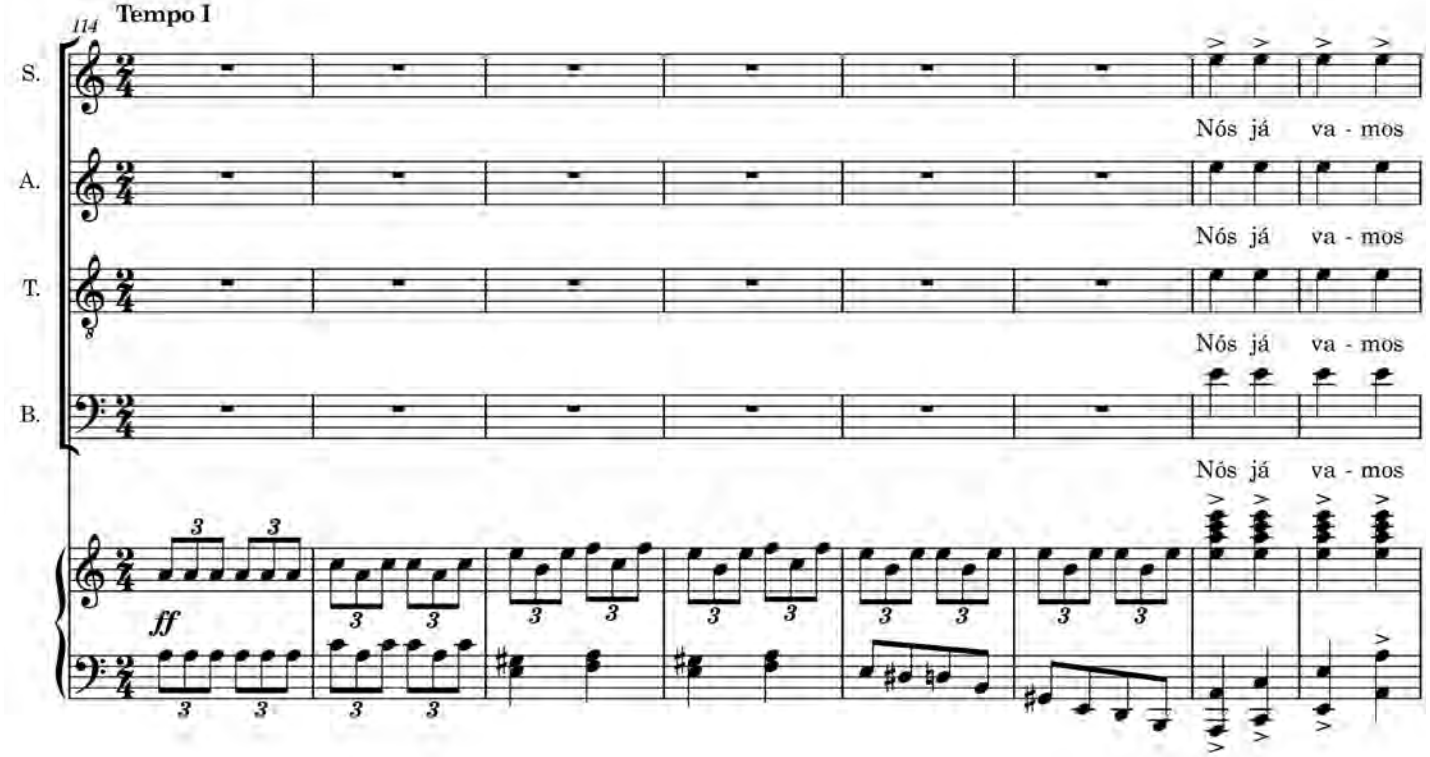




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
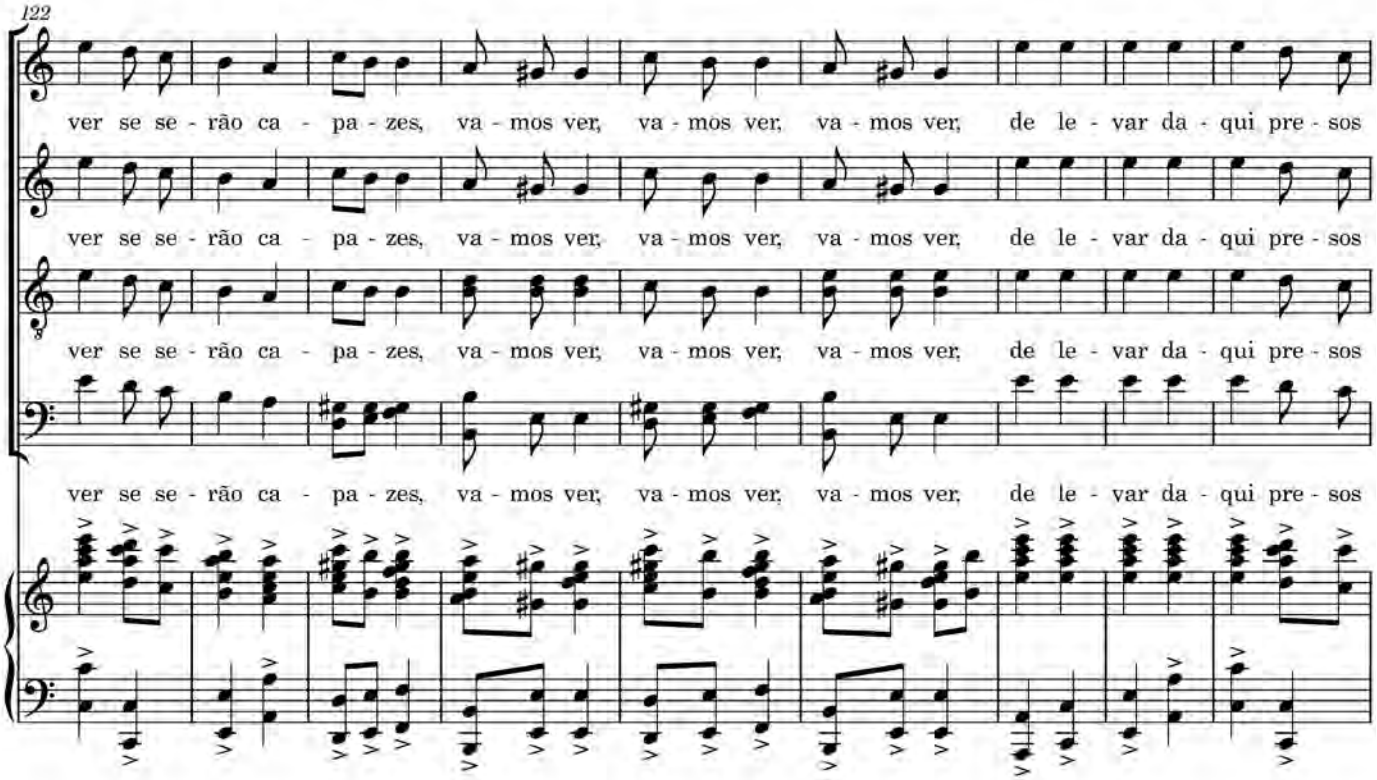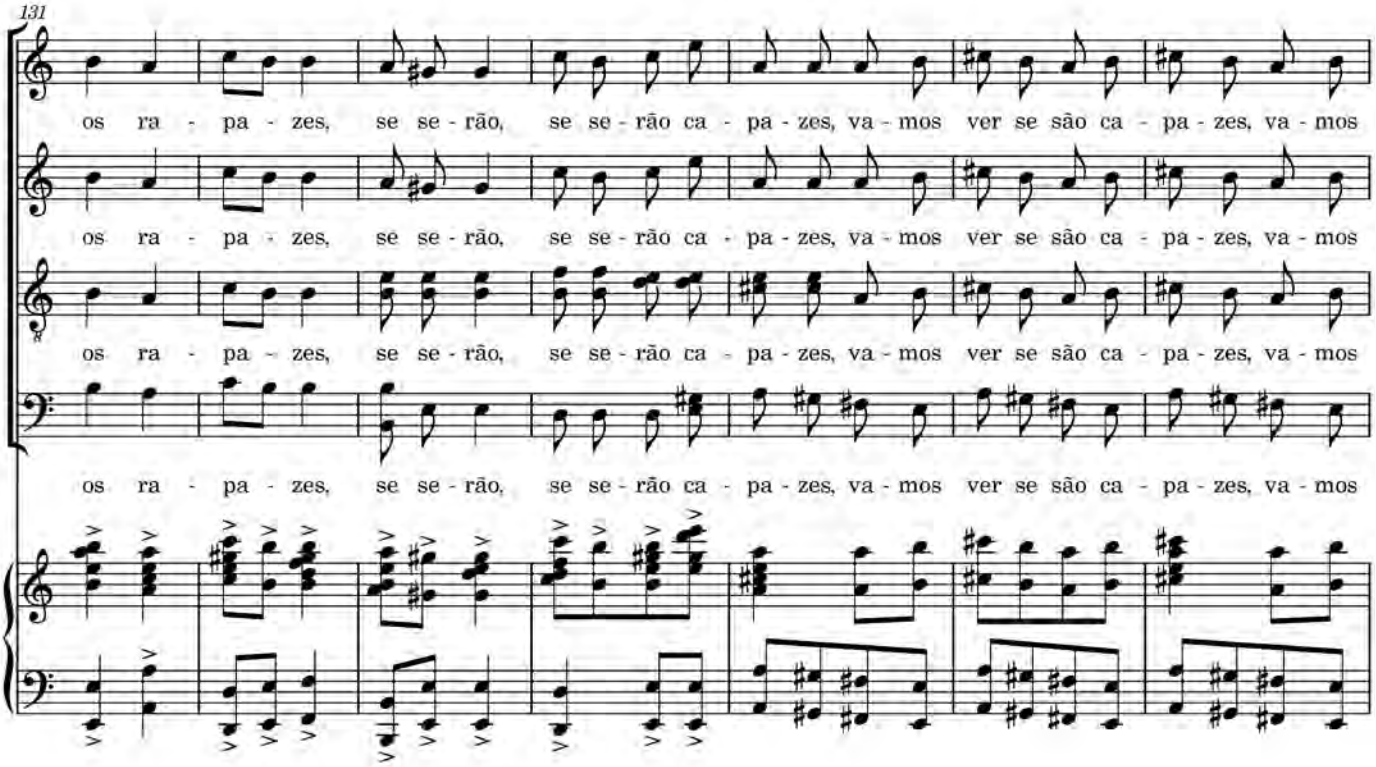


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
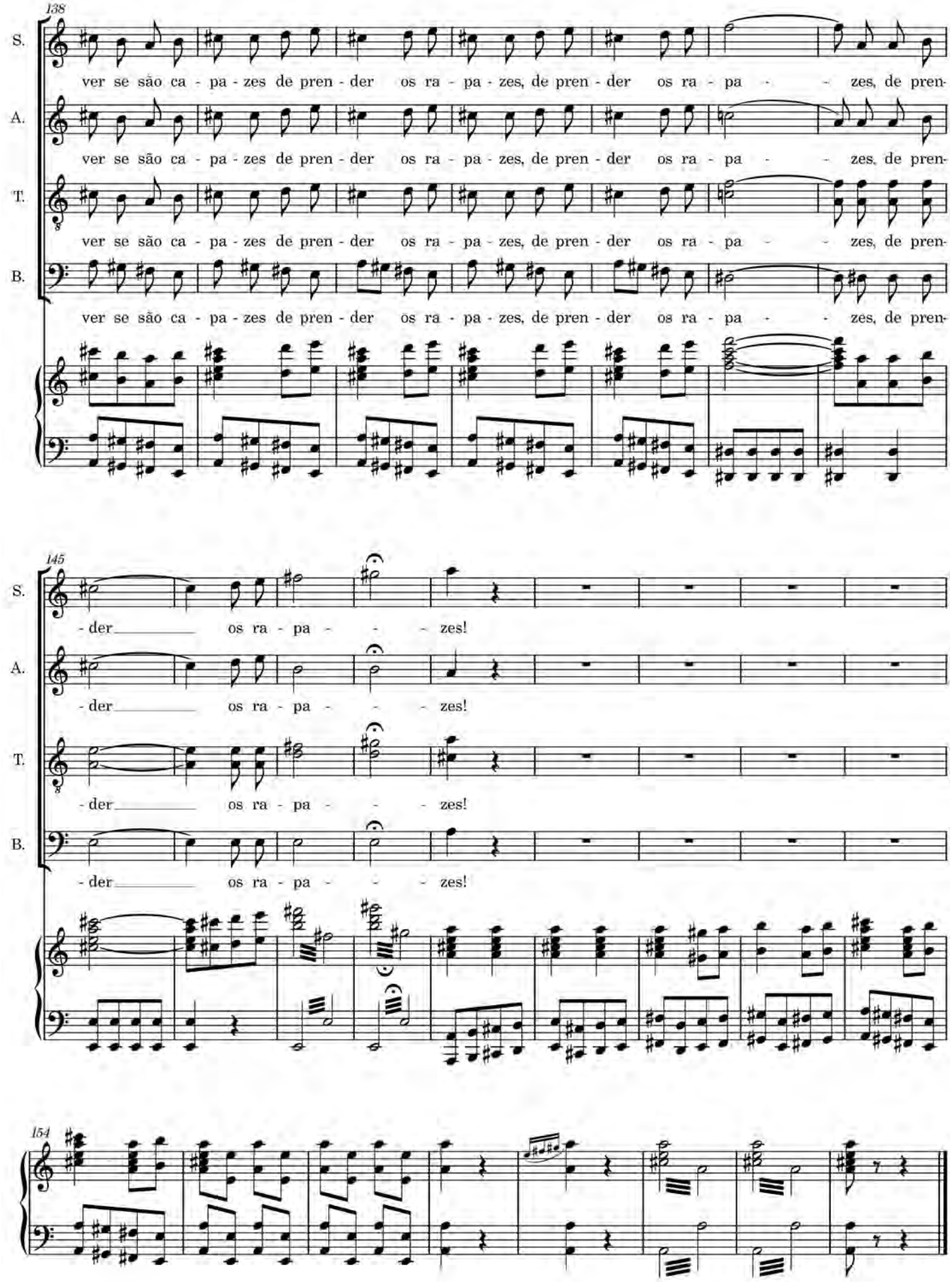




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
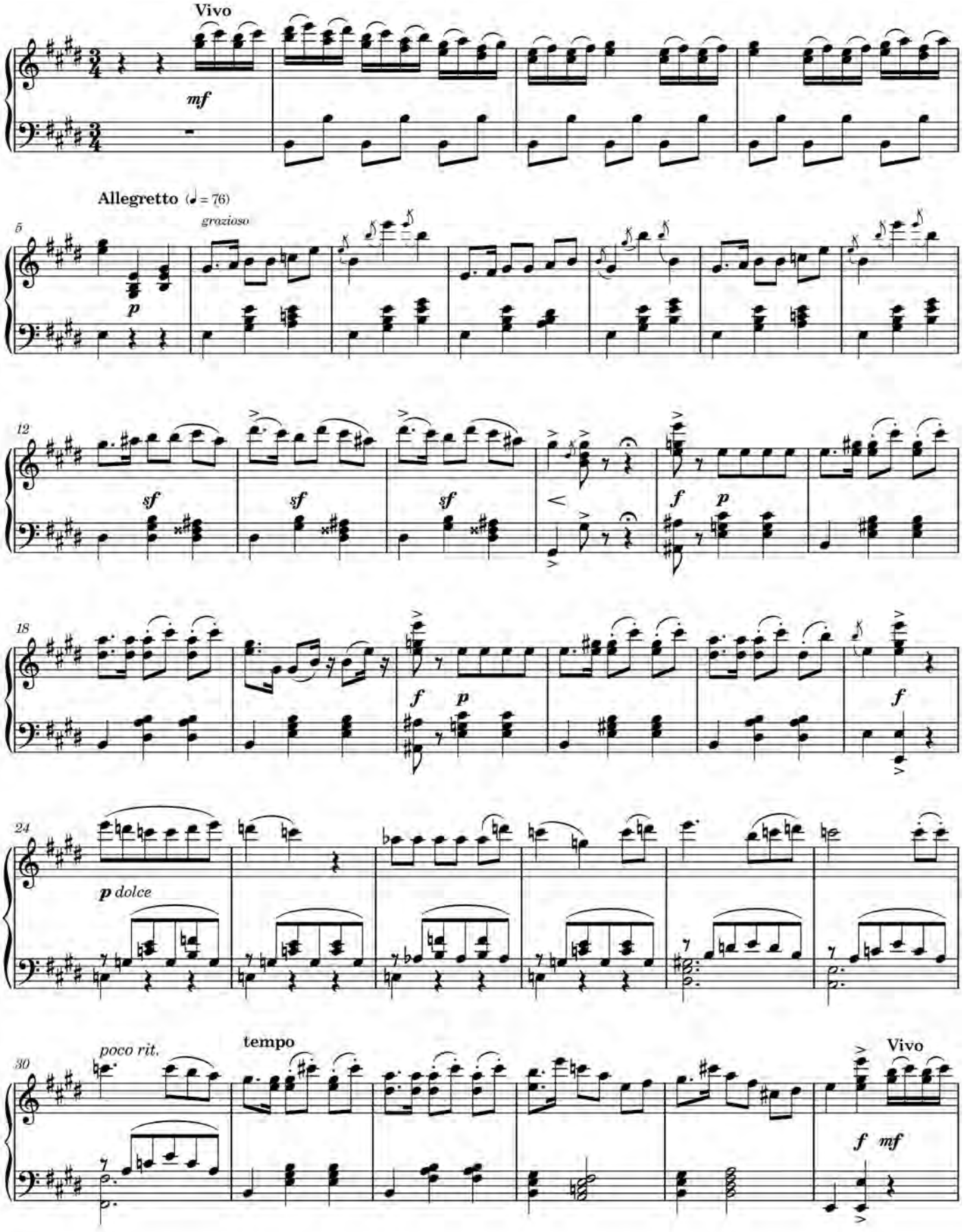




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
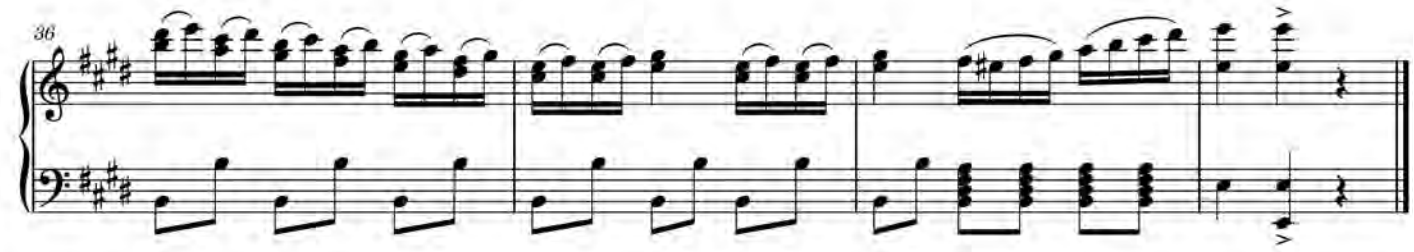


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ATO III
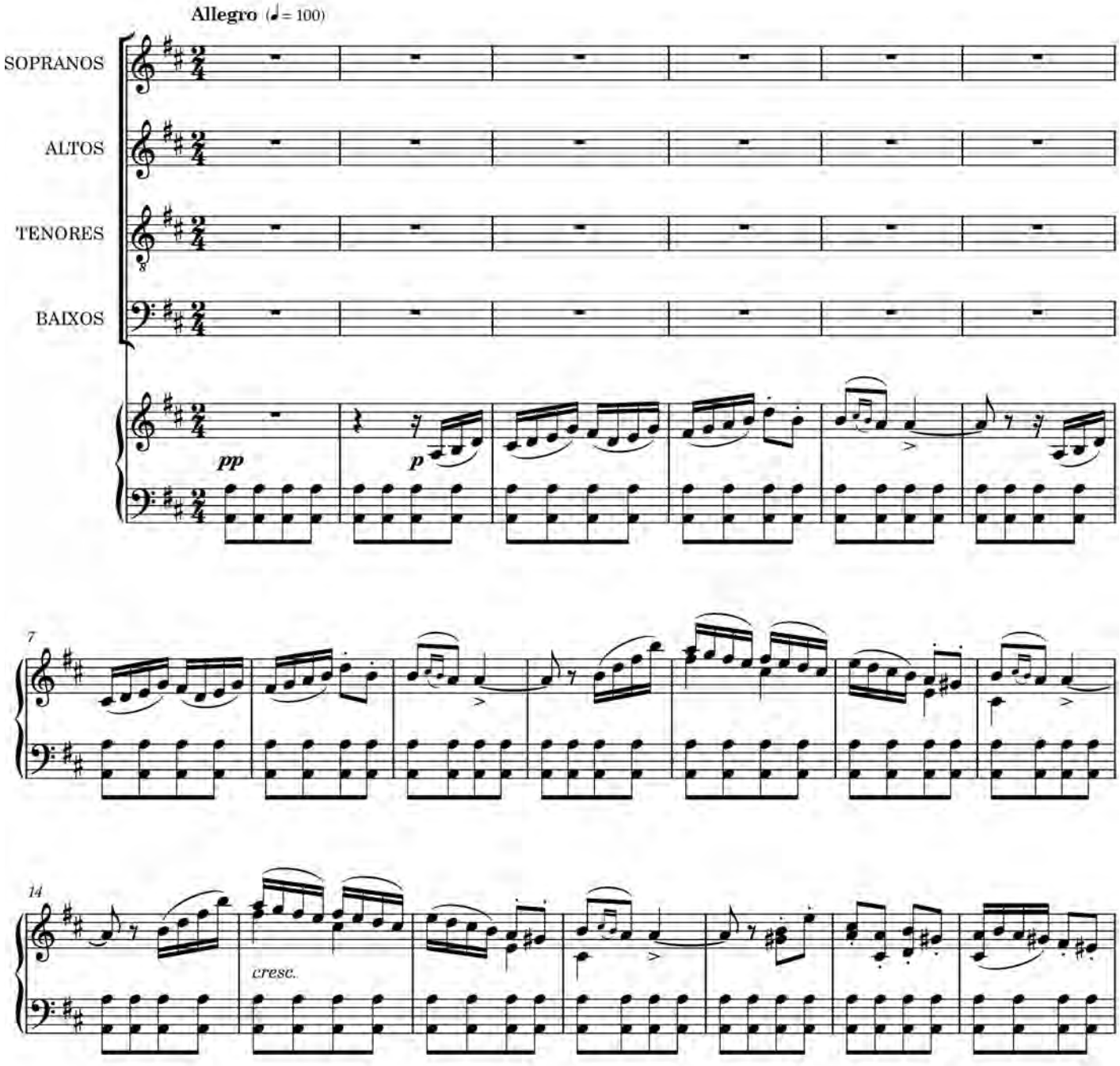
N.º 18 ENTREATO II
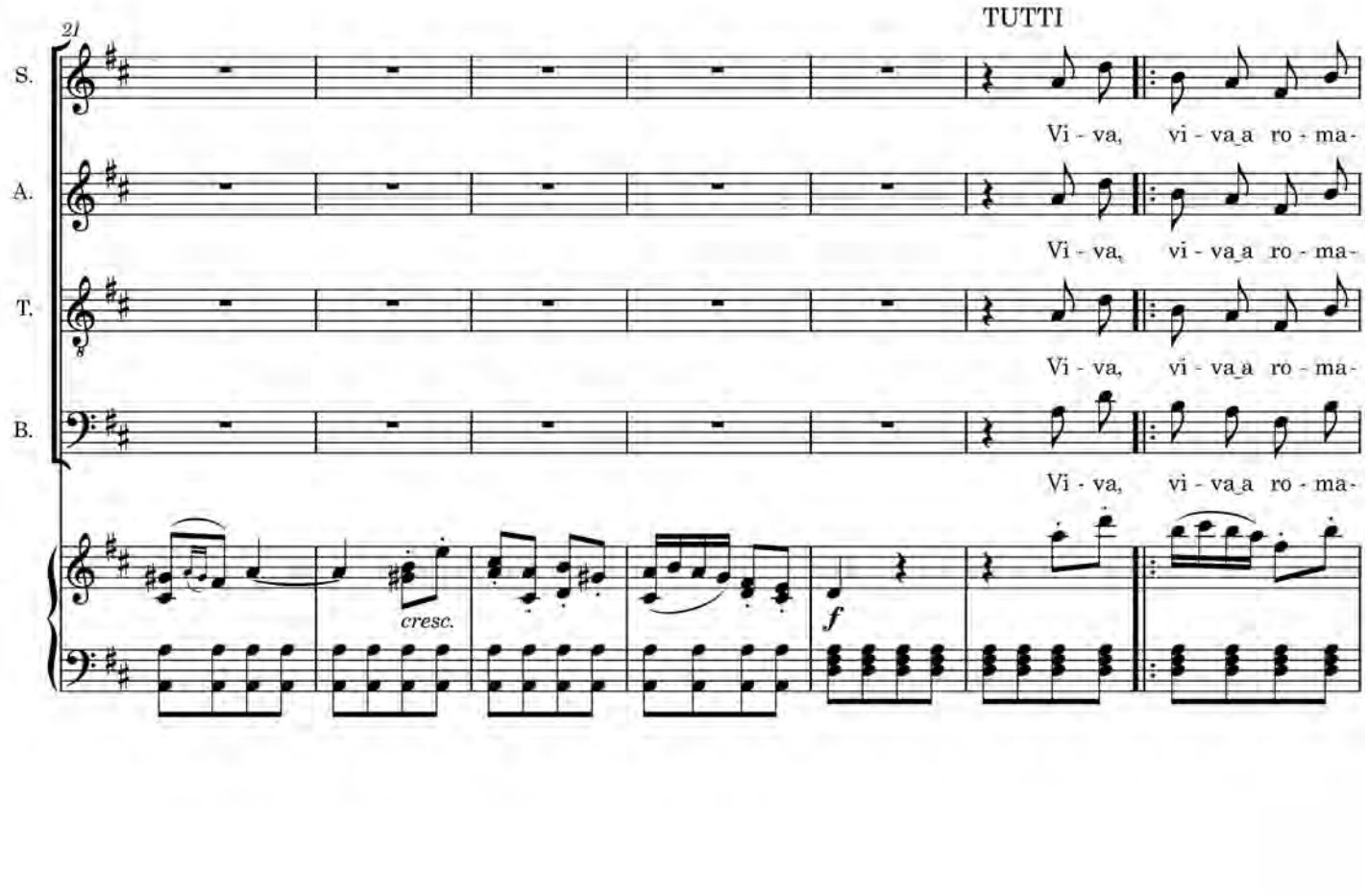


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
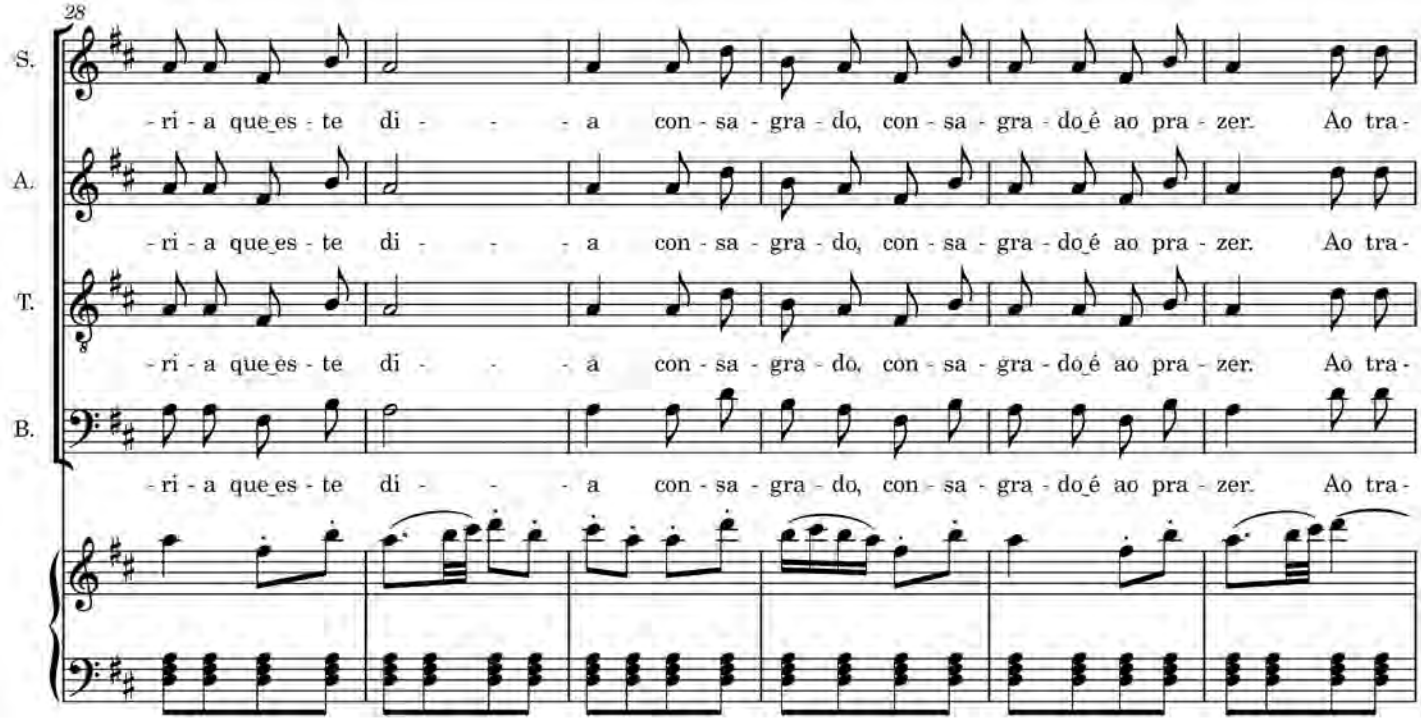


N.º 19 ROMARIA
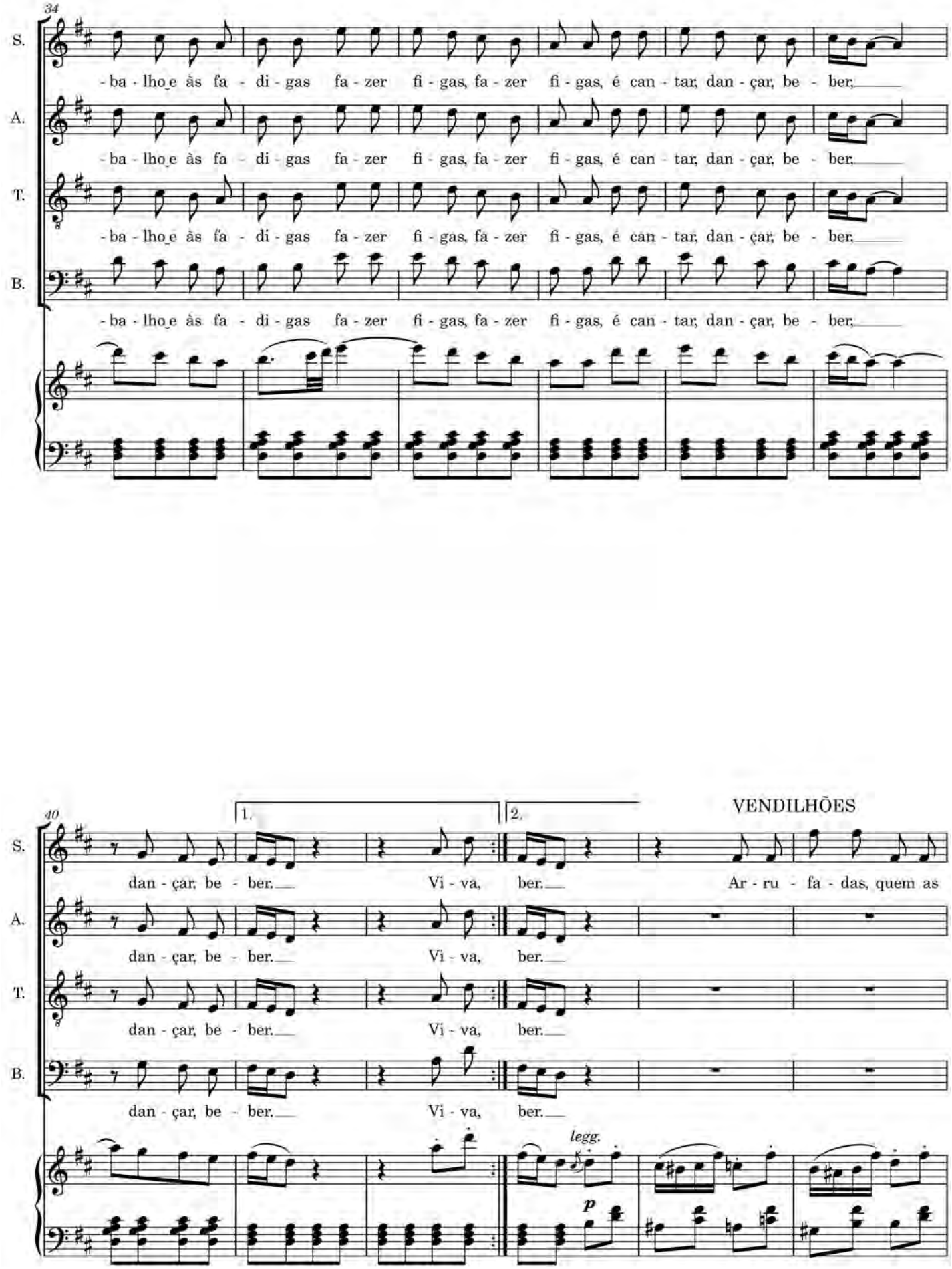


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
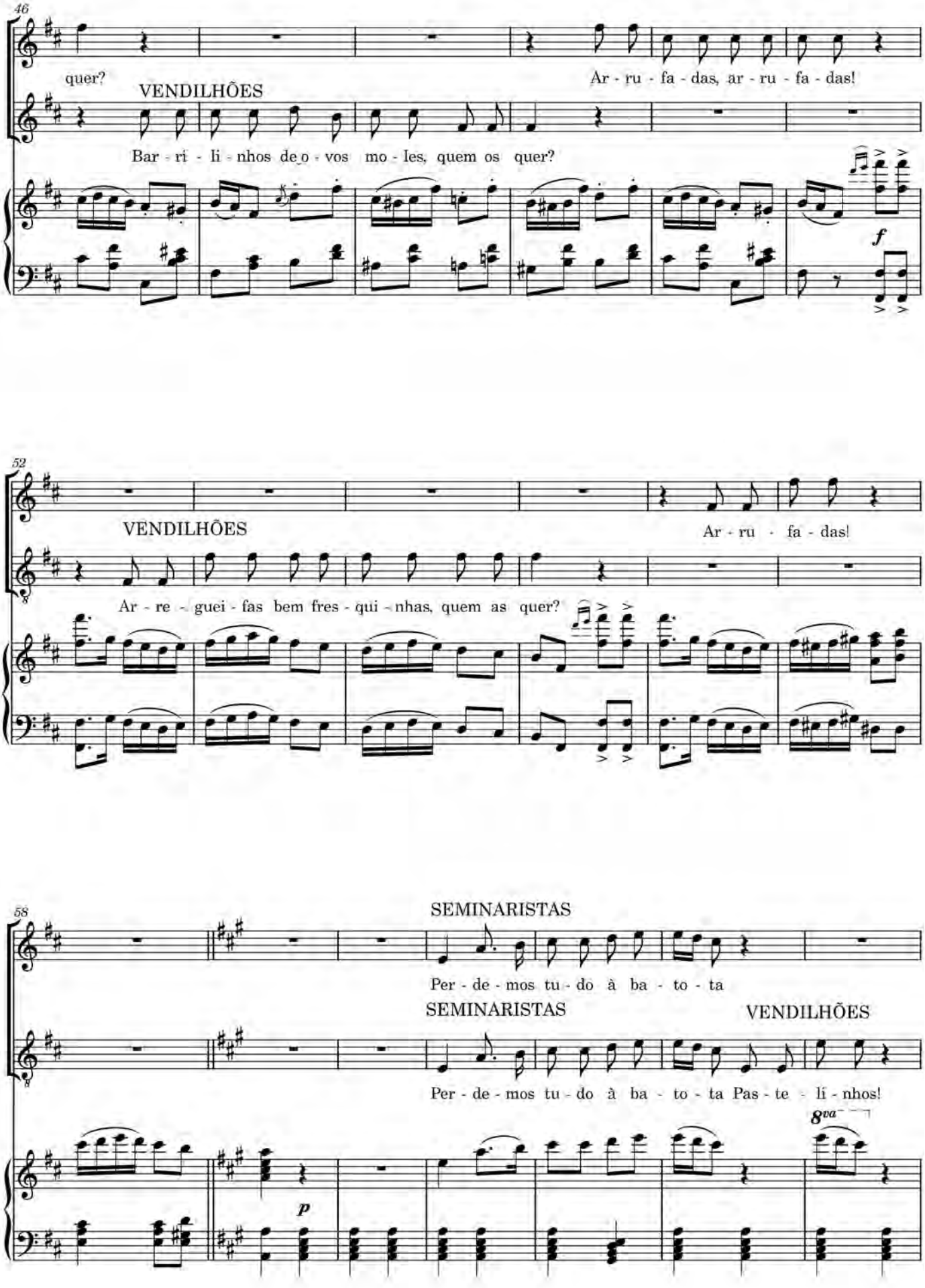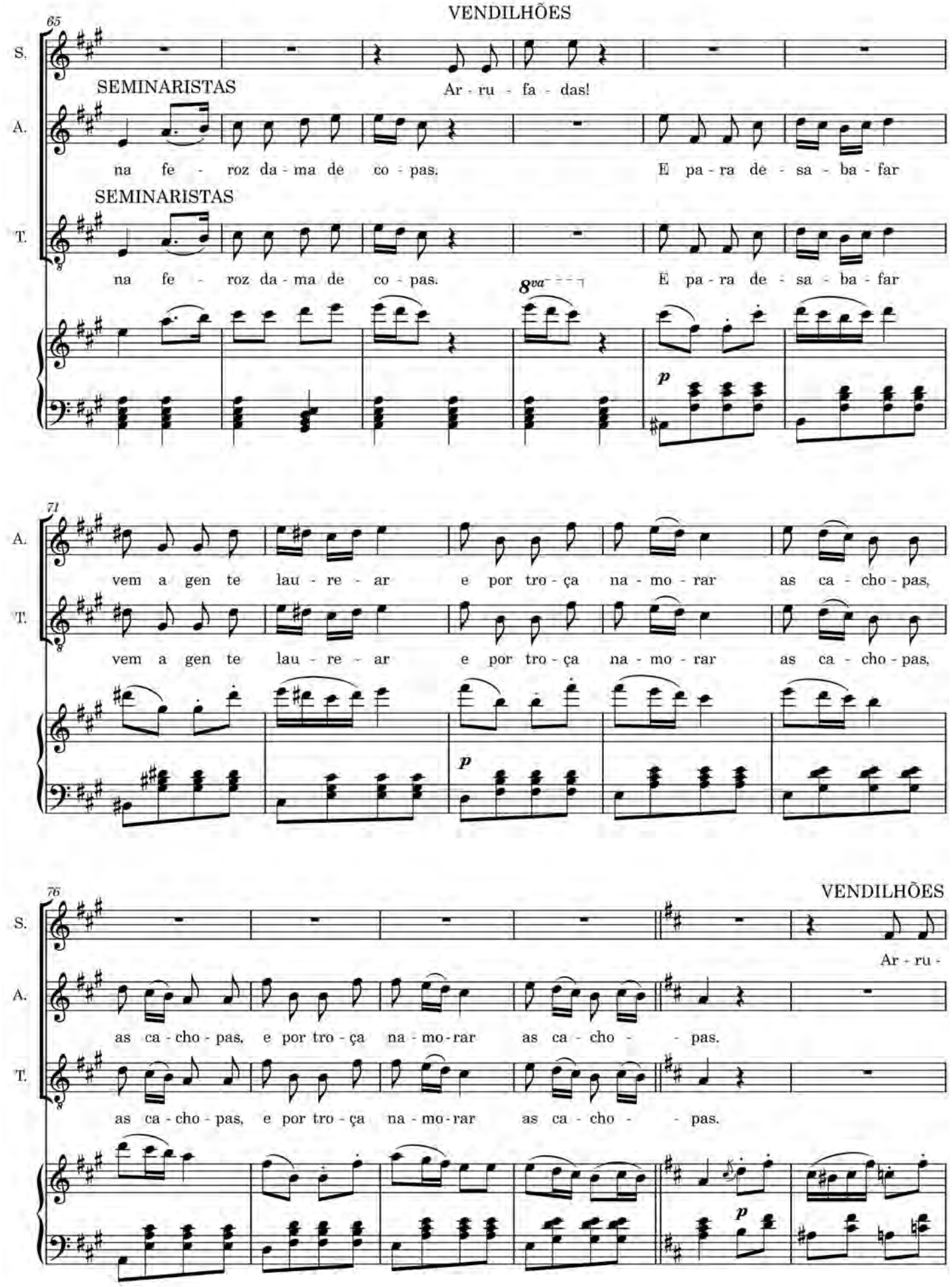




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
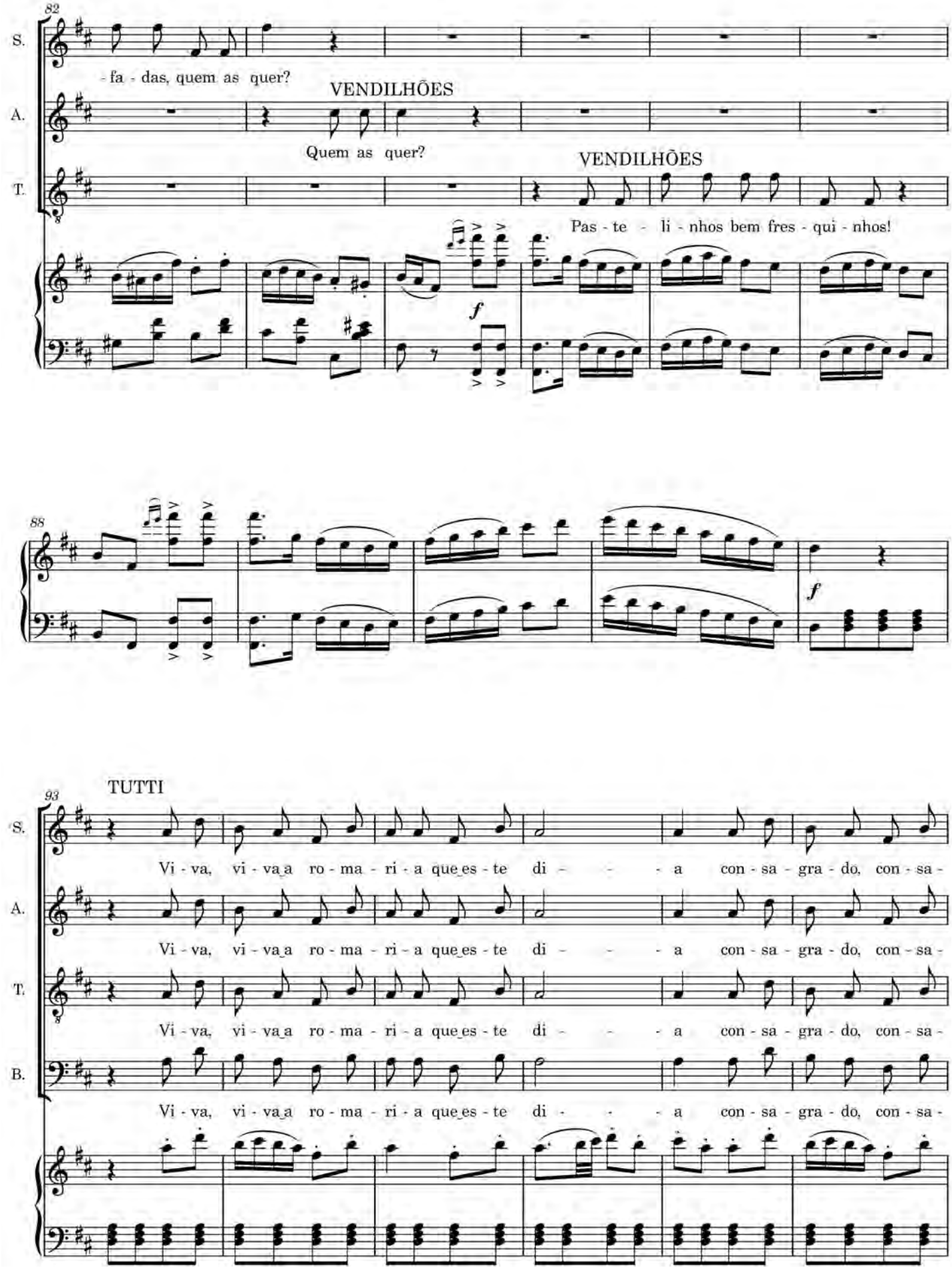


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
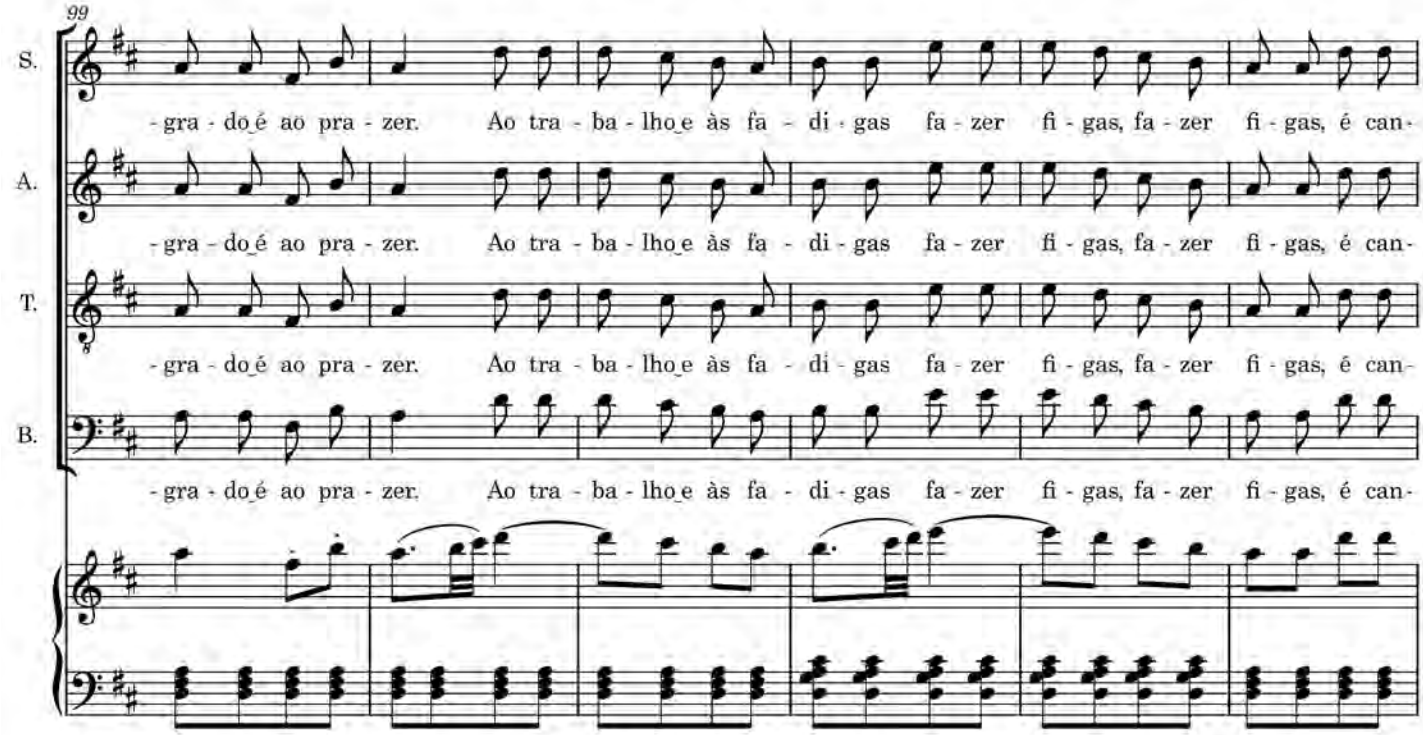


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
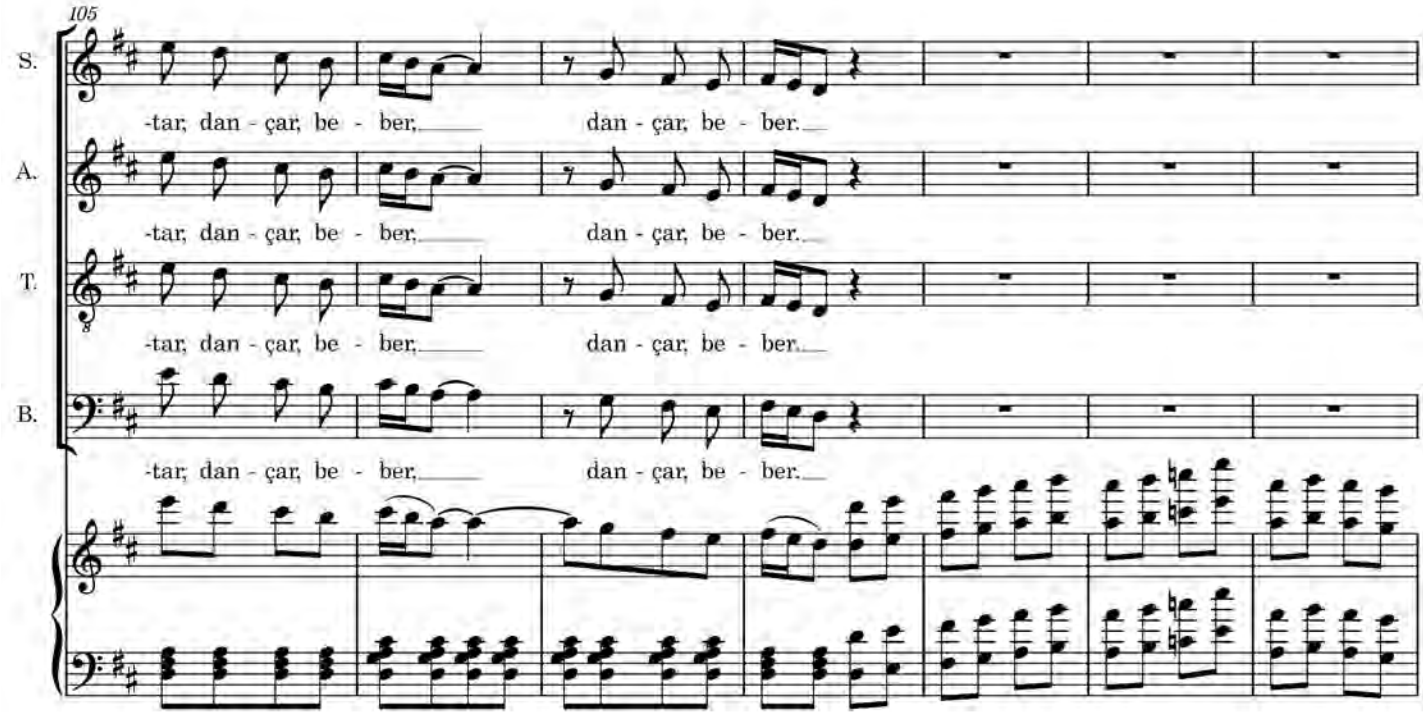


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
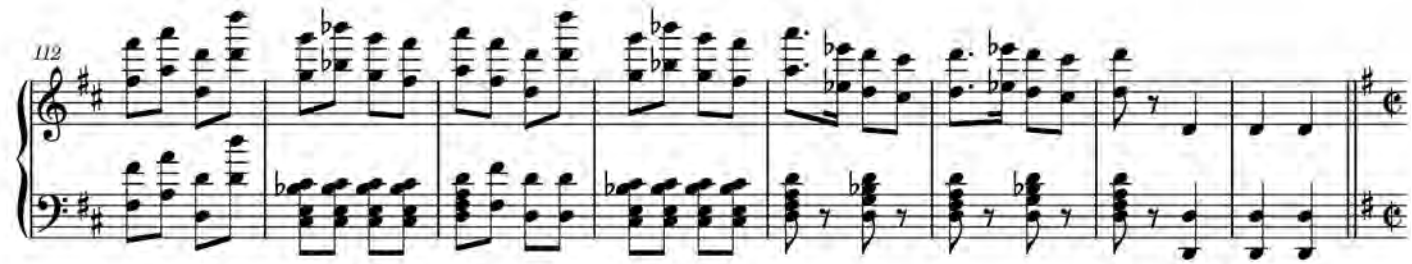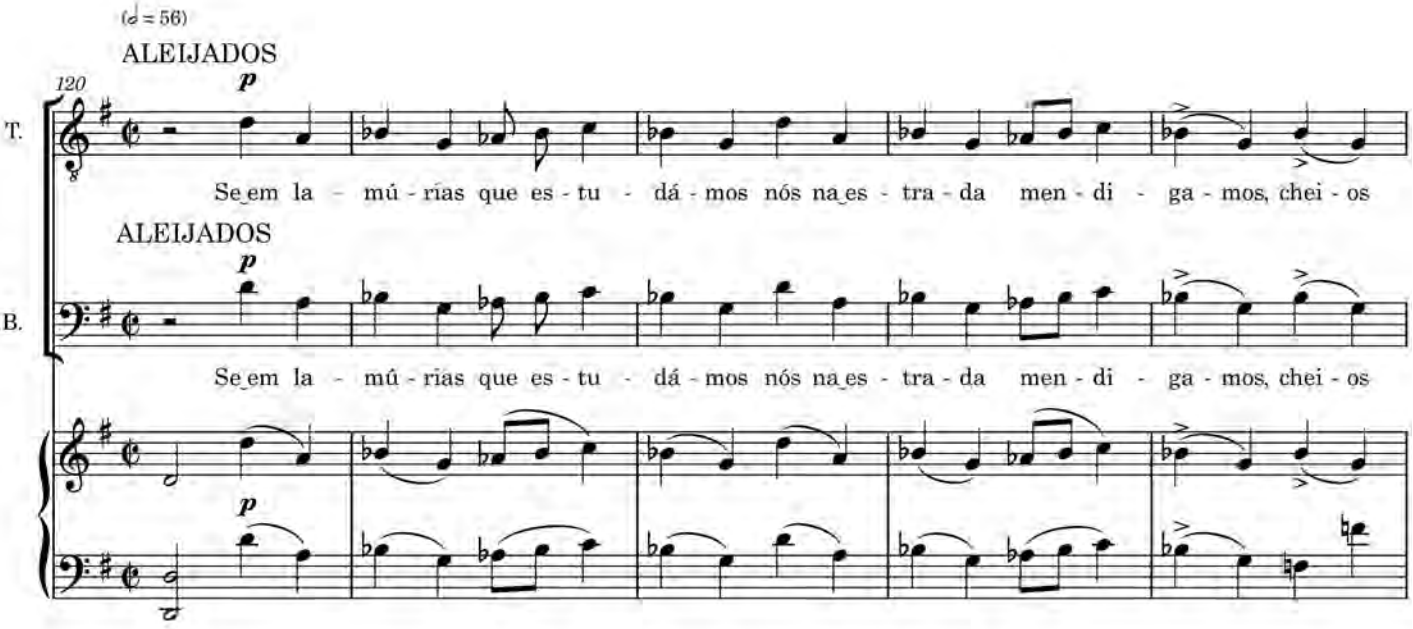


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

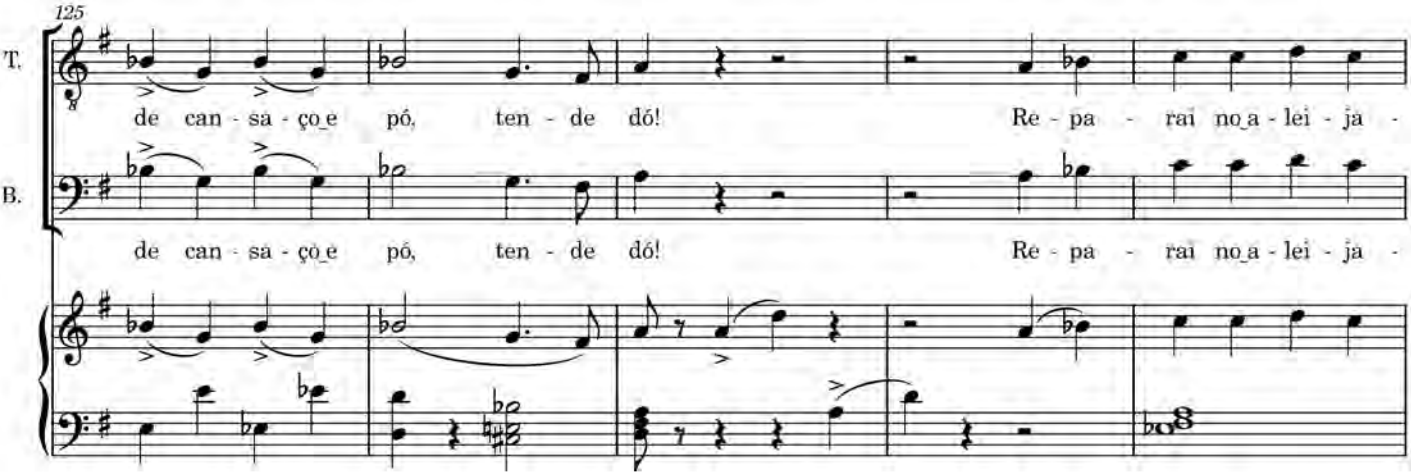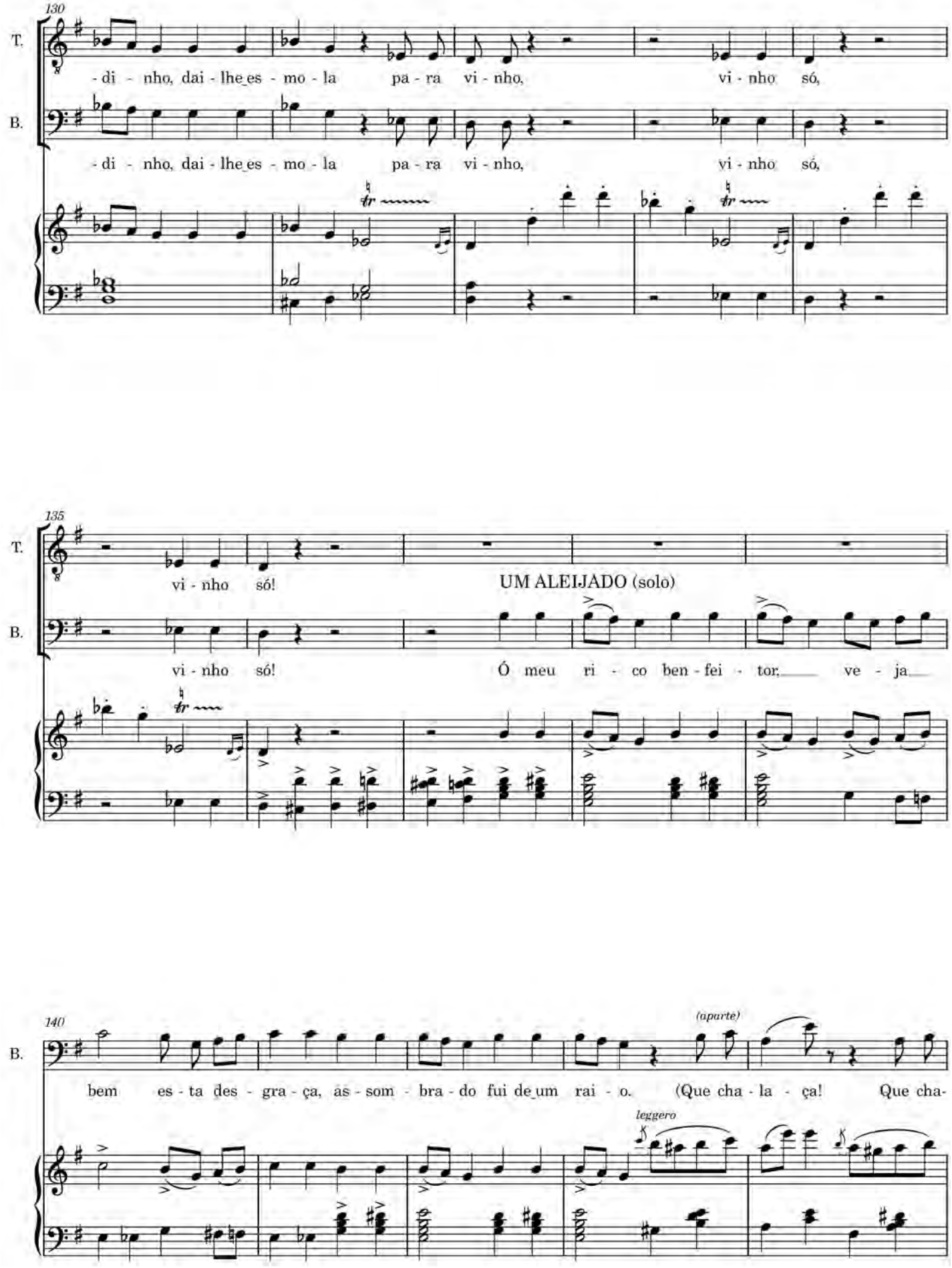




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
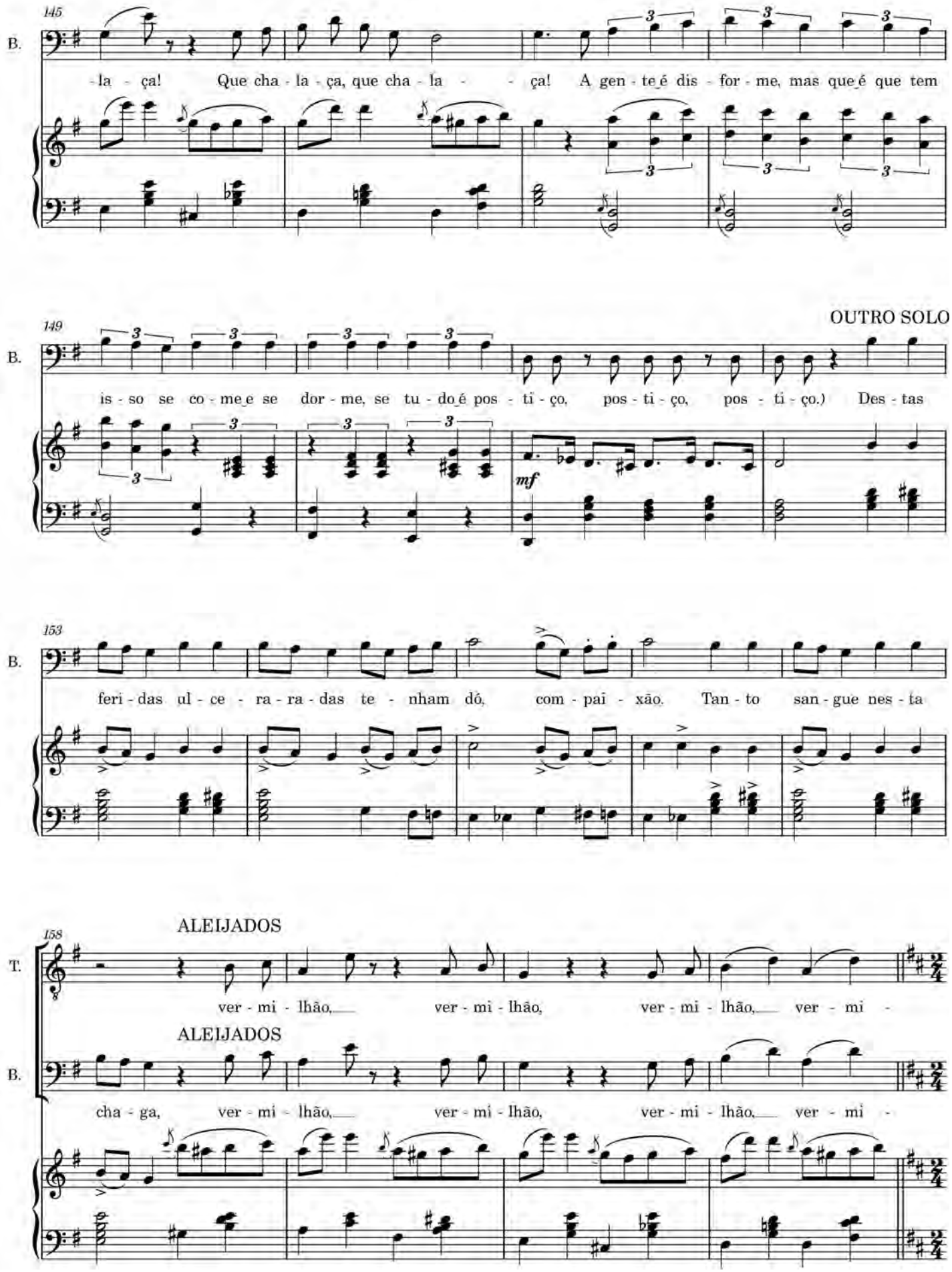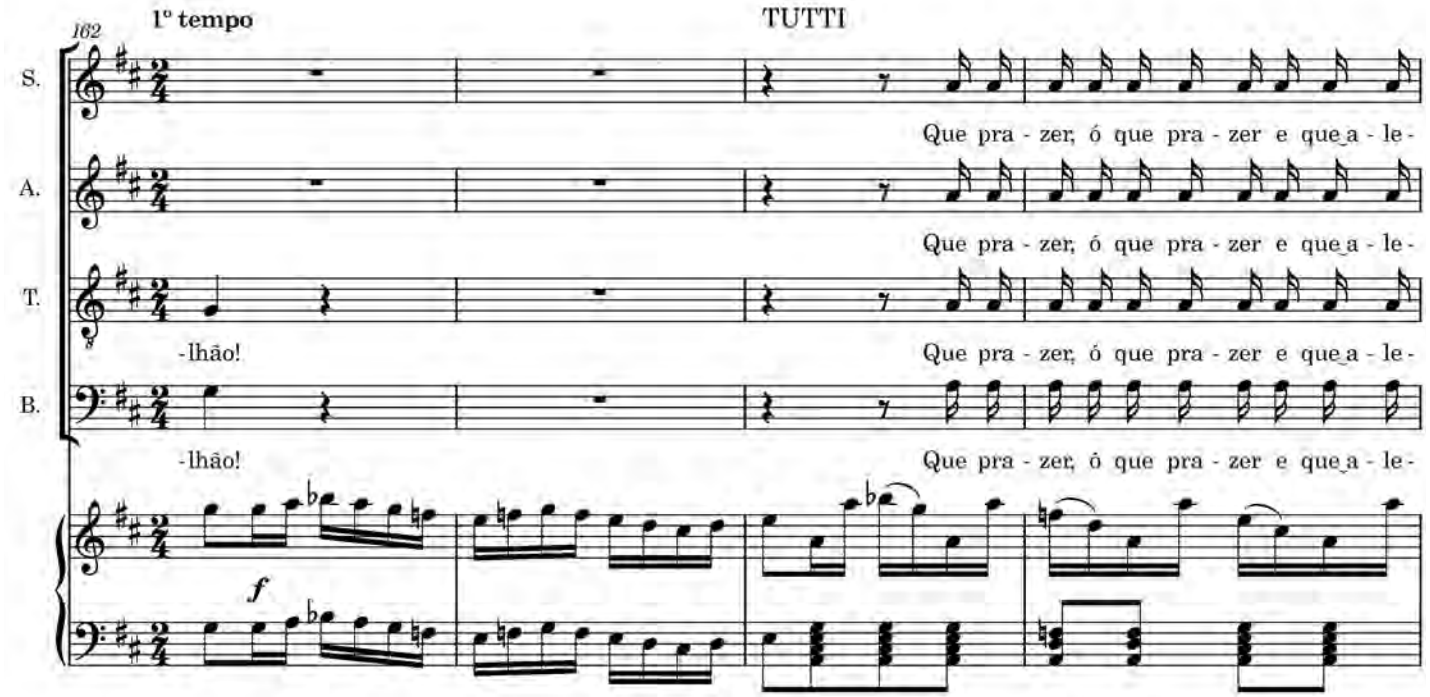






IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
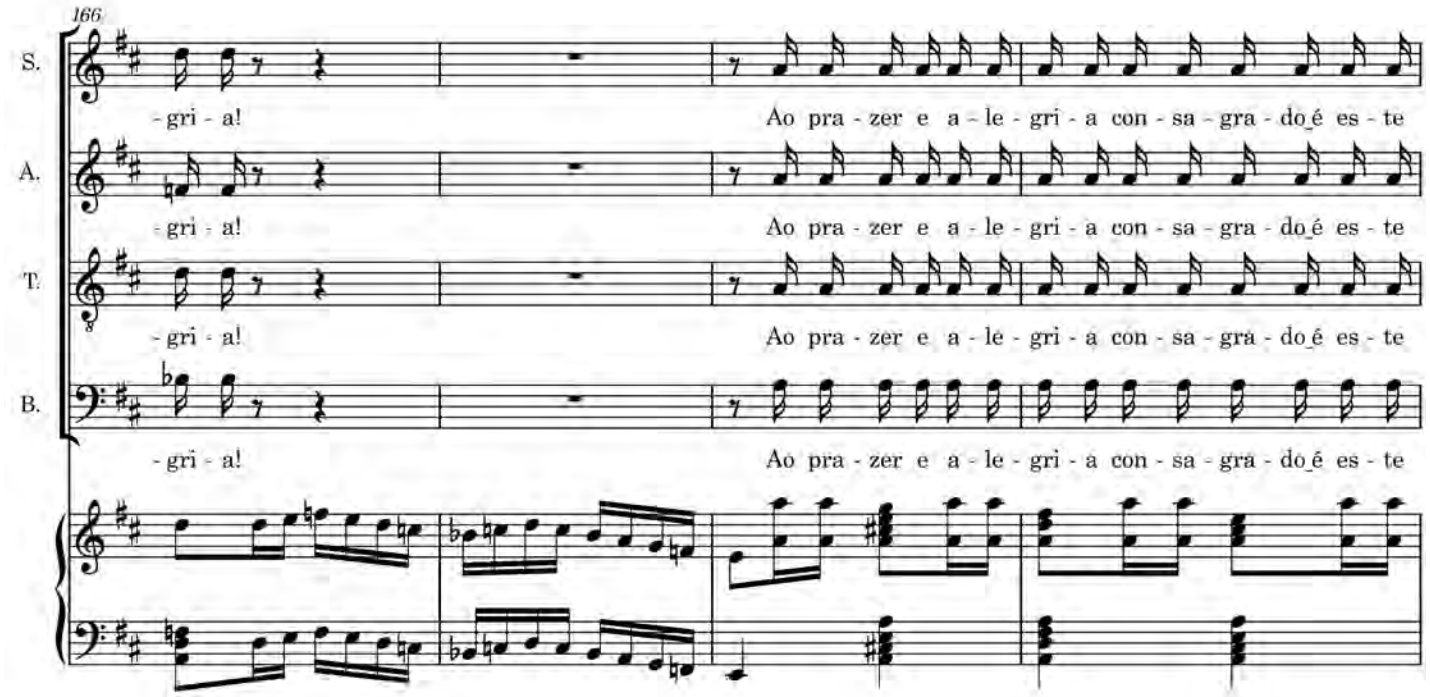


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
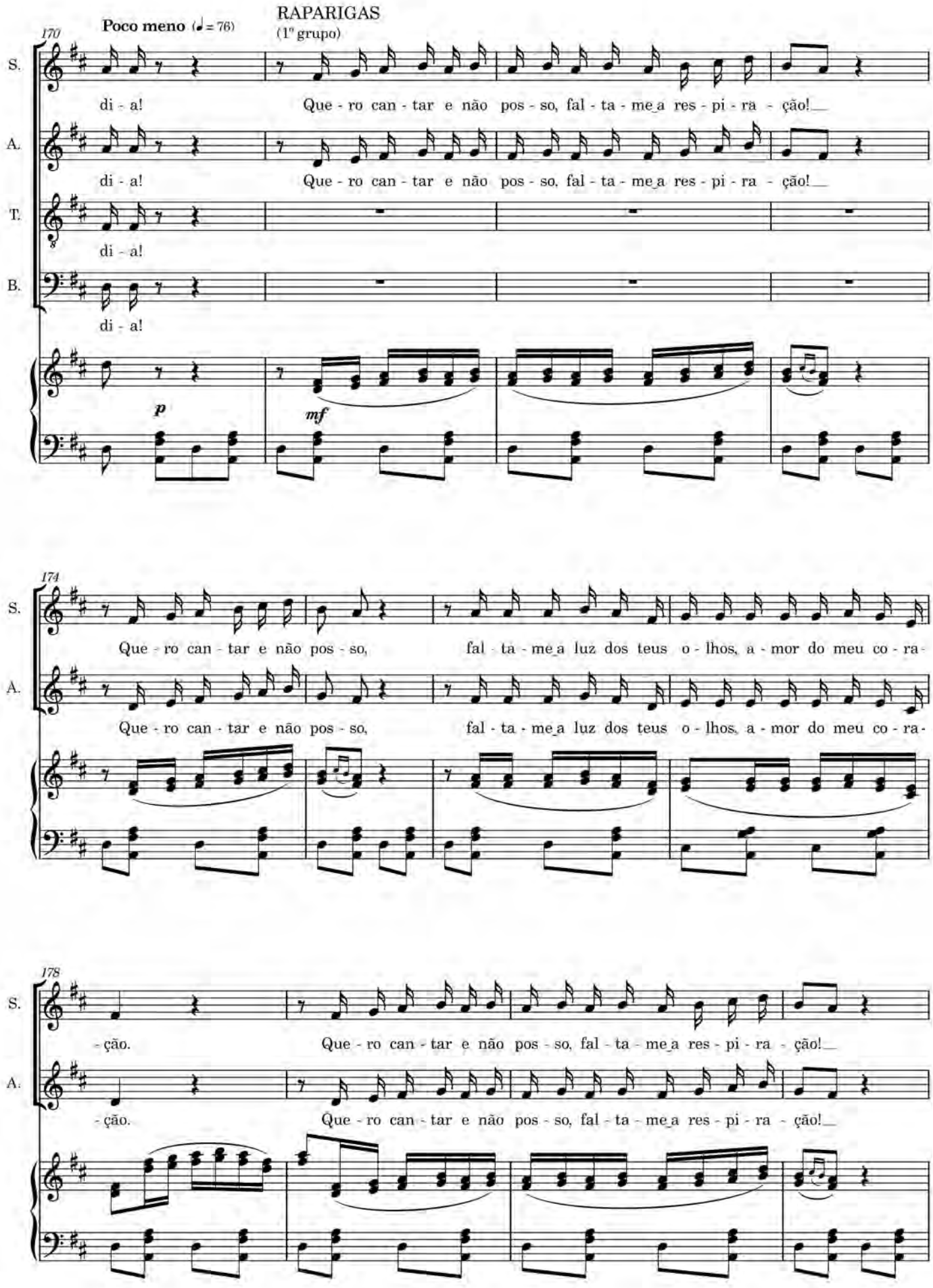


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
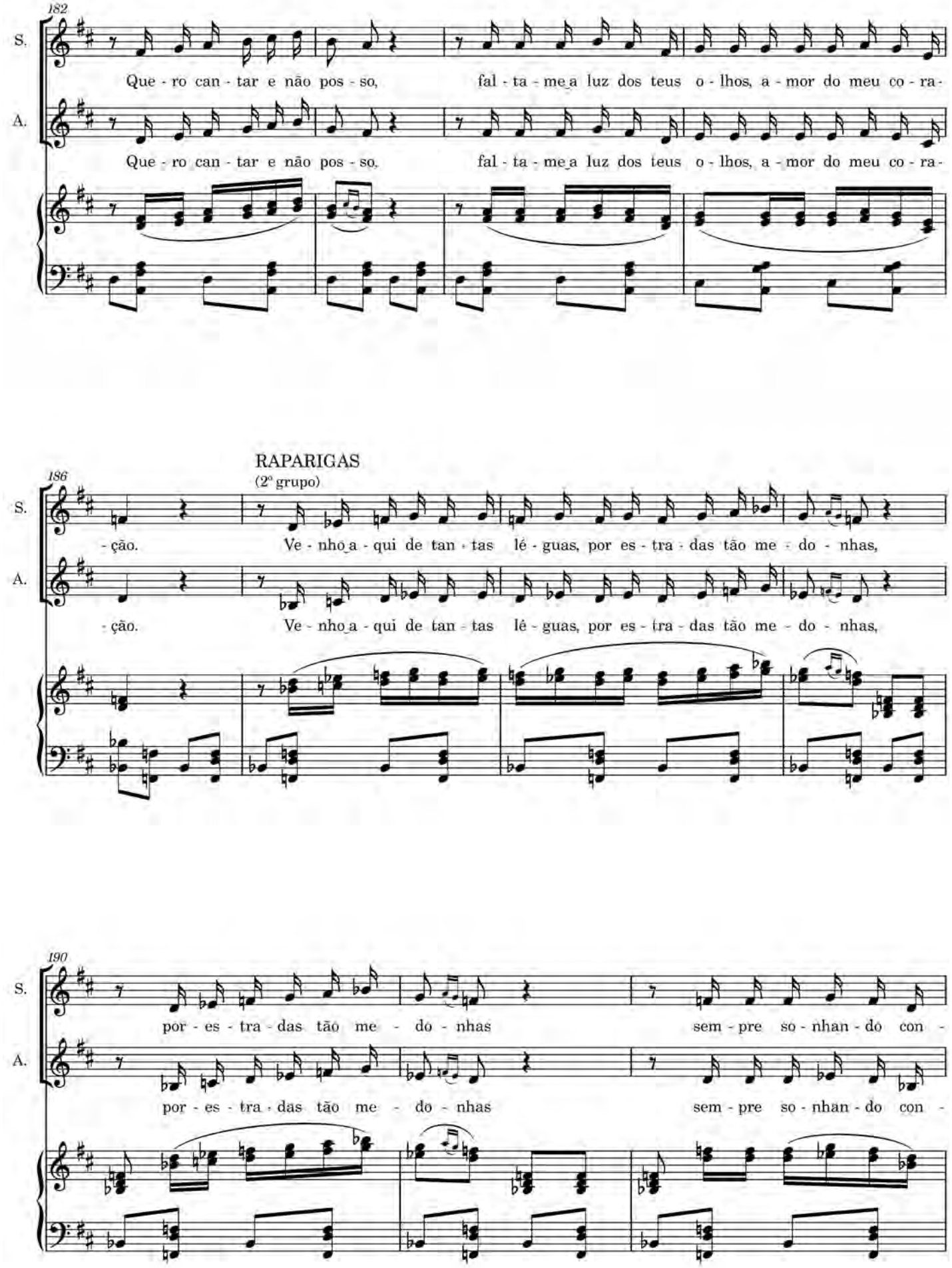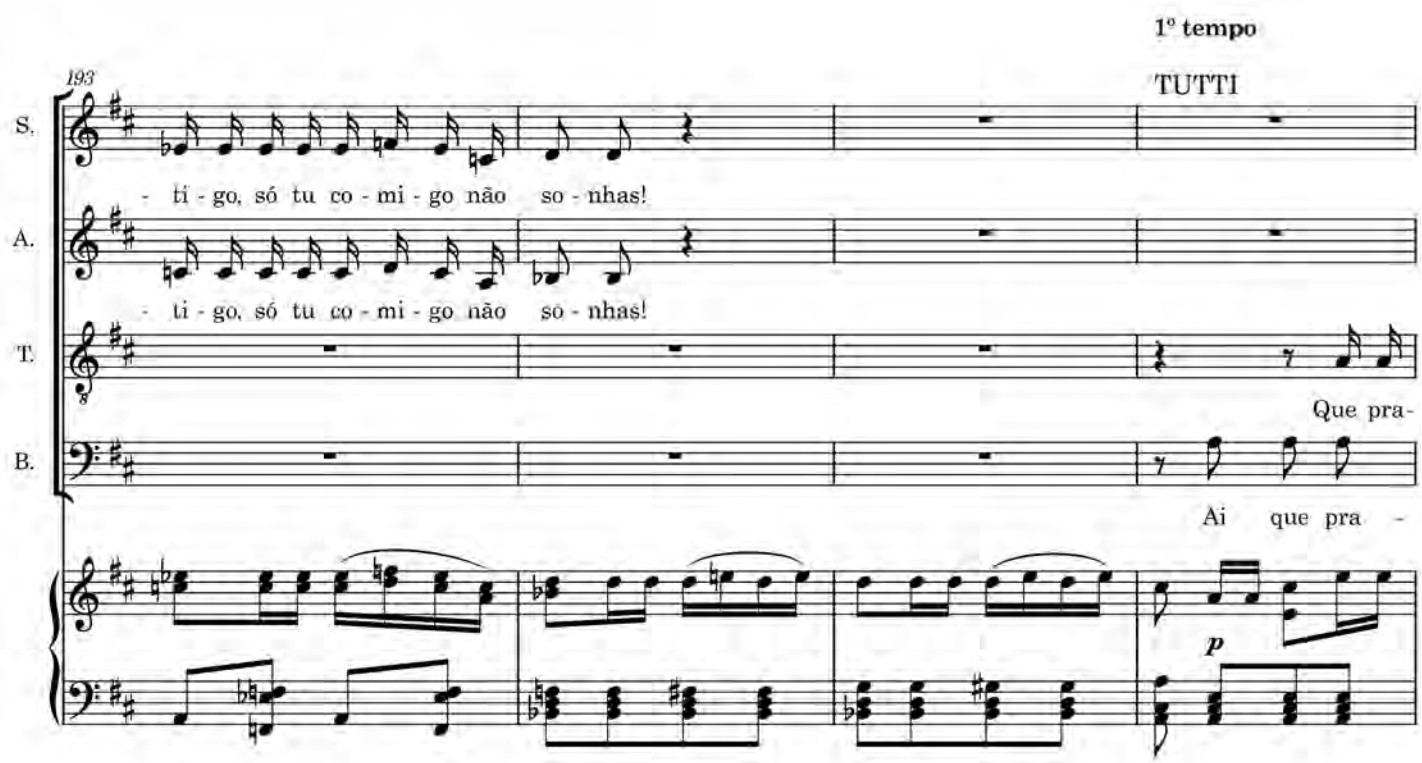




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

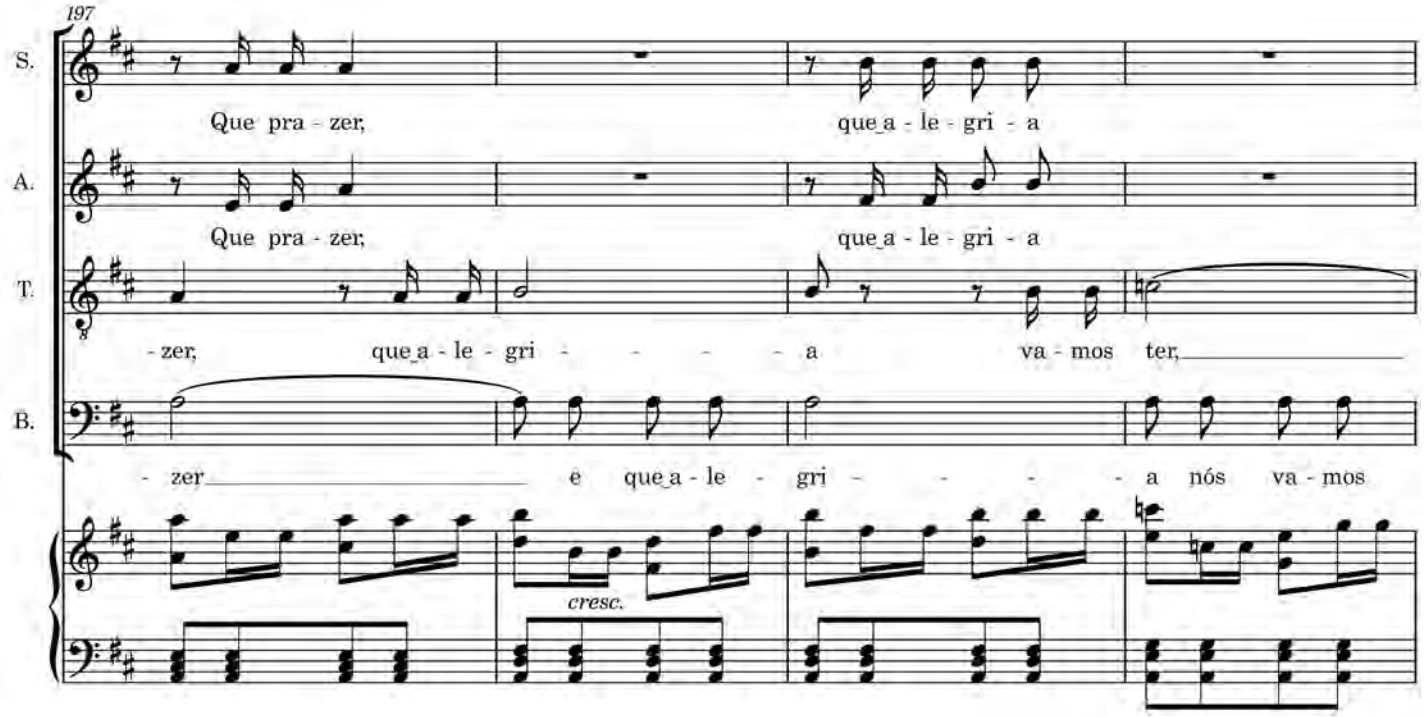


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
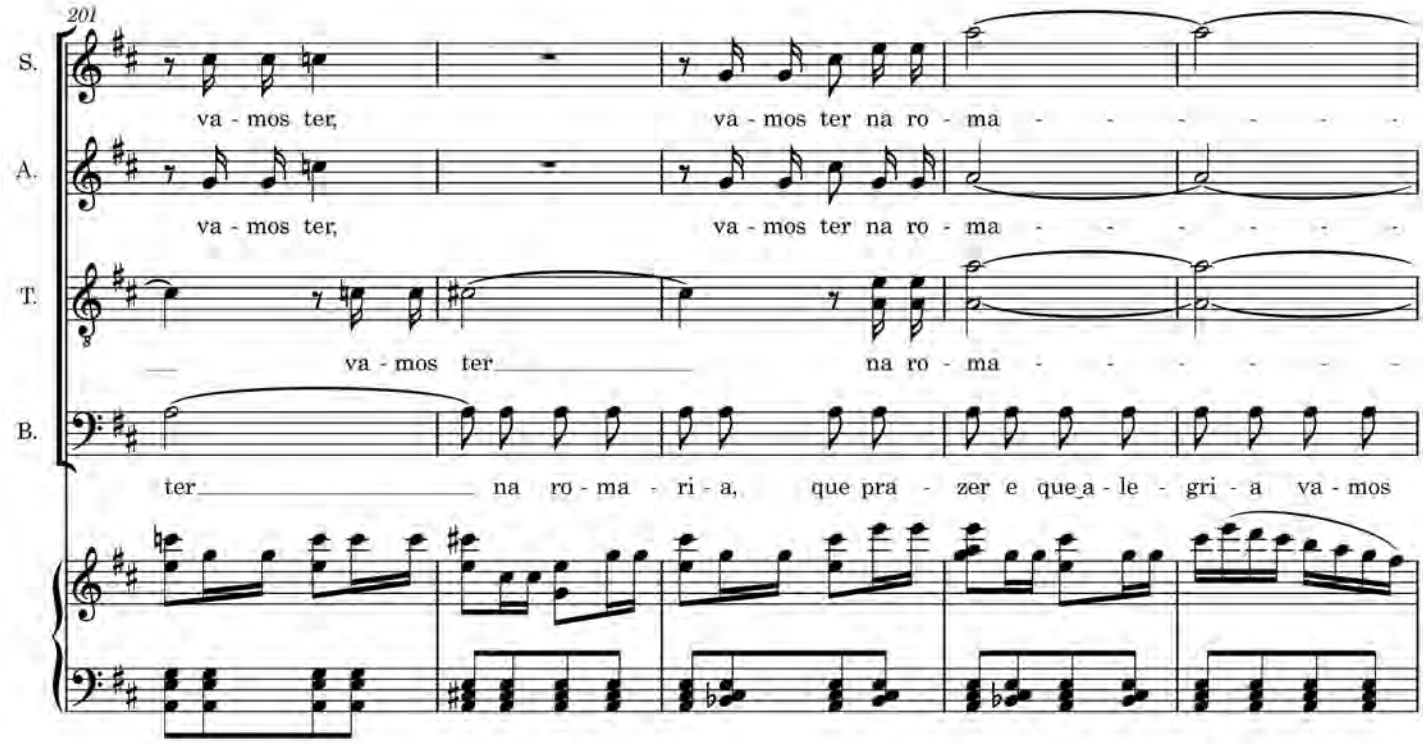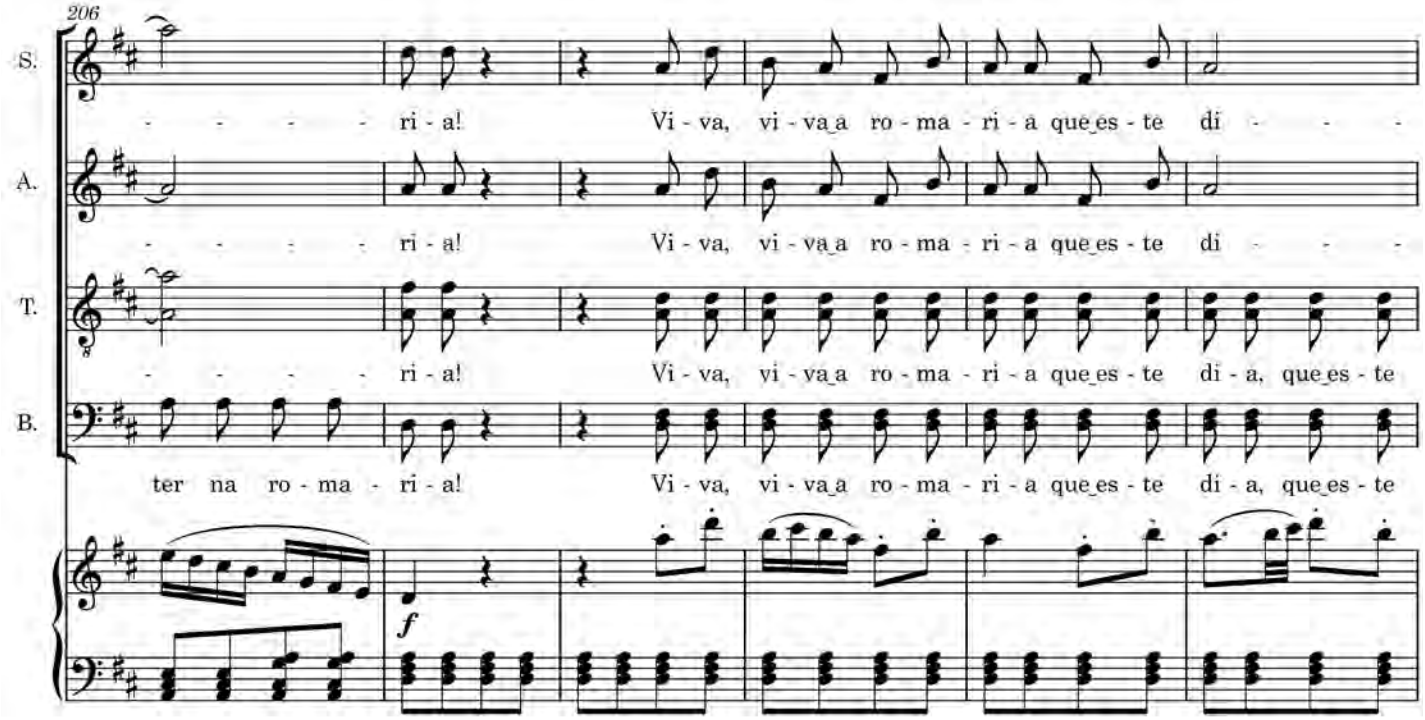


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
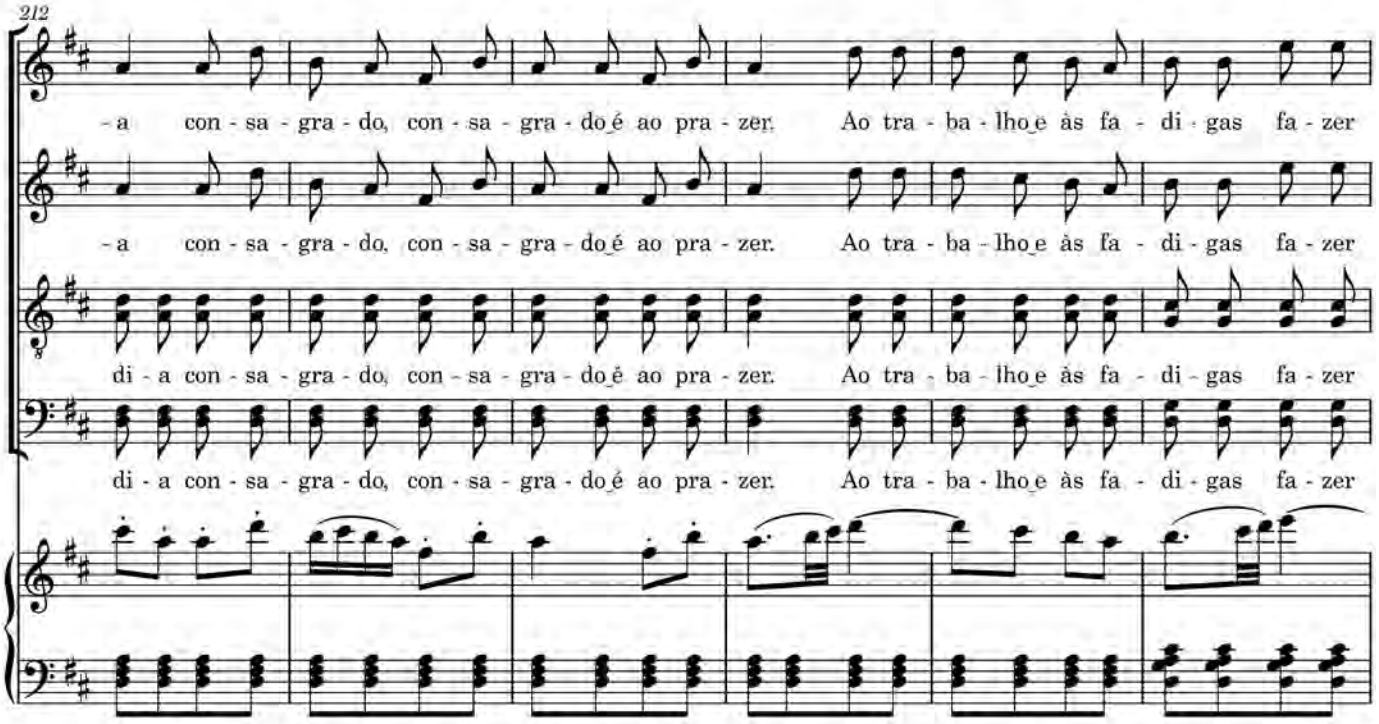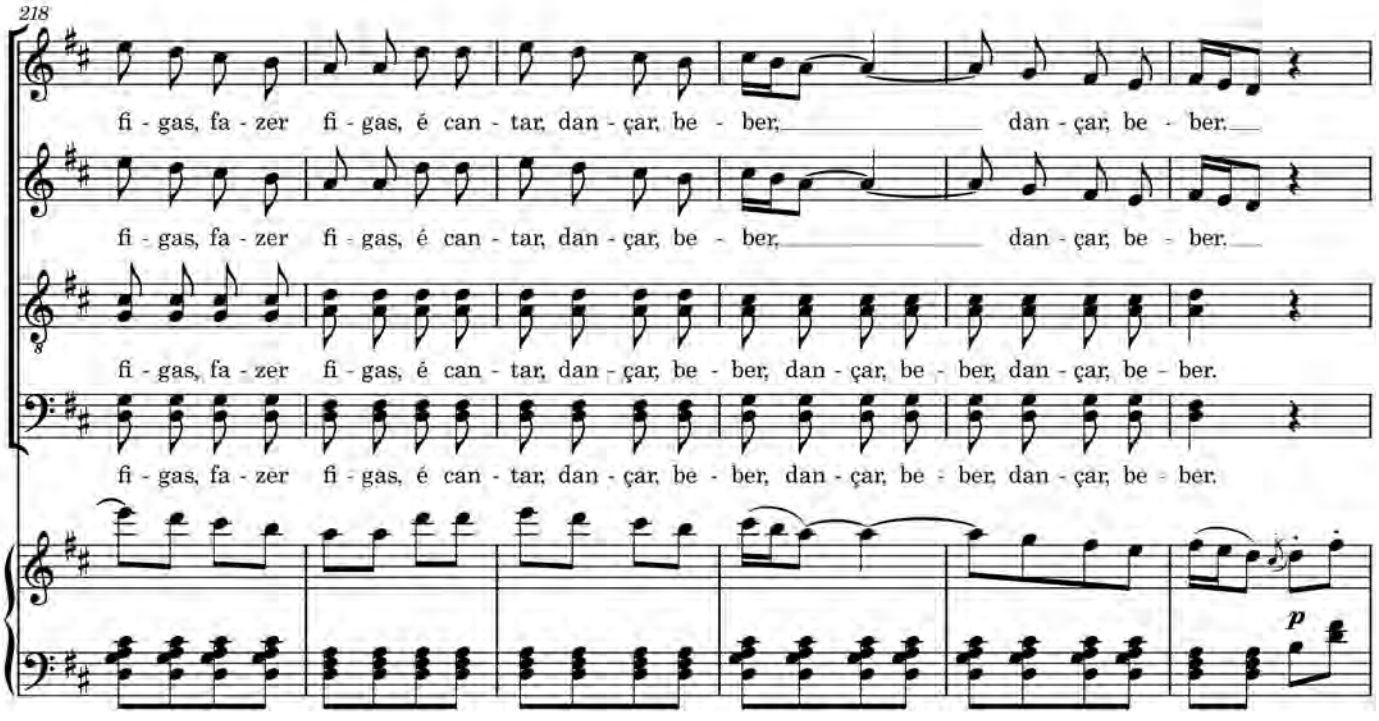




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
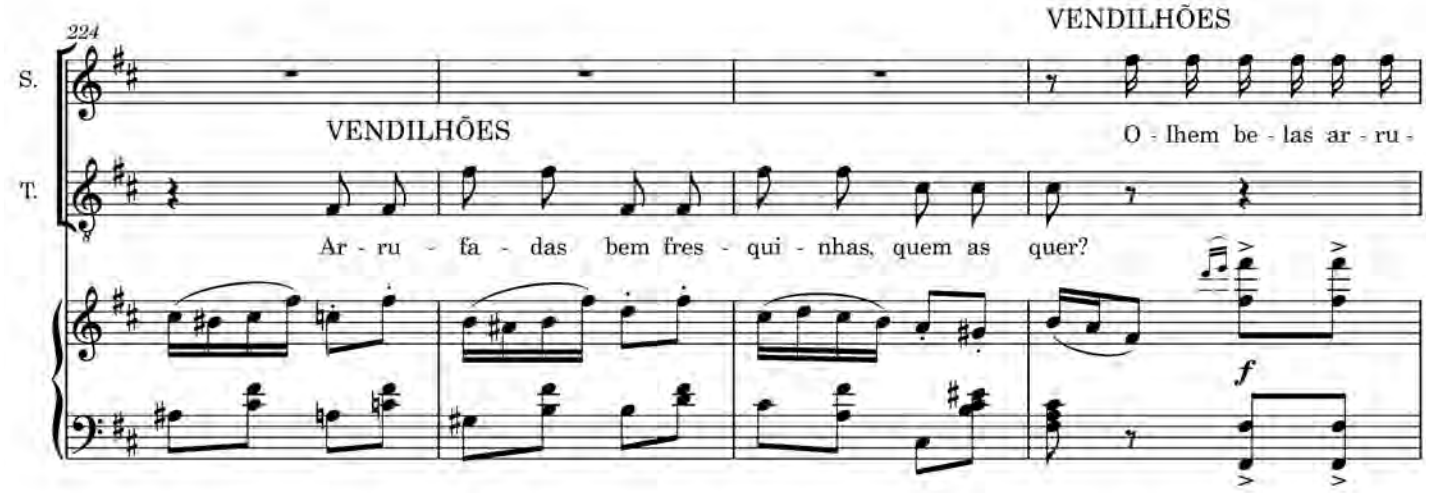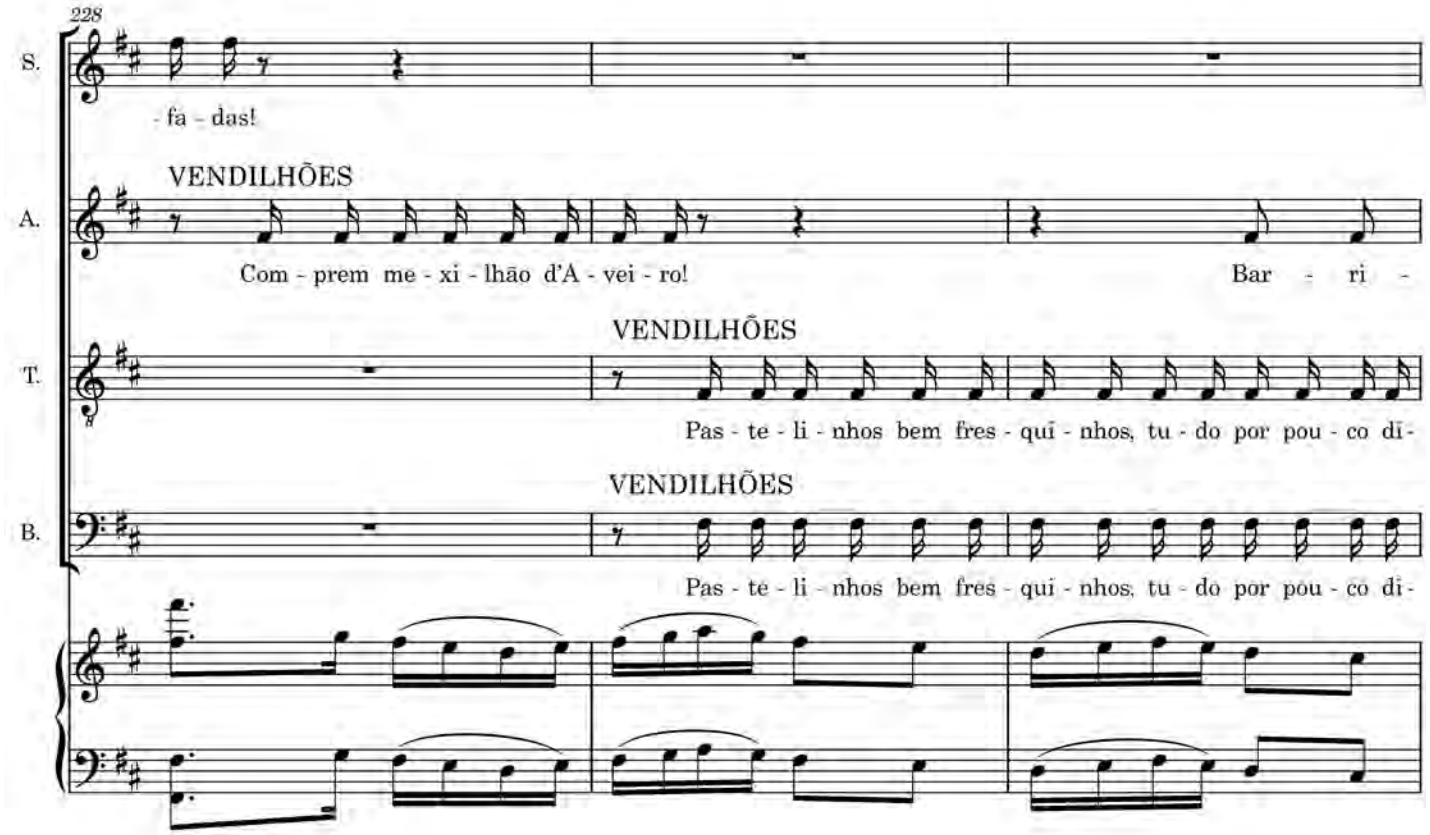




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
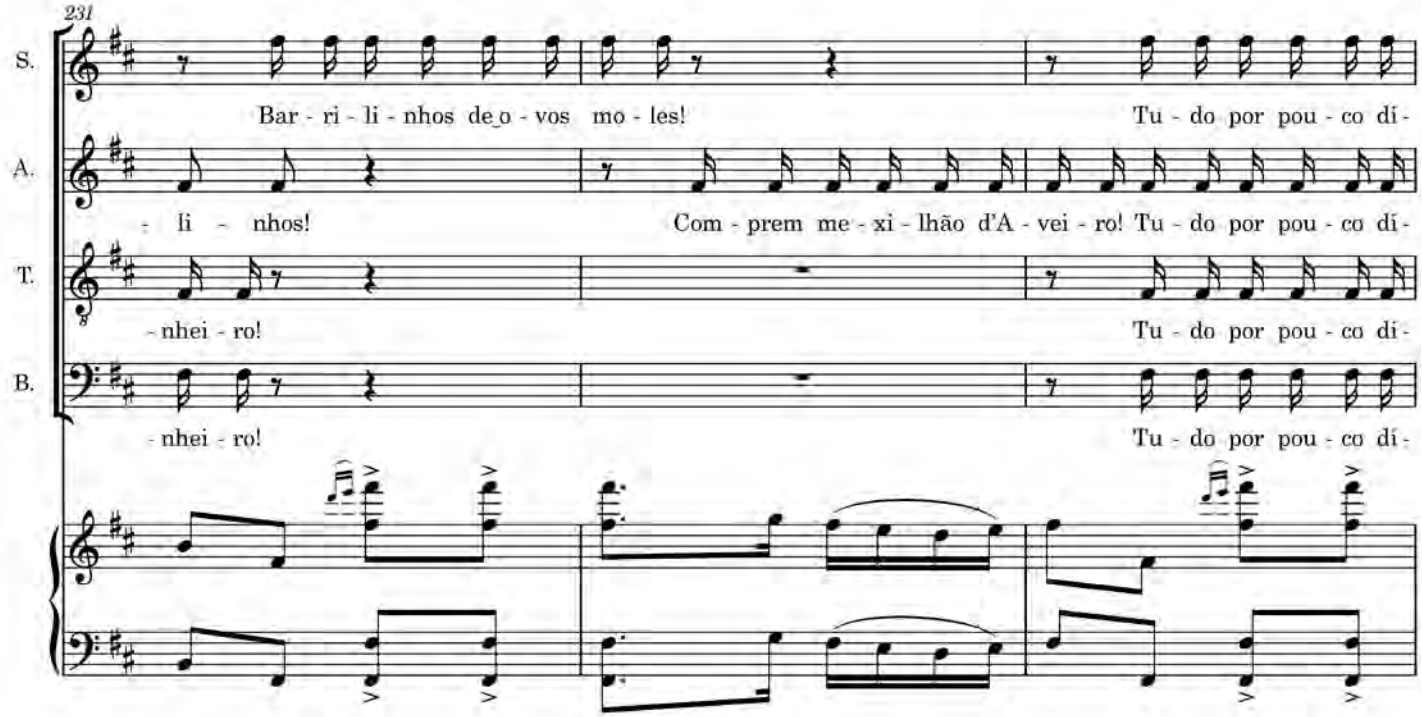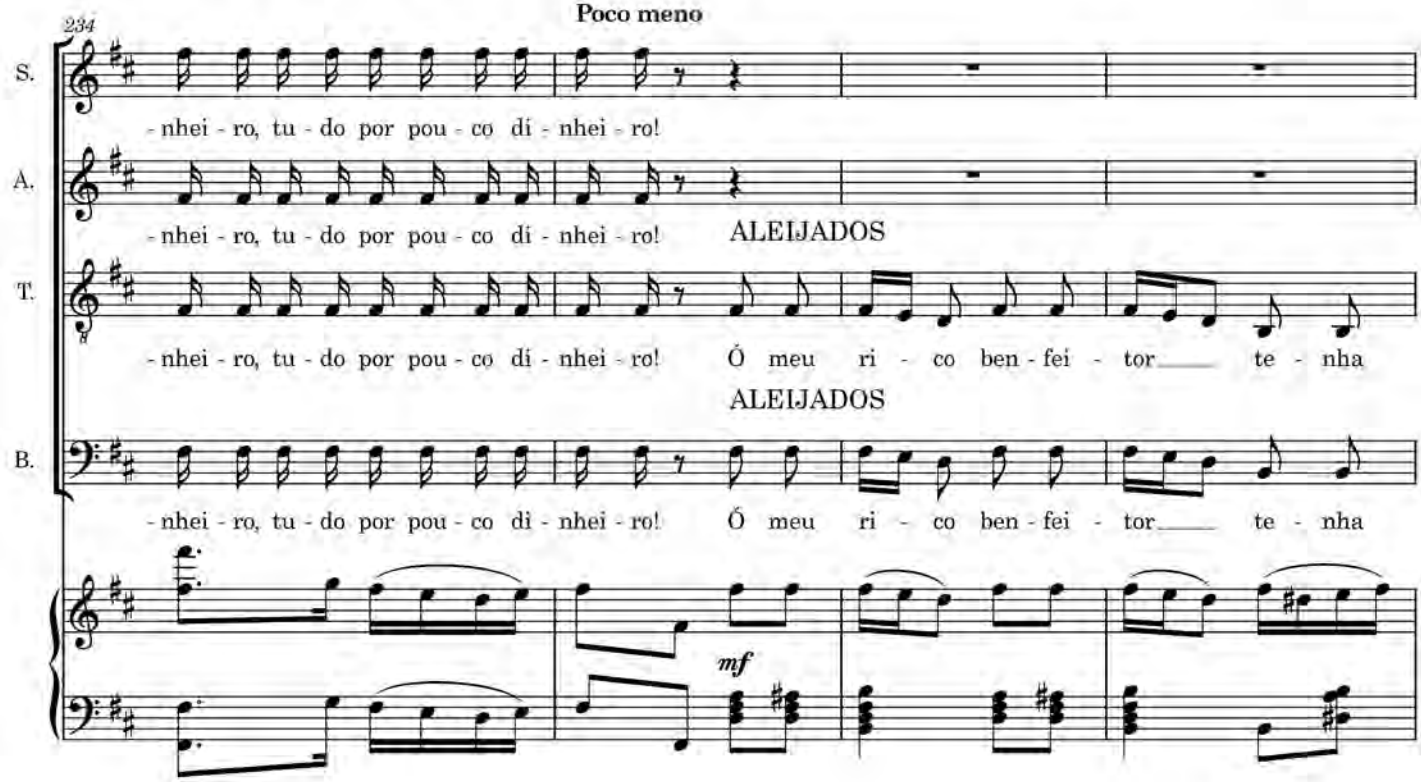




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
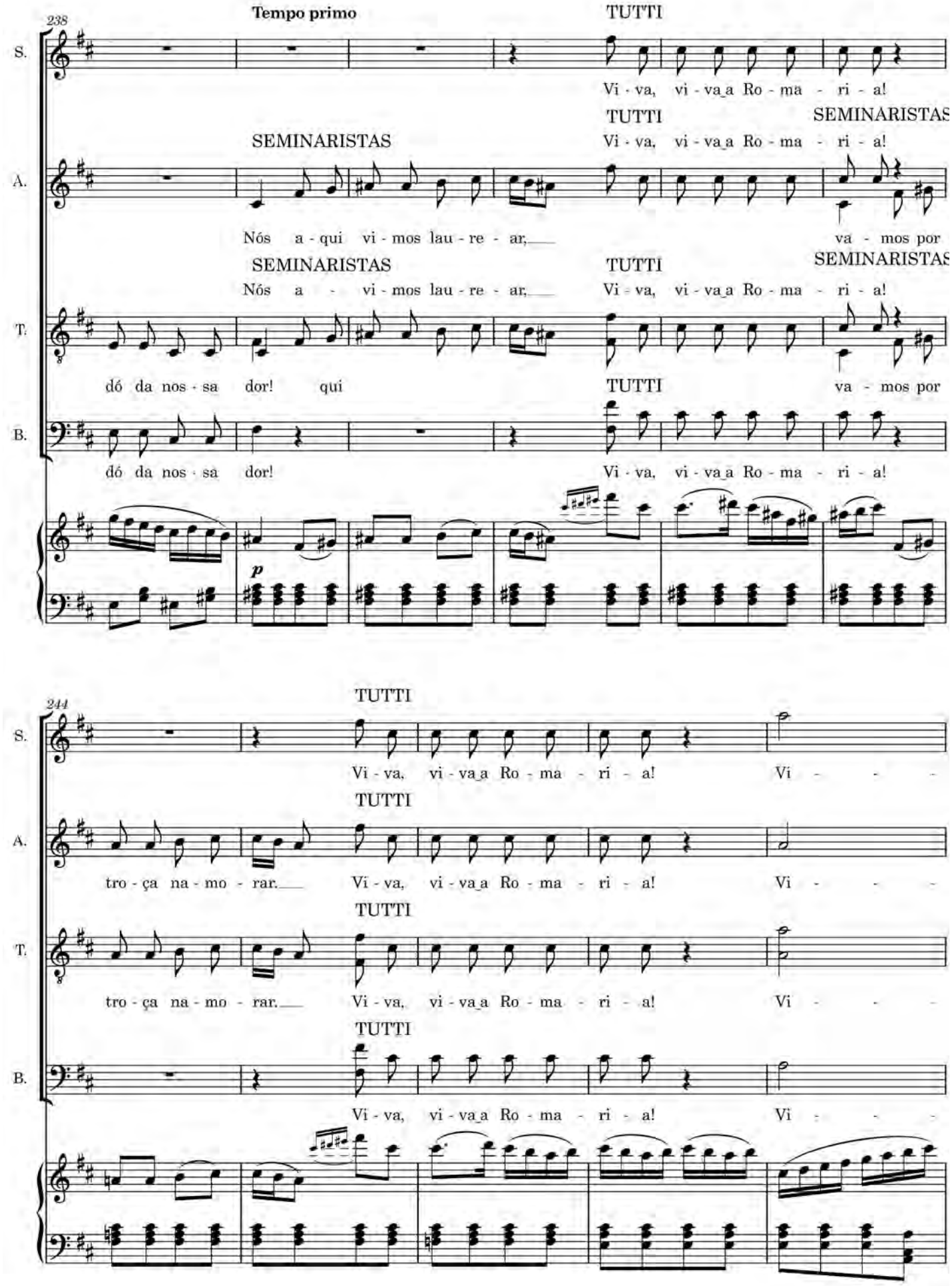




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
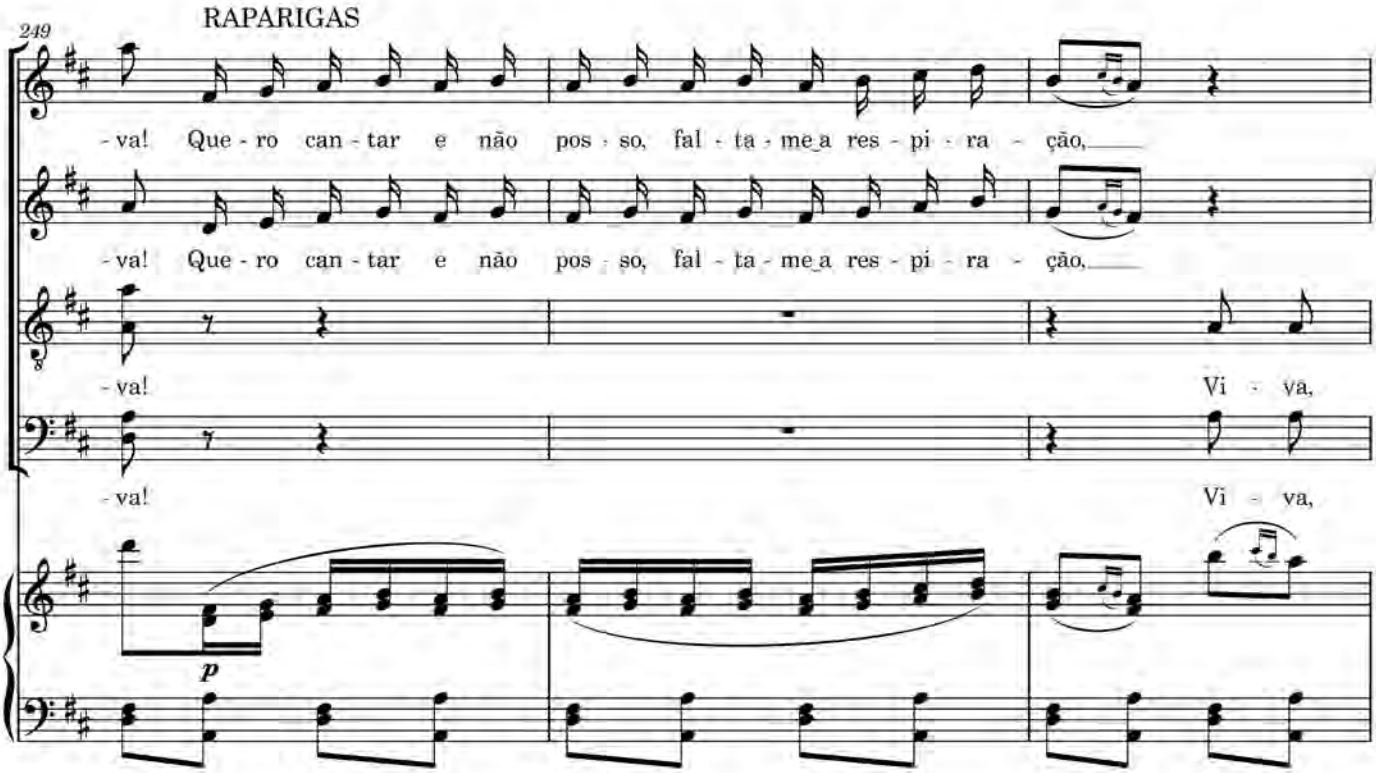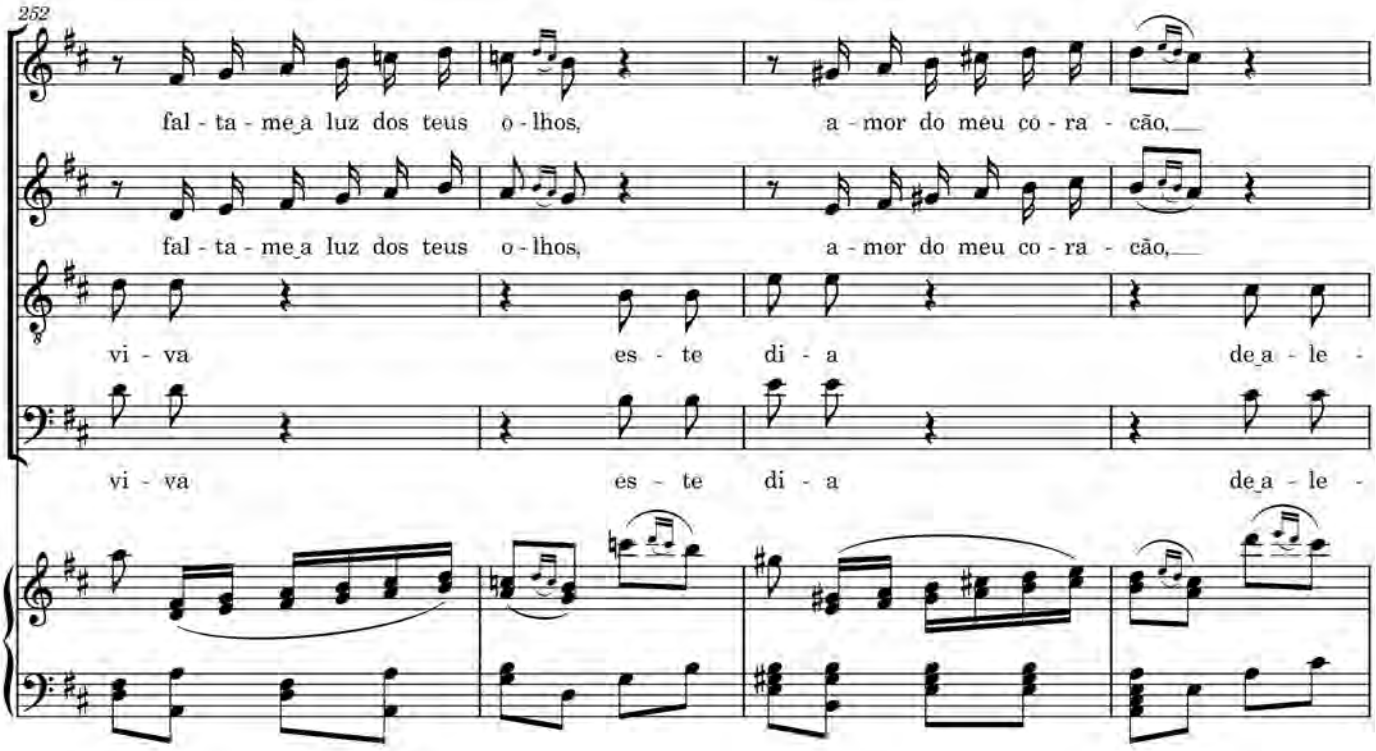




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
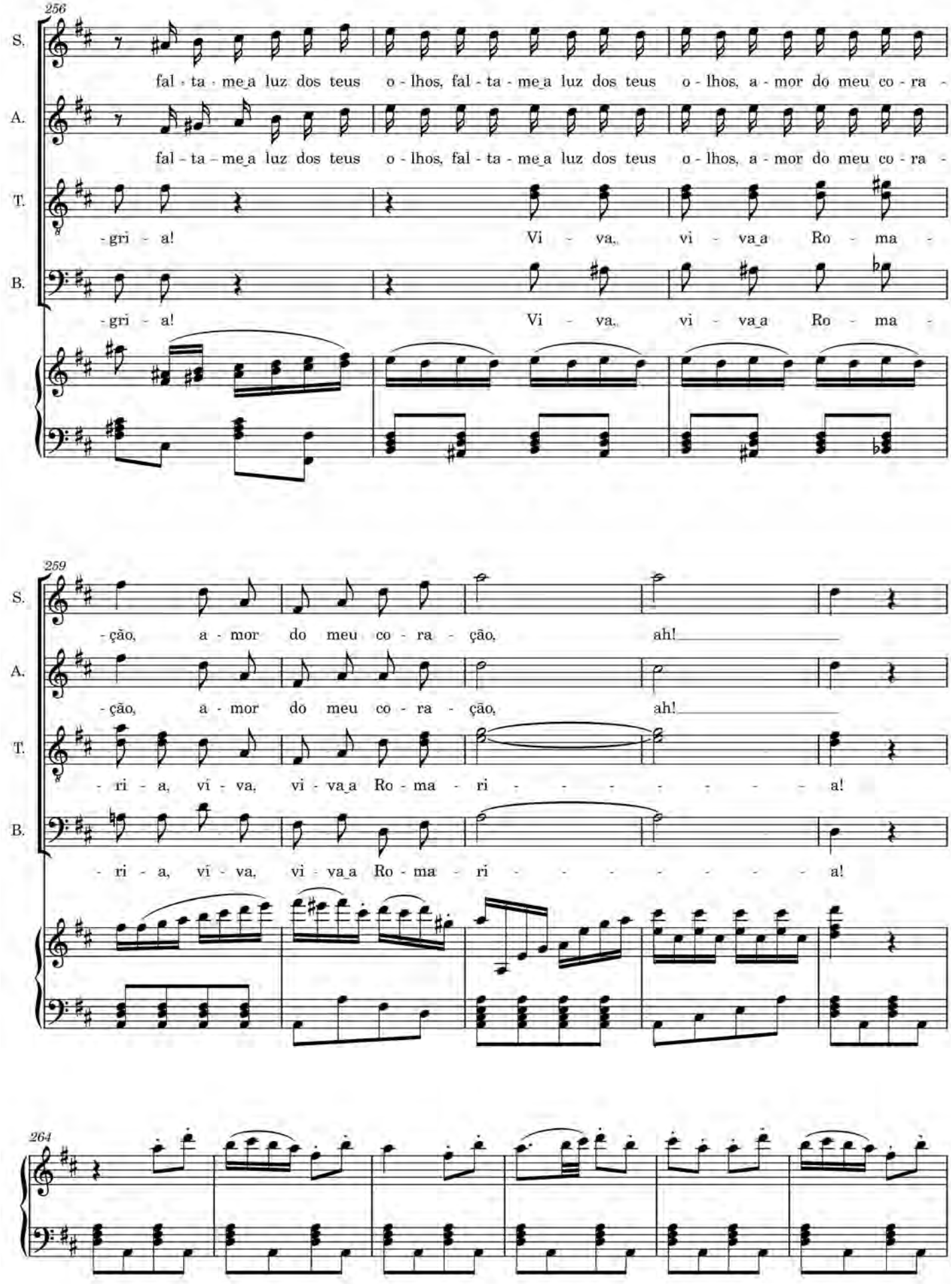


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
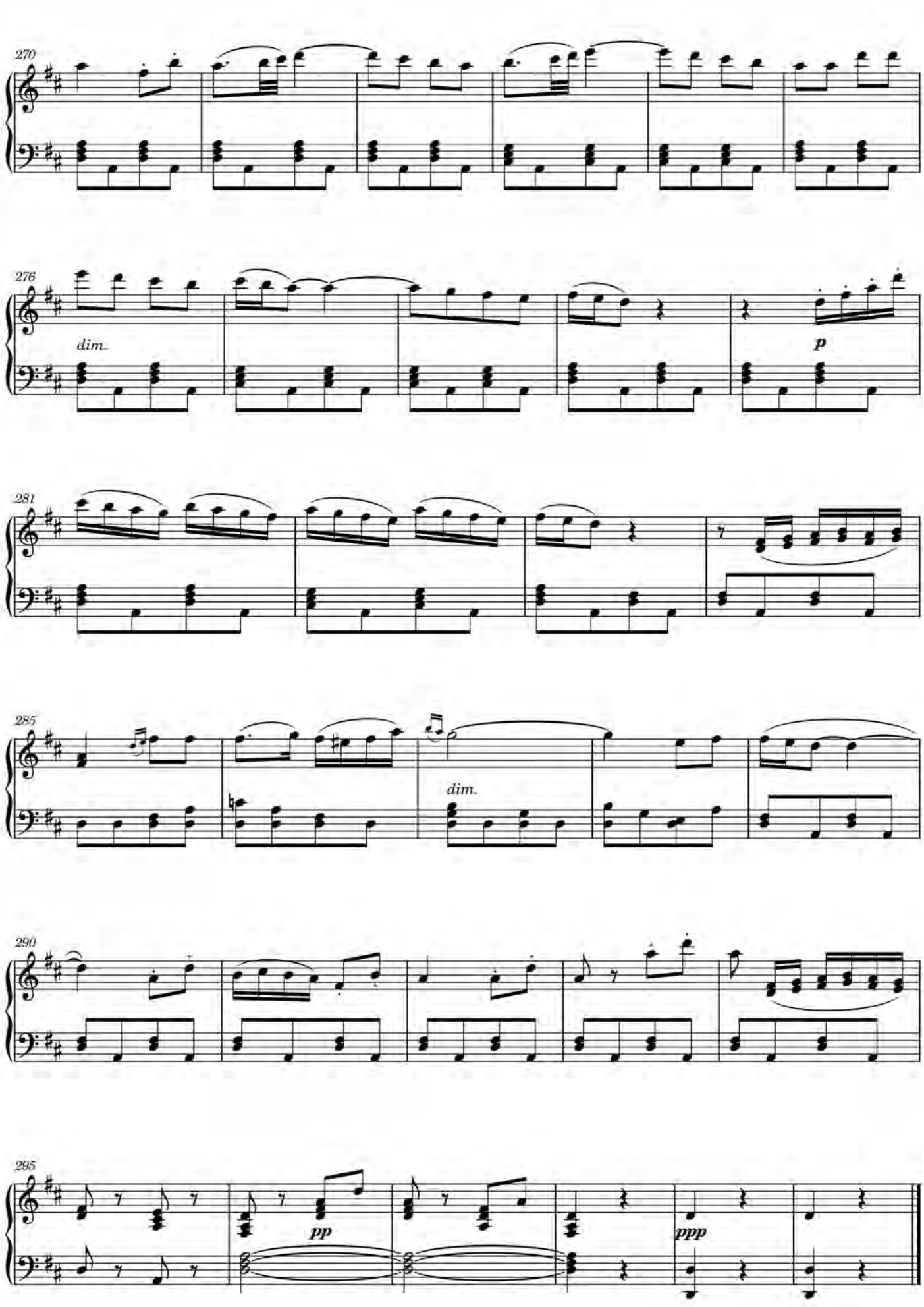




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
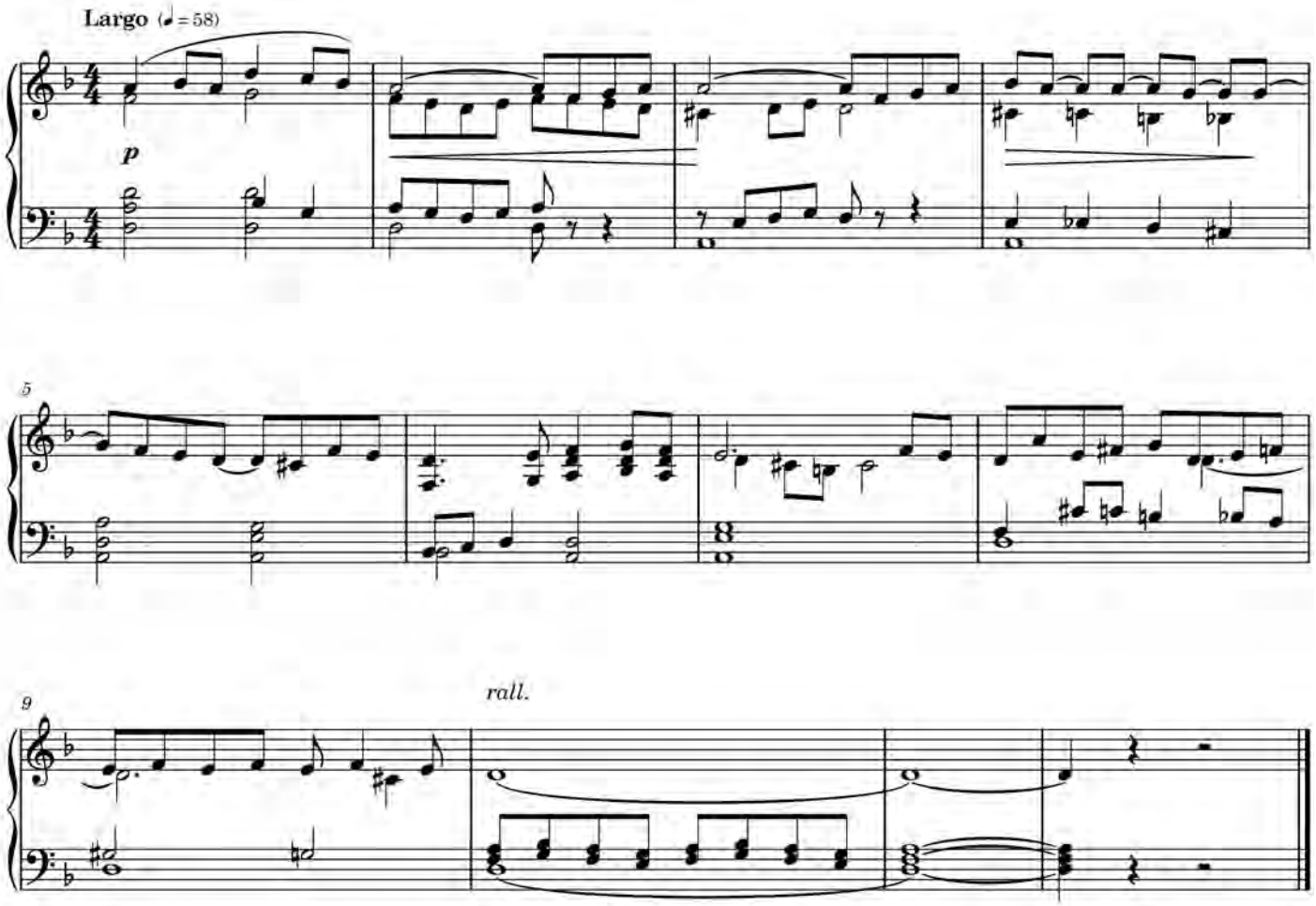


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
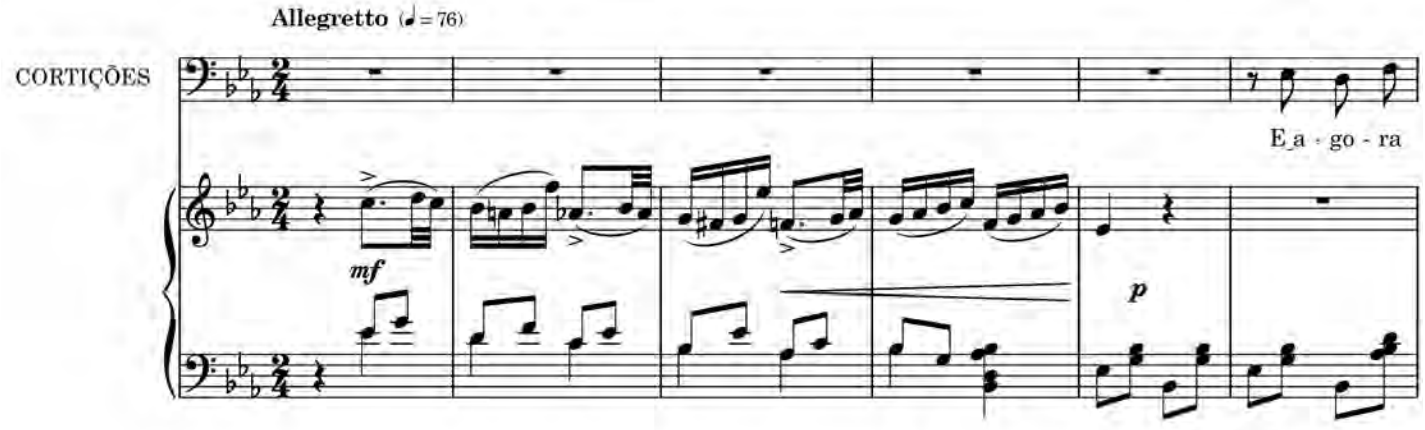


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 19a SOLO DE ÓRGÃO
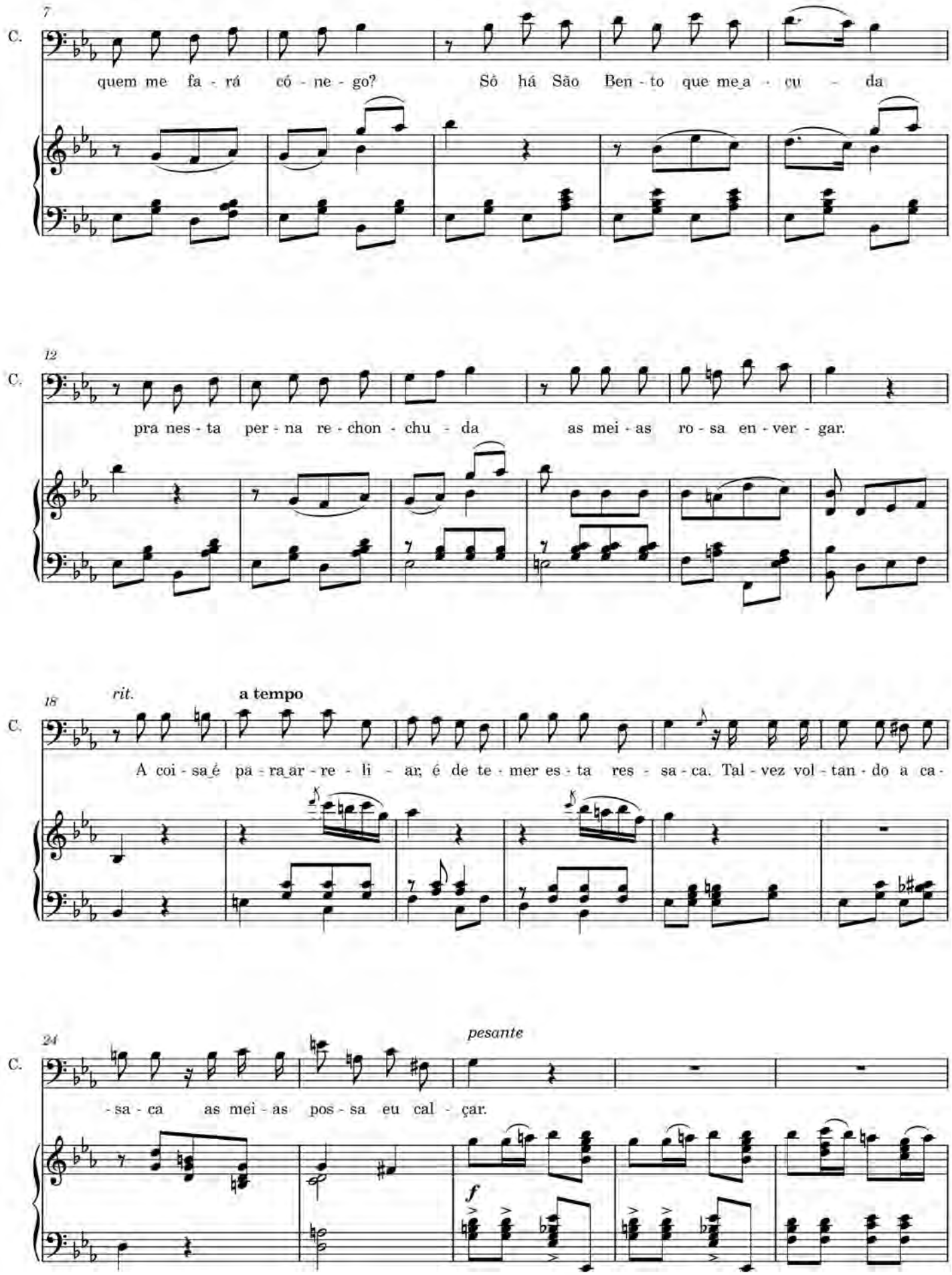


N.º 20 COPLAS CORTIÇÕES
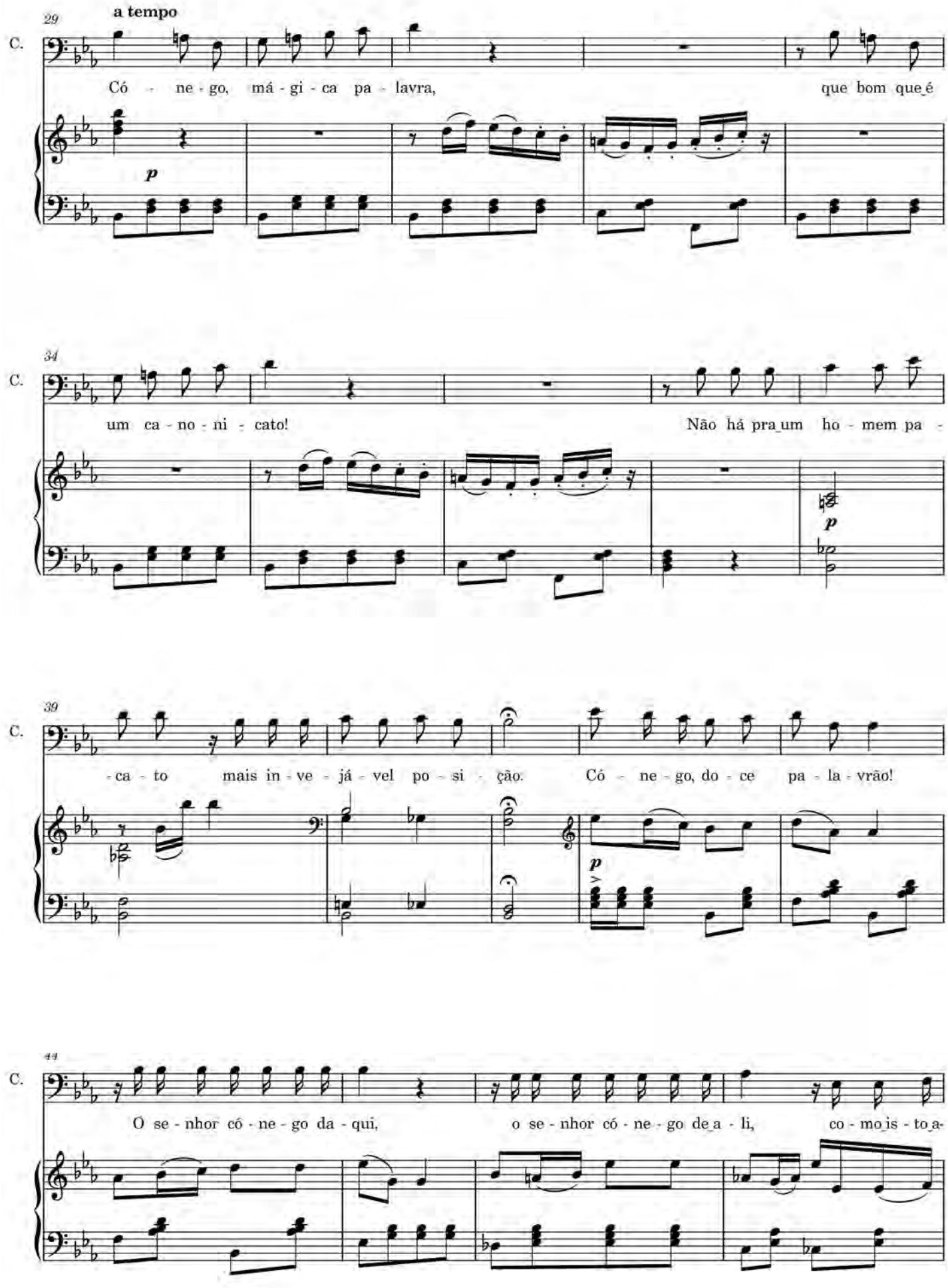


IMPRENSA NACIONAL
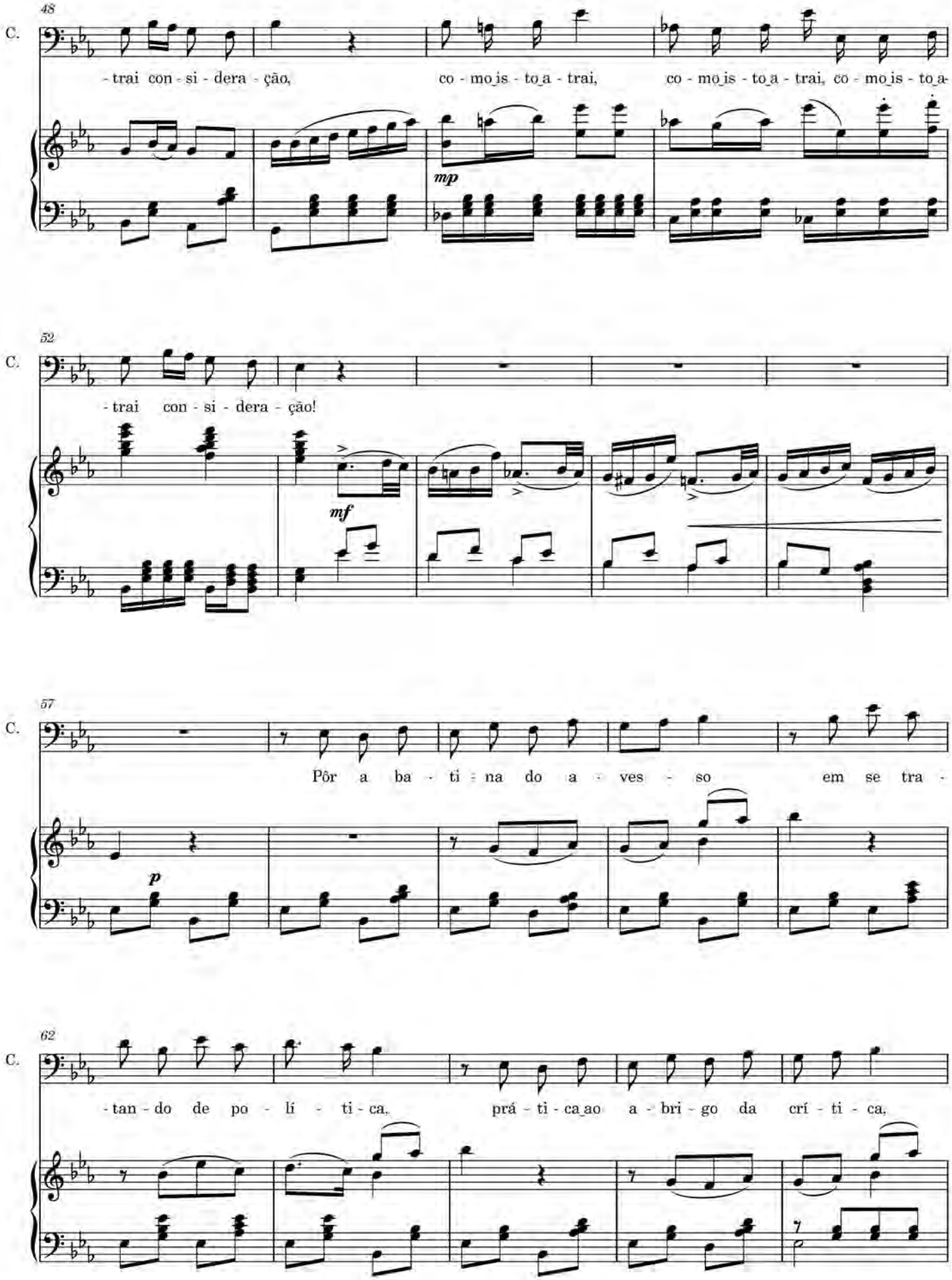
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
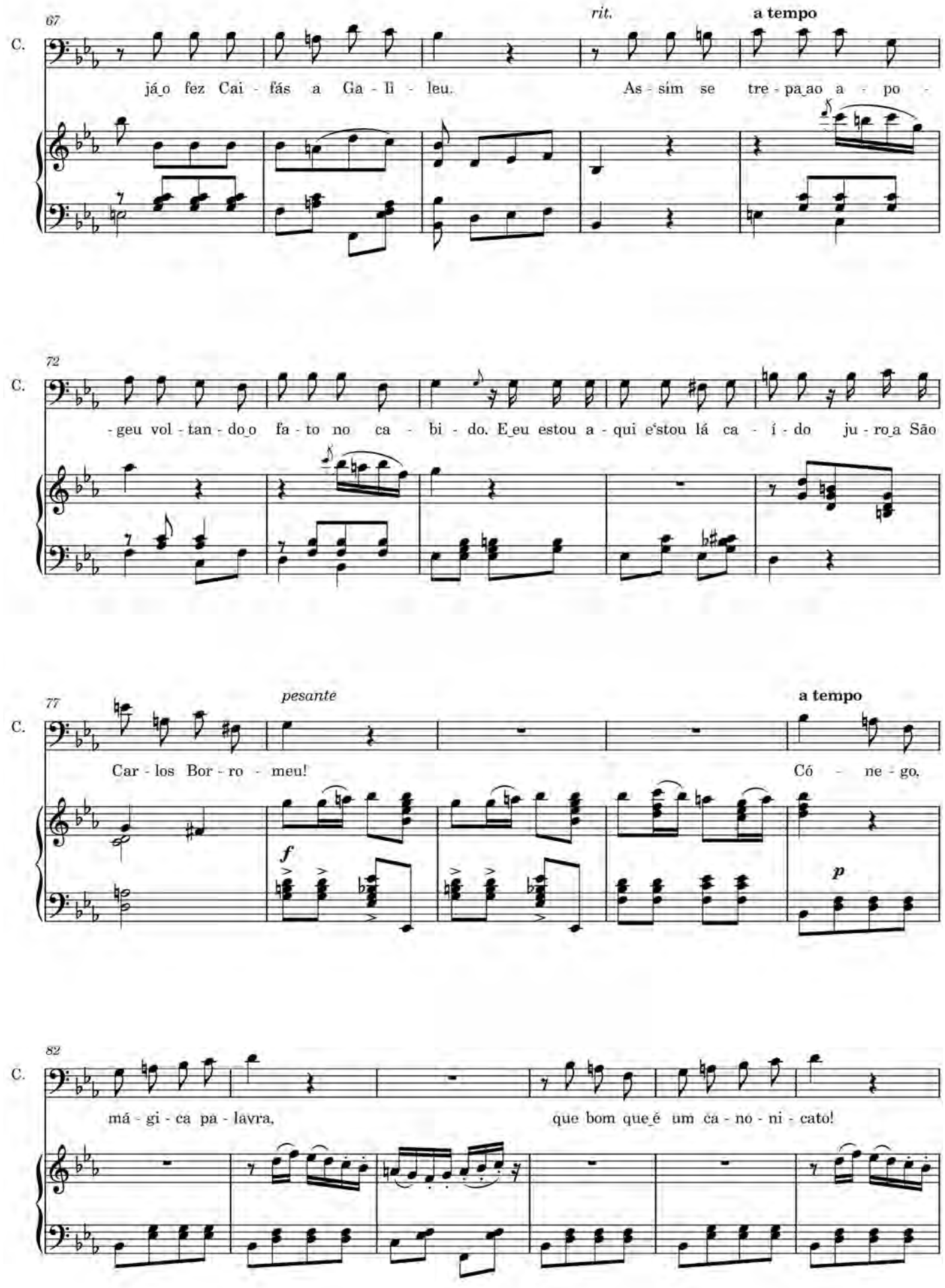


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
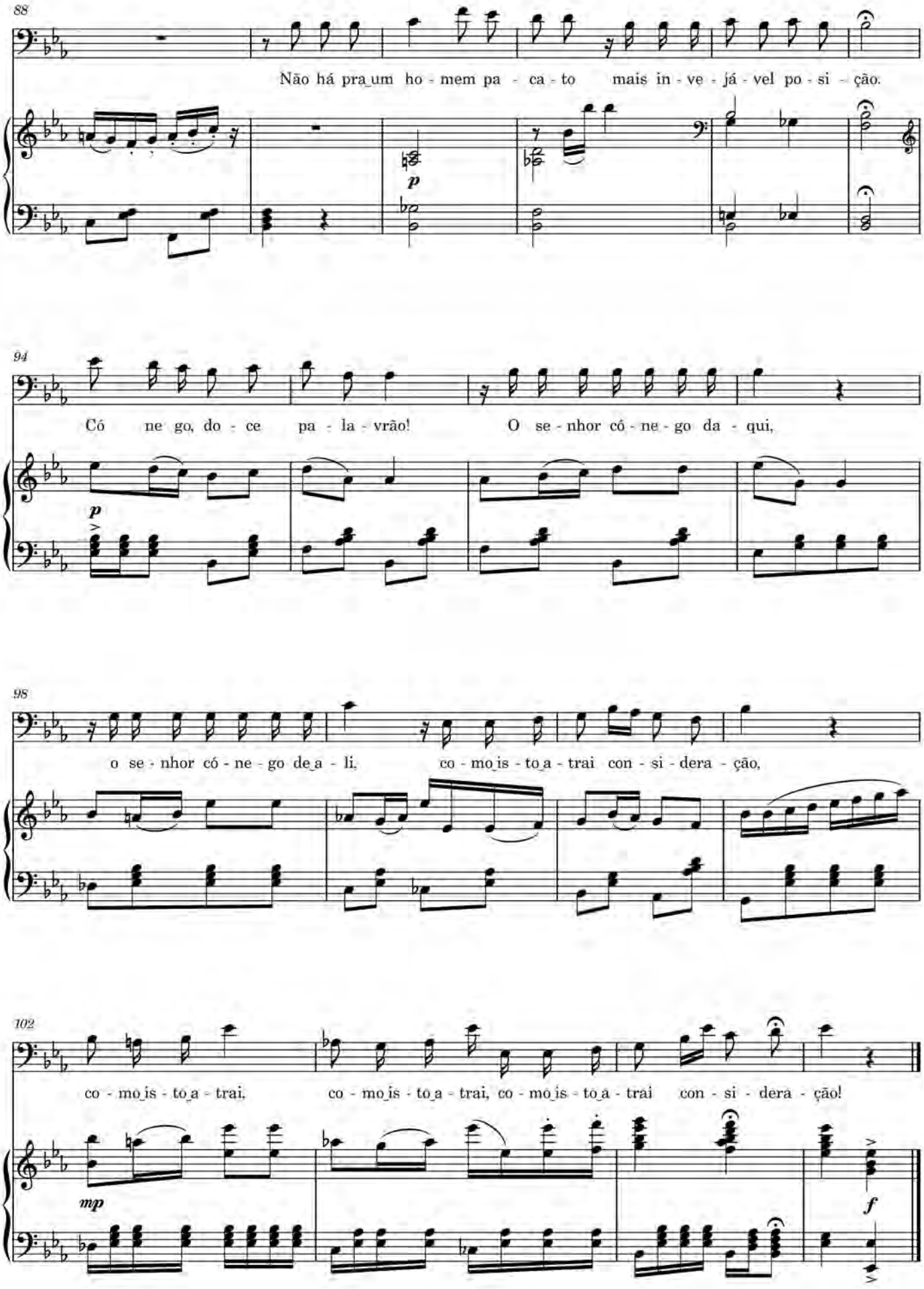


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
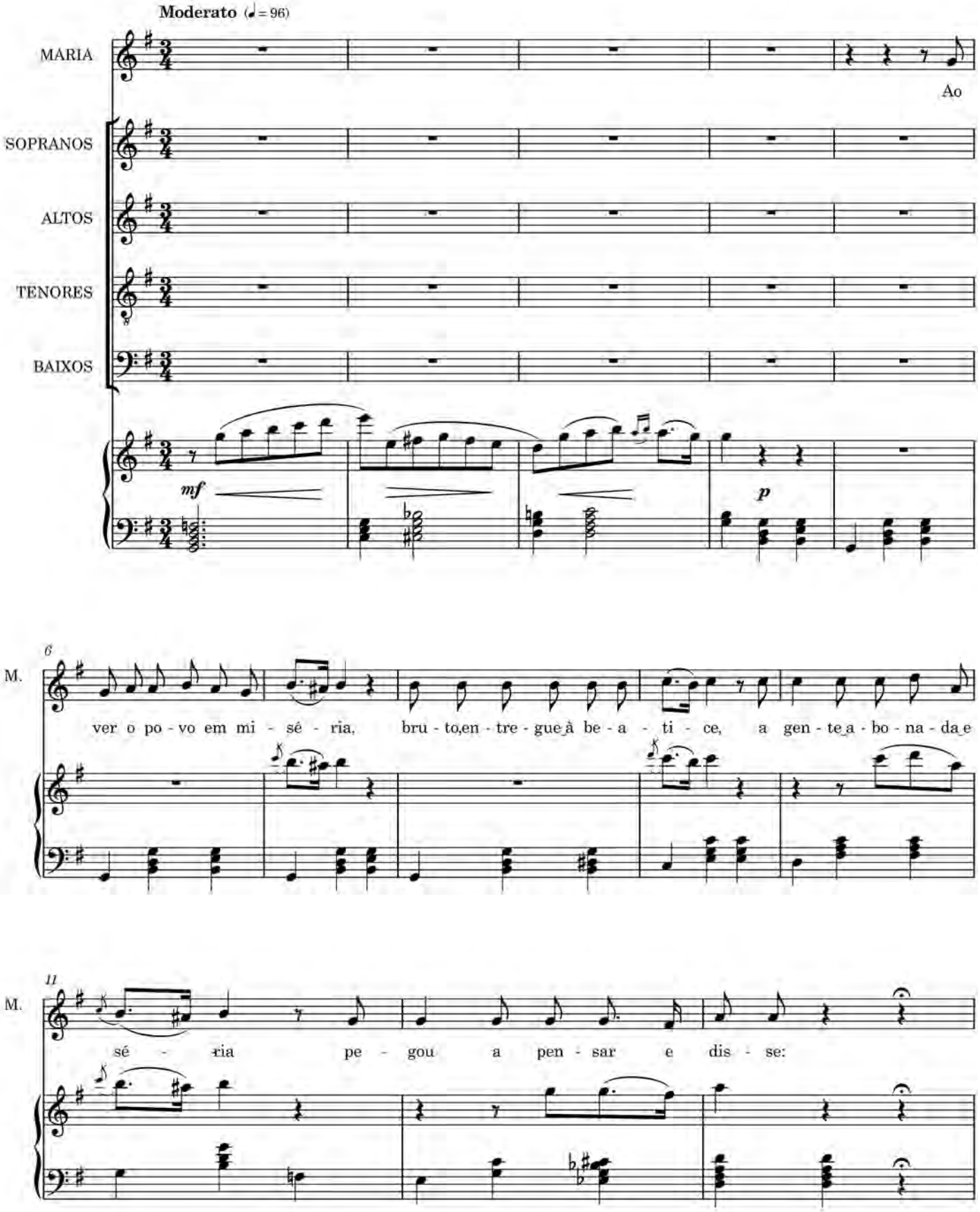


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
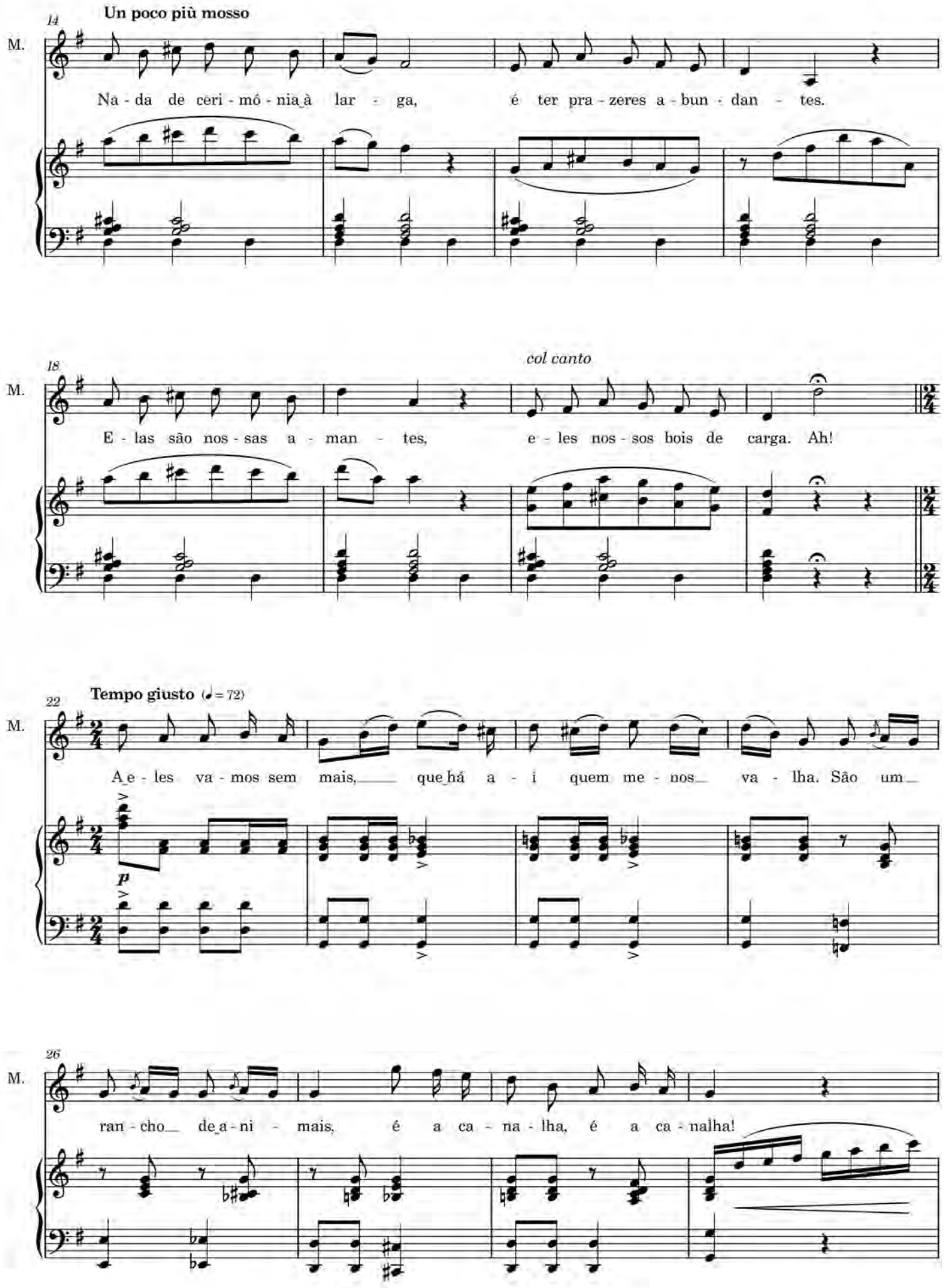


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
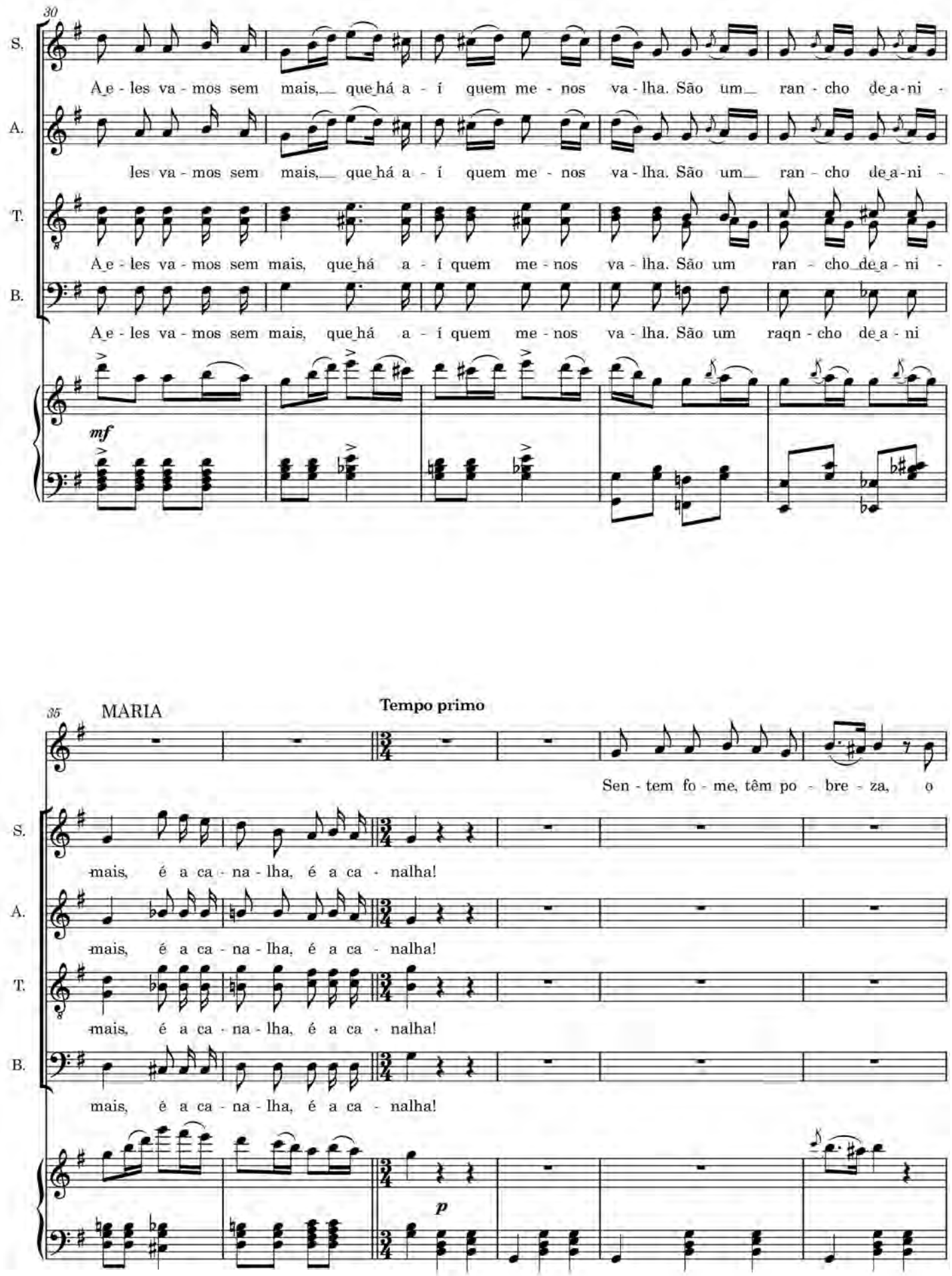
N.º 21 COPLAS MARIA
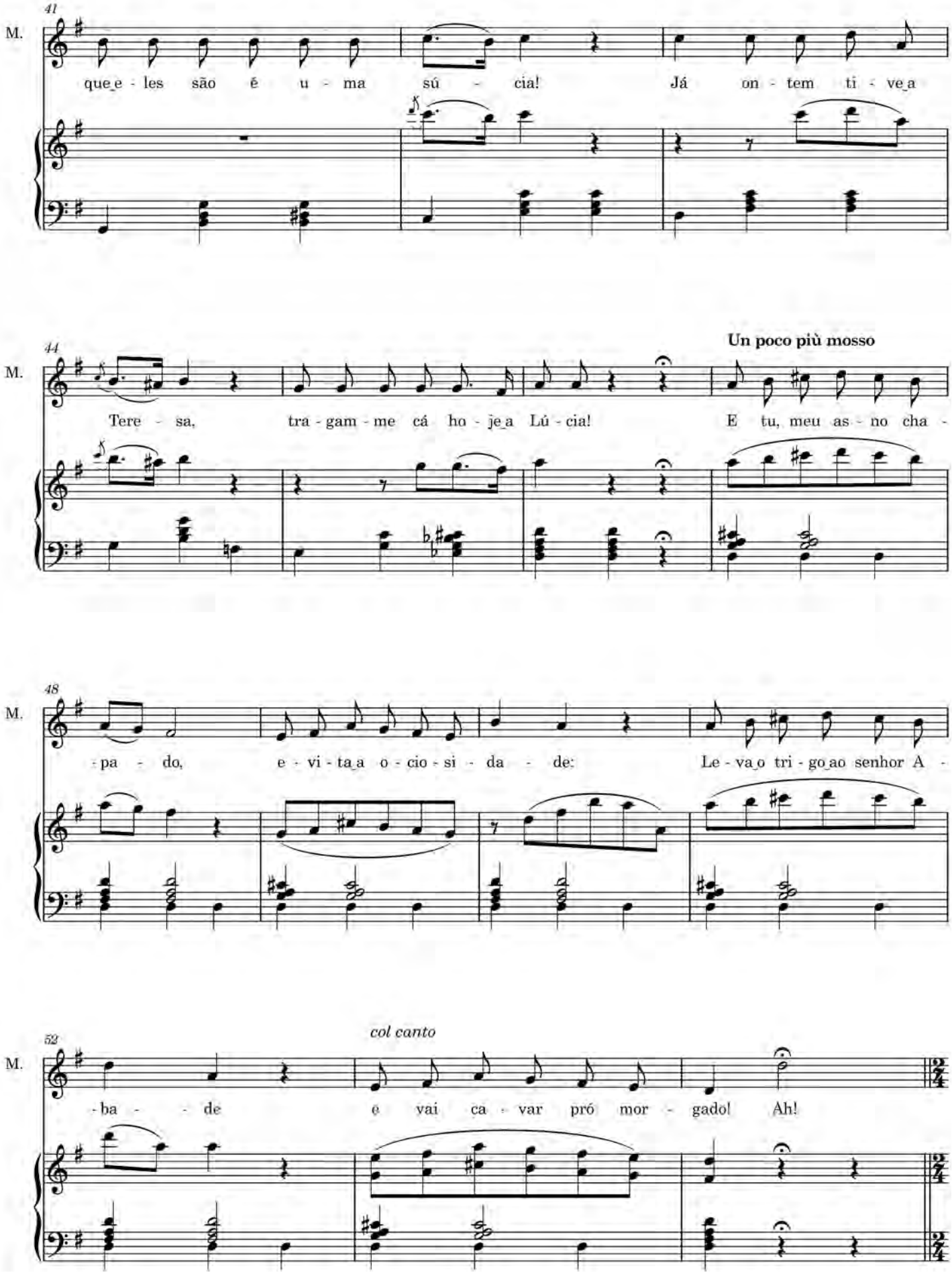


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
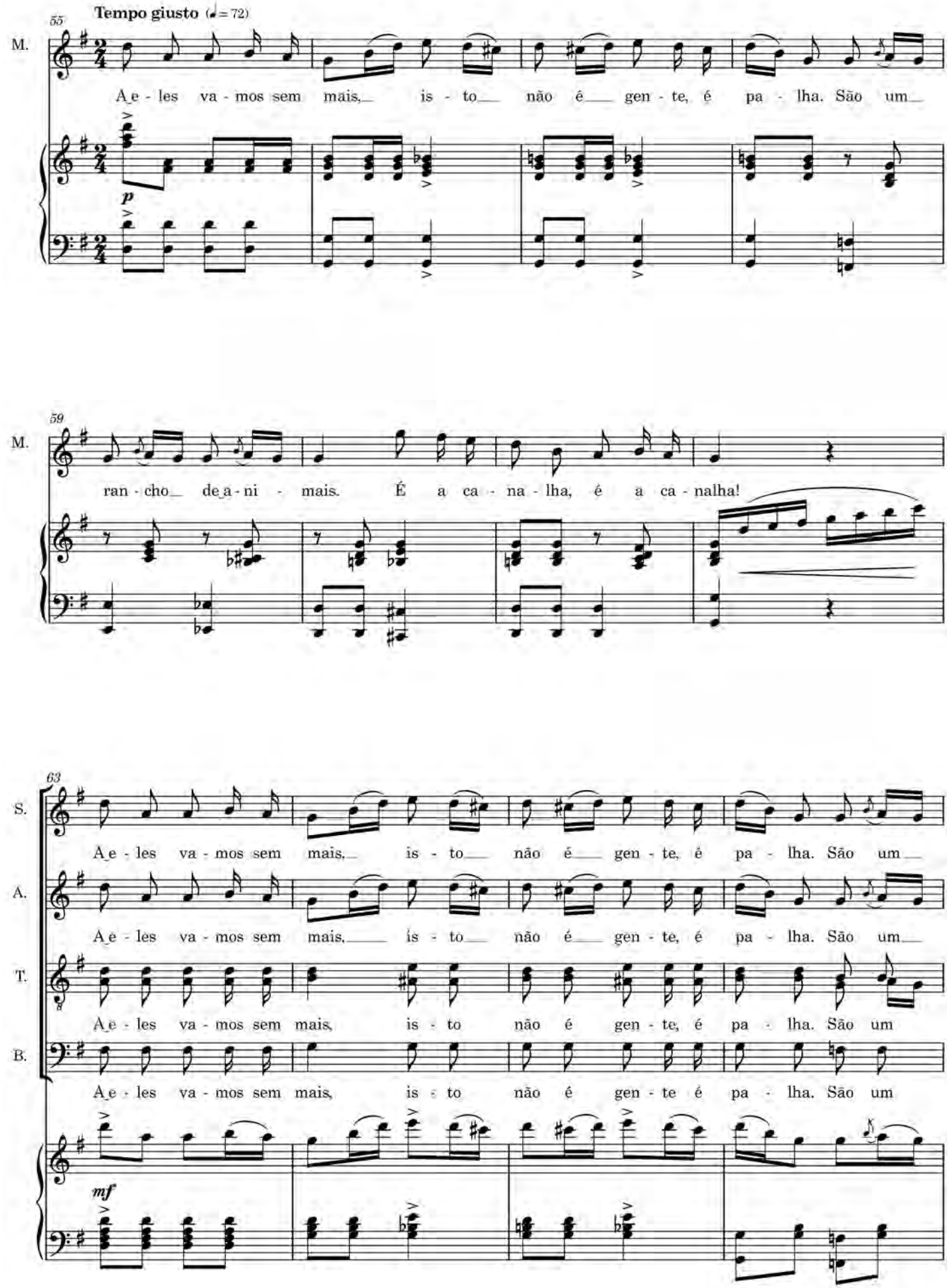


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



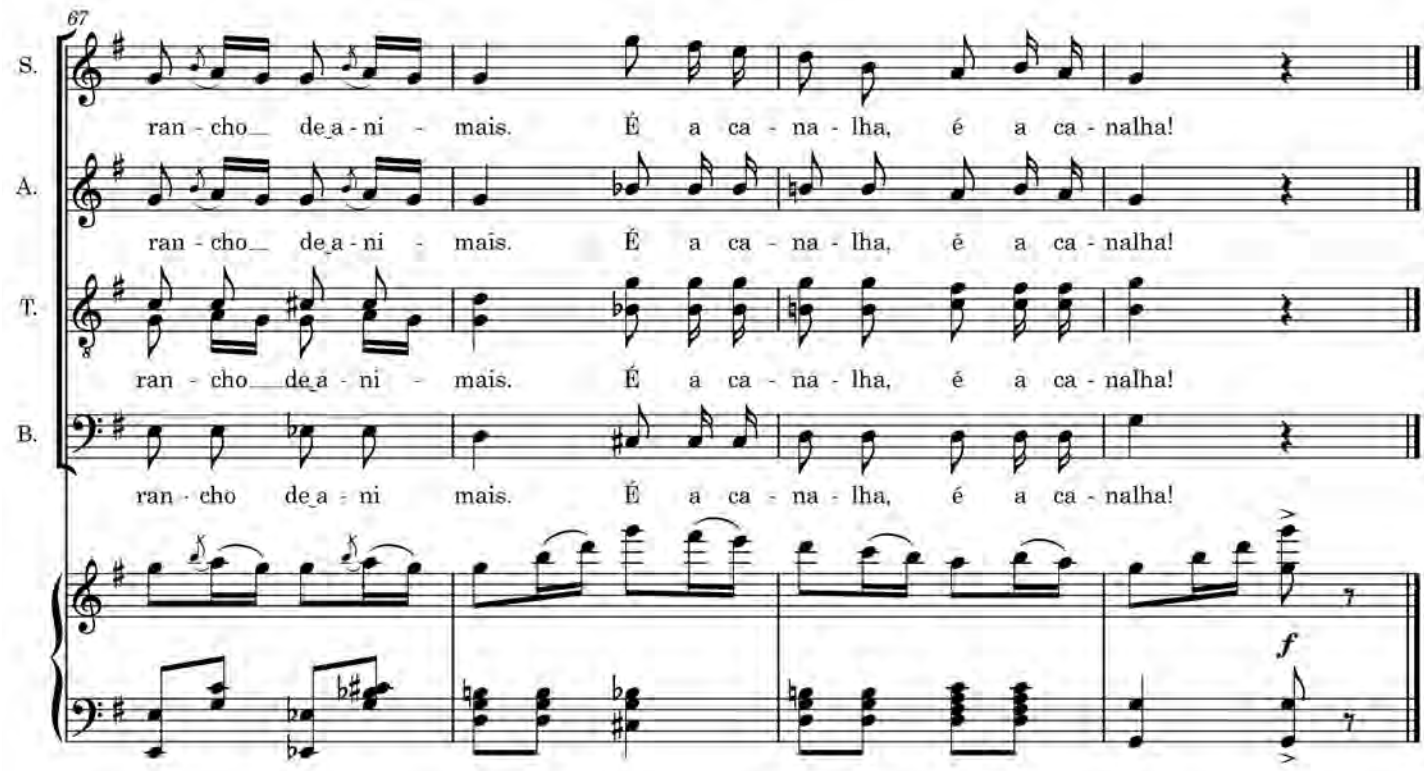
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
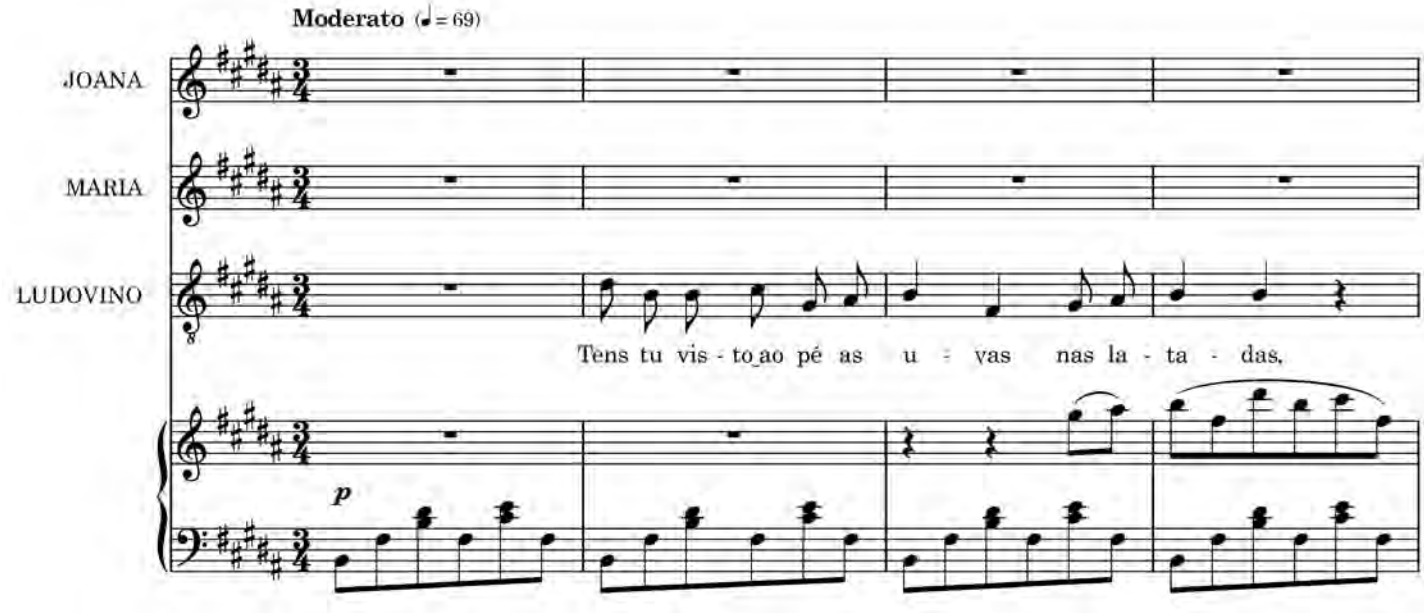


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
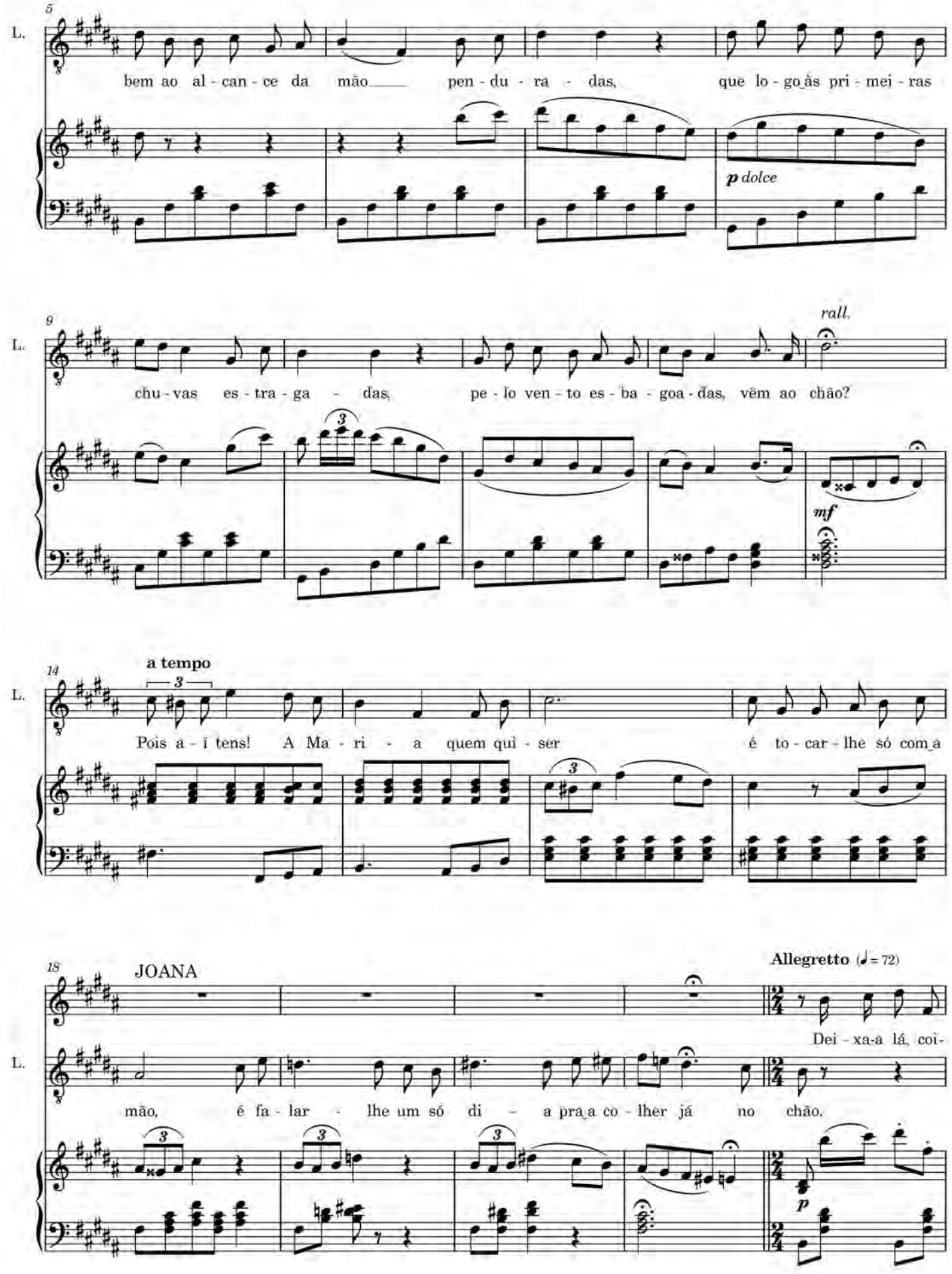


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
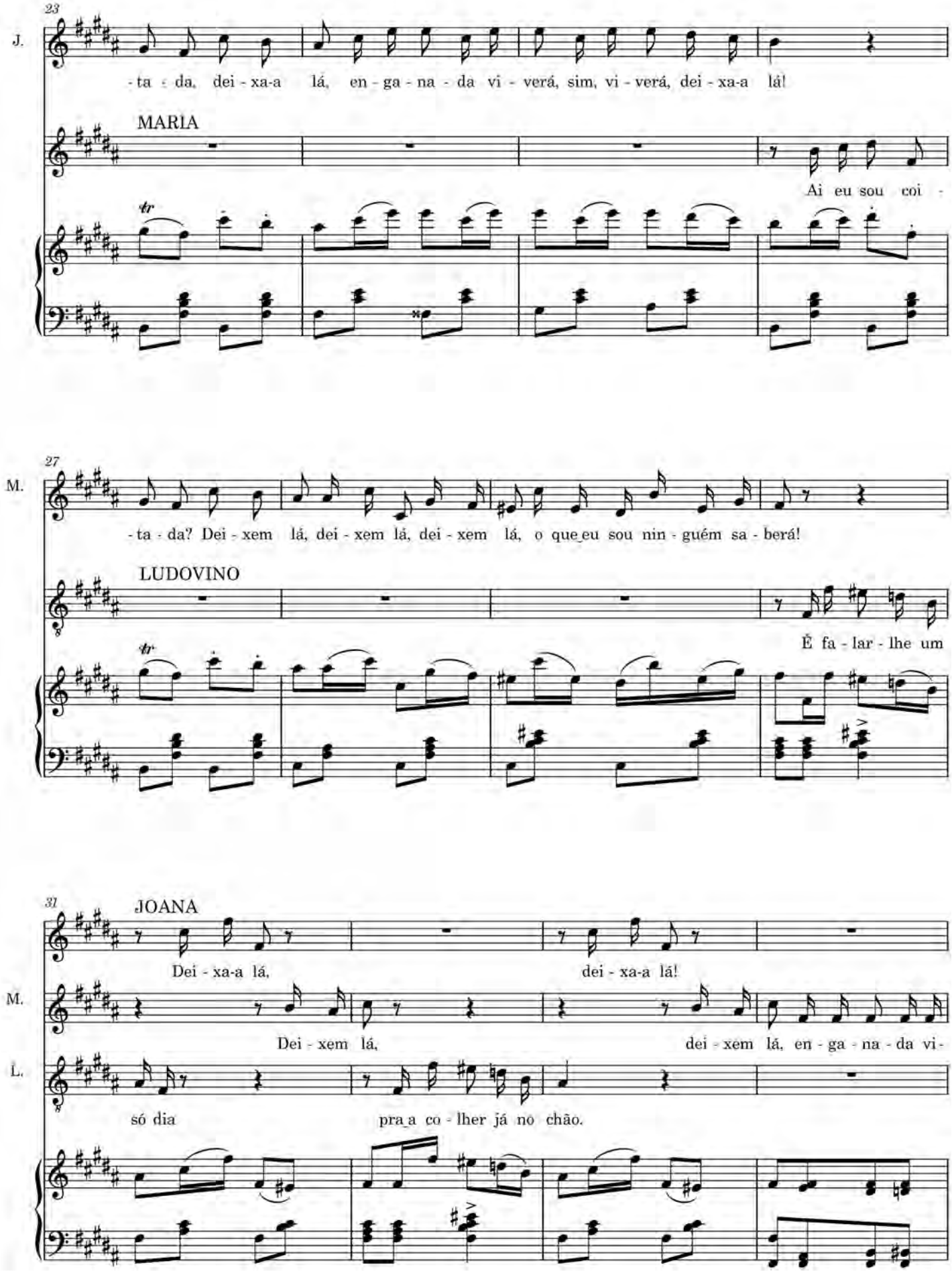


N.º 22 TERCETO



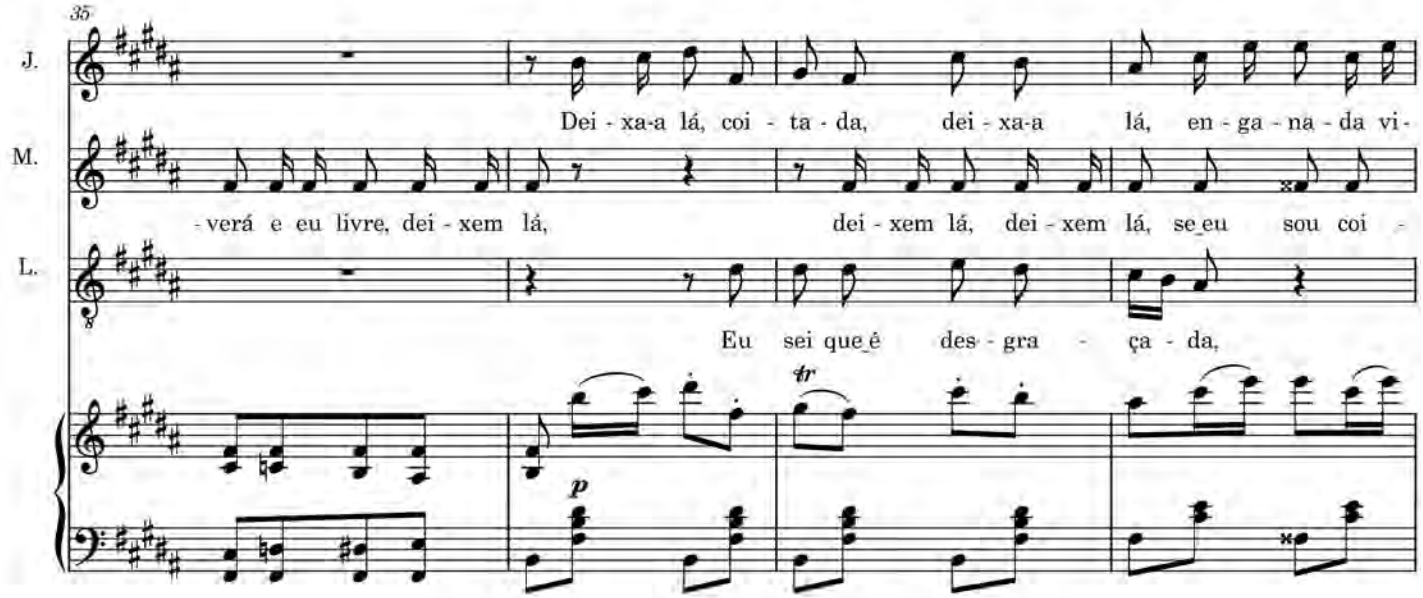
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

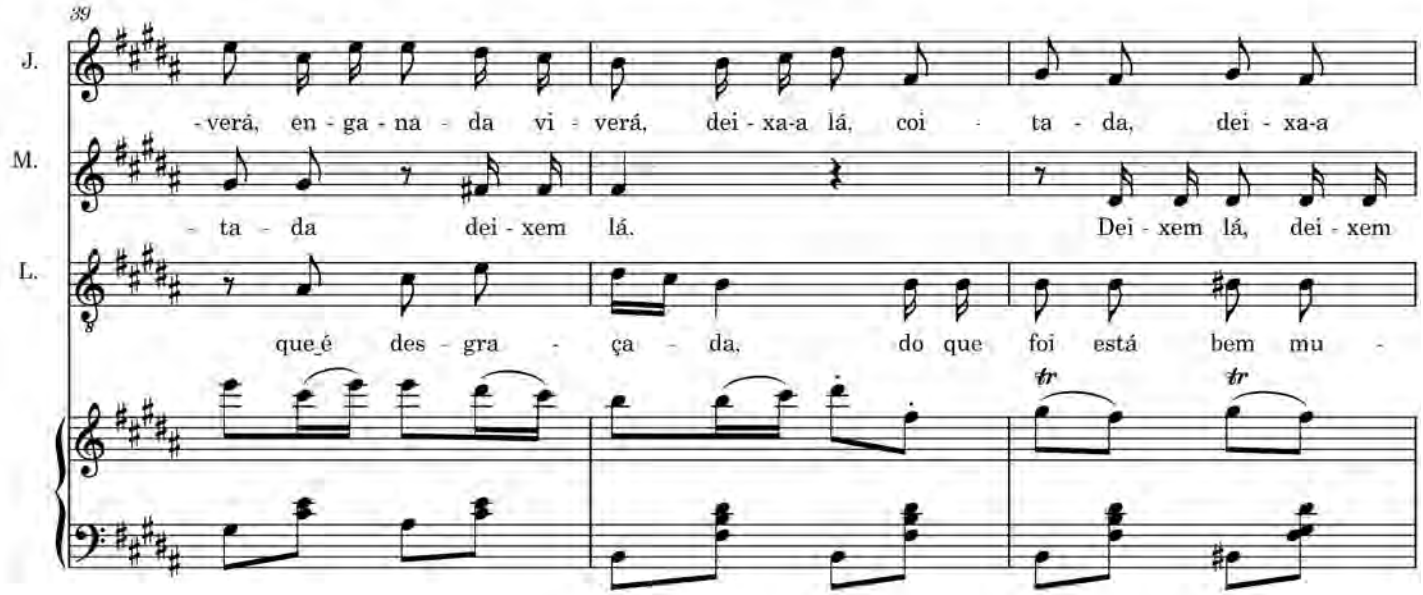


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
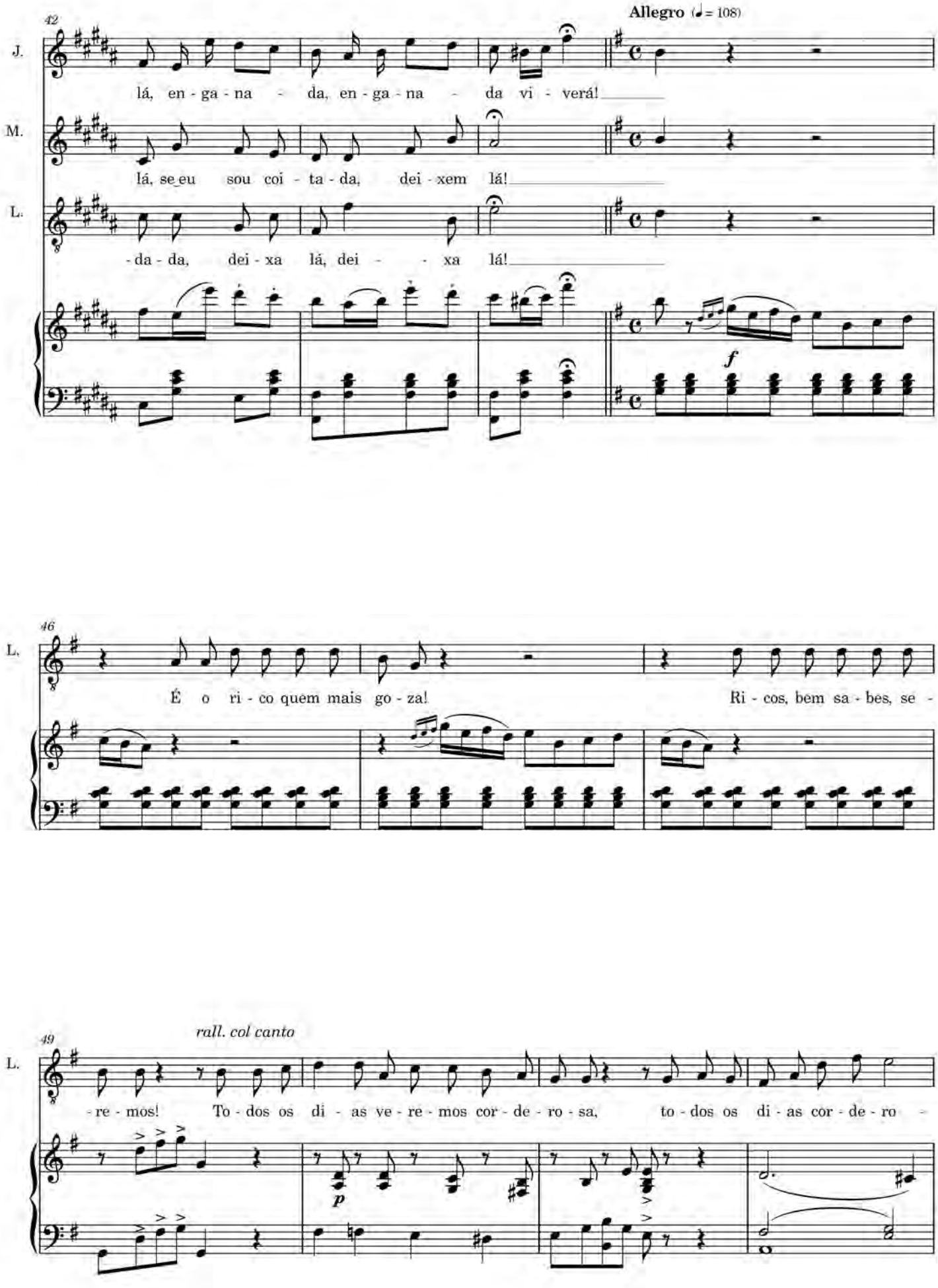


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
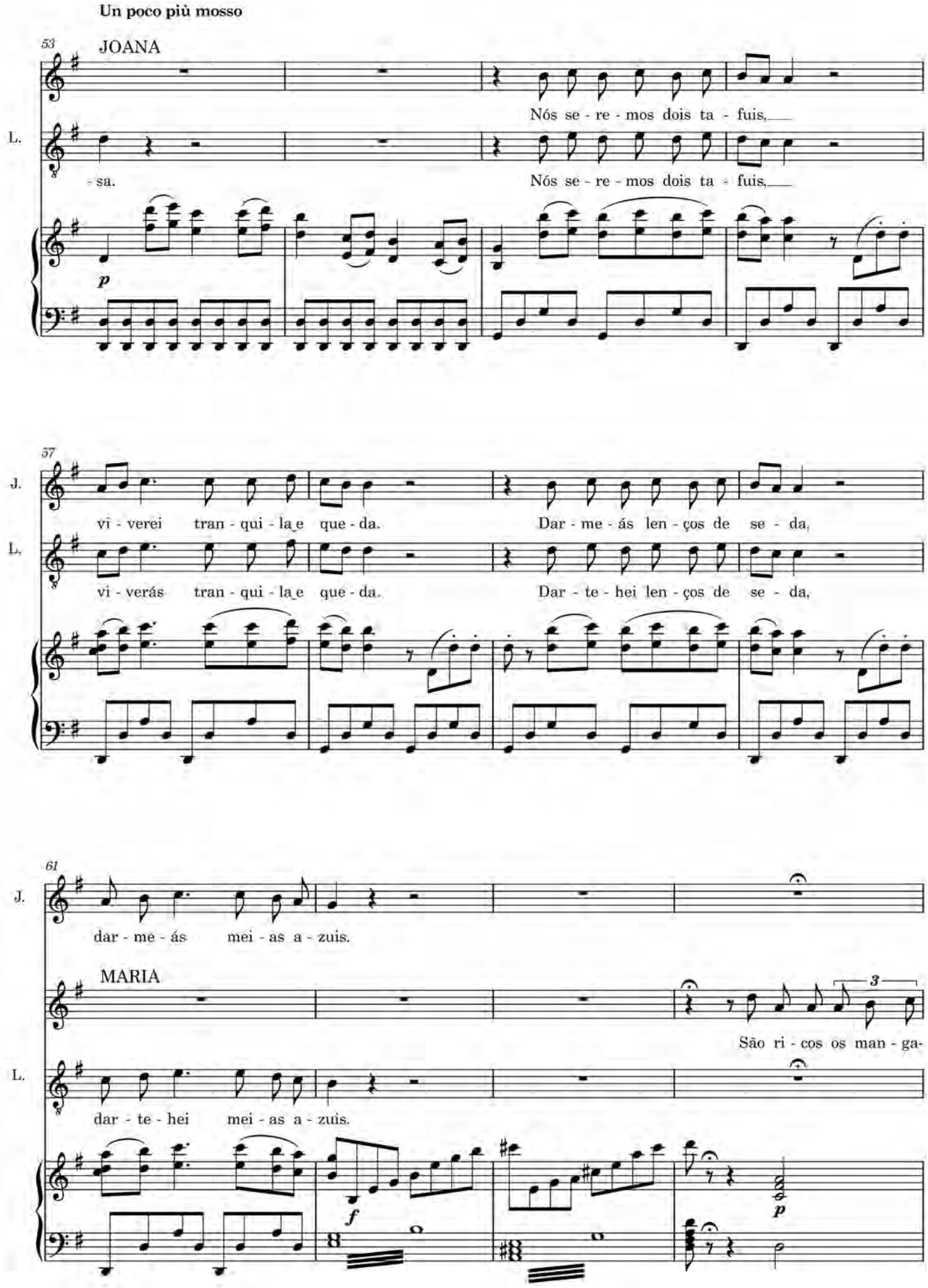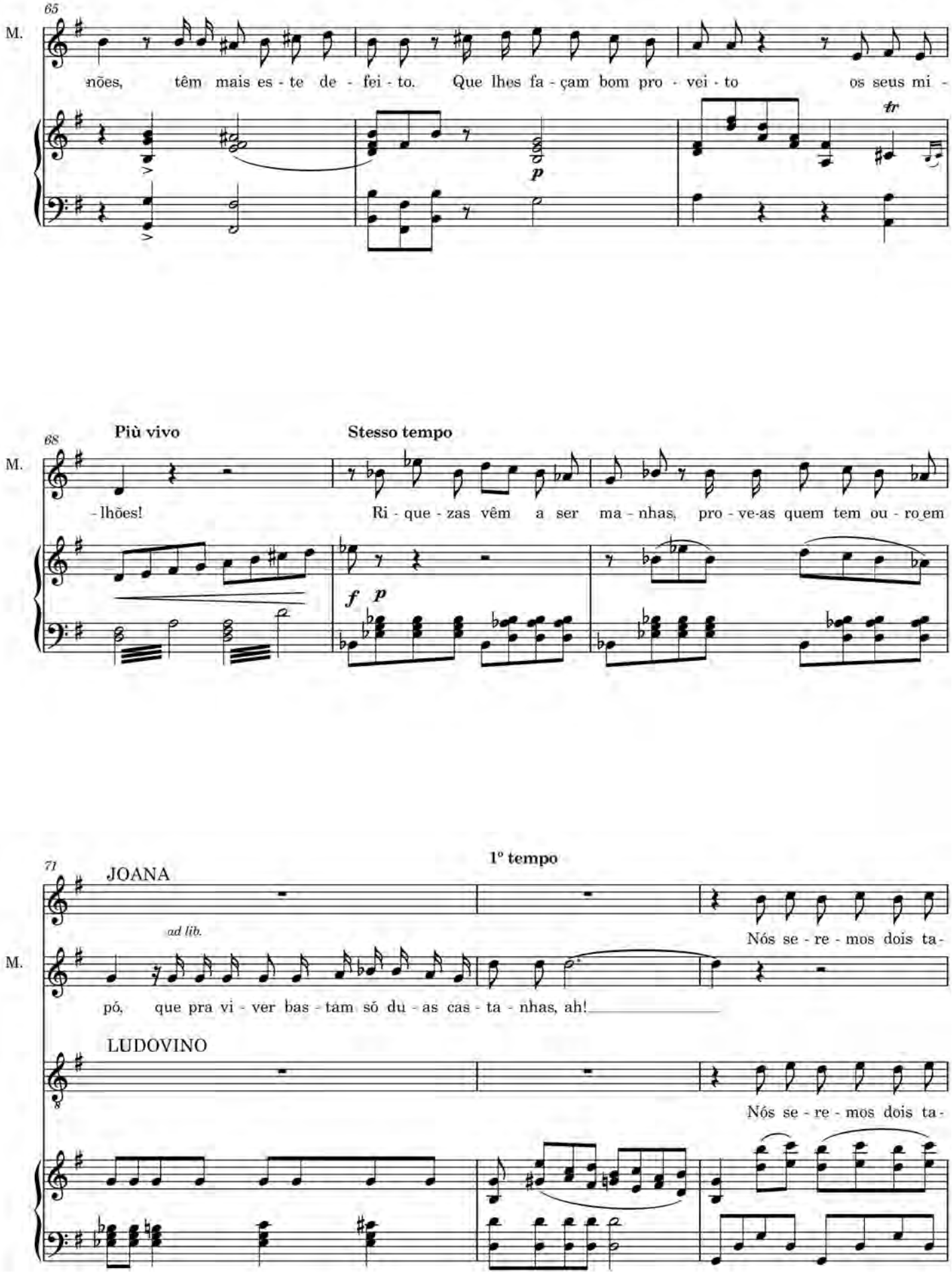




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



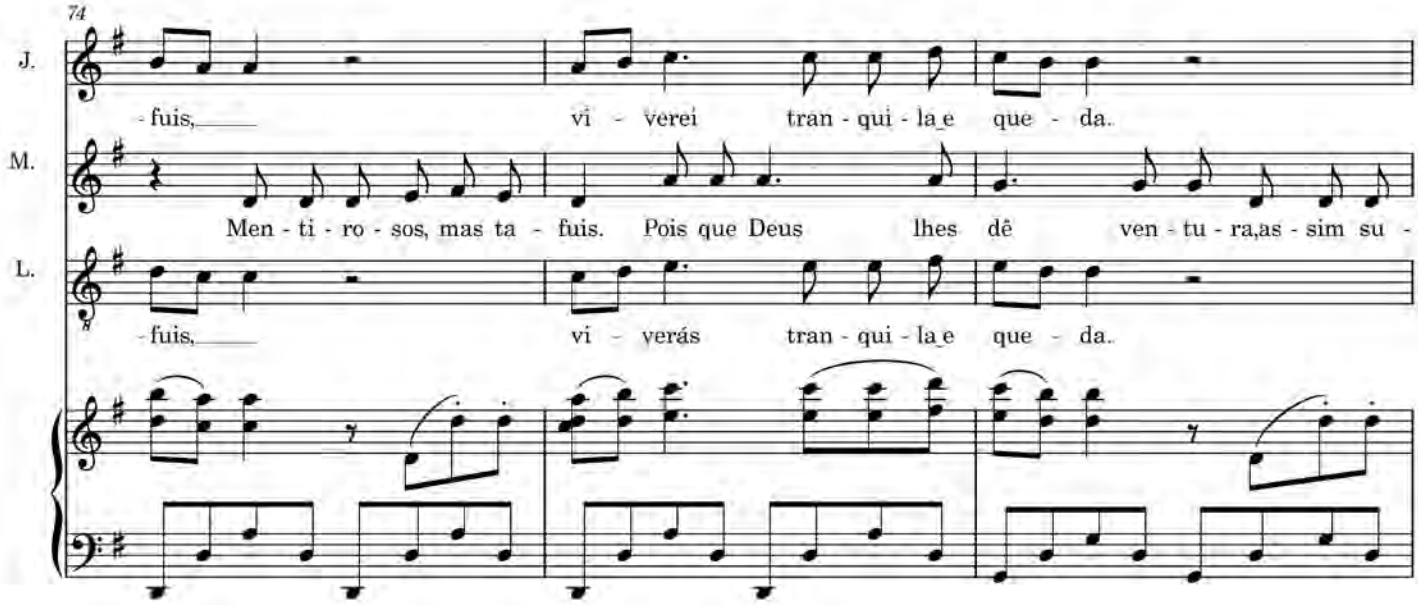
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
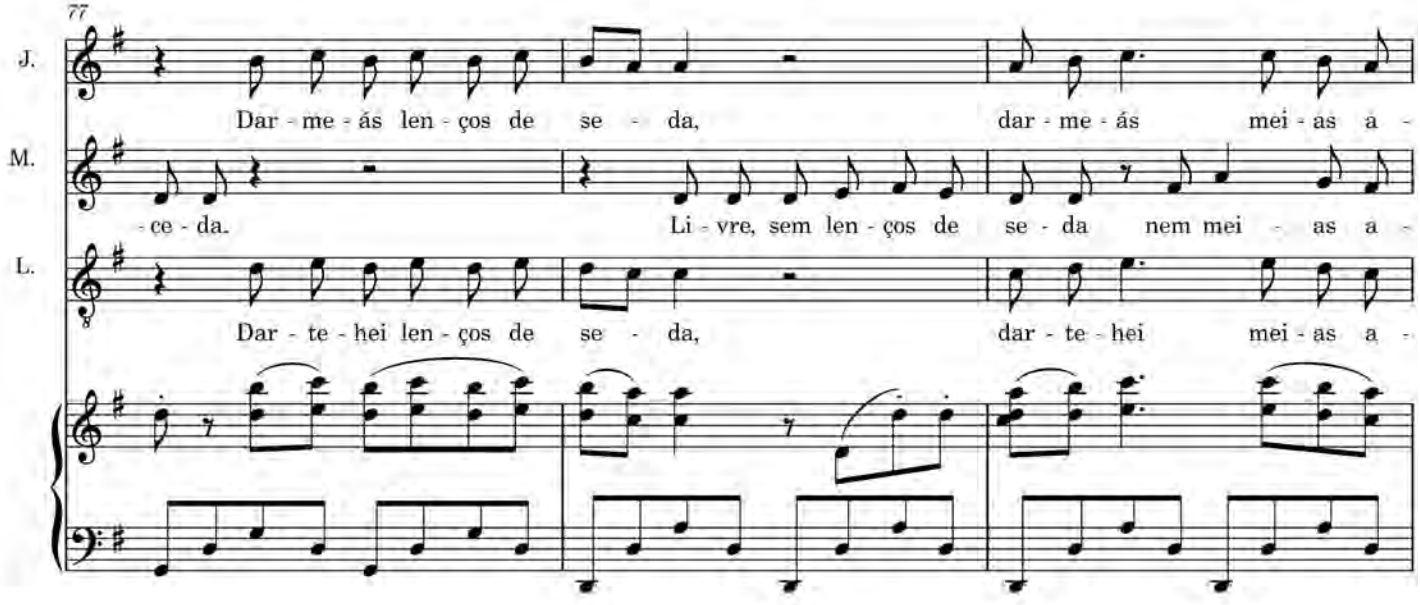


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
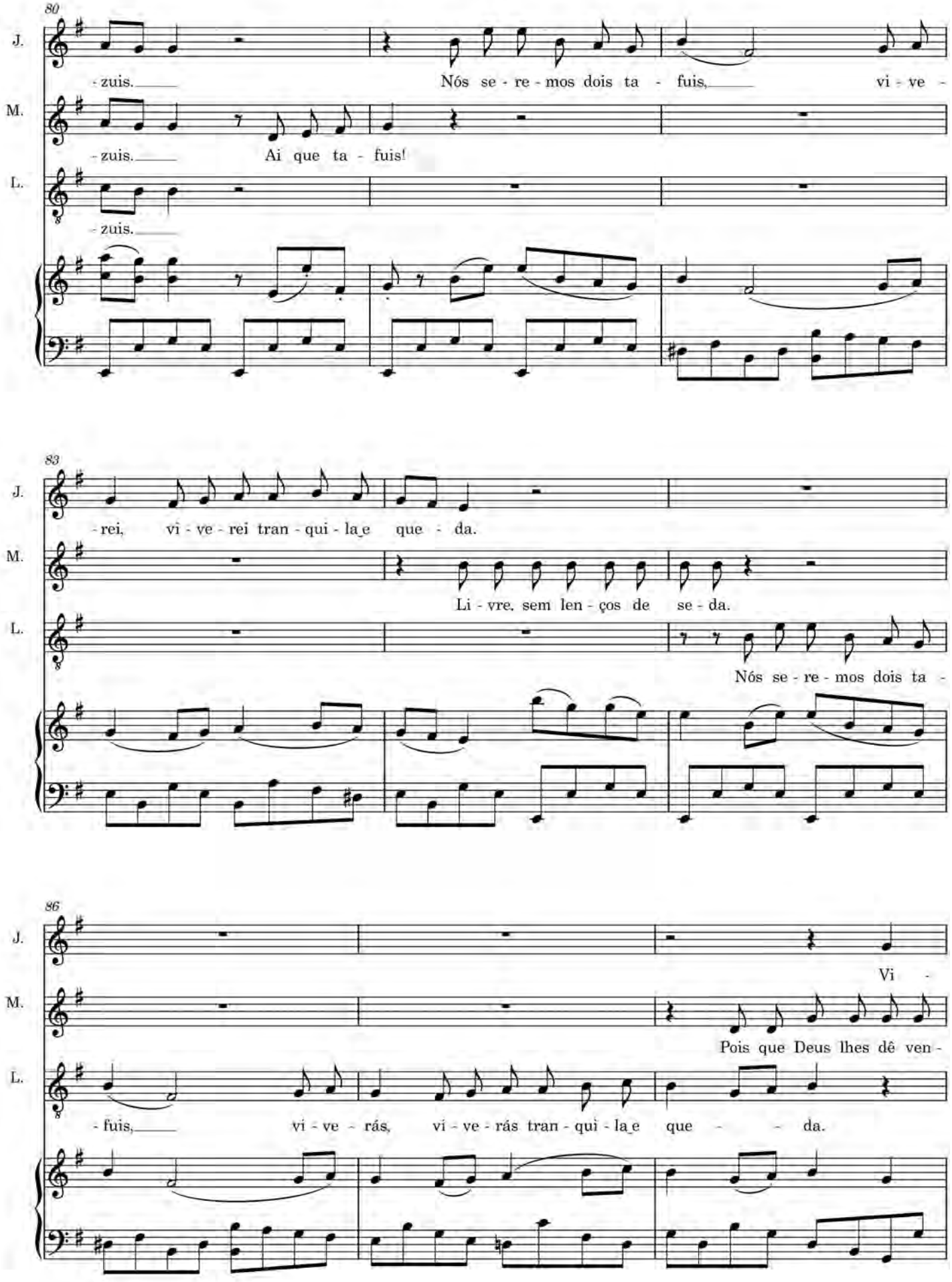


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
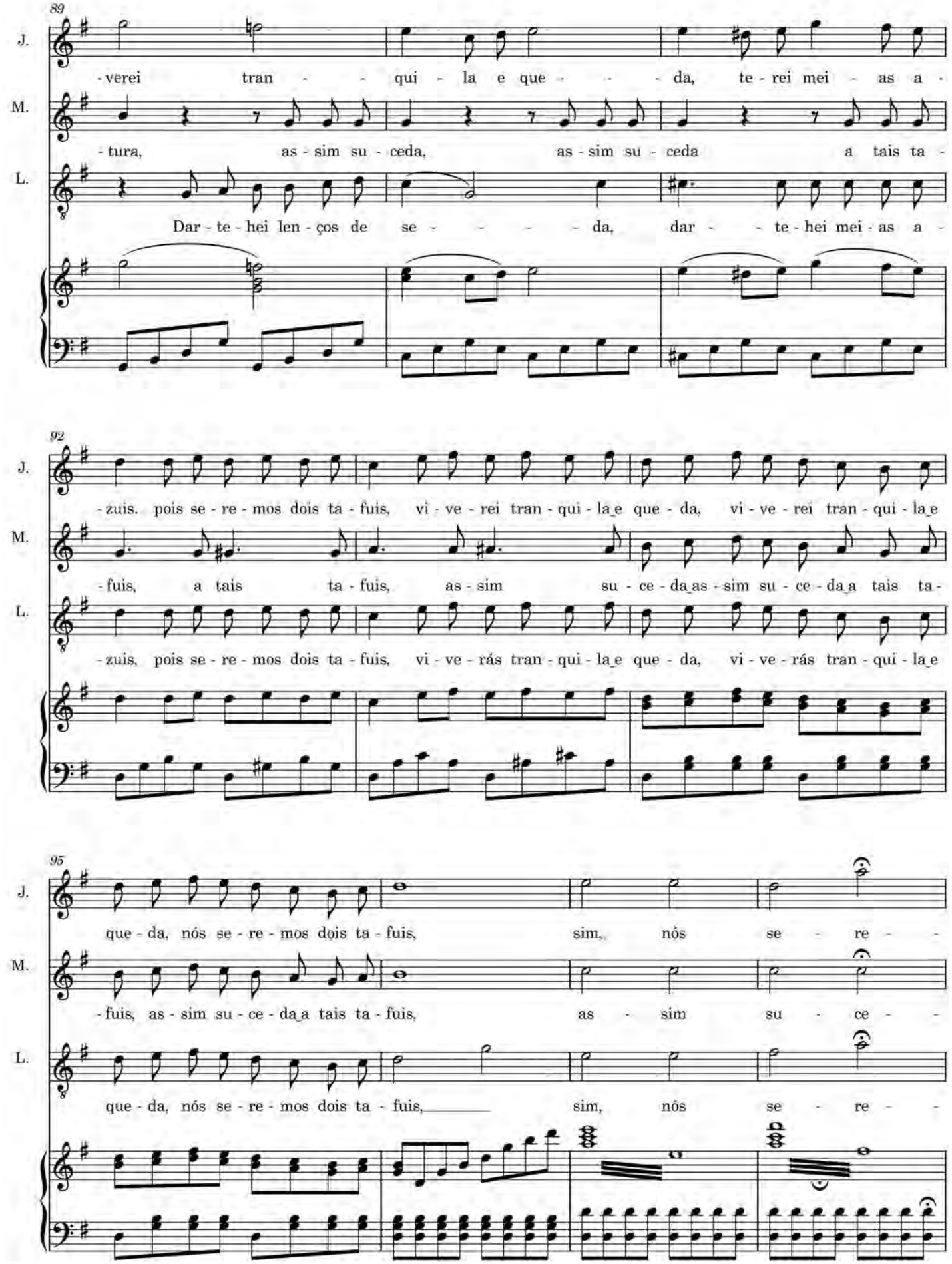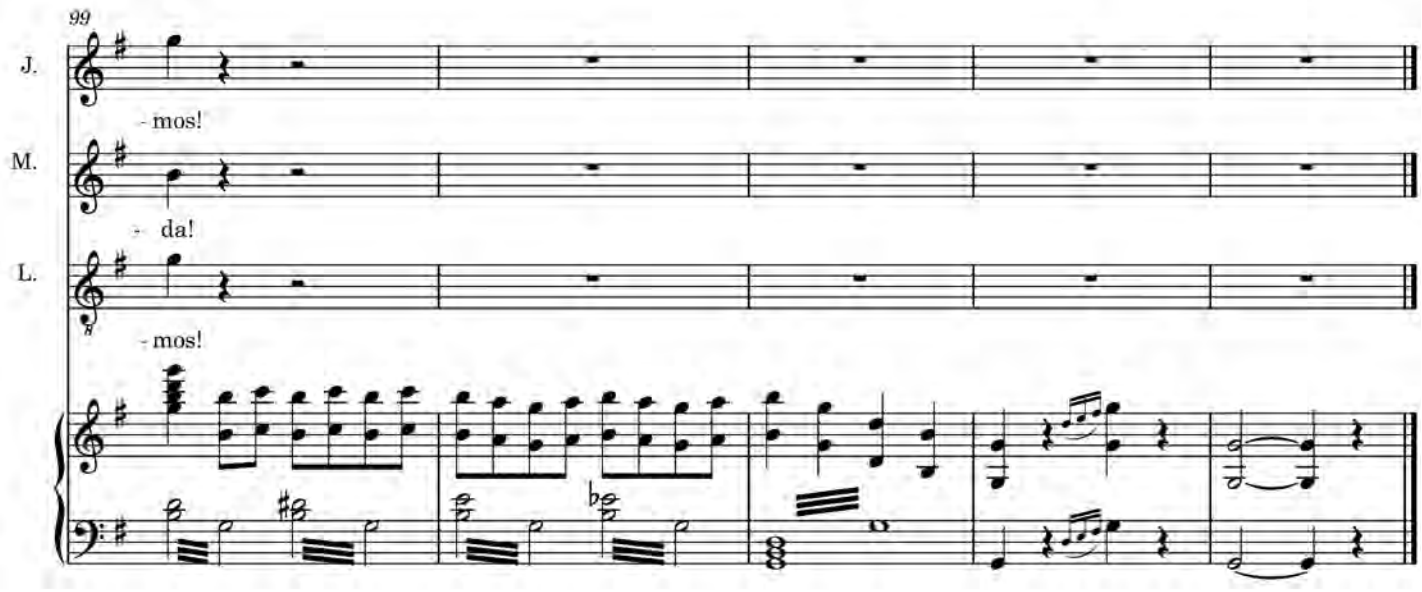




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
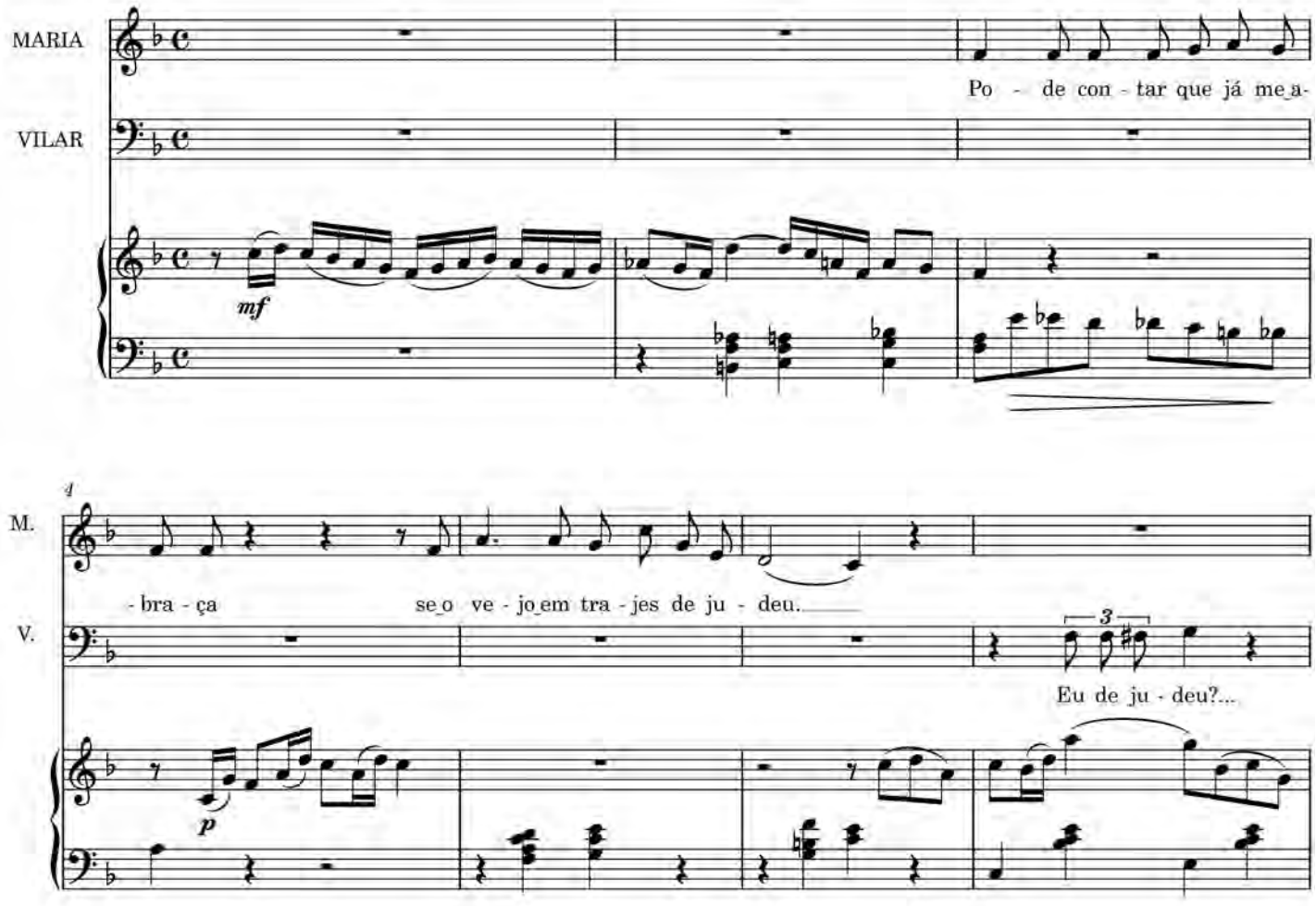


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
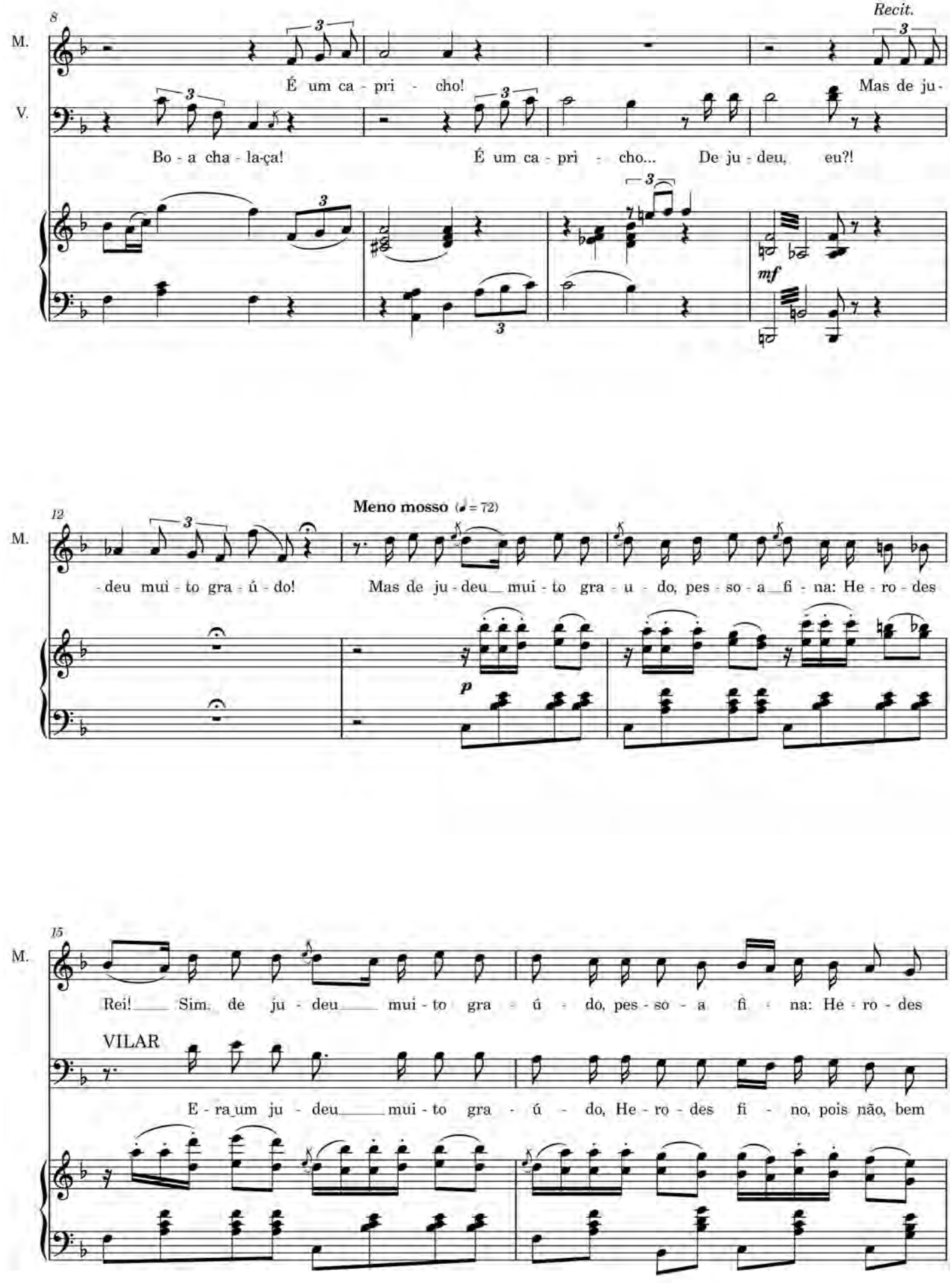


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
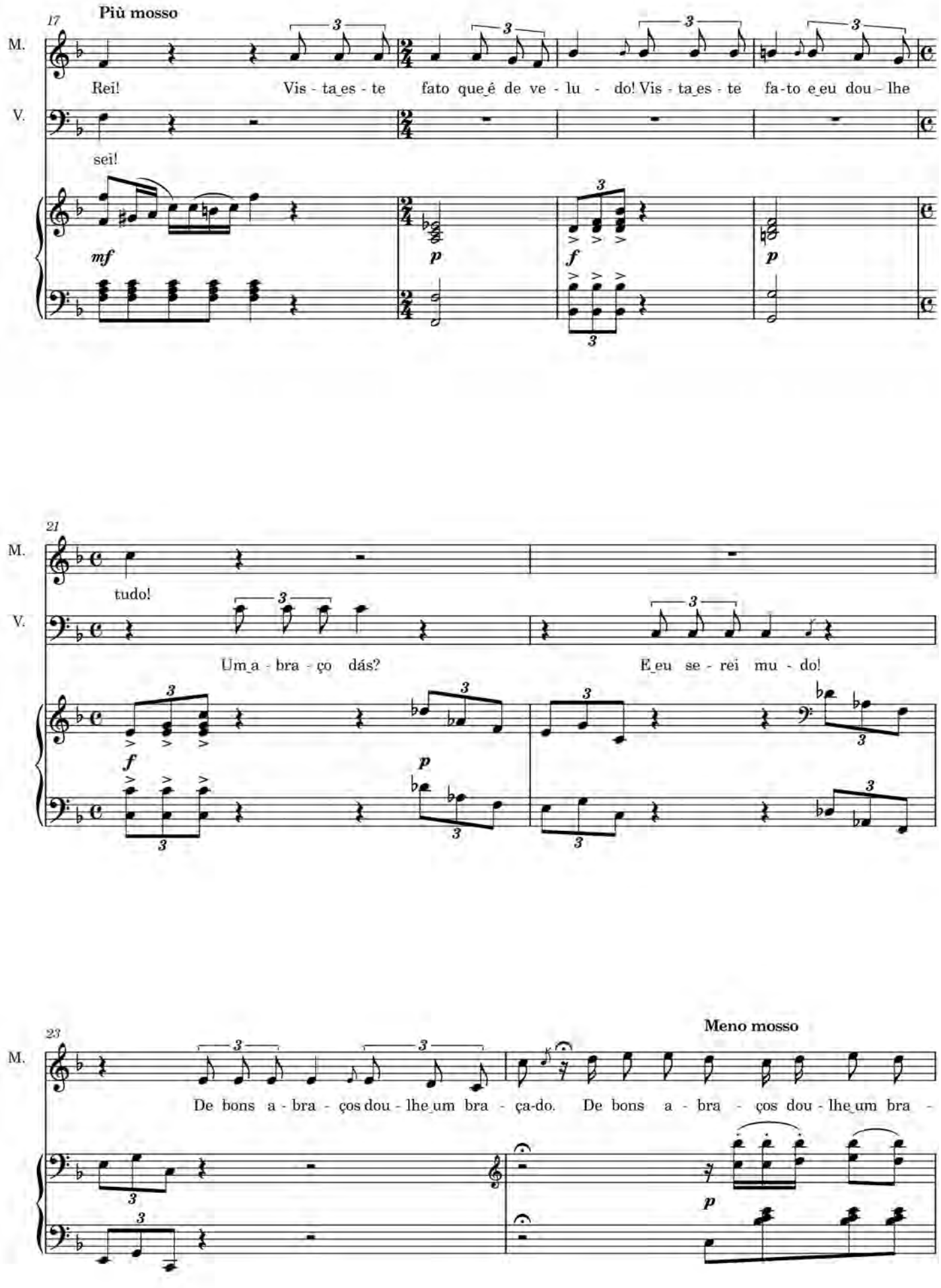


N.º 23 DUETO E COPLAS MARIA E VILAR
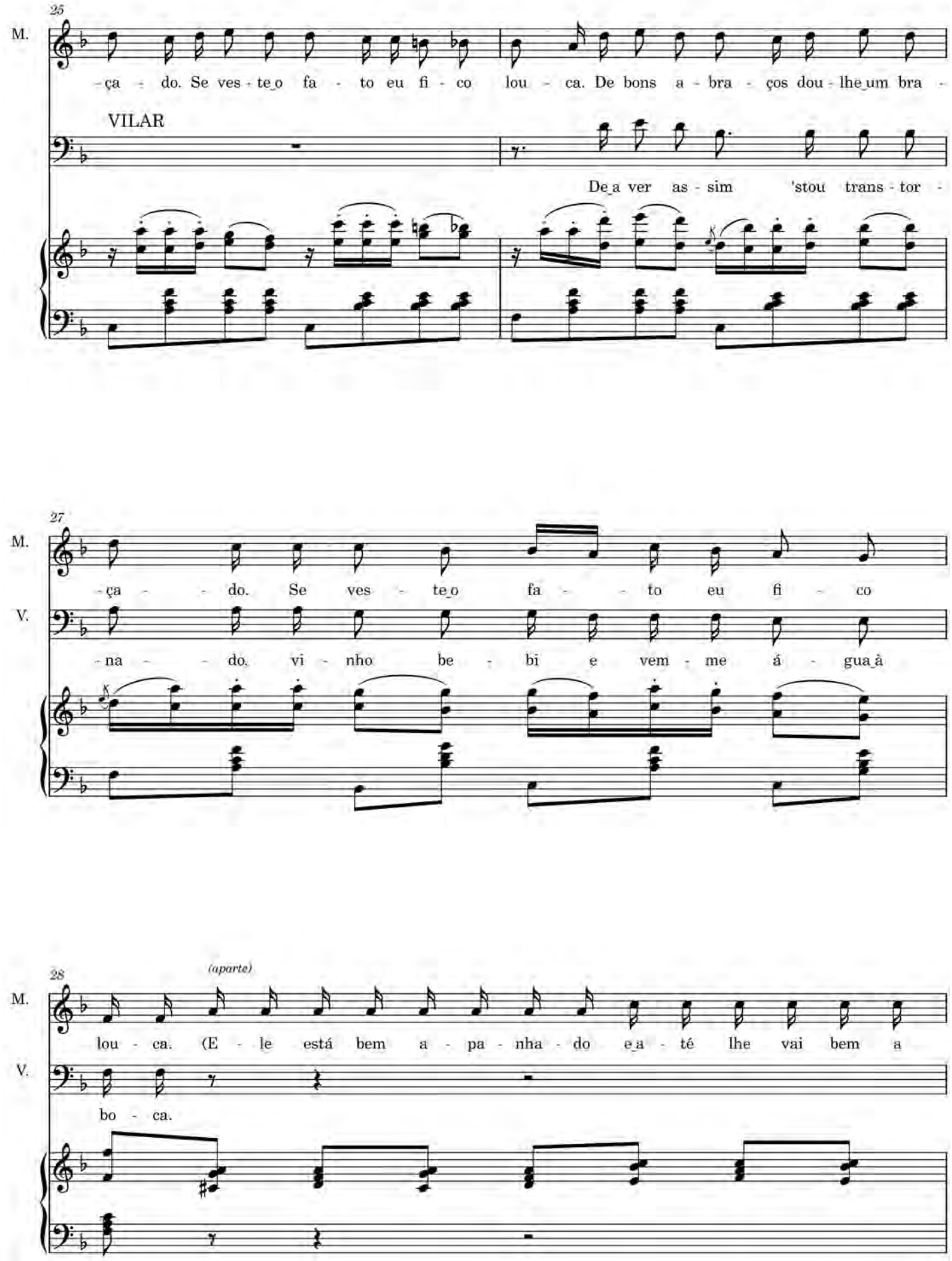


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
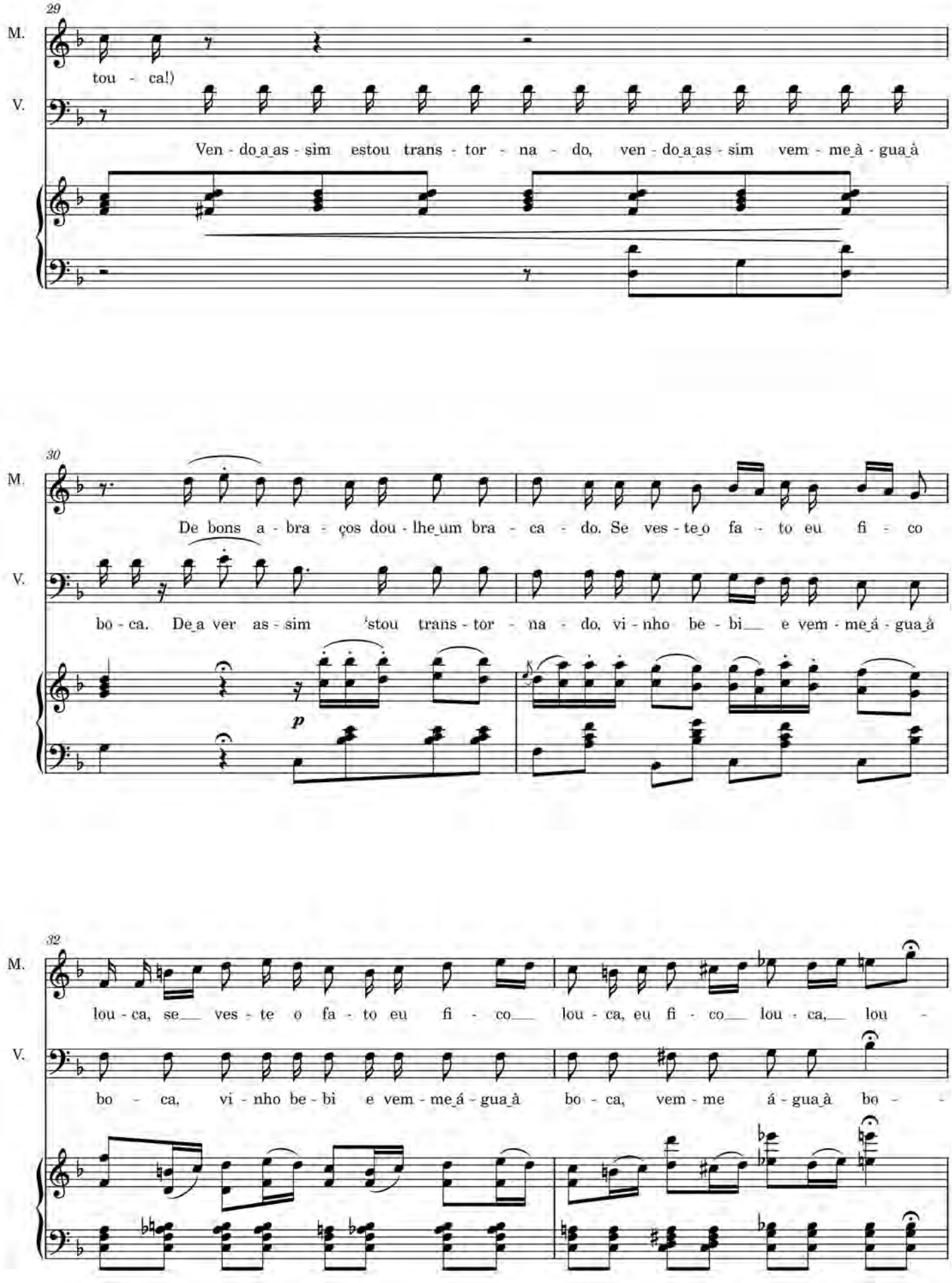


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
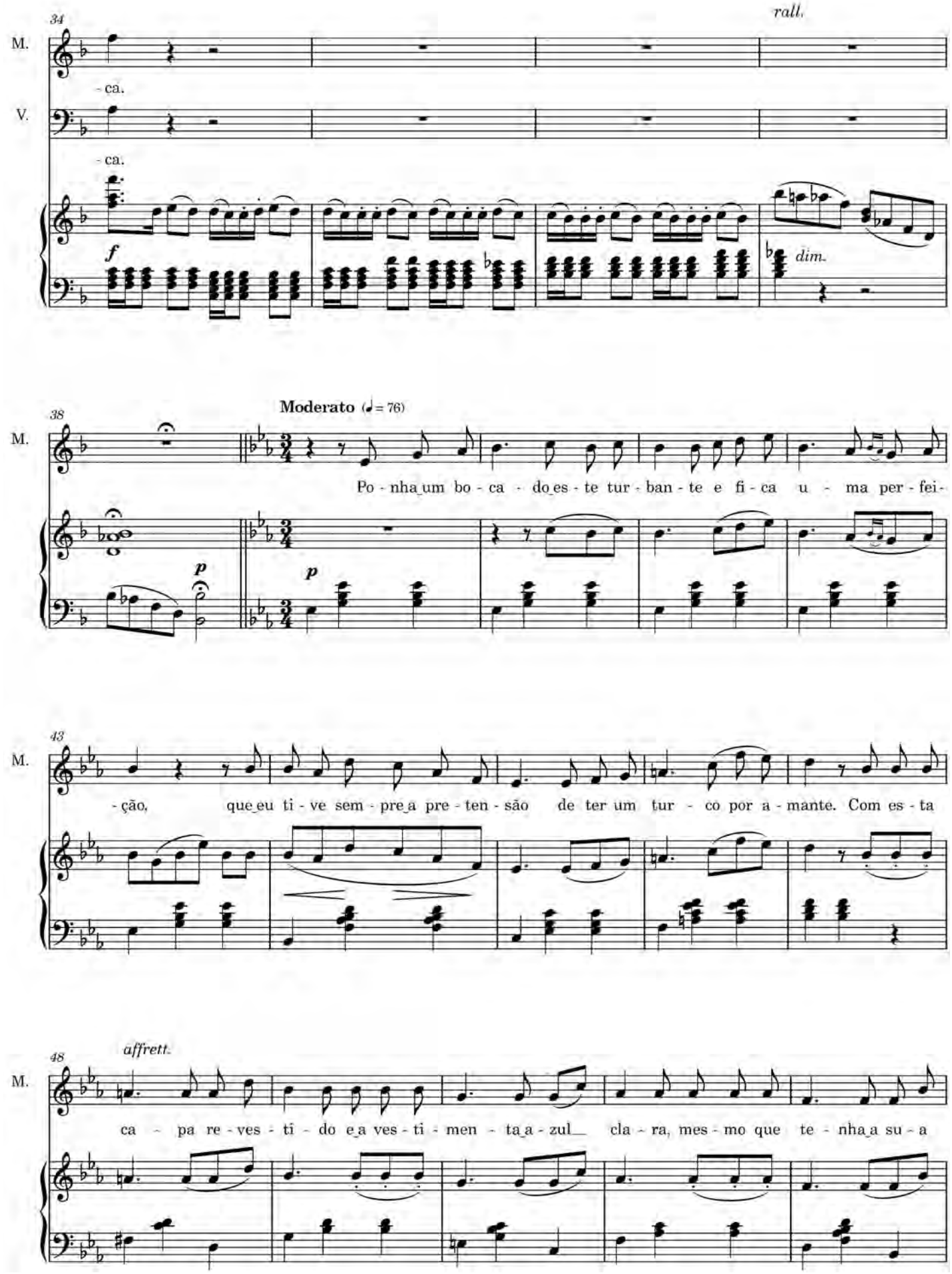


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
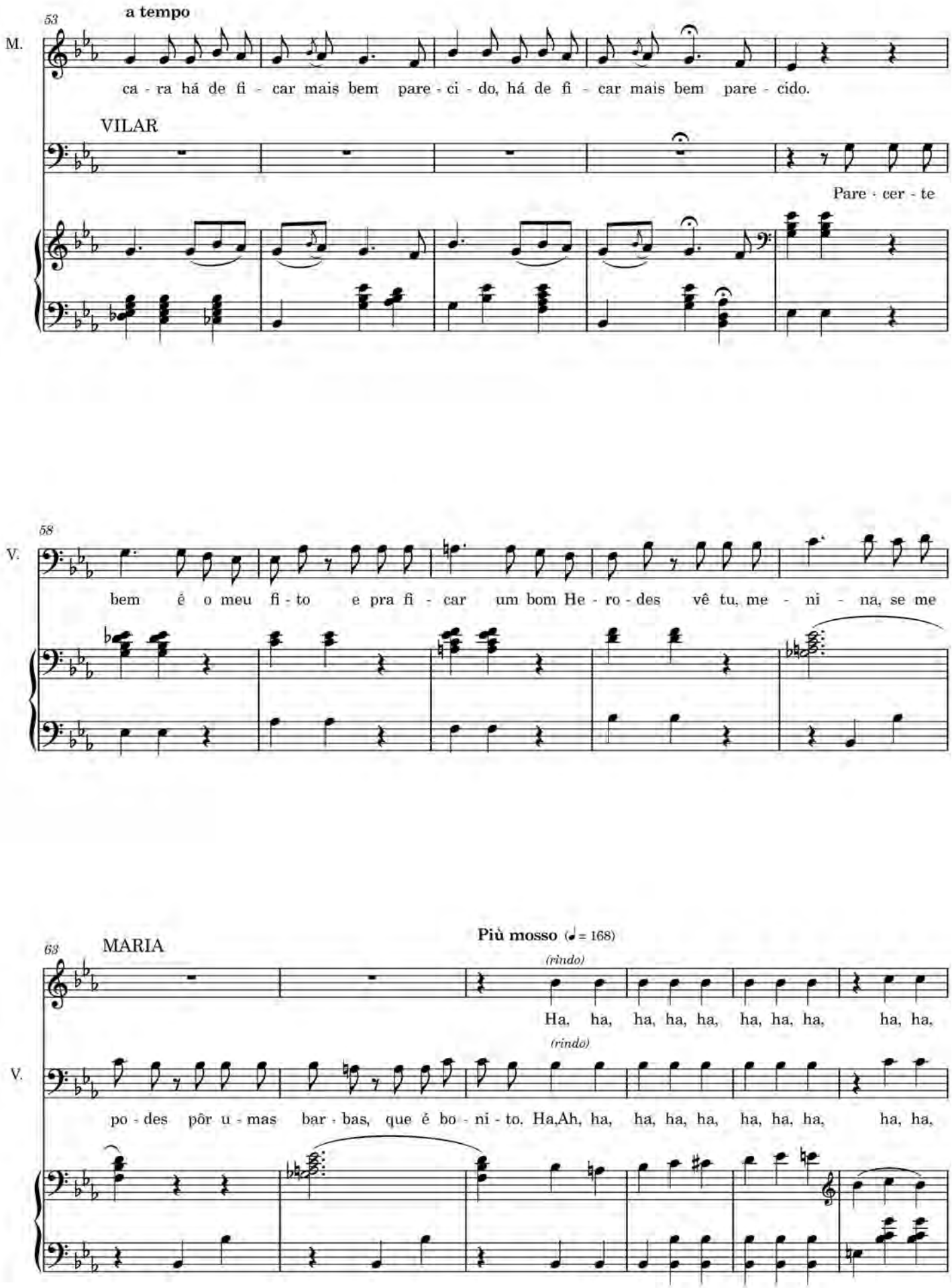


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
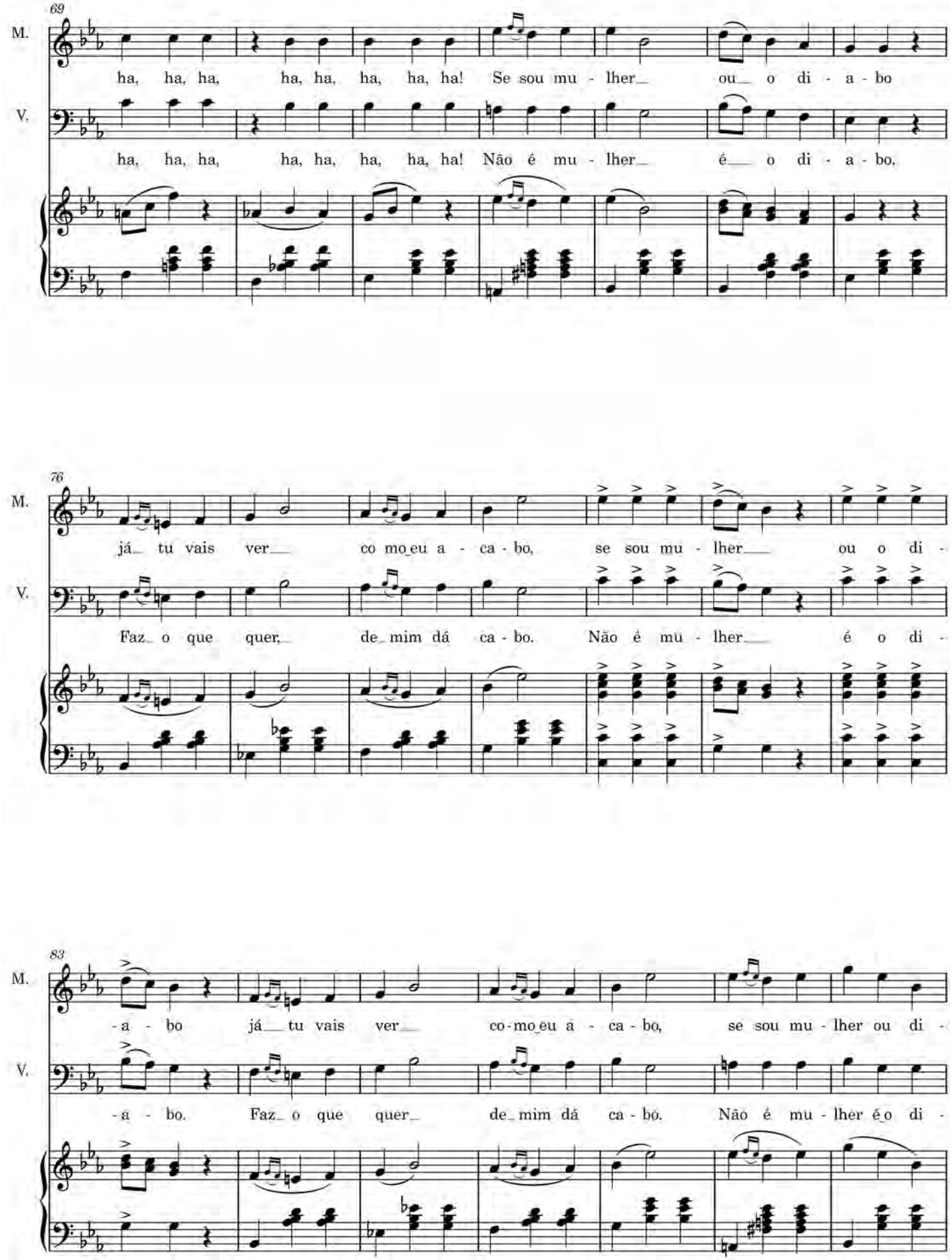


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
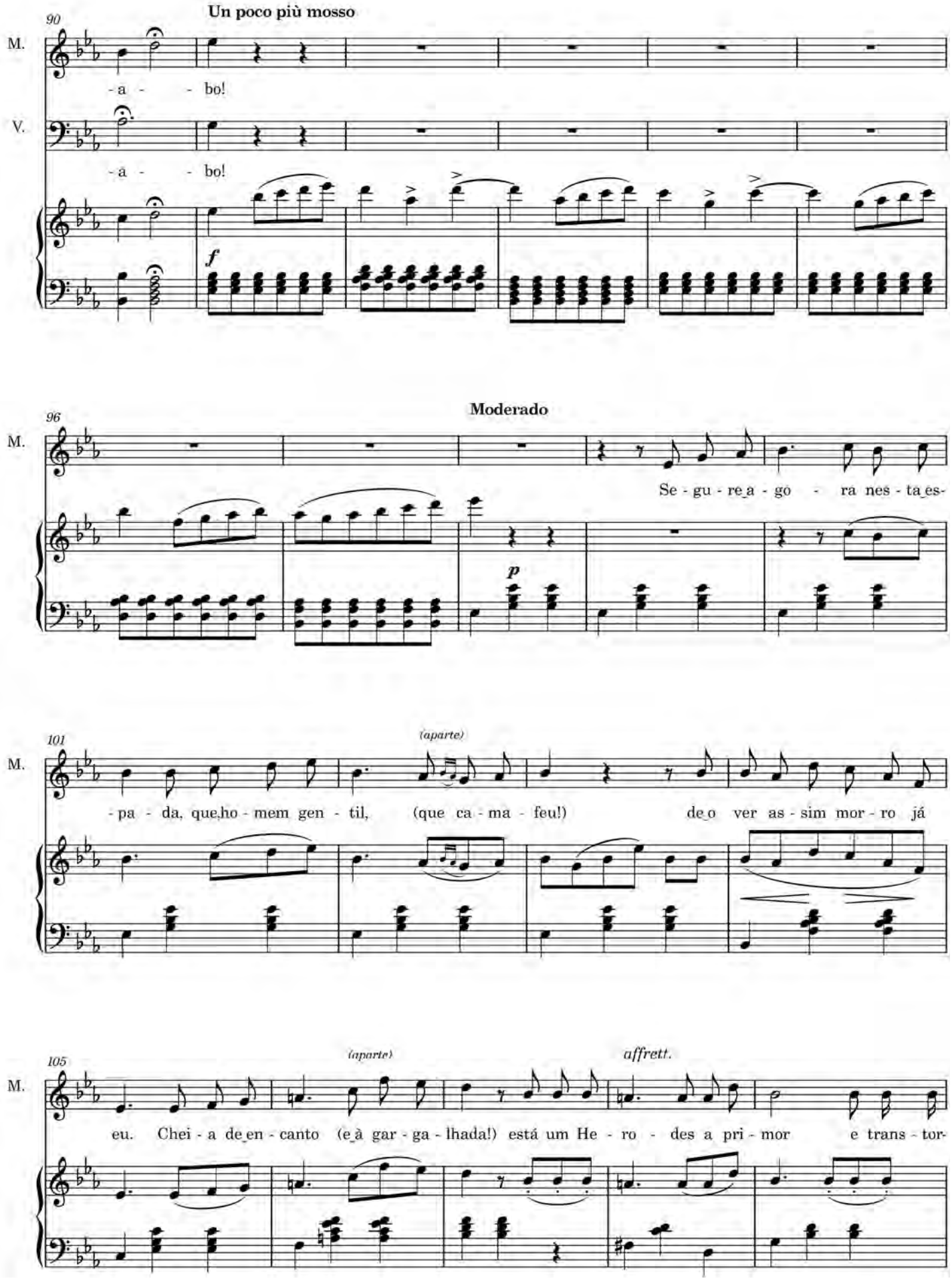


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
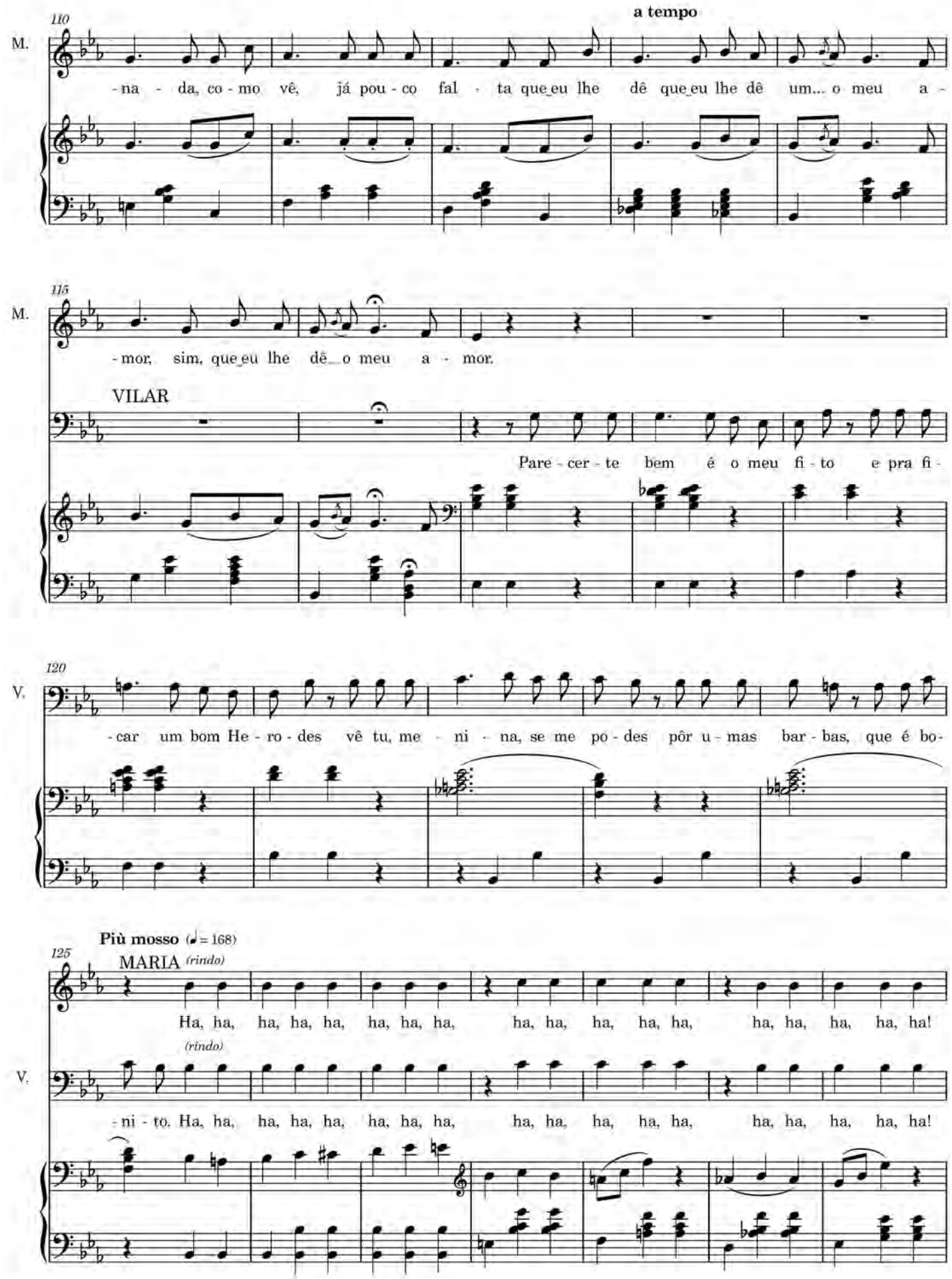


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
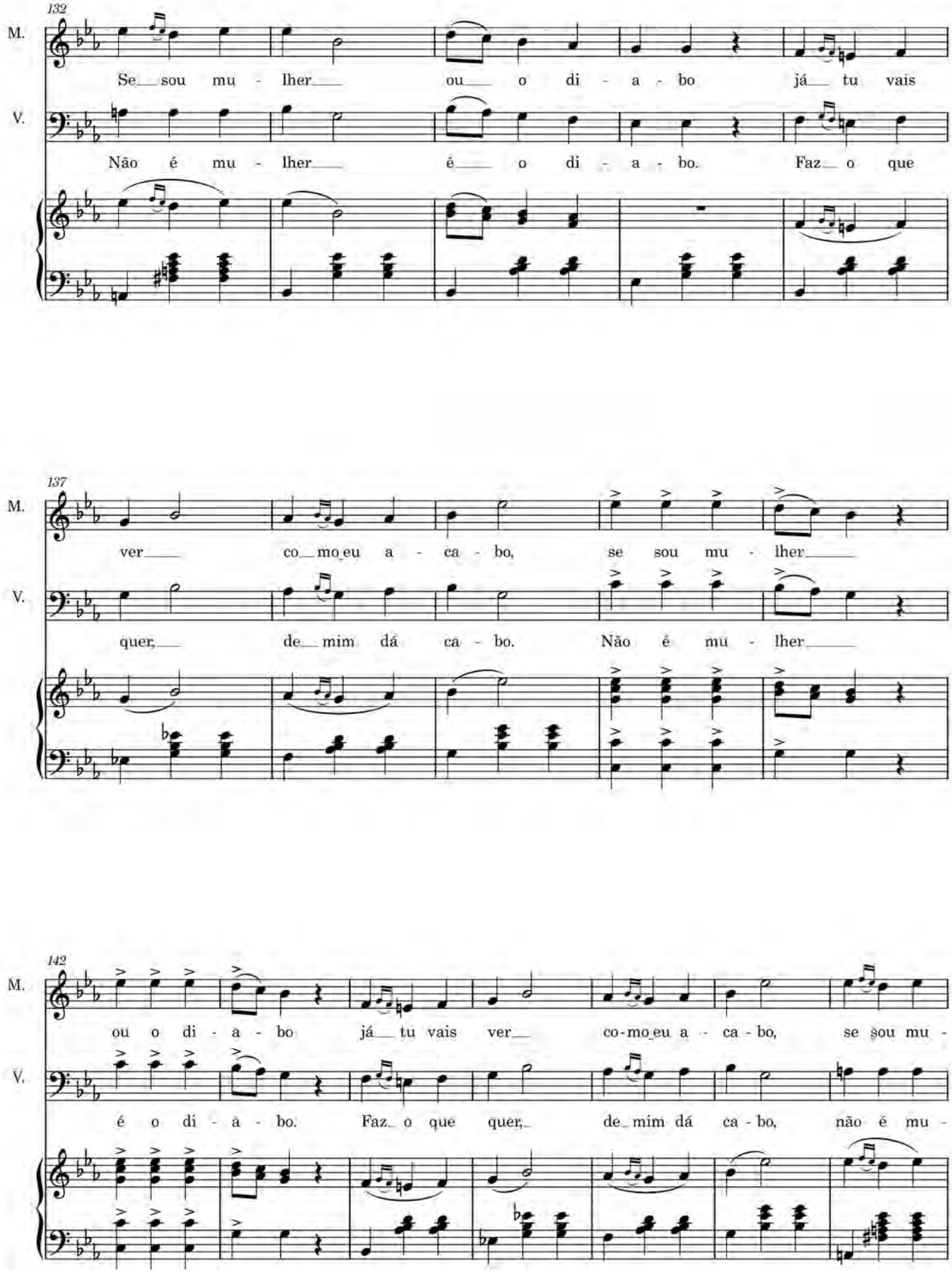


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
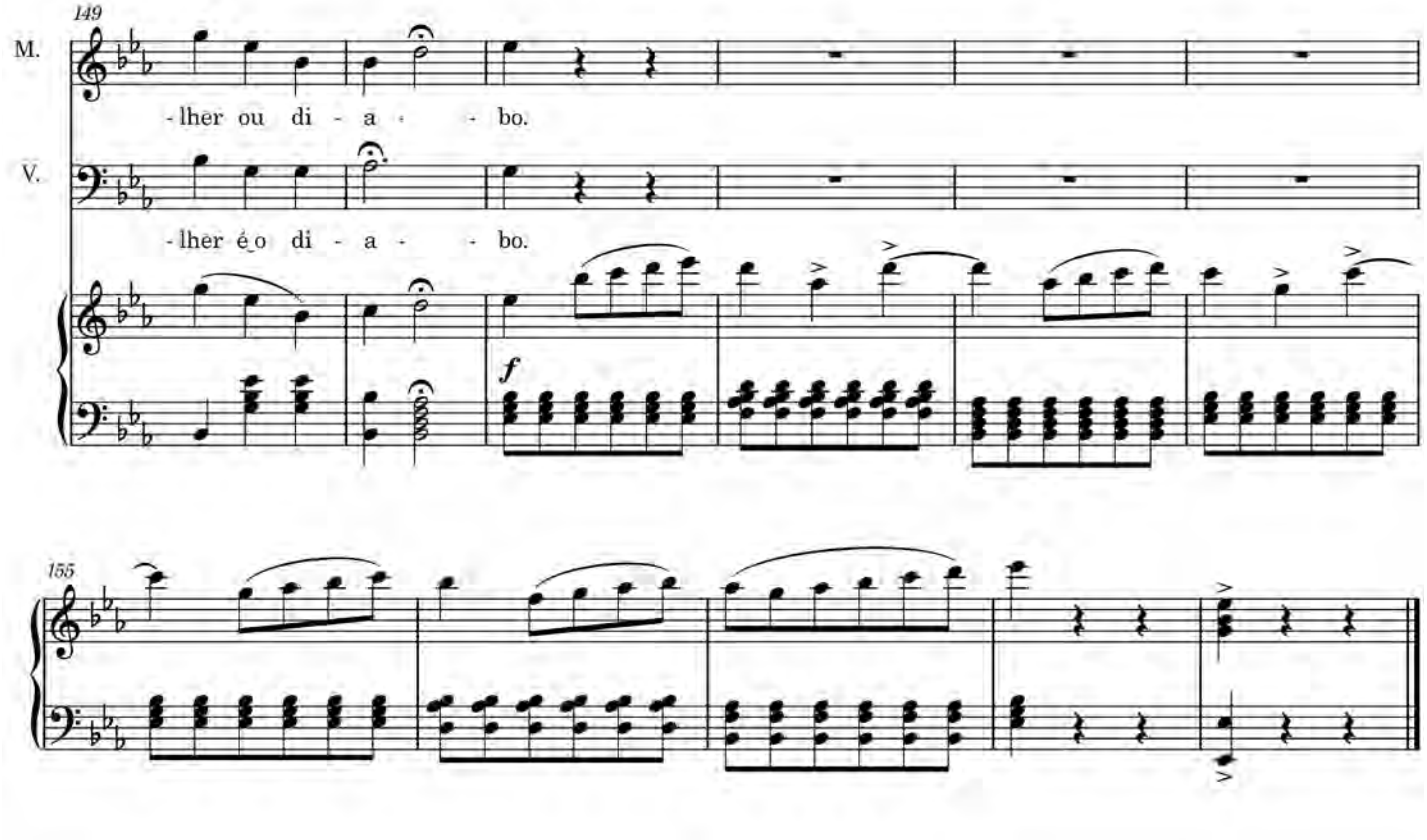


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
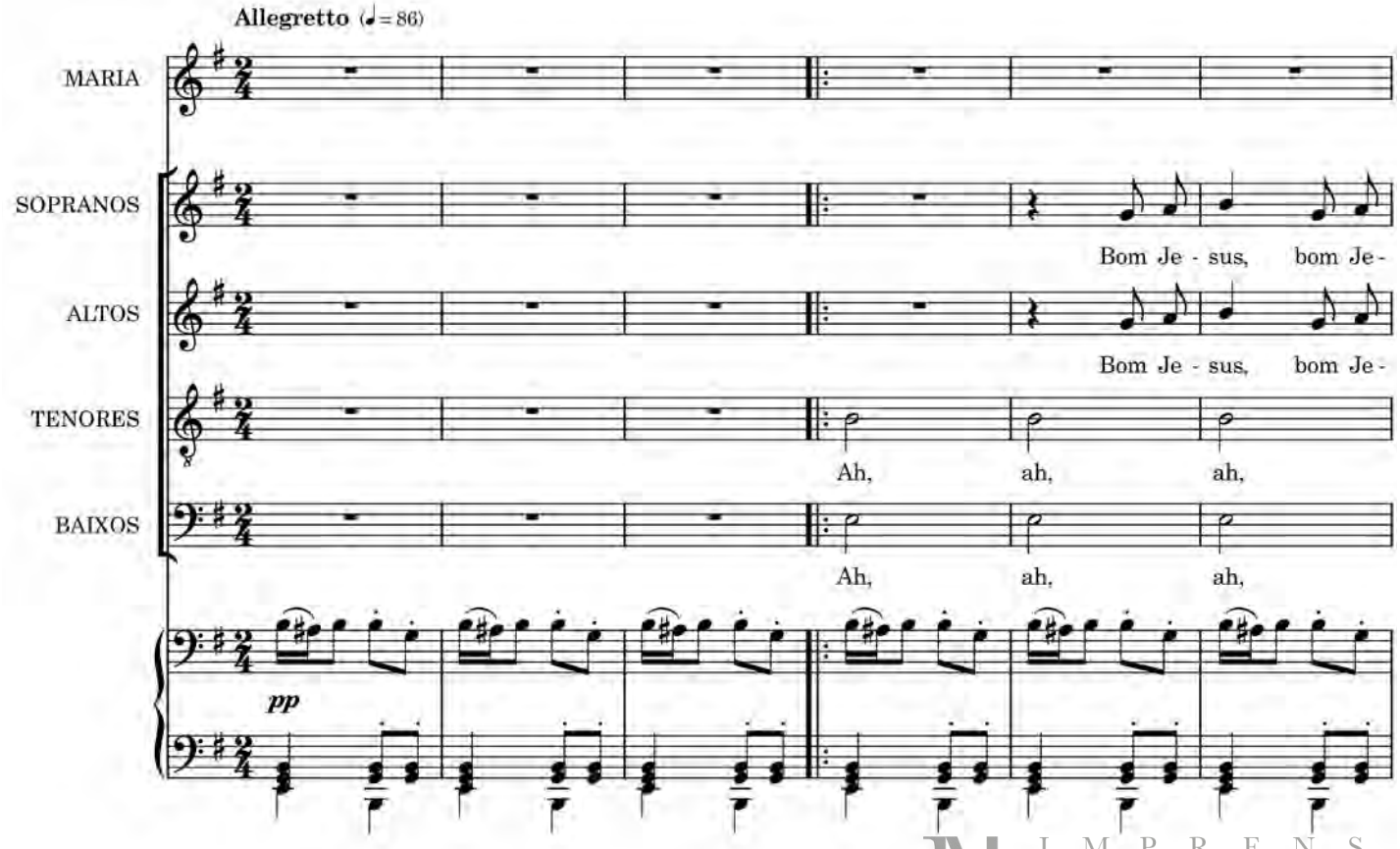


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
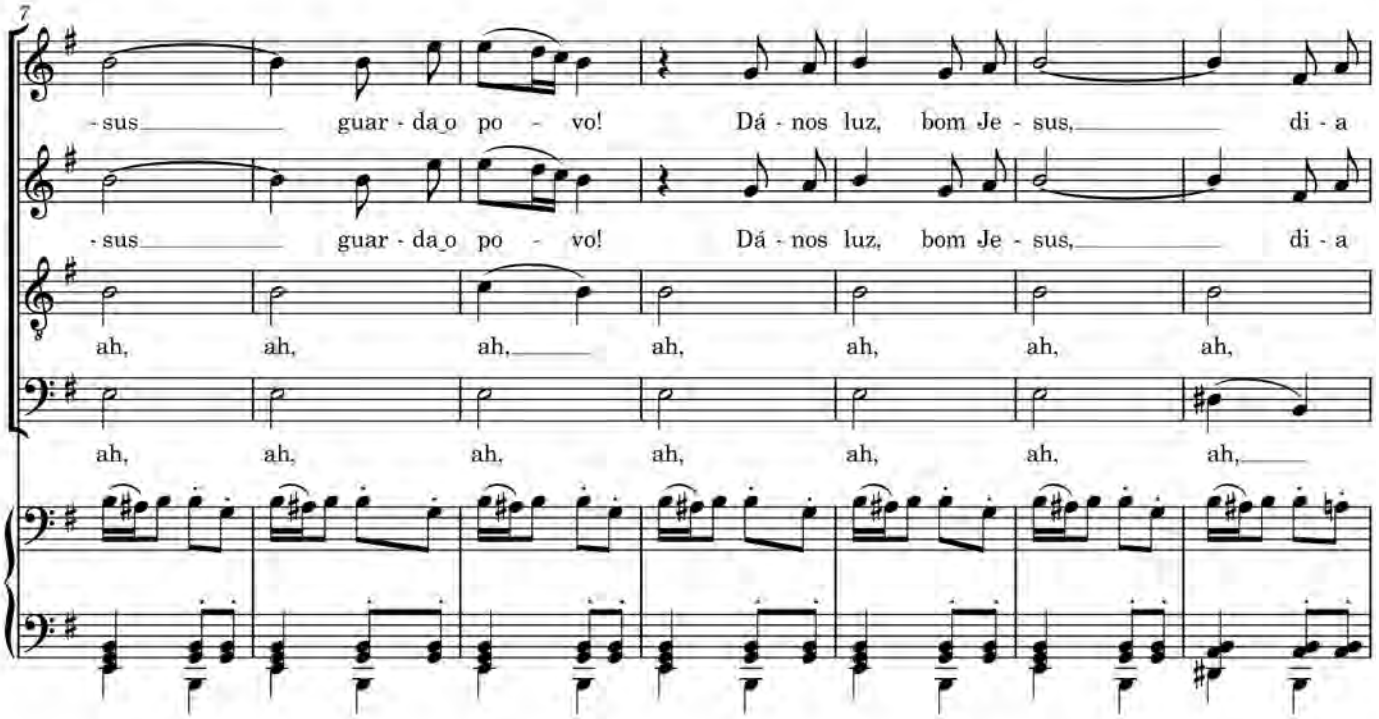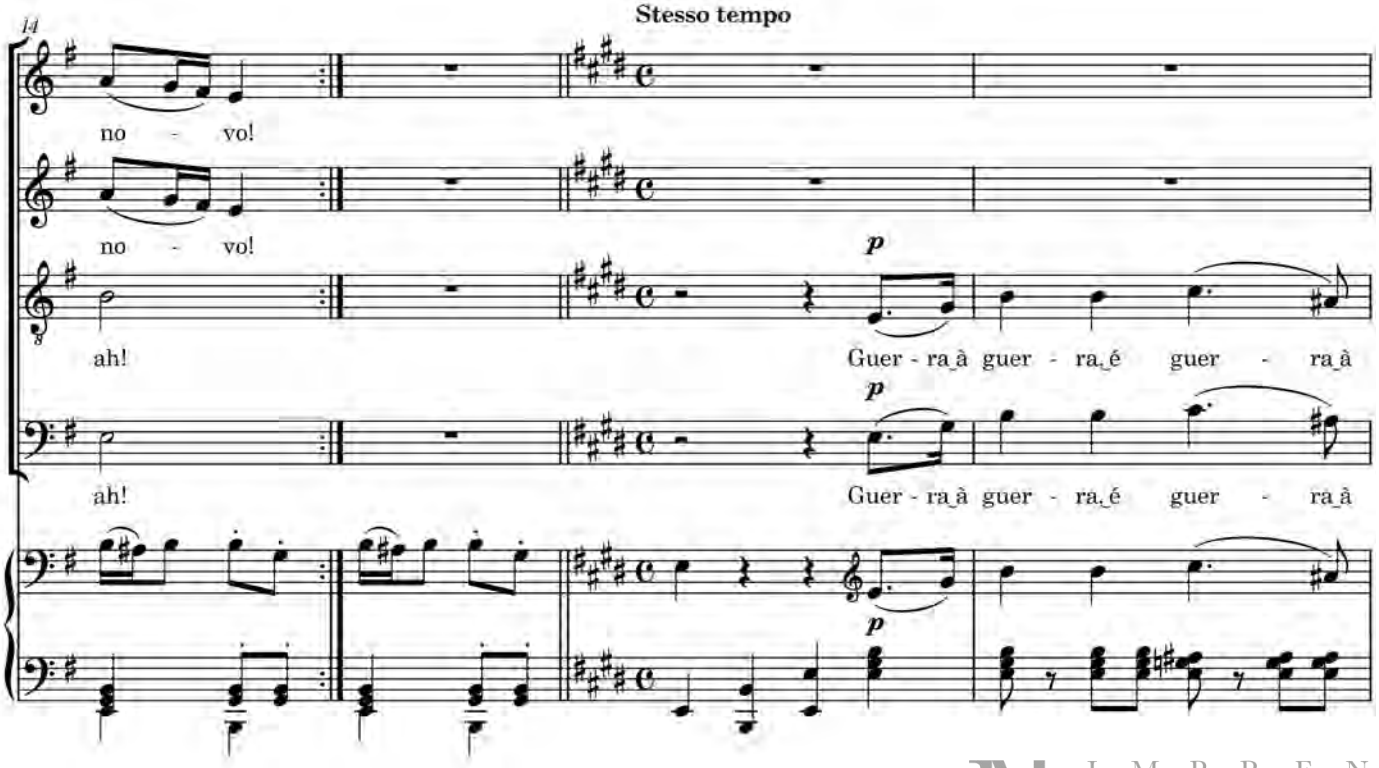


N.º 24 FINAL III
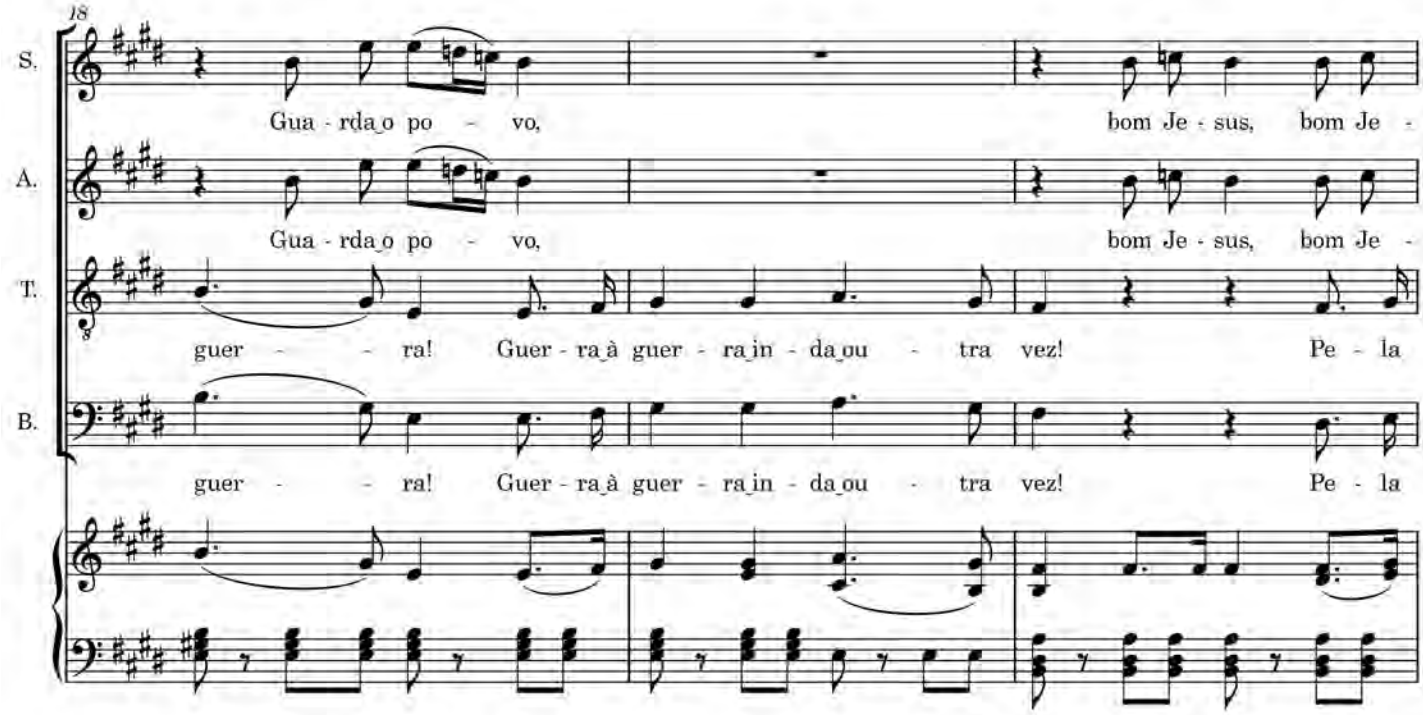


IMPRENSA NACIONAL
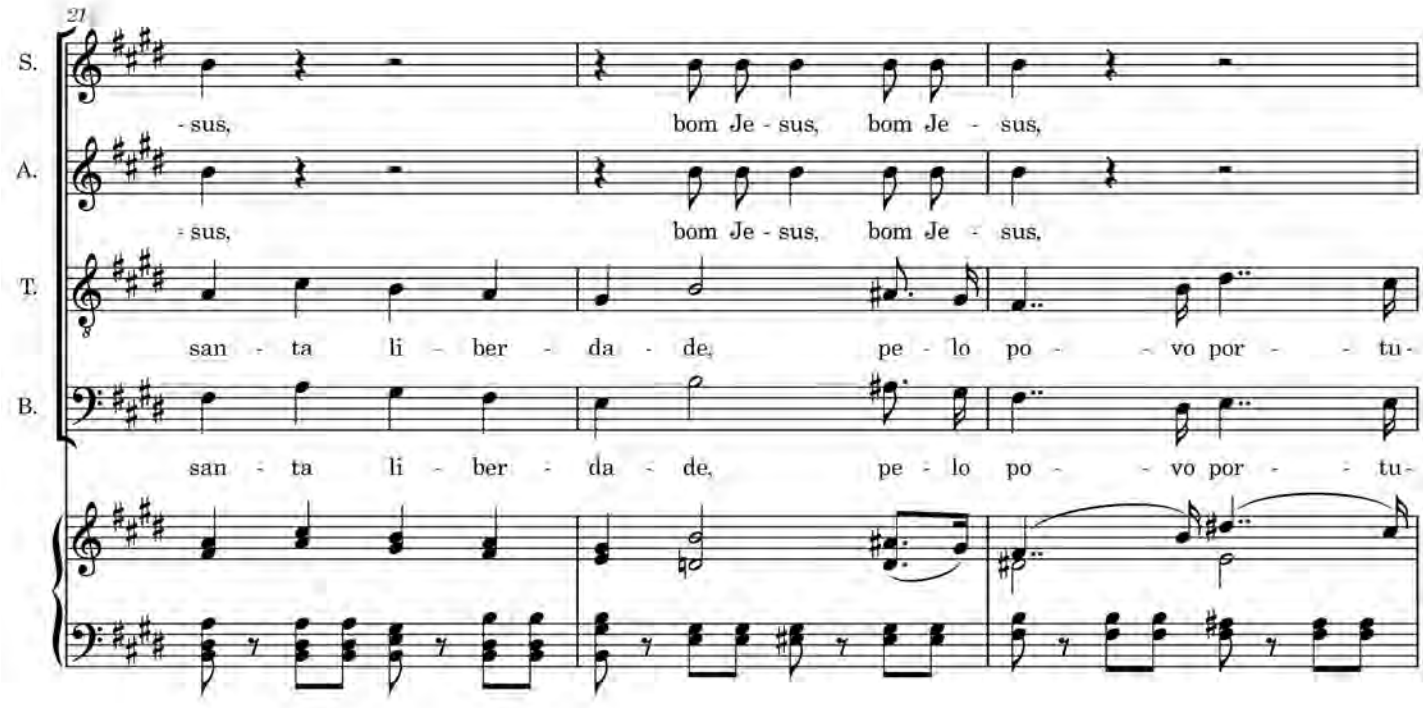
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
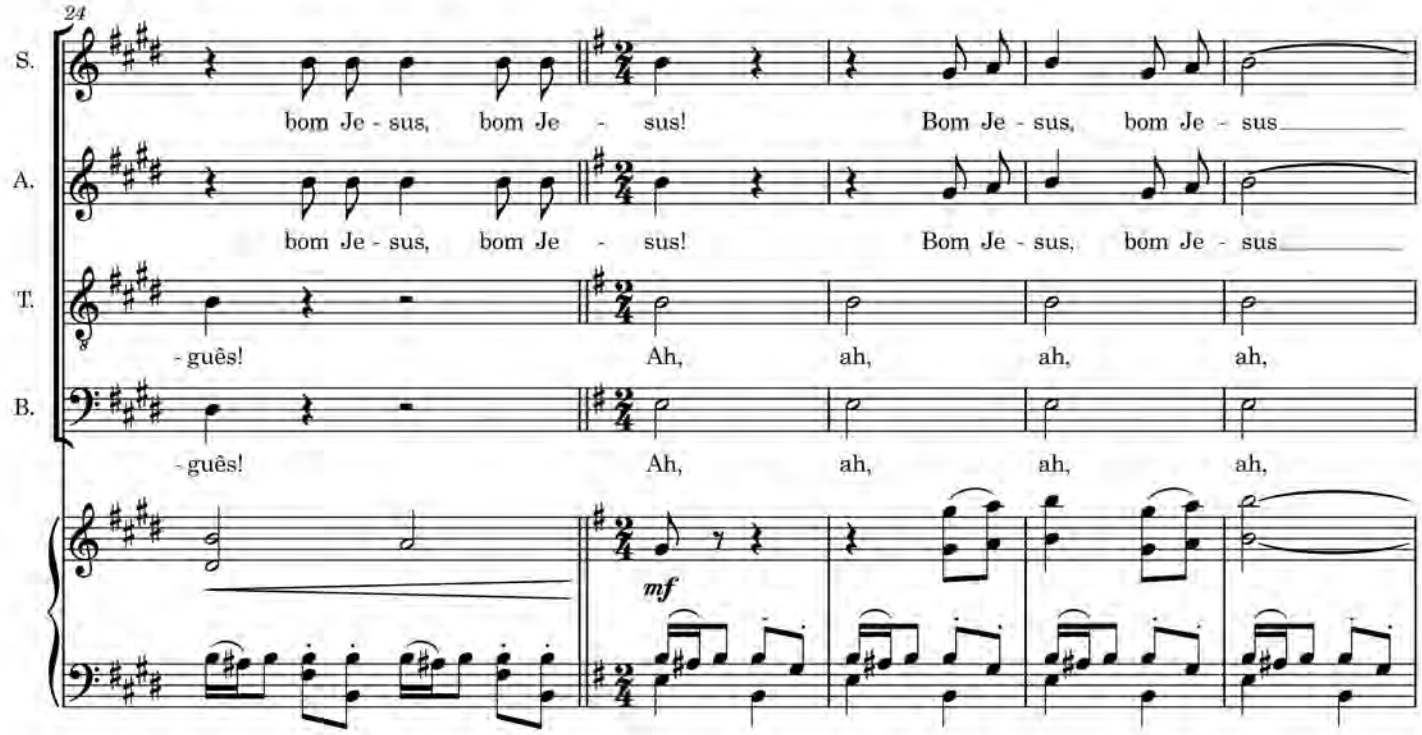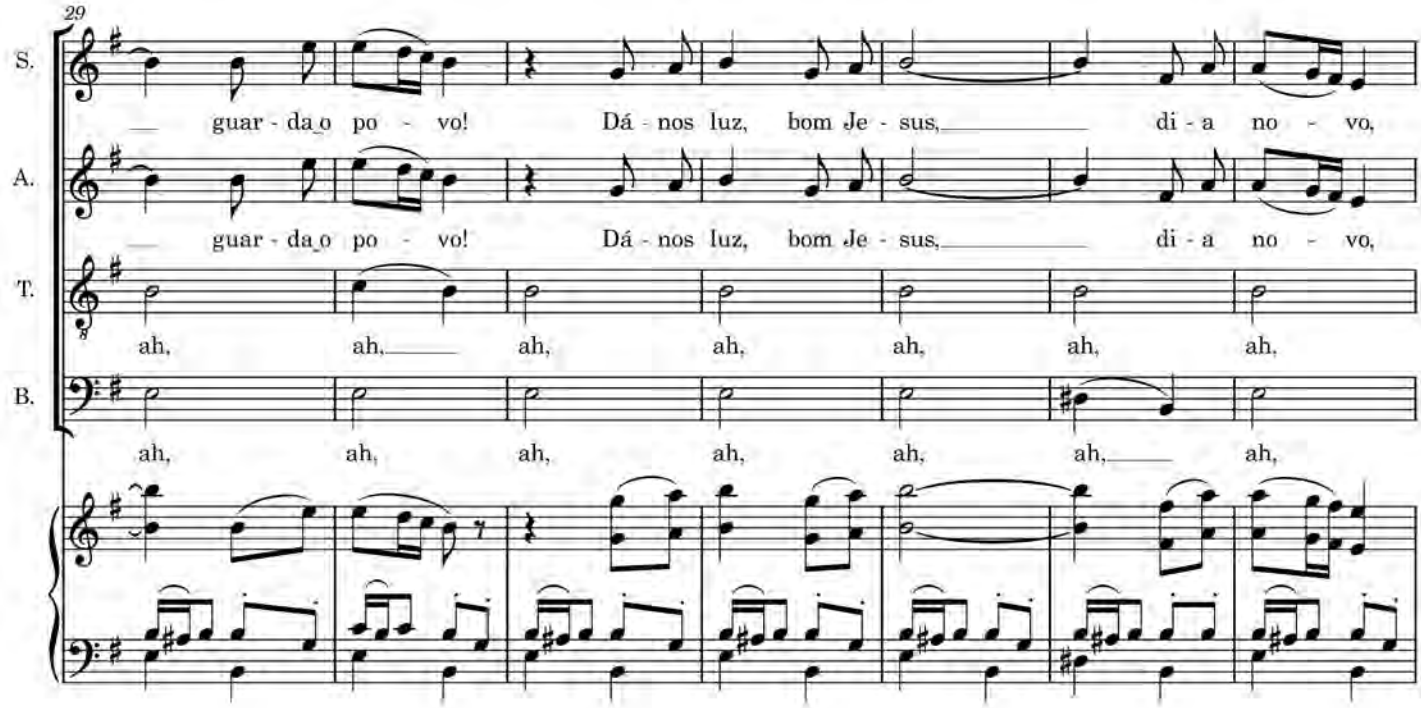




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



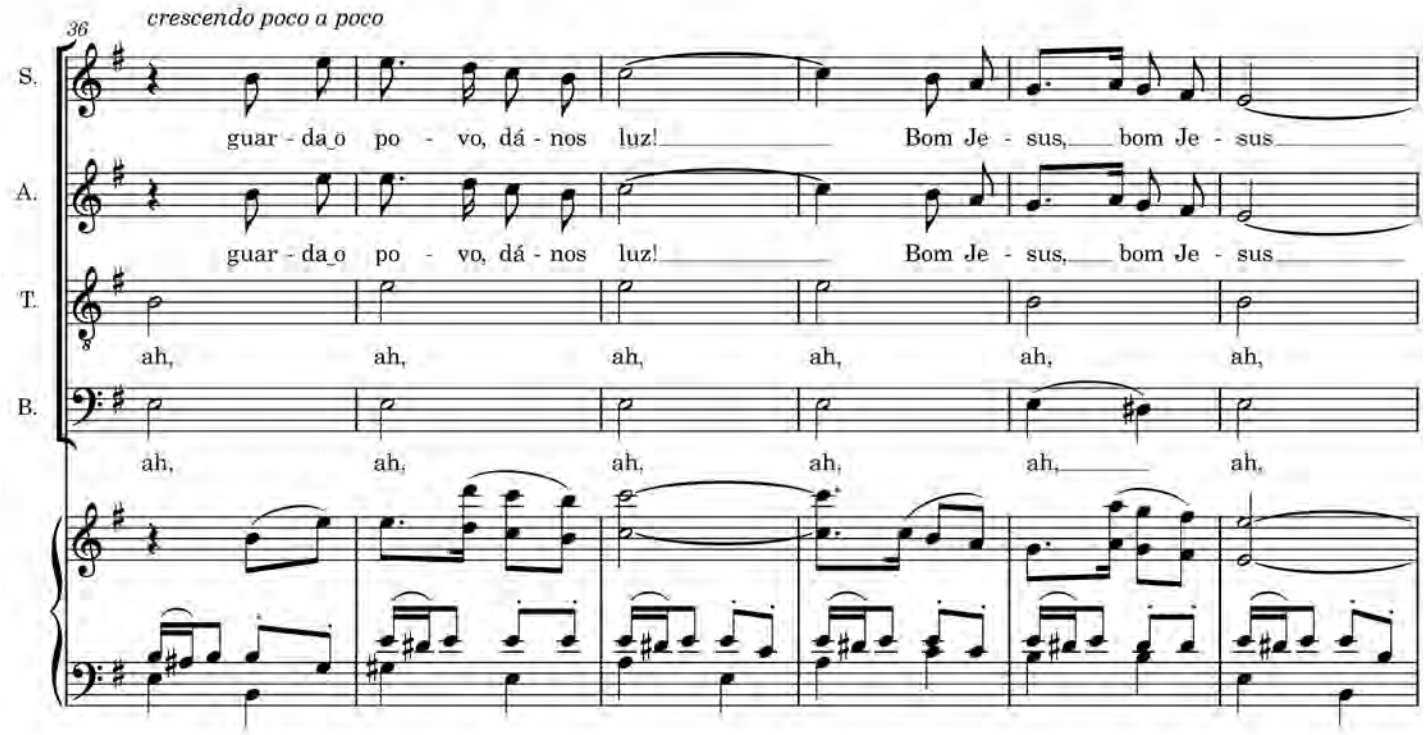


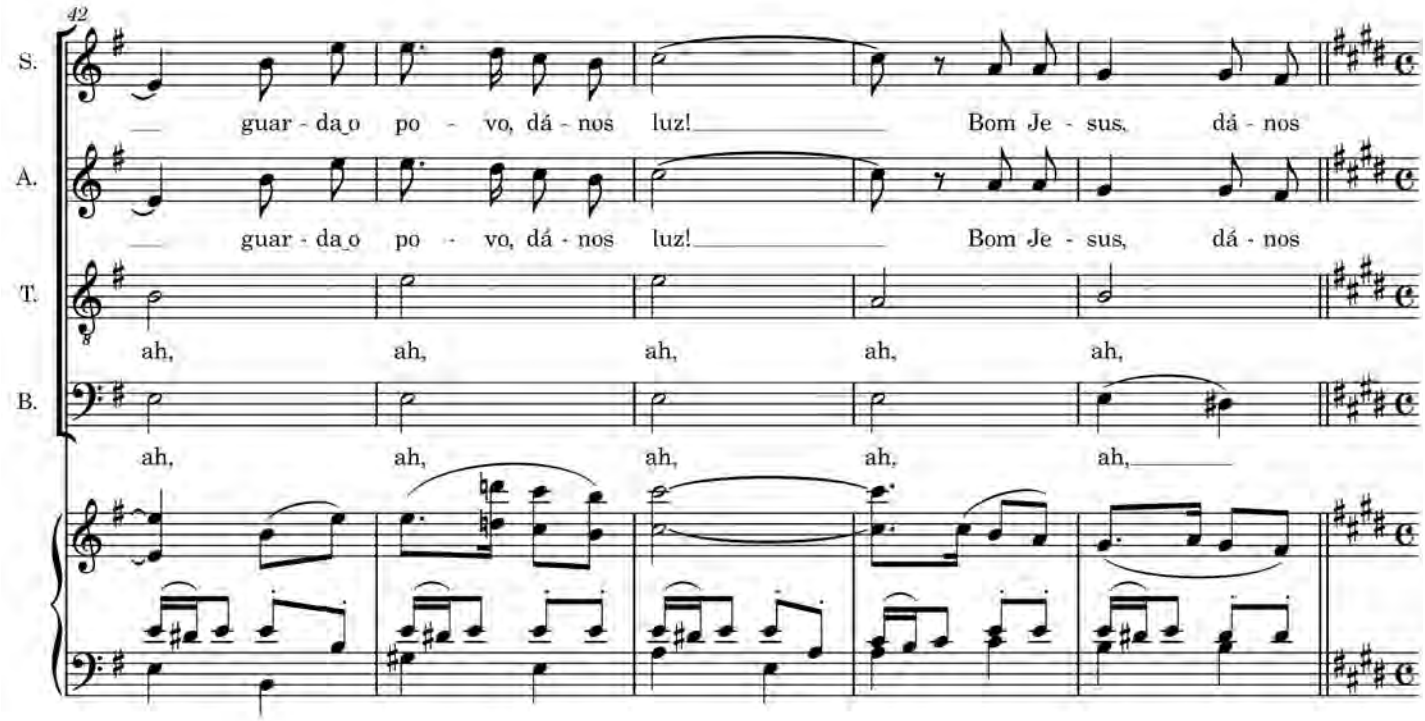
IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
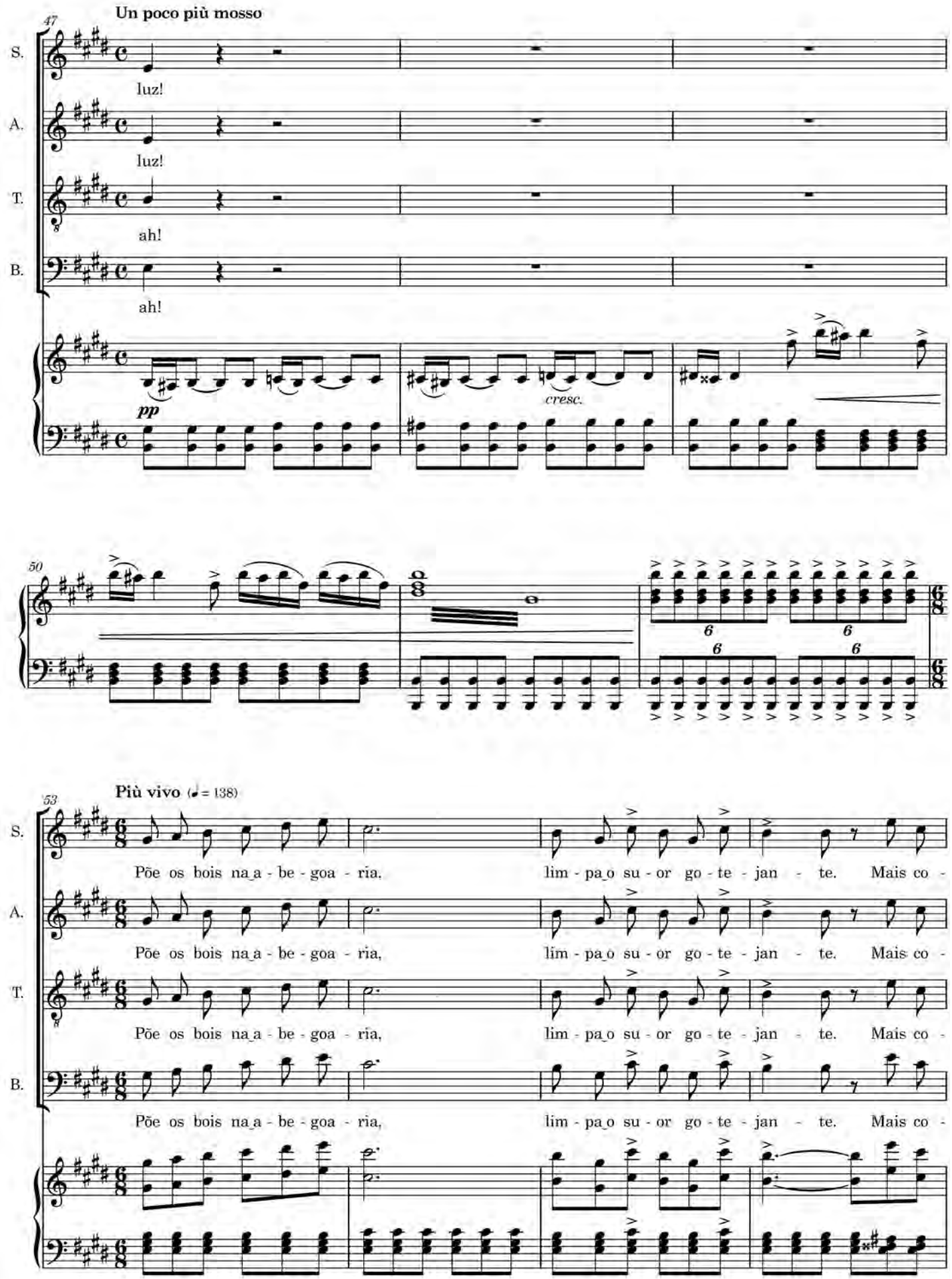




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
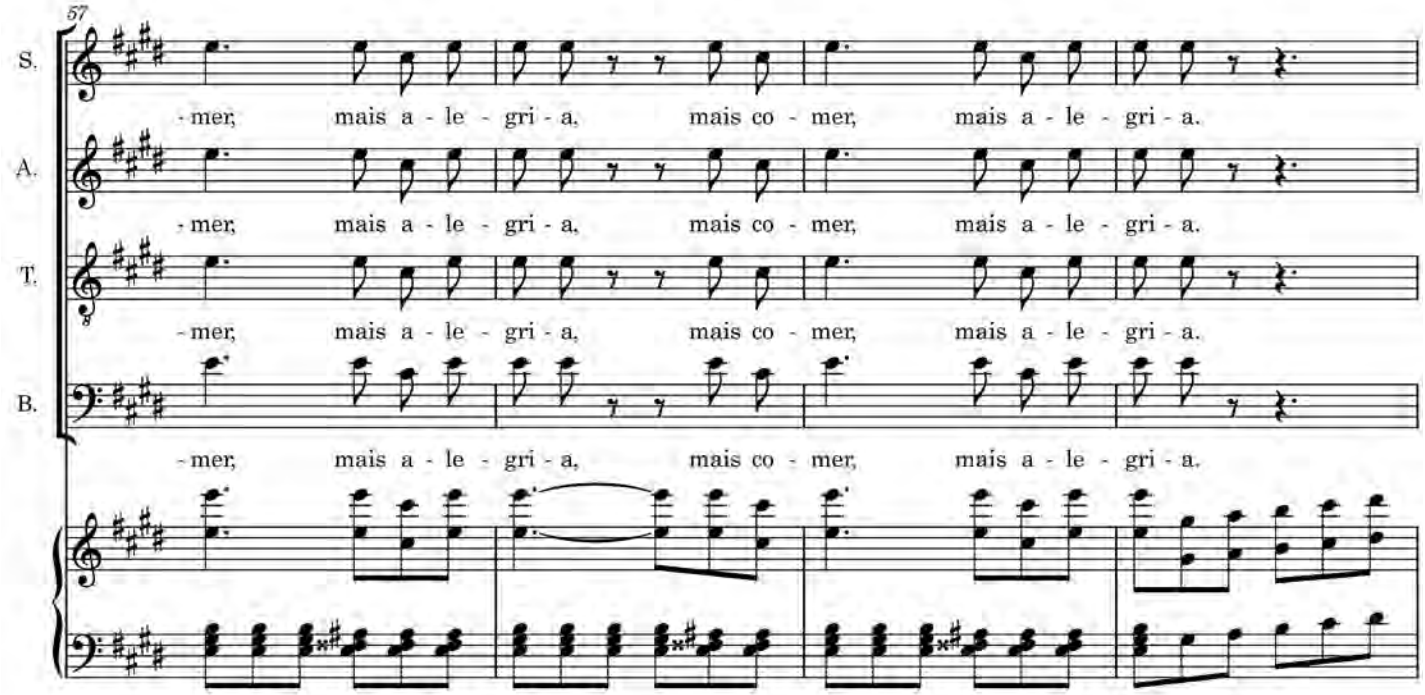


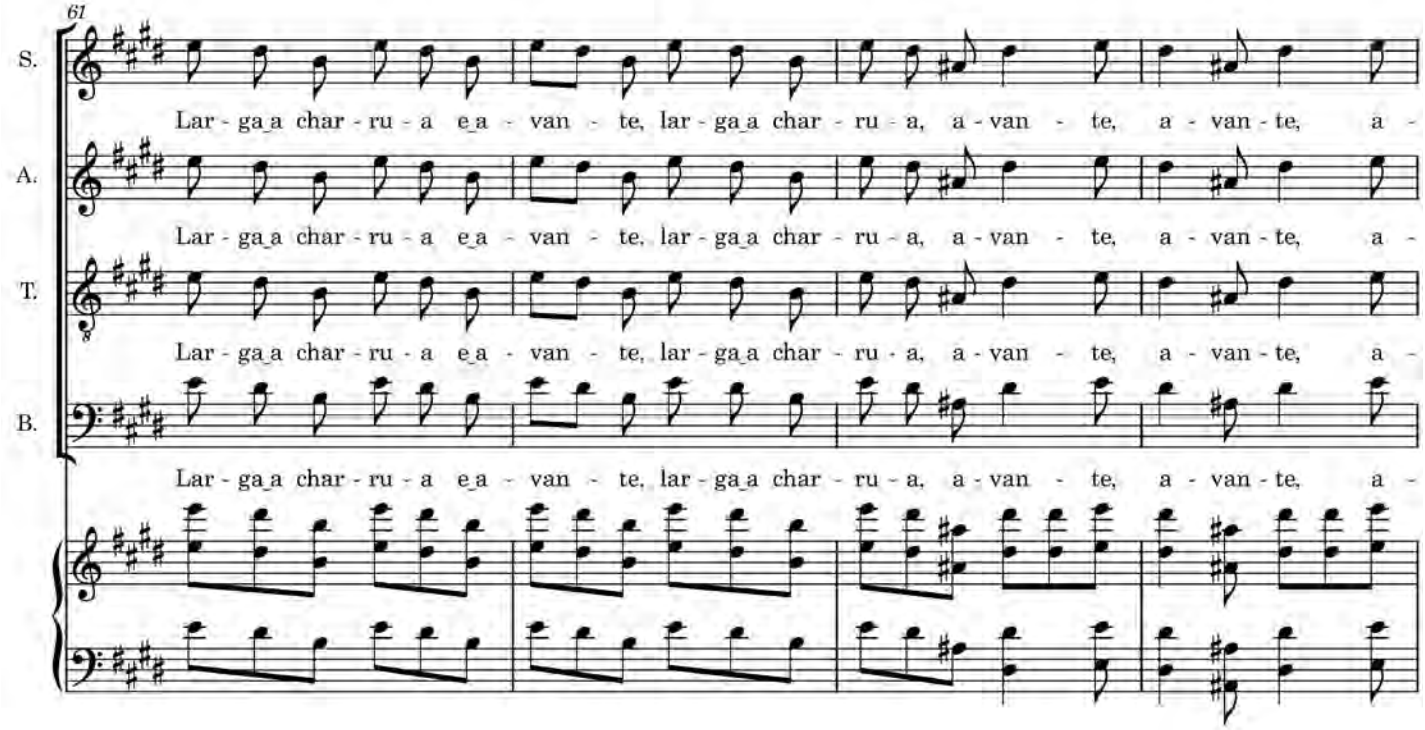


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
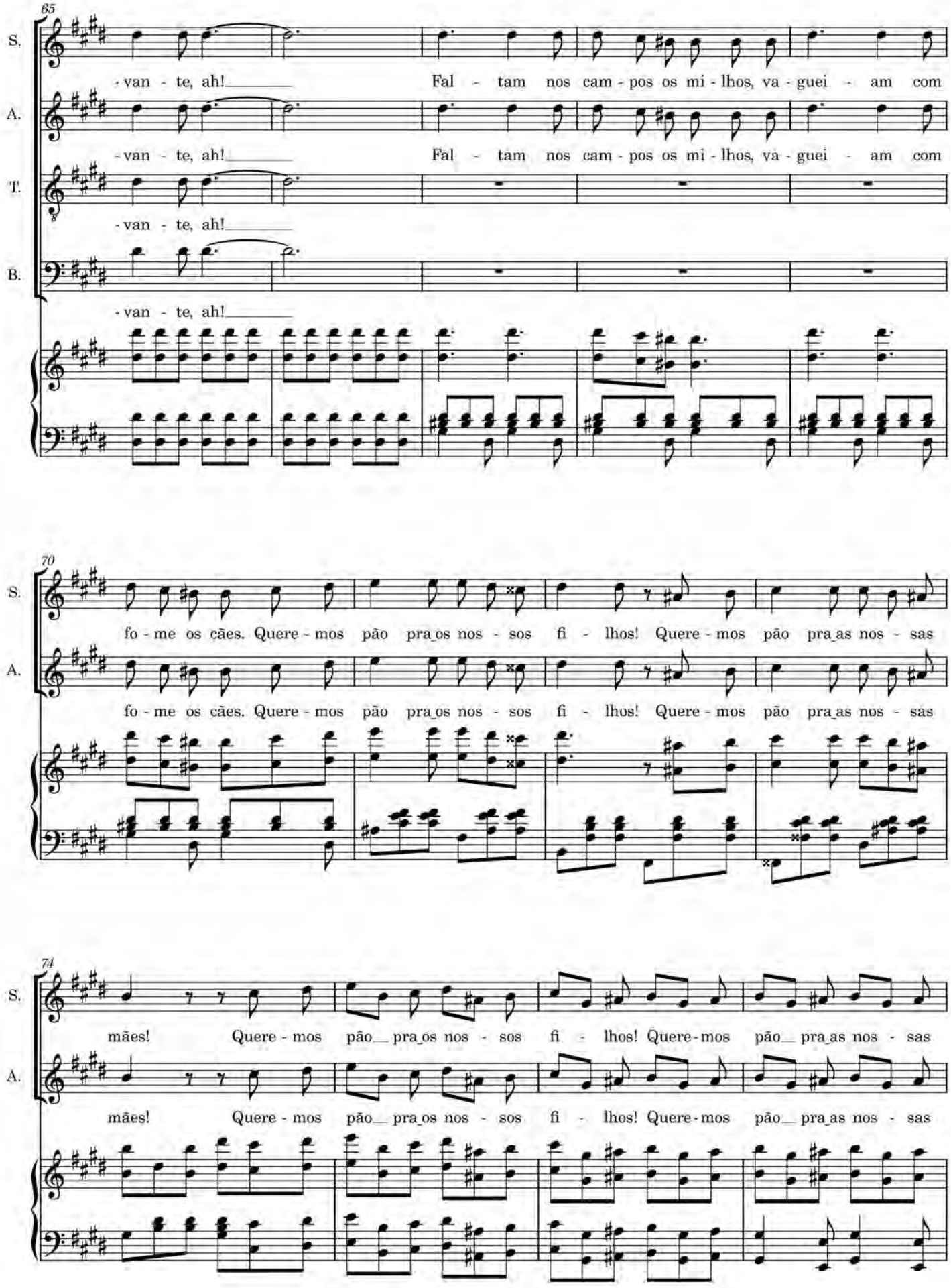


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
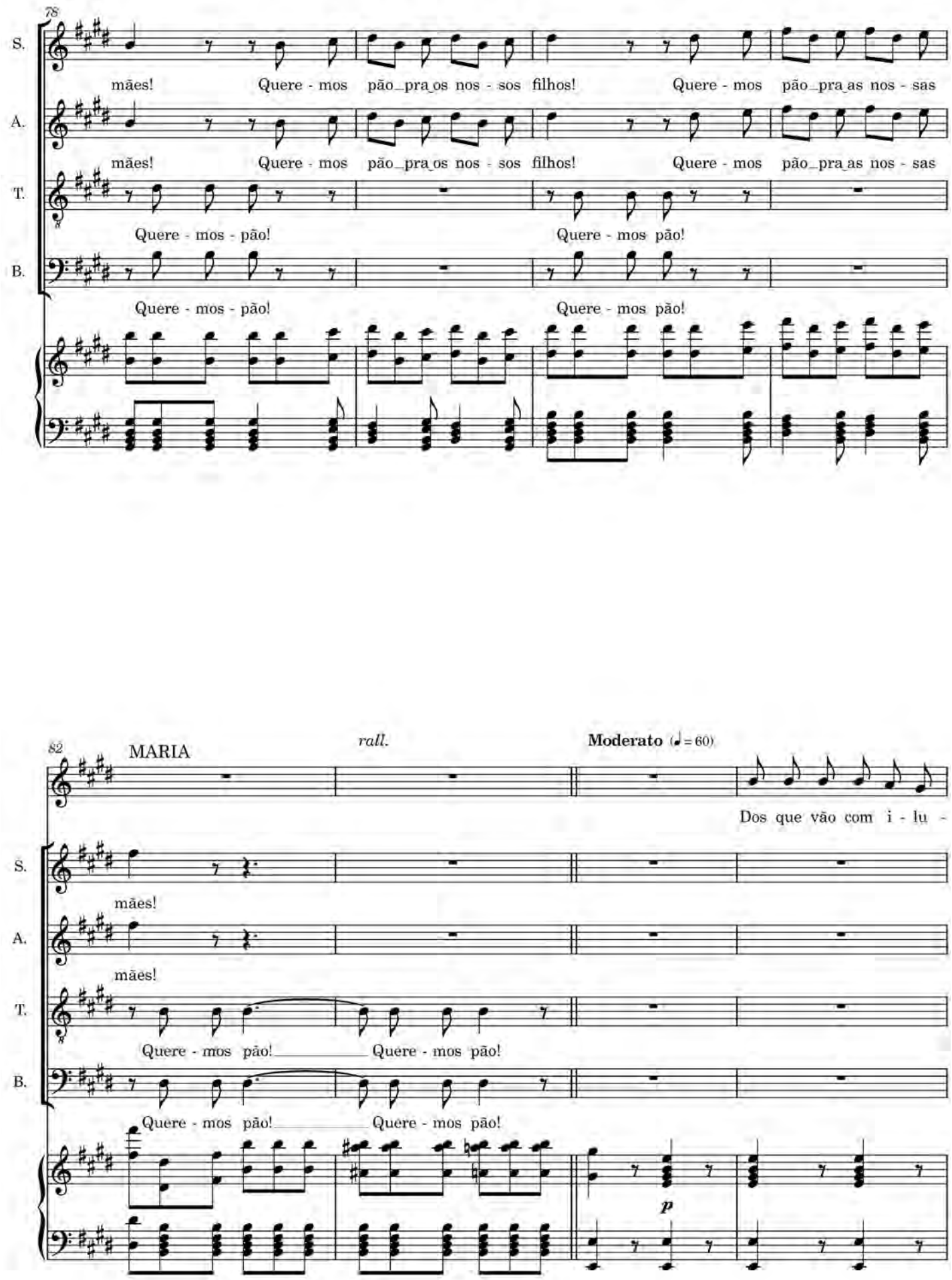




IMPRENSA NACIONAL
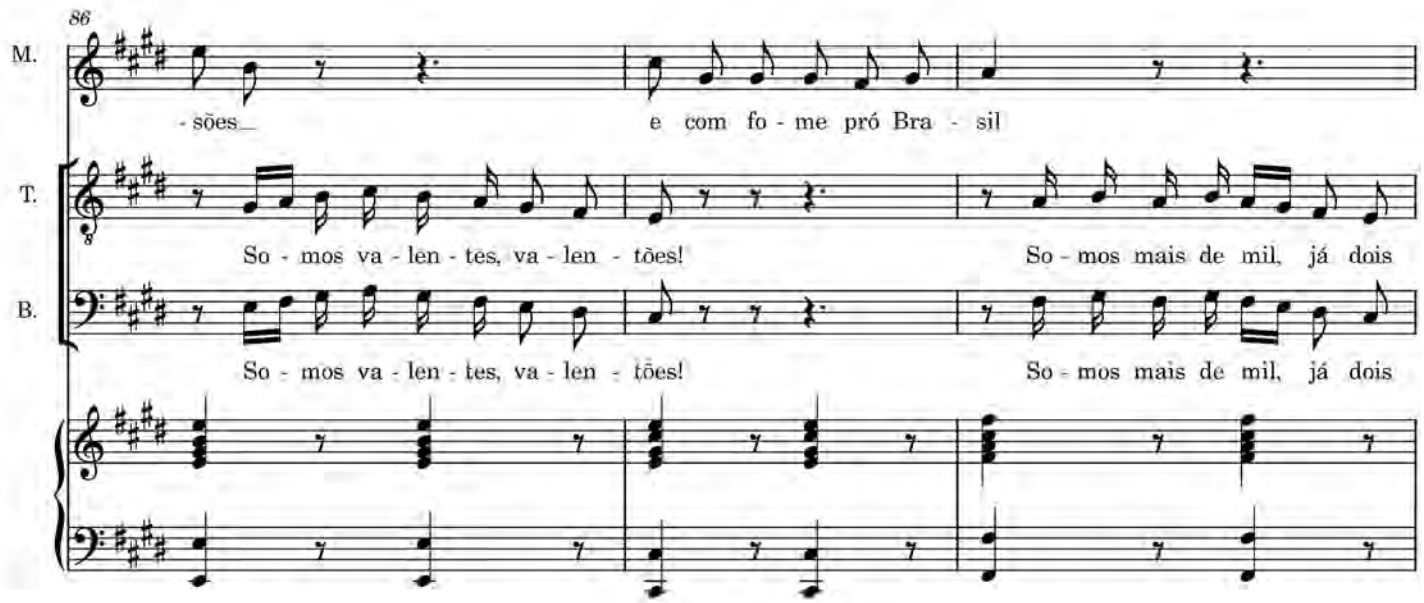
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
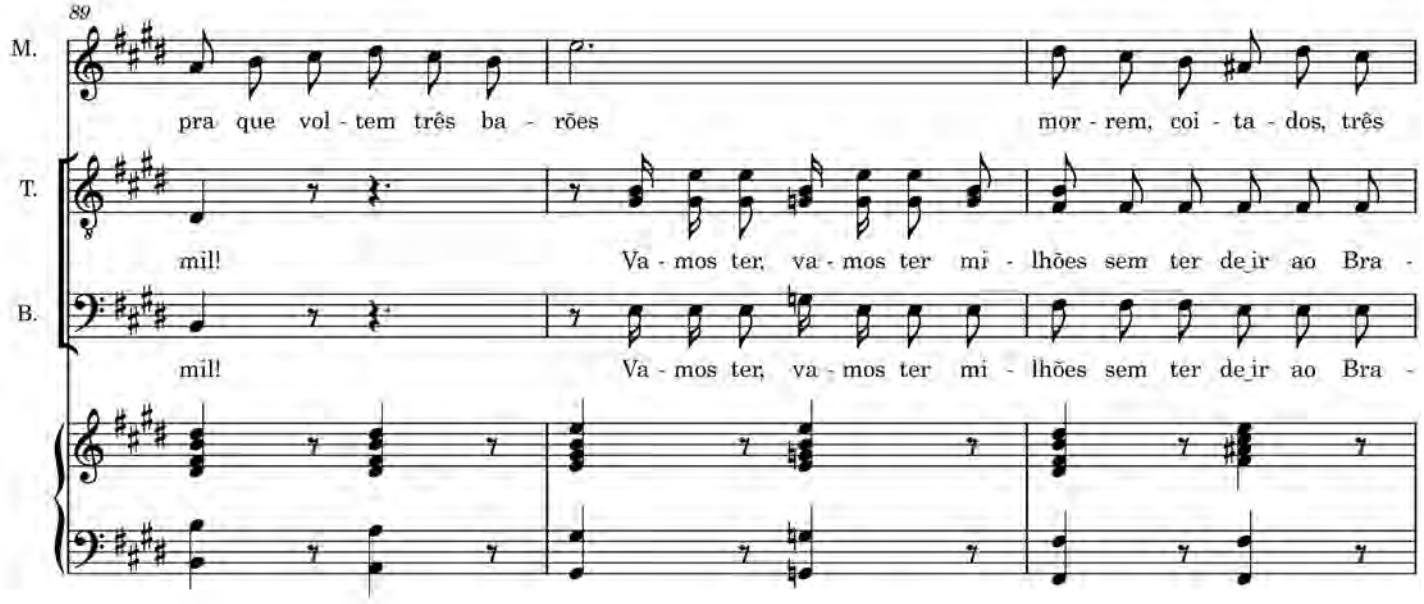


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
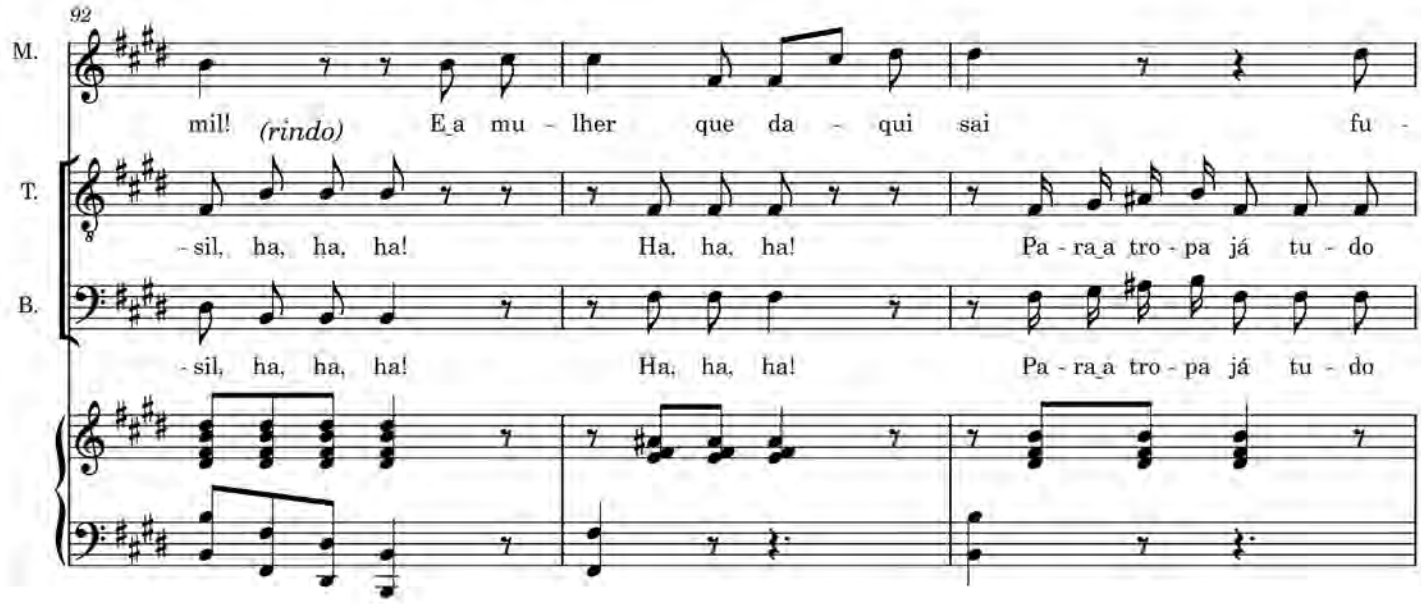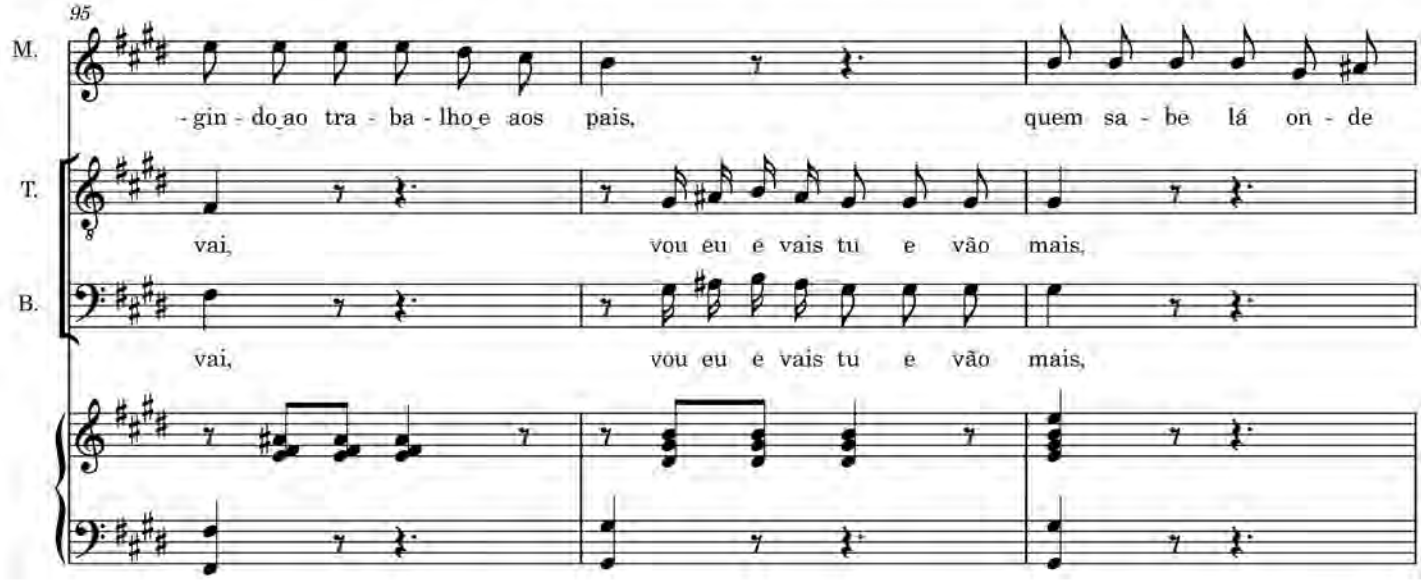


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
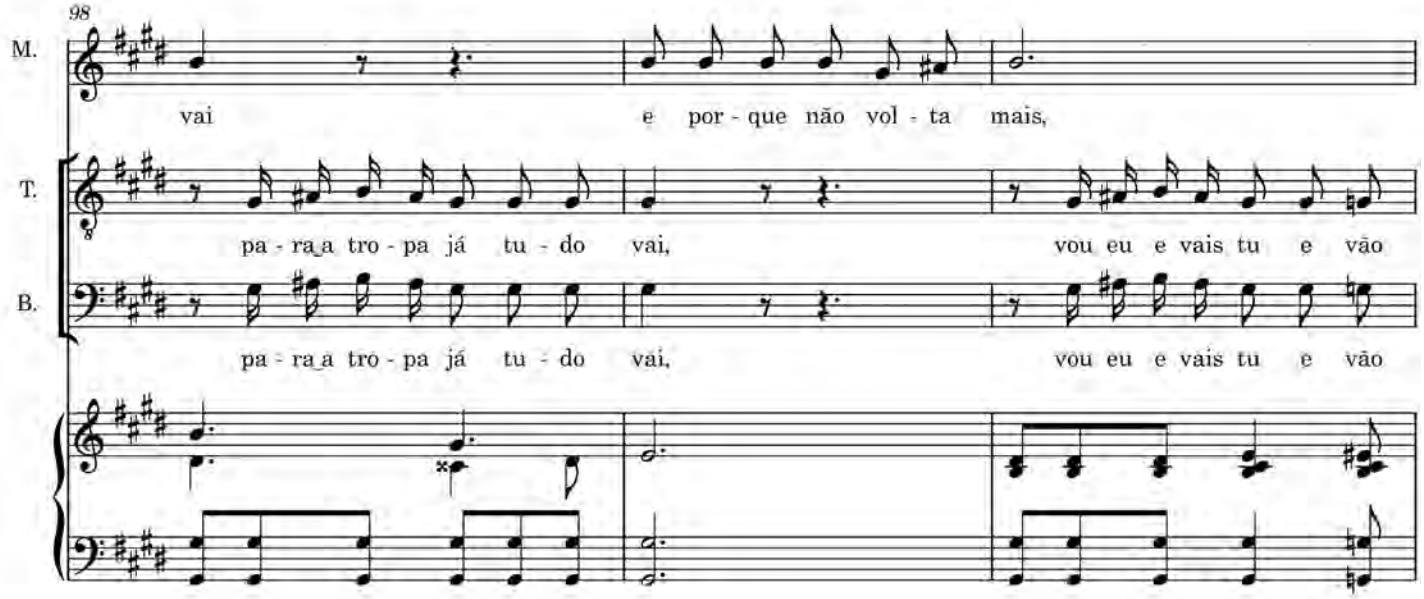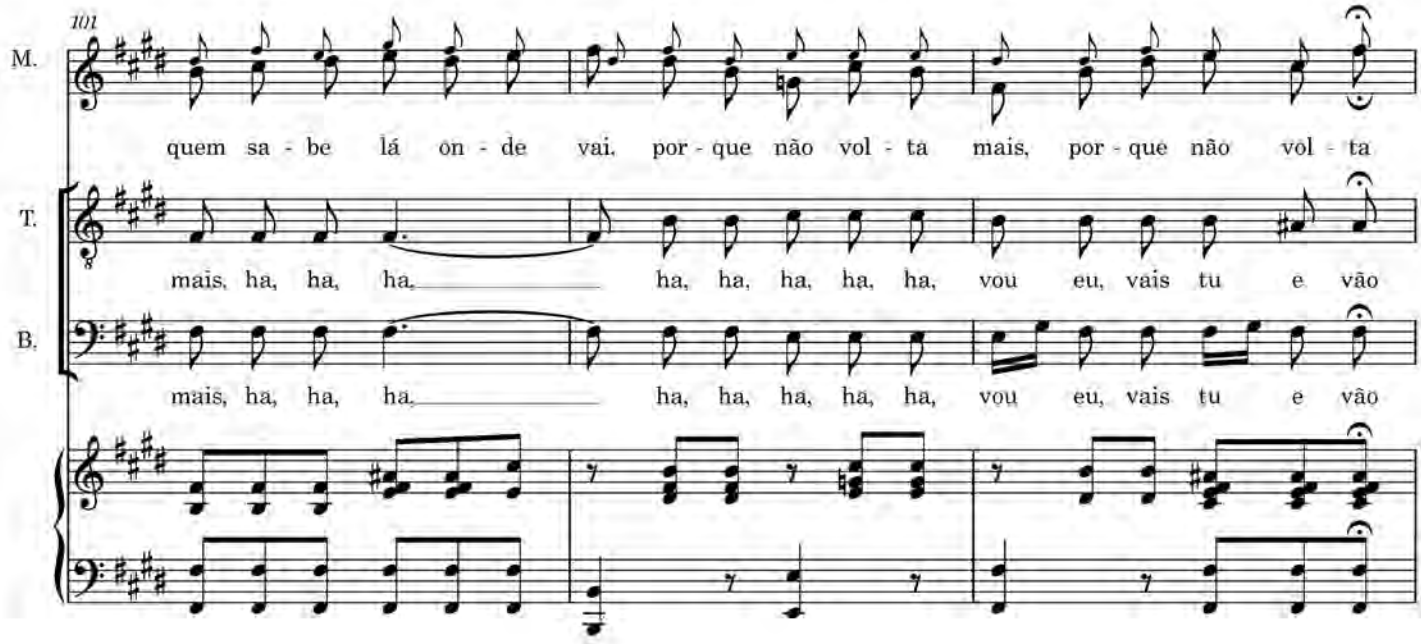




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
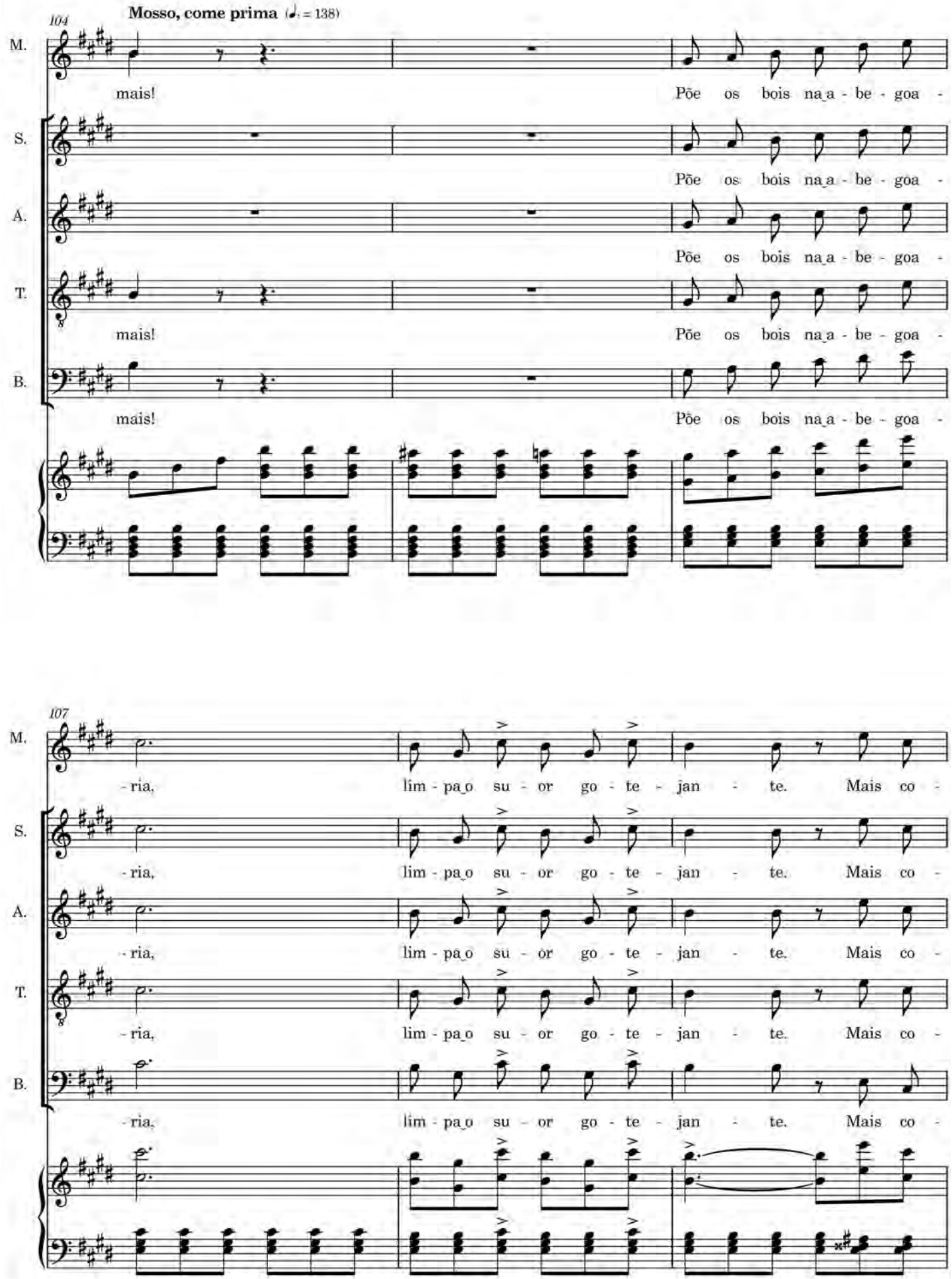




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
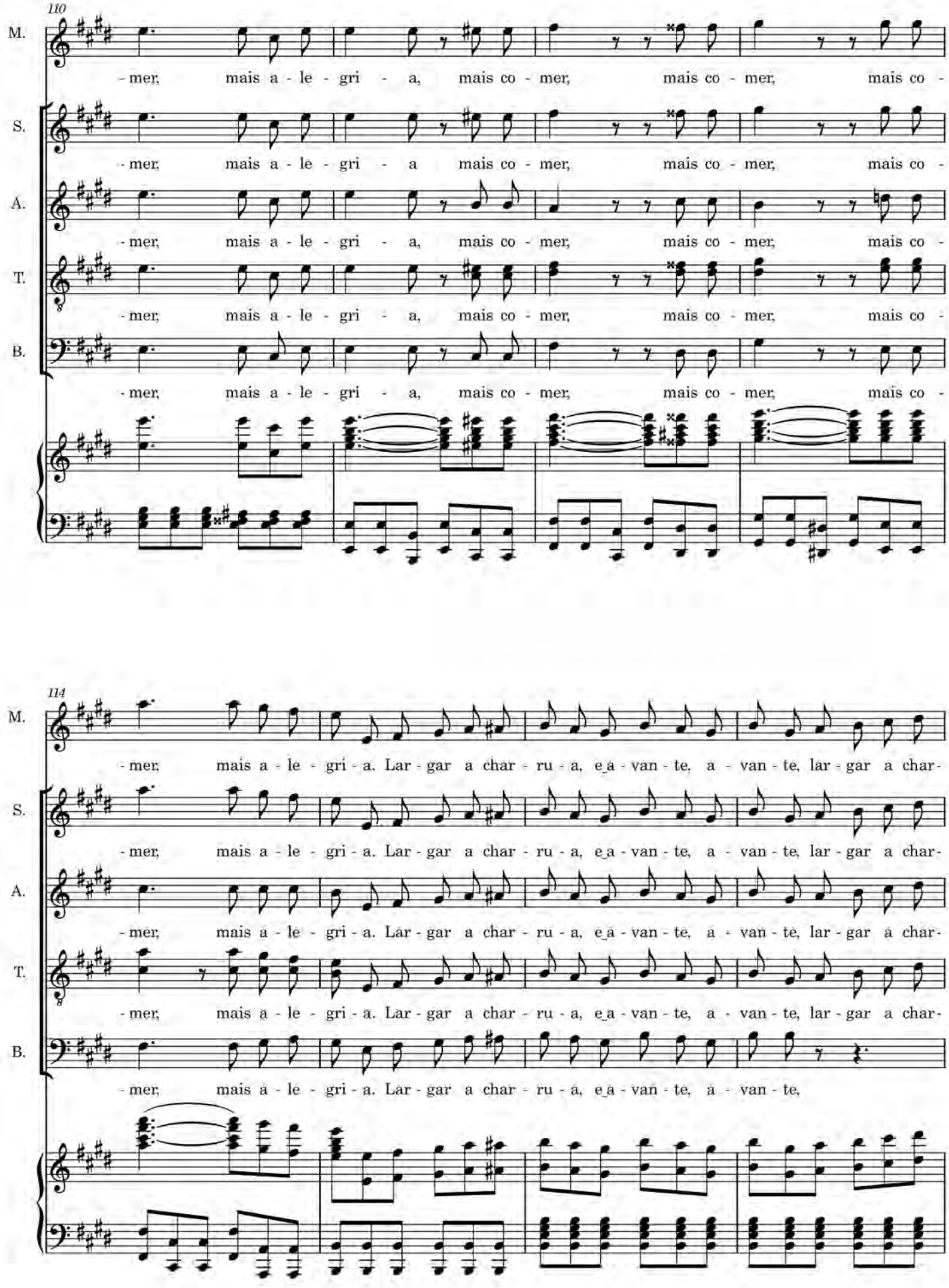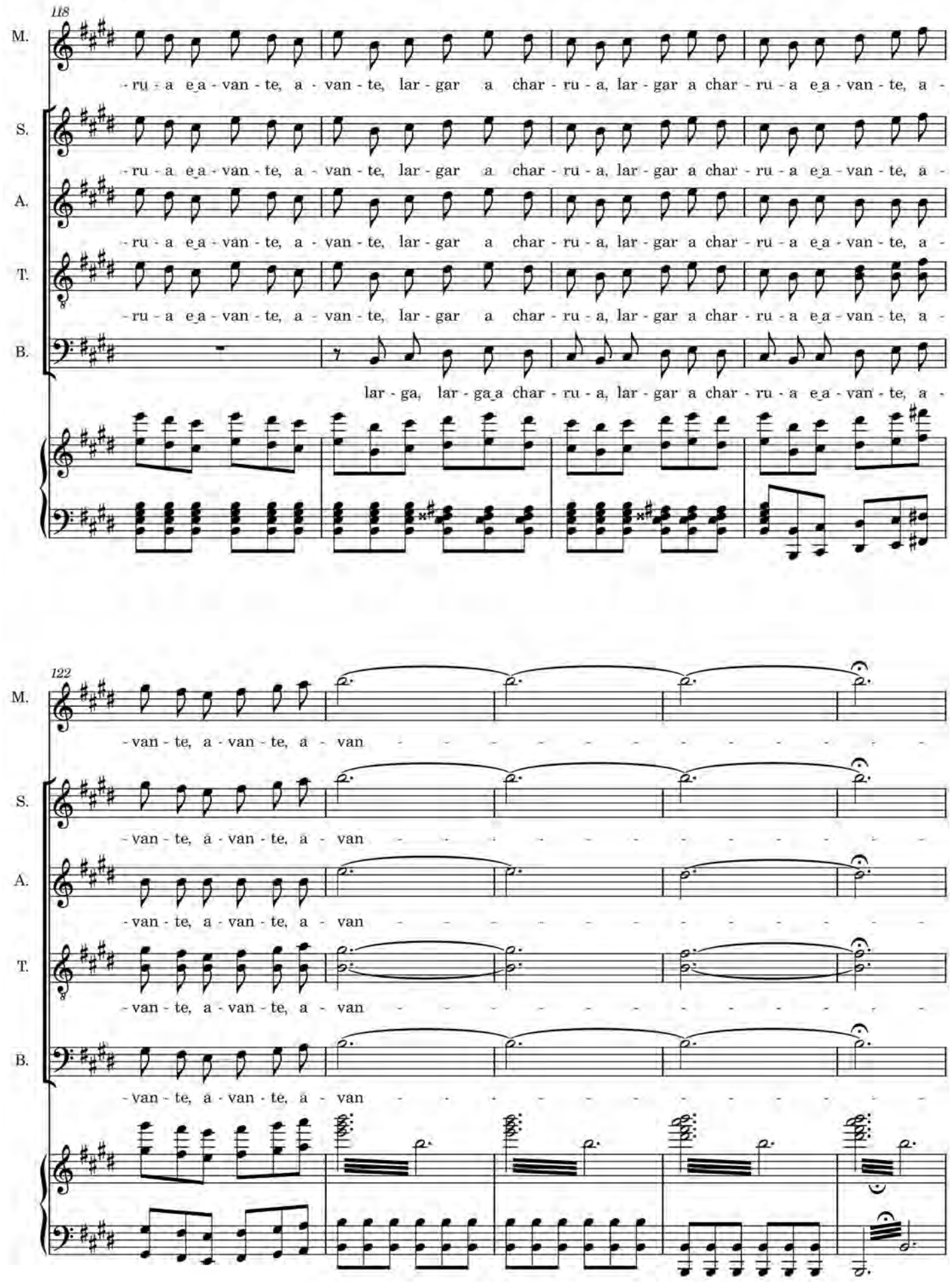




IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
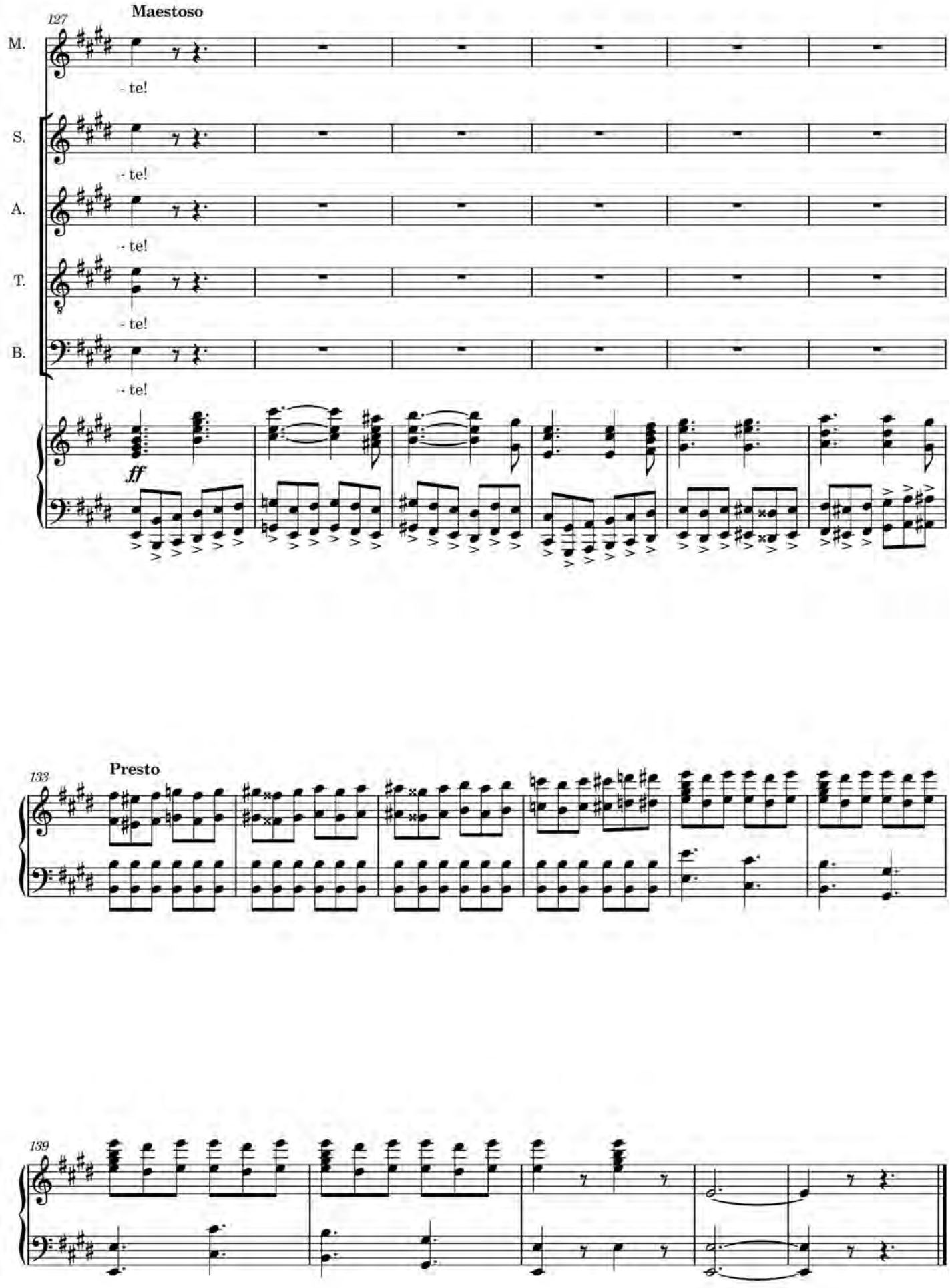


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO
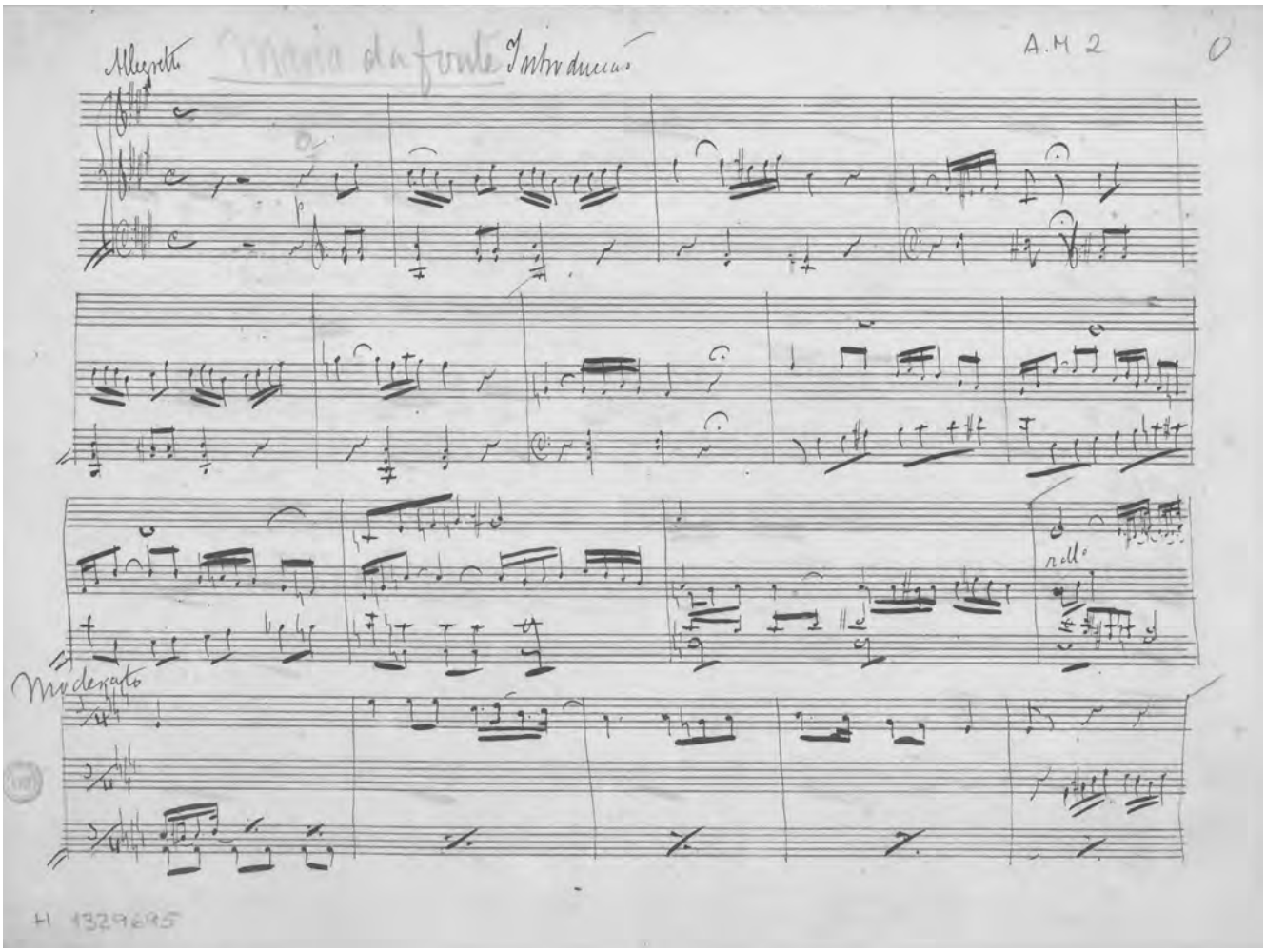


IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



Primeira página da partitura autógrafa para canto e piano (**CP**; *PLn:A.M. 2*)

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

AUGUSTO MACHADO E O PANORAMA DA OPERETA NA LISBOA DA «GERAÇÃO DE 70»

Em meados da década de 1860, um grupo liderado pelo empresário Francisco Palha constituiu uma sociedade para erigir um novo teatro na zona do Chiado. Entre os acionistas, além do próprio Palha e de figuras muito destacadas da sociedade portuguesa, como o Duque de Palmela, contava-se um jovem de 19 anos, músico, que viria a ser um dos mais importantes compositores portugueses da segunda metade do século XIX: Augusto de Oliveira Machado.[1]

A iniciativa tinha como propósito introduzir na capital um conceito de espaço polivalente, de inspiração francesa, integrando teatro, salão e café. A sala do teatro oferecia um nível de conforto muito superior ao das restantes congéneres da capital, o que garantia uma maior rentabilidade, e foi inaugurada em 1867. Para colocar o novo espaço na primeira linha da cena teatral lisboeta, Palha apostou em Offenbach,[2] compositor que, na verdade, o público da capital já conhecia. Em 1859, o Teatro do Ginásio levara à cena *O tio Brás*, uma adaptação de *Le violoneux*, *légende bretonne* em um ato. Todavia, esta obra, com o seu tema campestre e ingénuo, estava consideravelmente distante da ambiência urbana e fortemente satírica que viria a caracterizar os grandes sucessos posteriores do compositor, que trariam fortuna ao empresário lisboeta e ao seu empreendimento.

Seguindo os passos do Teatro do Príncipe Real, que em fevereiro de 1868 obtivera um enorme êxito com a estreia da versão portuguesa de *La Grande-Duchesse de Gérolstein*, Francisco Palha traduziu *Barbe Bleu* – partilhando o tipo de humor de Offenbach[3] e, apesar de trabalhar apenas com um grupo de atores sem formação vocal específica, contou com a experiência de Angelo Frondoni, compositor italiano há muito radicado em Lisboa, como diretor musical.[4]

Também investiu consideravelmente na *mise en scène*, na cenografia e no guarda-roupa, o que permitiu um estrondoso sucesso. O Trindade tornou-se a casa da opereta (não obstante terem passado pelo seu palco muitos outros tipos de espetáculos,

1. Levi Martins, *Francisco Palha* («Biografias do Teatro Português»), Lisboa: INCM, 2018, pp. 77-78.
2. Sobre a receção de Offenbach em Portugal ver Mário Vieira de Carvalho, *Eça de Queirós e Offenbach: a ácida gargalhada de Mefistófeles*, Lisboa: Colibri-FCSH, 1999.
3. Maria José Artiaga, «Deconstructing the national: the operetta Maria da Fonte», *in* Michela Niccolai and Clair Rowden (ed.). *Musical Theatre in Europe* 1830-1945. «Speculum Musicae, 30». Turnhout: Brepols, 2017, pp. 391-92.
4. Frondoni tinha vindo para Lisboa em 1838, como *maestro concertatore* do Teatro de São Carlos, tarefa que consistia em grande parte em ensaiar os cantores. Na década de 1840, escreveu várias farsas líricas em português para o Teatro da Rua dos Condes, no âmbito da tentativa do Conde de Farrobo de criar uma ópera cómica em português. Trabalhou também em vários outros teatros secundários de Lisboa. Tinha por isso muita experiência de ensaiar cantores e conhecia bem os géneros músico-teatrais franceses. Durante a década de 1870 seria diretor musical de várias companhias de opereta, nomeadamente nos Açores. Ver Ernesto Vieira, *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes*, Lisboa: Typographia Mattos Moreira e Pinheiro, 1900. vol. 1, pp. 433-38.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

da zarzuela ao drama, da mágica à comédia). Palha, como afirma Maria José Artiaga, revelou o seu lado satânico, na aceção de Baudelaire.[5] Com a criação do novo espaço, associou o seu riso ao do público, cuja cumplicidade lhe era essencial.[6] Tudo isto contribuiu para que a zona do Chiado desse mais um passo em direção a um ideal que ficaria plasmado no nome escolhido para um armazém de artigos de moda que abriu as suas portas em 1894: «Paris em Lisboa».

Quanto ao compositor, ainda em 1868, acabado de chegar do seu primeiro período de estudo em Paris, envolvera-se numa tentativa embrionária de criar uma opereta inspirada em *Orphée aux Enfers*, que tinha Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis como libretistas, e da qual subsistem apenas alguns fragmentos musicais: *A Morte do Diabo*.[7] Tanto Eça como outros membros do seu grupo atribuíam à arte uma função pedagógica e transformadora, como motor do progresso nacional. No entanto, para que ela cumprisse este papel, deveria alinhar-se com os princípios do realismo e a opereta, com a sua capacidade de sátira social, era vista como um instrumento eficaz na luta contra os valores ultrapassados do romantismo.[8]

Machado foi o músico que mais próximo esteve do grupo conhecido como a «Geração de 70». O seu projeto de colaboração com o Teatro da Trindade – muito inspirado no que faziam então alguns compositores franceses – articulou-se em vários momentos com estes intelectuais e com as ideias que defendiam. Começou com a estreia da ópera burlesca em três atos *O Sol da Navarra* (1870)[9] com texto de Alfredo Ataíde e na qual se supõe que tenha reutilizado parte da música originalmente concebida para *A Morte do Diabo* – seguindo-se *A Cruz de Ouro* (1873), ópera cómica em dois atos, com libreto de Francisco Rangel de Lima, possivelmente inspirada em *Le Porte-drapeau d'Austerlitz*, *drame en un acte, mêlé de chant* (1852), de Adolphe Guénée. Em 1875, compôs a música para *Le dégel,* comédia de Victorien Sardou,[10] numa tradução de Antero de Quental e Batalha Reis. Quatro anos mais tarde, seguiram-se as operetas *A Guitarra*, dedicada a Francisco Palha e estreada no Teatro do Príncipe Real, e *Maria da Fonte*, apresentada no Teatro da Trindade. A primeira era da autoria de João Francisco de Eça Leal, prolífico escritor teatral, primo de Eça de Queirós e cunhado de Gervásio Lobato; a segunda reunia como autores literários os já mencionados Eça Leal e Lobato, juntamente com Batalha Reis.

---

5. Charles Baudelaire, *De l'essence du rire et généralement du comique dans les arts plastiques, Le Portefeuille,* 8 de julho de 1855, inserido depois em *Curiosités esthétiques*, Paris: Michel Lévy frères, 1868. Artiaga, «Deconstructing the national», p. 391.
6. Artiaga, «Deconstructing the national», p. 391.
7. José Manuel Brandão, *A Morte do Diabo: fragmentos de uma opereta*. Editorial Caminho, 2013.
8. Artiaga, «Deconstructing the national», p. 388.
9. *O Occidente,* 1 de fevereiro de 1883.
10. Victorien Sardou, *Le dégel: comédie en trois actes, mêlée de chants*, Paris: Michel Lévy Frères, 1864.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Paralelamente, a opereta – tanto na sua vertente satírica e mordaz, de clara inspiração offenbachiana, como numa abordagem mais sentimental e melancólica, ainda tributária do *opéra comique* – havia começado a conhecer uma forte adesão por parte de numerosos compositores portugueses. Em muitos casos, estas obras resultaram da tradução e adaptação de textos franceses e espalharam-se pelo território continental, pelas ilhas e pelo Brasil, através de inúmeras companhias teatrais. As produções hoje identificadas (de autores como Alves Rente, Ciríaco Cardoso, Freitas Gazul, Gomes Cardim ou Tomás del Negro, entre outros) representam apenas a ponta do *iceberg*, já que grande parte destas operetas permanece desconhecida. Nem sempre é possível localizar os libretos ou as partituras e, naquelas cujos materiais estão acessíveis, faltam estudos aprofundados, edições e reposições em palco.

No caso de *Maria da Fonte* – que foi estudada por Maria José Artiaga e estreada em versão moderna em 2023, com as partes declamadas reescritas por Ricardo Neves-Neves e a partitura editada por João Paulo Santos – constata-se que a música de Augusto Machado revela um grau de sofisticação pouco comum neste género. Ao contrário de outros compositores teatrais seus contemporâneos, Machado foi com frequência alvo de críticas pela excessiva elaboração da sua escrita musical. E embora as partes vocais sejam predominantemente silábicas e a maioria dos números solistas adote a estrutura simples de coplas – equivalente português dos *couplets* franceses, de estrutura estrófica – a sua orquestração é requintada.

Uma análise da relação de Augusto Machado com a opereta permite compreender este género como um fenómeno eminentemente transnacional, que circulava não apenas através de traduções e adaptações, mas também por meio de processos de ressignificação local. Nesse contexto, articulava-se com temas específicos de cada realidade cultural, refletindo de forma muito direta as aspirações estéticas, ideológicas e sociais de autores, agentes teatrais e intelectuais. *Maria da Fonte* é disso um exemplo paradigmático.

Luísa Cymbron

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

MARIA DA FONTE

OPERETA EM 3 ATOS

Estreia moderna
Centro Cultural de Belém
12 de novembro de 2023

Fotografias: CCB/Maria Silva

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO









IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



© COPIA DE LECTURA, NO ES PERMITIDA SU REPRODUCCIÓN





BIBLIOTECA NACIONAL
©TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. LEITURA, NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO

LIBRETO

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Libreto original

N.º 2 CORO
CORO
Vamos lá prá romaria,
Que este dia, que este dia
Consagrado é ao prazer.

Ao trabalho e às fadigas
Fazer figas, fazer figas,
É cantar, dançar, beber!

N.º 3 DUETO JOANA E LUDOVINO
JOANA
É que, por variadíssimos motivos,
Terei orgulho em ser tua mulher.
Tu és a sorte grande cá da aldeia,
Tens tudo quanto uma mulher requer.

LUDOVINO
Mais do que tens também ninguém deseja.
És muito séria, honesta e verdadeira.
E o que fará com que eu te leve à igreja
É não julgar que és namoradeira.

JOANA *à parte*
Ai, se julgasse ele acertava, olé!
Porém não julga e não me passa o pé.

LUDOVINO *à parte*
Se ela soubesse que em Maria eu penso
E que esse amor estou certo que não venço …

JOANA *à parte*
Não devo andar correndo seca e meca
Que este aveza teca.

LUDOVINO *à parte*
Mas à Maria chamam-lhe perdida!
Não sei que voltas dê à minha vida.

JOANA
Então só nos resta
Tratar de casar!
Amanhã na festa
Já deve constar.
Casório de arromba
Dará que falar.
Vai ser uma bomba
Na aldeia a estalar!

LUDOVINO
Seria uma festa
Tratar de casar!
Mas bato na testa
E fico a pensar
Casório de arromba
Convém demorar.
Seria uma bomba
Na aldeia a estalar!

JOANA
Ludovino, meu amor primeiro,
Já te dei o coração inteiro.
Com franqueza nunca amei assim.
A não ser…

LUDOVINO
Quem?

JOANA
Quero dizer …
A não ser o Ludovino,
(À parte) enfim …

LUDOVINO
Também eu, ó Joaninha,
Nunca amei ninguém assim.
A não ser …

JOANA
Quem?

LUDOVINO
A não ser a ti,
(À parte) enfim …

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

JOANA
Aceita esta verdade:
A ninguém eu dei a liberdade
De na face um beijo me gravar.
A não ser …

LUDOVINO
A quem?

JOANA
Quero dizer …
A não ser a ti … ao escapar.

JOANA
Então só nos resta
Tratar de casar!
Amanhã na festa
Já deve constar.
Casório de arromba
Dará que falar.
Vai ser uma bomba
Na aldeia a estalar!

LUDOVINO
Seria uma festa
Tratar de casar!
Mas bato na testa
E fico a pensar
Casório de arromba
Convém demorar.
Seria uma bomba
Na aldeia a estalar!

N.º 4 CANTIGA JOANA

JOANA
Ai minha mãe que me morro,
Que me morro de paixão!
Os olhos de D. Martinho,
Mi madre, matar-me-ão.
O corpo tiene de hombre,
Os olhos de mulher são.
Tenho um namorado
Com olhos azuis,
Que é cá dos rapazes
Gentis e tafuis.
E os olhos do Chico
Que pretos que são!
Carvões que me fazem
Arder em paixão.
D. Martinho de avisado
Cadeira mandou chegar
E pôs-lhe o capote em cima
Para mais alto ficar.

O António é alto,
Esbelto e gentil.
De bago é que é falto,
Assim há aos mil!

Não é deste lote
Um outro que eu sei,
Moreno e baixote,
A quem desfrutei.

N.º 5 COPLAS DO BREVIÁRIO

CORTIÇÕES
Qui tollis peccata mundi,
Dicebat, Santo Hilário.

PERPÉTUA e ANICETO
Ai que devoção me infunde
O seu santo breviário.

CORTIÇÕES
In illo tempore
Ser padecente,
Sofrer somente,
Era bem bom.

Que gente aquela!
Amar a morte
Era o seu forte.
Kyrie eleison.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

In illo tempore
Nutrir as feras
Era deveras
Prazer até.

Diremos hoje
Prazer atroz.
Libera nos
E Domine.

Os homens santos
Eram assados,
Fritos, torrados
Como café, olé!

Hoje ao calor
Ninguém se atreve,
Toma-se neve
E capilé
E Domine.

Se procuramos
Na Capadócia
Ou na Beócia
Santos achamos.

Mas em Lisboa,
Mesmo em Cacilhas,
Com maravilhas
Não deparamos.
Gratias agamus.

N.º 6 CENA E COPLAS MARIA
MARIA
Quando eu saí de casa o sol
Vinha a nascer, rompia o dia.
Já não cantava o rouxinol,
Cantava ainda a cotovia.

Quando ainda à noite nos casais
Se ouvem os homens ressonar
Já eu, os melros e os pardais
Nos campos vamos a voar.

E como o canto da andorinha
Enche a manhã de chilreadas
Vou eu também, livre e sozinha,
Saudar o sol com gargalhadas.

Com uma cana a pescar
Pus-me na margem da ria
Donde visse a romaria,
Que ali devia passar.

Vejo os dois morgados
da quinta do monte
Pararem defronte
muito embasbacados.

E por duas vezes
um a mim chegou-se,
Como se isto fosse
roupa de franceses.

Levanto-me logo
sem tir-te nem guar-te,
E co'a mão desta arte
Pespeguei-lhe fogo.

Bateu numa frágua,
perdeu o boné,
deslizou-lhe o pé,
Caiu dentro d'água.

E, como o João
tinha o cão na horta,
Saltei té à porta
E assolei o cão,

Que, pra meu consolo,
Se foi ao morgado
que tinha ficado
com cara de tolo.

E o canzarrão por castigo
Rasgou-lhe os calções
De modo e em sítio
Que ficou todo … eu não digo!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E enquanto o do cão se anima
E o da ria barafusta,
Gritava-lhe eu cá de cima:
Agarrá-las é que custa!

Já perto da aldeia
A um padre devasso
Que queria um abraço
Eu dei de mão cheia

Um soco pesado
Quando o achei a jeito,
Que lhe terá feito
Um galo encarnado.

E já aqui à porta
A um grande marão
Tirei eu o pão,
Gritando: Vai torta!

Fazendo um bom jogo,
Bem viram, eu só
Toquei-lhes sem dó
Nas costas a fogo.

Tenho estas pernas e este braço
Fortes de orgulho e mocidade
Pra defender sem embaraço
A minha querida liberdade.

N.º 7 CANTIGA MARIA

MARIA

Tinha três filhas o Abade,
Todas três eram morenas.
Com três moços da cidade
Abalaram as pequenas.

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha-se a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

São os desejos vermelhos
E as morenas coloridas.
Nasceram feitas pra beijos,
Por eles foram perdidas.

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha-se a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

Quando voltaram já tarde
Perguntaram as pequenas:
Dize-nos, tu, pai abade,
Se eram nossas mães morenas.

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha-se a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

N.º 8 FINAL I

MARIA

Ai se eu pudesse levantar o povo …
O Ludovino não será soldado!
Estou maquinando um plano certo e novo.
Vou conseguir um belo resultado,
Vou-lhes mostrar quem eu sou!

JOANA

Se eles recrutam o povo
Lá se vai o namorado!
Este caso é novo,
Qual será o resultado?
A minha sorte mudou.

PERPÉTUA

Vão recrutar o nosso povo,
Vai tudo preso pra soldado!
Eu estou tremendo, oh se estou.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ONOFRE
Ai se recrutam o povo
Irei também ser soldado!
Pra me casar aqui estou
E nenhum deles me casou.

ANICETO
Penso em Perpétua e não no povo.
Tu vales mais do que um batizado.
De amor estou cheio, querida, como um ovo!
Eu estou muito apaixonado!
O meu amor se entranhou!

CORTIÇÕES e VILAR
Entregarei à tropa o meu povo?
Tudo aqui irá ser soldado?
Será bom o resultado?
Temos talvez que lutar!
Hei de mostrar quem eu sou.

TODOS
Que sairá daqui?
Caso assim nunca vi!
Qual será o resultado?
Isto vai dar que falar.

O dia de amanhã
Traz cousas de espantar.
O que será?
O que for soará!

N.º 10 COPLAS ONOFRE
ONOFRE
A Domingas tem encantos
Cá pra mim inexcedíveis.
E as más-línguas dizem dela
Cousas tristes, impossíveis.

Eu desprezo os maldizentes
E em contestações não entro.
Que me importa que se diga
Que ela mete os pés pra dentro.
E embora os tenha assim
Pra mim é um quindim!

Que ela tem os olhos tortos.
(E ela é vesga com efeito!)
Há, porém, ocasiões
Que pra mim olha direito.
E vesga ser assim
Não passa de um quindim!

Diz a-a-a-mor desta arte
E não é de voz à mingua,
É que pra dizer amor
Inda não lhe chega a língua.
E ser gaga, quanto a mim,
Não passa de um quindim!

Três estrelas tem na testa.
Mas insistem os vizinhos
Em dizer que estes três astros
São três enormes lobinhos.
Ter lobos, cá pra mim,
Não passa de um quindim!

N.º 11 CORO
CORO
Que Deus vos dê muitos bons dias
E um futuro muito propício.
Acabou-se o Santo Sacrifício,
Demos largas às nossas alegrias.
A-í, ó ai! Toca a folgar!
Do domingo desejado o sol vem a despontar!

N.º 12 TERCETO CÓMICO
CORTIÇÕES
Por nós temos toda a gente!

VILAR
Não nos vencem!

ANICETO
Qual história!

CORTIÇÕES
Basta eu ser tão eloquente…

VILAR, ANICETO
Para ser certa a vitória!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CORTIÇÕES
Eu disponho dos maridos.

VILAR
Das mulheres disponho eu.

CORTIÇÕES
Sobre as confessadas, queridos,
O domínio é todo meu.
Tenho fé nos meus sermões.

VILAR
Acreditem, não é peta,
Tenho fé nos seus sermões.

ANICETO
Tenho fé nos seus sermões.
E no vinho da galheta
Pra amansar os valentões.

OSTRÊS
Fica, pois, convencionado
Subjugar a multidão.
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Cá na aldeia somos tudo!

VILAR
Oh, se somos!

ANICETO
Oh, se são!

CORTIÇÕES, VILAR
Não te metas na questão!

OSTRÊS
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Vais ficar encarregado …
Mas cautela, juizinho!

VILAR
Quer-se muito juizinho!

ANICETO
Sim, senhor, terei cuidado!

CORTIÇÕES
Com astúcia e paciência
Tudo vence um bom pastor.
Hás de distribuir o vinho.

VILAR
Nesta missa é bom que ajudes.

ANICETO
Mas o número de almudes …
Quanto vinho. Quanto vinho!

VILAR
Mas cuidado, juizinho!

OSTRÊS
Fica, pois, convencionado
Subjugar a multidão.
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Cá na aldeia somos tudo!

VILAR
Oh, se somos!

ANICETO
Oh, se são!

CORTIÇÕES, VILAR
Não te metas na questão!

OSTRÊS
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 13 VALSA
JOANA
Ai por causa de um beijo
Apanharem-me assim!
Se tal chega a constar
Estou perdida, ai de mim!

Namorados hei tido
Sem ninguém o haver sabido.
E por causa de um beijo
Apanharem-me assim.

Às ocultas um beijo seduz,
Que insensato desejo, ai Jesus!
Raparigas o exemplo não tomem.
Tenham pejo do beijo de um homem.

N.º 14 CANÇÃO LUDOVINO
LUDOVINO
Que de incertezas passa na vida
Quem tem amores.
Ninguém distingue se pisa espinhos
Em vez de flores.

E quando a gente menos pressente
Ter de sofrer
É que a serpente de atroz ciúme
Nos vem morder.

Ela, porém, que me respeita,
É incapaz de me atraiçoar.
É uma ofensa tal suspeita,
Devo esta ideia afugentar.

Ai, chega a ser pecado
Ter dela suspeitado.
Devo esta ideia afugentar,
Não é capaz de me atraiçoar.

N.º 15 CANÇÃO MARIA E LUDOVINO
MARIA
A vida é o gozo, o prazer
Correndo veloz no espaço.
É o tempo de beber
E de trocar um abraço.
Perdem as aves o ninho,
Vão-se as horas a fugir,
Vai-se o chorar e até o rir,
Só há tempo pra pedir
Mais vinho!

LUDOVINO
Ela num tal descaminho
Chegar assim a cair,
Chegar assim a pedir
Mais vinho!

MARIA
No verão o bom vinho enforcado
E o maduro pró inverno,
Sendo o amante mais amado
O amante que é mais moderno.

E enquanto eu puder gozar
Hei de sempre proclamar
Como verdade bem sabida
Que é o melhor desta vida
Variar.

LUDOVINO
Também eu vou adotar
Como verdade sabida
Que é o melhor desta vida
Variar.

N.º 16 QUINTETO
CORTIÇÕES
Eu não lhe digo que não.

LUDOVINO
Então?

CORTIÇÕES
Mas a ocasião é má.
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.

LUDOVINO
Mas senhor …

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CORTIÇÕES
Não se amofine
Que nas boas graças está,
Pois nós todos em geral o estimamos …

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR e ANICETO
… e respeitamos e consideramos
Como um noivo sem rival.

LUDOVINO
Isso é honra sem igual.

Agradeço a cortesia,
Mas saber desejo o dia
Em que devo possuir
Essa mão que vim pedir.

CORTIÇÕES
Brevemente!

LUDOVINO
Brevemente?

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR e ANICETO
Brevemente, brevemente!

LUDOVINO
Todavia, francamente,
Não me diz o dia certo.
Estou na mesma confusão!

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR e ANICETO
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.
Mas, por Deus, não se amofine
Que nas boas graças está
E, paciência, Deus dará!

LUDOVINO
Esperarei, pois, que termine
Esta crise que é bem má.
E, conquanto eu me amofine,
Paciência, Deus dará!

CORTIÇÕES
Ficará pró São João.

PERPÉTUA, VILAR e ANICETO
Tem de mão
Calhar no verão.

LUDOVINO
Ficará pró São João.

CORTIÇÕES
Ter um genro tão milhoso
Com a vida direitinha,
Ter um genro dinheiroso
Sempre foi ambição minha.

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR e ANICETO
Genro, genro, genro, genro?!

PERPÉTUA
Que está dizendo?

LUDOVINO
Também eu não compreendo!

VILAR, *à parte*
Pois eu cá bem compreendo!

CORTIÇÕES
Disse genro? Eu já emendo.
Não repare, Ludovino
E vós todos perdoai
Que à Joana sempre tive
Verdadeiro amor de pai.

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR e ANICETO
Isso agora é outro caso!

CORTIÇÕES
Quem duvidará pois, quem?

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR e ANICETO
Ninguém, ninguém, ninguém, ninguém!

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR e ANICETO
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.
Mas, por Deus, não se amofine
Que nas boas graças está
E, paciência, Deus dará!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LUDOVINO
Esperarei, pois, que termine
Esta crise que é bem má.
E, conquanto eu me amofine,
Paciência, Deus dará!

N.º 17 FINAL II
CORO
Nós já vamos ver se serão capazes
De levar daqui presos os rapazes!

MARIA *(Coro repete.)*
Povo de pé! Povo avante!
Já a águia abriu a asa
Para defender o amante,
Os filhos, as mães, a casa!

Começou a romaria
Que santifica e melhora.
Rompe o sol de um novo dia,
Vai connosco Deus agora.

N.º 19 ROMARIA
CORO GERAL
Viva, viva a romaria
Que este dia, que este dia
Consagrado é ao prazer.

Ao trabalho e às fadigas
Fazer figas, fazer figas,
É cantar, dançar, beber!

VENDILHÕES
Arrufadas, quem as quer?
Barrilinhos de ovos-moles, quem os quer?
Arregueifas, quem as quer?
Pastelinhos bem fresquinhos, quem os quer?
Compre-me mexilhão de Aveiro!
Tudo por pouco dinheiro!

SEMINARISTAS
Perdemos tudo à batota
Na feroz dama de copas.
E para desabafar
Vem a gente laurear
E por troça namorar
As cachopas.

ALEIJADOS
Se em lamúrias que estudámos
Nós na estrada mendigamos,
Cheios de cansaço e pó,
Tende dó!

Reparai no aleijadinho,
Dai-lhe esmola para vinho,
Vinho só!

UM SOLO
Ó meu rico benfeitor,
Veja bem esta desgraça,
Assombrado fui de um raio.
Aparte (Que chalaça!)

(A gente é disforme,
mas que é que tem isso
se come e se dorme,
se tudo é postiço)

Destas feridas ulceradas
tenham dó, compaixão.
Tanto sangue nesta chaga,
Vermelhão!

AS RAPARIGAS
Quero cantar e não posso,
Falta-me a respiração!
Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração.

Venho aqui de tantas léguas
por estradas tão medonhas
sempre sonhando contigo,
só tu comigo não sonhas!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CORO GERAL
Viva, viva a romaria
Que este dia, que este dia
Consagrado é ao prazer.

Ao trabalho e às fadigas
Fazer figas, fazer figas,
É cantar, dançar, beber!

N.º 20 COPLAS CORTIÇÕES
CORTIÇÕES
E agora quem me fará cónego?
Só há São Bento que me acuda
Pra nesta perna rechonchuda
As meias rosa envergar.
A coisa é para arreliar,
É de temer esta ressaca.
Talvez voltando a casaca
As meias possa eu calçar.

Cónego, mágica palavra,
Que bom que é um canonicato!
Não há pra um homem pacato
Mais invejável posição.
Cónego, doce palavrão!
O senhor cónego daqui,
O senhor cónego de ali,
Como isto atrai consideração!

Pôr a batina do avesso
Em se tratando de política,
Prática ao abrigo da crítica,
Já o fez Caifás a Galileu.
Assim se trepa ao apogeu
Voltando o fato no cabido.
E eu estou aqui estou lá caído,
Juro a São Carlos Borromeu!

Cónego, mágica palavra,
Que bom que é um canonicato!
Não há para um homem pacato
Mais invejável posição.
Cónego, doce palavrão!
O senhor cónego daqui,
O senhor cónego de ali,
Como isto atrai consideração!

N.º 21 COPLAS MARIA
MARIA
Ao ver o povo em miséria,
Bruto, entregue à beatice,
A gente abonada e séria
Pegou a pensar e disse:
Nada de cerimónia à larga,
É ter prazeres abundantes.
Elas são nossas amantes,
Eles nossos bois de carga.

A eles vamos sem mais,
Que há aí quem menos valha.
São um rancho de animais.
É a canalha!

CORO
A eles vamos sem mais
Que há aí quem menos valha.
São um rancho de animais.
É a canalha!

MARIA
Sentem fome, têm pobreza,
O que eles são é uma súcia!
Já ontem tive a Teresa,
Tragam-me cá hoje a Lúcia!
E tu, meu asno chapado,
Evita a ociosidade:
Leva o trigo ao Senhor Abade
E vai cavar pró morgado.

A eles vamos sem mais,
Isto não é gente, é palha.
São um rancho de animais,
É a canalha!

CORO
A eles vamos sem mais,
Isto não é gente, é palha.
São um rancho de animais,
É a canalha!

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 22 TERCETO

LUDOVINO
Tens tu visto ao pé as uvas
Nas latadas,
Bem ao alcance da mão
Penduradas,
Que logo às primeiras chuvas
Estragadas,
Pelo vento esbagoadas,
Vêm ao chão?

Pois aí tens!
A Maria quem quiser
É tocar-lhe só com a mão,
É falar-lhe um só dia
P'ra a colher já no chão.

JOANA
Deixa-a lá, coitada,
Enganada viverá!

LUDOVINO
Eu sei é desgraçada,
Do que foi está bem mudada.

MARIA
Ai eu sou coitada?
Deixem lá!
O que eu sou ninguém saberá!
Enganada viverá
E eu livre serei sem lenços de seda.

LUDOVINO
É o rico quem mais goza!
Ricos, bem sabes, seremos!
Todos os dias veremos cor-de-rosa.

LUDOVINO, JOANA
Nós seremos dois tafuis,
Viverás (viverei) tranquila e queda.
Dar-te-ei (dar-me-ás) lenços de seda,
Dar-te-ei (dar-me-ás) meias azuis.

MARIA
São ricos os manganões,
Têm mais este defeito.
Que lhes faça bom proveito
Os seus milhões!
Riquezas vêm a ser manhas,
Prove-as quem tem ouro em pó,
Que para viver bastam só
Duas castanhas.

LUDOVINO, JOANA
Nós seremos dois tafuis,
Viverás (viverei) tranquila e queda.
Dar-te-ei (dar-me-ás) lenços de seda,
Dar-te-ei (dar-me-ás) meias azuis.

MARIA
Mentirosos, mas tafuis.
Pois que Deus lhe dê ventura,
Assim suceda.
Livre, sem meias de seda
Nem meias azuis.

N.º 23 DUETO E COPLAS MARIA E VILAR

MARIA
Pode contar que já me abraça
Se o vejo em trajes de judeu.

VILAR
Eu de judeu? … Boa chalaça!

MARIA
É um capricho!

VILAR
É um capricho … De judeu, eu?!

MARIA
Mas de judeu muito graúdo,
De pessoa fina: Herodes Rei!

VILAR
Era um judeu muito graúdo,
Herodes fino, pois não, bem sei!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

MARIA
Vista este fato que é de veludo,
Vista este fato e eu dou-lhe tudo!

VILAR
Um abraço dás? E eu serei mudo!

MARIA
De bons abraços dou-lhe um braçado.
Se veste o fato eu fico louca.
(Ele está bem apanhado
E até lhe vai bem a touca!)

VILAR
De a ver assim estou transtornado,
Vinho bebi e vem-me água à boca.

MARIA
Ponha um bocado este turbante
E fica uma perfeição,
Que eu tive sempre a pretensão
De ter um turco por amante.

Com esta capa revestido
E a vestimenta azul clara,
Mesmo que tenha a sua cara
Há de ficar mais bem parecido.

VILAR
Parecer-te bem é o meu fito
E pra ficar um bom Herodes
Vê tu, menina, se me podes
Pôr umas barbas, que é bonito.

MARIA
(*rindo*) Ah! ah! ah!
Se sou mulher
Ou o Diabo
Já tu vais ver
Como eu acabo.

VILAR
(*rindo*) Ah! ah! ah!
Não é mulher
É o Diabo.
Faz o que quer,
De mim dá cabo.

MARIA
Segure agora nesta espada
Que, homem gentil (que camafeu!),
De o ver assim morro já eu.
Cheia de encanto (e à gargalhada).
Está um Herodes a primor
E transtornada, como vê,
Já pouco falta que eu lhe dê
Um… o meu amor.

VILAR
Parecer-te bem é o meu fito
E pra ficar um bom Herodes
Vê tu, menina, se me podes
Pôr umas barbas, que é bonito.

MARIA
(*rindo*) Ha, ha, ha!
Se sou mulher
Ou o Diabo
Já tu vais ver
Como eu acabo.

VILAR
(*rindo*) Ha, ha, ha!
Não é mulher
É o Diabo.
Faz o que quer,
De mim dá cabo.

N.º 24 FINAL III
MULHERES
Bom Jesus
Guarda o povo!
Dá-nos luz,
Bom Jesus,
Dia novo!

HOMENS
Guerra à guerra
É guerra à guerra!
Guerra à guerra
Inda outra vez!
Pela santa liberdade,
Pelo povo português!

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

TODOS
Põe os bois na abegoaria,
Limpa o suor gotejante.
Mais comer, mais alegria.
Larga a charrua e avante!

AS MULHERES
Faltam nos campos os milhos,
Vagueiam com fome os cães.
Queremos pão para os nossos filhos!
Queremos pão para as nossas mães!

MARIA
Dos que vão com ilusões
E com fome pró Brasil
Para que voltem três barões
Morrem, coitados, três mil!

E a mulher que daqui sai,
Fugindo ao trabalho e aos pais,
Quem sabe lá onde vai
E porque não volta mais!

HOMENS
Somos valentes, valentões!
Somos já mais de dois mil!
Vamos ter milhões
Sem ter de ir ao Brasil!
Para a tropa já tudo vai,
Vou eu e vais tu e vão mais!

TODOS
Põe os bois na abegoaria,
Limpa o suor gotejante.
Mais comer, mais alegria,
Larga a charrua e avante!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Libreto da apresentação de 2023

Dramaturgia e partes declamadas da autoria de Ricardo Neves-Neves (a cinzento no texto)
Estreia moderna no Centro Cultural de Belém,
a 12 de novembro de 2023

[N.º 1 PRELÚDIO]

CENA 1

[N.º 2 CORO]

CORO
Vamos lá prá romaria,
Que este dia, que este dia
Consagrado é ao prazer.

Ao trabalho e às fadigas
Fazer figas, fazer figas,
É cantar, dançar, beber!

HOMEM 1 e HOMEM 2
Maria, vai um pezinho de dança?
(Maria não responde. Olham um para o outro.)
Eu perguntei primeiro. Não, eu perguntei primeiro. *(Os homens lutam. Maria afasta-se enfastiada. Começam os rumores na aldeia, que saltitam em segredo.)*

MULHER 1
A Maria não aceitou um pezinho de dança.

MULHER 2
A Maria aceitou um pezinho de dança.

MULHER 3
A Maria aceitou um pezinho de dança com os dois ao mesmo tempo.

HOMEM 3
Com os dois pés?

MULHER 3
Não, com os dois mancebos.

HOMEM 3
A Maria anda metida com dois mancebos. Parece que são espanhóis.

MULHER 4
A Maria vai para Sevilha com um amante de camisa aberta.

HOMEM 4
A Maria vai fugir, porque está tão grávida que não há já roupa que lhe sirva.

MULHER 5
A Maria está grávida de gémeos e não sabe quem é o pai.

HOMEM 5
Nem a mãe.

MULHER 6
Ludovino, põe-te a pau que parece que a Maria arranjou outro.

LUDOVINO
O quê? A Maria tem outro? A Maria entregou-se nos braços de outro homem, quebrando assim a nossa promessa de fidelidade e castidade? Traição! Joana!

(Joana está nos braços de outro homem.)

Vamos dançar?

JOANA
Não me faço rogada. *(Corre para Ludovino.)*

HOMEM 6
O Ludovino convidou a Joana para dançar.

MULHER 7
O Ludovino e a Joana vão casar.

LUDOVINO
E para quando fica o nosso casamento?

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

HOMEM 7
E não é que vão mesmo?

JOANA
Ludovino, tens de pedir a minha mão
em casamento ao Abade Cortições,
que é como se fosse meu pai.

MULHER 8
Parece que o Cortições já aprovou
o casamento.

LUDOVINO
Falo com ele amanhã de manhã,
está decidido! … *(à parte)* Adeus Maria!

CORO
Viva os noivos!

[N.º 3 DUETO JOANA E LUDOVINO]
JOANA
É que, por variadíssimos motivos,
Terei orgulho em ser tua mulher.
Tu és a sorte grande cá da aldeia,
Tens tudo quanto uma mulher requer.

LUDOVINO
Mais do que tens também ninguém deseja.
És muito séria, honesta e verdadeira.
E o que fará com que eu te leve à igreja
É não julgar que és namoradeira.

JOANA *à parte*
Ai, se julgasse ele acertava, olé!
Porém não julga e não me passa o pé.

LUDOVINO *à parte*
Se ela soubesse que em Maria eu penso
E que esse amor estou certo que não venço…

JOANA *à parte*
Não devo andar correndo seca e meca
Que este aveza teca.

LUDOVINO *à parte*
Mas à Maria chamam-lhe perdida!
Não sei que voltas dê à minha vida.

JOANA
Então só nos resta
Tratar de casar!
Amanhã na festa
Já deve constar.
Casório de arromba
Dará que falar.
Vai ser uma bomba
Na aldeia a estalar!

LUDOVINO
Seria uma festa
Tratar de casar!
Mas bato na testa
E fico a pensar
Casório de arromba
Convém demorar.
Seria uma bomba
Na aldeia a estalar!

JOANA
Ludovino, meu amor primeiro,
Já te dei o coração inteiro.
Com franqueza nunca amei assim.
A não ser…

LUDOVINO
Quem?

JOANA
Quero dizer …
A não ser o Ludovino,
(à parte) enfim …

LUDOVINO
Também eu, ó Joaninha,
Nunca amei ninguém assim.
A não ser …

JOANA
Quem?

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LUDOVINO
A não ser a ti,
(à parte) enfim …

JOANA
Aceita esta verdade:
A ninguém eu dei a liberdade
De na face um beijo me gravar.
A não ser …

LUDOVINO
A quem?

JOANA
Quero dizer …
A não ser a ti … ao escapar.

JOANA
Então só nos resta
Tratar de casar!
Amanhã na festa
Já deve constar.
Casório de arromba
Dará que falar.
Vai ser uma bomba
Na aldeia a estalar!

LUDOVINO
Seria uma festa
Tratar de casar!
Mas bato na testa
E fico a pensar
Casório de arromba
Convém demorar.
Seria uma bomba
Na aldeia a estalar!

(*Ludovino sai.*)

CENA 2

DOMINGAS
Ó Joana e tu estás pronta para assentar?

JOANA
Claro! Quando entrar na quinta
do Ludovino, com a garagem cheia
de cavalos de fórmula 1 e me sentar àquela
mesa de mogno, comprida e cheia
de castiçais de prata com velas por estrear,
não me vou lembrar dos olhos azuis
do Martinho. Nem do Chico e dos seus
bíceps de lutador. Nem do António e os
seus quase dois metros de altura. Nem
do matulão do Simão, do João, do Miguel,
do João Miguel, do Fernando, do Pedro
Mouco, dos irmãos Lobato, da Cátia ou
do Joaquim de Vila d'Anha. Vou dedicar-me
ao Ludovino e ser-lhe para sempre fiel.

[N.º 4 CANTIGA JOANA]
JOANA
Ai minha mãe que me morro,
Que me morro de paixão!
Os olhos de D. Martinho,
Mi madre, matar-me-ão.
O corpo tiene de hombre,
Os olhos de mulher são.

Tenho um namorado
Com olhos azuis,
Que é cá dos rapazes
Gentis e tafuis.
E os olhos do Chico
Que pretos que são!
Carvões que me fazem
Arder em paixão.

D. Martinho de avisado
Cadeira mandou chegar
E pôs-lhe o capote em cima
Para mais alto ficar.

O António é alto,
Esbelto e gentil.
De bago é que é falto,
Assim há aos mil!

Não é deste lote
Um outro que eu sei,

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Moreno e baixote,
A quem desfrutei.

CENA 3

(Vilar e Onofre estão a beber ao balcão da taberna de Aniceto. Entra Perpétua.)

PERPÉTUA
Salvé! Sr. Aniceto, avie-me vinho para a missa, se me fizer o obséquio.

ANICETO
Sim, Perpétua.

PERPÉTUA
Perpétua?

ANICETO
Sim, D. Perpétua.

PERPÉTUA
Pois claro, que não sou menos que a rainha. *(Para o céu.)* Ainda bem que já morreste, meu Segismundo, para não teres o desgosto de veres a tua viúva, a viúva de um homem que regou a árvore da liberdade com o seu sangue, ser enxovalhada desta maneira e numa taberna que nunca passaria nas leis da moral, da decência e da ASAE.

(Aniceto coloca um pacote de vinho em cima do balcão.)

PERPÉTUA
Isto quanto é?

ANICETO
Litro e meio.

PERPÉTUA
Litro e meio? Não vê que é para a missa dos meninos órfãos de pai e mãe? Reforça-se a dosagem, que sempre levam algum sustento, pobrezinhos.

ANICETO
O tinto já acabou, D. Perpétua.
PERPÉTUA Traga então do verde. Frisante, se o tiver.

ANICETO
Amendoins ou tremoços?

PERPÉTUA
Hóstias. Dois pacotes industriais.

ANICETO
O vinho é fresco ou natural?

PERPÉTUA
Natural, que os gaiatos ainda se constipam e depois não querem trabalhar.

ANICETO
Embrulho em papel de jornal?

PERPÉTUA
Por mim, não faça cerimónia. Para quem é …

ANICETO
Dona Perpétua, só se for cerimónia nupcial.

PERPÉTUA
Se for para o ver no altar, que seja dentro de um caixão.

ANICETO
Perpetuamente fria e impiedosa.

PERPÉTUA
Não pense que me leva com encómios.

ANICETO
E eu comi-os.

PERPÉTUA
Deixe-se de trocadilhos, que isso é pecado. Ai, Segismundo, se fosses vivo, coitadinho …

ANICETO
É o Abade Cortições que chega?

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PERPÉTUA
Já lhe ouço a batina a dar a dar.

[N.º 5 COPLAS DO BREVIÁRIO]

CORTIÇÕES
Qui tollis peccata mundi,
Dicebat, Santo Hilário.

PERPÉTUA e ANICETO
Ai que devoção me infunde
O seu santo breviário.

CORTIÇÕES
In illo tempore
Ser padecente,
Sofrer somente,
Era bem bom.

Que gente aquela!
Amar a morte
Era o seu forte.
Kyrie eleison.

In illo tempore
Nutrir as feras
Era deveras
Prazer até.

Diremos hoje
Prazer atroz.
Libera nos
E Domine.

Os homens santos
Eram assados,
Fritos, torrados
Como café, olé!

Hoje ao calor
Ninguém se atreve,
Toma-se neve
E capilé
E Domine.

Se procuramos
Na Capadócia
Ou na Beócia
Santos achamos.

Mas em Lisboa,
Mesmo em Cacilhas,
Com maravilhas
Não deparamos.
Gratias agamus.

(Montam a mesa do jogo de cartas.)

ONOFRE
O Sr. Abade hoje vai levar uma abada.

PERPÉTUA
Que bonito trocadilho, pensa que está nos 100 anos do Parque Mayer?

ONOFRE
Cada um dá o que tem.

(Entra *Domingas*.)

DOMINGAS
Boa tarde, Sr. Aniceto.

ONOFRE
E a mim não cumprimenta, menina Domingas?

DOMINGAS
Oi.

(Onofre derrete-se. Domingas põe uma moeda na jukebox. *A música começa e Domingas dança.)*

ONOFRE
Já ganhei o dia. Aniceto, sai um calcinho de vinho de Amarante para mim e outro para a menina Domingas.

DOMINGAS
Não bebo. Mas se me quiser meter aqui uma moeda, aceito.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

(Onofre junta-se a Domingas.)

[N.º 10 COPLAS ONOFRE]

ONOFRE
A Domingas tem encantos
Cá pra mim inexcedíveis.
E as más-línguas dizem dela
Cousas tristes, impossíveis.

Eu desprezo os maldizentes
E em contestações não entro.
Que me importa que se diga
Que ela mete os pés pra dentro.
E embora os tenha assim
Pra mim é um quindim!

Que ela tem os olhos tortos.
(E ela é vesga com efeito!)
Há, porém, ocasiões
Que pra mim olha direito.
E vesga ser assim
Não passa de um quindim!

Diz a-a-a-mor desta arte
E não é de voz à mingua,
É que pra dizer amor
Inda não lhe chega a língua.
E ser gaga, quanto a mim,
Não passa de um quindim!

Três estrelas tem na testa.
Mas insistem os vizinhos
Em dizer que estes três astros
São três enormes lobinhos.
Ter lobos, cá pra mim,
Não passa de um quindim!

CORTIÇÕES e VILAR
Aniceto, para mim um «Martiním».
Olha, já não morremos hoje. Mas para mim, sem azeitonas. *(Entreolham-se.)*
Meta antes uma ginja. E duas raspas de limão. *(Cortições e Vilar faíscam.)*

PERPÉTUA
Ai, credo, estão cá com uma sintonia.
Até parece combinado.

CORTIÇÕES e VILAR
Meia pedrinha de gelo.

ANICETO
É o que acontece quando as almas são muito gémeas. Quer ver?

PERPÉTUA e ANICETO
Quero ver o quê? Oh, esteja quieto que isso é pecado. Cale-se, não seja parvo. Ai, Segismundo, meu falecido, repara como me arremessam mãos cheias de vergonha.

ANICETO
Ora ouviu o eco da afeição? Agora dê-me cá um beijinho.

(Perpétua tenta dar um estalo a Aniceto pela esquerda. Aniceto defende-se. Depois pela direita. Aniceto defende-se. Depois uma joelhada. Aniceto defende-se. Perpétua finge que desiste e aplica-lhe uma cabeçada em cheio no centro do alvo da cara. Aniceto cambaleia.)

CORTIÇÕES e VILAR
Em copo alto e com duas rodelas de calamares.

ANICETO
É para já.

CENA 4

(Ainda na taberna. O chão treme.)

CORTIÇÕES Ó Diabo, que será isto?

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

[N.º 6 CENA E COPLAS MARIA]

MARIA

Quando eu saí de casa o sol
Vinha a nascer, rompia o dia.
Já não cantava o rouxinol,
Cantava ainda a cotovia.

Quando ainda à noite nos casais
Se ouvem os homens ressonar
Já eu, os melros e os pardais
Nos campos vamos a voar.

E como o canto da andorinha
Enche a manhã de chilreadas
Vou eu também, livre e sozinha,
Saudar o sol com gargalhadas.

Com uma cana a pescar
Pus-me na margem da ria
Donde visse a romaria,
Que ali devia passar.

Vejo os dois morgados
da quinta do monte
Pararem defronte
muito embasbacados.

E por duas vezes
um a mim chegou-se,
Como se isto fosse
roupa de franceses.

Levanto-me logo
sem tir-te nem guar-te,
E co'a mão desta arte
Pespeguei-lhe fogo.

Bateu numa frágua,
perdeu o boné,
deslizou-lhe o pé,
Caiu dentro d'água.

E, como o João
tinha o cão na horta,
Saltei té à porta
E assolei o cão,
Que, pra meu consolo,
Se foi ao morgado
que tinha ficado
com cara de tolo.

E o canzarrão por castigo
Rasgou-lhe os calções
De modo e em sítio
Que ficou todo … eu não digo!

E enquanto o do cão se anima
E o da ria barafusta,
Gritava-lhe eu cá de cima:
Agarrá-las é que custa!

Já perto da aldeia
A um padre devasso
Que queria um abraço
Eu dei de mão cheia

Um soco pesado
Quando o achei a jeito,
Que lhe terá feito
Um galo encarnado.

E já aqui à porta
A um grande marão
Tirei eu o pão,
Gritando: Vai torta!

Fazendo um bom jogo,
Bem viram, eu só
Toquei-lhes sem dó
Nas costas a fogo.

Tenho estas pernas e este braço
Fortes de orgulho e mocidade
Pra defender sem embaraço
A minha querida liberdade.

MARIA

Bom dia. Aniceto, o costume.

ANICETO

Bom dia, Maria. Aqui tens.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

(Aniceto serve-lhe um triple shot *de bagaço e um pastel de bacalhau. Maria paga e repete para a mesa do jogo:)*

MARIA
Bom dia.

CORTIÇÕES
Parece que ouço vozes. É certamente o Espírito Santo a cochichar-me algum versículo.

VILAR
Maria, a beber a esta hora?

ONOFRE
É tão cedo. Ainda agora é 1846.

MARIA
Que engraçado. Os homens estão todos a beber e para eles não é «tão» cedo. Existe alguma lei que digaque uma mulher só pode molhar o bico a partir de determinado horário?

PERPÉTUA
Uma mulher não bebe. Uma mulher não fuma. Uma mulher não foge às suas obrigações. Obedecer, obedecer, obedecer.

(*Maria pega na garrafa, bebe pelo gargalo até ao fim e parte-a na cabeça. Arregaça a manga e mostra a tatuagem. Onofre lê:*)

ONOFRE
«Free Tibete».

ANICETO
Então hoje o jogo é a dinheiro ou a feijões?

CORTIÇÕES
Cash, que o restauro da torre sineira e a onzena do *BM* não são pagos pelos Reis Magos.

PERPÉTUA
Da minha parte é a Pai-Nossos, que está na hora de rezar o terço.
(*Olhando para Maria*)
O ar está poluído de pecado.
(*Com a mão na testa*)
Tenho a calota a derreter com esta presença do Inferno.
(*Põe o crucifixo na boca. Engasga-se e sai.*)

CORTIÇÕES
Tem lume? Confisquei estes cubanos a um galego que veio da Alemanha. Deixou-me uns folhetos. Deve ser da Igreja Luterana. *Please*, não tem noção.
(Acende o charuto.)

VILAR
(lendo) «Os novos ideais de Marx».

ONOFRE
Marx é chocolates.

CORTIÇÕES
Então devolva-me o papel.

CENA 5

(Entram Joana e Ludovino de braço dado.)

HOMEM 1 e 2
Olá Joana.

HOMEM 3 e 4
Olá Joaninha.

LUDOVINO
Como conheces estes homens?

JOANA
São meus irmãos.

LUDOVINO
Todos eles?

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

JOANA
Não, só aquele. Os outros são irmãos dele, tanto do lado da mãe como do lado do pai. Olha!
A Maria já tão cedo na taberna, rodeada de não sei quantos.

(Maria cai embriagada nos braços de Onofre e Vilar. Ri-se sozinha.)

LUDOVINO
Está incrivelmente alcoolizada.

JOANA
Talvez seja perfume a mais.

ONOFRE
Aniceto, café!

(Aniceto traz café em sacos de soro e administra-o intravenosamente a Maria.)

[N.º 22 TERCETO]
LUDOVINO
Tens tu visto ao pé as uvas
Nas latadas,
Bem ao alcance da mão
Penduradas,
Que logo às primeiras chuvas
Estragadas,
Pelo vento esbagoadas,
Vêm ao chão?

Pois aí tens!
A Maria quem quiser
É tocar-lhe só com a mão,
É falar-lhe um só dia
P'ra a colher já no chão.

JOANA
Deixa-a lá, coitada,
Enganada viverá!

LUDOVINO
Eu sei é desgraçada,
Do que foi está bem mudada.

MARIA
Ai eu sou coitada?
Deixem lá!
O que eu sou ninguém saberá!
Enganada viverá
E eu livre serei sem lenços de seda.

LUDOVINO
É o rico quem mais goza!
Ricos, bem sabes, seremos!
Todos os dias veremos cor-de-rosa.

LUDOVINO, JOANA
Nós seremos dois tafuis,
Viverás (viverei) tranquila e queda.
Dar-te-ei (dar-me-ás) lenços de seda,
Dar-te-ei (dar-me-ás) meias azuis.

CORTIÇÕES
Tafuis é tipo jet 7.

MARIA
São ricos os manganões,
Têm mais este defeito.
Que lhes faça bom proveito
Os seus milhões!
Riquezas vêm a ser manhas,
Prove-as quem tem ouro em pó,
Que para viver bastam só
Duas castanhas.

LUDOVINO, JOANA
Nós seremos dois tafuis,
Viverás (viverei) tranquila e queda.
Dar-te-ei (dar-me-ás) lenços de seda,
Dar-te-ei (dar-me-ás) meias azuis.

MARIA
Mentirosos, mas tafuis.
Pois que Deus lhe dê ventura,
Assim suceda.
Livre, sem meias de seda
Nem meias azuis.

MARIA
Aniceto, só mais uma pinguinha. Mas uma pinguinha grossa, que me encha a caneca.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

(Aniceto nega voltar a servi-la. Maria vai à caça de vinho nas outras mesas.)
O vinho é sangue de Deus, não é Sr. Abade?
Benza-me aqui este copinho, para absolver
os meus pecados.

ANICETO
Por hoje chega, Maria.

MARIA
(olhando para Ludovino) Estou a festejar
a minha independência.

LUDOVINO
Aniceto, enche-me o copo, se faz favor.
E também o de Joana.

JOANA
Fixe.

MARIA
Então e o meu?

LUDOVINO
Como quiseres.
(Faz sinal a Aniceto, que enche o copo de Maria.)

[N.º 15 CANÇÃO MARIA E LUDOVINO]
MARIA
A vida é o gozo, o prazer
Correndo veloz no espaço.
É o tempo de beber
E de trocar um abraço.

Perdem as aves o ninho,
Vão-se as horas a fugir,
Vai-se o chorar e até o rir,
Só há tempo pra pedir
Mais vinho!

LUDOVINO
Ela num tal descaminho
Chegar assim a cair,
Chegar assim a pedir
Mais vinho!

MARIA
No verão o bom vinho enforcado
E o maduro pró inverno,
Sendo o amante mais amado
O amante que é mais moderno.

E enquanto eu puder gozar
Hei de sempre proclamar
Como verdade bem sabida
Que é o melhor desta vida
Variar.

LUDOVINO
Também eu vou adotar
Como verdade sabida
Que é o melhor desta vida
Variar.

CENA 6

(Marcha militar. Entra o Exército Real com expressões de fúria.)

EXÉRCITO CORAL
1, 2, esquerdo, direito.
1, 2, depila o peito.
1, 2, esquerdo, direito.
1, 2, depila o peito.
A gente vem de Lisboa,
representando a Coroa.
Marchamos em parada gay,
para ler o decreto-lei. *(Bis.)*

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
(tira um papiro em tons pastel da sua mala de mão estilo Isabel II de Inglaterra) Houlá
da Província!
(Reparando nas ovelhas de Maria.)
Ah, tão giro. São ovelhas, não é?
Que lindas! Dão lã?

MARIA
Não. *(Tempo.)* Dão *sushi*.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Uau! Que diferente. Bom, oiçam todxs. Vimos anunciar as novas leis Cabralistas que o Costa Cabral escreveu para o Cabralismo, com aprovação da Magnânima D. Rainha D. Maria Dois.

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.
(E marcham de mão na anca.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Lei n.º 1: Prestem bem atenção, se não depois não percebem nada do que vai acontecer daqui para a frente. Vou repetir. Lei n.º 1: Nem o Povo nem mais ninguém que não seja bem-nascido tem autorização de sepultar os mortos dentro das igrejas. A Magnânima D. Rainha D. Maria Dois e o Cabral mandaram construir cemitérios em lotes descampados, praticamente fora das cidades, para que lá sejam enterrados tanto os cadáveres como quem já não esteja vivo. E não é grátis, que se paga imposto. Em cima de tal matéria, ainda acresce a despesa de uma certidão de óbito e uma licença sanitária, onde constarão os dados pessoais e o resultado da autópsia do vosso cadáver. Fui claro? Pronto.

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.
(E marcham de mão na anca.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Lei n.º 2: A carga fiscal vai aumentar, o que quer dizer que os impostos vão subir. Em palavras caras, mas sucintas: a Magnânima D. Rainha D. Maria Dois e o Cabral procederam a uma reorganização fiscal, com a exigência do recenseamento da propriedade e a introdução da contribuição predial, entre outros. Para mais informações acedam à Área Fiscal, em www.cabral.gov. Ok?

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.
(E marcham de mão na anca uma vez mais, amiga.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Lei n.º 3: esta é importante:
Todos os homens, todos sem exceção, todos-todos-todos, serão recrutados para vários anos de tropa. Não escapa nenhum, que a gente lá em Lisboa temos muita falta de homens. Tasse? Gratiluz! Com a vossa licença, graciosa gentuça.

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.
(*E saem de mão na anca, a marchar em direção ao horizonte, onde se fundem com o pôr-do-sol em longínquos fogos de artifício, parecendo a Madeira no Réveillon.*)

POVO
Vão para o Diabo! Para o Diabo, todos!

PERPÉTUA
Não percebi bem o que aqui sucedeu, mas será certamente um grande pecado. Ai, Segismundo, que será isto?

MARIA
Graciosa gentuça?

ANICETO
Vão subir ainda mais os impostos? Mas como é que se pode subir o que já está para lá dos píncaros?

MARIA
Que história é aquela de não enterrar os mortos na igreja?

ONOFRE
E todos os homens vão ser recrutados para vários anos de tropa em Lisboa?

JOANA
Os homens todos vão para a recruta? Não fica cá nenhum? *(Chora.)*

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PERPÉTUA
Mas temos de obedecer. As leis são feitas para o nosso bem. As leis são feitas para obedecer.

MARIA
Beata! Mulher mais apagada que uma vela debaixo de água.

[N.º 8 FINAL I]
MARIA
Ai se eu pudesse levantar o povo …
O Ludovino não será soldado!
Estou maquinando um plano certo e novo.
Vou conseguir um belo resultado,
Vou-lhes mostrar quem eu sou!

JOANA
Se eles recrutam o povo
Lá se vai o namorado!
Este caso é novo,
Qual será o resultado?
A minha sorte mudou.

PERPÉTUA
Vão recrutar o nosso povo,
Vai tudo preso pra soldado!
Eu estou tremendo, oh se estou.

ONOFRE
Ai se recrutam o povo
Irei também ser soldado!
Pra me casar aqui estou
E nenhum deles me casou.

ANICETO
Penso em Perpétua e não no povo.
Tu vales mais do que um batizado.
De amor estou cheio, querida, como um ovo!
Eu estou muito apaixonado!
O meu amor se entranhou!

CORTIÇÕES e VILAR
Entregarei à tropa o meu povo?
Tudo aqui irá ser soldado?
Será bom o resultado?
Temos talvez que lutar!
Hei de mostrar quem eu sou.

TODOS
Que sairá daqui?
Caso assim nunca vi!
Qual será o resultado?
Isto vai dar que falar.

O dia de amanhã
Traz cousas de espantar.
O que será?
O que for soará!

CENA 7

MARIA
Não deixemos a tropa levar os rapazes!

POVO
Não deixamos a tropa levar os rapazes!

CORTIÇÕES e VILAR
(mais recolhidos da barafunda, sobre Maria)
Mas quem agarra esta rapariga?

VILAR
(a rir, para Cortições)
Ai, pára de falar ao mesmo tempo que eu, que doido!

MARIA
Não deixemos a tropa levar os rapazes!

POVO
Não deixamos a tropa levar os rapazes!

MARIA
E não nos vamos ficar por aqui.
Os impostos é fácil: não os pagamos.
E os mortos vão todos a enterrar no adro das igrejas como sempre foi costume!

POVO
Sim! Sim, sim!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PERPÉTUA
Mas enterrados ao ar livre, que mal tem?
O ar puro faz tão bem à saúde.

VILAR
Não se pode enterrar nas igrejas
por causa dos maus cheiros dos mortos,
que são prejudiciais à saúde e causam
anemias e outros paradigmas.

MARIA
Ora, se começarem a proibir a entrada
na igreja àqueles que trazem maus cheiros,
metade de vocês fica no lado de fora.
Isto cheira-me a propaganda do Cabral.

POVO
Propaganda não! Não, não!

CORTIÇÕES
Costa Cabral governa com mão de ferro.
Não há como contrariá-lo.

MARIA
Mas sendo eu a Maria da Fonte,
vou jorrar-lhe tanta água para a sua mão
de ferro, que se há de desfazer em ferrugem.

POVO
Que bonito trocadilho. E tão heroico!

JOANA
Enterrar os mortos num terreno baldio,
praticamente fora dos limites da urbe,
tão fora de mão.

ONOFRE
É muito longe, uma pessoa mal ganha
para o petróleo.

MARIA
Sepultar dentro da igreja é uma questão
de respeito por quem já foi parte da gente.

ONOFRE
E ainda pedem um papel a explicar
do que morreu quem morreu.

MARIA
Ora a quem já morreu que lhe interessa
saber de que morreu?

JOANA
E esse papel paga-se.

PERPÉTUA
Um papel para confirmar que o morto
está mesmo morto?

MARIA
E a gente não vê isso? É preciso vir alguém
de fora para confirmar?

[N.º 17 FINAL II]
CORO
Nós já vamos ver se serão capazes
De levar daqui presos os rapazes!

MARIA *(Coro repete.)*
Povo de pé! Povo avante!
Já a águia abriu a asa
Para defender o amante,
Os filhos, as mães, a casa!

Começou a romaria
Que santifica e melhora.
Rompe o sol de um novo dia,
Vai connosco Deus agora.

CENA 8

CORTIÇÕES e VILAR
Não sei se aquela rapariga …

CORTIÇÕES
Com licença, Vilar, agora
vou eu.

VILAR
Faz favor, Sr. Abade.

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CORTIÇÕES
Não sei se aquela rapariga é uma mulher ou o Diabo.

VILAR
A incitar o povo à revolta!

ANICETO
Mas onde está o problema? Não podemos aceitar todas as leis novas que nos entalam na garganta, só porque sim. Temos todos uma palavra a dizer.

VILAR
Aniceto, meu bom burro. As leis vêm de cima, do mesmo lugar que nos pode fazer ascender, a mim e ao Abade Cortições, que somos praticamente da alta função pública.

CORTIÇÕES
Estou farto de ser abade. Quero subir na carreira e vestir melhor. Assim nunca mais chego a Papa.

VILAR
Eu adorava ser presidente da câmara, diretor de uma CCDR. Ou pelo menos vereador.

CORTIÇÕES
E se perceberem, em Lisboa, que não temos mão no povo de uma aldeia perdida a norte não nos darão crédito para liderar projetos maiores. Cónego é um *dream job*.

[N.º 20 COPLAS CORTIÇÕES]
CORTIÇÕES
E agora quem me fará cónego?
Só há São Bento que me acuda
Pra nesta perna rechonchuda
As meias rosa envergar.
A coisa é para arreliar,
É de temer esta ressaca.
Talvez voltando a casaca
As meias possa eu calçar.

Cónego, mágica palavra,
Que bom que é um canonicato!
Não há pra um homem pacato
Mais invejável posição.
Cónego, doce palavrão!
O senhor cónego daqui,
O senhor cónego de ali,
Como isto atrai consideração!

Pôr a batina do avesso
Em se tratando de política,
Prática ao abrigo da crítica,
Já o fez Caifás a Galileu.
Assim se trepa ao apogeu
Voltando o fato no cabido.
E eu estou aqui estou lá caído,
Juro a São Carlos Borromeu!

Cónego, mágica palavra,
Que bom que é um canonicato!
Não há para um homem pacato
Mais invejável posição.
Cónego, doce palavrão!
O senhor cónego daqui,
O senhor cónego de ali,
Como isto atrai consideração!

CENA 9

(Maria entra com um cadáver embrulhado numa manta. Esperam-na um grupo de mulheres.)

MARIA
Minha gente! Trago boas notícias!
Morreu a Custódia Teresa.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

MULHERES
(Aplaudem.) Viva!

MARIA
Sabem por que é que são boas notícias?

MULHERES
(Aplaudem.) Não!
(Debaixo de uma pedra, aparecem Cortições e Vilar, de gabardina, chapéu de feltro e óculos de sol. Um vigia de binóculos e o outro toma notas de tudo o que veem e ouvem.)

MARIA
Porque agora temos o pretexto para contrariar as leis novas e fazer as coisas à nossa vontade. Em Lisboa é a D. Rainha D. Maria Dois que governa. No Minho é a D. Maria da Fonte que manda!

(Todas aplaudem.)

MULHERES
Vamos todas ao delírio!

(Entra Domingas atrasada.)

DOMINGAS
Atrasei-me. Desculpem.

MARIA
Só agora? Por onde andaste?

DOMINGAS
Estive num incêndio. Mas depois, com o calor, deu-me sede e vim-me embora.

MARIA
Ok. Vamos sepultar a Custódia Teresa na Igreja do Mosteiro de Fonte Arcada, debaixo de uma laje mesmo central e de fronte à imagem de Maria, mãe de Deus.

DOMINGAS
Boa ideia! *(Para o Povo.)* Esta é uma mulher tão devota, que não se devia chamar Maria da Fonte, mas Maria da Fé!

MULHERES
Maria da Fonte! Maria da Fé!
Maria da Fonte! Maria da Fé!

(Todas aplaudem e saem recitando All I want for Christmas is you*, de Camilo Castelo Branco.)*

CENA 10

CORTIÇÕES
Parece que a Maria vai mesmo avançar com o seu plano de contrariar tudo e mais alguma coisa.

VILAR
Assim não subimos na carreira.

CORTIÇÕES
A não ser que …

CORTIÇÕES e VILAR
A não ser que consigamos convencer o povo a mudar de ideias, com as nossas técnicas de persuasão.

[N.º 12 TERCETO CÓMICO]
CORTIÇÕES
Por nós temos toda a gente!

VILAR
Não nos vencem!

ANICETO
Qual história!

CORTIÇÕES
Basta eu ser tão eloquente…

VILAR, ANICETO
Para ser certa a vitória!

CORTIÇÕES
Eu disponho dos maridos.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VILAR
Das mulheres disponho eu.

CORTIÇÕES
Sobre as confessadas, queridos,
O domínio é todo meu.
Tenho fé nos meus sermões.

VILAR
Acreditem, não é peta,
Tenho fé nos seus sermões.

ANICETO
Tenho fé nos seus sermões.
E no vinho da galheta
Pra amansar os valentões.

OSTRÊS
Fica, pois, convencionado
Subjugar a multidão.
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Cá na aldeia somos tudo!

VILAR
Oh, se somos!

ANICETO
Oh, se são!

CORTIÇÕES, VILAR
Não te metas na questão!

OSTRÊS
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Vais ficar encarregado …
Mas cautela, juizinho!

VILAR
Quer-se muito juizinho!

ANICETO
Sim, senhor, terei cuidado!

CORTIÇÕES
Com astúcia e paciência
Tudo vence um bom pastor.
Hás de distribuir o vinho.

VILAR
Nesta missa é bom que ajudes.

ANICETO
Mas o número de almudes …
Quanto vinho. Quanto vinho!

VILAR
Mas cuidado, juizinho!

OSTRÊS
Fica, pois, convencionado
Subjugar a multidão.
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Cá na aldeia somos tudo!

VILAR
Oh, se somos!

ANICETO
Oh, se são!

CORTIÇÕES, VILAR
Não te metas na questão!

OSTRÊS
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Começamos por pagar uma visitinha
ao acampamento do Exército e denunciar
a Maria, que está a fazer despertar no povo
ideias impróprias e contra a lei.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ANICETO
Irá certamente para a gaiola.

VILAR
Assim, quem fará figura de inflexível
perante o povo será o Exército Real
e não a gente.

CORTIÇÕES
E com a Maria presa, o resto é como roubar
um chupa-chupa a uma criança.

VILAR
O Sr. Abade foi largamente prendado
pela inteligência.

CORTIÇÕES
Isso são favores que Sua Excelência
me faz ao ego.

VILAR
Pois deveras que o acho um homem
recheado de sabedoria e erudição.

CORTIÇÕES
Retribuo o elogio. Também não é qualquer
patego que chega a burocrata.

VILAR
Ai, Abade, não se faz. *(A tapar a cara.)*
Encho-me de vergonha, pareço
uma melancia de agosto.

CORTIÇÕES
Curioso … tem os olhos verdes.

VILAR
Mudam de cor conforme a luz.

CORTIÇÕES
Vilar, oscula-me a joia do terço. *(Vilar beija-lhe a joia do terço, enquanto olha Cortições nos olhos.)*

VILAR
Ai, Abade, beije-me. Beije-me com a língua
e rigor histórico.

(Vilar e Cortições beijam-se com som. Aniceto, que nunca se ausentou)

ANICETO
Ah … Hello?

CORTIÇÕES
Aniceto, não me interrompa em plena
confissão. Sabe lá que traumas se poderão
levantar, quando deixamos um desabafo
a meio.

CENA 11

(Ludovino irrompe pela taberna adentro com Perpétua a correr atrás dele, ofegante.)

LUDOVINO
Sr. Abade, ainda bem que o apanho.

PERPÉTUA
Sr. Abade, repare quem encontrei ainda
agora e que diz que tem uma coisa para l
he pedir. Eu tentei impedi-lo, mas ele
tem tantos músculos, que quase me rachava
ao meio.

LUDOVINO
Mal lhe toquei, D. Perpétua.

PERPÉTUA
Pois foi. Ai, meu Segismundo, vês tu
de que matéria são hoje feitos os homens?
Têm menos fibra que um carapau.

CORTIÇÕES
(com o telemóvel na mão) Diga lá depressa,
que acabei de chamar uma caleche de mulas
para me levar a tal sítio.

LUDOVINO
Sr. Abade, venho pedir-lhe a mão
de Joana em casamento, a quem sei
que presta as maiores devoções de cuidado,
proteção e mimo.

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CORTIÇÕES
Não confirmo, nem desminto.

PERPÉTUA
Eu não disse? Ponha-se a andar daqui
para fora.

LUDOVINO
(ajoelha-se perante Cortições, abre uma caixinha. Lá dentro está um anel.) É uma
pedra verdadeira, extraída das minas
da Serra d'Arga.

PERPÉTUA
Tem um brilho tão baço. Parece um dente.

LUDOVINO
Sr. Abade, aceita que Joana aceite a minha
mão em casamento?

[N.º 16 QUINTETO]
CORTIÇÕES
Eu não lhe digo que não.

LUDOVINO
Então?

CORTIÇÕES
Mas a ocasião é má.
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.

LUDOVINO
Mas senhor …

CORTIÇÕES
Não se amofine
Que nas boas graças está,
Pois nós todos em geral o estimamos …

PERPÉTUA, CORTIÇÕES. VILAR e ANICETO
… e respeitamos e consideramos
Como um noivo sem rival.

LUDOVINO
Isso é honra sem igual.
Agradeço a cortesia,
Mas saber desejo o dia
Em que devo possuir
Essa mão que vim pedir.

CORTIÇÕES
Brevemente!

LUDOVINO
Brevemente?

PERPÉTUA, CORTIÇÕES. VILAR e ANICETO
Brevemente, brevemente!

LUDOVINO
Todavia, francamente,
Não me diz o dia certo.
Estou na mesma confusão!

PERPÉTUA, CORTIÇÕES. VILAR e ANICETO
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.
Mas, por Deus, não se amofine
Que nas boas graças está
E, paciência, Deus dará!

LUDOVINO
Esperarei, pois, que termine
Esta crise que é bem má.
E, conquanto eu me amofine,
Paciência, Deus dará!

CORTIÇÕES
Ficará pró São João.

PERPÉTUA, VILAR e ANICETO
Tem de mão
Calhar no verão.

LUDOVINO
Ficará pró São João.

CORTIÇÕES
Ter um genro tão milhoso
Com a vida direitinha,
Ter um genro dinheiroso
Sempre foi ambição minha.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR e ANICETO
Genro, genro, genro, genro?!

PERPÉTUA
Que está dizendo?

LUDOVINO
Também eu não compreendo!

VILAR, *à parte*
Pois eu cá bem compreendo!

CORTIÇÕES
Disse genro? Eu já emendo.
Não repare, Ludovino
E vós todos perdoai
Que à Joana sempre tive
Verdadeiro amor de pai.

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR e ANICETO
Isso agora é outro caso!

CORTIÇÕES
Quem duvidará pois, quem?

PERPÉTUA, LUDOVINO. VILAR e ANICETO
Ninguém, ninguém, ninguém, ninguém!

PERPÉTUA, CORTIÇÕES. VILAR e ANICETO
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.
Mas, por Deus, não se amofine
Que nas boas graças está
E, paciência, Deus dará!

LUDOVINO
Esperarei, pois, que termine
Esta crise que é bem má.
E, conquanto eu me amofine,
Paciência, Deus dará!

(Enxotam Ludovino para a rua e fecham-lhe a porta na cara. Perpétua engole a lâmina de uma espada medieval e cospe fogo pelo nariz.)

CENA 12

(Maria de pá numa mão e picareta na outra, prepara-se para levantar uma laje e cavar.)

MARIA
Isto é um pequeno passo para uma mulher,
mas é um grande passo para as gentes
do Minho.

[N.º 21 COPLAS MARIA]
MARIA
Ao ver o povo em miséria,
Bruto, entregue à beatice,
A gente abonada e séria
Pegou a pensar e disse:
Nada de cerimónia à larga,
É ter prazeres abundantes.
Elas são nossas amantes,
Eles nossos bois de carga.

A eles vamos sem mais,
Que há aí quem menos valha.
São um rancho de animais.
É a canalha!

CORO
A eles vamos sem mais
Que há aí quem menos valha.
São um rancho de animais.
É a canalha!

MARIA
Sentem fome, têm pobreza,
O que eles são é uma súcia!
Já ontem tive a Teresa,
Tragam-me cá hoje a Lúcia!
E tu, meu asno chapado,
Evita a ociosidade:
Leva o trigo ao Senhor Abade
E vai cavar pró morgado.

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A eles vamos sem mais,
Isto não é gente, é palha.
São um rancho de animais,
É a canalha!

CORO
A eles vamos sem mais,
Isto não é gente, é palha.
São um rancho de animais,
É a canalha!

CENA 13

(Cortições e Vilar estão no acampamento do Exército Real, onde os soldados estão a assar marshmallows *com um pauzinho virado para a fogueira.)*

CORTIÇÕES e VILAR
Pois é como lhe digo.

CORTIÇÕES
A Maria está armada em bloquista, a querer que o Povo se manifeste contra as leis novas do Cabral. Inclusivamente parece que apareceu por aí um cadáver. A Maria pegou nele e já lhe está a abrir uma cova em pleno átrio da Igreja de Fonte Arcada.

CORTIÇÕES e VILAR
E tudo para contrariar vossas excelências, o Cabral, a Magnânima D. Rainha D. Maria Dois, as boas práticas de higiene e a vontade de Deus Nosso Senhor.

CHEFE DO EXÉRCITO ‘
Tás a gozar? *(Para o Exército.)* Rapaziada, estes DILFs vieram dizer à gente que há uma bolha de revolta aqui na Província contra as leis que a gente veio cá declarar.

EXÉRCITO CORAL
Era só mas é o que faltava!

CHEFE DO EXÉRCITO
Devemos lealdade à nossa D. Magnânima D. Rainha.

EXÉRCITO CORAL
Viva a Cher!

CHEFE DO EXÉRCITO
Ai que parvas! *(Começam todas a fazer cócegas umas às outras.)*

CORTIÇÕES
Já que fala nisso …

VILAR
… seria de mais pedir para dar uma boa palavra junto da Magnânima D. Rainha D. Maria Dois …

CORTIÇÕES
… sobre os préstimos que oferecemos …

VILAR
… o Sr. Abade Cortições e eu, Vilar, como está? *(dá dois beijinhos ao Chefe do Exército Real)*, a propósito daquilo que o menino e os seus vieram cá fazer ao Minho?

CORTIÇÕES
Sou um zeloso cumpridor da lei e das instituições vigentes.

VILAR
E eu sou um constitucional de gema. O cumprimento da lei é a base de uma boa alimentação.

CHEFE DO EXÉRCITO
Ai que maluquice, Maria Alice. Pode ser. Mas o que é que a gente ganha com isso?

(Cortições e Vilar levantam a batina e as pernas das calças, respetivamente, revelando as suas meias de rede, escandalosamente provocatórias.)

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CENA 14

(Domingas circula. Joana também. Encontram-se e assim começa uma nova cena, em que primeiro se fala e depois se canta.)

JOANA
Ai, Domingas, estás toda suada.

DOMINGAS
Andei a cavar com a Maria. Estivemos a enterrar a Custódia na igreja. Assim, sem caixão nem nada. Ficou toda torta, mas foi um bonito momento de comunhão popular.

JOANA
(*tirando um lenço de seu regaço*) Deixa-me limpar-te. Tão novinha. Tão porquinha.

DOMINGAS
Que bonito lenço branco.

JOANA
Foi todo caiado à mão.

DOMINGAS
Pela mão de quem?

JOANA
Pela mão de mim.

DOMINGAS Esses trabalhos duros não são coisas para princesas, princesa.

JOANA
(limpando a testa de Domingas) Ai, Domingas, estás com um beat acelerado. Estás toda a escorrer.

DOMINGAS
(faz que sim com a cabeça) Hum-hum.
(Domingas rouba um beijo a Joana. Joana abre muito os olhos, surpreendida. Depois fecha-os e entornam-se ambas nos braços uma da outra, aos beijos vulcânicos. Entra Ludovino.)

LUDOVINO
Joana!

JOANA
Ludovino! Isto não é o que estás a pensar!

LUDOVINO
Então é o quê?

JOANA
Coca.

LUDOVINO
Balelas! És da mesma estirpe que a Maria. Olha, esquece! Esquece o casamento, esquece as juras de amor, esquece estes músculos que te defenderiam no breu da noite.

JOANA
Ora, adeus! Como se eu precisasse de um homem para me proteger. E sobre a Maria estás equivocado. Ela nunca te enganou. És um burro sufocante!

(Ludovino bate com o pé no chão e sai a chorar.)

[N.º 13 VALSA]
JOANA
Ai por causa de um beijo
Apanharem-me assim!
Se tal chega a constar
Estou perdida, ai de mim!

Namorados hei tido
Sem ninguém o haver sabido.
E por causa de um beijo
Apanharem-me assim.

Às ocultas um beijo seduz,
Que insensato desejo, ai Jesus!
Raparigas o exemplo não tomem.
Tenham pejo do beijo de um homem.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CENA 15

MARIA
(batendo as mãos uma na outra, para sacudir o pó) Pronto, enterrada está.

MULHERES
Viva a autodeterminação do povo!

(Entra o Exército.)

CHEFE DO EXÉRCITO
Que é lá isso, a enterrar em plena laje da igreja? Façam bicha, que hoje vai tudo para o Torel.

(O Exército prende as mulheres. Cada membro do Exército Real pega uma mulher pela mão. Maria fica de fora.)

MULHERES
Ai, Maria, que vamos dentro. Isto é uma grande aldrabice!

MARIA
A mim não apanham! *(Tira o lenço da cabeça. Chama a atenção do Exército Real.)* Oh! Sabem o que é isto?

EXÉRCITO CORAL
O quê?

MARIA
Poliéster.

EXÉRCITO CORAL
(subitamente encandeado) Ai, credo! Poliéster! Estamos ceguinhas!

MARIA
Minhas amigas, volto para vos salvar!

(Maria foge. O Exército Real recupera da vista e arrasta todas as mulheres para a prisão, que choram em francês.)

CENA 16

(Perpétua está a fazer olaria. Aparece o fantasma de Segismundo, seu falecido marido.)

SEGISMUNDO
(*com voz de fantasma*) Perpétua.

PERPÉTUA
(*sobressaltando-se*) Sim?!

SEGISMUNDO
Perpétua!

PERPÉTUA
Quem fala?

SEGISMUNDO
(*pigarreia e já não tem voz de fantasma*) Sou eu, meu amor.

PERPÉTUA
Meu amor? *Oh, gosh!* Segismundo? O meu falecido? (*Vendo-o.*) És mesmo tu! (*Soa* Unchained Melody.) Voltaste em fantasma para me atormentar?

SEGISMUNDO
Não, meu amor.

PERPÉTUA
(*desiludida*) Oh … (*Recompõe-se.*) Então, está bem.

SEGISMUNDO
Que saudades do teu sorriso de embirração.

PERPÉTUA
Então e eu …! A minha vida perdeu uma grande percentagem de significado desde que te perdi.

SEGISMUNDO
Minha Perpétua, tenho olhado por ti.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PERPÉTUA
Meu Segismundo, agradecida! Ah, mas eu sabia, caraças! Eu bem que andava a sentir umas presenças. Até cheguei a ir à guarda, mas não fizeram caso. Desde então, ando sempre com uma navalha de ponta e mola na liga.

SEGISMUNDO
(*encolhendo os ombros*) Por mim …

PERPÉTUA
Dava-te agora um abraço terno, não fora estar com as mãos enterradas no barro. Mas posso dar dois beijinhos. (*Dão dois beijinhos na face. Enquanto dão, Perpétua pergunta:*) Passou bem?

SEGISMUNDO
Bem, obrigado. Estás linda, Perpétua.

PERPÉTUA
(*envergonhada*) Oh! Dizes isso a todas.

SEGISMUNDO
Pois deveras! O preto fica-te bem.

PERPÉTUA
Faz-me mais magra. Como é que é o Paraíso? Sempre faz lembrar o Gerês, como vem na Bíblia?

SEGISMUNDO
É mais parecido com Benidorm.

PERPÉTUA
Ai, credo, Deus me dê muita saúde.

SEGISMUNDO
O que é que estás a fazer, Perpétua?

PERPÉTUA
Uma bilha nova para ir à fonte da Maria. Tantas vezes lhe levei a bilha à fonte, que a bilha se quebrou. Agora estou a fazer uma nova, em estilo gótico-cubista e com remates às florinhas. Mas então diz lá. Diz lá, não me atrapalhes mais.

SEGISMUNDO
Perpétua, junta-te à causa da Maria da Fonte, se queres estar do lado certo da história.

PERPÉTUA
É que nem por uma arroba de passas de Alicante!

SEGISMUNDO
Insisto.

PERPÉTUA
Ok, está bem, pronto, acabou-se. Junto-me ao lado certo da história, juntando-me assim à Maria da Fonte. Mas porquê? Porquê, Segismundo? Segismundo?! (*O fantasma de Segismundo evaporou-se.*) Segismundo, meu amor! Meu amor, que te perdi uma vez mais! (*Perpétua chora. Segismundo reaparece.*)

SEGISMUNDO
Fui à cozinha buscar um copo de água.

PERPÉTUA
(*despreocupada*) 'Tá bom.

SEGISMUNDO
Mas não há água.

PERPÉTUA
Ainda não acabei a bilha. Até lá, não há água para ninguém. Mas se te fizer jeito um copo de vinho verde frisante tenho ali uns restos da missa, na minha mesinha de cabeceira.

SEGISMUNDO
Perpétua, sempre me soubeste surpreender.

PERPÉTUA
Pela positiva?

SEGISMUNDO
E também pela negativa.

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PERPÉTUA
Sou uma mulher de mão cheia. Quem dera a muitas! Então vamos lá ao vinho verde. Vão umas pataniscas de rojões com papas de sarrabulho?

SEGISMUNDO
Também sobrou da missa?

PERPÉTUA
Trouxe do orfanato, que ainda sabe melhor.

CENA 17

(*Maria do lado de fora da esquadra.*)

MARIA
E agora como é que eu as solto? Perpétua Maria!

MARIA
Perpétua, se vens para me dificultar mais a vida, esgano-te.

PERPÉTUA
Não, Maria, fui iluminada pelos ideais de justiça e estou aqui para te ajudar. Tenho a chave mestra da cidade, que é capaz de abrir qualquer fechadura a norte do rio Ave! Queres ver? (*Usa a chave mestra para abrir os portões da prisão.*)

(*As mulheres começam a sair da prisão, a coxear, a tossir e a assoar-se.*)

MARIA
Preparemos a vingança! Mulheres, de que armas dispõem? (*As mulheres sacam das saias pistolas, facas, espingardas, foices, metralhadoras, canhões e granadas.*)

MARIA
Excelente! Para tratar dos eventuais f eridos fica a Domingas, que fez o curso de Enfermagem.

DOMINGAS
Equívoco natural. Não fiz o curso de Enfermagem. Fiz o curso de Informática.

MARIA
E isso o que é?

DOMINGAS
Faço programas.

MARIA
És puta? Ao menos tens uma pistola?

DOMINGAS
Não. Mas tenho um apito.

MARIA
Tem caráter e o efeito é o mesmo. Usa-o quando a lógica se impuser.

DOMINGAS
Compreendi-te.

MARIA
Disseste que havia um incêndio.

DOMINGAS
Em Rendufinho.

MARIA
Antónia! Lemúria! Vão a casa buscar umas sacas de juta e sigam para Rendufinho. Tragam de lá todo o fogo que conseguirem.

ANTÓNIA e LEMÚRIA
Sim, capitã!

(Entra o Exército Real com ar pimpão e as garras de fora, sucedido de Cortições e Vilar, que estão com um sorriso de vampiro. Domingas apita. As mulheres preparam as suas armas. As mulheres lutam com o Exército Real! As mulheres cantam «Run the world? Girls!», de Beyoncé. Entretanto voltam Antónia e Lemúria com as sacas cheias de fogo.)

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ANTÓNIA e LEMÚRIA
Estamos de volta, capitã!

MARIA
Trouxeram o fogo?

ANTÓNIA e LEMÚRIA
Tanto quanto conseguimos acartar.

MARIA
Domingas, apita! (*Domingas apita.*)
Preparar as ovelhas!

MULHERES
Sim, capitã! (*Entram as ovelhas.*)

MARIA
Incendiar as ovelhas!

ANTÓNIA e LEMÚRIA
Sim, capitã! (*Entornam um pouco do fogo que trazem nas sacas para cima das ovelhas, que ficam com os olhos raiados de sangue, como um toiro de Santarém.*)

MARIA
Lançar as ovelhas! (*As mulheres lançam as ovelhas contra o Exército Real, Cortições eVilar, que são derrubados tal qual pinos de* bowling. *Veem estrelas e recompõem-se lentamente.*)

MARIA
Preparar a catapulta!

MULHERES
Sim, capitã! (*Entra uma catapulta medieval.*)

MARIA
Tragam o queijo Limiano!

MULHERES
Sim, capitã! (*Rolam bolas de queijo Limiano de mais de um metro de diâmetro, que colocam na colher da catapulta.*)

MARIA
Incendiar o queijo! (*Antónia e Lemúria repetem o processo bélico.*) Disparar! (*Catapultam as bolas de queijo Limiano, que explodem mal entram em contacto com o chão, fazendo o Exército Real voar. Os membros do Exército caem em cima umas das outras. Muito fraquinhas, sofrem sentadas no chão.*)

MARIA
Lancem a rede de pesca sobre o Exército!

MULHERES
Sim, capitã! (*Lançam a rede sobre o Exército, que fica totalmente impotente.*)

MARIA
Terminou a tirania! Vencemos o Exército Real, o Cabralismo, a D. Rainha D. Maria Dois e mais não sei o quê! Glória ao Minho! Glória às mulheres do Minho!

MULHERES
Viva! Viva o Minho! Viva a Maria da Fonte!

CORTIÇÕES
Maria, tende piedade!

MARIA
E tu, meu abade da mula russa. A justiça tarda mas não falha. Vamos desmascarar-te. Joana, apresento-te teu pai.

JOANA
Meu pai?

PERPÉTUA
Ai que rápido desenlace.

MARIA
Sim e de mais tantas.

JOANA
A gente todas somos *hermanas*? (*Festejam fazendo uma roda, pulando de alegria.*)
Havemos sempre de nos ter umas às outras.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

[N.º 7 CANTIGA MARIA]

MARIA
Tinha três filhas o Abade,
Todas três eram morenas.
Com três moços da cidade
Abalaram as pequenas.

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha-se a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

São os desejos vermelhos
E as morenas coloridas.
Nasceram feitas pra beijos,
Por eles foram perdidas.

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha-se a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

Quando voltaram já tarde
Perguntaram as pequenas:
Dize-nos, tu, pai abade,
Se eram nossas mães morenas.

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha-se a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

CENA 18

(*Entra Ludovino, ofegante como se tivesse acabado de cantar um dueto com a Gisela João.*)

LUDOVINO
Maria, venho salvar-te!

MARIA
Tarde piaste.

LUDOVINO
Então peço-te que me perdoes e que me aceites novamente como teu noivo querido.

MARIA
A confiança foi irreparavelmente quebrada. Quando a desconfiança ganha um lugar de protagonismo entre duas pessoas, tudo o resto é aridez.

DOMINGAS
Tau! Falou!

LUDOVINO
Mas tens de te casar, Maria. Não podes ficar solteira, encalhada entre as ovelhas.

MARIA
Ludovino, o que entendo por desenvolver livremente as qualidades afetivas na mulher é deixar-lhe o pleno direito da escolha, o direito sagrado de amar ou não amar, de casar ou ficar solteira, sem que isso represente uma vergonha.

MARIA e JOANA
Entendo que a mulher não deve ser coagida pela educação, nem pelos costumes, a ver no casamento um fim, um ideal completo e único, quase uma obrigação.

DOMINGAS
Ana de Castro Osório.

PERPÉTUA
Já que se toca no assunto. Segismundo, meu Segismundo. Está lá? Oi. Repara, achavas mal que eu me voltasse a casar? Tipo, de 0 a 20? 0? Que porco, tanto desprezo. Ok, tudo bem. (*Perpétua desliga e aproxima-se de Aniceto, ajoelha-se.*) Aniceto, pede-me lá em casamento de uma só vez.

ANICETO
Perpétua, queres casar comigo?
PERPÉTUA *I do! I do!*
TODOS Afinal há casório! (*Todos festejam.*)

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CENA 19

MARIA
(*liberta o Exército Real*) E, a vocês, liberto-vos em nome das leis do Minho. Corram, minhas gazelas, corram livres pelo campo. Liberto-vos dos bélicos grilhões. Voem, minhas pombas lilases. Algemada está a Nação. Nobre povo do Minho, és vencedor, generoso, ousado e livre. Glória ao teu valor. Fugi déspotas, fugi, que a guerra ainda agora começou.

[N.º 24 FINAL III]

MULHERES
Bom Jesus
Guarda o povo!
Dá-nos luz,
Bom Jesus,
Dia novo!

HOMENS
Guerra à guerra
É guerra à guerra!
Guerra à guerra
Inda outra vez!
Pela santa liberdade,
Pelo povo português!

TODOS
Põe os bois na abegoaria,
Limpa o suor gotejante.
Mais comer, mais alegria.
Larga a charrua e avante!

MULHERES
Faltam nos campos os milhos,
Vagueiam com fome os cães.
Queremos pão para os nossos filhos!
Queremos pão para as nossas mães!

MARIA
Dos que vão com ilusões
E com fome pró Brasil
Para que voltem três barões
Morrem, coitados, três mil!

E a mulher que daqui sai,
Fugindo ao trabalho e aos pais,
Quem sabe lá onde vai
E porque não volta mais!

HOMENS
Somos valentes, valentões!
Somos já mais de dois mil!
Vamos ter milhões
Sem ter de ir ao Brasil!
Para a tropa já tudo vai,
Vou eu e vais tu e vão mais!

TODOS
Põe os bois na abegoaria,
Limpa o suor gotejante.
Mais comer, mais alegria,
Larga a charrua e avante!

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

NOTAS DE EDIÇÃO

João Paulo Santos

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Elenco de estreia

Não se possuem informações completas do elenco de estreia. É até de notar que em **PO II**, pela mão de Augusto Machado, se encontra escrito, a lápis, *Estreada em Maio 1878*, data que é desmentida pelas poucas referências em jornais da época, que colocam definitivamente o acontecimento a 6 de maio de 1879. Esses artigos apenas mencionam os seguintes intérpretes:

Maria da Fonte – Hermínia
Joana – Emília Pereira
Ludovino – Portugal
Abade Cortições – Queiroz
Vilar – Ribeiro
Aniceto – Augusto

Elenco de 2023

Maria da Fonte – Cátia Moreso
Joana – Eduarda Melo
Perpétua – Inês Simões
Ludovino – Marco Alves dos Santos
Onofre – André Henriques
Abade Cortições – Luís Rodrigues
Vilar – Tiago Matos
Aniceto – João Merino
Domingas – Juliana Campos
Chefe do Exército Real – António Ignêz
Segismundo – André Henriques
Lemúria – Rita Carolina Silva
Antónia – Luísa Brandão
Exército Real – Afonso Abreu; Afonso Lourenço; Gonçalo Fonseca; Guilherme Arabolaza; Miguel Cruz; Ricardo Morgado; Ruben Teixeira; Rui Miguel; Tiago Estremores

Encenação, dramaturgia,
autoria das partes declamadas e cenografia:
Ricardo Neves-Neves
Figurinos: Rafaela Mapril
Desenho de luz: Cristina Piedade; Vasco Ferreira
Desenho de som: Frederico Pereira
Sonoplastia: Sérgio Delgado
Movimento e coreografia: Joana Mestre
Coro do Teatro Nacional de São Carlos
(maestro titular: Giampaolo Vessella)
Orquestra Sinfónica Portuguesa
Direção musical: João Paulo Santos

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Fontes

Existem três partituras de *Maria da Fonte* na Biblioteca Nacional de Portugal:

CP (*PLn: A.M. 2*)
Partitura ([83] f.); 218 x 300 mm

PO I (PLn: A.M. 318)
Partitura (1 vol.); 268 x 350 mm

PO II (PLn: A.M. 1)
Partitura ([109] f.); 284 x 370 mm

Pelo seu conteúdo é fácil estabelecer uma cronologia. Em primeiro lugar temos a partitura para canto e piano (**CP**), decerto o primeiro rascunho da obra; a parte de piano é notada rudimentarmente com abundantes abreviaturas, as partes de canto por vezes só esboçadas, muitas vezes sem texto. A primeira partitura de orquestra (**PO I**), a julgar pelas inúmeras correções, as deixas de cena, os cortes indicados, os números cancelados, a numeração várias vezes alterada, deve ter servido para ensaios e espetáculos. Por fim uma segunda partitura de orquestra (**PO II**) parece ser uma cópia definitiva, que pretende refletir o espetáculo na sua última forma. Infelizmente não se encontra completa e não é possível saber se alguma vez o foi ou se apenas se perderam as páginas e números que faltam.

Problemas de transcrição

Nenhuma das fontes é isenta de erros. O tipo de espetáculo obrigou decerto a uma grande velocidade de escrita e as constantes alterações justificam plenamente as inúmeras imprecisões e erros. As notas manifestamente erradas foram facilmente corrigidas assim como completadas as dinâmicas ausentes ou incongruentes.
A notação da percussão é muito vaga na identificação dos instrumentos a utilizar. Nesta edição, a participação da percussão pode facilmente ser reduzida a dois instrumentistas e timbales.
Muitas vezes se encontram erros na transposição dos instrumentos de sopro, havendo casos em que tão depressa numa página se encontram notados em sons reais como na próxima já em notação transposta.
Também são comuns os problemas «normais» de praticamente todos os manuscritos desta época. Os mais comuns são a imprecisão no tamanho das ligaduras e a confusão entre reguladores de diminuendo e acentos.

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O texto cantado

Entre as três fontes há alguma oscilação de texto. As versões últimas são de um modo geral mais corretas prosodicamente e as suas ideias literárias mais contundentes e eficazes. Estas são as que figuram nesta edição. As deixas para a música (único vestígio do original texto de diálogos da opereta até hoje não encontrado) encontram-se transcritas mais adiante nestas notas.
Como de costume, a pontuação é rara ou inexistente. A que se encontra aqui editada é de minha responsabilidade.
Augusto Machado utiliza nesta sua obra, tal como em quase toda a sua produção vocal em português, diversas soluções para o tratamento das sílabas átonas finais. São soluções inspiradas nas várias maneiras como os compositores franceses resolveram problemas semelhantes da sua língua. Assim, temos os seguintes casos:

– Duas notas iguais para duas sílabas;
– O mesmo, mas as duas notas com ligadura;
– Uma só nota com uma *appoggiatura* no final para a sílaba átona;
– Uma só nota para as duas silabas.

A sequência dos números musicais

A sequência dos números musicais é um problema em aberto. Sem a existência dos diálogos dificilmente saberemos qual foi realmente a sequência final nos espetáculos, havendo indícios de alguma música ter sido eliminada nas representações.
Nenhum dos índices (o de **PO II** e os dois de **PO I**) inclui todos os números musicais das partituras. A lista completa dos 24 números musicais existentes e a sua provável ordem parece poder ser a seguinte:

ATO I
N.º 1 Prelúdio
N.º 2 Coro
N.º 3 Dueto Joana e Ludovino
N.º 4 Cantiga Joana
N.º 5 Coplas do Breviário
N.º 6 Cena e Coplas Maria
N.º 7 Cantiga Maria
N.º 8 Final I

ATO II
N.º 9 Entreato I
N.º 10 Coplas Onofre

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 11 Coro
N.º 12 Terceto cómico
N.º 13 Valsa
N.º 14 Canção Ludovino
N.º 15 Canção Maria e Ludovino
N.º 16 Quinteto
N.º 17 Final II

ACTO III
N.º 18 Entreato II
N.º 19 Romaria
N.º 19a Solo de Órgão
N.º 20 Coplas Cortições
N.º 21 Coplas Maria
N.º 22 Terceto
N.º 23 Dueto e Coplas Maria e Vilar
N.º 24 Final III

Estes são os títulos e numeração usados nesta edição.
Mais adiante, nas Notas de Edição, são comentadas as divergências de numeração de cada número, os seus títulos, assim como os cortes que se presumem ter acontecido provavelmente em ensaios e espetáculos.
O quadro que se segue fornece a informação de todo o detalhe das várias posições e nomes dos números musicais e dos problemas da sua sequência nas várias fontes assim como, em itálico, todos os comentários que nelas se encontram:

NOME	**CP**	**PO I**	**PO I** (índice)	**PO II**	**PO II** (índice)
N.º 1 Prelúdio	Introdução	Prelúdio	N.º 1 Prelúdio	Prelúdio	Prelúdio
N.º 2 Coro	N.º 1 Coro dentro *em fá*	N.º 1 Coro *em fá 1 tom baixo*	N.º ~~1~~ 2 Coro	N.º 1 Coro	N.º 1 Coro
N.º 3 Dueto Joana e Ludovino	N.º 2 Duettino	N.º 2 Duettino	N.º ~~2~~ 3 Dueto J. e L.	N.º 2 Duettino	N.º 2 Duetto J.e L.
N.º 4 Cantiga Joana	N.º 3 Canção	N.º 3 Canção	N.º ~~3~~ 4 Ballada J.	N.º 3 Canção	N.º 3 Balada
N.º 5 Coplas do Breviário	N.º 4 Coplas do Breviário	N.º 4	N.º ~~5~~ 4 Coplas do Breviário C.	N.º 4	N.º 4 Coplas do Breviário

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

NOME	**CP**	**PO I**	**PO I** (índice)	**PO II**	**PO II** (índice)
N.º 6 Cena e Coplas Maria	N.º 6 *1 tom baixo*	~~N.º 6~~ N.º 5 Entrada e Coplas	N.º 6 Scena e Coplas Maria	N.º 6 Entrada e Coplas de Maria	N.º 6 Scena e Coplas Maria
N.º 7 Cantiga Maria	Cantiga N.º 9	N.º 6 Cantiga	N.º 7 Cantiga Maria	N.º 7 Cantiga	N.º 7 Cantiga
N.º 8 Final I	N.º 8 Ensemble – Final 1.º *letra velha*	N.º 7 Final 1.º	N.º 8 Final	N.º 8 Final 1.º	N.º 9 Final
N.º 9 Entreato I	–	(Sem título)	–	–	–
N.º 10 Coplas Onofre	N.º 5 Coplas Onofre *1.º número do 2.º acto*	N.º ~~5~~ 8 Coplas Onofre	N.º 9 Coplas Onofre	N.º 5 Coplas Onofre	N.º 5 Coplas Onofre
N.º 11 Coro	–	N.º 8A Coro	N.º 10 Coro	–	–
N.º 12 Terceto cómico	N.º 9 Terceto cómico *2.º acto*	N.º 9 Terceto cómico	N.º 9 ~~Terceto cómico~~ C.V. e A. N.º 11 Terceto	N.º 9 Terceto cómico	N.º 9 Terceto cómico C.V.A.
N.º 13 Valsa	*½ tom alto* N.º ~~10~~ 9A *em lá*	N.º 9A Valsa Joana *(para ser cantada depois do N.º 9)*	~~10 Valsa J.~~ ~~11A~~ Valsa 11A	INCOMPLETO faltam páginas, entre elas a 1.ª	N.º 10 Valsa J.
N.º 14 Canção Ludovino	–	N.º 8A Coro	N.º 10 Coro	–	–

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

NOME	**CP**	**PO I**	**PO I** (índice)	**PO II**	**PO II** (índice)
N.º 15 Canção Maria e Ludovino	N.º ~~11~~ 10 Canção	N.º ~~11~~ 10 Canção	~~11 Canção~~ ~~M. e L.14~~ Canção M. L. 12	N.º 10 Canção	N.º 11 Canção M. e L.
N.º 16 Quinteto	~~N.º 12~~ N.º 11 Quinteto	~~N.º 12~~ N.º 11 Quinteto	N.º ~~12~~ ~~15~~ ~~Quinteto~~ P. L. C. V. e A. N.º 13 Quinteto	N.º 11 Quinteto	N.º 12 Quinteto P. L. C. V. A.
N.º 17 Final II	N.º ~~13~~ 12 Finale 2.º Acto	N.º 14 Finale 2.º	N.º ~~13~~ ~~16~~ Final N.º 14	INCOMPLETO (páginas soltas)	N.º 13 Final
N.º 18 Entreacto II	–	Acto 3 Entre acto	Entreacto	Acto 2 Entreacto	Entre acto
N.º 19 Romaria	N.º ~~14~~ 13 Romaria *Coro só –* *introdução* *do 3.º acto*	N.º 13 Romaria	N.º ~~14~~ 15 Romaria	N.º 13 Romaria *Coro só* *introdução* *do 3.º acto*	N.º ~~14~~ Romaria
N.º 19a Solo de Órgão	–	*Sem título*	–	–	–
N.º 20 Coplas Cortições	N.º ~~15~~ 14 Coplas	N.º ~~15~~ 14 Coplas Cortições	N.º ~~15~~ 16 Coplas C.	N.º 15 Coplas C.	N.º 15 Coplas C.
N.º 21 Coplas Maria	N.º ~~16~~ 15 Coplas Maria	N.º ~~16~~ 15 Coplas	N.º ~~16~~ 17 Coplas	N.º 16 Coplas	N.º 16 Coplas
N.º 22 Terceto	–	N.º 16 Terceto	N.º ~~17~~ 18 Terceto J. M. e L.	–	N.º 17 Terceto J. M. e L.
N.º 23 Dueto e Coplas Maria, Vilar	–	N.º ~~18~~ 17 Dueto e Coplas Maria, Vilar	N.º ~~18~~ 19 Dueto M. e V.	–	N.º 18 Dueto M. e V.
N.º 24 Final III	N.º ~~19~~ 18 Finale 3.º	N.º 18 Final 3.º	N.º ~~19~~ 20 Final	–	N.º 19 Final

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A versão de 2023

Em 2023, na versão da estreia moderna com dramaturgia e partes declamadas da autoria de Ricardo Neves-Neves não foram utilizados os números 9, 11, 14, 18, 19,19a e 23. Também a ordem original foi alterada. Assim os números utilizados foram assim executados:

N.º 1 Prelúdio
N.º 2 Coro
N.º 3 Dueto Joana e Ludovino
N.º 4 Cantiga Joana
N.º 5 Coplas do Breviário
N.º 10 Coplas Onofre
N.º 6 Cena e Coplas Maria
N.º 22 Terceto
N.º 15 Canção Maria e Ludovino
N.º 8 Final I
N.º 17 Final II
N.º 20 Coplas Cortições
N.º 12 Terceto cómico
N.º 16 Quinteto
N.º 21 Coplas Maria
N.º 13 Valsa
N.º 7 Cantiga Maria
N.º 24 Final III

N.º 1 Prelúdio
Este número, tal como era hábito, deve ter sido escrito depois da opereta estar esboçada visto ser baseado em temas que serão ouvidos mais tarde, nomeadamente o número de entrada da protagonista (N.º 6 *Cena e Coplas de Maria*) e o grande número coral (N.º 19 *Romaria*).
Não apresenta grandes diferenças nas três partituras disponíveis.
Nos primeiros compassos as cordas têm a indicação *con sordina*. Como é bastante impreciso ou até ausente o local onde ela deve ser tirada, resolvi omitir essa indicação na partitura de orquestra e partes.

N.º 2 Coro
A versão de **CP** tem a indicação de *Coro dentro*, o que leva a supor que o mesmo se ouviria a partir dos bastidores. Nesta e na primeira partitura de orquestra (**PO I**) o número está em mi b maior, ou seja, um tom abaixo da versão final. Também apresenta muitas hesitações e possíveis cortes. Ambas as fontes já têm a indicação de um desejo de transpor o número.
O seu material musical irá reaparecer no N.º 19 (*Romaria*). Em **CP** existem mesmo vestígios de um primitivo texto que só viria na versão final a ser utilizado na Romaria. Partilha também algum texto com o N.º 11 (*Coro*),

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

número que muito provavelmente terá desaparecido na versão apresentada ao público. Podemos assim levantar a ideia que este número de introdução terá sido escrito posteriormente para formar um bom início de espetáculo.
Em **PO I** está, de um modo pouco claro, indicado um corte do compasso 33 ao 63. Parece ser uma boa solução se efetivamente o coro não estivesse em cena.
Em **PO II** o número já está transposto e não apresenta vestígio algum desse corte.

N.º 3 Dueto Joana e Ludovino
Este dueto não tem grandes diferenças nas várias partituras, exceto a hesitação no seu título entre *Dueto* e *Duettino*.
A frase Que este aveza teca, expressão decerto clara na época (*Que este é alguém acostumado a riqueza*), foi substituída na versão de 2023 por um atualmente mais compreensível: *Que eu tenho este cá!*

N.º 4 Cantiga Joana
Em todas as partituras tem esta numeração. Em **PO I** e **PO II**, em ambos os índices, não nas partituras, tem por título Balada.
Em **CP** o terceiro verso era: *Pôs-lhe o seu capote em cima* que dava origem a uma prosódia deficiente. Em ambas as partituras de orquestra está corrigido para a versão apresentada nesta edição.

N.º 5 Coplas do Breviário
O número manteve-se inalterado em todas as partituras.
Em 2023, Vilar já se encontrava em cena cantando juntamente com Perpétua e Aniceto.

N.º 6 Cena e Coplas Maria
Em **CP** está em lá maior com a indicação *1 tom baixo*. Efetivamente, em ambas as partituras de orquestra está transposto para sol maior. Em **PO I** a segunda estrofe das coplas está cortada do compasso 89 ao compasso 109.

N.º 7 Cantiga Maria
Em **PO I** a numeração emendada para *N. 6*. Esta partitura tem duas indicações diferentes de andamento (*Moderato assai* e *Allegreto*) e duas indicações metronómicas (*semínima = 80* riscado e substituído por *72*). **PO II** dá como andamento *Allegretto, semínima = 80*.
Era hábito números de sucesso de opereta terem uma carreira própria independente da obra para a qual tinham sido criados. Assim esta canção veio a ser alvo de uma edição isolada na *Neuparth e Carneiro*, como número 75 da série de *Canções Portuguesas* (*P-Ln: A.M. 351 A., C.I.C. 210 A.; C.N. 570 A.; C.M. 2445 A.*).
Curiosamente o texto é o mesmo, mas nesta versão impressa é dado Z. Marco como seu autor! Também não há qualquer menção de ter pertencido a *Maria da Fonte*. A única diferença musical podemos observá-la num refrão aumentado por repetições de modo a prever um solo e respostas de coro.
A indicação de andamento nesta versão é Moderato *(semínima = 72)*

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 8 Final I

Em **CP** está mencionado *texto antigo*. No entanto, é exatamente o mesmo texto que encontramos em todas as partituras. Se existiu outro texto ele já se encontra substituído até nesta partitura. A divisão das vozes por vezes não é clara nas partituras.

Três alterações práticas foram feitas na versão de 2022: Ludovino, que se encontrava em cena, participava no conjunto, dividindo a sua linha com Onofre que, por sua vez, tendo sido distribuído a um barítono, em alguns pontos se juntava às vozes graves (Cortições, Vilar e Aniceto); no compasso 82 era Perpétua quem cantava a frase atribuída no original a Maria, de seguida, compasso 83, eram só os homens que cantavam, juntando-se no compasso 86 todos os solistas para terminar o número; no compasso 84 foram cortadas as duas notas das cordas, iniciando todos a orquestra no compasso 85.

N.º 9 Entreato I

É prática comum numa opereta basear os números orquestrais em material de algum dos números vocais nela incluídos. Assim, nesta *Maria da Fonte*, foram os números 10 (*Coplas Onofre*) e 16 (*Quinteto*) a base para os *Entreatos*. O facto de as ditas *Coplas* terem ocupado posições muito diversas no espetáculo, ora no 1.º, ora no 2.º ato, determinou qual seria o primeiro e qual o segundo a ser executado. Assim este primeiro *Entreato* passou a ser o baseado no *Quinteto*. O outro abriria então o 2.º ato, evitando assim dois números musicais semelhantes de seguida.

N.º 10 Coplas Onofre

É decerto o número que mais posições ocupou na partitura. Em **CP** tem o número 5, mas a lápis também a menção de *1º número do 2º acto*. O mesmo se passa ao alto da partitura em **PO I**, sendo que no índice corrigido do 2.º ato tem o número 9 vindo depois do *Entreato*, o que é confirmado pela deixa inscrita a lápis na partitura. Assim será efetivamente o primeiro número do 2.º ato, como sugere **CP**.

No entanto, em **PO II** mantém o número 5 sem nenhuma indicação de alteração. Augusto Machado utilizaria a sua música com outro texto nas *Coplas de Aparício*, incluídas na opereta *O Tição Negro*, estreada em 1902 no Teatro Avenida.

As indicações de *arco* e *pizzicato* em todas as fontes são pouco coerentes e desordenadas.

N.º 11 Coro

Este coro parece não ter sido executado nos espetáculos aquando da estreia. Só o encontramos em **PO I** onde é pouco clara a sua forma. A razão para o abandono deste número, a meu ver, parece estar relacionada com um equilíbrio de participação do coro no espetáculo. Sendo executado ao início do ato faria com que todos os três atos praticamente abrissem com um número coral que, de certo modo, não teria nenhuma função no desenrolar da trama. O coro apresentava-se, cantava e desaparecia. Ainda por cima, neste N.º 11 quer texto quer música apresentam muitos pontos em comum com os outros dois números corais (*N.º 1 Coro* e *N.º 19 Romaria*). Também podem apoiar esta ideia com o facto de em **PO I** aparecerem isoladas três páginas com o final deste Coro, mas em mi bemol, um tom mais baixo e nas primeiras páginas do número estar escrito a lápis

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

um outro texto que não parece ter nada a ver com este contexto cénico. Talvez, como não fora utilizado, tivesse sido reutilizado noutra obra?

N.º 12 Terceto Cómico
Apesar de diferentes numerações, o seu lugar sempre foi o mesmo no 2.º ato. Não sofreu alterações desde o início.

N.º 13 Valsa
Em **CP** está em lá maior mas já tem as indicações *½ tom alto* e *em lá*. O *N.º 10* está riscado e substituído por 9A. Em **PO II** está incompleto. Algumas divergências mínimas de texto, sendo a mais importante o primeiro verso da segunda quadra: *Sem ninguém o sonhar mil amores soube ocultar.*

N.º 14 Canção Ludovino
Este número só se encontra em **PO I** e tem a indicação *Não serve* e um traço a toda a diagonal da primeira página. Provavelmente terá sido escrito para dar um solo ao intérprete da parte de Ludovino, mas não terá figurado nos espetáculos. A manter-se na partitura faria uma sequência de três números em compassos de estrutura ternária, além de algumas semelhanças de texto com o número seguinte.

N.º 15 Canção Maria e Ludovino
CP e **PO I** têm como numeração *11* emendada para *10*. Em **PO I** encontramos duas vezes de seguida *Meno mosso* (nos compassos 16 e 20), o último com a indicação metronómica *semínima com ponto = 56*. Em **PO II** só encontramos a primeira mudança de andamento e sem indicação metronómica.

N.º 16 Quinteto
Tal como outros números teve várias numerações, mas sempre a mesma posição e permaneceu desde princípio basicamente inalterado em todas as fontes.

N.º 17 Final II
Sem grandes alterações de **CP** para **PO I**. Ausente em **PO II**, apenas algumas folhas perdidas.

N.º 18 Entreato II
Baseado no material musical do *Quinteto*. Ver a nota sobre os Entreatos no N.º 9.

N.º 19 Romaria
Este é o grande número coral da obra e obteve grande sucesso na estreia. Seguia-se sem interrupção ao *Entreato II* onde temos a indicação *ataca Romaria*. A distribuição pelos vários grupos de coro (Coro geral, Seminaristas, Aleijados, Raparigas) é pouco precisa. Os Seminaristas são ocasionalmente partilhados por tenores e contraltos, tal como os Aleijados por tenores e baixos, as Raparigas pelas vozes femininas sem grande detalhe.

N.º 19a Solo de Órgão
Só presente em **PO I**. Não figura em nenhum índice. Não há certeza de onde

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

exatamente era executado. Parece poder ter servido para fazer sair o coro e chamando-o à igreja, pelo que esta parece ser a sua posição mais plausível. Em muitos teatros, a partir do final do século XIX era comum a existência de órgão nos bastidores dos teatros.

N.º 20 Coplas Cortições
CP e **PO I** têm como numeração *15* emendada para *14*.
Em **CP** na primeira estrofe os últimos versos são ligeiramente diferentes:

Talvez voltando eu a casaca
As meias possa então calçar.

Já a segunda estrofe é totalmente outra:

Ter de comer tenho eu de sobra.
Pois uma coisa que me anima
É em esticando minha prima
Uns mil cruzados vou herdar.
Ficarei rico a arrebentar
Se aquela alminha eu encomendo.
Mas se ela teima em ir vivendo
Jamais me posso consolar.

N.º 21 Coplas Maria
CP e **PO I** têm como numeração *16* emendada para *15*. Pelas deixas de cena contidas em **PO I** nos espetáculos, findado o número, depois de um texto falado, repetia-se o segundo refrão a partir do compasso 55 até ao fim.

N.º 22 Terceto
Também este número não apresenta diferenças de partitura para partitura.

N.º 23 Dueto e Coplas Maria e Vilar
Só temos partitura deste dueto em **PO I** apesar de estar mencionado no índice de **PO II**. A dizer a verdade o seu texto, de tom tão diferente do resto dos outros números cantados, parece até pertencer a outra trama. O tema do amante disfarçado, do turco, é comum a muitas peças da época, mas parece um pouco deslocado nesta peça de caráter político, moral e anticlerical.

N.º 24 Final III
Em **CP** I encontramos a indicação *Coro de dentro* no início do número, assim como uma possível sua entrada em cena (*aproximando-se*) na secção que começa no compasso 25. Talvez se refira apenas ao Coro feminino que se poderia imaginar começar o número rezando ainda na igreja. Na primeira intervenção solo de Maria (compasso 85) está confusamente mencionado Ludovino. Logo depois deixa de ser clara a sua participação neste Final.
Em 2023, os solos eram só cantados por Maria. Toda a companhia entrava no compasso 104 para cantar juntamente como o coro o final da opereta.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Deixas de cena

Este é o único vestígio que chegou até nós dos diálogos originais. Podem ler-se apenas em **PO I** e são divididas em duas partes, segundo prática da época, com as abreviaturas originais de *P.* (prevenção para a orquestra) e *D.* (deixa para começar a tocar).

N.º 3 Dueto Joana e Ludovino
P. – *Então para quando fica o nosso casamento?*
D. – *Está decidido! … (à parte) Adeus Maria!*
N.º 4 Cantiga Joana
P. – *E a Maria sem aparecer!*
D. – *Sou aqui uma negra de trabalho por causa dela!*
N.º 5 Coplas do Breviário
P. – *O n.º anterior*
D. – *Já lhe ouço a voz …*
N.º 6 Cena e Coplas Maria
P. – *Aqui está o leitão*
D. – *O que é isto? Que diabo será?*
N.º 7 Cantiga Maria
P. – *Credo!*
D. – *Fóra da porta, aquela cabra! …*
N.º 8 Final I
P. – *Dão licença?*
D. – *Vá para o diabo, vá para o diabo, vá para o diabo.*
N.º 10 Coplas Onofre
P. – *Entre Acto.*
D. – *E eu gosto tanto dela!*
N.º 11 Coro
P. – *Não posso! Não posso!*
D. – *Ah! aqui no caramanchão!*
N.º 12 Terceto Cómico
P. – *É preciso ser um discurso de bota abaixo!*
D. – *Lá isso temos!*
N.º 13 Valsa
P. – *Eu não sou gente?*
D. – *A Domingas que o diga!*
N.º 14 Canção Ludovino
P. – *Tenho pernas! Só pernas!*
D. – *Que me agrade quem puder!*
N.º 15 Canção Maria e Ludovino
P. – *Só há vinho! Vinho! Sangue de Deus!*
D. – *Está perdida a tal ponto!*

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 16 Quinteto

P. — *Isto é já medo do meu discurso! …*

D. — *Então … Então …*

N.º 17 Final II

P. — *Quem agarra esta rapariga?…*

D. — *Não deixemos a tropa levar os rapazes!*

N.º 20 Coplas Cortições

P. — *Há-de vir como um rebanho de perus!*

D. — *Ser cónego é bom, mas… mas …*

N.º 21 Coplas Maria

P. — *Porque a canalha é … é …*

D. — *Ora oiçam*

Para a repetição do refrão final depois de concluído o número:

P. — *O número anterior*

D. — *Vamos beber uma pinga*

N.º 22 Terceto

P. — *Ele é o António. Ele é o Matias!*

D. — *Como a conheces?*

N.º 23 Dueto e Coplas Maria e Vilar

P. — *Eu já não entendo nada!*

D. — *Ai que rico manganão! …*

N.º 24 Final III

P. — *Que será de mim agora?*

D. — *Fui de Deus sempre. Sou tua afinal!*

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Editores
OPART – Organismo de Produção Artística, E. P. E.
Teatro Nacional de São Carlos
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
LOP – Laboratório de Ópera Portuguesa |
APARM – Academia Portuguesa de Artes Musicais

Edição crítica
João Paulo Santos

Conceção gráfica original
Ana Rego

Edição
Clara Vilar

Revisão e impressão
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

ISMN: 979-0-9007522-6-0
Depósito legal: 567971/26
Edição n.º: 1027140

Data
Lisboa, outubro 2026

Créditos fotográficos
Universidade Nova de Lisboa (UNL) / Mael Grueau (p. 14)
CCB / Maria Silva (pp. 235-242)

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ISMN: 979-0-900752-6-0

opart
ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

IMPRENSA NACIONAL

L/OP
LABORATÓRIO DE ÓPERA PORTUGUESA
APAOM